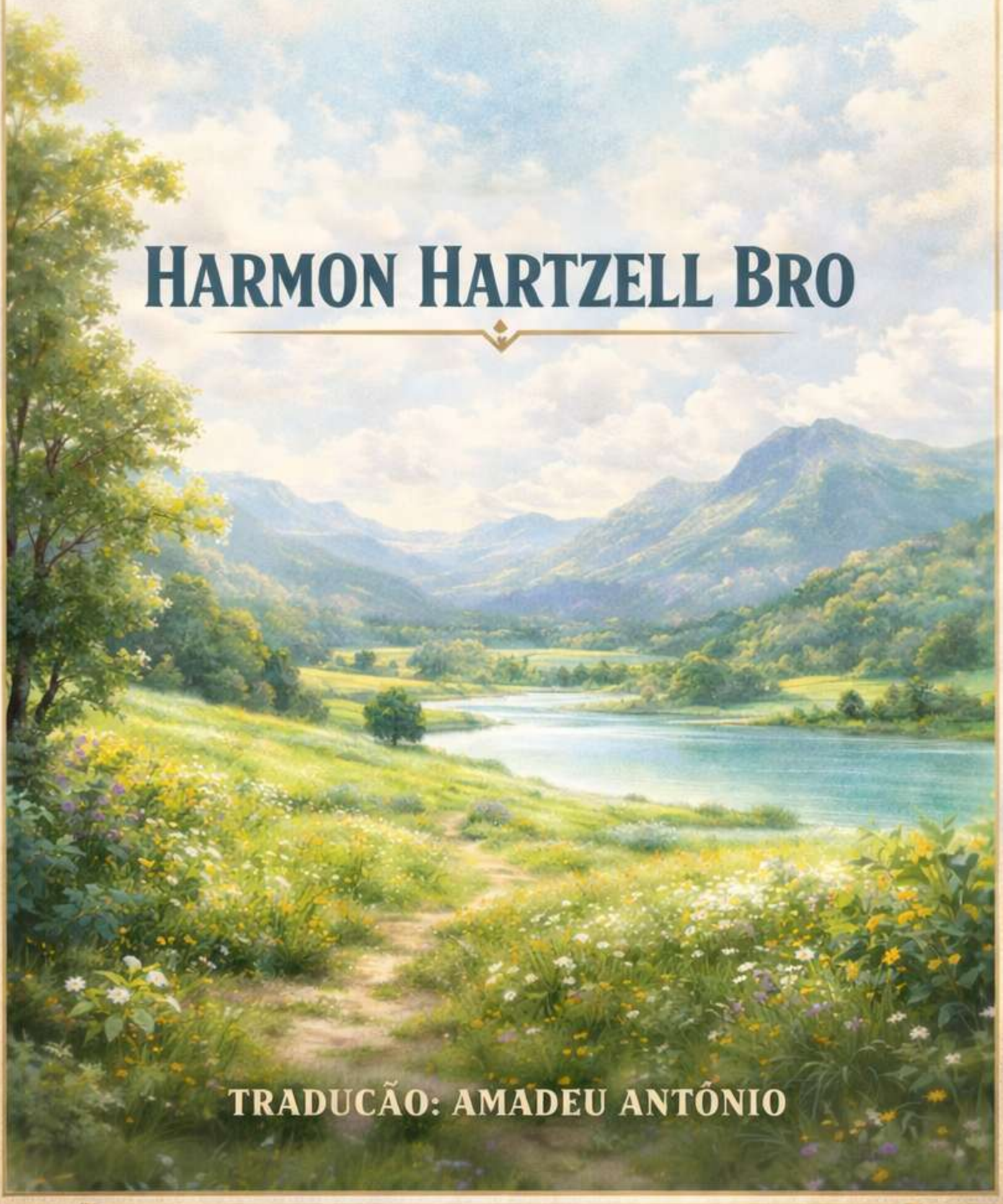
UM VIDENTE FORA DE ÉPOCA

HARMON HARTZELL BRO



TRADUCÃO: AMADEU ANTÔNIO

UM VIDENTE FORA DE ÉPOCA

A VIDA DE EDGAR CAYCE

Harmon Hartzell Bro, Ph.D. 1989

Agradecimentos

Ninguém contribuiu mais para este livro do que Hugh Lynn Cayce, o filho mais velho de Edgar Cayce. Em 1945, e novamente em 1950, enquanto as memórias do pai ainda estavam frescas para ambos, tirei seis meses de licença do ensino para entrevistar dezenas de pessoas que conheciam bem Cayce e para aprofundar temas com Hugh Lynn. A tarefa era então concluir a minha tese de doutoramento sobre Cayce para a Universidade de Chicago. Nos anos seguintes, falámos frequentemente e em profundidade sobre o pai dele, enquanto colaborávamos em projetos de escrita, conferências e ensino. Antes da sua morte, em 1982, veio várias vezes visitar-me a Chicago, onde eu começara a trabalhar nesta biografia. Revimos com cuidado cada rascunho, e os resultados estão aqui, embora as categorias interpretativas e as conclusões sejam minhas. Quero também agradecer com gratidão o apoio da faculdade da Harvard Divinity School e do Centro de Estudos das Religiões do Mundo de Harvard, que me permitiram estudar perspetivas úteis para compreender Cayce durante dois períodos separados como Scholar Visitante, e uma bolsa para parte desse estudo da Irving F. Laucks Foundation de Santa Barbara, Califórnia. A Universidade do Pacífico, em Stockton, Califórnia, deu-me a oportunidade de relacionar a parapsicologia com a vida de fé, convidando-me a proferir as Colliver Lectures sobre «Espiritualidade numa Era Psicológica».

Índice

Agradecimentos

Prefácio
Parte I:
O Dom:
O Amor Surpreendido pela Sabedoria
1. Eu Não Faço Nada que Vocês Não Possam Fazer
2. Sr. Cayce, Estou a Morrer
3. Quando Estou Ausente do Corpo
4. Não Há Doença sem Cura
5. Naqueles Dias Não Havia Visão Aberta
6. Amigos, Não Tenho Nada para Vender
7. Uma Vida Assim Não É Fácil
8. Se Isto for Verdade, Porque Não Ouvi Falar Disso?
Parte II:
As Raízes: Cayce Antes de Cayce
9. Estamos a Viver Várias Vidas ao Mesmo Tempo
10. Sumo Sacerdote e Canalha, Guerreiro e Pastor de Almas
Parte III:
A Vida: Lutando ao Amanhecer
11. Confie na Promessa
12. Deve Ser Testado Cuidadosamente
13. Porque Não Devo Temer a Publicidade?
14. Poços de Petróleo Intocados no Texas
15. A Grande Instituição Influente
16. Aqui Não Há Nada de Novo
17. Peçam que a Vida de Cayce Seja Poupa
Referências Cronologia da Vida de Edgar Cayce Bibliografia Selecionada

Prefácio

A vida de Edgar Cayce é seguramente uma das histórias de aventura mais desafiantes e apelativas dos tempos modernos.

É, antes de mais, uma aventura de serviço médico não comercializado nem publicitado, prestado a milhares de sofredores de doenças intratáveis, lesões incapacitantes e tristes defeitos de nascença. Durante mais de quarenta anos, recorreram a ele de locais em todo o mundo para auxílio aos seus médicos e orientação para si próprios — e, num grau impressionante, encontraram-no, embora Cayce não tivesse qualquer formação médica.

Não era um curandeiro pela fé, pois não conseguia afetar corpos feridos pelo toque ou pela palavra. No entanto, por um processo que ele sentia ser resposta às ânsias orantes da sua juventude, fornecia diagnósticos cuidadosos e sofisticados, muitas vezes usando termos técnicos e dados clínicos. Recomendava também medidas de tratamento complexas e, por vezes, notavelmente originais, e localizava rapidamente especialistas, medicamentos ou centros de tratamento especializados para os que sofriam usarem. Ano após ano, década após década, foi uma clínica de um só homem para casos sem esperança, embora totalmente dependente de médicos, hospitais e pacientes para alcançar os resultados que via como possíveis.

Não vislumbrar primeiro Cayce a lutar sobre os quebrados e moribundos, os desorientados mentais, os gravemente atrasados, é perdê-lo onde ele verdadeiramente viveu, e perder também o resto da sua história. Pois o seu terno e incansável cuidado por uma pessoa desesperada de cada vez era o selo dos seus labores, que deve ser quebrado para compreender o que fez e o que significa para nós, que o observamos com não pouca dúvida e admiração. A vida de Cayce é essencialmente uma história de compaixão em ação.

Para o colocar em perspetiva, convém recordar outros servidores médicos cujos esforços ainda comovem até os modernos saturados de media, quando vemos que não estavam dispostos a explorar os seus talentos por dinheiro, fama ou poder. O Padre Damien a trabalhar com leprosos excluídos no Havai, Leeuwenhoek a observar micróbios no microscópio que acabara de inventar, Pasteur a tentar prevenir doenças devastadoras, Schweitzer a oferecer cuidados médicos na selva africana — todos estes elevam os nossos espíritos na nossa jornada comum humana para a nobreza e generosidade.

Ao lado deles, podemos ver outros que são, antes de mais, ajudantes dos feridos e ameaçados, tateando o caminho para soluções novas: Gandhi a limpar casas de banho com os intocáveis na Índia, King a marchar com multidões de negros americanos excluídos, Jane Addams a criar casas de acolhimento nos bairros degradados, Madre Teresa a abraçar os pobres e moribundos. Não situar Cayce entre os idealistas que são também ativistas obstinados nos seus labores é começar pelo caminho errado para o compreender e ajudar a reproduzir o seu serviço.

No entanto, na nossa cultura de soluções rápidas e engenharia, colamos a Cayce a etiqueta de «psíquico» e perdemo-lo imediatamente.

A segunda aventura na vida de Cayce é uma exploração de capacidades de conhecimento que devem surpreender e intrigar qualquer inquiridor pensante. A

sua história torna-se inevitavelmente a história do resto de nós, vivendo no mesmo universo mas, em comparação, sonolentos.

Era realmente psíquico em modos fiáveis que o tornam o exemplo melhor documentado de tais capacidades na história ocidental. Existem mais de catorze mil ficheiros de casos que serviu com a sua capacidade invulgar, iniciada em 1901 (precisamente quando Freud publicava a sua obra seminal *A Interpretação dos Sonhos*, e William James proferia as suas penetrantes conferências para *As Variedades da Experiência Religiosa*). Cayce fazia tipicamente o seu trabalho num transe autoinduzido, relacionado com a oração, examinando e prescrevendo para sujeitos muitas vezes ausentes a centenas ou milhares de quilómetros, e que geralmente nunca conhecera.

No entanto, chamar-lhe psíquico é como chamar a uma estrela de ópera um atleta das cordas vocais. Pois a ajuda de Cayce não era simplesmente dados brutos despejados sobre buscadores frenéticos, mas conselho cuidadosamente elaborado, tão carregado de valores como de informação. Falava não só de órgãos e tecidos e intervenções, mas de justiça e amor, de beleza e santidade, como contexto para a cura e a totalidade. Só uma época tão impotente para a bondade pessoal e social que tem de se agarrar a poderes à frente do significado se contentaria em rotulá-lo como clarividente. Para encontrar o seu dom visionário mas prático, deve recordar-se o Baal Shem Tob do judaísmo a combinar cura com vistas místicas, Melville a ver o mundo das entranhas das baleias, Blake a pintar a criação flamejante, Freud a encontrar trevas e luz através da sexualidade, e Jung a vislumbrar com Platão os céus estrelados dos arquétipos nas profundezas humanas.

Cayce não se fascinava com o seu próprio poder, embora outros frequentemente o fizessem. Ninguém que o conhecesse bem poderia imaginar que se deitava à noite e se levantava de manhã a pensar nas suas habilidades de transe e como melhorá-las — mais do que se focava nas suas capacidades paranormais fora do transe, como ver cores reveladoras (auras) à volta dos outros, ler mentes, conversar com os recentemente falecidos ou antever o futuro. A sua preocupação não era, em primeiro lugar, com poderes, mas com relacionamentos. Por um lado, procurava estar profundamente e de forma útil relacionado com as pessoas danificadas que servia.

Por outro, procurava estar relacionado com o divino, que via como o autor último dos seus dons, dentro do tipo de comunidade e tradição que serve tal fonte. Este era um homem que se deitava e se levantava com oração, não como dever ou realização, mas como um alcance faminto por companhia com Deus,

procurando ser apreendido mais do que apreender, para poder criar utilmente para aqueles que choravam de dor.

Pensamos numa pessoa dotada psiquicamente — se é que pensamos que tais pessoas existem — como um génio, uma estrela em poderes pouco conhecidos da mente. Dada a história das nossas conquistas tecnológicas, vemos tal habilidade como um processo a dominar independentemente dos nossos motivos, como viagens espaciais, cálculos informáticos, congelação rápida de mortos ou design de armas laser. Mas a aventura da vida de Cayce coloca as suas realizações paranormais num contexto muito maior de cuidado e criatividade de alto propósito.

Pertence a Carver a sonhar produtos com amendoins, Edison a fazer a eletricidade dançar em luz e som, Frank Lloyd Wright a imaginar novas estruturas de aço e pedra, Bill Wilson a fundar os Alcoólicos Anónimos. Cayce é um inventor, um criador, para quem o conhecimento paranormal parece apenas estender o impulso formativo primal, nas direções exigidas pelo cuidado com os doentes. É um artista inovador, fotógrafo de retratos durante metade da vida adulta.

É um professor cativante da Bíblia, capaz de fazer as suas figuras principais saltarem para a vida, e de fazer as suas canções de esperança e sofrimento ressoarem novamente numa terra estranha. É um criador de jogos, um ousado jardineiro de novas espécies de flores no seu quintal, alguém que adora viajar, um homem brincalhão mesmo na sua vocação médica sóbria. Agrupá-lo com adivinhos, médiuns, leitores de cartas e canais variados de extraterrestres é perdê-lo num nunca-nunca land, onde finalmente nada nos devolve o olhar senão as nossas próprias faces sombrias fixadas em conquistar o que só chega a um coração aberto, comprometido com o alívio do sofrimento.

A terceira aventura na vida de Edgar Cayce é explorar continentes inteiros do destino humano. Pois, de quando em vez, ao erguer os olhos dos seus labores médicos, vê extensões longínquas que lhe parecem reencarnação, enquanto as almas seguem o seu caminho para Deus. Olha para as grandes civilizações do passado, encontrando-as a viver nas profundezas de indivíduos renascidos hoje que as construíram ou maltrataram. E olha para o futuro, encontrando-o ainda informe e maleável aos sonhos de justiça e compaixão na família humana. Fitando este vasto panorama, recua em dúvida, mas continua a olhar, caso a caso, até que a visão se torna finalmente compulsiva e bela de contemplar, mesmo enquanto a sua mente vacila com a sua amplitude. Hoje, um americano em cada quatro junta-se a ele (como relatado nas *Emerging Trends*

relacionadas com o Gallup) ao julgar que o destino humano inclui a reencarnação.

Para entrar nesta aventura abrangente com Cayce, convém recordar outros exploradores preposterados que abriram continentes e vias fluviais, encontrando os seus mapas falhos, os guias ausentes, as expectativas destruídas, os companheiros gananciosos ou sedentos de poder. Marco Polo depara-se com uma China avançada que as autoridades de Veneza acham impensável — e depois tentam explorar. Colombo navega até à borda do mapa, onde os navios caem do fim do mundo, e pensa ter chegado à Índia, chamando aos nativos — logo saqueados — índios. Darwin para nas ilhas Galápagos para ponderar a árvore estonteante da descendência das criaturas, encontrando-se a si e aos seus companheiros empoleirados num ramo que outros consideram pouco lisonjeiro. Livingstone parte para bloquear o comércio de escravos mapeando o interior de África, e consegue-o embora acabe morto de joelhos junto ao catre na sua tenda.

Cayce pertence algures entre os exploradores tropeçantes e surpreendidos de novos terrenos, só parcialmente capazes de descrever o que veem, e tentados a duvidar das suas próprias experiências. Os seus transes revelam (como olhares por cima do ombro no seu esforço médico incessante) visões penetrantes do bem e do mal, adoração e ética, comunidade e desintegração, o terreno e o transcendente, dons de insight do Oriente e do Ocidente, e um Cristo que é o destino de todos mas cativo cultural de ninguém. Criam uma cosmologia e ética concomitante que ressoam com a tradição profética na fé bíblica, mas convidam a vidas disciplinadas em pequenos grupos congruentes tanto com o treino místico como com a sabedoria da psicoterapia sobre mentes em camadas e vontades perturbadas.

Talvez não surpreendentemente, numa era entediada com os seus gadgets, fast food e sexo rápido, Cayce foi por vezes transformado em algo contra o qual ele e os seus transes advertiram severamente: um revelador autenticante de mistérios.

Leitores de livros e artigos populares sobre Cayce, que somam milhões em várias línguas, por vezes veem-no como oferecendo respostas a grandes questões que aliviam os seus ouvintes extasiados da necessidade de resolverem as suas próprias soluções por riscos pessoais de viver. Para muitos — embora de modo algum todos — é um equivalente moderno aos oráculos do passado, celebrados nas tradições do Oriente ou do Ocidente, ou nas lendas do xamanismo. No entanto, este tratamento esfrega o rosto do seu retrato, porque remove uma parte essencial da sua história.

Pois Cayce oferece as visões dos seus transes apenas como sujeitas a investigação e pesquisa modernas rigorosas. Aqueles que fazem dele uma porta arcaica para respostas universais perdem tanto Cayce como o seu próprio melhor potencial. Repetidamente, adverte que os seus relatórios nunca devem ser apresentados ou aceites, como diz, «por autoridade» da sua fonte invulgar, mas estudados e melhorados por inquérito disciplinado em comunidades de pesquisa, e pesados pelo que chama «aplicação» pessoal judiciosa.

No entanto, a tentação de ver o seu conselho em transe como «informação» sobre uma vasta gama de problemas da vida, fazendo parecer achados testados em vez de hipóteses estimulantes, é avassaladora numa época perturbada em que há sempre mercado para novidade, e o conforto criatural se torna preguiça. O Cayce refrescante que combina expressão inspirada com empirismo obstinado escapa-nos sempre que um guru é colocado no seu lugar, transformando adultos em crianças e modernos instruídos pela ciência em iniciados pré-modernos.

Em vez de aguçar as duras questões da vida sobre amor e trabalho, sacrifício e transcendência, para que outros encontrem respostas validadas pela sua própria experiência, este Cayce popular parece fornecer respostas e técnicas para todos, minimizando as exigências de transformação pessoal e social — e ilustrando a observação de Buber de que aquele que fornece respostas demasiado depressa serve o Obstaculizador. A aventura das grandes explorações de Cayce perde-se facilmente, a menos que se tome nota cuidadosa da sua vida, na qual se responsabiliza pelos métodos médicos, profissionais e instituições todos os seus dias, como faz pela melhor vida da igreja, e recusa o papel sem saída de revelador oracular.

Finalmente, a vida de Cayce carrega a aventura das suas próprias lutas por uma identidade madura e — no melhor sentido — devota. Tem de crescer em comunidade com associados sempre tentados (e portanto a tentá-lo) por esquemas de proeminência pessoal e influência cultural. Dado um dom que estonteia os outros que se dão ao trabalho de o observar em ação, tem de repelir a sua dúvida, idolatria, ambição, sedução, inveja e até o seu medo — de que possa ler as suas mentes e motivos. Tem de apresentar a sua preciosa ajuda àqueles que realmente precisam dela e a podem aceitar, embora os seus esboços verbais de desconhecidos médicos e cósmicos sejam órfãos da cultura nos Roaring Twenties, nos sombrios Thirties, nos patrióticos e expansivos Forties.

Ao mesmo tempo, tem de enfrentar as suas próprias fraquezas e desequilíbrios, magnificados pelas oportunidades de serviço. Tem de lidar com

as suas paixões, o seu extremismo, os seus humores, dúvidas e solidão, enquanto encontra tanto sucessos incríveis como falhanços devastadores dos seus sonhos. Como constrói uma fé profunda e sempre alargada sem se perder em Deus é o drama de um americano moderno que conhece bem o bulício de Detroit, a arrogância de Wall Street, a bravata dos campos petrolíferos do Texas e a suspeita médica, mas confia nas suas raízes na fé de pequena cidade sulista e valores muito mais profundos do que a convenção. Apresentá-lo como simples e ignorante, como muitas vezes se faz, faz uma história cativante. Mas é a história de uma vítima ingénua em vez de um relato preciso de uma pessoa forte, independente, complexa, criativa e amorosa — mesmo ao virar da esquina de qualquer um de nós.

Para o leitor que quer abraçar a aventura plena da vida de Edgar Cayce, e a aventura adicional da sua própria vida à luz dos feitos de Cayce e dos murais do destino, este livro oferece quatro recursos.

Primeiro, apresenta um relato ocular de Cayce ao trabalho. O leitor é convidado a seguir o autor, cheio de perguntas e dúvidas, numa jornada de um campus universitário importante para o estudo ensolarado de Cayce, ali para observar dia após dia durante a maior parte de um ano o que é manifestamente impossível pelas nossas normas culturais — mas que acontece mesmo assim. Os desafios de discernir o que é importante e o que é incidental são apresentados tal como ocorrem, com o seu choque desconcertante amplificado pelas exigências de um mundo em guerra e pela morte ameaçada de Cayce por excesso de trabalho.

Segundo, o livro oferece (pela primeira vez num só volume) quatro pilares do pensamento de Cayce, tal como se encontrariam no contacto diário com ele: as suas visões sobre saúde, capacidade visionária, espiritualidade e reencarnação. Compreendê-los exige paciência e atenção, mas sem eles Cayce é meramente colorido, e dificilmente útil para o resto de nós que poderíamos aspirar a construir o seu tipo de criatividade amorosa nas nossas próprias vidas.

Terceiro, o livro apresenta um retrato do homem, seguido da sua infância numa quinta do Kentucky até à morte junto ao oceano da Virgínia. Em cada etapa, a sua vida é vista de dentro, com o auxílio dos seus sonhos pessoais e das suas memórias inéditas partilhadas com o autor, e dos eventos que ele e a família relatam, tudo iluminado pelo que Cayce via como as suas existências passadas — nem sempre exemplares. O retrato baseia-se em centenas de entrevistas com parentes, associados, sofredores em busca de ajuda e até os seus detratores desapontados. Inevitavelmente, dados os compromissos de Cayce, a sua jornada é um drama espiritual, onde Deus é tanto o protagonista

invisível como o amigo mais próximo de todos. Como essa jornada lida com os triunfos e desgostos de Cayce é também visto de dentro da própria relação do autor com ele, aprendendo a ser mais contido e paciente numa era de resultados instantâneos e promoção eterna, e descobrindo quanto tamanho de personalidade e humildade de espírito acompanham um dom tão notável.

Finalmente, o livro aborda os nossos tempos e valores, desde o primeiro capítulo até ao fim, ao perguntar como poderíamos encontrar e nutrir mais dons do tipo de Cayce no nosso meio — ou perdê-los ao tentar transformar a mente numa nuvem de cogumelo.

A vida de Cayce é perturbadora de contemplar porque usa bem a tecnologia, mas dança círculos à sua volta. Será ele apenas um último lampejo do passado, quando xamãs e videntes contavam as suas visões à volta das fogueiras tribais? Ou será um vislumbre do futuro, quando a preocupação com a mestria técnica, o conforto privado e as armas cederá a uma sociedade justa e amorosa, próxima da terra e rebentando de invenção e brincadeira?

PARTE I

O DOM: O AMOR SURPREENDIDO PELA SABEDORIA

1. Eu Não Faço Nada que Vocês Não Possam Fazer

Tinha uma pistola carregada na anca quando comecei uma viagem pela vida quase inacreditável de Edgar Cayce. Era tempo de guerra, no suave junho de 1943, e eu era estudante de pós-graduação na Universidade de Chicago, com um emprego noturno como guarda civil sob comando militar. Entre as rondas pelos laboratórios num grande edifício de madeira (com um exterior enganador para despistar sabotadores ou espiões), sentava-me num banco sob uma lâmpada nua e lia capítulos da biografia recentemente publicada, *There Is a River: The Story of Edgar Cayce*.

De quando em vez, olhava em redor e tocava na pistola, quando se ouviam rangidos na madeira ou os cães ladravam roucamente no laboratório de animais ao fundo do corredor. Havia perigo real de agentes inimigos, segundo o capitão do Exército supervisor. Assaltos recentes tinham ameaçado segredos de investigação e custado a vida a um guarda. Muitas vezes, enquanto percorria as rotas horárias pela noite, interrogava-me se hesitaria por um segundo crítico antes de disparar para matar um homem que surgisse de trás de uma mesa de retortas químicas ou à volta dos grandes transformadores zumbidores.

Tais imagens de violência, que tornavam demasiado reais os relatos diários de soldados americanos a encontrar a morte súbita nas frentes de batalha europeias e do Pacífico, eram completamente incongruentes com as imagens do livro à minha frente. Nele, o autor, Thomas Sugrue, um respeitado editor e crítico da *Saturday Review of Literature*, descrevia como um idoso ex-fotógrafo no resort à beira-mar de Virginia Beach, Virgínia, entrava regularmente num estado criativo calmo tão potente que ridicularizava toda a tecnologia universitária à minha volta. A pistola na minha anca e o livro nos meus joelhos representavam abordagens radicalmente diferentes ao poder. Uma simbolizava a violência qualificada que guardávamos num projeto avançado e ultra-secreto de investigação de armas. A outra relatava conhecimento valioso sobre uma impressionante variedade de alvos, alcançados pacificamente e com rapidez num estado de transe calmo.

Se eu soubesse a verdadeira natureza da investigação a meu cargo, o contraste com Cayce teria sido ainda mais gritante. O equipamento intricado fazia parte do Distrito de Manhattan ou Projeto Manhattan do Corpo de Engenheiros do Exército dos EUA. Claro que nós, guardas, tentávamos discretamente descobrir o que se passava no nosso aglomerado de edifícios do outro lado do relvado ondulante do Midway em relação ao campus principal. Não conseguíamos decifrá-lo, porque algumas salas com frascos e tubos borbulhantes eram claramente para investigação química, enquanto outras estavam cheias de aparelhos elétricos que sugeriam trabalho em física. E porque tínhamos animais vivos, como cães, macacos e ratos? Qual era a ligação entre carne viva e a tecnologia que suspeitávamos estar relacionada com o acelerador de partículas da universidade do outro lado do campus? Quando tentei questionar o meu amigo e vizinho de infância, o distinto físico Arthur Compton, só obtive generalidades agradáveis.

A verdade bem escondida do Projeto era conhecida em 1943 apenas por uma vintena de cientistas como Robert Oppenheimer (a trabalhar ao nível de Compton e dos seus colegas de Chicago sob Enrico Fermi), chefes militares selecionados e o Presidente Roosevelt mais alguns conselheiros. A poucos quarteirões de onde eu lia durante a noite sobre Cayce, uma equipa de investigadores em instalações criadas debaixo das bancadas oeste do estádio de Stagg Field tinha conseguido a primeira reação atómica controlada, que agora transformavam numa bomba atómica. No final do mesmo campo de futebol, onde tantas vezes atirara o meu dardo para o céu e vira o seu distante impacto na terra macia, tinham criado uma nova arma que faria até navios de guerra e tanques parecerem tão arcaicos como dardos. Meses antes, no frio e ventoso dezembro de Chicago, tinham libertado um poder que, em dois anos, criaria uma

agonia de gritos no Japão — suficiente para abafar todos os rugidos roucos dos adeptos de futebol ao sábado que eu ouvira ao longo da minha juventude perto de Stagg Field. No próprio recreio da Universidade, esses cientistas dotados tinham forjado um instrumento para matar subitamente cerca de noventa mil seres humanos em Hiroxima, com igual número de mutilados. Ninguém saberia nunca as baixas exatas ali e em Nagasáqui, porque tantos civis seriam vaporizados e incinerados nos dias de agosto já destinados no nosso gracioso campus.

Uma Espécie de Universidade por Si Só

O poder estava no ar, nas máquinas zumbidoras e nos circuitos elétricos do laboratório a meu cargo. Era o nosso génio americano, o nosso dom para o «saber-fazer» que esperávamos que ganhasse a guerra. Erguíamos a bandeira da técnica tanto nos campi universitários como nas linhas de montagem. Era o Século do Progresso celebrado na Feira Mundial de Chicago poucos anos antes, onde eu contemplara com assombro as exposições técnicas cintilantes no Salão da Ciência, com o meu pai responsável pelas exposições e programas da Universidade de Chicago.

Mas o poder de um tipo diferente era o tema da estranha história de Cayce. Se os factos relatados sobre ele fossem sequer parcialmente exatos, ele possuía uma capacidade extraordinária que o tornava uma espécie de universidade por si só, sem qualquer tecnologia.

Duas vezes por dia, durante décadas, entrava num estado de transe por até uma hora ou mais. Naquele estado inconsciente (tão improvável que nunca aparecera em nenhum dos meus cursos de psicologia, religião ou história das culturas), parecia capaz de examinar e descrever tudo o que lhe fosse proposto por alguém em genuína necessidade. Na maioria das vezes, o objetivo desconhecido era um corpo doente e os tratamentos para o curar. Mas, em certas condições, o alvo podia aparentemente ser também um vírus, um antigo reinado, um conflito matrimonial, o movimento das estrelas, os fundamentos ontológicos da existência humana, os assuntos políticos das nações ou o desgosto de um adolescente.

As suas descrições desses múltiplos objetivos vinham em discursos de retórica irregular, pois não tinha educação além da oitava classe. Parecia aos observadores lutar ao descrever o que via como «forças» fluidas (para usar a sua palavra) ou campos e fluxos em dinâmicas intricadas, como estruturas que os ouvintes podiam reconhecer e usar. Mas relatava-se que demonstrava uma precisão impressionante, usando tipicamente termos médicos e técnicos que lhe

eram desconhecidos. Como se poderia sequer começar a pensar numa tal habilidade?

A universidade empregava hardware de precisão para desbloquear estruturas da realidade, sob a direção de mentes treinadas que se moldavam aos segredos da natureza e da história, fornecendo poder a pedido, da engenharia à medicina à política. Mas Cayce não tinha ferramentas. Tinha métodos e rotinas, como não entrar em transe demasiado cedo após comer e rezar antes de ficar inconsciente. Mas o que eram esses dispositivos comparados com as câmaras de nuvens eletrónicas da universidade e as suas enormes bibliotecas? O poder de Cayce vinha sem equipamento, em silêncio. Parecia esvaziar-se a si próprio, tornar o seu consciente um recetáculo, um conduto. No entanto, na sua aparentemente desprovida de arte, produzia lampejos de conhecimento útil que podiam deixar para trás não só armamento indizivelmente potente — mas talvez uma civilização inteira construída sobre ferramentas e técnica.

Não era fácil manter a mente aberta sobre a história que ocupava as minhas noites de junho. Cayce era triplamente uma afronta ao saber. Primeiro, o conhecimento do sulista sem instrução era enciclopédico. Conseguia descrever e analisar em dezenas de campos o que só especialidades avançadas deveriam dizer-lhe. Segundo, realizava os seus relatórios por meios que nenhum professor ousaria reivindicar. Fazia as suas análises à distância dos seus sujeitos médicos ausentes e separado por continentes ou séculos de muitos outros alvos. Terceiro, não tinha mentores (do tipo que os estudantes de pós-graduação esperam) para cronicar as suas ideias ou realizações em desenvolvimento.

Ou os relatos sobre ele eram fraudulentos ou iludidos, ou — se as suas habilidades fossem estáveis e pudessem ser ensinadas a outros — representava uma rutura de alcance estonteante.

A sua própria afirmação era direta: «Eu não faço nada que vocês não possam fazer, se estiverem dispostos a pagar o preço.» Evidentemente, não queria dizer que os outros devessem entrar em transe duas vezes por dia. Antes que pudessem encontrar os seus próprios meios para se conectarem com as mesmas fontes úteis que ele encontrara, num processo que via como outrora natural para a condição humana, mas há muito perdido. Se ele estivesse correto ao dizer que outros o podiam fazer mesmo em pequena medida, isso deveria bastar para abrir inteiros continentes da mente e da realidade adicional para exploração. Qualquer estudante de ciência sabia que pequenos fenómenos podiam ter grandes consequências, como o papagaio faiscante de Franklin mostrava.

No entanto, havia perguntas insistentes, mesmo que se pudesse imaginar que os feitos de Cayce realmente aconteciam e poderiam ser replicados em alguma medida. Qual era o «preço» de que falava? Aprendera que a sua capacidade estava de algum modo ligada ao seu carácter e propósitos. Não a podia usar para explorar os outros, nem para ajudar outros a ganhar vantagem sobre os seus semelhantes. Abandonava-o se tentasse. Em vez disso, tinha de a usar para aqueles com necessidades reais, que se investissem a si próprios e crescessem pessoalmente ao explorar e aplicar o seu conselho. Esta situação parecia desalinhada com a empresa da ciência objetiva e destacada. Sugeria um cosmos que ia algures com propósito, com exigências criativas no seu coração.

E quais seriam os custos pessoais de tentar duplicar Cayce? Quão dura seria a exigência de se manter ereto e justo? Quão solitário tornaria tal dom o seu possuidor, se os outros o invejassem, o adorassem ou o temessem? Como impedir o seu mau uso para o tipo de fome cega por poder que, em tempo de guerra, parecia tão assustador, não só em Hitler, Mussolini e Tojo, mas nos milhões que os seguiam extasiados? A capacidade de Cayce podia empobrecer a tecnologia. Mas também podia provar ser ainda mais exigente do que um caro Projeto Manhattan. Talvez não fosse surpreendente que a estirpe de Cayce fosse tão rara a ponto de não ser citada em nenhum curso universitário.

Era reconfortante ler que a sua habilidade tinha limites. Limites significavam ordem e regularidade, de modo que a sua capacidade pudesse ser colocada algures no vasto sistema da natureza, não relegada a reinos vagos sobrenaturais. Parecia não ser um milagre excêntrico, um cometa ou um Grand Canyon da mente de uma só vez. Podia ser investigada como um processo legal com variações relativamente previsíveis, por mais pouco que estas fossem atualmente compreendidas. Diferenças entre os buscadores faziam a sua habilidade subir ou descer em algum grau, não só em relação à nobreza do seu propósito, mas também de acordo com a sua capacidade de agir produtivamente sobre o que ele fornecia.

Uma mente bem informada e de grande espírito obtinha dele discurso avançado e até técnico, enquanto os meramente curiosos eram afastados. Depois, o próprio estado de espírito e saúde de Cayce, bem como a sua motivação para servir o buscador, pareciam afetar a sua visão invisível. Influências semelhantes eram evidentes dos ajudantes na sua família e no seu pequeno escritório não comercial. Evidentemente, havia condições que podiam fazer o seu poder produzir dados distorcidos ou erros flagrantes, por mais raro que isso tivesse acontecido nas décadas que o trouxeram à sua idade atual de

sessenta e cinco anos. Como qualquer cientista sabia, os fracassos podiam muitas vezes ensinar mais do que os sucessos. Em suma, ele podia ser estudado.

Uma Chama Silenciosa de Bondade

Quais eram as apostas?

Se os relatos sobre Cayce fossem sequer parcialmente verdadeiros, o seu processo podia um dia ajudar a conter a guerra internacional. Tal talento podia desfazer os esforços combativos de ditadores, soldados e cientistas, inspecionando e relatando desenvolvimentos técnicos invisíveis e deslocações militares desconhecidas, bem como planos insuspeitados de agressão. Talvez a guerra entre as nações, minada por tal exposição implacável, pudesse um dia tornar-se tão extinta como tiroteios nas ruas do Velho Oeste. Não era claro na biografia de Cayce se o seu talento podia ser direcionado para superar o poder coercivo. Ao longo da maior parte da sua vida, fora usado para resgate e nutrição, sobretudo médica e psicológica. Podia ser assim desenhado para o crescimento de indivíduos que o usassem, de modo que só aqueles que tivessem removido a violência dos seus corações pudessem invocar a sua ajuda na construção da paz — e então apenas para informação que empoderasse conjuntamente os outros para uma nova vida.

Mas mesmo que Cayce não pudesse ser alistado para fins militares ou políticos, certamente podia ajudar a remover as causas da guerra. Relatava-se que localizara petróleo com o seu estranho dom e guiara inventores de produtos químicos úteis e dispositivos mecânicos. Porque não haveria de ser alistado para combater a miséria, esse velho tormento do espírito humano que precede as guerras? O que poderia sugerir como novas culturas para agricultores, ou descobrir como recursos energéticos, ou mostrar como alimento no mar, ou propor como produtos inovadores para fabricar? Seria demasiado ousado pensar que poderia até ter soluções para o enigma da distribuição de bens e serviços, de modo que o ódio e o medo entre os que têm e os que não têm, os povos desenvolvidos e subdesenvolvidos, pudessem ser domados?

Estas não eram meras especulações para mim. Como muitos criados nos anos da Depressão que se lembravam das filas do pão em Chicago, eu era um ativista, e fora-o durante todo o secundário, a universidade e a pós-graduação. A paz, uma paz justa, era a nossa paixão. Durante anos participáramos em comícios, marchas e piquetes, além de estudarmos as questões e métodos da ciência política. Mal nos lembrávamos de um mundo sem Hitler, e ardíamos de vergonha pelos camisas castanhas, pretas e prateadas americanas nazis ou fascistas, bem como pelos antissemitas barulhentos. Escolhendo

cuidadosamente o meu curso de licenciatura para que as disciplinas obrigatórias contassem como formação para a reforma social, fixei-me em economia do trabalho, com o meu professor principal o capaz Paul Douglas (mais tarde distinto senador dos EUA). Ao seu encorajamento, fiz um ano de cursos de pós-graduação em economia, com uma carreira como organizador laboral como opção séria, embora acabasse por escolher estudos na Divinity School, porque pareciam envolver mais profundamente tanto o mal humano como a grandeza humana. Ninguém com este passado, que já publicara um artigo sobre pobreza na vizinha cidade siderúrgica de Gary, podia olhar para Cayce sem perguntar o que ele poderia contribuir para a paz e a justiça social.

Ainda não me ocorrera que a minha abordagem ao homem em transe na Virgínia era moldada em parte pela mesma ética que gerara uma civilização agora rasgada por uma guerra mundial assustadora: se encontras algo bom, usa-o. Só o confronto com Cayce em ação provaria, como se viu, suficientemente vívido para mudar a minha perspetiva de simplesmente usar para uma resposta mais total: se encontras algo importante, abre-te à transformação por ele. A penetrante distinção de Martin Buber entre relações Eu-Isso e Eu-Tu em todas as áreas da vida ainda não me atingira com a força reveladora que mais tarde trouxe — embora o meu colega e amigo de Chicago, Maurice Friedman, estivesse a começar uma vida de exposição das ideias de Buber.

Mas em algumas noites de junho, quando atravessava o amplo Midway até ao meu posto, contemplando as estrelas, interrogava-me se não estaríamos a ver em Cayce muito mais do que melhores métodos de engenharia social. Podia ser parte de uma chama silenciosa de bondade insuspeitada, irrompendo do centro da humanidade torturada pela guerra para responder ao trovejar das bombas, ao passo de ganso das tropas, ao choro das crianças rapidamente órfãs.

Sob os céus noturnos eternos que suportavam pacientemente o seu testemunho de ordem, parecia possível que o colapso do meu mundo em ódio e conquista, campos de concentração e slogans estridentes, pudesse despertar alguma corrente de resposta impressionante nas profundezas de todos nós. Cayce podia pertencer ao futuro, quando procedimentos tão deslumbrantemente simples como os seus pudessem libertar um grande campus como o nosso para dar atenção plena à fome, à doença, ao fanatismo, ao analfabetismo e à degradação urbana. Com tal ajuda, até os mais humildes entre nós poderiam ajudar a criar música, invenções ou escolas imaginativas.

As Dúvidas de Chicago, Mas a Disciplina

Como poderia ele ser real?

Nenhum docente de Chicago tinha conhecimento ou sequer interesse para contribuir sobre ele, embora uma universidade fosse, por definição, comprometida com o estudo do universo. Fui um dia aos aposentos de solteiro de um professor que acabara de lecionar um curso brilhante sobre o Evangelho de Marcos, reluzente com todos os enigmas não resolvidos sobre Jesus que a erudição moderna colocara. E se, perguntei-lhe cautelosamente, pudéssemos inspecionar diretamente eventos do Novo Testamento do passado distante através de um estado de transe como o de Cayce? A sua resposta foi cortante, tornada ainda mais gélida pela sua cortesia pessoal.

O seu colega no departamento de psicologia, para quem acabara de escrever um trabalho de investigação sobre criatividade na música, teve uma resposta comparavelmente depreciativa. Cayce era sem dúvida um médium, e os investigadores tinham desmascarado essa fraude. Conhecia a categoria que usava, tendo lido alguns anos antes os anais de um simpósio realizado na Clark University, em Massachusetts (o mesmo campus que primeiro trouxera Freud e Jung a este país), intitulado *The Case for and Against Psychical Belief*. Nesse encontro estivera um jovem investigador chamado Gardner Murphy, destinado anos mais tarde a tornar-se o decano dos psicólogos americanos e o porta-voz mais respeitado da investigação psíquica.

Com ele estavam também dois biólogos, Joseph e Louisa Rhine, que se tinham formado no nosso próprio campus de Chicago. Estavam a construir uma reputação pela sua investigação na Duke University no campo que renomearam como parapsicologia. (Só muito mais tarde descobri que, em 1943, já tinham procurado ajuda experimental a Cayce para a filha deles e se tinham mostrado suficientemente interessados para enviar um psicólogo, Lucien Warner, da sua equipa para entrevistar e observar Cayce em ação. O Dr. Warner haveria de me relatar anos depois como ficara tão impressionado que ficou não o dia planeado, mas uma semana, obtendo o conselho em transe de Cayce para todos os membros da sua família.)

O biógrafo de Cayce relatava que ele negava vigorosamente ser um médium, recusando mensagens dos mortos e insistindo em seguir um procedimento que essencialmente lhe permitia sair para inspecionar por si mesmo o que precisava de saber, por uma combinação de clarividência e o que lhe parecia orientação ou inspiração religiosa. Havia de facto psicólogos sólidos que já o tinham investigado, de Harvard e de outros lugares, embora nenhum tivesse escrito

sobre ele. Se o biógrafo estivesse correto, nenhum cientista profissional qualificado investigara alguma vez Cayce e o acusara de erro, delírio ou fraude.

Como poderiam as autoridades competentes ter falhado em estudá-lo em profundidade? Parte da modernidade era a convicção de que a ciência, mais cedo ou mais tarde, exploraria toda a pista valiosa nas disciplinas principais. Claro que a ciência era uma instituição social, sujeita a pressões de carreira, dinheiro e respeitabilidade. Mas Cayce representava algo, em linguagem bíblica, «não feito num canto», durante mais de quatro décadas. Só os meus anos a bater-me pela mudança social me ajudaram a olhar um pouco mais longe. Não era difícil imaginar líderes sociais responsáveis a errarem em questões políticas e económicas. Porque não haveriam os de estatura comparável em psicologia ou religião de cometer também erros de julgamento?

Onde começar? O que proporcionaria entrada no mundo de Cayce?

Uma via possível era a história das religiões, o estudo comparativo de tradições e práticas do Oriente e do Ocidente, antigas e modernas. Aí, o rico conjunto de oráculos, sibilas, videntes, curandeiros, profetas, taumaturgos e figuras xamânicas primitivas podia bem ter tipos que se assemelhassem suficientemente a Cayce para ajudar a separar factos úteis de suposições precipitadas sobre ele. Mas o meu professor de Religiões do Mundo dispensou-os a todos como vítimas de «crenças limitantes».

Cayce via os seus dons no enquadramento dos prometidos na Bíblia, que lera uma vez por cada ano da sua vida. Até então, quase a memorizara inteiramente (uma proeza inaudita no meu mundo de eruditos bíblicos universitários), em parte pelo seu dom peculiar e em parte pelo ensino dela na escola dominical desde a juventude. Para ele, era o melhor fundo último para compreender o que acontecia no seu estado invulgar. Tentando imaginar o seu ponto de vista, fui mais do que uma vez ao Instituto Oriental, a apenas um quarteirão da minha residência de pós-graduação, para me rodear de artefactos do Próximo Oriente.

Enquanto vagueava pelos corredores frescos com as suas exposições mudas mas eloquentes, Israel antigo, Assíria, Egito e Pérsia erguiam-se diante de mim em toda a dignidade, convocados pelas esculturas em pedra, as joias, as panelas e amuletos, as múmias e as figuras dos deuses. Modelos de templos e habitações estavam dispostos com figurinos de cavalos e carros. Havia dardos como os que atirara durante tanto tempo em provas de atletismo. Em cada visita, perguntava a mim mesmo se os povos desses tempos e lugares teriam conhecido algo que Cayce redescobrira, mas que o resto de nós perdera.

Não havia razão para pensar assim nos meus cursos sobre a Bíblia, onde dons invulgares de profecia ou cura eram uniformemente explicados como perceções erradas de uma era supersticiosa em que «o céu pendia baixo». Não havia milagres nem transes úteis no mundo da Divinity School da Universidade de Chicago; o legado bíblico chegava sem Mar Vermelho (ou Juncal) aberto nem muralhas de Jericó caídas, e certamente sem nascimento virginal ou túmulo vazio. A única perceção invulgar era essencialmente insight moral e teológico. Não era arrogância, mas convicção honesta e erudição disciplinada que sustentava esta posição, visível nos escritos de teólogos dotados como o existencialista Rudolf Bultmann (a quem vim a conhecer bem em anos posteriores, quando o trouxe para lecionar no departamento de religião na Universidade de Syracuse, onde ocupava uma cátedra).

Mas, como que para compensar o afrontamento à tradição ao descartar tanto do conteúdo escriturístico, a Divinity School de Chicago voltava-se intensamente para factos e inquérito empírico. O seu edifício ficava ao lado do departamento de sociologia no campus, e mais do que um murmurava que os métodos dos dois eram intercambiáveis. O modelo era inquirir, inspecionar e analisar — não apenas especular. Certamente, era isso que o fenómeno Cayce exigia.

Chicago era a universidade que assumia, em todos os departamentos, a disciplina de se humilhar perante qualquer realidade para aprender os seus segredos — até perante o átomo invisível. O que oferecia para estudar Cayce era, acima de tudo, o empirismo atento que fazia a universidade erguer-se altiva nas pradarias do Meio-Oeste. A escola ainda não tinha uma história de grandes mentes formativas como as que haviam agraciado campi europeus e da Nova Inglaterra durante séculos. John Dewey não era um Kant, nem Thorstein Veblen um Max Weber. Chicago também não era rica em literatura e artes, exceto na crítica. Mas estava cuidadosamente, até impiedosamente, determinada a ser ensinada pelos dados disponíveis, em todos os campos da vida académica. Era essa a razão para o desfile de laureados com o Nobel em física e química, bem como em economia, que tornara (e continuaria a tornar) a universidade grande.

No entanto, quando me encontrava nos corredores silenciosos do Instituto Oriental, não era de todo claro como reduzir o serviço de Cayce a circuitos inspecionáveis e manipuláveis da sua psique. Naqueles corredores parecia que Cayce podia levar a encontros com um Agente ativo e amoroso que podia usar pastores comuns ou pescadores, ou fabricantes de tendas (ou até fotógrafos como Cayce) para curar feridas e expandir mentes, ou para chamar povos inteiros a novas formas de vida.

Relatos em Primeira Mão

Ainda assim, a capacidade de Cayce parecia tão extravagante, tão completamente improvável, que eu poderia tê-la descartado como impossível, não fossem os relatos em primeira mão daqueles que haviam procurado o seu estranho conselho, chamado «leituras». Entre estes estavam amigos da minha família, como a sensata Myrtle Walgreen, que anos antes da sua atual riqueza e liderança comunitária tinha assado as primeiras tartes e cozinhado as primeiras sopas no que era agora uma vasta cadeia de farmácias. Ela procurou Cayce. Outro era Lowell Hoit, o amplamente lido e distinto presidente da Bolsa de Chicago. Um terceiro era Sherwood Eddy, o autor e respeitado líder da YMCA mundial, que não só obtivera o conselho de Cayce como fora vê-lo em ação. Depois havia a minha mãe.

Como colaboradora de longa data da *Christian Century*, uma revista protestante liberal (alguns dos seus editores eram membros destacados da nossa igreja inovadora junto à universidade), recebeu um exemplar da biografia de Cayce para resenhar ou descartar. Talvez o seu hábil manejo de controvérsias religiosas no passado, que lhe valera cobertura na *Time*, tivesse levado um editor a pensar que ela poderia fazer uma avaliação sensata da história quase inacreditável de Cayce. Como alguém que escrevera quase uma dúzia de livros sobre temas religiosos e fora editora da revista congregacional *Social Action*, era uma resenhista exigente.

Na vida de Cayce encontrou fios da sua própria, ao traçar o seu crescimento no Kentucky, também outrora o seu lar, e a sua vigorosa liderança leiga no grupo protestante principal chamado Igreja Cristã ou Discípulos de Cristo, que era o património da sua família desde pouco depois do seu início em 1820. Além disso, achava ver em Cayce algum do idealismo disciplinado da sua geração, que a levara a ela e ao meu pai (agora presidente do Frances Shimer College no oeste de Illinois) a passar vários anos como missionários educacionais na China, o meu local de nascimento. E embora não tivesse interesse ou conhecimento especial no campo psíquico, era profundamente atraída pela oração e publicara um livro de devoções muito usado, *Every Day a Prayer*, além de ter aprendido a meditar com Gerald Heard, o pioneiro antropólogo e filósofo britânico.

Concluiu que tinha perspetivas úteis para avaliar Cayce. Assim, numa viagem de conferências a Nova Iorque, fez um desvio de comboio noturno até à Virgínia, onde pôde conhecer Cayce, observá-lo a trabalhar e testá-lo minuciosamente com uma avaliação em transe da sua saúde. Tendo passado recentemente por um exame completo no famoso centro médico de Battle Creek, Michigan, tinha registos laboratoriais médicos suficientes, juntamente com relatórios de

médicos especialistas, para medir o desempenho de Cayce com cuidado. Como não estava em necessidade médica crítica, podia simplesmente pedir ajuda a Cayce, sem exigir uma cura notável.

O seu relato para mim sobre o trabalho de Cayce, tal como a sua resenha na *Christian Century* intitulada «Explique Como Quiser», era cuidadoso mas claramente favorável. Cayce não era aparentemente nem uma fraude nem autoiludido. Acertava em cheio repetidamente em alvos confirmáveis dos relatórios de Battle Creek. Sugeriu depois algumas direções pertinentes para tratamentos que os seus médicos tinham negligenciado e que posteriormente se revelaram úteis. Cayce era aberto e direto sobre o seu processo de transe não ritualizado. Para ela, parecia modesto, com um sentido de humor que mantinha o seu dom peculiar em perspetiva.

Estava comprometido com a investigação sobre o seu trabalho, sobre o qual lhe assegurou que permanecia convencido de que «Eu não faço nada que vocês não possam fazer, se estiverem dispostos a pagar o preço». E de facto acumulara muitos dados úteis sobre a capacidade, baseados em milhares de ficheiros de casos, para estudo por qualquer especialista interessado. Parecia ter uma mente boa e crítica. A sua esposa e as pessoas atraídas para o seu trabalho de consulta pareciam genuínas e sem pretensões. Tinham a dignidade e a gentileza sulista refinada que a minha mãe conhecia bem daquela parte da sua vida em que o pai fora presidente da Transylvania University no Kentucky.

Enfrentar Cayce em Pessoa

Se Cayce não fosse um vigarista nem um caso mental, se não fosse um promotor nem um messias autoproclamado, então os seus esforços podiam ser uma enorme aventura para explorar. Quando escreveu à minha mãe que realmente precisava de ajuda (agora que ambos os filhos estavam no Exército) e perguntou se eu poderia estar interessado em trabalhar com ele durante um ano, pensei cuidadosamente no assunto.

Seria apropriado seguir este caminho estranho no meio de uma guerra brutal que já tirara a vida a alguns dos meus colegas? A minha junta de recrutamento dera-me uma classificação 4-D de isenção por estudos teológicos, e levei esse privilégio muito a sério; já fora ao escritório de recrutamento da Marinha para descobrir os requisitos para a capelania quando concluísse os anos necessários de pós-graduação. As autoridades do recrutamento indicaram que podia tirar um ano para investigação de campo, desde que o esforço estivesse claramente ligado aos estudos de pós-graduação. Esbocei um plano para entrevistar não só Cayce mas dezenas dos seus associados e daqueles que

procuravam o seu conselho, recolhendo dados para uma futura tese de doutoramento. O meu pai achou que o desenho seria sólido nos seus círculos académicos, e a universidade assegurou-me que não perderia o meu percurso para o grau.

Parecia improvável que alguém mais autoritário do que eu, de Chicago ou de qualquer outra universidade, se dispusesse em breve a investigar Cayce. Era tempo de guerra. Cartazes gritavam por vitória dos quadros de avisos nos edifícios académicos cinzentos, tão alto como das montras das lojas e das plataformas do metropolitano. Pelotões de soldados, aviadores e marinheiros em uniformes distintos marchavam vivamente entre aulas entre as torres majestosas do campus. Levavam livros escolares, não armas, porque isto era o Meio-Oeste, e uma invasão era até agora improvável — a menos que a Inglaterra colapsasse sob o incessante Blitz aéreo dos alemães.

Mas os grupos de treino a brandir espingardas de madeira a comandos agudos no Midway deixavam claro que o combate era o destino universal. Pequenas filas de tropas passavam marchando junto às bibliotecas que guardavam tesouros de séculos, e junto às salas de aula de madeira escura e janelas góticas arqueadas onde Robert Maynard Hutchins, como presidente (e meu amigo desde o secundário), liderara o movimento para estudar os clássicos que chamava Grandes Livros numa universidade para homens pensantes. Era tempo de dobrar a sabedoria à técnica, de fazer o saber servir a conquista. A universidade fazia a sua parte, até abrindo a casca atómica que um dia libertaria um clarão ofuscante e uma nuvem em forma de cogumelo.

A minha tarefa seria fazer as perguntas certas sobre Cayce, iluminando os potenciais produtivos do seu dom e sugerindo até onde poderia ser replicado. Caso contrário, estaria a abandonar o meu posto num tempo doloroso da história, não só no Projeto Manhattan, onde dificilmente faria falta, mas na dura exigência interior à nossa geração de desencadear um mundo devastado. Olhava para a potencial missão com grande seriedade. As estrelas douradas que pendiam mudas em pequenos quadrados de tecido nas janelas de muitos quarteirões próximos, significando uma morte militar naquela família, exigiam não menos.

Os amigos colocavam perguntas duras, como os estudantes de pós-graduação devem fazer. Se Cayce fosse real, porque não era rico e famoso? Porque não estava já a ser usado em Washington para o esforço de guerra? Porque falhara o Hospital Cayce, assim como a nascente mas respeitável Atlantic University construída sobre o seu trabalho, com tal orientação disponível? Como é que um tal dom — se realmente existisse — alguma vez cometeria erros?

Certamente havia um senão na história algures. Talvez tivesse desenvolvido algum tipo de culto, ao qual o autor da sua biografia pertencia. Não destruiria a perspetiva e o equilíbrio entrar na sua órbita? Melhor, diziam, ler sobre ele e esperar que alguém o desmascarasse.

Em particular martelavam na área em que Cayce parecia mais vulnerável. Era a reencarnação. A meio da vida adulta, após vinte e tal anos a ganhar crescente respeito pelo seu conselho médico, ficara atónito ao ouvir os seus transes de confiança apresentarem uma visão da psicologia e destino humanos que incluía renascer na Terra repetidamente. Muitos amigos da igreja afastaram-se dele. Os médicos consultavam-no com mais cautela.

Podia-se suspender o julgamento sobre a sua capacidade de recuperar informação verificável e fazer juízos sólidos sobre alvos médicos. Mas considerar que Cayce pudesse estar correto sobre a reencarnação exigia desafiar todos os grandes pensadores da civilização ocidental — exceto Platão e Orígenes. Se Cayce estivesse correto, então o que dizer da grande parada de filósofos e teólogos que deram as suas vidas a estudar a condição humana, mas não viram a reencarnação como parte dela? O que dizer de Agostinho e Tomás de Aquino, Lutero e Calvino, Spinoza e Kant, sem falar de Darwin, Marx e Freud? Questionar todas estas mentes era como explodir o nosso campus. Só um empirista fanático, parecia, começaria do zero numa tal investigação quando havia tanto mais importante para estudar num mundo em guerra.

Se Cayce estivesse certo, então grandes porções do Oriente tinham estado corretas desde sempre nas suas perspetivas hindu e budista. Quem sabe onde isso poderia levar? Não estávamos em guerra com o país budista do Japão? Não deveria isso revelar algo sobre a sua compreensão da realidade última? (Que também estávamos em guerra com a Alemanha, berço da filosofia e teologia modernas, e fonte de muito do melhor na música e poesia ocidentais, não surgia tão prontamente.) Certamente, se o trabalho de Cayce estivesse tragicamente falhado na reencarnação, devia estar falhado noutras áreas. Não era de admirar que não tivesse sido mais estudado.

Como Cayce Pedia para Ser Avaliado

Assim, adiei a ideia de trabalhar com Cayce, lançando-me nos cursos e no meu novo casamento. Chegou uma nomeação docente no George Williams College, a poucos quarteirões da universidade. Preparar o ensino enquanto mantinha os estudos de pós-graduação era exigente, e estava grato por poder abandonar o trabalho noturno no Projeto Manhattan. Aos fins de semana pregava numa pequena igreja dos Discípulos no extremo sul de Chicago.

Mudámo-nos para uma casa em fila e deliciámo-nos a arranjá-la, como os casais jovens fazem. A minha esposa, June, era pianista de concerto, pupila de Percy Grainger, que já começara a atuar com orquestras. Agora estudante de pós-graduação no Chicago Musical College, estudando com o pianista mais respeitado de Chicago, Rudolph Ganz, tinha um futuro brilhante na música. Não era altura de nos mudarmos para um resort de verão isolado na Virgínia.

Mas de quando em vez tirava a transcrição de um discurso de aconselhamento que enviara pedir a Cayce, e estudava-a ao som das passagens amplas de June de Liszt, Chopin e Bach. Aí Cayce empreendia delinear o meu propósito de vida e talentos no que chamava uma «leitura de vida» que incluía várias supostas existências passadas. O que havia nela para sugerir que eu devia olhar mais de perto o seu trabalho?

O material não era exatamente promissor. Não me atribuía estatura proeminente — o que notei com alívio, já que dera aos meus pais papéis nos círculos à volta de Jesus numa leitura comparável para a minha mãe. Se estivesse a distribuir viagens de ego, podia esquecer a minha ajuda. Como visto na sua visão em transe, as vidas passadas que mais moldavam a minha existência presente eram as de escultor de imagens religiosas em tempos pré-históricos, sacerdote ocupado com música e dança num templo egípcio, ajudante e confidente de Josué, e pregador na Igreja Primitiva do período helenístico. Não me confortava que acrescentasse que eu fora seu filho nesse último período; isso parecia preparar o terreno para me manipular de algum modo.

De facto, a possível manipulação era a minha principal preocupação com todo o ensaio. Advertia contra uma carreira na música eclesial, que cada vez mais me atraía como parte do ministério (embora ultrajante para os meus amigos ativistas no movimento laboral), e insistia que eu devia, como ele dizia, «ir até ao fim!» numa vocação de erudição e prática psicológica e teológica. A perspetiva não era apelativa, porque as pequenas igrejas que servira como pastor pareciam muitas vezes sufocantes, e eu não queria passar a vida como erudito a desmascarar tradições religiosas ocidentais e orientais. Parecia mais do que provável que Cayce tivesse sido influenciado pelos seus próprios laços eclesiais para me empurrar em direções inadequadas. Incluía na leitura um longo e sério discurso sobre questões teológicas, que parecia demasiado conservador e cristocêntrico para um estudante teológico de Chicago.

Se alguma vez fosse trabalhar com ele, parecia que devia ajudá-lo a desfazer-se do material da reencarnação, para que pudesse voltar ao bom e sólido serviço médico. Como vinha do mesmo fundo eclesial em que eu fora ordenado, talvez me ouvisse. Claro que seria difícil para ele enfrentar um erro maior e de longa

data no seu trabalho, porque lançaria uma sombra sobre outros desconhecidos que emergiam nos seus transes, como o uso considerável da osteopatia e a ligação de muitos processos de doença a atitudes e emoções pobres. Mas merecia a minha ajuda, se se provasse tão sincero e modesto como relatado. Até lá podia pô-lo de lado.

Vários desenvolvimentos mudaram a minha ideia.

O primeiro foi estudar um pequeno livreto autobiográfico de vinte páginas enviado com a leitura de vida. Não polido mas direto, chamava-se *Edgar Cayce, His Life and Work*. Ao princípio apenas o folheara, mas agora olhei-o com cuidado e gostei do seu espírito modesto, onde em algumas passagens se mostrava arrependido dos erros que cometera ao lidar com a sua capacidade:

A procissão do homem tem de passar e desvanecer-se, mas Deus trabalha de formas mais lentas e secretas. Para realizar as suas obras maravilhosas. Não sopra trombeta. Não toca sino. Começa de dentro, buscando os seus fins por crescimento quieto. Há um estranho poder que os homens chamam fraqueza, uma sabedoria tomada por loucura. O homem tem uma resposta para cada problema — poder; mas esse não é o caminho de Deus. Então porque não hei de temer a publicidade?

Perguntam, tenho a certeza, «Houve falhanços?» Se não houvesse falhanços, amigos, eu temeria que houvesse algo sobrenatural em mim. Sou apenas humano. A humanidade está condenada ao fracasso quando confia no seu próprio eu fraco, e a maioria de nós tem esse defeito.

No fim do ensaio sugeria como as pessoas deviam avaliar o seu trabalho por si próprias antes de procurarem a sua ajuda. Tais questões de método crítico eram cruciais para mim, porque estavam no coração dos meus estudos de pós-graduação.

Primeiro, dizia, aqueles que pedissem a sua assistência deviam informar-se bem sobre ela, estudando leituras e consultando outros que pedissem ajuda. Evidentemente não cultivava os crédulos, pois acrescentava: «Não procurem uma leitura para satisfazer algum capricho emocional ou curiosidade ociosa.» Segundo, oferecia um critério pragmático tão americano como William James, e em linha com a sua própria vida na igreja dos Discípulos: «A aplicação da informação torna os indivíduos melhores maridos, esposas, filhos, filhas, cidadãos, amigos?» Esta abordagem por si só podia ser meramente moralista, a menos que o conceito de «melhor» fosse amplo. Mas Cayce prosseguia para uma terceira dimensão, que dava tamanho ao termo ao ancorá-lo firmemente na Bíblia e na história da igreja, bem como na teologia reflexiva: «Os princípios

expressos nas leituras trazem o selo da aprovação divina à luz dos seus padrões?»

Depois oferecia um critério existencial ao convidar as pessoas a ficarem com a leitura recebida tempo suficiente para ver como refletia os seus propósitos reais: «Aquilo que um indivíduo procura, isso encontrará. Aqueles que procuram apenas o que é terreno e terreno só encontrarão isso; os que procuram trazer uma vida inteira e bem arredondada, podem encontrá-la.» Sem os invólucros da linguagem bíblica, Cayce recomendava uma abordagem empírica e racional para avaliar o seu trabalho, equilibrada pelo uso da tradição religiosa num espírito autocrítico e ativo. Um estudante de Chicago podia trabalhar dentro de tal enquadramento, porque permitia pôr em causa qualquer achado aparente seu, incluindo a reencarnação e a alta visão de Cristo vista na minha leitura.

Oferecia mais um critério. Familiar aos de fé profunda nas tradições do Oriente e do Ocidente, embora não enfatizado nos estudos teológicos de Chicago, era o teste do Espírito, a juntar aos outros: «Para ter valor real, a informação deve tocar uma corda vibrante com o vosso ser interior, soando verdadeira com o vosso desejo espiritual.»

Este teste adicional, somado aos outros, inclinou a balança até que o nosso ano com Cayce não pudesse mais ser adiado.

Uma característica do seu trabalho que soava verdadeira como ele sugeria aparecia num livreto que encomendara da pequena organização sem fins lucrativos que patrocinava o trabalho de Cayce, com o nome estranhamente do século XIX de Association for Research and Enlightenment. Compunha-se de excertos de leituras dadas em anos recentes sobre assuntos públicos. Intitulado *Am I My Brother's Keeper?*, expunha seleção após seleção uma insistência intransigente na justiça social, incluindo os direitos dos trabalhadores, a dignidade das minorias, as reivindicações dos pobres e o imperativo da paz. Uma passagem chocante afirmava mesmo que a esperança do mundo um dia viria da Rússia como responsabilidade social na vida quotidiana.

Para a minha geração, a tarefa de separar o bom do mau em Marx e outros utópicos, enquanto o juntávamos à fé profética, fora central, vista em Reinhold Niebuhr tanto como nas linhas de piquete onde marchara e fora brevemente preso. Quando Cayce advertia que a América tinha de construir justiça social e racial ou experimentar motins nas ruas e terrível sofrimento, com a liderança mundial a passar para o Oriente, sabia que tinha de o levar a sério. Falava ao meu sentido mais profundo do espírito dos profetas de Israel.

A outra fonte de impulso interior para procurar Cayce era a música coral que dirigia no meu novo posto universitário. A música sempre fora o meu veículo de transcendência, como Cayce corretamente notara no seu conselho em transe para mim. A teologia não era. Os meus sermões não proclamavam que Deus estava morto, mas um ouvinte objetivo poderia concluir que era mal compreendido ou sobrevalorizado, comparado com a nossa própria responsabilidade de tomar as rédeas das nossas vidas e do nosso mundo perturbado.

A oração significava pouco para mim, exceto como exercício poético de adoração. Mas a música séria captava o sentido de um Além sem nome. Podia manter-me ocupado em causas. Podia perder-me nos enigmas da erudição. Mas a música, especialmente a música coral sacra, falava de um Outro perante o qual me sentia demasiadas vezes estranho.

Enquanto June e eu falávamos sobre o intrigante transe de Cayce, suspeitávamos que havia pistas da criatividade elevada na música para nos ajudar a adivinhar o que ele poderia estar a fazer. Ambos sabíamos, por longa experiência, que cantores altamente disciplinados, sustentando um acorde num moteto latino ou alcançando uma figura rápida de Bach, podiam por vezes transcender as suas habilidades habituais. Podiam atingir notas mais altas ou mais baixas do que quando praticavam sozinhos, e em momentos de absorção extática juntos podiam frasear com génio inesperado, encontrando o caminho para experiências que nunca haviam encontrado — morte numa cruz, o amor de uma mãe por uma criança santa, carne transformada e curada pelo espírito. Podiam até tocar em séculos distantes de cantochão, ou mundos longínquos de antífonas russas ou espanholas como se ali pertencessem. Tal canto, pensávamos, podia entrar num estado semelhante em princípio ao transe de Cayce, e apenas a um fôlego da sua obtenção de conhecimento distante ou oculto.

Assim (após algumas trocas adicionais com Cayce), deixei os meus cursos na universidade por terminar, como June os dela na escola de pós-graduação de música no centro. As minhas aulas no colégio passaram para um substituto, e outro ministro tomou a igreja de fim de semana. Empilhámos os nossos pertences em caixas e barris para nos mudarmos para Virginia Beach pelo resto do ano letivo, respondendo ao convite de Cayce para o ajudar e explorar por nós próprios a sua afirmação impressionante: «Eu não faço nada que vocês não possam fazer.»

O mais difícil de deixar foi o coro da Marinha que eu ensaiara e dirigira diariamente no colégio durante todo o verão e outono. Os cantores eram

estudantes num programa V12 para especialistas técnicos, que se tinham tornado hábeis na sua arte coral, interpretando programas inteiros de memória. Quando os levava em curtas viagens de concerto e os enviava a marchar pelas alas dos auditórios nas suas brancas imaculadas, vozes a soar em harmonia masculina, pareciam representar toda a heroicidade exigida aos jovens em tempo de guerra. As audiências, capturadas pelo feitiço das suas canções de marcha ou melodias de musicais, podiam mover-se facilmente com eles para o encanto silenciado ou elevado de um espiritual, um coral ou um moteto. Alguma da música mais forte que cantávamos vinha da tradição mística da Ortodoxia Russa. Uma antífona que arranjei, de Tschesnokoff, começava com vozes graves em harmonia contida, refletindo em quintas abertas sobre a afirmação: «A salvação é criada.»

Depois um salto melódico ousado em vozes agudas abria o resto do pensamento: «A salvação é criada no meio da terra. Aleluia!» As passagens completas do coro que se seguiam exigiam todo o vigor dos cantores, até que a música se curvava para uma resolução grave, sonora e silenciada. Quando falávamos do texto nos ensaios, confessava que sabia pouco do que era a salvação, embora tivesse a certeza de que nela havia liberdade da guerra, liberdade da fome, liberdade da tirania e liberdade da discriminação. Para além disso, só podia adivinhar.

Mas havia razão para suspeitar (como disse aos homens em frases hesitantes, explicando porque partíamos) que muito mais poderia estar a tentar desdobrar-se «no meio da terra» durante tempos sangrentos e difíceis. Cayce podia fazer parte disso, e tínhamos de saber. Eles compreenderam. Todos os que estavam na sala captaram que esta era a estação para alcançar os objetivos mais distantes, as visões mais verdadeiras. Todos sabíamos que era tempo de morrer, quando alguns no nosso ensemble podiam em breve encontrar a morte violenta num campo de batalha ou cabeça de praia distante. Assim, no nosso último ensaio, ergueram-se e cantaram espontaneamente para June e para mim, sem maestro mas com uma fraseado maravilhosamente sensível, o hino russo como bênção à nossa empreitada. A imagem desses jovens sérios ficou comigo como uma exigência feroz para fazer cada passo da nossa jornada com Cayce contar — em parte porque, meses depois, chegou a notícia de que dois já tinham sido mortos.

2. Sr. Cayce, Estou a Morrer

Era noite e chovia quando chegámos à Virgínia, após duas longas jornadas de comboio lotado de pessoal militar de várias patentes. Para entrar em Norfolk, o grande porto naval do país entupido com navios de guerra, onde podíamos apanhar um comboio suburbano até Virginia Beach na costa exposta, o nosso comboio teve de ser transportado por ferry através do grande rio sem pontes que margeava a cidade. Enquanto deslizávamos pela escuridão, o comboio parecia cavalgar sobre a água. Parecia que deixávamos para trás o que era sólido e seguro, rompendo com o continente das nossas vidas, fosse para uma grande descoberta ou para uma grande desilusão.

Quando um táxi em Virginia Beach nos levou da estação até uma estalagem à beira-mar, ficámos atónitos com a escuridão avassaladora. Perscrutando as ruas chuvosas, mal conseguíamos distinguir os contornos de algumas lojas fechadas e edifícios sem luz de dois ou três andares ao longo do oceano. A cena era sinistra, porque um apagão total era imposto para que a luz da costa não silhuetasse os grandes navios que se aproximavam da entrada próxima da Baía de Chesapeake e do porto de Norfolk.

O taxista contou-nos que os locais tinham visto mais do que um navio afundado por submarinos alemães alinhados mesmo ao largo desta costa, após o que corpos e destroços tinham sido arrastados para a praia arenosa durante dias. Para prevenir mais catástrofes, todas as janelas da comunidade turística estavam pesadamente cortinadas à noite. Não havia candeeiros de rua nem luzes nas lojas. Os automóveis circulavam com faróis pintados para permitir apenas frestas de feixe para navegar. Para nós, do Meio-Oeste, a sensação era de termos entrado diretamente na guerra. Diretamente à nossa frente, através do oceano agitado, estava o combate aberto. Se houvesse uma invasão inimiga, disseram-nos, este porto e esta mesma praia seriam alvos principais para correntes de tropas a desembarcar na noite iluminada pela artilharia.

Apesar da chuva fina, caminhámos no escuro até ao encontro da areia e da rebentação, após o check-in no quarto. O antigo e misterioso oceano, fonte de todas as formas de vida no planeta, movia-se ritmicamente, rolando as suas ondas contra o continente que era o nosso lar. Perguntas sóbrias mantinham os nossos comentários breves enquanto caminhávamos, ordenando pensamentos e sentimentos. O que nos sinalizavam as águas em movimento infinito? Estávamos a fitar um emblema da vasta extensão do Espírito, fluindo com recursos úteis que Cayce descobrira como canalizar? Ou este oceano impessoal, com as suas tempestades cruéis e grandes criaturas marinhas, era um símbolo de forças indiferentes aos humanos, carregando submarinos prontos a esmagar

a vida? Ajuda ou ameaça, vida ou morte, o mar lembrava-nos tudo o que não sabíamos sobre os esforços de Cayce.

Parados na margem da terra onde encontrava a água salgada escura, sentimos uma empatia súbita pelos muitos que recorriam a Cayce como último recurso médico, uma possibilidade ultrajante mesmo à beira da sanidade. A maioria aproximava-se dele, por carta ou telefone, em doença grave ou lesão. Levavam os seus corpos maltratados pela dor perante ele para muito mais do que uma leitura colorida num transe exótico. Era muitas vezes a última hipótese, após terem percorrido corredores médicos até à beira da morte, tão perto como nós estávamos do declive do oceano a partir da praia. Procuravam a sua ajuda despidos das defesas, como pacientes sem vergonha em batas hospitalares simples. Os casos relatados na biografia e contados por amigos eram maioritariamente pessoas a escrever-lhe na sua cidade à beira-mar, na extremidade distante da realidade: «Sr. Cayce, pode ajudar-me?»

Perto da hora marcada, virámo-nos do oceano e caminhámos até à casa dos Cayce, a poucos quarteirões da nossa estalagem. No escuro, suavizado apenas por lampejos de carros que passavam, encontrámo-la em frente à baixa e modesta Igreja Católica Estrela do Mar. O que conseguimos distinguir era uma ampla casa de madeira com alpendre lateral fechado e exterior de telhas. Um anexo adjacente devia ser a área do escritório da associação com o longo nome. Os Cayce esperavam-nos, juntamente com a secretária de Cayce há vinte anos, Gladys Davis. Receberam-nos cordialmente na sua longa sala de estar com uma lareira numa extremidade.

Os móveis à nossa volta eram agradáveis mas sem pretensões: um sofá, um tapete simples, cadeirões estofados, um rádio de consola à altura da cintura, candeeiros de chão de madeira com abajures grandes e mesas de apoio unidas por um suporte para revistas da *Collier's* e da *Saturday Evening Post*. Podiam ter vindo da casa de quase qualquer parente nosso da classe média — professores, uma bibliotecária, um agente imobiliário, um guarda florestal, um distribuidor de produtos agrícolas. Enquanto nos instalávamos para conversar neste cenário banal, tentei avaliar as pessoas por quem tínhamos viajado tão longe. Estes seriam os nossos guias para uma região da mente e do espírito que a maioria dos nossos amigos e familiares pensava nem sequer existir.

Cayce era alto, na faixa dos um metro e oitenta, com um corpo que combinava firmeza com contornos arredondados. A sua figura era esguia mas não magra, e os ombros ligeiramente caídos. Parecia mover-se com economia, como convinha a um homem de meados dos sessenta, mas carregava-se com dignidade e confiança. Era cordial, mas tinha um toque de reserva associado às

graças sulistas, familiar de uma parte da minha infância passada no Kentucky. Era apropriado, neste contexto, que fosse tratado por todos exceto a família — até pela secretária — como Sr. Cayce, tal como ele a chamava Menina Gladys. A sua boca grande e cheia sorria facilmente e comandava o rosto, com o queixo ligeiramente recuado mas bem definido e a linha do cabelo a ceder espaço à idade. O olhar era nivelado e firme por trás dos óculos sem aros, e o cabelo penteado liso dava-lhe um ar composto e pensativo. Notei como eram grandes as suas orelhas e recordei que tais orelhas eram sinal de espiritualidade nas tradições budistas.

Os gestos não eram expansivos, mas tranquilizava-nos com a forma descontraída como fumava cigarros frequentes e se recostava na cadeira, bem como ao tomar a iniciativa na conversa. Não parecia estudar-nos excessivamente, nem tentar impressionar-nos. Havia uma resposta pronta nas suas expressões faciais dignas, e mantinha o centro da atenção quando falava. Dentro do seu modo contido parecia haver um homem tenso que não perdia nada, com abundância de porte natural e encanto, suficiente para tranquilizar até inquiridores desconfiados se assim o quisesse. A sua fala era medida, não apressada, e claramente sulista. Apenas algumas expressões coloquiais sugeriam limites à sua educação formal, em contraste com o seu amplo vocabulário funcional.

A sua esposa, Gertrude, era pequena e cativante, atraente mesmo nos seus sessenta anos. As feições graciosas sugeriam refinamento e beleza natural, tal como o corpo bem proporcionado e os movimentos contidos mas expressivos. Uma lente dos óculos estava baça, e recordei que perdera a visão do olho direito numa queda. Mas o rosto era tão alerta e focado, emoldurado no cabelo escuro a grisalhar, que se esquecia rapidamente o defeito no prazer do seu sorriso envolvente e da fala rápida. Parecia deferir ligeiramente ao marido, mas não por falta de confiança — antes por um temperamento mais contido e talvez pensativamente introvertido.

O seu humor provocador, que podia ser francamente alegre, e os comentários judiciosos tornavam-na fácil de conversar enquanto tateávamos o caminho para sermos naturais com pessoas que faziam algo absurdamente não convencional numa casa tão convencional. O cuidado e a fluência com que se exprimia num sotaque sulista, escolhendo as palavras e oferecendo ideias definidas, sugeriam uma intelectual mas também uma pessoa com tato feminino. Escutava os outros um pouco mais intensamente do que o marido parecia fazer. Cayce e a secretária chamavam-lhe por vezes Muddie, o que recordei ser um apelido familiar que perdurara muito depois de ter sido

inventado pelo seu segundo filho bebé como forma de dizer Mãe. O nome invulgar parecia celebrar a sua individualidade enquanto ainda acariciava as suas evidentes qualidades nutritivas. Aqui estava a proverbial mulher capaz por trás de um homem dotado.

Gladys Davis era de constituição maior e mais alta do que Gertrude Cayce, com um corpo não atarracado mas sólido, e apelativamente cheio e curvilíneo. Usava o cabelo loiro mel trançado à volta da cabeça, e os movimentos e gestos eram completamente femininos. Parecia estar nos seus trinta e tal anos, e recordei que era solteira, tendo posto de lado a vida conjugal por uma devoção de mente única aos Cayce e ao seu trabalho. Mas nada nela sugeria um futuro de solteirona, e perguntei-me brevemente como as três pessoas animadas diante de nós tinham evitado problemas com o seu encanto saudável. Sorria e ria como se fosse natural querer pôr-nos à vontade.

A sua fala tocada de dialeto sulista vinha em rajadas, como se procurasse a expressão certa, dando a impressão de romper uma barreira interior de timidez com a energia acumulada atrás do que queria dizer. Embora os Cayce a tratassem por Menina Gladys, o título era claramente apenas o seu nome, pois relacionavam-se com ela como membro da família, não como empregada. Ela, por sua vez, dava-lhes a dianteira na conversa, mas respondia às histórias e gracejos com comentários originais, não meras observações convencionais, o que mostrava uma mente independente e capaz que a tornava par no círculo familiar. Evidentemente tinha a melhor memória de todos eles, pois consultavam-na sem hesitação para fornecer detalhes necessários nas nossas trocas.

Quanto Vê Ele?

Durante a maior parte da conversa, os temas que abordámos absorviam-me. Mas de quando em vez notava um segundo fio de pensamento no fundo da mente. O que estaria Cayce a ver em nós? Julgar-nos-ia adequados para os papéis que planeara? A biografia notara que ele podia ver auras, ou padrões de cor à volta das cabeças e corpos das pessoas, e avaliar carácter e conflitos a partir delas, bem como ler mentes diretamente. Não havia indício de que usasse a segunda visão para ampliar ou alterar as perceções de superfície — sem semicerrar os olhos nem trocas hesitantes que sugerissem consultar uma visão interior. Ainda assim, a ideia de ser inspecionado nas reentrâncias da psique era desconfortável.

Captaria a minha dúvida sistemática, como parte da determinação de usar a minha formação académica em objetividade? Mostrar-lhe-ia um lado afável,

como fazia no ensino ou no trabalho dominical na igreja. Mas outro lado estaria atento a pistas que pudessem mostrar que ele estava desencaminhado ou autoiludido, ou a exagerar as suas capacidades. Notaria a minha suspeita de que pudesse ser presunçoso, impulsionado por um sentido de missão divina? Certamente alguém que conduzia uma atividade incrível num mundo cético, e capaz de pensar o impensável em conceitos de reencarnação, teria considerável autoafirmação na sua constituição. Devia-lhe a ele, e certamente ao mundo maior da universidade e da igreja, expor qualquer messianismo que encontrasse. E claro, se se revelasse ganancioso ou falhado no carácter, comercializando a capacidade, teria de expor isso também.

No entanto, mais profundo do que estas preocupações, que teriam de o irritar se lesse a minha mente, havia outra camada nos meus pensamentos: medos sobre a minha própria adequação. Captaria tendências na minha personalidade que eu não reconhecia ou preferia não pensar? Podia ver na minha suposta aura uma faixa vermelha para um temperamento forte. Ou talvez lampejos de cor para a sexualidade, não exatamente apagados pelo meu recente casamento com uma loira curvilínea de ascendência norueguesa, que cortejara com fervor durante vários anos.

Podia até concluir que a minha resistência ativista à autoridade arbitrária era colorida por rebeldia pessoal. Pior, podia descobrir que as minhas tentativas de ser objetivo sobre as suas capacidades eram em parte arrogância intelectual, destinada a equilibrar grande incerteza sobre a minha própria maturidade espiritual. Não fizera grande negócio com Deus fora de momentos na música coral ou na Natureza, embora tivesse pregado sobre Ele em alguma extensão. Cayce podia achar-me surdo aos tons interiores do seu trabalho.

Enquanto conversávamos, senti-me um pouco menos vulnerável. Ocorreu-me que a intuição relatada de Cayce devia ter-lhe mostrado muitas vezes nos outros o tipo de hesitação e medo momentâneos que ensombreavam os meus pensamentos (como mais tarde descobri que ensombreavam os de June). Devia saber bem, a esta altura, que pessoas com variadas necessidades de se provarem se aproximariam dele com dúvidas mascaradas e até estratégias para desmascarar as suas ilusões ou falhas. Parte da sua estranha vocação seria viver com correntes de suspeita desagradável. Também teria aprendido a tranquilizar os que se aproximavam dele de que não exporia subitamente o que visse neles de indigno. A sua vocação, se autêntica, não era invejável. Tinha de estar solitário a algum nível. Talvez aqueles que o chegavam a conhecer largassem não só as dúvidas, mas as ambições secretas de o usar. Se não o fizessem, ou não pudessem, então aqui estava um homem que só podia envolver-se com

segurança na sua própria casa. Essa limitação seria custosa ao seu sentido de identidade e valor, já abalado pela peculiaridade do seu dom.

A sensação de ele estar isolado sem pares ou apoio profundo fora da família regressaria muitas vezes nos meses seguintes, quando parecia cada vez mais alguém cuja capacidade teria sido bem-vinda noutra época ou cultura, mas uma figura fora de época na América moderna. As implicações eram sérias. Se outros que procurassem duplicar as suas habilidades também tivessem de ficar desajeitadamente sozinhos, mesmo entre amigos bem-intencionados, quem tentaria? Que tipo de pessoa poderia suportar o teste do estranhamento incessante, criado não só pela dúvida sobre capacidades invulgares, mas também pelo medo súbito da sua precisão penetrante?

O Seu Sentido da Violência Global

Fizemos conversa fiada sobre a nossa viagem num comboio tão lotado que soldados e marinheiros ficavam de pé nos corredores. Cayce falava com tal facilidade sobre Chicago e outras cidades no nosso percurso, bem como sobre carregadores, carruagens-restaurante e beliches, que depressa ficou claro que era um viajante sofisticado. Mais tarde viria a saber, em parte viajando com ele, quanto gostava de fazer viagens, e como (como a família dizia) conseguia fazer a mala em cinco minutos. Descobriria que estivera na maioria dos grandes centros urbanos do país, muitas vezes várias vezes, ao responder a apelos de emergência por ajuda, e ao procurar a melhor forma de servir com o seu dom invulgar. No momento, só podia notar como a imagem de um americano bem viajado colidia com estereótipos de um asceta indefeso e alheio ao mundo que o seu biógrafo católico sugerira levemente ao retratá-lo como vítima de um dom notável.

Depressa virámos as trocas para a guerra, comentando a estranheza do apagão total. Cayce falou com orgulho contido dos dois filhos no serviço militar, Hugh Lynn e Edgar Evans, um no estrangeiro e o outro a caminho. No entanto, ao descrever as suas missões, o rosto mostrou por um momento a perda aguda que sentia pela ausência deles. Parecia provável que os laços familiares fossem mais importantes para ele do que as normas sulistas já os tornavam. Ser um homem com uma vocação duvidosa aumentaria a sua dependência deles, e tornaria a distância sob perigo uma ferida persistente.

A gravidade da guerra envolvia-o profundamente enquanto continuava a falar. Contou dos militares que lhe escreviam frequentemente dos postos no estrangeiro, partilhando a ansiedade sobre o significado e destino das suas vidas e da nação. Alguns até perguntavam como enfrentar a própria morte ameaçada,

pois o conheciam suficientemente bem para creditar as suas capacidades invulgares, incluindo ver para além da morte. O que lhes aconteceria, queriam saber, nas primeiras horas após serem mortos, e como deviam preparar-se?

A maioria eram jovens das aulas de escola dominical que lecionara durante mais de cinquenta anos, ou filhos daqueles nas suas aulas nas igrejas de Virginia Beach, Selma, Alabama, ou no Kentucky. Tentava, ao responder a cada carta, disse, criar uma perspetiva útil. E rezava por aqueles a quem escrevia. Para ele, a humanidade passava por uma terrível provação e refinamento pelo fogo, tendo de aprender a confiar mais na realidade espiritual e na irmandade perante Deus. Cada indivíduo apanhado no conflito tinha de procurar as mesmas realidades finais.

As suas observações não soavam como sentimentos rituais de um professor de Bíblia, pois falava hesitante, como se procurasse imagens para a destruição impensável que nos oprimia a todos.

Quão profundamente se sentia parte dos tempos e responsável por influenciar os seus desfechos, em vez de ser um taumaturgo mental à margem, tornou-se ainda mais claro quando Gladys mencionou brevemente uma visão que viera a Cayce em 1936, anunciando o conflito mundial vindouro. Cayce estivera a trabalhar no seu jardim, onde adorava passar as horas fora do escritório, quando ergueu os olhos e viu um panorama abrasador de bigas vermelho-sangue a cavalgar pelo céu acima do oceano.

Ao seu lado surgiu subitamente um homem de túnica, elmo, armadura e grevas de tempos antigos, dizendo: «As bigas do Senhor, e os seus cavaleiros», antes de desaparecer abruptamente. Para Cayce, a visão significava a vinda da morte e da destruição à humanidade numa escala tremenda, e largou a enxada e correu para casa. Tremia tanto que o filho mais velho pensou que tinha um ataque cardíaco. E Cayce ficou tão afetado pela tragédia que vira que não conseguiu falar dela durante vários dias. Tal experiência podia ser psíquica. Mas estava longe de dar mensagens mediúnicas dos mortos num quarto escuro. Falava da profunda preocupação de Cayce pelos seus semelhantes numa era ominosa e sangrenta.

O telefone tocou várias vezes, e Gladys relatou chamadas de pessoas a pedir ajuda médica urgente. Acabara de ser informada, acrescentou, que a companhia telefónica estava a limitar as chamadas de longa distância recebidas, porque tantas eram feitas para Cayce que outros em Virginia Beach não conseguiam linhas para ligar para fora, e as restrições de guerra tornavam linhas extras impossíveis. Como, perguntámos, viam os locais Cayce, agora que a biografia

recentemente publicada o tornara uma figura pública? Por exemplo, como via o padre do outro lado da pequena igreja católica os esforços de Cayce? Cayce sorriu e sugeriu que olhássemos amanhã para as grandes velas gémeas em suportes, cada uma com mais de um metro de altura, colocadas para manter vigília apagada de cada lado da porta exterior do escritório. O padre trouxera-as discretamente há algum tempo como bênção e proteção. Não ficara muito, mas o encorajamento parecera sincero.

Quando falámos da Igreja Presbiteriana, onde Cayce tinha a sua filiação (pois não havia Igreja dos Discípulos ou Cristã na comunidade), virámos para a sua aula dominical de adultos de Bíblia ali, e levámos Cayce a falar das passagens que estava a lecionar atualmente. O meu maior receio era que fosse um pietista de prova-textual, citando versículos bíblicos como impecavelmente inspirados e capazes de prever eventos atuais, bem como ditar regras arbitrárias de comportamento. Afinal, era o primeiro homem que conhecia que memorizara a maior parte da Bíblia.

Mas o meu receio era infundado. Quando Cayce comparou o desarraigamento de milhões na Europa e Ásia ao doloroso exílio de Israel no seu tempo de humilhação e purificação, e quando falou da fome mundial por liderança referindo Moisés a guiar um povo errante pelo deserto do Êxodo, vi que olhava para a amplitude e peso totais do drama bíblico. Pecado e graça encontravam-se nos seus comentários. Oferecia nem otimismo superficial nem pessimismo calvinista, mas um realismo constante sobre o coração e a vontade humanos. Conseguia evocar com a perceção aguda de um fotógrafo as figuras lendárias dos relatos bíblicos.

Mas também via o panorama de um povo inteiro a tentar servir Deus, e a falhar tantas vezes quantas acertava. Aqui não havia fundamentalista arbitrário a exigir conformidade a pedras de toque doutrinais, mas um homem para quem a Bíblia era terra natal, povoada de parentes ambíguos seus, relatados em sagas tanto impulsionadas como nobres. Quando falava da responsabilidade de todos nós usarmos as nossas capacidades para ajudar os outros, enquanto os nossos destinos eram pesados e os espíritos esticados pela guerra, ficava claro que para ele a fé bíblica não era uma retirada presunçosa do mundo, mas um estímulo para nos tornarmos dignos da parte dos eventos confiada a cada um de nós.

Enquanto Cayce falava, algo familiar nele atraía-me. Era a semelhança com os missionários da minha infância na China, onde os meus pais tinham sido educadores. Aqueles que melhor conheci eram fazedores, não apenas evangelistas; eram professores, enfermeiros, engenheiros e médicos, determinados a ajudar a formar a liderança nativa entre aqueles que serviam em

vez de se tornarem indispensáveis. A sua fé tinha muita mundanidade prática, do tipo que Cayce evidenciava. Recordava o meu pai a trazer para a cozinha bebés abandonados nas muralhas da nossa cidade chinesa, onde eram deixados para morrer porque as raparigas eram tão pouco valorizadas; pacientemente, ele e a minha mãe traziam-nas de volta à vida. E ainda via os meus pais a desatar os pés de jovens chinesas, sabendo que a nova liberdade de movimento saudável seria comprada ao preço da alienação nas aldeias.

Tais missionários pensavam que podiam fazer diferença em alguma parte do globo ou em alguma necessidade humana que outros consideravam sem esperança. A combinação de oração e ação incansável tornava-os notavelmente vitais. Cayce parecia ter alguma da sua teimosa boa vontade e confiança. Não era de admirar que tivesse feito do seu negócio recrutar casais para serem missionários médicos em todas as igrejas onde lecionara, enviando-os para países subdesenvolvidos no que mais tarde seria chamado Terceiro Mundo. Enviava-se a si próprio no seu estranho transe para territórios da mente e do coração igualmente pouco conhecidos, mas marcados por necessidades humanas semelhantes.

Veio-me à mente o deleite da minha mãe, quando contou como Cayce arranjara para ela falar à sociedade missionária na sua igreja presbiteriana na ocasião da primeira visita. As suas cartas mencionavam o seu passado no estrangeiro, e ele agira prontamente. Quando chegou, anunciou que ela estava agendada para falar ao grupo missionário nessa manhã, e os seus protestos de que viera para testemunhar leituras foram inúteis. Cayce era bem claro nas suas prioridades: ela podia ouvir as suas leituras a qualquer momento, mas dirigir-se ao grupo sobre missões no estrangeiro era realmente importante.

Aquecia-se às nossas trocas, que gradualmente se tornaram uma série das suas histórias, contadas com habilidade dramática discreta e encanto. De facto, uma história seguia-se à outra tão facilmente que só pausava brevemente para nos sondar. Era um padrão que (mais tarde vim a saber) usava deliberadamente, para se impedir de captar informação psíquica indesejada sobre aqueles diante dele. Concentração aguda levava-o demasiado facilmente a ler mentes — e achava que isso não era da sua conta. O problema era o mesmo, viria a descobrir, que o impedia de jogar bridge, embora adorasse o jogo e fosse bom nele. Os jogadores concentravam-se tanto que ele conseguia ler as suas mentes, e a diversão desaparecia do seu jogo. Por fim, passara a inventar os seus próprios jogos de cartas, um dos quais fora o ruidoso concurso de licitações de *Pit* ou *Corner the Market*, que eu jogara muitas vezes em criança, como muitos da minha geração.

A nossa conversa virou naturalmente para a biografia de Cayce. Ao relatar a estranheza de a ter lido no contexto de um projeto de armamento, estudei o rosto de Cayce em busca de sinais de autoimportância. Evidentemente satisfeito com o livro, não estava tão fascinado por se ver impresso que não conseguisse falar de outra coisa. Mas agora que tinha finalmente considerável respeitabilidade pública, parecia razoável que se sentisse tentado pela grandiosidade. Estávamos a apanhá-lo no auge da vida. Se o sucesso fosse tanto um teste do carácter de uma pessoa como o fracasso, então estávamos ali no momento certo para descobrir o seu caráter essencial. Seria menos que humano se não se sentisse tentado a usar a nova posição para compensar desilusões passadas.

Orações ao Ouvido de Deus

Mas Cayce desviou a conversa sobre a sua fama com um sorriso: «A sua mãe quase nos arruinou.» Referia-se não só aos efeitos da sua resenha favorável na *Christian Century*, limitada a leitores eclesiais, mas ao impacto muito maior da história posterior sobre ele na revista *Coronet*, um periódico de banca amplamente lido — uma espécie de *Reader's Digest* com fotografias. O número com o artigo dela vendera mais exemplares do que qualquer outro na história da revista; os editores tinham-lhe dito que foram obrigados a requisitar uma ala inteira do seu andar num arranha-céus do centro de Chicago só para responder a cartas e chamadas sobre Cayce. Mas não estávamos preparados para o que vimos a seguir na casa de Cayce, como resultado desse artigo e da publicação da sua biografia.

Levou-nos a todos para a sala de jantar, agradavelmente convencional com o seu aparador de madeira escura e armário de porcelana a enquadrar a mesa e as cadeiras de costas direitas. Ali, empilhados à altura da cintura ao longo de todos os espaços vazios das paredes, estavam maços de cartas ainda nos envelopes, presos com elásticos. E quando passámos por uma pequena despensa para a biblioteca que formava o centro de três escritórios que constituíam a extensão da casa, mais cartas em envelopes, abertas e fechadas, estavam empilhadas a um metro de altura ao longo das paredes.

Cartas por via aérea e expresso, e até telegramas, estavam misturados indiscriminadamente entre os maços, frustrando as esperanças dos remetentes por atenção urgente numa inundação estonteante de correio. Todas estas comunicações acumuladas representavam milhares e milhares de pessoas. Os pacotes pareciam fitar-nos de forma reprovadora, e o efeito era como o toque de telefones sem resposta que viola os padrões de resposta de uma vida inteira. June e eu sentámo-nos desanimados.

Cayce explicou que já enfrentara antes um dilúvio de centenas e até milhares de cartas a pedir ajuda, quando em 1910 o *The New York Times* publicara uma peça sobre ele após um relatório numa conferência médica em Boston. Mas as indagações de então eram como chuva mansa comparadas com esta tempestade de respostas. Podíamos ver por nós próprios a ajuda de que precisava para substituir o filho mais velho, o seu principal ajudante antes de ser mobilizado.

Para começar, muitas das cartas continham dinheiro. Havia numerário em algumas, frequentemente uma nota de vinte dólares mas por vezes cinquenta ou cem dólares ou mais. Outras continham cheques, à espera de serem descontados enquanto os remetentes tentavam equilibrar as contas. Havia vales postais e ordens telegráficas. Cayce estava determinado a devolver todo o dinheiro, cada cêntimo. A sua política era oferecer o serviço de transe apenas àqueles que compreendiam exatamente o que estavam a receber. Cada buscador tinha de receber por correio um pequeno livreto que contava a vida e o trabalho de Cayce, e explicava o modesto mas real programa de investigação e educação da organização que patrocinava as leituras. Só se concordassem com os ideais e propósitos do esforço, e se inscrevessem como membros, podiam então pedir uma leitura — tudo por vinte dólares. Queria que as pessoas pagassem apenas o necessário, e mesmo esta quantia achava difícil cobrar. Há apenas algumas décadas ainda dependia de ofertas voluntárias pela sua ajuda — exatamente o que conhecera nas igrejas onde crescera.

Esta foi a minha primeira visão da honestidade e generosidade no manejo do dinheiro que veria em Cayce durante todos os meses seguintes. Muito mais tarde, ao inspecionar os seus registos, viria a saber que não só dava leituras gratuitamente a médicos e ministros, como não cobrava a até um quinto daqueles que procuravam a sua ajuda. Nem nunca cobrava a um devedor que prometera pagar mais tarde. Evidentemente depositava a confiança em algo além de práticas comerciais cautelosas.

Aqui estava também prova da sua relutância em se promover, ou em capitalizar o sofrimento alheio. Quando, nos meses que se seguiram, vasculhei todos os seus ficheiros e recortes, e questionei os seus associados, consegui encontrar apenas uma semana em que anunciara os seus serviços, vinte anos antes no Alabama. Confiava que aqueles que precisavam da sua ajuda o encontrariam, como certamente estavam a fazer agora.

Ficou claro que teríamos de contratar e supervisionar vários datilógrafos se quiséssemos processar todo este correio, juntamente com as centenas de cartas que se esperava continuassem a chegar todos os dias. Além disso, havia cartas a

enviar aos muitos que já tinham escrito uma segunda vez, juntando-se à Associação e pedindo uma leitura. Estas pessoas tinham de ser lembradas de que Cayce estava agendado com meses de antecedência, exceto nas emergências mais graves. Cada uma precisava de uma hora marcada para a consulta, e instruções para manter o período num estado meditativo de pedir ajuda ao divino. Não poucos precisavam também de encorajamento apenas para continuar a lidar com os seus traumas pessoais.

Evidentemente Cayce gostaria de encontrar um plano para poder escrever pessoalmente a cada inquiridor, sentindo uma responsabilidade por todos aqueles que se estendiam até ele através dos limites da realidade normal. Mas era uma esperança vã. Mesmo com um pelotão completo de estenógrafos a tomar as suas palavras, nunca conseguiria responder individualmente a tantas cartas. Ainda assim, podia-se simpatizar com o seu desejo.

Pois estas não eram cartas de fãs. Não eram, exceto em poucos casos, notas de curiosos. A maior parte eram relatos de necessidades genuínas e por vezes desesperadas. Cada uma contava de dor no centro de uma vida, fosse do remetente ou de alguém próximo, muitas vezes uma criança ou familiar. Não poucos envelopes vinham do estrangeiro, incluindo alguns em línguas estrangeiras mas a maioria no fino azul dobrado do V-Mail de bases militares. Uma nota manuscrita que peguei do topo de um maço começava: «Sr. Cayce, estou a morrer.»

Talvez se alguém estivesse ao ouvido de Deus e ouvisse as orações angustiadas de uma dada noite, descobrisse exatamente os tipos de clamores que estavam rabiscados e datilografados nestes milhares de cartas e telegramas. Cayce calou-se enquanto o resto de nós tirava cartas ao acaso e lia trechos em voz alta. Ficou claro que ele sabia onde recaía a responsabilidade de agir sobre toda esta necessidade. Quando falava de forma concisa era com um sentimento forte e contido, e dirigia-se a uma única questão: a dor. A sua promessa mais profunda, que via como o fundamento da sua capacidade, fora aliviar a dor dos sofredores. Aqui estava dor além da medida. Como haveria de cumprir a palavra?

Fiz notas, como fizera durante toda a noite. Uma carta era de uma mãe cujo filho estava na prisão, falsamente acusado, dizia ela. Outra estava escrita em caligrafia falhada por alguém com esclerose múltipla avançada, sem esperança de recuperação senão a perspetiva de se desintegrar lentamente como ser humano. Uma adolescente escreveu que estava grávida, e perguntava o que dizer aos pais e se devia confrontar o jovem prestes a ser pai. Um homem escreveu sobre as convulsões da esposa, que lentamente a afastava dele e dos quatro filhos. Uma pessoa idosa escreveu que estava a morrer de cancro,

perguntando como fazer a vida restante contar mais, se Cayce não pudesse prolongá-la. Uma mãe incluiu uma fotografia do filho desaparecido em ação no Pacífico Sul, suplicando a Cayce que o localizasse. Uma criança, sem conhecer os modos da ajuda de Cayce, explicou que o seu cão Scottie, o amor da sua vida, se perdera, e que precisava da ajuda invulgar de Cayce para o encontrar. Uma mulher escreveu sobre a irmã numa instituição mental, e esperava que Cayce pudesse encontrar uma cura para a tirar de lá e devolver à família. Um mecânico reformado rabiscou com mão trémula os seus cumprimentos cuja cordialidade ultrapassava a ortografia, «Melhores desejos», ao pedir ajuda para a artrite.

Começáramos a ler em voz alta das cartas de bom humor, para captar o seu conteúdo. Mas à medida que líamos mais, as nossas vozes começaram a esmorecer. Era demasiado. Quem suportaria todo este sofrimento?

Claro que algumas das cartas que lemos nessa primeira noite nos fizeram sorrir. Alguém queria saber o que fazer com dedos dos pés que «se enrolam quando têm frio». Uma mulher queria conselho sobre que cor tingir o cabelo para combinar melhor com os olhos. Várias procuravam orientação para escolher entre amantes ou possíveis parceiros, prontas a consultar Cayce sem hesitação em decisões tão ponderosas. Mas mesmo os pedidos pequenos, que traziam alívio por contraste com as necessidades heroicas, eram obviamente importantes para os peticionários: calos, mau hálito, roncos, pés grandes, seios pequenos e um patrão insuportável. Surpreendentemente poucas pessoas pediam para lhes contarem as vidas passadas.

Muitos que escreviam referiam a capacidade de Cayce como um dom de Deus. Alguns pareciam meramente piedosos, repetindo estereótipos. Mas outros não. Pareciam dizer: «O universo devia produzir exatamente o que estás a fazer. Assim que li a tua história, soube que era correto.» Fiz uma nota para explorar o que levava as pessoas a atribuir diferentes tipos de significado ao dom de Cayce (e mais tarde escrevi a minha tese de doutoramento sobre este mesmo tema). Mesmo que o conselho de Cayce se revelasse por vezes falhado, tinha uma oportunidade invulgar de ajudar aqueles que tão claramente lhe abriam o coração, derramando nas cartas o sentido renovado da bondade e proximidade do divino.

Mas a sua oportunidade de servir era também a sua ameaça. Gertrude explicou, quando perguntámos como poderia possivelmente agendar leituras para tantas pessoas à taxa de duas por dia, que tomara o hábito de comprimir várias leituras em cada período. Agora, às onze da manhã e às três e meia da tarde, dava duas ou quatro ou seis — ou mesmo mais, se fossem verificações curtas. Isso significava que ficava inconsciente cada vez não durante quarenta e

cinco minutos mas até ao dobro desse tempo ou mesmo duas horas. Ela estava obviamente preocupada, citando um conselho em transe há algum tempo que indicava que ele podia fazer com segurança duas a cinco leituras por dia quando em boa saúde. Sob as nossas perguntas, detalhou o perigo para o bem-estar do marido, e talvez até para a sua vida, ao tentar responder aos apelos em tantas cartas. Cayce virou-se e pôs-se a andar de um lado para o outro, evidentemente determinado a não se deixar deter.

Explicou que tanto de médicos como das suas próprias leituras tinham descoberto que o seu estado não era um simples transe hipnótico. Era uma mudança profunda em todo o corpo de Edgar, como veríamos. Tinham-lhes dito que era próximo de um coma de morte, com a maioria das funções corporais grandemente abrandadas ou suspensas. O seu trabalho diário era uma espécie de pequena morte. Tinham de ter cuidado para lhe dar uma sugestão precisa em cada sessão, mesmo antes de acordar, de que todos os processos vitais seriam restaurados ao normal, concluindo: «Agora, perfeitamente equilibrado e perfeitamente descansado, acordarás.» Uma vez, quando Gertrude apressara um pouco mecanicamente esta sugestão ao guiá-lo para fora do transe, uma voz irrompeu de Cayce com o aviso de que ele era como uma persiana esticada até aos limites absolutos. Um pouco mais de tensão e o dano seria irreparável.

De facto, houvera algumas vezes em que dera leituras demasiado cansado ou perturbado, quando não conseguiam acordá-lo com a sugestão hipnótica habitual. Em vez disso, a respiração tornava-se cada vez mais lenta, a cor da pele cinzenta, e os processos corporais evidentemente mais fracos enquanto tentavam freneticamente devolvê-lo à consciência. Duas vezes a família acabara de joelhos junto ao divã do estúdio, onde ele jazia mal respirando. Simplesmente rezavam em voz alta e choravam, porque não sabiam mais nada a fazer até ele finalmente recuperar.

De volta ao Projeto Manhattan parecera uma pequena questão que outros se determinassem a pagar o preço para fazer o que Cayce fazia. Agora isso era menos claro, e perguntei a Cayce se pensava que sucessores poderiam ser encontrados para partilhar esta carga com ele. Acenou com a cabeça, dizendo que as suas leituras o tinham prometido repetidamente. Mas, acrescentou, achava que muitos poderiam ser mostrados como obter as suas próprias respostas para os problemas em que procuravam a sua ajuda. Parte da minha tarefa (como fora do filho dele) seria estudar o seu transe em busca de pistas, e preparar materiais para futuros investigadores sobre esta mesma questão. Isso começaria no dia seguinte.

3. Quando Estou Ausente do Corpo

O que acontecia nas sessões de transe da manhã e da tarde, nos meses seguintes quando ouvi e tomei notas em cerca de seiscentas leituras de Cayce, foi um choque profundo. Nada poderia preparar adequadamente alguém para a quantidade de ajuda rápida que fluía do homem inconsciente.

Os procedimentos exteriores eram simples o suficiente. Cayce sentava-se no seu simples divã verde do estúdio na alegre sala com janelas, do outro lado da sala em relação à secretária e à pequena máquina de escrever portátil. Rezava, depois deitava-se e, passo a passo, ficava inconsciente. Falava em tom medido sobre cada pessoa ou necessidade para que a esposa, sentada ao lado, dirigia calmamente a sua atenção. Após uma hora ou mais de discurso e perguntas que a secretária registava em estenografia, regressava rapidamente à consciência, sem se lembrar de nada do que dissera, e levantava-se para retomar as atividades da sua correspondência e escritório atarefados. Tudo era feito à luz do dia e com simplicidade, tão naturalmente como se ainda estivesse a tirar retratos num estúdio fotográfico. Mas a simplicidade do processo não tirava o choque de o ver realizar dia após dia o que a nossa cultura dizia ser impossível.

Visitas Domiciliárias aos Desesperados

De certa forma, observá-lo era uma enorme aventura. O corpo estava na sala connosco, mas a consciência parecia estar noutro lugar. Parecia ir exatamente para onde era enviado — para uma cidade costeira da Califórnia, um subúrbio de Maryland, uma pequena cidade do Mississipi ou uma cidade fabril em Inglaterra — onde quer que fosse necessário nesse dia. Como um médico atarefado a fazer visitas domiciliárias e a telefonar de volta para o consultório, muitas vezes oferecia pequenos apartes sobre o que via ao localizar os pacientes: «Está a chover aqui», ou «Galo no quintal», ou «Pijamas muito bonitos», ou «Consegue-se ver a capital daqui». Por vezes fazia comentários em voz baixa sobre a pessoa que ia aconselhar: «Que tipo!» ou «Tem sido uma pessoa muito adorável», ou «Que confusão, mas que alma bela e talentosa!» ou «Não há muito a fazer aqui senão ajudar a alma a deixar o corpo.»

Os seus apartes em meia-voz, cuja precisão nítida fora verificada centenas e centenas de vezes ao longo dos anos (mas que verifiquei prontamente por mim mesmo, com cartas e chamadas), preparavam o palco para o alto drama do conselho formal detalhado que se seguia. Muitas vezes os pequenos comentários, tão precisamente exatos como impossíveis de explicar por meios normais, asseguravam aos buscadores que ele realmente estava em contacto com eles. Claro que algumas das suas observações eram inverificáveis, embora

acrescentassem ao nosso sentido de aventura pelo tom factual, como «Não sozinho mas acompanhado por muitos além dos visíveis a olho nu.»

Pessoas de variadas posições e caminhos de vida fluíam para a sua visão de longo alcance, uma de cada vez. Apenas nos primeiros dias dirigiu-se a uma secretária, um oficial do Exército, uma dona de casa, um editor de jornal, um fabricante de gelo, um supervisor de fábrica e uma pianista. Também atendeu um tutor, um vendedor, um mecânico reformado, um presidente de banco, um bebé, um pregador leigo, um realizador de cinema, um diplomata, um estudante, um empregado de posto de gasolina e um recluso de asilo. Onde mais se encontrariam contrastes tão impressionantes? Dada a estratificação social, eram improváveis num único consultório médico. Mas muitos podiam aparecer num registo civil ou num funeral — algum lugar onde o destino humano comum nos chama a todos.

Ao princípio apenas tomava notas em espanto, atordoado pela atividade invulgar. Mas em poucos dias a minha atitude começou a mudar sob a pressão de necessidades tão graves. Três morreram dias após receberem as leituras. Cayce recomendou cirurgia cerebral para uma menina de seis anos, e cirurgia à garganta para uma mulher de cinquenta. Observou calmamente que o corpo e a mente de uma idosa estavam apenas a agarrar-se à vida, mesmo enquanto falava. E disse a um homem de quarenta e seis anos com hipertensão e quase cegueira que a sua condição só podia ser contida mas não removida. Os sentimentos ao ouvir passavam de assombro a compaixão, impulsionados pela dor evidente dos sofredores, até que a observação fascinada dava lugar ao desejo alerta de ser útil. O intelecto sozinho, pensei, requer os seus rótulos, as suas construções, os seus triunfos de compreensão e previsão. Quer reduzir os eventos a tamanho manejável para os agrupar com fenómenos semelhantes e pronunciar generalizações. Isto era demasiado cru, demasiado rápido, demasiado abrangente, para deleitar a mente. Estar na sala era como estar no local de um acidente, ou à cabeceira de alguém gravemente doente. O que se pergunta é como ser útil.

Mais comuns do que os casos terminais nos primeiros doze ou mais dias eram aqueles com condições crónicas que haviam esgotado os sofredores até aos limites. Um homem de cinquenta e oito anos tremia constantemente com a doença de Parkinson, uma mulher de quarenta era alcoólica psicótica, e uma idosa de setenta e três era senil e fraca, enquanto uma jovem dona de casa de trinta e seis estava desesperada com asma. Um homem nos trinta arrastava a perna por esclerose múltipla, e um trabalhador da construção tinha uma neurose de ansiedade crónica (cujas origens Cayce surpreendentemente traçou a uma

lesão na coluna por um taco de basebol). A gravidade destas condições tornava abundantemente claro com que frequência as pessoas recorriam a Cayce após tudo o resto ter falhado. Uma mulher reformada sofria de espirros incontroláveis, um bebé gravemente atrasado estivera dentro e fora de hospitais, uma mulher de sessenta era paranoica e pensava que Cayce a atacava telepaticamente, e uma mulher de meia-idade tinha artrite progressiva (entre as múltiplas recomendações de tratamento de Cayce para ela estava veneno de cobra).

Enquanto um caso era uma jovem estudante impotente para parar manchas brancas a espalharem-se na pele, outro era um militar nos quarenta que suportara enxaquecas durante vinte anos, e um terceiro uma mulher idosa com tumores a caminho da malignidade. Outros extremos médicos que emergiram quase de imediato foram surdez, cegueira, paralisia por acidente de automóvel e epilepsia. Era um alívio ver casos menos ameaçadores aparecerem de quando em vez entre os outros, embora estes muitas vezes implicassem as suas próprias dificuldades para pessoas com vidas constrangidas: infeção na vesícula, erupção cutânea crónica, neurite, tensão arterial alta e órgãos pélvicos desalinhados.

Qualquer que fosse a incapacidade, o indivíduo recebia uma revisão cuidadosa da saúde do corpo total, sistema orgânico por sistema orgânico, focando no problema médico primário e seguida por um regime de tratamento completo para reconstruir a pessoa total — abrangente no detalhe, equilíbrio, complexidade e adaptação ao indivíduo. Ao lado de medicamentos específicos havia massagens, cirurgia, dietas, compressas e emplastros, bem como aplicações elétricas, exercícios, osteopatia e, não raramente, trabalho prescrito em atitudes e emoções, juntamente com outras intervenções que iam de viagens oceânicas a oração. Como a maioria dos sujeitos de Cayce já estava sob cuidados médicos, ele tomava cuidado em avaliar a eficácia dos fármacos e outros tratamentos em uso, explicando porque modificações ou substituições poderiam ser necessárias.

De quando em vez especificava um tratamento completamente não convencional nestas primeiras leituras que ouvi, como quando disse a uma mulher com cancro que só podia ser retardado, mas detalhou um procedimento com um íman «forte o suficiente para levantar um prego de caminho de ferro». Para um pequeno número daqueles com aflições crónicas oferecia, juntamente com medidas de tratamento, a explicação de que as causas do seu sofrimento eram em parte cármicas das vidas anteriores — significando que, em última análise, uma lição de crescimento da alma devia ser procurada na doença

juntamente com alívio dos sintomas (uma perspetiva que não hesitava em usar também sobre incapacidades não ligadas a vidas passadas).

Viagem no Tempo para Alto Propósito

No meio do fluxo de sofrimento físico, o conselho vocacional e psicológico, ou leituras de vida, oferecia algum espaço para respirar. Estas tinham representado até um em cada cinco pedidos formais de ajuda a Cayce desde a publicação da biografia. Claro que aqueles que aconselhava neste modo não estavam sem problemas. Solidão e confusão estavam muitas vezes representadas nas cartas a pedir ajuda, ao lado de conflitos matrimoniais, indiscrições sexuais, doenças mentais, humores negros e fracassos empresariais. O próprio Cayce fornecia a gravidade em alguns casos, como quando disse aos pais de um bebé de dez meses para terem cuidado especial para que a criança não se afogasse novamente, como fizera numa vida anterior.

No entanto, a mesma leitura assegurava-lhes que o rapaz tinha talentos para uma carreira em engenharia química ou elétrica. O irmão, de três anos, foi o único indivíduo que ouvi receber um nome famoso da história nos primeiros meses a ouvir tais leituras. Cayce disse que fora Gladstone de Inglaterra e que um dia poderia servir bem como secretário de Estado dos EUA, acrescentando detalhes do seu serviço em vidas passadas como conselheiro imperial em Roma, governador na Pérsia e emissário para o antigo Egito da Indochina.

Foi um alívio ouvir esta última leitura dizer aos pais para trazerem a criança de volta para mais conselho aos dezasseis anos. A menos que Cayce tivesse na sua visão de transe sucessores que não conhecíamos, ainda deveria estar a dar leituras quando se aproximasse dos oitenta. A mesma implicação estava numa leitura para uma criança de três anos em Nova Iorque, que surpreendentemente não recebeu encarnações nenhumas na leitura de vida. Os pais foram instruídos a trazer o rapaz de volta para mais conselho daqui a dez anos, após garantirem que não deixariam a criança ditar os termos da própria vida. Talvez Cayce estivesse destinado a estar por mais tempo do que as pressões sobre ele nos seus sessenta e tal anos sugeriam.

O material de reencarnação, abrangendo séculos e tocando todos os aspetos das personalidades que Cayce aconselhava, era desconcertante de avaliar, embora muitas vezes parecesse encaixar bem na pessoa cuja correspondência podia ser comparada com a leitura. Se em transe Cayce usasse o material de vidas passadas simplesmente como enquadramento projetivo para analisar e motivar as pessoas, fazia-o com bastante habilidade. Mas as cenas eram exigentes de visualizar. Apenas uma sessão matinal apresentou contrastes

tão extremos como as areias de uma caravana beduína, as florestas de um caçador americano primitivo, o combate sangrento das Cruzadas, os salões silenciosos de um templo chinês e uma cabana de tecelão na Irlanda.

Como estas leituras resumiam muitas encarnações passadas com o comentário «Aqui a entidade ganhou», ou «A entidade perdeu nesta experiência», ou notavam alguma combinação de ganho e perda no crescimento da alma, era razoável comparar vocações e estações de vida em que o Cayce em transe via as pessoas a fazer progressos maiores. Havia saudações à esposa de um estalajadeiro colonial americano, uma treinadora de futuras mães num templo egípcio, uma emissária para África da Grécia helenística, uma enfermeira num antigo hospital persa, uma ajudante de Thomas Paine, uma companheira de um líder inca, um monge primitivo, uma decoradora de templos indochineses e a filha de Ciro «apaixonada pelo copeiro do rei, Neemias». Evidentemente não havia divisão fácil entre chamadas seculares e sagradas, alta e baixa estação, masculino ou feminino, educado ou ignorante, que marcasse o crescimento das almas que Cayce relatava. Não havia hierarquia de castas de camponeses a brâmanes, como a Índia concebera há muito. Em vez disso, a qualidade de cada vida, qualquer que fosse a circunstância, parecia captar a sua atenção.

Mas interesses, uma vez desenvolvidos, eram muitas vezes descritos como surgindo em vidas sucessivas por algum tempo, embora Cayce insistisse que as almas tinham livre arbítrio para se desenvolverem em muitas direções, como plantas com rebentos e flores variados. Uma mulher agora nos cinquenta, por exemplo, foi encorajada a tornar-se diretora de educação física para raparigas adolescentes. Anteriormente, disse, vivera em tempos coloniais no mesmo vale Mohawk de Nova Iorque onde nascera desta vez. Ali ajudara a desenvolver «mães de corpo forte e cintura longa», enquanto numa encarnação nórdica anterior se focara num desenvolvimento diferente do seu sexo, ao «espalhar o evangelho da mulher escolher o companheiro por si mesma».

Nem todo o conselho de Cayce nestas leituras de vida era solene. A leitura para a mulher do vale Mohawk estava cheia de bom humor, lembrando-a de que quando mais jovem jogara bom ténis e que devia continuar, mesmo na sua idade. E uma jovem operadora de ditafone cujas vidas passadas traçou com cuidado foi informada de que, quando a guerra presente acabasse, poderia cantar-se até à glória com a sua voz talentosa, desenvolvida noutras existências. Quando perguntou quanto da confusão na sua vida presente era atribuível a uma perturbação ginecológica, o homem em transe respondeu vivamente com óbvia malícia e um toque de sorriso: «Quarenta e três vírgula sete décimos por cento!» Evidentemente não estava prestes a fomentar fatalismo.

Mais difícil de conceptualizar eram causas de vidas passadas que produziam aflições ou circunstâncias angustiantes presentes. Como poderia o universo estar organizado para as trazer? Uma mulher agora desconfiada do marido, por exemplo, foi informada de que fora trocada por ele por tabaco num forte americano primitivo, mas que numa vida ainda anterior fora infiel a ele. «Só nos encontramos a nós mesmos», insistia a leitura. Poderíamos todos recordar vagamente tais traições por vezes? Que parte de nós faria a recordação?

Outra mulher, nos quarenta e com dificuldade em encontrar marido, foi informada de que parte do problema era ter mudado de sexo frequentemente de vida para vida, e ter dificuldade em se fixar numa identidade feminina desta vez. Mas o conselho acrescentava o encorajamento críptico de que já encontrara o homem certo, e só tinha de o apanhar. As recomendações eram muito mais sérias quando um líder no mundo editorial, de uma família distinta, foi informado de que ajudara a trazer o colapso de uma civilização antiga, e mais uma vez teria a oportunidade de fazer «para o sucesso ou para nada». A tarefa de investigação em acompanhar estas alegações parecia enorme.

Era mais fácil imaginar o desdobramento de talentos ao longo de supostas vidas, pois aqui um modelo da natureza parecia funcionar. Algo cuidado e bem utilizado no jardim de uma vida podia esperar florescer noutra. Um empresário sulista próximo da reforma foi informado de que outrora interpretara para um sumo sacerdote no Egito, e que agora devia formar-se e ser ordenado para, no seu novo lazer, mergulhar no trabalho eclesial de que gostava. Uma mulher descrita como diaconisa na Igreja Primitiva, que argumentara contra Paulo em favor do casamento, foi aconselhada a reconciliar-se com o homem que agora amava e a construir o lar de que falara. Uma jovem estenógrafa de Nova Iorque foi instruída de que, num século anterior, chegara à América Francesa do Sul, e que agora devia aprender francês.

Após a guerra teria oportunidades excitantes para uma vida e carreira em França: «só não te deixes guiar por homens!», como acontecera então. Para um artista, Cayce começou a leitura com a observação: «Outrora um cossaco maravilhoso e montava a cavalo!» Depois mostrou ao homem como combinar os seus múltiplos talentos com tecidos, edifícios e representação, mas advertiu-o de que tinha demasiado ego para se dedicar à hipnose, que o tentava atualmente. E numa leitura bela que nos emocionou ao ouvi-la, um homem de meia-idade ao serviço do governo britânico, estacionado nos EUA, foi informado de que outrora ajudara William Penn a trazer refugiados para este país. Depois foi descrito como tendo estado frequentemente com Jesus há séculos, como um dos setenta enviados por ele. Hoje, a bondade essencial do homem apesar da

sua autodesconfiança asseguraria que voltaria a «encontrá-Lo no caminho». Com ternura, a leitura dirigiu-se ao homem no fecho como «meu filho», e exortou-o a ser não só o estadista na sua vocação presente, mas um «mensageiro de esperança do Mestre, mesmo Jesus o Cristo». Muito mais tarde obteria uma pista sobre porque o envio dos setenta poderia significar tanto para Cayce, a partir da descrição de uma vida passada sua.

Se não fosse a atenção dada aos valores últimos, teria sido fácil ver estas leituras de vida como imaginação colorida. Mas Cayce usava-as para negócios sérios. Muitas vezes empregava-as para enunciar princípios, como «Só conservamos o que damos». Noutras ocasiões o conselho era ousadamente prático. Uma mãe foi encorajada a deixar o filho ir, porque era a escolha profunda dele. Uma esposa foi informada de que bem poderia divorciar-se do marido após os filhos concordarem em ficar com ela, mas que não o devia julgar pelas ações. Uma secretária de um presidente de banco que tentava tomar decisões de vida foi lembrada de que as quintas-feiras eram habitualmente os seus dias maus e que devia evitá-las para tal reflexão.

Depois uma empresária de Ohio foi abruptamente recusada qualquer informação de vidas passadas, e severamente aconselhada a dedicar-se à caridade. Quando escreveu a objetar que a leitura estava defeituosa, Cayce devolveu prontamente a sua quota de membro. Um jovem engenheiro foi guiado a procurar emprego em Bridgeport, Connecticut, e depois recebeu um ensaio sobre como a General Electric nessa altura era uma corporação «quase com alma» (surpreendente para alguém com as minhas atitudes de organizador laboral em relação às grandes empresas).

Um editor interessado no campo psíquico foi encorajado a prosseguir com a sua revista sobre os mistérios da mente, mas a manter-se afastado do espiritismo. E um realizador de cinema, considerando como poderia ajudar ativamente a Associação que patrocinava o trabalho de Cayce, foi dito para primeiro se convencer dos seus propósitos e ideais; se estes não lhe respondessem, não devia ter nada a ver com ela. O conselho de Cayce evidentemente não se interessava em se promover.

Para dar sentido a todo este material, seria preciso lidar com uma enorme gama de variáveis inconscientes. Como se viu, passaram vinte anos até eu encontrar ferramentas profissionais para começar a explorar a reencarnação no contexto da psicoterapia, usando uma perspetiva junguiana e procedimentos como estudo de sonhos, imaginação guiada com música e testes projetivos, juntamente com inventários de interesses, atrações e repulsas. Mas no meio dos extremos da guerra, toda a empresa parecia verdadeiramente intimidadora.

Antes de Mais uma Clínica de Emergência

Além disso, cada hora dada a tal arqueologia psicológica era uma hora tirada a alguém que esperava como numa fila invisível fora do estúdio de Cayce, sofrendo de leucemia ou pólio, ou suando de febre ou tossindo com tuberculose. O trabalho de Cayce era decididamente médico. Tudo o que faltava para tornar a sua casa e escritório um centro clínico de tratamento era o cheiro a antissépticos e alguns batões brancos. Tudo de importante se moldava em torno do alívio da dor: o correio, as chamadas telefónicas, a pequena mas crescente investigação, a conversa mais séria do dia, uma visita não publicitada de um médico ou enfermeira. A casa de Cayce podia ter sido uma estação de emergência montada perto de uma catástrofe, acolhendo cada um que chegava com uma ferida ou dificuldade.

Isto não lhe era imposto pelas circunstâncias, mas vinha da sua própria escolha e propósito. Estava certo de que o seu dom estava enraizado no serviço direto aos necessitados. Se se afastasse demasiado disso, poderia em breve distorcer-se ou murchar. Para ele os transes não eram apenas o seu poder privado, mas parte de um circuito muito maior do que ele, que chegava de uma fonte invisível e transcendente de bondade diretamente às crostas ou cãibras, tumores ou dores, partos ou mortes de alguém. Se o relâmpago da ajuda no nosso meio também iluminasse por vezes o céu distante, de modo que vidas e mistérios da alma pudessem ser vislumbrados, isso era um bónus. Mas para ele o negócio central era o serviço médico. Ao ouvi-lo, interrogava-me se o ministério urgente aos que sofriam de dor o ajudava a manter a sanidade numa vocação totalmente improvável que lhe trouxera extremos tanto de escárnio como de adulação.

Poderiam as suas prioridades ser invertidas após a morte por aqueles atraídos para estudar as transcrições das suas leituras? Podia ser transformado num revelador de verdades arcanas, com o seu trabalho de aliviar o sofrimento físico dos outros empurrado para segundo plano. Havia abundância na história de seitas e movimentos, incluindo a transformação do trabalho do jovem curandeiro e mestre ativo de Nazaré, para indicar quão rápida e decisivamente tal mudança podia ocorrer. Como acontecera nas igrejas, futuros estudantes de Cayce podiam achar demasiado frustrante, exigente e dispendioso focar em órgãos falhados, lesões dilacerantes, partos danosos, febres crónicas, convulsões e esquizofrenia. Onde Cayce talvez quisesse um hospital para cegos ou surdos, outros podiam preferir remover a cegueira ou surdez dos seus semelhantes para mistérios metafísicos do renascimento. Poder e sabedoria

empurravam-se eternamente para além das suas raízes de cuidado, como trepadores sociais sem mente.

Observar Cayce ao trabalho era como fitar uma chama, deixando a mente momentaneamente entorpecida. Pois apesar das alegações perplexas de vidas passadas, demasiado do que produzia era realidade que nós e outros podíamos verificar. Os dados médicos exatos incessantes, os detalhes adequados da história individual, personalidade, talentos, relacionamentos e escolhas eram estonteantes. Se Cayce não me tivesse pedido para tornar as sessões de transe parte do meu trabalho, talvez me tivesse absorvido na correspondência acumulada, ou na edição do pequeno *Bulletin* mensal da Associação, ou na adição a livreto sobre doenças específicas tal como as leituras as viam.

(Tínhamos coleções sobre apendicite, artrite, resfriado comum, epilepsia, febre intestinal, esclerodermia, infeção por estreptococo e esclerose múltipla.) Então podia ter assistido aos períodos de transe de vez em quando, e contentar-me com ficar maravilhado e estimulado. Mas Cayce chamava-me ao seu estúdio às horas marcadas todos os dias, e eu largava os meus projetos, preparando-me para estar tão calmo e alegre quanto possível perante o que era necessariamente tão abalador para a minha visão de mundo da Universidade de Chicago, e portanto para o meu sentido pessoal de identidade, como era aventureiro.

Fazer Perguntas ao Invisível

Cayce atribuiu-me uma tarefa no meio da ação, garantindo que eu soubesse mais sobre cada caso à medida que surgia para leitura do que qualquer outro no escritório. O trabalho era preparar as perguntas a serem feitas a Cayce pela esposa, no fim de cada leitura quando a voz constante indicava: «Pronto para perguntas.» Ao comparar os discursos com o que estava nas cartas já enviadas por cada pessoa, muitas vezes ao longo de muitos meses, e não raramente suplementadas por notas de chamadas telefónicas, seria possível estudar com algum cuidado os pontos fortes e fracos do seu conselho. Fazer mapas e modelos da operação também seria natural, procurando o que a fazia funcionar melhor. Pois uma leitura advertira sucintamente que a norma para a sua ajuda devia ser «informativa, construtiva, esclarecedora, mas prática».

Depressa ficou claro que tipos de perguntas obtinham respostas úteis. As mais úteis ao inquiridor extraíam informação fresca não fornecida no corpo principal da leitura. Questões podiam ser descartadas que a experiência mostrava serem cobertas de qualquer modo, e as restantes cuidadosamente arranjadas, colocando as mais prementes primeiro, pois nenhum de nós podia

prever quantas perguntas o homem inconsciente responderia antes de passar rapidamente para a próxima leitura ou terminar a sessão.

Habitualmente havia perguntas apropriadas sobre questões laterais intrigantes em saúde, assuntos empresariais ou relacionamentos. «Porque tenho perturbações digestivas desde que magoei as costas?» «Porque tenho tanta dificuldade com matemática, sendo um bom aluno?» «Como posso guiar a minha filha, que me parece tão teimosa?» Tais preocupações, muitas vezes urgentes para o buscador, eram propensas a obter respostas pacientes de algumas frases, se o tema não tivesse sido já coberto na leitura (como as preocupações centrais tipicamente eram). Menos propensas a ser respondidas eram perguntas à margem da necessidade real.

Uma vez que as pessoas tinham Cayce na linha, por assim dizer, bastantes sentiam-se tentadas a obter toda a informação e orientação possíveis. Perguntavam sobre verrugas, sobre sonhos, sobre propriedades imobiliárias, sobre experiências psíquicas ou sobre perspetivas matrimoniais. Cayce não era propenso a misturar tipos radicalmente diferentes de conselho, como responder a questões vocacionais numa leitura médica. «Não temos isso» podia ser a sua resposta abrupta. Significava que a sugestão de abertura dada para um tipo particular de leitura não o colocara em contacto com alguma outra área da atividade ou relacionamentos do indivíduo. Conselho médico não estava disponível em leituras de vida, e vice-versa. Procurariam no seu banqueiro ajuda de alfaiataria?, perguntava ele?

No entanto, se estivesse expansivo em transe num dia particular, ou se algo o tocasse no espírito do buscador (que podia notar-se no tom da sua voz), podia oferecer pelo menos uma resposta parcial em qualquer questão importante para o bem-estar da pessoa. Assim o desafio era formular e reformular as perguntas com cuidado, transmitindo o melhor espírito das cartas. E era necessário manter os meus próprios interesses fora da troca, não enviesando perguntas para extrair explicações que queria. Várias recusas contundentes ensinaram-me a esforçar-me mais para ser um canal destacado de ajuda.

Era reconfortante que Gertrude estivesse a percorrer as perguntas datilografadas ao colocá-las ao marido no seu estranho estado. Saltava as que já tinham sido respondidas no corpo da leitura, e por vezes inventava perguntas esclarecedoras suas. A sua determinação em subordinar o seu próprio intelecto capaz era impressionante, ao procurar não se intrometer e ser a ajudante «passiva» que as leituras indicavam dever ser o seu papel. Punha de lado as emoções também, para não reagir a um buscador particularmente exigente ou oficioso, representado por carta ou ocasionalmente presente em pessoa para

uma leitura. Um sonho profundo que contou retratava-a a recolher conchas únicas na praia, como adorava fazer. A leitura feita sobre o sonho interpretou-o como ela suspeitava: estava a ser encorajada a ver cada buscador com admiração apreciativa e respeito, como fazia com as conchas. Podia-se adivinhar facilmente quão crucial esta mulher devia ter sido na vida e no trabalho de Cayce, e porque as leituras se tinham tornado mais plenas e claras após ela assumir o trabalho de «condutora», que fora passado a muitos nos anos antes da mudança para Virginia Beach há quase duas décadas.

Nada no meu trabalho com perguntas oferecia qualquer aviso do que saía dos lábios de Cayce em alguns dias quando a pressão era maior para servir pessoas em rápida sucessão. Habitualmente Gertrude lia-lhe as perguntas em voz alta, uma de cada vez, e ele repetia-as metodicamente antes de responder. Mas nesses dias Cayce chegava ao período de perguntas e simplesmente descia a lista datilografada, respondendo a cada questão por ordem sem esperar que a esposa a colocasse. Depois instruía-a a passar para a próxima leitura, enquanto nós nos entreolhávamos atónitos. Não havia forma de ele ver a folha de perguntas. Os olhos estavam cobertos, e o pequeno maço de correspondência nas mãos da esposa estava claramente fora da sua linha de visão de qualquer modo. Parte da sua consciência parecia estar presente com uma pessoa em Denver, ou Bangor, ou Miami, ou Seattle, a julgar pelos relatórios prontos e detalhados. Mas parte da sua mente ainda estava na sala connosco, percorrendo papéis invisíveis na mão da esposa.

Uma segunda tarefa que me foi atribuída era escrever para o homem em transe precisamente onde encontraria cada indivíduo. Para ajuda médica isso significava dar-lhe o endereço exato da rua, e por vezes um apartamento ou escritório nessa localização. No passado mostrara que, se dirigido ao lugar errado, descreveria pacientemente em detalhe completo e exato — até à pintura nas paredes e ao enchimento de um colchão — enquanto procurava a pessoa. Mas quando devidamente guiado, repetia após a esposa o endereço completo, e depois parecia mover-se como em órbitas estreitantes ao citar em voz alta o estado, depois a cidade, depois a rua e o edifício, concluindo muitas vezes com um aparte sobre o que observava no local antes de afirmar firmemente: «Sim, temos o corpo.»

Para uma leitura de vida precisava da hora e local de nascimento, que seguia até ao ponto de um aparte não infrequente sobre como nevava nesse local no dia do nascimento, ou como o parto fora complicado, ou como a cidade era grande e o que se via das montanhas dali. Depois concluía: «Sim, temos os registos.» Para aqueles que o pediam, fornecia o hospital e a hora exatos do

nascimento, oferecendo mais um item surpreendente que podíamos depois verificar.

Havia complicações coloridas. Um endereço que forneci para um homem em Los Angeles era um que mais tarde descobrimos ser incorreto. Cayce comentou prontamente que era o endereço errado, e a esposa sugeriu hesitantemente que tentasse localizar a pessoa de qualquer modo. Com algo como um gemido observou de Los Angeles: «Lugar imenso!» Após uma longa pausa encontrou o homem no enorme emaranhado urbano, e prosseguiu com a leitura, cheia de detalhes pessoais exatos.

Por contraste, as instruções eram um pouco demasiado específicas em direções de estrada para uma quinta no Minnesota, exatamente como se Cayce devesse conduzir até lá a partir de uma cidade próxima e autoestrada numerada. O último trecho de estrada de terra segundo a correspondência era «uma milha e meia». Cayce encontrou o estado, a cidade e a autoestrada como habitualmente, mas depois corrigiu a distância final para uma milha e dois quintos. Quando perguntámos à família do buscador sobre a discrepância, responderam que Cayce estava correto, pois tinham arredondado a distância, como disseram, «para que não ficasse confuso».

Da nossa perspetiva ele não era facilmente confuso. Para um homem em Nova Orleães o Cayce inconsciente pronunciou o nome da rua no que soava como francês. Inclinando-me para Gertrude do outro lado da sala na secretária de Cayce, repeti apressadamente duas vezes o que pensava ser a pronúncia certa, que ela deu ao marido. Ele manteve a versão francesa (uma que mais tarde descobrimos ser correta para o uso local de Nova Orleães) e perguntou vivamente: «Quem está a dar esta leitura?» Apesar de estar em transe, estávamos evidentemente a lidar com um processo mais do que hipnose mecânica. Algum tipo de agência ativa, alguma inteligência de vasto alcance, parecia tanto seguir-nos como liderar-nos.

Mantinha-nos em Mente

O que quer que fosse, mantinha-nos de perto sob vigilância.

Gladys estava sentada a vários pés dele, fazendo as suas notas num bloco estenográfico numa mesinha. Cayce nem sequer conseguia ver o bloco sem se erguer do divã, quanto mais ler as suas inscrições rápidas e crípticas de cabeça para baixo. Além disso, não sabia estenografia. Mas não hesitava, embora as ocasiões fossem invulgares, em corrigir a ortografia, a pontuação, a paragrafação ou os termos médicos dela. Os olhos dela faiscavam de surpresa e humor quando parte da consciência dele monitorizava o seu trabalho cuidadoso,

após mais de vinte anos a servi-lo. A perfeição não parecia ser o seu objetivo tanto quanto o cuidado com detalhes importantes. Havia algumas palavras que o homem inconsciente habitualmente pronunciava mal e ela corrigia para ele, como «aggrandizement» por «aggrandizement», e «obogdulla mengata» por «medulla oblongata», ou «morstle and petar» por «morteiro e pilão» do farmacêutico. Não se incomodava com estas. Mas interrompia-a quando o uso de um i por um e, por exemplo, pudesse mudar o significado de um termo médico, ou uma vírgula mudar a intenção de uma frase.

Como nos mantinha sob vista também se mostrava quando respondia às minhas próprias perguntas não ditas. Após estudar a correspondência de um indivíduo, muitas vezes queria compreender como uma lesão nas costas afetara a visão da pessoa, ou porque certos alimentos precipitavam ataques de um jovem, ou porque uma mãe e filha eram tão fortes rivais pelas atenções do marido/pai. Sentado do outro lado da sala dele, com o bloco aberto e a caneta a correr, tentava abreviar termos técnicos e sublinhar fatores chave numa doença, personalidade ou estrutura de leitura.

De quando em vez os meus pensamentos disparavam com um espontâneo «Porquê?» quando Cayce ligava um ponto frio no abdómen de uma criança a crises epiléticas, ou traçava a doença mental de uma mulher a uma queda no cóccix no fim da coluna, ou descrevia a surdez de um homem como consequências cármicas de ter «virado um ouvido surdo» aos apelos dos outros numa vida anterior. Havia perguntas semelhantes quando uma leitura se tornava subitamente eloquente, após prosseguir como discurso destacado. Mas nada dizia e não parava de escrever, apenas pensando as perguntas. No entanto, por ocasião, quando o homem em transe parecia estar num humor expansivo, pausava, dizendo: «Quanto à pergunta que está a ser feita...» ou notando a minha indagação de algum modo. Podia até instruir a secretária a pôr de lado o que se seguia brevemente, como fizera com perguntas não ditas do filho mais velho e de outros antes de mim. Depois dava um pequeno ensaio sobre a teoria, ou explicava uma cadeia de reações médicas, ou sugeria como devíamos investigar mais as leis que acabara de implicar. A respiração parava-me um momento cada vez.

Havia pouco que sugerisse os limites da sua consciência periférica em transe. Por exemplo, como soubera que um pequeno menino querido de Gladys, T.J., estava num cais de pesca atrás da casa de Cayce e em perigo de cair no pequeno lago de água doce Holly? O que o levou a interromper a fala com um seco «Melhor ir buscar o menino ao cais», e depois esperar em silêncio até Gladys regressar?

Mais sóbrios eram comentários que podiam ser feitos sobre as atitudes e prioridades daqueles de nós na sala. A voz que escutávamos não era cruel, mas podia ser contundente. Nos ficheiros havia avisos para «Fazer algo por ti mesmo!» quando pessoas no seu círculo imediato se tinham tornado demasiado afeiçoados a obter orientação sobre tudo o que surgia. «Próxima coisa», acrescentou pungentemente noutro transcrito, «vão perguntar se devem assoar o nariz com a mão direita ou esquerda!» E Cayce mostrou-me com pesar que a leitura mais curta nos ficheiros era uma dada para ele: um exame médico que suscitou apenas o comentário agudo de que não fizera o que lhe fora dado da última vez e terminou prontamente. Nenhum de nós queria um roçar com a lâmina brilhante deste conselho.

Amor Como Ira Apagada

Os Cayce falavam das leituras como um agente ativo, que chamavam «a informação», embora fornecesse tanto juízo como dados, tanto valores como factos. Pareciam fazê-lo em humildade, não querendo reivindicar demasiado para a presença no meio deles. Era de facto uma presença para eles, quase outra personagem no drama das suas vidas, e muitas vezes o protagonista. Fiável mas nunca totalmente previsível, compassiva mas nunca indulgente, e legal mas não manipulável para ganho privado — era familiar, mas sempre impressionante. Pois mostrava lampejos de tal pureza, bondade e ajuda estonteante que nos deixava a todos incertos da nossa dignidade para ali estarmos. O seu espírito recordava-me muitas vezes a descrição de Rudolf Otto do santo como numinoso, participando de um *mysterium tremendum et fascinans*, e a sua observação de que o amor de Deus era apenas a sua ira apagada.

Parte do nosso sentido de humildade e assombro vinha naturalmente da consciência de que «a informação» seria exata em itens que podíamos verificar. Tínhamos a sensação de fitar por cima do ombro de Cayce para um abismo de realidade final, onde ser e não-ser eram divididos e repartidos. Se dissesse que alguém morreria em breve, podíamos esperar que acontecesse. Se prometesse que tratamento cuidadoso produziria alívio ou mesmo cura para uma condição aparentemente sem esperança, então as probabilidades eram de que o tratamento funcionasse, se fosse plenamente executado.

Se repreendesse alguém por um temperamento corrosivo que estragava um casamento, então esse temperamento provaria ser o problema, embora nunca tivesse sido mencionado na correspondência. Se atribuísse a um jovem um talento como pianista que podia destacar-se na sua geração, então esse talento provaria estar lá, embora o jovem pudesse escolher não o cultivar muito. Se (em ocasiões raras) aconselhasse alguém em tal detalhe que especificasse que o

melhor companheiro para casar apareceria num certo ano, então tal pessoa podia esperar aparecer, com as qualidades que descrevia. E se comentasse, como fazia, que a guerra terminaria subitamente e por meios inesperados no Oriente, tínhamos razão para pensar que sim, embora nenhum de nós soubesse na altura o que se preparava no Projeto Manhattan.

Estaríamos lavados ao cérebro, ouvindo mais exatidão do que realmente havia? Num dos primeiros dias em que entrei no estúdio para leituras, aconselhou um cadete de vinte anos da Força Aérea do Exército no Texas a usar uma máquina Elliott em dias alternados durante três a quatro semanas como parte do tratamento para um catarro debilitante. Quando Gertrude Cayce perguntou onde o jovem poderia ter acesso a uma, o marido respondeu instantaneamente que havia três perto dele em San Antonio.

Pus-me a verificar este pequeno item, e descobri que de facto havia três, e só três, das máquinas de irrigação colónica nessa área, pois o modelo prescrito era recém-disponível. Uma estava num hospital civil e duas em bases militares; nenhuma das instituições sabia da utilização das outras localizações. Isto era impossível. Isto era impensável. Os meus professores em Chicago negá-lo-iam, e quem os culparia? Séculos de ciência e filosofia ocidentais apoiariam as suas negações, assim como a sua própria experiência manifesta. Mas Cayce estava a fazê-lo mesmo assim.

Aqui estava ele em transe profundo, estendido de costas. Tinha a respiração deliberada e alguns dos movimentos contidos de sujeitos hipnotizados a um nível profundo. No entanto, os padrões de fala e pensamento estavam longe de ser murmurados mecânicos ou entrecortados. Não era menos mas mais alerta do que na consciência desperta, como as leituras apontavam. De facto, parecia ter toda a psique concentrada para ação, não dissociada para resposta murmurada a um condutor. Esta hipnose, como uma pequena morte para uma consciência maior, era diferente das exibições de sala de aula.

As pálpebras tremulavam sobre olhos que não viam até serem cobertos. Falava em frases ritmadas pela respiração, usando um modo de discurso formal e por vezes elevado mas não pretensioso. Evidentemente trabalhava arduamente, pois a expressão espelhava concentração, e os lábios estavam ligeiramente franzidos. No entanto, falava em firme compostura, como se bastante certo do que dizia. A voz era claramente a sua, mas com pequenas notas de solenidade que elevavam a sua dignidade, e com uma ressonância que lhe dava autoridade sem soar pregadora ou oracular.

A maneira como se dirigia àqueles que procuravam a sua ajuda acrescentava gravidade ao encontro. Falava a ou sobre cada pessoa apenas pelo nome, nunca usando um título, por mais graus académicos ou cargos que distinguissem o inquiridor na vida quotidiana. Havia nessa prática uma simplicidade de tipo quacre. Não lisonjeava ninguém nem diminuía ninguém, embora desafiasse muitos. Não exagerava, embora recorresse à ironia e ao humor. Um discurso tão despojado era, a princípio, desconcertante de ouvir e depois tranquilizador, pois parecia colocar-se diante da pessoa ausente trazida à sua atenção com uma franqueza que mais convidava do que afrontava. A sua fala não era sentenciosa nem pomposa, apenas séria. Em anos posteriores, quando procurei médiuns e os estudei em transe, encontrei discursos dramáticos ou coloquiais, conforme o caso, mas raramente tão desornamentados e diretos como aqui.

Para Além de Limites Seguros

Seria este o mesmo homem com quem, pouco antes, tínhamos estado a conversar no escritório, a tratar de uma diligência para comprar provisões ou a tomar café com convidados? Em transe, falava como alguém ocupado em assuntos importantes e usava, tipicamente, um "nós" editorial em vez de "eu". Houve momentos em que o seu rosto e a sua fala fora do transe se aproximavam muito do discurso equilibrado do seu estado alterado. O homem desperto parecia e soava de modo semelhante quando ensinava a Bíblia, quer nas manhãs de domingo na igreja, quer nas noites de terça-feira em casa.

Nesses momentos, serenidade e profundidade marcavam-lhe o rosto, tornando-o imensamente cativante. Parte desse mesmo eu, tão parecido com a pessoa que dava as leituras, vinha à tona quando rezava em voz alta nas bênçãos à mesa ou na pausa diária das duas da tarde, quando todo o escritório parava durante quinze minutos para leitura bíblica em voz alta, oração e partilha silenciosa. E logo após sair de uma hora de aconselhamento, plenamente desperto, com algum visitante atribulado no seu gabinete, o seu rosto estava tão pacífico e luminoso como durante as leituras.

Importava perceber quanta continuidade existia entre o eu em transe de Cayce e o seu eu desperto. Pois, se fosse tomado por uma inteligência estranha, ainda que benigna, então o que fazia teria pouca relevância para o resto de nós, que não ficávamos inconscientes por profissão. Mas se, como o seu próprio aconselhamento sugeria, ele se colocava pela oração num estado que para ele se estendia facilmente ao transe e aí entrava em relação com aquilo a que chamava correntes "universais", que elevavam e utilizavam o melhor que havia nele, então estávamos perante um processo que, de algum modo, poderia aplicar-se a qualquer um de nós.

Cayce raramente falava de si próprio como psíquico, preferindo referir-se a "aquilo que faço". Em anos posteriores, quando eu investigaria muitos psíquicos profissionais, essa distinção tornar-se-ia mais nítida. Ele não estava centrado na sua própria habilidade, mas numa relação, que descrevia como sendo com o seu Senhor. Nesse aspeto, diferia de muitos médiuns, curadores e clarividentes fortemente dotados. Via a sua capacidade como um dom, em sentido duplo. Era, sem dúvida, um talento, no sentido familiar de dom como aptidão. Mas era um talento exercido em cooperação com uma realidade ativa muito maior e mais sábia do que ele, tornando a sua habilidade um dom proveniente dessa relação. Como resultado, todo o empreendimento de obter leituras era por ele visto como entrar numa Presença querida, e não como um salto em altura realizado apenas pela sua psique.

Fazia-nos sinal para entrarmos no seu gabinete, e um de nós cobria o papagaio barulhento, oferta de um capitão de mar, que assobiava e protestava a um canto da biblioteca. Fechávamos a porta atrás de nós ao entrar. Havia procedimentos necessários. Por exemplo, éramos avisados de que interrupções súbitas podiam cortar o fluxo ou mesmo projetá-lo convulsivamente do sofá para os pés, deixando-o perturbado de corpo e mente. Se uma mão ou um pedaço de papel passasse sobre o seu plexo solar, ou por vezes sobre a cabeça, poderia despertar com um sobressalto violento.

As leituras explicavam que era importante não interferir com uma delicada ligação invisível, como um cordão, que ligava o corpo de Cayce à sua consciência, deslocada a examinar alguém doente. E nas poucas ocasiões em que, anos antes, tinham tentado com sucesso levá-lo a localizar assassinos, por vezes despertara a gritar: "Ele está a matá-la! Ele está a matá-la!", como se tivesse presenciado o próprio ato. A angústia acompanhava-o durante dias. Um risco adicional para a saúde, em anos passados, tinham sido dores de cabeça violentas e persistentes após dar leituras, que ele atribuíra a ocasiões em que um solicitante enviara a sua mente a tratar de aconselhamento empresarial e financeiro quando Cayce pensava estar a prestar ajuda médica.

Seja o que fosse em que entrava nos seus transes, envolvia todo o seu ser e podia ameaçar a sua saúde, a sua sanidade e até a sua vida, pois, no processo, como dizia uma leitura, "a alma está perto de deixar o corpo". O perigo era maior quando estava excessivamente cansado ou doente — e era precisamente isso que nos ameaçava enquanto tentava corresponder às pilhas de cartas sem resposta. Assim, entrávamos no seu gabinete com sobriedade no fundo da mente, embora muitas vezes brincássemos um pouco para criar a atmosfera descontraída que a experiência mostrava ser ótima para as melhores leituras.

Éramos como os que enviam um mergulhador a profundidades desconhecidas, cujo equipamento não foi concebido para garantir a sua segurança a tais alcances, mas que, de algum modo, continuava a funcionar.

A aumentar a seriedade do nosso esforço havia ainda outra possibilidade que Cayce fora forçado a encarar: a hipótese, embora pequena, de que o seu aconselhamento pudesse prescrever erradamente um medicamento poderoso e causar uma lesão ou uma morte. Nos tempos do Hospital Cayce, quando se esgotara não só a dar leituras como a assumir a administração, fora dada uma leitura médica completa a alguém que já estava morto, facto não assinalado no aconselhamento. Cada dia, cada sessão, era então aquela em que o seu dom poderia revelar-se letal. Apenas a convicção de estar ligado a Um que o protegeria a ele e aos outros, observava Cayce com não pouca emoção, lhe permitia continuar a correr esse risco.

Para iniciar a sua viagem para outro tipo de consciência, Cayce sentava-se no sofá do estúdio e afrouxava a gravata e o colarinho da camisa, o cinto e os atacadores, enquanto a esposa se sentava ao seu lado para dar instruções. Depois de termos falado o suficiente para criar um clima de expectativa sem esforço, Cayce ficava em silêncio e todos nos juntávamos a ele em oração interior. Este era, ao que parecia, o ato decisivo. Exprimia um desejo de ligação, não de conquista privada. Essencialmente, definia o transe que se seguia como uma extensão do processo de oração — exatamente como Cayce o via.

Muitos dos que nos visitavam e nos escreviam procuravam compreender os seus feitos recorrendo a modelos de hipnose, que certamente estava envolvida. E em anos posteriores Cayce seria estudado por mim e por outros no contexto da investigação sobre estados alterados de consciência, não apenas os induzidos por drogas, mas também os derivados de concentração intensa, privação sensorial, invariância sensorial (ruído branco), bem como estados iniciados pela dor, pelo sexo ou pela morte iminente. Mas o modelo que sempre me pareceu mais próximo da realidade foi a oração, com a qual ele iniciava todo o processo.

Em seguida, Cayce estendia-se de costas no sofá e puxava uma manta afegã até à cintura. Colocava as mãos juntas, palmas para cima, sobre a testa, mantendo-as ali enquanto respirava de forma regular e talvez um pouco mais profunda do que o habitual. Depois, com um leve suspiro, baixava as mãos, demorando alguns momentos a cruzá-las à altura da cintura. Era neste ponto que lhe tinha de ser dada a sugestão para realizar o aconselhamento. Caso contrário, adormeceria profundamente, num sono do qual não poderia ser despertado durante horas, ou mesmo um dia ou mais, se estivesse cansado.

Contava-nos o que se passava na sua mente, o que muitas vezes lhe dava o sinal para baixar as mãos e entrar mais profundamente em transe. A experiência variava, mas geralmente envolvia seguir um pequeno ponto de luz. Particularmente vívido era o processo de evitar o enredamento com os mortos, que pareciam prontos a pressionar a sua consciência à maneira relatada e utilizada por médiuns. Aqui estava mais uma ameaça ao seu esforço, e uma que ele sentia mais intensamente do que a maioria dos de fora imaginava. Esse perigo tornava-se ainda maior se um consulente esperasse ativamente uma mensagem de algum parente falecido. Houve ocasiões (relativamente poucas, é certo) em que alguém irrompeu e falou através dele. Evitar esse desfecho era, em parte, o objetivo de pedir aos consulentes que estivessem num estado de oração e meditação, pedindo ajuda à fonte mais elevada, ou ao divino, e não a entidades desencarnadas. Era também o objetivo da sua própria oração, na qual procurava servir Deus, não pilhar reinos ocultos. Uma descrição que ditou dava conta de ir buscar os registos de que necessitava para dar uma leitura de vida.

Ao descrever-me o seu sinal interior para prosseguir, dizia tratar-se de um clarão de luz branca brilhante, por vezes tendendo para o dourado. Sem isso, sabia que não poderia dar uma leitura nesse dia. Havia também ocasiões em que ia ao que lhe parecia ser um salão de registos, seguindo essa mesma luz e consciente de que não devia parar, para poder assegurar o aconselhamento para leituras de vida. Na viagem, passava por aquilo que lhe pareciam ser vários planos, que experienciava como reinos de experiência após a morte. Primeiro havia um nível de formas humanoides, semelhantes a expressões exageradas de desejos humanos particulares.

Depois vinha um nível com indivíduos em formas familiares na Terra, satisfeitos com a sua condição, tendo até casas e cidades. À medida que a luz se tornava mais forte e ele a seguia adiante, chegava a um reino onde tudo era como a primavera; alguns desejavam ficar ali, enquanto outros prosseguiam em busca de maior compreensão, mais luz. Finalmente chegava a um lugar etéreo e belo onde eram guardados os registos das vidas na Terra. Aí selecionava o que pareciam ser volumes ou pergaminhos de informação, ou — no caso de almas especialmente desenvolvidas — era-lhe entregue o material de que necessitava.

Num Cume Estreito

Os olhos de Cayce em transe, de início, fitavam sem ver até que a esposa os cobria suavemente, enquanto pronunciava palavras tornadas familiares ao longo de décadas de viagens conjuntas por regiões invisíveis e laços. “Agora o corpo está a assumir as suas forças normais, e poderá, e dará, as informações que dele são desejadas no momento presente.” O termo “o corpo” significava

simplesmente a pessoa, na linguagem das leituras. Mas o que se entendia por "forças normais" não era tão claro. A expressão exigia atenção. Se as leituras de Cayce eram dadas por meios normais, como implicavam essas instruções aprovadas pelas próprias leituras, então que dizer do resto de nós? Quão normais éramos nós? Qual era a nossa verdadeira natureza e destino? Como deveríamos relacionar-nos com a fonte ou fontes da extraordinária ajuda de Cayce?

O seu vocabulário de trabalho em transe (à parte termos técnicos), bem como muitas das suas figuras de linguagem e ilustrações, eram semelhantes aos que usava ao ensinar ou ditar cartas. Por vezes, no seu aconselhamento, especialmente ao aproximar-se do fim de um período, surgiam as suas expressões coloquiais típicas ou aforismos caseiros. Mas, como se quisesse favorecer a relação na qual procurava entrar, inclinava-se parte do tempo para usos relativamente arcaicos do inglês da versão King James, tão familiar para ele a partir da Bíblia.

A impressão era a de que, para a sua mente mais profunda, nada teria dignidade, graça ou amplitude de espírito suficientes para a tarefa em mãos ou para a Fonte cuja ajuda procurava. "Ye" e "thee" insinuavam-se nas leituras, com formas verbais associadas nem sempre perfeitamente concordantes. Muitas vezes falava de modo elíptico, como a maioria de nós na conversação, omitindo modificadores e referentes que as inflexões da sua voz sugeriam. No conjunto, parecia ser o homem que conhecíamos fora do transe, mas em missão séria. Ainda assim, permaneciam aspetos intrigantes do seu uso inconsciente das palavras, em que recorria a perífrases como "those of" em vez de "the", criando um efeito semelhante ao de um alemão transliterado.

A sua fala era concisa, nunca prolixa, e tornava-se mais lacónica à medida que o período de leitura se aproximava do fim. O ambiente era o de um homem a percorrer um cume estreito, sem tempo nem energia para exibições. Obter informação técnica ou factual não parecia problema algum, desde que servisse a autonomia e o bem-estar do consulente. Surgia de imediato quando necessária. Mas por vezes tateava à procura das palavras certas — não tanto tropeçando, mas com uma expressão concentrada, quase um franzir de sobrolho. Frequentemente usava sinónimos empilhados uns sobre os outros para sublinhar um ponto, como se só nos pudesse alcançar pela intersecção de termos relacionados. E escolhia claramente imagens para despertar e inflamar cada peticionário conforme necessário, não apenas para transmitir informação.

Por vezes perguntávamo-nos se via a realidade em visões como as do poeta/artista William Blake. O seu uso frequente do termo "forças" sugeria que

via diretamente a dança e o turbilhão das moléculas, o fluxo do sangue luminoso e dos impulsos nervosos, os impulsos e bloqueios psicológicos e espirituais, as marés da história, tudo a mover-se nos seus cursos através do tempo e do espaço, e contudo, tudo relacionado com um Centro indescritível. Os que escutávamos tínhamos de pensar em termos de blocos sólidos, enquanto ele talvez tentasse mostrar-nos a realidade nua, cintilante, a saltar e a transformar-se. O enigma da sua visão efetiva aproximou-se de solução duas décadas mais tarde, quando Aldous Huxley e muitos outros descreveram as suas experiências de estruturas familiares vistas num estado psicadélico. Mas o padrão já estava presente na experiência de Moisés diante de um arbusto que parecia arder e, no entanto, não se consumia.

O homem em transe ditava o ritmo de cada sessão de aconselhamento. Quando sentia que já tinha dito o suficiente a uma pessoa, concluía: «Terminámos esta leitura», ou encerrava uma sessão inteira com: «Por agora, terminámos.» Depois desta última, a esposa dava-lhe uma sugestão prolongada para reforçar o seu bem-estar e equilíbrio e, em seguida, orientava-o para despertar. O corpo de Cayce dava um pequeno solavanco ao abrir os olhos e espreguiçar-se um pouco. Depois, perguntava muitas vezes: «Apanhou-se alguma coisa?» A pergunta era razoável, porque por vezes o cansaço, uma perturbação emocional ou alguma causa menos compreendida bloqueavam a sua atividade.

Mas a pergunta era escandalosa para o resto de nós na sala, que tínhamos estado a escutar atentamente uma torrente de material original. A sua interrogação apenas sublinhava o facto de ele não se lembrar de nada do que tinha dito. Ficávamos ali sentados, a matutar ou divertidos, por vezes a começar a falar com entusiasmo, por vezes perdidos em pensamentos. À nossa volta acumulavam-se restos invisíveis de órgãos vitais, vestes de tempos antigos ou vestígios de linhas emaranhadas que ligavam psiques e relações. Cayce, pacientemente, despertava-se por completo para ir buscar à cozinha um lanche de leite e bolachas. Quando voltava, poderíamos já ter saído do gabinete. Mas muitas vezes ainda lá estávamos, a discutir o que acabáramos de ouvir. Não lhe demorava muito a juntar-se a nós.

Conhecia intimamente, é claro, a estrutura e os impulsos conceptuais das leituras. Outras partes do aconselhamento acabado de dar pareciam-lhe recolhidas do ar, ou da sua própria memória bloqueada do transe. Talvez esta capacidade explicasse por que razão nunca parecia estudar durante muito tempo uma transcrição de uma leitura. Quando segurava uma ou apenas a percorria, parecia em contacto com o seu conteúdo, tal como quando

surpreendia as secretárias que lhe tomavam ditado ao fazer observações ponderadas sobre os estranhos a quem estava a ditar. Embora os dados pessoais detalhados que citava não estivessem nessas cartas, eram muitas vezes confirmados mais tarde em telefonemas ou visitas dos remetentes.

Ele Nunca Ouviu Uma Leitura

Estaria Cayce, enquanto homem desperto, em competição com Cayce, o homem em transe? Parecia, por vezes, que atrasava a passagem da biblioteca maior para o seu gabinete, sobretudo quando havia visitantes interessantes. Mesmo quando já era hora de ficar inconsciente e a conversa resvalava para pausas embaraçosas (quando os presentes manifestamente queriam que ele iniciasse o seu processo singular), ele podia prolongar uma história como quem diz: «Vejam, eu também conto enquanto pessoa consciente.» Mas quando a conversa esmorecia ainda mais, aceitava a exigência com boa disposição, pondo de lado a sua consciência e arriscando a vida ao entrar numa câmara de pressão que nenhum de nós compreendia totalmente, nem podia garantir que ele dela sairia ileso.

Era o único entre nós que nunca ouvia uma leitura. Só ele tinha de aceitar o seu dom por fé. O resto de nós via a nossa confiança diariamente reforçada. A dúvida que ele tinha de vencer aparecia demasiado claramente num sonho que contou, de alguns anos antes. Nele, segurava nos braços uma bebé. (Noutros sonhos, ela surgia como uma rapariga egípcia mumificada que tinha de ser trazida de volta à vida, pois a jovem do sexo feminino era muitas vezes, para ele, o emblema onírico do seu talento invulgar — aquilo a que Jung chamou a anima criativa.) Falava precocemente e era examinada por autoridades para se descobrir se, na verdade, seria uma anã e não teria nada de extraordinário. A inspeção provava, para seu alívio, que era um prodígio autêntico. A leitura feita a partir deste sonho confirmava que a bebé representava uma capacidade que, por vezes, lhe parecia pequena, de pouca importância nos assuntos do mundo. No entanto, era advertido, ela cresceria para trazer alegria e ajuda a muitos. «Bom sonho!», concluía «a informação».

Mais pungente e revelador foi um sonho que partilhou comigo e que surgira numa das muitas ocasiões em que estava sem dinheiro, enfrentando a dúvida persistente que qualquer americano moderno conheceria: «Se és assim tão esperto, porque não és rico?» O sonho passava-se num tribunal, onde a esposa — sempre portadora do juízo racional na sua vida — o fazia acusar de loucura e levava os filhos, com ar desolado, para mostrar como ele era incompetente para cuidar deles. De algum modo, no julgamento, ele conseguia afirmar a sua adequação e acabava por dar algo como uma mini-leitura sobre cada figura

proeminente na sala, começando pelo juiz. Citava pormenores de vidas passadas que tivera com eles e que ninguém podia negar, convencendo os presentes de que estava mentalmente são.

A leitura feita a partir deste sonho reconhecia a sua aflição financeira, mas exortava-o a manter-se fiel. Acrescentava depois que entrar em contacto com o homem que, no sonho, tinha testemunhado a seu favor lhe traria pedidos de leituras e o rendimento de que precisava — como aconteceu quando seguiu a pista. É evidente que, em tais sonhos, o inconsciente noturno de Cayce espelhava os seus receios sobre a sensatez de depender de um processo que só compreendia em parte, que nunca via nem ouvia por si próprio e que lhe trazia apenas tanto dinheiro quanto o necessário para as necessidades do dia-a-dia.

Mas um sonho muito diferente, de carácter visionário, que relatou, colocava os seus esforços em transe num contexto mais amplo. Via-se a preparar-se para dar uma leitura («a aprontar-se» para dar uma, como dizia no seu falar do Sul) e observava a sua consciência como um minúsculo ponto na base de um grande funil ou espiral que se erguia e se abria para o céu. Entre os anéis que circundavam o funil, em diferentes níveis, encontravam-se as fontes de informação e de ajuda que procurava para poder auxiliar os outros. Até os recursos de cidades inteiras lhe estavam disponíveis, segundo a sua qualidade, representada como taxas de vibração.

O pequeno ponto da sua consciência era puxado pela necessidade de alguém para os pontos da vasta espiral a que deveria recorrer em busca de auxílio. O sonho, com a sua amplitude cósmica e mística, afetou-o profundamente, e ele procurou uma leitura sobre ele. Aí foi-lhe dito que a sua pequena consciência era, de facto, como nada no grande vórtice ou espiral do universo. Ainda assim, pelo seu propósito de serviço, poderia ser elevada a quaisquer alturas e recursos específicos que fossem necessários, «até aos próprios Tronos», os tronos últimos da graça divina. A espiral que vira era como um grande trompete do universo, ressoando com tudo o que fosse requerido por quem, por algum tempo, se esvaziasse de toda a busca de si mesmo.

Perante a imagética elevada de tal sonho, a resposta de Cayce foi compreensível quando lhe perguntei o que sentia que, essencialmente, ocorria no seu transe. Escolheu uma imagem de uma carta de Paulo à igreja de Corinto e falou de estar ausente no corpo mas presente no espírito junto daqueles que precisavam dele. Essa imagem voltou muitas vezes à minha mente em anos posteriores, quando trabalhei intensamente com parapsicólogos e sujeitos dotados que tentavam replicar alguns dos feitos de Cayce. Tipicamente, a nossa

ênfase incidia sobre estados e circuitos na psique e no corpo. Raramente o modelo era estendido tanto quanto o sugeria o seu sonho da espiral.

Onde o Poder e o Amor se Encontram

Aos poucos, tornou-se claro que as leituras de Cayce eram uma união de poder com amor. O poder de Cayce era o que o distinguia. Numa cultura técnica, a sua destreza com factos sobressaía como marca do seu dom. Para a maioria dos que conheciam a sua história, ele era (se fosse real) um psíquico, fornecedor de dados desconhecidos, distribuidor de factos úteis, comerciante de um poder invulgar. No entanto, estávamos a ouvir mais do que factos. Estávamos a ouvir envolvimento e encontro, chamamento e envio, de pessoa para pessoa, uma de cada vez. Lidávamos com poder, sem dúvida, mas era um poder impregnado e moldado por amor. Ou era amor surpreendido por sabedoria.

Observávamos uma consciência a formar-se instantaneamente na pessoa que estava a ser aconselhada. Comparar o tom de voz e a escolha de palavras nas leituras da mesma sessão mostrava que não lidávamos com um grande «Western Union» da mente, a caçar dados psíquicos para os largar sobre os ouvintes. Este aconselhamento era muito mais pessoal, mais individual. Estava empenhado em envolver cada consulente nos termos adequados ao crescimento dessa pessoa em particular.

A um, o aconselhamento podia ser exigente, brusco e pragmático; a outro, apoiador, suave ou até terno. A informação factual estava firmemente entretecida com o esforço de alcançar e vivificar a pessoa. O cuidado moldava, marcava o ritmo e aguçava cada leitura, tanto no conteúdo como no estilo. O aconselhamento a um coronel do Exército algo autoritário surpreendeu-nos quando Cayce, numa rara saída do seu habitual tratamento impessoal, advertiu, depois de responder a uma pergunta: «Pegue nisso e pense bem, meu rapaz!» Em contraste, a uma velhinha de oitenta e tal anos que, no período de perguntas, apenas queria saber: «Como é que eu estou a ir?», ele rematou uma leitura de elogios calorosos à sua vida generosa com as palavras: «Quem pode dizer ao sol como brilhar, quem pode dizer ao vento como soprar? Quem pode dizer a uma rosa para ser bonita, quem pode dizer a um bebé como sorrir?» Ela não precisava — disse — de avaliação da parte dele.

O Cayce em transe tomava a medida de cada consulente sem se guiar pelas aparências. Muitas vezes impressionava-nos com a sua paciência. Um alcoólico que insistia em várias leituras de controlo, mas continuava a beber (para desespero da esposa), não recebeu a repreensão que se poderia esperar, mas um aconselhamento firme e de apoio. Estávamos, sem dúvida, diante de poder:

competência, conhecimento e discernimento em medida soberba. Mas a sua qualidade, o seu cerne, era amor ativo. Víamos não apenas um espírito geral de boa vontade, mas um envolvimento específico e original com cada pessoa. É certo que o aconselhamento retomava muitas vezes a mesma série de temas num determinado tipo de leitura. Porém, dentro desse enquadramento havia os clarões e ângulos, os abraços e os desafios firmes que elevavam a ajuda acima de mera informação.

Perceber com clareza esta união de poder com amor parecia importante quando perguntávamos: «Como pode uma tal capacidade ser desenvolvida e nutrida noutros?» Visitantes imersos no ethos americano do "saber fazer" tendiam a concentrar-se em técnicas controláveis como a hipnose e a concentração ióguica quando se colocava a questão de duplicar Cayce. Mas esta perspetiva estreita, de engenharia — que dava máxima atenção ao domínio de um novo poder — tendia a falhar o elemento de cuidado e compaixão que parecia ser o coração do dom de Cayce.

Além disso, quando alguns amigos e associados de Cayce, fora do seu círculo íntimo, citavam «a informação» sobre temas tão variados como nutrição e ética, faziam-no como quem cita a Bíblia em meios eclesiais semelhantes. Retiradas dos encontros individuais e transformadas em admoestações abstratas ou princípios gerais, essas citações podiam ser impressionantes. Mas produziam uma atitude oracular em torno do trabalho de Cayce que facilmente perdia o elemento de preocupação em libertar e capacitar o ouvinte. Tal abordagem, parecia, podia facilmente produzir um culto. Proclamar em vez de servir, explicar em vez de suscitar, informar em vez de convidar — eram tentações clássicas ao ver Cayce como fornecedor de dados ou ensinamentos invulgares, em vez de canal de amor ativo, hábil e incisivamente variável de pessoa para pessoa.

Cayce contou um sonho que continha um aviso sucinto precisamente sobre isto. Nele, ele tinha descoberto, com a ajuda das suas leituras, que a sua avó morta voltara à vida. Localizara o corpo dela, em repouso, a respirar e capaz de ser despertado, num matagal distante. No sonho, estava ansioso por sair e contar aos outros a descoberta notável que fizera com as suas capacidades invulgares de transe. Mas, com horror, percebia que cães por perto poderiam danificar o corpo antes de ele conseguir ajuda para o trazer plenamente de volta à vida. Quando acordou, foi com a ideia de que estava a deixar o seu verdadeiro trabalho ir "para os cães". A leitura que procurou sobre o sonho não o encorajou a exibir a proeza que, no sonho, queria mostrar aos outros. Enfatizou, em vez disso, o regresso da avó à vida — o processo simbólico da ressurreição. «A informação» exortava-o a manter esse propósito claro em cada leitura que

desse. Para ele, este aconselhamento significava chamar a uma vida mais plena pessoas que estavam, em alguma parte do seu ser, mortas ou amortecidas. Não as devia chamar para outra existência, ou para uma existência espiritual a flutuar no ar, mas para a sua existência presente, desperta e potente.

O motivo onírico da ressurreição parecia apropriado. As pessoas que ele servia eram, de facto, chamadas uma a uma da morte para uma vida nova e recebiam ajuda para fazer a mudança. Quer o processo de morte fosse um corpo em desintegração, uma mente perturbada e defensiva, ou um espírito enfraquecido, voltado para si mesmo em dúvida e condenação pessoal, o aconselhamento de Cayce desfazia as ligaduras do enterro. Ele fazia a sua própria morte da consciência desperta para que os seus ouvintes caminhassem, sorrissem, planeassem e construíssem. Para os que escutávamos a sua fala medida, essa reanimação trazia, lado a lado, assombro e deleite. As lágrimas vinham-nos aos olhos quando uma jovem mãe era informada de que o seu bebé desesperadamente doente podia ser tratado e viveria. O riso irrompia quando um casal demasiado "espiritual", a pedir um local propício para construir uma casa, era informado de que o melhor era fazê-lo «no chão».

Não era difícil pensar na morte à nossa volta, à espera de ceder à ressurreição. A morte real ameaçava em muitas das cartas suplicantes. Estava também no próprio ar, a fazer tremer as vidraças do gabinete de Cayce enquanto ele proferia as suas leituras sem pressa. (Grandes peças de artilharia treinavam salvas estrondosas numa base logo abaixo da costa, perto de nós.) E, todos os dias, ouvíamos aviões de caça da base aérea naval de Oceana, ali perto, a zumbir sobre a casa como vespas enfurecidas, fixadas num alvo ao largo. Por vezes não conseguíamos apanhar as palavras de Cayce, tal era o ruído dos aviões a transportar uma carga mais pesada do que bombas — um lembrete de que a maior parte da humanidade estava envolvida num esforço para matar. Todos os contrastes dilacerantes dos laboratórios do Projeto Manhattan, onde mostradores a piscar e máquinas a zumbir podiam ser pesados contra os simples transes de Cayce, regressavam nesses momentos.

O que parecia importante era que as lutas da nossa civilização por um poder cada vez maior sobre a natureza, sobre a psique, sobre as instituições e sobre as nações concorrentes teriam, um dia, de ser assumidas num compromisso com o amor. Não apenas uma vaga boa vontade, mas um compromisso apaixonado com os famintos, os pobres, os ignorantes, os doentes, os discriminados e os sós. E esse amor teria de se estender à própria Terra, cujo rosto esmagamos com tanta facilidade com as nossas bombas. Se não conseguíssemos amar a terra e as criaturas humildes, como poderíamos amar-nos uns aos outros?

A forma como as leituras de Cayce uniam poder e amor, sabedoria e cuidado, via-se claramente naquilo que ele escolhia não dizer. Quando a vida de alguém parecia estar exposta diante da sua visão, ele podia ser incisivo, até confrontacional, nos seus transes. Mas a voz constante recusava-se a envergonhar as pessoas. Não revelava segredos pessoais humilhantes, exceto em referências crípticas que apenas o destinatário compreenderia. Há registo de um caso em que Cayce deu parte de uma leitura em alemão (língua de que nada sabia), para que pontos severos pudessem ser expostos sem expor a pessoa. No mesmo espírito, recusava retirar escolhas cruciais. «Isto tem de ser respondido dentro de si» era a resposta frequente a um dilema ético num casamento ou numa carreira, num enredo sexual, ou na decisão sobre a objeção de consciência ao serviço militar.

A leitura podia explicitar as questões envolvidas em escolhas tão profundas e até apontar consequências ignoradas ou motivações duvidosas. Podia formular princípios e evocar figuras bíblicas ou históricas confrontadas com escolhas semelhantes. Ainda assim, o impulso — exigido pelo amor — era devolver a responsabilidade ao indivíduo. Por vezes parecia que as leituras mais importantes para compreender poderiam ser precisamente as que ele não dava, porque o amor continha a sua fala. Quando insistia: «Eu não faço nada que vocês não possam fazer», o preço era, em última análise, ao mesmo tempo simples e difícil — o próprio amor.

Em anos posteriores, quando as pessoas estudavam as suas leituras sob a forma de transcrições dactilografadas, ou mesmo impressões de computador, saltavam com demasiada facilidade por cima do elemento de cuidado que moldava tão profundamente cada encontro, distinguindo-o das leituras dadas imediatamente antes e depois. O resultado não era apenas perder nuances, mas talvez perder a chave de toda a operação.

Particularmente reveladora foi uma série de leituras que ele dera a um homem deprimido por fracassos nos negócios. Marido e pai, abandonara a família, que estava em pânico por poder ter-se suicidado. Ao recorrerem a Cayce, foi-lhes dito em transe que a pessoa que procuravam estava viva noutra cidade, mas que a localização não podia ser dada porque o empresário em fuga não o desejava. Contudo, acrescentou Cayce, se voltassem todas as semanas, «nós estaremos com ele». Voltaram, semana após semana, e a leitura inteira, de uma hora, passava cada vez em completo silêncio, sustentada pelas orações da família. Um dia, Cayce disse: «Ele está pronto agora e ligará para casa em breve.» Foi exatamente o que aconteceu. Tanto o homem como a família atribuíram a recuperação de perspetiva e motivação, em parte, à presença silenciosa e

sagrada que ele sentiu repetidas vezes, sozinho no quarto de hotel. Nada na definição habitual de "psíquico" se ajustaria a uma atividade tão sem palavras, representativa do núcleo do processo de Cayce.

Poderiam poder e amor ser reunidos em grande escala, como base de toda uma civilização? Ou estaríamos a ver em Cayce um acaso, um géiser que surge de uma fenda na terra e depois desaparece durante mil anos? A resposta parecia mais clara quando se deixava de observar Cayce para lançar um olhar a outro rosto na sala. Ali estava ele no sofá, fornecendo dados novos e, ao mesmo tempo, analisando, evocando, convidando e chamando à existência a pessoa, nas mesmas frases que arrancavam recursos de lugar nenhum visível. Depois, poder-se-ia olhar para o outro lado da sala, para outra pessoa — talvez a sua esposa grave, a secretária que tomava notas com afinco, ou apenas um visitante perplexo ali de passagem. Repetidamente surgia a suspeita impetuosa: «Isto tem de estar em todos nós! Fomos feitos para uma tal consciência, como direito de nascença e destino.» Claro que a ideia não era demonstrável. Mas, vez após vez, parecia-nos, ao escutar, que cada um de nós poderia muito bem estar destinado a crescer para um amor tão forte, tão constante, tão limpo, que nos tornássemos canais de recursos para além de nós próprios — onde o amor seria surpreendido pela sabedoria.

À medida que os visitantes chegavam (muitas vezes para ouvir as suas próprias leituras), eu perguntava-lhes, ao saírem da sala, o que achavam do processo. Duas linhas dominavam as respostas. Uma foi melhor formulada por um estudante ponderado: «Somos conhecidos, até ao fim. E não apenas por Cayce.» Como outros, sentiu a certeza espantosa — quase alarmante na sua força — de que era conhecido nos mais pequenos pormenores dos seus órgãos corporais e nos recantos mais profundos dos seus pensamentos. Quem fazia esse conhecer e fornecia as respostas úteis? Ele respondeu que nem um pardal cai sem esse mesmo conhecer.

A outra resposta que ouvi, em palavras variadas, foi esta: «Como somos amados!» Aqui, até o facto do conhecimento íntimo era absorvido no sentimento de ser cuidado e chamado pelo nome. Algo maior do que Cayce parecia estar presente para essas pessoas nos estranhos transes à beira do oceano, num tempo de história devastador.

A tarefa seguinte era ver os contornos mais amplos do trabalho de Cayce. A que fora ele, essencialmente, chamado — a ser e a fazer — no seu processo de ressurreição? Mas, à medida que os dias deslizavam para semanas naquele Outono chuvoso numa estância às escuras, tornava-se evidente que um retrato

do Cayce sem instrução formal, mas imensamente criativo, exigiria ser pintado numa tela muito grande.

4 Sem Doença Sem Cura

Numa tarde chuvosa, um carro parou ao fundo do caminho que serpenteava até à casa e aos escritórios de Cayce. Uma mulher de trinta e tal anos saiu, ergueu-se apoiada em muletas, arrastou as pernas debilitadas até aos degraus e entrou pela porta da biblioteca, onde meia dúzia de nós trabalhava. Já tinha passado por ali antes para ver um voluntário da nossa pequena equipa, que lhe fazia massagens diárias em casa para a incapacidade provocada pela poliomielite. «Vejam!», ordenou-nos. Pousando as muletas, caminhou lentamente, sem apoio, ao longo da sala e depois de volta, enquanto nós gritávamos e aplaudíamos. Havia lágrimas na sala. O feito culminava dois anos de trabalho diário intensivo, num regime exigente e multifacetado especificado pelas leituras. Todos sabíamos quão raramente, em qualquer parte do país, membros eram recuperados após os estragos desta doença assustadora. Ela ainda tinha mais reconstrução do corpo a fazer, mas saiu a usar as muletas com ar desenvolto, deliciada com a sua pequena mas triunfante excursão.

Pouco depois, surgiu outro caso igualmente marcante. Um oficial da Marinha, fardado, chegou com a esposa e o bebé, vindo da zona de Chicago, para uma leitura que parecia ser a última esperança. A criança chorava e eu ofereci-me para a segurar enquanto os pais entravam no gabinete. Nunca deixou de chorar. O menino tinha ido e vindo de hospitais, sofrendo de cancro na cabeça e nos olhos, que o deixara cego. A dor era contínua. Quando os pais saíram da leitura uma hora mais tarde, foi desconcertante vê-los a sorrir e cheios de energia, pois o caso parecera impossível de curar. Segundo «a informação», podiam esperar uma recuperação completa. Tinham de empreender, sem desvio, um tratamento complexo sob os cuidados de um médico de Filadélfia. (Acompanhei o caso dramático do menino até à cura completa e à recuperação da visão, mantendo o médico como colega e amigo durante trinta anos.)

Tínhamos de ter em conta remissões espontâneas. E havia curas pela fé; a forma como a mente podia influenciar o corpo tinha sido mostrada em estudos do que se chamava a região «subliminar» por William James e F. W. H. Myers, e tão brilhantemente elaborada por Freud e outros como o inconsciente. Tais influências não podiam, nem deviam, ser excluídas em casos notáveis de cura. Mas também não se podia ignorar os procedimentos clínicos específicos de Cayce, aplicados sob supervisão médica. Muitas vezes eram necessários meses ou anos de esforço tedioso. É certo que a natureza exigente desse esforço por

vezes parecia fazer parte da cura, porque punha à prova e inflamava a fé e o amor ativo de todos os envolvidos.

Os rostos da mulher aleijada e do bebé atormentado ficaram comigo enquanto entrevistei dezenas de outros sujeitos e falei com os seus familiares. Particularmente comoventes eram crianças a quem Cayce guiara em nascimentos ameaçados ou resgatara de doenças que punham a vida em risco. Mesmo enquanto brincava e gracejava com elas depois de interrogar os pais, pesava a ideia: esta criança talvez nem estivesse aqui, não fosse um fotógrafo que tirava fotografias melhores do que a nossa cultura julgava possível.

Eu Nunca Li Uma Das Leituras de Cayce

Alguns médicos da zona de Virginia Beach e Norfolk levavam a sério as referências vindas de Cayce e estavam dispostos a falar comigo. A maioria era de osteopatas. Mas havia também um médico (M.D.) que, ocasionalmente, passava receitas que Cayce recomendava. Exigia que as transcrições de Cayce lhe fossem lidas em voz alta, para poder afirmar a quaisquer colegas desconfiados: «Eu nunca li uma das leituras de Cayce.» Havia o farmacêutico local, colega de faculdade do filho mais velho de Cayce, que durante anos aviara as prescrições de Cayce — mesmo as que, pela sua formação, lhe pareciam duvidosas, desesperadas ou perigosas. Até então, nunca se arrependera. Contou-me caso após caso em que um recurso químico pouco ortodoxo, vindo das leituras de Cayce, produzira resultados surpreendentemente eficazes.

Suponhamos que o processo de Cayce pudesse, um dia, complementar os cuidados médicos. Como funcionaria? Haveria uma ou mais figuras dotadas ligadas a clínicas ou hospitais, ocupadas com casos desconcertantes? Embora parecesse improvável, já tínhamos tratado de um pedido a Cayce vindo do diretor de uma escola de pós-graduação de Harvard e tínhamos descoberto que o hospital osteopático Still-Hildreth, no Missouri, valorizava tanto a ajuda de Cayce que lhe enviava rotineiramente relatórios sobre doentes que ele tinha encaminhado. Décadas mais tarde, eu veria o uso discreto de especialistas psíquicos por clínicas com equipas numerosas dirigidas por médicos. Mas, em meados dos anos 40, a perspetiva parecia ténue.

A educação médica incluiria disciplinas e supervisão em perceção intensificada, capacitando médicos para usarem a sua intuição e orientação pela oração? Eu não podia adivinhar então que, dentro de dois anos, estaria a reunir-me com uma faculdade de medicina em Chicago para explorar precisamente tais opções e, em anos posteriores, seria convidado a centros médicos (várias vezes à Mayo Clinic) para conduzir oficinas e consultas sobre a maximização desses

recursos para médicos. Os doentes seriam incentivados a usar orientação intuitiva de auto-ajuda, com sonhos noturnos a verificarem as impressões do dia? Também isto era difícil de conceber — embora, de facto, eu viesse mais tarde a dar palestras a grupos médicos nacionais exatamente sobre esse processo e a vê-lo ganhar um impulso surpreendentemente amplo. Era mais razoável imaginar investigadores a fornecer o paralelo decisivo a Cayce, trabalhando em equipas para seguir pistas dele e de outras pessoas dotadas sobre doenças específicas. Dado o número perigosamente pequeno de investigadores interessados em Cayce durante a guerra, isso parecia improvável. Mas mais tarde reunir-me-ia com docentes de Johns Hopkins e com todo um conjunto de escolas de medicina da Filadélfia para trabalhar em projetos desse tipo.

Nos anos que se seguiram, o impacto potente de observar e estudar o serviço médico de Cayce levar-me-ia à minha própria segunda vocação na área da saúde, a par do meu ensino em psicologia da religião. Como conselheiro profissional e psicoterapeuta, trabalharia durante décadas com os conceitos de saúde e tratamento de Cayce, não só em prática privada em Chicago, Boston e noutros lugares, mas também servindo, por períodos de vários anos, como consultor e membro de equipas em hospitais universitários.

A seu tempo, ensinaria psicoterapia em escolas e institutos de pós-graduação, supervisionaria conselheiros em formação, conceberia um grande programa hospitalar da Veterans Administration para abuso de substâncias, serviria numa comunidade agrícola residencial para jovens psicóticos, dirigiria um programa de investigação hospitalar com múltiplas unidades e até me veria citado em *American Men of Science*. A June também faria o doutoramento e praticaria aconselhamento de orientação junguiana. Mas, aos vinte e três anos, na estância fechada de Virginia Beach, tudo isto ainda estava por acontecer, enquanto eu me debatia com o enorme enigma de avaliar a ajuda médica de Cayce.

O ponto de partida parecia ser delinear a visão de Cayce sobre a manutenção da saúde normal, sobre a qual os seus programas específicos de tratamento poderiam ser examinados. Rever as entradas diárias no meu caderno de capa preta e compará-las com transcrições de amostra nos milhares de dossiers de casos levou a resumir o modelo de cuidados de saúde de Cayce em quatro palavras simples:

Fora, Dentro, Impulso e Circuitos.

Cada uma representava um processo para manter a saúde, bem como para tratar uma debilidade, com variações que iam desde curas de senso comum até

intervenções de peso. Cada processo podia ser acompanhado não só na saúde corporal, mas também em dimensões mentais e espirituais, para produzir bem-estar e uma totalidade produtiva com os outros (uma perspetiva que muito mais tarde viria a chamar-se «saúde holística»).

Fora, ou Eliminação na Saúde

A palavra «fora» surgia ao lado de partes das minhas notas sobre as leituras de cada dia, significando eliminação como processo básico de saúde. Aqui, o princípio parecia ser: «Somos aquilo que libertamos» — e como o fazemos, seja a contragosto, pacientemente ou de forma intermitente, bem como o que, no íntimo, pretendemos no processo, agindo num espírito de confiança ou de acumulação.

Ao atender prontamente à eliminação de resíduos e toxinas nas doenças que se apresentavam à sua visão de largo alcance, Cayce afirmava o corpo como um sistema auto-regulador e auto-restaurador. Se substâncias estranhas, geradoras de stress, ou escórias pudessem ser removidas, o corpo começaria a pôr-se em ordem — desde que os processos vitais não estivessem criticamente danificados e fossem fornecidos os nutrientes e estimulantes necessários. Esta era uma das razões pelas quais ele começava, na sequência de exames do seu aconselhamento médico, pela circulação, tal como os médicos, de rotina, começam por análises ao sangue. Pois a circulação levava consigo muito do que precisava de ser eliminado, quer pelos rins, quer pela respiração, quer pela transpiração.

Cayce dava, no entanto, mais ênfase do que muitos médicos à circulação do sistema linfático, vendo-a como uma operação completa de distribuição ao serviço dos órgãos e dos tecidos. Para favorecer descargas saudáveis através da circulação, recomendava frequentemente massagens e, por vezes, banhos ou suadouros, bem como terapias manipulativas para realinhar estruturas músculo-esqueléticas e libertar músculos contraídos ou em nó. As leituras apresentavam um vasto leque de exercícios para partes do corpo, assim como para a circulação, o tónus e o suporte dos órgãos. (Chegaria o tempo, décadas depois, em que vários milhões de leitores de Cayce contribuiriam para o interesse no jogging que mudaria a configuração das rotinas diárias americanas.)

Em transe, Cayce atendia aos resíduos e aos venenos reais com o mesmo cuidado com que atendia aos veículos do que tinha de ser eliminado. Havia compostos especiais para estimular e limpar o fígado e outros órgãos, incluindo o uso de fumos de brandy num barril de carvalho chamuscado para limpar os pulmões. Havia dietas especiais de limpeza, como comer apenas maçãs durante

três dias, seguidas de uma pequena porção de azeite. Mais basicamente, aconselhava que todos bebessem seis a oito copos de água por dia, facilitando os processos de eliminação pelos rins e pela bexiga. Um procedimento aplicado sobretudo à eliminação e à circulação linfática era usado de diversas formas: óleo de rícino aplicado externamente em compressas de flanela, com calor, durante uma hora. Investigação posterior mostraria o impacto desta substância invulgar — com uma reputação secular como *Palma Christi*, ou palma de Cristo — na complexa química do sistema imunitário.

Entre as substâncias que as leituras frequentemente destacavam para serem eliminadas estavam resíduos de medicamentos que se tinham transformado em cargas para o corpo — tal como até vitaminas em excesso podiam fazer. Mas, muitas vezes, é claro, o trato gastrointestinal exigia atenção central como via de eliminação, não apenas por obstipação óbvia ou colite, mas por efeitos menos estudados de matéria fecal endurecida a aderir em placas às paredes do cólon. Para a visão de Cayce, esse material podia gerar venenos na corrente sanguínea que resultavam numa variedade de efeitos nocivos, incluindo enxaquecas. Aconselhava laxantes em dosagens e períodos ajustados às necessidades individuais, recomendando alternar tipos minerais e vegetais para que o corpo não ficasse dependente de um ou de outro. Jejuns e dietas especiais destinadas a melhorar o funcionamento gastrointestinal não eram incomuns, e o uso de irrigações colónicas de grande volume para limpar profundamente o intestino, de tempos a tempos, era quase uma marca de Cayce.

O padrão geral nas leituras era, contudo, uma ação cuidadosa e lenta, não purgas violentas, pois a campanha de eliminação era articulada com a restauração das capacidades naturais do corpo para combater a doença e reconstruir tecido. A Castoria de Fletcher, por exemplo, aparecia muitas vezes como laxante recomendado, mas em doses surpreendentemente pequenas, «fracionadas», dadas com frequência ao longo de várias horas ou de um dia. Era um composto (um entre vários) em relação ao qual as leituras mostravam uma vigilância imediata sobre a produção, pois o transe assinalava logo quando os fabricantes alteravam ligeiramente a fórmula e insistia em acrescentar suplementos para repor as propriedades necessárias. Outros compostos, porém, eram abandonados abruptamente quando eram alterados.

Limpar e Libertar a Mente

O Cayce em transe tratava de ajudar também os seus consulentes a eliminar venenos ou bloqueios na mente e nas emoções — e aí eu anotava igualmente «fora» no meu pequeno caderno. Não se referia ao tipo anal de estrutura de carácter de Freud, destinado a descrever a pessoa excessivamente empenhada

em reter ou acumular para ter poder sobre os outros através do que é retido, reforçada por ordem, controlo e rigidez excessivos. Mas agia como se este fosse um conjunto importante de padrões psicológicos. Os que eram mesquinhos ou secretos com os seus pensamentos, sentimentos e bens, e que não se entregavam plenamente às relações, eram empurrados por Cayce, nas suas leituras médicas, para um trânsito mais livre tanto com pessoas como com coisas. Um banqueiro, por exemplo, foi perguntado há quanto tempo não brincava com crianças, ou não sujava as mãos, e foi instado a novas experiências. Qualquer pessoa que exagerasse na ordem e no controlo, ou que eliminasse indevidamente quer impulsos naturais quer a consciência natural, podia ser desafiada. A ênfase constante de Cayce no serviço significava que a vida era mais plena em termos do que se dava para fora do que do que se retinha.

Rancores e ressentimentos precisavam de ser expurgados tão verdadeiramente como material produtor de venenos no cólon. Ele traçava como a retenção desses padrões negativos não só perturbava a mente como alterava os tecidos. De modo semelhante, delineava como reter afeto e sentimento honesto para impressionar ou controlar os outros — ou mesmo, supostamente, para agradar a Deus — podia desequilibrar o sistema físico, tanto quanto ceder a emoções exageradas.

(«Quem não tem temperamento não vale muito; quem não o controla vale menos ainda.») Nas leituras físicas, tal como nas leituras de vida mais psicológicas e espirituais, tomava em conta não apenas o que tinha de ser limpo da psique, mas também aquilo que estava a ser indevidamente eliminado, negado, reprimido, ignorado, hipercontrolado ou retido. Aqui apontava para aquilo que Jung descreveu como resposta a uma Persona — a máscara social — demasiado desenvolvida, sob a qual se agita uma Sombra interior inquietante.

Cayce dava também atenção especial a votos que as pessoas tinham feito, fossem por elas nomeados ou não. Na sua visão, compromissos tão fortes (por exemplo, um voto de nunca mais se magoar em relações íntimas) podiam ser surpreendentemente eficazes durante longos períodos e exigir uma limpeza disciplinada. De facto, votos podiam durar várias vidas, criando graves problemas de saúde e de inteireza. Ainda assim, em geral, Cayce não defendia o «despejar» de sentimentos. Tal como no tratamento do corpo, dava prioridade a passos pequenos, medidos e repetidos, em vez de catarse drástica ou excisões.

Quando o termo «fora» aparecia nas minhas notas ao lado das referências de Cayce às dimensões espirituais da cura e da manutenção da saúde, as suas sugestões desenvolviam o tema de «esvaziar-se para ser preenchido». Naturalmente, a ideia não era limpar a casa e deixar que sete demónios

irrompessem do inconsciente ou da cultura. A intenção era um tipo particular de esvaziamento disciplinado que permitisse à vontade habitual conformar-se mais de perto com a vontade de Deus e à mente ser transformada pela ação renovadora de uma Realidade maior.

Uma forma desse esvaziamento — ou eliminação no modo espiritual — era o perdão. Repetidamente, o homem que aconselhava esforçava-se por suavizar a auto-condenação daqueles a quem orientava. Advertia que, embora o pecado e a culpa perante Deus fossem reais e universais, havia perigo em arrogar para si a função de juiz divinamente autorizado, quer sobre si próprio quer sobre os outros. Os seres humanos, nesta visão, não estão bem equipados com a sabedoria, a justiça e a misericórdia necessárias para servir de seus próprios juízes finais; demasiadas vezes usurpam o lugar do divino, chegando mesmo a sentir um orgulho secreto no processo de condenação. Ao atacarem-se a si próprios, ou ao atacarem os outros, diminuíam uma parte da criação querida do Criador: uma alma, uma pessoa única, trazida à existência para a própria companhia de Deus.

É claro que os que falhavam em examinar-se — tal como os que reprimiam uma culpa merecida (e assim evitavam procurar perdão) — eram instados por Cayce a «afastar-se e ver o eu passar», pois, em última análise, cada alma «tem de prestar contas de si» pelas suas ações e omissões. A alguns perguntava-se onde estariam se Deus os tratasse como eles se tratavam a si mesmos e aos outros, e a resposta pungente podia ser «um esquecimento impensável». Assim, a voz tranquila do Cayce em transe suplicava aos ouvintes que fossem responsáveis, mas que não condenassem, voltando-se para a misericórdia da sua Fonte enquanto se voltavam para os semelhantes com a compaixão de que eles próprios necessitavam. Sempre, insistia Cayce: «Como o fizerdes aos vossos semelhantes, assim o fazeis ao vosso Deus.»

Que poderia então libertar alguém de tudo o que tem de ser eliminado como arrependimento, culpa e condenação? Uma vez cessada a violação de valores profundos e invocada a misericórdia renovadora de Deus, o perdão e a libertação — ou eliminação — de venenos espirituais seriam encontrados no dar generoso aos outros. Aqui, Cayce podia ser tão explícito como com a medicação. Pois podia nomear as relações precisas, na família ou entre associados de negócios, onde o perdão teria de começar para libertar a força vital bloqueada do indivíduo.

Ainda assim, o homem em transe tinha o cuidado de não humilhar nem assustar. Protegia a privacidade e o respeito final por si próprios dos seus consulentes, no espírito amoroso já referido. Não amputação, mas limpeza e

lavagem — tão bem simbolizadas pelo batismo por imersão na tradição eclesial de Cayce — era o espírito geral do aconselhamento sobre eliminação, quer física quer espiritual. Não defendia ascetismo feroz e penitência para a maioria, embora houvesse algumas pessoas egocêntricos a quem aconselhava regimes de simplicidade ascética e sacrifício. A "cirurgia" no plano espiritual ficava reservada ao divino, a menos que fosse claro que o indivíduo já sentia que era tempo de arrancar um temperamento corrosivo, uma fraude nos negócios ou um caso extraconjugal destrutivo. Nesses casos, Cayce falava para fortalecer a própria determinação da pessoa.

O motivo de «esvaziar-se para ser preenchido» surgia também na dimensão espiritual quando Cayce recomendava a meditação a todos. Não era dogmático na recomendação, nem oferecia benefícios vistosos de controlo da mente ou do corpo, mas via a meditação como parte da saúde total. Quando o tema surgia, falava dela com clareza e persuasão, décadas antes de a meditação se tornar um tema contracultural na sociedade americana e de, lentamente, se infiltrar na prática religiosa organizada. Na oração, que ele sugeria ser o fundamento da meditação, a consciência era devidamente preenchida com pensamento, palavra e símbolos, até que o voltar-se para Deus transbordasse de gratidão, louvor e compromisso, dentro do qual as petições podiam ter o seu lugar legítimo. Tal atividade era o coração do culto público e das devoções privadas. Em contraste, a meditação significava esvaziar a consciência para que pudesse desenvolver-se um movimento mais profundo de pensamento e de ser — a que se poderia chamar escutar Deus — não tanto perseguindo pensamentos e símbolos, mas recebendo o divino no ser aquietado.

Na visão em transe de Cayce, a psique tinha nível após nível abaixo da consciência superficial, com dinâmicas inatas tão poderosas como as que permitem a uma planta minúscula mover um rochedo ao procurar a luz do sol. A meditação, que esvaziava e limpava a consciência superficial através de um jejum pacífico do pensamento discursivo, podia libertar um potente movimento interior em direção a uma humanidade plena e saudável. Ele encorajava o uso de frases de focalização para iniciar o processo — quer trechos de Escritura, quer ditos familiares à pessoa — ou «afirmações» mais formais (as suas versões eram, na verdade, tanto oração como asserção) nas quais os indivíduos podiam modelar as suas próprias palavras. Essas pequenas frases funcionavam como mantras das religiões orientais, ou como afinação a partir de textos e tons de hinos em coros.

Na sua visão, o que se libertava na meditação era muito mais profundo do que a mera ação da sugestão. Era a inclinação verdadeira e natural da alma, à

medida que o eu mantinha diante de si o melhor ideal escolhido. Pois aquilo que estivesse «na mente» nos níveis primários da psique viria à superfície e traria as energias que lhe acompanham na meditação. Se a arte antiga fosse praticada diariamente, em conjunto com oração, intercessão e serviço, e enraizada numa comunidade de aliança, a forma nobre interior da pessoa afirmar-se-ia, tal como a planta cresce da semente ou o embrião do encontro de duas células. O processo de empurrar «para fora» tudo o que não é essencial para o voltar-se aquietado e silencioso para Deus, na meditação fundada na oração, era um tipo precioso de eliminação — não apenas para o crescimento da alma, mas, em última análise, também para a saúde e a inteireza do corpo.

Em passagens sobre meditação, ele usava a linguagem do ioga kundalini da Índia e do Tibete, a par de material dos Salmos sobre meditar na lei de Deus. Para o Cayce em transe, o conceito de chakras, ou centros espirituais, em sete pontos-chave do corpo, era útil para compreender o que é ser «cheio do Espírito», já que toda a criatividade usa os mesmos circuitos no corpo. O que tinha de ser esvaziado para permitir que a força vital ardente subisse secretamente dentro da pessoa e fosse encontrada por línguas invisíveis de fogo vindas do Além era a vontade própria e a inflação do ego — não a identidade do eu. Aqui, Cayce afastava-se de algumas formas de pensamento e prática hindu que enfatizavam a dissolução do ego e da individualidade no todo maior. Na sua visão, a identidade era preciosa para o Criador; caso contrário, porquê a criação? Mas a autonomia ditada por si mesmo precisava de ser purgada, tão verdadeiramente como um intestino obstruído.

Dentro, ou Assimilação na Saúde

A pequena palavra «dentro» surgia no meu caderno quando Cayce aconselhava ingestão, absorção e assimilação para a cura. Aqui o foco não era esvaziar, mas repor e nutrir, e absorver aquilo que fosse introduzido na pessoa. O princípio poderia ser: «Somos o que comemos» — ou bebemos, respiramos, engolimos, esfregamos, em que nos deixamos impregnar e que cheiramos. O processo era também afetado pela forma como fazíamos essa entrada: com indulgência, distraidamente ou com ansiedade. E também era importante considerar o que, no íntimo, pretendíamos no processo: salvar ou servir, dominar ou cooperar, na confiança ou no medo.

Era raro uma leitura médica para uma doença grave não delinear um regime ou uma dieta para alimentar e suprir o corpo. Removiam-se venenos e escórias; os tecidos em luta tinham de receber os recursos necessários para restaurar a função natural. Ajudar a assimilação podia, claro, ser tão simples como fornecer mais oxigénio através do exercício ou de tempo ao ar livre. Mas, mesmo assim, a

circulação tinha de estar em condições de transportar a carga do sangue para ser assimilada, podendo exigir massagens, osteopatia, compressas especiais ou banhos. Órgãos lentos, encarregados de lidar com a entrada pela respiração ou pela digestão, podiam precisar de estímulo ou moderação — quer por ação osteopática ou de massagem para libertar e acelerar impulsos nervosos, quer por intervenção química ou até cirúrgica, quando venenos se tinham acumulado ou estavam a estrangular um órgão ou tecido. Mas, uma vez o corpo liberto para receber e usar o que lhe era oferecido, o jogo era suprir-lhe as necessidades de forma sólida — e equilibrada. Os dois processos decorriam em conjunto, pois eliminação e assimilação continuavam sem cessar e não podiam ser suspensas durante algumas semanas para uma revisão geral da canalização e da cablagem, ou das vigas e das panelas do corpo.

A maioria das sugestões alimentares parecia tão sensata que as pessoas agiam sobre elas com mais prontidão do que sobre outros aspetos dos seus regimes de tratamento — até mais do que sobre exercício e relaxamento. É certo que as dietas de intervenção especial ou os nutrientes destinados a fornecer substâncias a corpos muito doentes eram difíceis de avaliar: topinambo para diabetes, cataplasma de tanchagem para certos cancros, sumo de carne de vaca cuidadosamente preparado para corpos muito debilitados, um produto chamado Kaldak para deficiência de cálcio, e muito mais. Os alimentos preventivos eram mais fáceis de seguir — não apenas as três amêndoas por dia contra o cancro, mas a humilde couve para oxiúros.

Mas era a dieta normal que Cayce delineava repetidamente que atraía não só especialistas em nutrição, mas também leigos ponderados. Alternar ovos e cereais ao pequeno-almoço, privilegiar saladas ao almoço, escolher peixe, aves ou borrego ao jantar mais vezes do que a carne de vaca sempre igual que os americanos tanto prezam, duas hortícolas de acima do solo por cada uma de baixo, equilibrar hortícolas amarelas e verdes, comer alimentos cultivados no ambiente imediato, acrescentar gelatina como catalisador para assegurar a absorção de vitaminas — a lista era ampla e variada, mas sensata e, em anos posteriores, daria origem a vários livros muito lidos, bem como a investigação.

Cayce não era fanático a aconselhar distribuições alimentares e recomendava moderação em vez de rigidez. Estava perfeitamente disposto a explicar as cadeias de respostas digestivas e as ações dos nutrientes que via no seu estado de transe. Como em todas as suas leituras, parecia mais interessado em formar adultos autónomos, capazes de tomar as suas próprias decisões, do que em obter resultados em tecidos específicos — exceto quando havia doença grave. Permitia cigarros (os feitos de tabaco puro — nada fáceis de encontrar)

com moderação, tal como quantidades limitadas de cafeína e álcool, indicando que o corpo estava preparado para transformar estas substâncias em alimentos ou estímulos úteis. Era menos indulgente com bebidas gaseificadas, descritas como «lavagens» para um consulente de nutrição (embora, por vezes, prescrevesse xarope puro de Coca-Cola como medicamento). Muitos, porém, ficavam surpreendidos com a sua admoestação inflexível, ao longo dos anos, para não combinar café e natas, ou sumos cítricos e cereais, já que essas combinações figuravam nos pequenos-almoços de tantos americanos. Mas o Cayce em transe insistia que uma investigação cuidadosa mostraria essas combinações como stressantes para a digestão.

A assimilação era apresentada, claro, como um processo mais amplo do que digerir comida e bebida. Havia o «entrar» pela respiração e pela pele. Fumos, banhos especiais e massagens nutritivas tinham lugar no leque de remédios de Cayce. O óleo de amendoim, insistia, podia em muitos casos prevenir ou aliviar artrite quando friccionado em áreas irritadas, especialmente em combinação com banhos de sais de Epsom e irrigações colónicas, quando necessário. Outros tipos de pomadas, fricções e compressas acrescentavam-se ao processo de assimilação, incluindo um composto originado por Cayce que os seus arquivos mostravam ter sido notavelmente eficaz a reduzir ou prevenir o desenvolvimento de tecido cicatricial. Prescrevia o que esfregar sobre ou em torno dos seios para os aumentar ou reduzir, e o que aplicar para queda de cabelo (parte derivada de outra cobertura externa: cascas de batata). A luz solar, tão usada pelos americanos para bronzear, recomendava-a apenas antes das dez ou depois das duas horas (hora legal) — horários em que a queimadura era mínima.

As intervenções nutritivas mais sofisticadas exigiam voltar a injetar o próprio sangue do doente com leucemia depois de o tratar, ou usar circuitos elétricos para transferir cloreto de ouro para o corpo a fim de reconstruir nervos, ou aplicar luz de vapor de mercúrio através de vidro de quartzo verde para certos tipos de cancro. Até os próprios recursos do corpo podiam ser usados para lhe trazer ajuda especial, explicava ele, ao orientar a construção de um aparelho tipo bateria para captar minúsculos impulsos elétricos naturais de uma parte do corpo e fazê-los circular para outras. Em muito deste aconselhamento invulgar, estávamos rodeados de enigmas, muitos dos quais só viriam, de facto, a receber atenção de investigação muito depois da guerra. Mas, no conjunto, era claro que, na assimilação como na eliminação, Cayce procurava maximizar a função natural do corpo, em vez de recorrer a intervenções grosseiras. Insistia que o corpo podia criar, quando não demasiado danificado, todos os químicos de que precisava a partir de suprimentos familiares e equilibrados.

Mas, claro, os corpos trazidos à visão de Cayce estavam muitas vezes profundamente perturbados ou debilitados, pelo que ele fornecia os químicos que via como necessários. O seu composto original para prevenir enjoo do mar e outras cinetoses era amplamente usado por quem o conhecia. Outras prescrições originais eficazes tratavam as náuseas matinais de grávidas, além dos seus xaropes para a tosse e laxantes. Ditou uma fórmula de pomada para pôr em gengivas infetadas, que um amigo comercializou modestamente com o nome Ipsab, e outra para hemorroidas chamada Tim.

Disse-me que uma pasta dentífrica conhecida, que destacava a prevenção de irritação gengival, usara um derivado de Ipsab vindo das suas leituras, embora eu não o tenha conseguido verificar. Além disso, um cientista hindu chamado Dr. Bisey veio ter com Cayce com um plano para desenvolver uma forma de iodo que libertasse moléculas de I-um juntamente com o habitual I-dois. Uma série de leituras produziu o Atomidine, que Cayce, em transe, sugeria em quantidades muito pequenas para limpar e regular a função das glândulas endócrinas. O alcance do que ele via ou criava para acrescentar ao corpo por via da assimilação era, ao que parece, tão vasto quanto cautelosamente manejado.

Alimentar a Mente

O que destacavam as leituras para pôr «dentro» na mente? Essa escolha parecia mais importante para Cayce em transe do que para a maioria de nós, que pensamos em estimular e equipar a mente, mas não costumamos pensar em termos de a alimentar. No entanto, para ele, a mente era a grande formadora não só da saúde do corpo, mas do destino humano, quando usada sabiamente com a vontade (que via como um dado primordial da constituição humana). Nesta visão, tornávamo-nos não só o que comíamos e bebíamos, mas também — numa vida ou noutra — aquilo de que alimentávamos a mente: o que pensávamos e aquilo com que nos importávamos. Cayce prestava mais atenção ao funcionamento diário do inconsciente ou subconsciente do que a maioria das pessoas que não se ocupavam de psicoterapia.

Muitas vezes sublinhava a sugestibilidade última da mente. Os níveis mais profundos da psique construiriam, ampliariam e manifestariam aquilo em que estivessem centrados, pela criatividade notável que é própria da mente. Como Paulo, via uma distinção importante entre viver «para» a carne e viver «com» a carne, porque, na sua visão, os seres humanos podiam ser moldados para se tornarem animais virtuais se assim o escolhessem. Escolher leituras e companhias, portanto — bem como brincadeiras e devoções, trabalho e viagens, artes e artefactos — não eram meras questões de lidar e de se distrair

agradavelmente. Definiam direções que trariam resultados nos meses e anos — ou séculos — de crescimento pessoal e de saúde que se seguiam.

O Cayce inconsciente não se referia ao tipo de carácter oral de Freud, que representa um estilo de vida de dependência e incorporação dos outros. Mas parecia bem consciente de que havia tendências positivas e negativas no processo de ingestão da mente. Havia credulidade, imitação e engolir acrítico de pessoas e ideias, tal como havia morder e rasgar aquilo que surgia diante do intelecto hipercrítico. Cayce seguia a Bíblia ao considerar a língua um membro poderoso e a fala um molde tão forte da realidade e das relações que o Verbo se tornava símbolo da própria ação criadora de Deus. Concordava com Jesus que o que saía da boca em palavras era mais importante do que o que nela entrava, ao sublinhar aquilo de que a mente se alimentava através do tagarelar da boca — fantasias, esperanças, memórias, mexericos ou bênçãos. Isto determinaria o que mais tarde sairia dessa boca como comando, criação e chamamento.

Centenas de vezes desenvolveu nas suas leituras o tema: «A mente é o construtor», ligando-o à segunda pessoa da Trindade, o Logos com o qual todas as coisas foram feitas. Contudo, a mente por si só, como no pensamento bíblico, podia tropeçar na imaginação e tinha de ser correlacionada com uma vontade disciplinada. Na sua perspetiva, as paixões não eram tanto o predicamento humano central quanto a mente diretriz e a vontade.

Cayce atribuía à mente um grau notável de autonomia, em vez de determinismo. Embora tomasse em conta influências sobre a psique vindas de pais, professores e outros moldadores da educação (sem falar de influências de vidas passadas, ou de experiências entre elas), parecia atribuir ainda maior peso à capacidade do indivíduo de se alimentar a si próprio de valores prezados. Aqui parecia afastar-se da ênfase psicanalítica ortodoxa na formação definitiva da infância. A chave para usar a autonomia adulta, na sua visão, era estabelecer ideais a trazer de novo e de novo à consciência — tanto em simbolismo codificado (o que mais tarde se chamaria atividade do hemisfério direito) como em decisão e planeamento racionais (atividade do hemisfério esquerdo).

Essa alimentação voluntária atuaria não só sobre o amor e a produtividade, mas sobre a própria saúde. Por «ideal», ele não entendia um objetivo arbitrário ou aquilo a que chamava uma «ideia» como parte de uma ideologia governante, mas uma construção ponderada à qual se daria compromisso sem reservas numa grande área da vida. Um ideal assim incorporava uma direção a que se respondia com as profundezas do ser, não uma aspiração arbitrária e oportunista. Vocação, no sentido religioso de ser chamado a viver por ideais

escolhidos, não era um processo reservado a monásticos ou líderes religiosos, mas destinado a todos.

«Desenhe duas linhas num pedaço de papel», aconselhava frequentemente, «e ponha, em colunas com os títulos espiritual, mental e físico, o que escreveria como "O meu ideal".» As entradas nas colunas — advertia — muitas vezes teriam de ser alteradas e correlacionadas para que se apoiassem e implementassem mutuamente. E, muitas vezes, exigiriam apagamentos para serem reformuladas ou ampliadas. Em última análise, dizia, a pessoa desenvolveria formulações não apenas práticas, mas translúcidas ao divino. Para quem achasse útil, o ideal podia ser pesado em relação à pessoa e à presença de Cristo procurada pela oração. Em tempos tranquilos e em tempos turbulentos, podia perguntar-se: «O que quer Ele que eu faça?» Uma resposta útil viria mais depressa a quem se alimentasse de um ideal escolhido do que a quem apenas derivasse, ou vivesse reactivamente sob as pressões e exigências dos outros.

Cayce nunca se cansava de explicar que o cuidado e a alimentação da mente exigiam cautela quanto à projeção dos seus conteúdos. Aquilo que víamos nos outros e que nos perturbava ou nos comandava com emoção demasiado pronta, explicava ele, era muitas vezes percebido porque, na verdade, estava dentro de nós e pronto a ser atendido. Aqui considerava uma das defesas freudianas clássicas, tal como considerava racionalização, repressão, formação reativa e outras. Mas também se aproximava de Jung ao notar que aquilo que é valioso e está em desenvolvimento em nós é muitas vezes descoberto primeiro pela projeção sobre os outros.

A sua intenção não era tanto chamar as pessoas a uma perceção de si estudada em todos os momentos, mas levá-las periodicamente a avaliar e modificar aquilo com que alimentavam a mente. O que lhes prendia o interesse? O que permitiam que as fascinasse ou as compelisse? Se se alimentassem de vingança, de ambição estreita, de proeza sensual ou das falhas dos semelhantes, encontrariam vários tipos de resultados na vida: reacções pronunciadas a esses temas, tentações a atraírem-se para o seu caminho e, por fim, doença física ou disfunção.

A melhor forma de alimentar a mente era mergulhar em criar para os outros aquilo que verdadeiramente se valorizava para si próprio. «Se quereis amigos, sede amigáveis; se quereis amor, sede amorosos.» Aqui, Cayce exprimia um princípio que insistia ser uma das grandes leis do universo: «O semelhante atrai o semelhante.» A lei não era sobre conjurar por magia simpática ou manipulação ocultista de correspondências, mas era semelhante ao pensamento de Carl Jung, segundo o qual a ativação de um arquétipo na psique podia conduzir a uma

ressonância com arquétipos comparáveis noutro lugar, atraindo pessoas, objetos e acontecimentos para órbitas de sentido por "sincronicidade acausal". Nessa visão, poderíamos ver-nos rodeados não apenas por cadeias de causa e efeito, mas por algo como grandes meridianos de força que cingiam o nosso mundo invisivelmente, puxando o semelhante para o semelhante (como sugeriram Progoff e Koestler). O olhar de Cayce parecia incorporar tal perspectiva quando explicava que aquilo de que a mente se alimenta não é apenas uma questão de jardinar o nosso canto privado da realidade. Pelos nossos pensamentos, cada um de nós atua para «remir os tempos» ou para trivializar e talvez demonizar o que se passa à nossa volta. Das nossas mentes seriam também fiadas tendências para os nossos corpos, tal como os nossos rostos, à medida que envelhecemos, refletem cada vez mais o nosso carácter essencial.

Alimentar o Espírito

Nas dimensões do espiritual, do último, as minhas notas com «dentro» mostravam Cayce a descrever também a assimilação como um processo de saúde. Duas imagens, nas leituras médicas, chamavam a atenção: a respiração e a comunhão.

Cayce estabelecia a mesma ligação entre o fôlego e a oração que a Índia fizera, não muito diferente da ligação bíblica entre o sopro, o vento e o Espírito. Chegava mesmo a falar da qualidade da vida de alguém como sendo «um suave odor ao Senhor». A sua imagética sobre a respiração como emblema espiritual tornava-se vívida quando falava do respirar que acontece enquanto estamos absorvidos em meditação ou numa tarefa valiosa, quando se pode repousar levemente sobre a respiração no silêncio de uma atenção focada. Uma respiração assim não era "tecnologia" e, no entanto, tinha consequências definidas para correntes de cura no corpo, ao afetar os centros kundalini e a função glandular associada, enquanto se mantinham trocas com o ar ambiente.

Ao usar a respiração como imagética espiritual, Cayce parecia aconselhar um comércio responsivo com o universo: permitir-se ser encontrado, interpelado e surpreendido, em vez de, incessantemente, agarrar, apanhar e devorar tudo o que pudesse ser vantajoso. Para estar cheio, era preciso ser preenchido — aceitar dons como dons. Quer dançando, brincando, arfando numa tarefa, suspirando ou cantando, fazia diferença para a saúde reconhecer que a vida vinha, como a respiração, de fontes invisíveis, como bênção, e não apenas como coisas boas para colher e consumir. O comércio incessante com o ar invisível podia ser um modelo de um modo de vida que flui em vez de manipular — aquilo

que os antigos da minha China natal tinham descrito há muito (e uma leitura citava) como o Tao.

A imagem da comunhão em conjunto surgia também no aconselhamento médico para significar a dimensão espiritual da assimilação. «Até conseguires ver em cada pessoa que encontras, embora esteja em erro, aquilo que adorarias no teu Senhor, ainda não começaste a viver corretamente» era o exigente aconselhamento de Cayce. O que ele pretendia, ao que parece, não era estreitar o foco à essência abstrata do outro, nem um truque psíquico de "ligar" ao interior da psique alheia, mas um esforço sentido de atender à outra pessoa como um ser inteiro e único perante Deus, que exigia a nossa atenção sem reservas. Aqui oferecia um paralelo direto com a relação eu-tu de Buber — não como postura para sustentar a toda a hora, mas como essencial a não deixar de fora da vida quotidiana.

Cayce não fazia esforço para impor aos ouvintes o rito da comunhão, tão proeminente na sua denominação nascida na fronteira, que integrava cada culto de domingo como aquilo a que chamava «a Ceia do Senhor». Certamente presidira a essa mesa ritual como ancião ou diácono muitas centenas de vezes nas comunidades onde vivera. A cerimónia era-lhe querida, mas nas leituras falava dela apenas para sublinhar o que se poderia chamar vida sacramental: envolver-se nas ações do dia-a-dia de tal modo que nunca se estivesse longe de comungar com a Fonte da própria vida. Numa leitura, falou do Espírito como estando «em, com e sob» todas as nossas vidas — uma fórmula antiga para a comunhão como «um símbolo exterior e visível de uma graça interior e espiritual».

Tradicionalmente, a refeição de comunhão usa uma quantidade muito pequena de comida e bebida para alimentar a pessoa com o corpo e o sangue renovadores de vida de Cristo. Nas leituras médicas, a linguagem teológica não era muitas vezes forçada, mas ficava claro que aquilo de que nos alimentamos com os outros, no coração, tomará forma na proporção da sua nobreza. Tal como a respiração nos recorda a nossa Origem invisível, momento a momento, assim comer e beber poderia recordar-nos que encarnamos o nosso melhor potencial, conquistado no compromisso com os outros e não à parte deles. Em séculos anteriores, os cristãos tinham chamado à comida e bebida da comunhão, ou da Eucaristia, o remédio da imortalidade. Talvez não fosse assim tão estranho que Cayce falasse de se alimentar diariamente de realidade espiritual, no espírito d'Aquele que disse: «Tenho outro alimento que vós não conheceis.»

Cayce parecia aqui afirmar algo profundamente otimista. Os seres humanos podiam mudar. Precisavam de ajuda — até de ajuda divina, vinda de além de si

mesmos. Mas estavam construídos segundo um plano amplo. As derrotas, os fracassos, até os pecados e os males monstruosos, não eram a última palavra sobre a encarnação ou sobre a doença. Alimentar-se de «tudo o que é amável» podia, com paciência (conceito cardinal aqui), transformar até um corpo quebrado, um coração desesperado ou uma alma confusa. Agindo «linha sobre linha, preceito sobre preceito», no espírito de comungar com o Eterno, qualquer pessoa poderia crescer em direção à saúde. Tão verdadeiramente como podemos escolher o que pôr na boca e o que esfregar nos membros, podemos escolher o que enfatizar nos nossos esforços. «Aumentai os pontos de acordo e minimizai as diferenças» era o aconselhamento que punha a comunhão em primeiro plano. O resultado pleno seria dom, como o é cada gole de ar livre. Mas seria encontrado através dessa atenção e recetividade, de corpo e alma, aos outros — a que se poderia chamar comunhão.

Impulso, ou Investimento para a Saúde

A palavra «impulso», rabiscada ao lado de entradas nas minhas notas sobre as leituras de cada dia, marcava aquilo que o aconselhamento de Cayce via como saúde a partir de como investimos a nós mesmos. O princípio aqui parecia ser: «Somos aquilo que procuramos criar.» A abordagem incluía também a forma como o fazemos — demasiado pouco, demasiado, ou de modo errado — bem como o que, no íntimo, pretendemos ao fazê-lo: gratificação ou serviço, liberdade ou controlo, conhecimento ou amor.

Ficava claro que Cayce não via o corpo como um conjunto de tubos e órgãos em interação, cuja saúde física resultasse apenas do que dele se retirava ou nele se colocava. O corpo poderia ser melhor descrito como um vaso, moldado e marcado pelos golpes e pelo polimento do seu uso. Este conceito aparecia, por exemplo, quando se dizia aos observadores que reparassem bem no fim de uma sessão, quando Cayce podia ser visto a reentrar no «cofre» do seu corpo. Mas mesmo isso seria uma imagem demasiado mecânica. O emblema que Cayce preferia, colhido de fontes bíblicas, era o do corpo como templo. Como qualquer templo, podia ser ignorado, podia ser usado para idolatria e indulgência, ou podia ajudar a elevar o espírito, fazendo-o subir para além de si mesmo, em direção aos outros. A questão estava em onde e como se daria «impulso» ao esforço.

O termo que Cayce mais frequentemente usava para descrever o funcionamento dos órgãos e sistemas do corpo era «forças». Ao que parece, via tecidos e energias em termos dinâmicos: impulso e "empurrão", que podiam ser insuficientes ou excessivos. Podia-se limpar e alimentar bem o corpo, mas, se fosse relativamente pouco usado, não seria razoável esperar que se mantivesse

saudável. A carne era um instrumento para ir a algum lado, fazer coisas, construir mundos, amar pessoas, criar beleza, verdade e santidade. Não a usar plenamente era traí-la, de tal modo que as próprias forças nos nervos e glândulas que acendiam a paixão e a direção se voltariam para dentro e tornariam a carne doente. Essa doença podia manifestar-se em forma simbólica — no que não se conseguia «digerir», no que não se podia suportar «às costas», no que não se podia «aguentar» numa pessoa ou atividade. De facto, uma tal doença metafórica era a base de parte do que Cayce chamava carma na dimensão física. Uma leitura disse a um homem que a asma (que quase o sufocava) tinha sido instalada por ele ter «apertado a vida» de outros numa existência anterior. A implicação era que a forma como nos pressionamos e pressionamos os outros — ou como nos investimos — molda a saúde tão verdadeiramente como aquilo que eliminamos ou comemos.

Como uma dimensão do «impulso» era falhar por não dar impulso suficiente em direções úteis, Cayce, em transe, falava firmemente das consequências para a saúde daqueles que vagueavam ou se entregavam ao conforto, sem usar os tesouros dos seus talentos e experiência. Perguntava muitas vezes a quem procurava a sua ajuda por que queria ficar bem, desafiando-o a definir uma direção de vida melhor. Via-se o padrão a que ele respondia em perguntas de correspondência que traíam narcisismo, hipocondria ou outra absorção excessiva no eu. Na visão das leituras, os corpos foram feitos para ser usados, o amor é para criar e a vida é para ser gasta. Não raramente, alguém a receber aconselhamento médico podia ouvir uma citação ardente das necessidades dos pobres, dos sós ou dos oprimidos, lado a lado com medicamentos, fricções e enemas.

Mas falhar por falta de impulso não era mais destrutivo para a saúde do que o padrão oposto — empurrar demasiado, ou nas direções erradas. Este problema era proeminente entre os consulentes de Cayce, pois ele tendia a atrair para aconselhamento pensadores independentes que se impunham a si mesmos e dominavam os outros. Assim, oferecia procedimentos de relaxamento, com lugares e momentos para reflexão e renovação, juntamente com admoestações sobre vidas equilibradas, em que trabalho e lazer se entrelaçavam sob a estrela de um propósito elevado.

As mudanças de ritmo eram apresentadas não apenas como estímulo ou distração, mas como sobrevivência, pois o corpo não conseguia sustentar as formas compulsivas tantas vezes impostas por pessoas de vontade forte. Até o próprio Cayce foi severamente advertido, nas suas leituras, para fazer pausas,

procurar contrastes, viajar, brincar e ir à pesca, sob pena de adoecer e falhar em servir precisamente as pessoas por quem se extenuava.

Para aliviar pressão e stress, havia massagens dadas por alguém amoroso — tal como pôr-se a massajar outra pessoa ajudaria a despertar o próprio sentido de energias vitais não forçadas. Eram especificados exercícios para cada região do corpo e para necessidades internas de vários órgãos, para implementar o uso adequado, sem pressa, do «impulso».

Havia exercícios para preparar grávidas para o parto, exercícios para reduzir ou eliminar a necessidade de óculos e exercícios úteis para a meditação. Caminhar era recomendado a todos e nadar era frequentemente encorajado. Um corpo saudável tinha de ser usado fisicamente, mas o descanso e o relaxamento eram o contraponto necessário ao esforço. Aconselhava-se muitas vezes um período de repouso após o almoço — algo que poderia agradar a culturas com sesta. Viagens, férias e desporto recebiam o seu devido lugar. Cayce tomava prontamente em conta, nas leituras, limitações por lesões e incapacidades congénitas, ou riscos de exposição ligados a fragilidades crónicas do corpo. Mas uma nota fundamental era sempre tocada: tal como um instrumento musical fino, o corpo desempenharia melhor e conservaria a saúde se fosse usado com equilíbrio para trazer alegria ao mundo.

Investir a Mente

Na dimensão mental da saúde, o «impulso» também surgia. A forma como uma pessoa usava a consciência moral ou os sistemas de controlo da sua vida refletir-se-ia nos tecidos. O egocentrismo sob controlos defeituosos levaria não só a músculos flácidos e má circulação, mas a comprometimento de órgãos, dependendo de se a indulgência fosse comida, sexo, álcool, vaidade ou outra. Cayce pressionava aqueles cujo círculo de vida se tinha fechado para dentro a estenderem-se aos outros em necessidade, a adotarem novos passatempos, a fazerem novas amizades, a lerem, a arriscarem. Mas, em contraste, advertia os que deixavam que os seus controlos mentais e expectativas os pressionassem demasiado de que teriam os seus próprios problemas de saúde. Encontrariam efeitos nos tecidos sob a forma de congestão, inflamação e outras consequências destrutivas de demasiada adrenalina no sistema. Corrigir qualquer dos excessos exigia clarificar ideais para descobrir o que era realmente valioso e, depois, mudar o que não fosse verdadeiramente e sabiamente escolhido por si.

O Cayce em transe não usava o conceito freudiano de estrutura fálica de carácter para representar tendências de personalidade para exibicionismo ou

uma competição excessiva contra os outros. Mas tais processos pareciam bem representados. Por exemplo, a primeira lei do crescimento na sequência de tarefas que compunha o manual espiritual desenvolvido anonimamente por Cayce e amigos, chamado *A Search for God*, não era a aperfeiçoamento pessoal assertiva, mas a cooperação. Uma tal ênfase era útil para consulentes perfeccionistas presos no seu esforço autoimposto, ou tão dominados pela ambição que esvaziavam a sua humanidade. Ainda assim, o outro pólo do comportamento — não ser suficientemente assertivo — também captava a atenção de Cayce, por causa da autocomiseração e da raiva autodestrutiva que tantas vezes gerava, bem como vidas solitárias. «Cada cuba tem de assentar no seu próprio fundo», instava ele, e acrescentava, para alguns: «Vive de modo que possas olhar qualquer pessoa nos olhos e dizer-lhe para ir para o inferno.» Para os que se tinham vendido a uma relação simbiótica com um pai, cônjuge ou outro garante, Cayce estipulava um inventário pessoal para assumir plena responsabilidade pela própria vida, para que a doença não espelhasse o espírito protestante da pessoa através da rebelião de células cancerosas, da irritação de uma úlcera ou da pulsação de dores de cabeça.

Cayce não oferecia um modelo ascético como o meio ótimo para equilibrar impulso e relaxamento no corpo, embora não o condenasse para quem o escolhesse sabiamente. Como o Buda, propunha um caminho do meio que juntava êxtase e responsabilidade. A alegria deveria ser o espírito de uma vida vital em todos os níveis, incluindo o sexual e o intelectual, quando escolhidos responsavelmente. Os corpos são vísceras tão verdadeiramente como músculos e nervos.

Uma armadilha especial para a mente, quando se procurava dar um «impulso» eficaz à vida, residia no medo e na dúvida excessivos. Vez após vez, as leituras sublinhavam que estes processos normais podiam, se exagerados, produzir desalento, consternação, depressão e até desintegração da pessoa. Medo e dúvida eram as fontes primárias (para além de comprometimento orgânico) de doença mental, tanto na sua ação corrosiva sobre a autoestima e o julgamento como nos seus efeitos debilitantes sobre circuitos nervosos e órgãos inundados de ansiedade. Os apanhados nos dois atoleiros do medo e da dúvida poderiam precisar de ser resgatados por outros. Contudo, tais pessoas não deviam ser deixadas na dependência, mas encorajadas a formular os seus próprios ideais e valores orientadores e a começar a agir por eles (precisamente como a psicoterapia moderna tantas vezes tenta). Para domar medo e dúvida, cada pessoa poderia perguntar-se sobre a diferença entre aquilo a que Cayce chamava «personalidade» e «individualidade»: a primeira como o eu necessariamente apresentado aos outros para ser visto, apreciado e envolvido

nos assuntos quotidianos; a segunda como a natureza verdadeira do ser único. (A distinção correspondia solidamente ao contraste de Jung entre Persona e Self.) Ambas as estruturas, na visão de Cayce, tinham de ser alinhadas, até que a pessoa exterior exprimisse os padrões da pessoa interior e se pudesse afirmar o próprio valor sem medo ou dúvida exagerados. A fórmula de Cayce para a autocrítica e a avaliação dos outros era: «O que medirdes nos outros será interiormente medido em vós.» Embora de origem bíblica, era congruente com as perspetivas da psicoterapia.

Investir o Espírito

Nas minhas notas de «impulso» na dimensão espiritual da saúde, a primeira questão era quem dava o impulso: o autor último da vida e das oportunidades de uma pessoa. A responsabilidade pessoal era um tema forte e recorrente nas leituras. Era proeminente, por exemplo, no tratamento da reencarnação e do carma, onde tanto o sofrimento como os talentos criativos eram frequentemente apresentados como frutos de escolhas e atos realizados há muito. Mas responsabilidade pessoal e tentar ser o autor de si mesmo não eram a mesma coisa. Na visão de Cayce, a metáfora bíblica do chamamento e da resposta era a mais usada para abordar a questão do destino.

Cada alma fora chamada à existência com certas possibilidades únicas, talentos e dons. Não era, em última análise, fictícia. Ser responsável, então, significava responder a esse chamamento original do Criador — por mais ténue ou claro que fosse ouvido — em atividades que faziam vibrar a corda do propósito central, colocada em cada pessoa pelo Artífice. Por vezes, Cayce recorria a Isaías 6:8, instando: «Quando vier o chamamento: "Eis-me aqui; envia-me; usa-me!"», para sugerir como o "impulso" do indivíduo poderia ser melhor moldado em relação com Deus. Uma tal abordagem poderia evitar a contração e a rebelião de uma vida ilusória, que com certeza se manifestaria em perturbações do corpo.

A questão espiritual do sacrifício surgia inevitavelmente, nas notas sobre o «impulso» ou o carácter de investimento da saúde. Quando se deveria esperar empurrar, ou ser empurrado, ao ponto de ameaçar o interesse próprio ou o desenvolvimento pessoal? Apesar de toda a preocupação do Cayce em transe com a saúde como inteireza e equilíbrio, ele não procurava contornar o sacrifício. Em vez disso, afirmava que, para todos, os fogos da vontade própria e da autocomplacência teriam um dia — numa vida qualquer — de ser apagados no altar do amor. Cada pessoa podia esperar algo que equivalia a uma crucifixão última, não como punição, mas como cumprimento da própria natureza da existência, em que o centramento em si teria finalmente de ceder ao

centramento em Deus. Cada um poderia descobrir, no templo do corpo, voltando-se para dentro para encontrar o Autor da vida, quando tal sacrifício estava destinado e podia ser enfrentado sem medo. Não seria um chamamento à extinção, embora pudesse envolver humilhação e sofrimento. Pois Cayce citava frequentemente as promessas bíblicas como seguras: «Deus não quis que qualquer alma perecesse, mas com cada tentação providenciou um meio de escape.»

O homem em transe não aconselhava mortificação de si ou martírio desnecessário. Não era a identidade que exigia sacrifício, mas apenas as preocupações gastas, para serem deixadas para trás. Poderia haver também um tipo diferente de sacrifício: o de privilégio, para aprender — pela escolha da alma de dificuldade, dor ou condição humilde — o que os outros, de facto, estavam a suportar e como ser preenchido de desejo de ajudar. Quando Cayce falava do sofrimento e da crucifixão de Cristo, afirmava que tinham implicado dor real, não fingida. Mas também revelava (numa extensão que parecia ousada da sua visão de aconselhamento) qual era o espírito de Jesus que lhe permitia escolher a fidelidade, mesmo até à cruz. Cayce relatava como oração interior frequente nos pensamentos do Galileu: «Outros, Senhor, outros.» Ao escolher viver pelo mesmo espírito, ninguém poderia esperar evitar a crucifixão da vontade própria.

Circuitos, ou Ligações na Saúde

A área final dos processos básicos de saúde que anotei ao lado das entradas no meu caderno foi a dos **«circuitos»**. Tratava-se da necessidade de pertença, de dar e receber em compromissos, de fluir em canais mais amplos do que as órbitas do próprio eu — algo que podia manter não só o sangue em movimento, mas a própria força vital. Aqui, o princípio parecia ser: **«Somos aqueles a quem pertencemos»**, nas ligações que escolhemos e na responsabilidade que assumimos.

A forma como nos entregávamos a circuitos mais vastos também importava, determinando se nos limitávamos a identificar-nos com os outros ou se assumíamos os riscos de nos expor e, em última análise, de sermos transformados. Do mesmo modo, aquilo que, no íntimo, pretendíamos nos nossos circuitos moldava o seu impacto: poderíamos corporizar — ou perder — o cuidado mútuo no ciclo da vida.

Quando o homem inconsciente descrevia a vida das células e dos tecidos, não relatava qualquer estado de saúde estritamente privado. Tal como uma célula não podia existir sozinha no fígado, no cérebro ou nos bíceps, mas tinha

de funcionar em concerto com outras células em todo o corpo, assim a pessoa inteira não podia encontrar nem manter a saúde sem entrar em circuitos mais amplos do que o conforto pessoal e a sobrevivência. O corpo fora feito para alianças, feito para partilhar e relacionar-se, feito para dar. Reter a energia vital, selar a chama vital, podia danificar o templo por dentro tão verdadeiramente como um ataque em batalha ou invasores microscópicos o poderiam danificar por fora. De uma forma ou de outra, Cayce perguntava aos que sofriam a quem pertenciam, por quem viviam, com quem reclamavam saúde, nos três domínios do trabalho, do amor e da fé. A sua era uma visão social e contextual da saúde, em nítido contraste com a perspetiva médica que trata doenças e síndromes como se os indivíduos fossem mónadas envoltas em pele.

Na visão de Cayce, podia-se estar doente na vocação, no trabalho quotidiano e na vida política. O problema seria a falta de criar, moldar e construir como «um obreiro que não tem de que se envergonhar», para usar uma expressão favorita do Novo Testamento nas leituras. Quer se tratasse do jovem sem chamamento, da pessoa mais velha atolada numa reforma duvidosa, ou do progenitor à procura de uma carreira antes, depois, em vez de, ou a par da carreira muito especial de cuidar do lar, o regime de tratamento de Cayce não hesitava em chamar o indivíduo a repensar o trabalho diário — tanto no desafio profissional adequado como em novas atitudes perante o trabalho, libertas de ressentimento, fantasia irreal ou ambição implacável. Ao mesmo tempo, a saúde exigia compromisso com a construção das estruturas comunitárias, políticas e económicas em que o trabalho pudesse decorrer com justiça — para os outros e para si próprio. Nenhuma saúde privada podia manter-se, porque os seus circuitos destinados acabariam por falhar.

Também se podia estar doente no amar. As relações íntimas exigiam alianças saudáveis. Cortejo, casamento, conceção, parentalidade, cuidado dos idosos, escolha e manutenção de amizades, aproximação a estranhos — tudo isto era escrutinado pelo homem em transe quando sondava os indivíduos à procura das causas últimas das suas doenças. Não fazia qualquer juízo categórico contra a vida solteira, lembrando que Jesus fora solteiro, e fortalecendo os que escolhiam esse caminho como ideal autêntico. Mas apresentava, para a maioria, a vida enraizada nas relações familiares como a experiência mais próxima na terra daquilo a que chamava «a sombra do lar celestial». Na intimidade direta da família, o desafio ao amor que transcende o eu era tão próximo quanto qualquer relação terrena da aventura da camaradagem última da alma com Deus, e «os que evitam isto continuamente terão muito de que responder». Era surpreendente ouvir Cayce afirmar que qualquer pessoa que verdadeiramente desejasse um companheiro de vida seria

conduzida a um. O seu aconselhamento não mostrava medo da sexualidade normal, nem qualquer indício de que a vida verdadeiramente espiritual fosse uma vida sem paixões. O desafio não era amputar impulsos, mas orientá-los. Amar demasiado pouco, ou amar de forma excessivamente privada, podia ferir o corpo tão gravemente como acidentes de viação ou má nutrição.

A parentalidade era descrita em muitas leituras como o tipo mais nobre de circuito. Cayce advertia que estrangular a força vital no nível primordial de criar nova vida nos filhos podia estrangular também os fluxos de crescimento e de restauração no corpo, atuando sobre a rede glandular para desequilibrar e até perturbar profundamente a economia da carne. Contudo, as perturbações não vinham apenas do amor negado, mas também do amor mal dirigido no círculo familiar — por um espírito de dominação, identificação excessiva, manipulação ou extração de atenção dos outros. A doença podia então surgir como uma exigência da alma para cessar um comportamento destrutivo no teatro certo do amor, mas com papéis errados.

Porque os circuitos de trabalho e de amor exigiam alongamento e purificação constantes, Cayce falava de um terceiro tipo de circuito: o da finalidade ou da fé. Na sua visão, os seres humanos precisavam de atividade religiosa séria, não assumida como presunção de retidão nem idolatria de valores estreitos, nem expressa em ensinamentos e rituais sectários. Não surpreendentemente, destacava a família e até o clã como portadores centrais da tradição e do compromisso religioso, muitas vezes incitando os indivíduos a trabalhar mais nos laços familiares valorizados.

Ainda assim, a vida na igreja e na sinagoga era categoricamente encorajada, como tantas vezes ouvi, em parte porque era necessária para temperar as idolatrias que tantas vezes distorcem a vida familiar. Cayce dizia aos seus consulentes para não procurarem o veículo religioso perfeito para praticar a sua fé. Em vez disso, deveriam assumir alguma organização falível e trabalhar para a melhorar. Apontando para circuitos ainda mais profundos na vida da fé, encorajava os que levavam a sério a saúde e a inteireza a entrarem em pequenos grupos disciplinados de partilha para crescimento espiritual.

Ligações para a Mente

Ao nível mental dos circuitos, Cayce não usava a imagem freudiana incisiva da estrutura genital do carácter para sugerir aqueles que podiam dar livremente e receber livremente nas trocas da vida adulta madura. Mas a sua intenção parecia semelhante quando pressionava as pessoas a encontrar saúde não apenas mexendo na sua química e postura, mas pela sua colocação na circulação

viva da existência quotidiana, empenhada nos outros. Incitava muitos a assumir novos interesses, novas leituras, novos associados. A alguns aconselhava servir no estrangeiro, onde o encontro com uma cultura radicalmente nova daria vida aos seus talentos ocultos e à vitalidade em declínio — se os motivos fossem maiores do que o interesse próprio. A outros encaminhava para a terra da jardinagem, como se tivesse a certeza de que precisavam de abrir a mente aos ciclos e às dinâmicas irreprimíveis de crescimento da natureza; outros ainda desafiava a passar tempo com animais domésticos ou criaturas selvagens. Tornava claro que ser uma alma «na terra» era uma oportunidade desperdiçada se não se aprendesse com as outras criaturas, que manifestam muitos padrões de forma mais pura do que os humanos.

Instava os doentes ou incapacitados a assumirem outros ainda menos afortunados — mais jovens, mais velhos, mais pobres, mais sós ou discriminados. Ajudar os outros, insistia, era uma forma crucial de aliviar os próprios problemas. À semelhança dos Alcoólicos Anónimos, dava destaque especial à cura que podia advir de apoiar pessoas com problemas semelhantes aos próprios, muitas vezes num acompanhamento individual. Na sua visão, havia sempre uma maneira de «transformar pedras de tropeço em degraus», usando a energia e a sensibilização da dor para se redirecionar para as necessidades amargas dos outros. Também na dimensão mental não havia saúde privada duradoura, pois a mente saudável participava do Logos maior, sempre a criar novas expressões.

Ligações para o Espírito

Por fim, na dimensão espiritual, Cayce via o imperativo de desenvolver circuitos completos em duas imagens justapostas: **«lei»** e **«luz»**. Descrevia as grandes leis da existência humana como governando a saúde tão verdadeiramente como governavam a natureza ou a história. «Não julgueis, para que não sejais julgados» era uma dessas leis. Assim como o processo implícito na pergunta que frequentemente citava do Salmo 103: «Quem sara todas as tuas doenças?» Na sua visão, toda a cura exigia voltar-se para o divino e afinar até as células e os átomos individuais com a sua Fonte. Os cuidados e tratamentos eram necessários, mas o objetivo de todas as intervenções era pôr os próprios átomos da carne a vibrar em sintonia com aquilo a que chamava «as Forças Criadoras».

E, sendo essa a natureza da cura, assim o eram também a doença, a lesão e o sofrimento, como distorções do processo. «Toda a doença é pecado» — não necessariamente do momento nem sequer desta vida — era uma frase das leituras que chocava muitos. Contudo, na visão de Cayce, apenas a alienação de

alguém (nem sempre só do sofredor), por mais antiga que fosse, podia finalmente produzir o bloqueio, o enfraquecimento, a falta de coordenação que lhe pareciam tão centrais na doença.

Ao fazer esta afirmação, não repreendia nem substituía acusações por um amor informado aos que procuravam a sua ajuda. Limitava-se a enunciar o que para ele parecia facto. O universo era regido por leis, e o corpo e a mente refletiam-no na saúde natural, até que algo torcesse o processo — por excesso, por retenção, por ataque ou por negação. O pecado a que se referia não era travessura, mas algo muito mais profundo: rebelião do espírito — em última análise, egoísmo. Defendia a individualidade em nome de um Deus que procurava companheiros desenvolvidos de forma única. Mas via o egocentrismo como traição do destino, muitas vezes acabando por se manifestar como doença — fosse uma constipação provocada por raiva contra um familiar por afinidade, fosse uma incapacidade crónica causada por usar mal os outros em algum ponto da jornada da alma. Não aconselhava ignorar a dor dos outros por estes, de algum modo, terem participado nela. A doença e o sofrimento eram, em regra, parcialmente sociais, de formas que exigiam resposta de todos. Negligenciar a ajuda aos que sofrem apenas fere a própria alma.

Contudo, o cosmos que descrevia como cheio de leis fiáveis não era mecânico, não era apenas um enigma a decifrar ou um conjunto de princípios a dominar. Era formado de **Luz**, num universo que era mais do que máquina. A sua evocação de raios e vibrações cintilantes e dançantes, variados em intensidade, cor e combinações, sugeria um universo cuja natureza era como a música, usando harmonias de liberdade dentro de um desenho, e respondendo ao amor e à esperança tão verdadeiramente como à perícia médica.

Por vezes, Cayce instava mulheres sem filhos que ansiavam por descendência a estarem atentas à graça vinda de além de si mesmas, tal como Sara e Ana de outrora, quando a idade ou a condição tornavam a maternidade aparentemente impossível. No coração do universo não havia leis cegas dispostas em hierarquias. Havia amor puro, expresso em poder para transcender todo o tipo de obstáculos à saúde e à inteireza com sentido. Para tal amor, a metáfora da luz completava e corrigia a imagem da lei, convidando a oração intercessória lado a lado com o bisturi do cirurgião, a dieta do nutricionista e a interpretação de sonhos do analista.

Nenhuma Doença sem Cura

Ver o quadro total da saúde nos quatro processos — **fora, dentro, impulso e circuitos** — levou-me repetidamente à afirmação marcante nas leituras de que

«não há doença sem cura». Não havia processos de doença nesta visão, nem micróbios ou vírus soltos no universo como forças alienígenas fora do governo e da providência do divino. Aquilo de que os corpos precisavam encontrava-se no Corpo do divino — uma das imagens favoritas de Cayce para a relação da alma com o seu Criador. Não havia aqui dualismo, nenhuma história de matéria e carne em guerra com o espírito, que teria de as transcender para hierarquias e níveis superiores de existência. Matéria e carne expressavam o espírito sob o impulso do Criador, mas moldadas pela livre escolha humana. A saúde, numa tal visão, não era uma conveniência nem uma liberdade mecânica de sintomas, mas uma espécie de irradiação que brilhava através de todas as dimensões da existência do indivíduo, a partir da sua Fonte.

Todos os que eram e vestiam corpos eram, em última análise, partes de um só Corpo, destinados a ser co-herdeiros com os seus semelhantes. Para o Senhor de toda a carne, não era impossível chamar qualquer tipo de tecido doente de volta à função normal — ou mesmo afastar a morte — usando técnicas médicas ou intervenções não médicas. Nenhuma doença estava sem cura, embora muitas enfermidades tivessem avançado demasiado em indivíduos para serem revertidas. Mas mesmo esse resultado nunca era final. A voz tranquila do Cayce em transe observava, sem reservas, que a afirmação de Um ressuscitado do túmulo era factual. Aqui, as células tinham-se inclinado perante o seu Autor na cura última, e a carne tinha avançado em novas cadências e harmonias para apresentar uma realidade que surpreendera a fé.

Um Padrão Bastante Bom para Seguir!

Todo o esquema de cuidados de saúde continha enigmas sobre enigmas. Havia processos fisiológicos, assentes por sua vez na física e na química, mas também processos psicológicos, dimensões sociais e até cósmicas. No entanto, todos esses sistemas não eram o desafio último no trabalho médico de Cayce. Ele não era, antes de mais, um construtor de sistemas, nem um professor, inventor ou investigador. Era um praticante de cuidados de saúde, empenhado em ajudar indivíduos um a um.

Porquê? Seria um resquício da sua vocação de fotógrafo, retratando indivíduos? Um acaso da cultura e do tempo, em que servia pessoas simplesmente porque estas lhe eram trazidas, numa época em que se recorriam a «psíquicos» para «leituras»? Ou seria este foco obstinado nos indivíduos revelador do coração do processo que atuava através dele, combinando factos e valores em encontros transformadores?

Para mim, como ativista social, os indivíduos eram importantes, claro. Nenhuma ordem social poderia esperar prosperar se não assegurasse o desenvolvimento dos seus potenciais, livres de carência, guerra, ignorância e abuso. Mas aquilo que mais me ocupara, a mim, a June e a tantos da minha geração, eram as instituições e os movimentos. Queríamos mudar o governo, mudar os negócios e o trabalho, mudar a educação, mudar as artes e mudar a religião. A realidade primordial parecia residir nessas estruturas que moldavam a história; só pela sua transformação, parecia, os indivíduos teriam as suas oportunidades legítimas.

Ver Cayce investir tanto numa pessoa de cada vez parecia francamente um desperdício, sobretudo quando a sua experiência e os seus arquivos mostravam quão poucos seguiam plenamente o seu aconselhamento. Muitos afastavam-se por categorias tão estranhas como irrigações colónicas ou carma, pondo as leituras de lado. Outros não conseguiam encontrar médicos que orientassem e administrassem os tratamentos recomendados. Poucos encontravam líderes religiosos ou comunidades que falassem a linguagem completa de Cayce. Em muitos casos, ele podia estar a desperdiçar os seus esforços.

Tínhamos material mais do que suficiente para ele trabalhar, se mudasse o foco para doenças, lesões e incapacidades, dando leituras genéricas sobre as causas dos males e as suas curas, em vez de abordar laboriosamente caso após caso, nos quais muitas vezes se repetia. Uma vez descrita uma determinada entidade patológica, investigadores e profissionais poderiam seguir por si próprios as suas orientações. No meu próprio caderno era fácil identificar mais de duzentas e cinquenta condições médicas examinadas nas suas leituras, prontas para esse tipo de estudo concentrado em transe.

Iam desde as mais intratáveis (das quais havia muitas, uma vez que as pessoas recorriam frequentemente a Cayce como último recurso), como queimaduras graves, esclerose múltipla, epilepsia, tuberculose, poliomielite, doenças cardíacas, depressão crónica, alcoolismo, esquizofrenia e cancro, até riscos mais familiares da vida, como amigdalite, esterilidade, obesidade, sarampo, hipertensão, varizes e cálculos biliares, bem como os problemas incómodos das constipações, pé-de-atleta, calvície, fraturas, hera venenosa e obstipação. Porque não concentrar-se nessas entidades, uma de cada vez?

Com o apoio de uma enfermeira experiente, Phyllis Goodall, que era também bibliotecária médica e estava disposta a fazer viagens frequentes e não remuneradas desde Washington, D.C., para me ajudar a organizar os arquivos e os históricos médicos, comecei a criar coleções sobre incapacidades específicas, complementando as que já existiam em forma de cópias mimeografadas. Era

uma tarefa árdua, mesmo apenas desenvolver um índice. Cada leitura tinha de ser estudada em conjunto com a correspondência para se descobrir que entidades clínicas Cayce descrevera. Muitas vezes havia várias patologias por pessoa, porque os requerentes estavam gravemente doentes havia meses ou anos, sendo comuns as complicações. Além disso, Cayce era cauteloso quanto a rótulos, preferindo tratar pessoas em vez de doenças ou conjuntos de sintomas. Normalmente ia diretamente às causas e às curas, e muitas vezes era necessário alguém com formação para reconhecer a patologia que ele descrevia.

Acresce que os seus regimes terapêuticos eram tão abrangentes — envolvendo tipicamente todo o corpo e, não raras vezes, todo o estilo de vida da pessoa — que geravam múltiplas entradas no índice. Ainda assim, foi possível até para mim começar a reconhecer os padrões de causalidade e de tratamento que ele descrevia na artrite, na doença de Parkinson, na colite ulcerosa, na dismenorreia, no cancro da pele e em dezenas de outras incapacidades que passavam em turbilhão pelas leituras semanais.

Como se veio a verificar mais tarde, eu passaria seis meses num projeto intensivo pouco depois da morte de Cayce, trabalhando com um colega paciente e competente na preparação de um manual de sugestões e orientações de saúde e alimentação retiradas das leituras médicas. Não publicado de imediato, tornou-se o núcleo de uma coleção que acabaria por ser entregue a milhares e milhares de pessoas como o "Ficheiro de Referência Individual", quando se juntavam à Associação nos anos seguintes.

Mais tarde, ajudaria a convencer um colega talentoso e antigo aluno de Harvard, Walter Pahnke (que tinha um M.D. da faculdade de medicina e um Ph.D. da escola de teologia), a ir para Virginia Beach durante os verões, a partir de 1960, quando iniciou a tarefa laboriosa de redigir e avaliar os padrões diagnósticos, etiológicos e terapêuticos em centenas de tipos de doenças e lesões. Estes trabalhos lançariam as bases para uma investigação clínica e laboratorial extensa nas décadas seguintes, sobretudo por William e Gladys McGarey, um casal talentoso, ambos médicos, que desenvolveram a influente Clínica Médica da A.R.E. em Phoenix.

Com Cayce diante de nós, parecia-nos que devíamos começar de imediato a redirecioná-lo para as doenças e os traumatismos enquanto tais, em vez de o submeter, semana após semana, a uma prática que poderia ocupar uma clínica inteira. Por isso pedi-lhe que obtivesse uma leitura sobre o assunto. Pareceu hesitante, mas acabou por concordar. A minha mãe e a enfermeira também vieram, a June juntou-se, e delineámos um plano para apresentar, como parte de uma leitura mais ampla sobre a condução do trabalho de Cayce.

Primeiro perguntámos quantas leituras por sessão Cayce poderia dar em segurança. Fomos firmemente informados de que isso não era da nossa conta, mas algo entre Cayce e o seu Senhor. Depois perguntámos sobre a possibilidade de mudar o foco para processos e princípios em vez de requerentes individuais. A resposta foi lacónica, mas contundente: «O que fez Jesus? Atendeu-os à medida que vinham. É um padrão bastante bom para seguir!»

De forma abrupta, a leitura terminou pouco depois. Na perspetiva da "informação", os indivíduos eram agora tão preciosos como tinham sido para o Mestre. Cada um merecia uma oportunidade não apenas de saúde, mas também do processo de "ressurreição" simbolizado no sonho de Cayce. A observação arrancou-me da minha mentalidade de engenheiro e comoveu-me profundamente.

O foco paciente de Cayce numa pessoa de cada vez brilhava no seu serviço rápido e preciso de localização. Usava-o para encontrar produtos médicos invulgares, chegando a indicar exatamente onde poderiam estar colocados na prateleira de um farmacêutico distante, ou a especificar a fórmula exata de um composto descontinuado. Recorreu a ele para dizer aos sofredores onde encontrar equipamento raro ou instalações especializadas. Acima de tudo, usava-o para localizar médicos. Como vinha a prestar este tipo de serviço instantâneo havia anos, a família encarava-o como algo natural. Mas a June e a mim deixou-nos sem palavras.

Estava a descrever um padrão de tratamento e depois fazia uma pausa tranquila para indicar o melhor médico na área geográfica dessa pessoa para realizar o procedimento. Na verdade, podia nomear os poucos melhores do país quando eram necessários especialistas de topo. Tudo soava tão simples quando enumerava os nomes. Mas como sabia ele? Que tipo de arquivo universal, que espécie de computador (para usar um termo posterior) era ativado pelo seu envolvimento atento com o indivíduo único que via diante de si? Repetidamente, a sua precisão e prestável prontidão eram confirmadas, mesmo quando um médico distante que ele mencionara acabara de se instalar no consultório e ainda não tinha pendurado a placa.

Houve casos em que dois ou três dos especialistas citados eram figuras de reputação nacional, mas o quarto era desconhecido — vindo mais tarde a provar ser seu igual em desempenho. De algum modo, esta capacidade de Cayce era tão comovente como qualquer outra que manifestava. Era tão precisa, rápida e útil. Parecia extrair, como um médico atarefado pediria um bisturi ou uma compressa, tudo o que fosse necessário, de qualquer lugar, e isso sugeria o seu acesso a uma Fonte transpessoal no nosso meio, derramando sobre nós um

cuidado que era graça sem limites. Não havia forma de verificar a sua afirmação de que o universo estava concebido de modo a não existir doença sem cura — algures. Mas ouvir a operação de localização em ação, como expressão de uma atenção profunda a uma pessoa de cada vez, levava-nos a suspeitar que tudo o que estivesse disponível, ou alguma vez tivesse estado disponível, para uma dada necessidade médica poderia ser encontrado por esse método.

Havia linhas de caminho-de-ferro a atravessar as árvores e a areia desde perto da nossa casa no bosque até à casa e ao escritório de Cayce. Nos dias em que tínhamos de nos apressar para o trabalho, era mais rápido caminhar ao longo desses carris, passando pelo pequeno lago Holly, que oferecia audaciosamente as suas águas doces a apenas alguns quarteirões do oceano salgado. Nas manhãs ensolaradas, quando os pássaros cantavam nas árvores, antes de os aviões ruidosos entrarem em ação ou de os grandes canhões começarem a estalar e a troar ao longo da costa, caminhávamos com passo ágil sobre as travessas e lembrávamo-nos do coro da Marinha, cantando palavras que eu não conseguia interpretar para eles: «A salvação é criada no meio da terra.»

Agora conseguíamos compreender um pouco melhor como "salvação" derivava de *salus*, significando saúde e integralidade, não apenas para indivíduos, mas talvez para um mundo esgotado pela guerra. E conseguíamos acreditar, mais do que pela metade, na antiga imagem mística do infinito a esvaziar-se no finito, precisamente para tal fim.

Qual era, afinal, a vocação de Cayce, e onde estavam outros como ele?

5. Naqueles dias não havia visão aberta

Precisávamos de saber quem mais tinha feito tudo isto no passado, não apenas para lhe dar sentido num quadro de visão do mundo mais alargado, mas também para ganhar perspetiva sobre como ajudar Cayce. Ele estava cansado. Alguns dias mostrava-se sombrio e desencorajado, dizendo-nos que a guerra se arrastaria e que nunca mais veria os filhos. Havia agora dez pessoas na equipa do nosso pequeno escritório, incluindo um contabilista a tempo inteiro. Eu tinha uma secretária, e a June também ali trabalhava. Para acelerar a transcrição das muitas leituras dadas em cada sessão, até a Gladys tinha uma secretária, que dactilografava as transcrições enquanto Gladys lia as suas notas. Cayce mantinha vários estenógrafos, na sua maioria esposas de marinheiros, ocupados com a sua constante e rápida ditado. Ao redigir um relatório para o Boletim mensal sob a minha responsabilidade, observei que tínhamos então cerca de quatro mil e quinhentos compromissos agendados para os dois anos seguintes, excluindo os

espaços que Cayce reservava no calendário semanal para leituras de casos médicos de emergência. Não raras vezes dava leituras aos sábados, ocasionalmente à noite, e por vezes aos domingos à tarde, depois dos serviços religiosos.

Fora precisamente num período de pressão semelhante, nos dias do seu hospital, mais de uma década antes, que a sua "informação" o assustara a ele e a outros com erros. Sabíamos que tínhamos de agir com cuidado e da forma mais sábia possível. Mas tínhamos pouquíssimos análogos para o que estava a acontecer no nosso meio, como algo resultante de um solavanco da história, uma distorção no tempo ou do espaço exterior. Poderíamos comparar o processo de leitura a um meteorito de uma estrela distante a arrefecer no quintal ao lado da casa, carregado de segredos a descobrir antes de endurecer.

Ou talvez fosse como uma enorme criatura pré-histórica vinda do oceano a poucos quarteirões de distância, que subira pesadamente para comer os nossos arbustos e jardim, transportando padrões de tempos perdidos, mas precisando de ser mantida em segurança enquanto aprendíamos as suas necessidades e hábitos. Ou, melhor ainda, poderíamos usar a imagem onírica da ressurreição de Cayce. Éramos como pessoas confrontadas com alguém que regressara do túmulo. Como teriam os amigos de Lázaro abordado aquele homem quando ele desatou as faixas funerárias e se sentou para almoçar na sua segunda vida com eles?

Nada do que aprendera na Universidade de Chicago me levava a pensar que Cayce pudesse ser o único fenómeno do seu género. Tinha de haver paralelos e precedentes. Mas onde estavam eles? As leituras insistiam que o que estávamos a ver era inteiramente conforme à lei e que o processo estava aberto, em graus variados, a todos. Onde poderíamos encontrar modelos úteis?

Os críticos da recente biografia de Cayce pouco ajudaram, pois discordavam profundamente entre si e dispunham de muito poucas categorias interpretativas e comparativas. O *New York Times* chamou-lhe uma «biografia totalmente desconcertante» de «um dos homens mais notáveis da América», enquanto o *New York Herald Tribune* observou: «Certamente nenhuma obra de ficção poderia ser mais estranha do que esta biografia de um homem vivo. Nenhum romancista se teria atrevido a delinear uma personagem imaginária como aquela que Thomas Sugrue aqui descreve com base em quinze anos de conhecimento íntimo de Edgar Cayce. (…) Em termos exteriores (…) a biografia de um americano que viveu uma vida simples e trabalhadora, de invulgar devoção à família e aos amigos, à comunidade e à fé cristã.» O crítico concluiu: «Para

qualquer pessoa que não seja um cético obstinado e impenetrável, ler *There Is a River* não pode deixar de ser uma aventura.»

O *Washington Times-Herald* descreveu-o simplesmente como «uma história espantosa de um homem que tentou arduamente levar o tipo de vida aceite, apesar de ser dotado do dom da clarividência», mas o crítico do *Buffalo Courier-Express* escreveu: «Pessoalmente, como materialista convicto, se nos for permitido votar, votamos em branco, como agnósticos», e o seu homólogo do *Sunday Times-Advertiser* de Trenton, Nova Jérsia, adoptou posição semelhante: «O livro lê-se facilmente, mas sentimo-nos um pouco tristes ao ver tão ilimitada aprovação concedida a uma manifestação tão microcósmica de oracularidade.»

O *Chicago Sun* falou de «muito que é desconcertante, contraditório e até confuso», enquanto o crítico do *San Francisco Chronicle* concluiu: «Francamente, não sei se este volume é um marco para novo conhecimento ou um monumento ao engano. É, pelo menos, um documento único da vida de um homem extraordinário e um livro singularmente estimulante.» Mais perto da casa de Cayce, o crítico do *University of Virginia College Topics* observou: «Parece lamentável que um homem da sua aparente sabedoria tenha esperado tanto tempo pelo reconhecimento e que o seu trabalho tenha permanecido oculto até tão tarde na sua vida. Claramente, se Sugrue não exagerou os seus poderes, ele poderia ter mudado grande parte da história do mundo — e, de facto, ainda poderá vir a fazê-lo.»

O crítico da *Catholic World* objetou: «Continuamos a ser um dos céticos 'endurecidos'», enquanto o autor no *Boston Herald* falou do «homem que causou uma controvérsia nacional» e aconselhou, a propósito do livro: «É espantoso, desconcertante, e muito do que contém parece incontestável. É melhor lê-lo e ver como o afeta.» No *Washington Star* notou-se que «a história de Edgar Cayce soa muito mais como a vida de um santo medieval do que como a de um americano moderno da classe média», mas o *Library Journal* considerou o livro «sem interesse suficiente para justificar a sua aquisição pela biblioteca média», e o *Hartford Times* observou: «Nestes tempos de guerra, mesmo um tal labor de amor parece mal justificar 447 páginas.»

O autor da crítica no *Providence Journal* adoptou uma abordagem mais prática para investigar Cayce, mesmo em plena guerra mundial: «A primeira coisa que deve ser dita é que não há provas de fraude. Sujeito, autor e editor parecem inteiramente sinceros. Pode haver erro em grande escala, mas em parte alguma se sente engano. (…) A atitude mais segura para um crítico perante um livro deste tipo é rir-se dele ou denunciá-lo, tal é o seu carácter fantástico; mas a verdade é que provavelmente não existe ninguém no mundo com autoridade

suficiente para se rir de tudo isto ou para o denunciar. Seria muito mais pertinente se alguma fundação desperdiçasse um ou dois milhares a experimentar com o Sr. Cayce.»

Não um xamã nem um oráculo, adivinho ou médium

Era tempo de olhar de novo para a história das religiões. Mas desta vez eu não estava tão confiante como os meus professores de que o registo das práticas e líderes religiosos fosse apenas o registo da superstição e do erro. O que Cayce fazia, dia após dia, punha em causa as pressuposições quase universais da erudição universitária crítica do meu tempo: que visões precisas, curas e feitos maravilhosos comparáveis eram impossíveis e, portanto, erros de juízo ou de transmissão no legado bíblico, para não falar de outras tradições.

Havia o xamã, o curandeiro de uma tribo primitiva ou pré-letrada. Essas figuras entravam em estados de transe próprios, muitas vezes através da dança ou do toque de tambores, ou da ingestão de ervas ou bebidas potentes. Nos seus estados especiais afirmavam estar possuídos por espíritos que lhes diziam onde encontrar caça ou como evitar ataques de guerreiros inimigos. Eram também amplamente considerados pelos seus pares como detentores de poder diagnóstico e curativo sobre os doentes e moribundos da tribo, não muito diferente da atividade principal de Cayce. Davam nomes aos recém-nascidos e atribuíam papéis aos líderes, reminiscente das leituras de vida de Cayce. Mas também se dizia que influenciavam o clima e o comportamento dos animais, algo que não fazia parte do repertório de Cayce.

Contudo, Cayce não dava qualquer sinal de estar dominado por espíritos, não falava com voz estranha, nem afirmava ser instruído por grandes xamãs do passado tribal. Não usava chocalhos, máscaras, danças ou contorções, como as que eu estudara tantas vezes no Field Museum of Natural History, em Chicago, onde figuras de xamãs — muitas vezes em tamanho real — eram vividamente representadas junto a iglus esquimós congelados e cabanas africanas fumegantes, bem como ao lado de tendas tibetanas, construções sobre estacas do Pacífico Sul e tipis indígenas americanos. Uma década mais tarde, eu compararia muito cuidadosamente o transe de Cayce com o do xamã, usando a obra exaustiva de Eliade juntamente com estudos de campo dos índios papago e dos aborígenes australianos, notando em especial que Cayce entrara na sua estranha carreira através de uma doença prolongada ou incapacidade que lhe custara a voz. Mas, neste momento, sem bibliotecas no resort encerrado e sujeito a apagões, tive de procurar modelos noutros lugares.

Havia figuras do antigo Próximo Oriente, às quais tanto governantes como governados recorriam para obter orientação dada em transe, como o célebre oráculo de Apolo em Delfos, onde uma devota proferia conselhos crípticos enquanto se sentava sobre uma fenda nas rochas, aparentemente levada por vapores a um estado visionário semelhante ao transe. Havia os oráculos sibilinos, novamente maioritariamente mulheres, algumas cujos ditos e conselhos ambíguos tinham sido recolhidos por contemporâneos. Eu consultara referências a eles no Instituto Oriental de Chicago. Mas o aconselhamento de Cayce não era críptico como o dos oráculos e sibilas, que muitas vezes exigia interpretação por sacerdotes. Ele falava de forma direta e clara, como os profetas de Israel, embora se recusasse categoricamente a afirmar nos seus conselhos: «Assim diz o Senhor.»

Ele não era um adivinho. Estes augures e videntes eram conhecidos não só no Próximo Oriente, na Índia e na minha China natal (onde me lembrava de funcionários taoistas a lançar sortes nas ruas), mas em quase todas as culturas. Tipicamente, os adivinhos usavam um aparato: fissuras nas omoplatas de ovelhas, linhas em fígados de animais recém-retirados, paus caídos em agrupamentos estranhos, padrões nas palmas das mãos, a direção do voo das aves, bem como dados, cartas, moedas, folhas de chá e desenhos das trajetórias dos planetas e das estrelas. Normalmente limitavam-se a colocar perguntas de sim ou não à sua visão interior, estruturada pelos objetos que observavam. Esperava-se que "lessem" sinais e presságios a partir dos desenhos no equipamento invulgar disposto à sua frente, tal como o trabalho de Cayce era chamado "leitura", por falta de termo melhor na sua pequena cidade americana.

Mas o conceito de leitura por adivinhação era inadequado para descrever Cayce, e seria de esperar que um dia o seu aconselhamento fosse renomeado. Pois ele não usava objetos simbólicos, não examinava constelações de fissuras ou estrelas, nem observava o voo rodopiante das aves. E certamente oferecia mais do que respostas de sim ou não aos seus interlocutores. Não sendo um observador passivo de sinais, falava tão diretamente como os profetas bíblicos. E, ao contrário dos adivinhos, Cayce dirigia parte dos seus conselhos não apenas a indivíduos, mas a todo o seu povo à luz da história (mais frequentemente do que a sua biografia relatara), quando abordava as questões da paz e da justiça social vistas na coletânea *Am I My Brother's Keeper?*

Também não era um médium que invocasse os mortos para obter conselhos, como a feiticeira bíblica de Endor, pressionada por Saul a evocar a sombra de Samuel. Embora tivesse havido ocasiões em que alguém falecido parecia intrometer-se nas leituras, geralmente com conselhos ou generalidades

inofensivas e encorajadoras, contra os desejos explícitos de Cayce, e pelo menos duas ocasiões em que ele parecia conversar animadamente no final de uma leitura com parentes mortos (os outros normalmente ouviam apenas o seu lado da troca), ainda não tínhamos motivos para duvidar da afirmação da sua "informação" de que não dependia de entidades desencarnadas, como aquelas que ele deliberadamente evitava quando seguia o seu ponto branco de luz para iniciar uma sessão. A ausência de um guia ou controlo fora relatada numa troca invulgar de sessões de transe com a muito estudada médium moderna Eileen Garrett, o que ela me confirmou muitos anos mais tarde.

O seu guia, Uvani, observara Cayce a trabalhar e relatara que Cayce se sairia melhor se tivesse um semelhante a ele. Cayce, em transe, observou Uvani, mas recusou a oportunidade de adquirir um guia ou controlo, afirmando que continuaria a procurar sintonizar-se diretamente com o divino ou o universal. Uma dúzia de anos depois, quando comecei a observar e a registar dezenas de sessões de transe do conhecido médium americano Arthur Ford, o seu controlo, Fletcher, também relataria que Cayce não usara qualquer guia, e eu próprio veria como estes transes mediúnicos eram profundamente diferentes dos de Cayce, tanto na forma como no conteúdo.

Nem tão-pouco Cayce apelava a algum ser angélico ou entidade de uma suposta galáxia distante, de uma forma que se tornaria moda quatro décadas mais tarde no movimento Nova Era, quando muitos afirmavam ser "canais" para transmitir ensinamentos elevados e conselhos práticos dessas fontes. Foi-lhe oferecida essa oportunidade por uma fonte supostamente angélica, depois de esta ter irrompido no seu aconselhamento, mas ele recusou a ajuda. Ao contrário da maioria dessas entidades alegadamente exaltadas (das quais estudei muitas em anos posteriores), as leituras de Cayce recusavam a autoridade de qualquer papel especial, aconselhando os ouvintes a aceitarem apenas aquilo que pudessem testar por si próprios na vida quotidiana.

Não um Profeta

Seria ele então um profeta, como os da tradição hebraica? No sentido popular de alguém que vê o futuro e o oculto, seria chamado *O Profeta Adormecido* num livro muito lido do jornalista Jess Stearn, em 1966. Num sentido mais rigoroso — o de alguém que fala ao seu tempo com visão elevada e sabedoria sistemática, indo ao cerne das questões religiosas e sociais contemporâneas — seria chamado «um profeta do século XX» pelo distinto teólogo presbiteriano e estudioso da história das religiões Richard Drummond, que em 1978 o incluiria nessa categoria, juntamente com Karl Barth, Karl Rahner, Dietrich Bonhoeffer, Sundar Singh e Toyohiko Kagawa, na revista teológica

Religion in Life (em resposta a uma questão pública sobre Cayce colocada pelo académico Seward Hiltner). O artigo foi reimpresso em *Unto the Churches*, de Drummond.

Mas, estando diante do homem em atividade, pareceu mais prudente suspender a designação de profeta, tendo em conta as limitações de Cayce e respeitando a modéstia que tanto ele como as suas leituras manifestavam quanto à sua estatura última. É certo que, tal como Isaías ao aconselhar o rei Ezequias moribundo sobre onde aplicar um cataplasma ao estilo de Cayce para que o rei não expirasse, Cayce diagnosticava, prescrevia e (quando necessário) repreendia pessoas de qualquer condição. Porém, Cayce não tinha capacidade de cura direta, como se observa, por exemplo, em Eliseu. Interpretava sonhos, como se relata de José e Daniel, mas não encenava sinais para o seu povo através do seu comportamento pessoal, como fez Ezequiel.

E não conseguia operar diretamente prodígios físicos — fazer mover objetos, fazer brotar fontes, levantar mortos, fazer fracassar batalhas ou ruir muralhas — seja qual for a verdade exata nas lendas transmitidas sobre os profetas e juízes de Israel. Estava limitado à palavra. Mesmo aqui, na aptidão que marcou todos os grandes profetas de Israel, era apenas ocasionalmente eloquente e inflamado nas suas leituras, embora houvesse momentos, tanto em transe como no seu ensino desperto, em que conseguia levar os ouvintes às lágrimas de assombro e alegria. Numa cultura em que se julgava que ninguém podia fornecer factos desconhecidos, o seu dom para dados obscurecia os seus momentos de eloquência como pregador e poeta na sua vocação invulgar.

Como os profetas maiores, era um mestre, em transe e fora dele, mas apresentava as suas ideias como interpretação da grande tradição da sua fé, e não como revelação de uma nova doutrina ou caminho. Visto historicamente, não foi fundador, discípulo, apóstolo ou reformador. Ao contrário de vários profetas, não foi líder nem conselheiro de figuras políticas (embora eu viesse mais tarde a saber que fora chamado a dar leituras na Casa Branca), nem era um organizador e administrador competente, ainda que tivesse lutado para dirigir uma companhia petrolífera, um hospital, um campus e uma pequena associação orientada para a investigação. Moisés — reputado por comandar tanto a natureza como os povos, enquanto recebia orientação e poder transcendente — não era o protótipo de Cayce.

Um Vidente Fora de Tempo

No conjunto, parecia pertencer ao grupo daqueles que apenas manifestam um ou dois dos dons tipicamente multifacetados do profeta. Enquanto algumas

figuras na longa história das religiões, incluindo o curandeiro tribal ou o mágico, parecem especializar-se na cura direta, o dom de Cayce era essencialmente cognitivo, dependente da ação de outros para transformar corpos ou assuntos humanos. A categoria de *vidente* parecia a mais adequada para alguém com visões autênticas e uma relação genuína com o divino — mas, na prática, um profeta truncado.

Vários anos depois eu encontraria a descrição certa para ele na Universidade de Chicago, onde um académico suíço de reputação mundial e saber enciclopédico na história das religiões, Joachim Wach, descreveu, na sua obra definitiva *Sociology of Religion*, um tipo diferenciado tanto do adivinho como do profeta. Embora Wach nada soubesse de Cayce quando escreveu, captou corretamente a solidão, em última instância trágica, patente no núcleo da vida de Cayce — uma solidão que, pouco mais de um ano depois, teria um papel decisivo na sua morte:

Em muitos aspetos, o vidente pode ser considerado um precursor do profeta. A sua autoridade é menos pronunciada, embora o prestígio de que os videntes gozaram em muitas sociedades tenha sido considerável. Isso explica-se pelo facto de, ao passo que o profeta é uma figura extremamente ativa, o vidente ser normalmente um indivíduo de tipo mais passivo. O seu carisma, como o do profeta, deriva de uma experiência religiosa genuína, mas menos criativa. Ao vidente é concedida comunhão com a divindade e atribui-se-lhe um conhecimento íntimo dos espíritos ou deuses, bem como familiaridade com a sua vontade e intenção. É capaz de interpretar as suas manifestações tangíveis e intangíveis.

Em contraste com o augur, o vidente realiza isto por intuição e não por interpretação metódica e sistemática de certos fenómenos especificados. O vidente extrai mais da sua experiência interior do que o augur, que observa objetos exteriores. A sua atitude difere da do profeta na medida em que, de acordo com o carácter passivo do seu estado, se preocupa menos em desenvolver normas de juízo e regras de ação do que o profeta. Além disso, o vidente lida normalmente com situações individuais e raramente se compromete com afirmações e juízos gerais como faz o profeta. O carisma do vidente é, por definição, pessoal, e um vidente oficial seria uma contradição em termos.

Uma vez que existe algo como uma tradição e uma técnica rudimentar para videntes, o vidente pode começar como discípulo antes de se tornar mestre, e pode ter discípulos que introduz no seu mundo e que o "seguem" e servem. Ainda assim, o vidente, como o profeta, é uma figura solitária, separada pela natureza da sua experiência e pelo assombro que inspira pela sua presença. O

vidente é tido em grande reverência e honra, parte das quais pode dever-se à idade ou a peculiaridades psicológicas. Como o profeta, este tipo de *homo religiosus* pode ser visitado por estados extáticos, visões, audições e até transes catalépticos. Houve poucos videntes jovens; a experiência de uma longa vida parece ser necessária. Além disso, atribui-se ao vidente uma ligação particularmente estreita com o passado, o que aumenta o seu prestígio, sendo muitas vezes considerado o guardião e conservador da tradição. Enquanto o bardo e o escriba transmitem o conteúdo literal do saber oral e escrito, o vidente garante, na sua pessoa e mensagem, o espírito dessa herança.

Tal como o mágico e o proferidor de encantamentos, o vidente fala solenemente, e dá-se ênfase a cada uma das suas palavras e enunciações. O público do vidente aproxima-se por diversos motivos. As pessoas procuram o mágico para obter um favor, mas o vidente toma frequentemente a iniciativa e desafia os outros com as suas afirmações. O tom trágico da existência do vidente deve-se ao peso avassalador do seu discernimento, que pode antecipar alguma catástrofe futura. Ao mesmo tempo, ele tem consciência da dificuldade, do perigo ou da impossibilidade de transmitir o seu conhecimento sem causar medo, tristeza ou desespero aos outros. Cassandra simboliza este aspeto da existência do vidente. (…)

Ora, o vidente nem sempre foi corretamente reconhecido e identificado como tal por historiadores e estudiosos da religião. Algumas das personalidades que são habitualmente consideradas e descritas como videntes terão de ser colocadas noutra categoria. (…) O vidente é bem conhecido na história da religião hebraica. Em Balaão e Débora, o elemento profético sobrepõe-se ao do vidente. Samuel, múltiplas como eram as suas atividades, representa claramente o vidente. De forma suficientemente característica, ambos os termos *ro'eh* e *chozeh* — o primeiro aplicado a Samuel e o segundo a Gad — têm o sentido de "ver", "olhar" ou "contemplar", o que diferencia o seu carisma do do profeta, *nabi*. Há, no entanto, muito que é característico do vidente nos grandes profetas, sobretudo nos mais antigos, em Amós, Isaías, Miqueias, Jeremias, Habacuque e outros. Esse facto é reconhecido no próprio Antigo Testamento («porque ao que hoje se chama profeta, dantes se chamava vidente», I Samuel 9:9). Quando são chamados "homens de Deus", "mensageiros de Yahweh" e "sentinelas", a natureza da sua missão fica claramente indicada. O vidente (*mantis*) era bem conhecido na Grécia e gozava ali de grande autoridade. Surge frequentemente ligado a um santuário; se o próprio Apolo era tido como o *mantis* de Delfos, segundo um estudo recente (Fascher), a Pítia era a *promantis*. O *prophetes* ou *hypophetes* grego era mais um vidente do que um profeta, como

podemos inferir do carácter "impessoal" das suas enunciações e da ausência de referência histórica, característica esta última que marca o profeta hebraico.

Trabalhando sob a orientação de Wach, eu viria, com o tempo, a encontrar paralelos com aspectos importantes de Cayce em videntes como o *kahin* muçulmano, o *rishi* hindu, o *haru* sumério, o *urandi* japonês, o *honu* egípcio, o *arhat* budista, o *piage* peruano e figuras da história romana e céltica. Especialmente útil seria a ajuda do académico britânico Guillaume, que ligou cuidadosamente a clarividência aos dons proféticos na sua obra *Prophecy and Divination among the Hebrews and Other Semites*. Mas Cayce, na América moderna — sem uma tradição reconhecível para o seu dom e trabalho, e sem uma comunidade de fé que o sustentasse — era um vidente fora do tempo ou da estação cultural. Durante décadas, fora improvisando o seu caminho numa cultura mais atenta — quando o notava — à sua capacidade exótica de informação do que aos valores últimos que ele tanto defendia como encarnava no próprio acto das leituras. O seu trabalho podia ser amor surpreendido pela sabedoria; mas o seu tempo via-o apenas como um novo poder.

Sem Visão Aberta

Apesar da pressão das atividades diárias, reminiscentes de uma clínica atarefada, Cayce e eu encontrámos tempo para conversar sobre a natureza do seu trabalho invulgar. Inevitavelmente, dado o nosso terreno comum no pensamento bíblico, voltámos a Samuel, ali chamado vidente, cuja história começa em I Samuel 3:1: «E a palavra do Senhor era preciosa [a minha Bíblia dizia "rara"] naqueles dias; não havia visão aberta.»

Perguntei a Cayce, numa das nossas viagens de dia inteiro a Norfolk para comprar material de escritório, se achava que o nosso tempo presente era um tempo sem visão aberta, como a que os profetas possuíram e talvez as figuras da Igreja primitiva quando eram "cheias do Espírito". Ele recusou comparar-se a Samuel, que via como uma figura imponente. Mas achava que os nossos tempos poderiam ser semelhantes aos de Samuel, com alguns dos mesmos problemas de quando os filhos do sacerdote Eli eram gananciosos e injustos. A guerra atual era um tempo de peneiração e purificação para filhos e filhas de muitas casas.

Depois contou um sonho que lhe surgira repetidamente em várias versões. Sentia que era simbólico, não literal, mas que apontava para o nosso tempo como um tempo sem visão aberta, em que Deus teria de tomar novas iniciativas para nos resgatar a todos. No sonho, vinha um mensageiro para o levar (ele dizia "ir buscar") a uma reunião realizada algures, que parecia elevada sobre o oceano aberto. Enquanto caminhavam, Cayce reconhecia que todos os que se

juntavam já estavam mortos, a maioria ministros e evangelistas que conhecera pessoalmente, incluindo Dwight L. Moody. O ambiente era sóbrio e expectante. Chegaram ao destino, um grande salão, e um silêncio caiu sobre a multidão ali reunida. Por fim, falou uma voz que, no sonho, parecia a voz terrível de Deus: «Quem voltará ao meu povo?» A resposta veio firme, de alguém que Cayce reconheceu como Jesus: «Eu irei.» Então a voz perguntou: «Quem preparará o caminho?» Na troca que se seguiu, alguém falou e disse: «Enviem Cayce; ele já lá está. Depois dos seus esforços poderá vir alguém para preparar o caminho.» Outros juntaram-se: «E nós ajudaremos todos.»

Estudei Cayce atentamente enquanto falava, procurando sinais de importância pessoal ou messianismo. Mas falou com reserva, como sempre, sobre o seu próprio papel, e sublinhou a expressão depreciativa «ele já lá está», cujo espírito não era diferente das referências impessoalmente bruscas e por vezes pouco lisonjeiras a ele nas suas próprias leituras. Via no sonho não uma comissão divina única, mas um apelo a ser fiel ao que era capaz de fazer para a vinda de Cristo à Terra novamente — desta vez não pelo nascimento —, tal como outros também deviam usar os seus dons. O seu trabalho não era diferente do dos muitos ministros respeitados que o tinham precedido, como se via no sonho.

O que lhe era claro no sonho, porém, era a urgência nos assuntos humanos. O nosso tempo, como período de massacre mundial, era novamente um tempo sem visão aberta, em que era preciso encontrar formas para muitos verem a realidade do seu acesso direto a Deus, e da Sua orientação e força. Não era tempo, disse-me ele, de encontrar os Cayces deste mundo, mas de encontrar o próprio processo.

Como Estudar a Visão Aberta

Como poderia o trabalho de Cayce ser melhor estudado para iluminar essa visão como possibilidade para todos? Por si só, não poderia estabelecer muito, mesmo que seguíssemos o dictum do pioneiro francês da investigação psíquica, Richet, de que a evidência do paranormal deve ser recolhida com o mesmo cuidado que num julgamento por homicídio. A ciência avança através de experiências amplamente repetidas, construídas sobre hipóteses, prevendo resultados e depois verificando-as ou refutando-as. Em última análise, teríamos de replicar elementos do processo de Cayce com sujeitos diversos, até sabermos quais eram as pré-condições, os desencadeadores, os modificadores, os modos, os estágios, os efeitos posteriores e os efeitos colaterais. Entretanto, precisávamos de identificar o que pareciam ser variáveis principais e criar alguns

modelos, como o esquema de saúde em quatro partes que já se tornara evidente. Onde poderíamos começar melhor?

J. B. Rhine, na Universidade de Duke, propôs trazer Cayce para um laboratório para longas séries de adivinhação de cartas-alvo monótonas. Mas o aconselhamento de Cayce recusou, insistindo que, para obter resultados estáveis com um processo tão frágil, Cayce deveria operar em casa, em ambiente familiar, e orientar os seus esforços para uma tarefa de máxima significação: servir os doentes. Observadores cuidadosos e pacientes poderiam ver ali — aconselhavam as leituras — todos os processos que quisessem estudar. Rhine precisava então de obter aceitação científica estabelecendo fenómenos simples e repetidos com alvos como cartas e dados usados em sujeitos não selecionados, pelo que se contentou em enviar o seu associado, Lucien Warner. Só em anos posteriores se desenvolveria a ideia de que, depois de a parapsicologia ter exibido repetidamente, em laboratórios por todo o mundo, os seus fenómenos básicos de telepatia, clarividência, precognição e psicocinésia, os investigadores estariam prontos para as condições prescritas por Cayce — já não para provar a percepção extrassensorial, mas para aprender as suas leis. Entretanto, estávamos presos a uma tarefa que parecia como tentar apanhar o Niágara numa chávena.

Precisando de toda a ajuda possível para afiar a investigação, escrevi a amigos que eram profissionais estabelecidos e membros do corpo docente, bem como estudantes de pós-graduação, por todo o país; os meus anos de causas sociais na American Student Union e noutros lugares tinham-me dado muitos contactos. Com cautela, expliquei o que estava a fazer na Virgínia e convidei-os a visitar-nos se as suas viagens em tempo de guerra (a maioria estava ao serviço) os trouxessem a Norfolk ou a Washington. Vários vieram, por vezes ficando mais alguns dias do que planeavam, para ouvir o maior número possível de leituras e oferecer as suas sugestões à June e a mim.

Vieram do Midwest, da Nova Inglaterra e de lugares tão distantes como San Diego, ficando acordados até tarde na noite para conversar connosco no nosso pequeno duplex no bosque. Alguns tinham histórias vívidas para contar do serviço de combate em missões de vida ou morte ou de confrontos aéreos em Inglaterra, no Norte de África, no Pacífico Sul ou na China — histórias a que escutávamos atentamente. Ainda assim, acharam o país da mente e da alma que explorávamos com Cayce tão estranho e cativante para eles como os lugares distantes do seu combate terrível eram para nós.

Repassámos, repetidas vezes, o alcance da atividade de Cayce, tentando especificar as pistas mais promissoras para estudo. Um colega mais velho e

amigo de longa data da família, do departamento de sociologia da Universidade de Chicago (agora capitão do Exército), queixou-se com profanação expressiva quando percebeu que não tinha explicação adequada para o que ouvia sair da boca de Cayce. Mas estava determinado a ser objetivo e tentou arranjar-nos um gravador de fio, recentemente desenvolvido, para usar nas sessões diárias de Cayce, embora tenha descoberto que estavam todos requisitados pelos militares.

Especialmente útil foi uma visita prolongada do meu pai, ocupado como presidente de uma faculdade feminina de Illinois que já começava a tornar-se um laboratório para a educação ao estilo Hutchins de Chicago. Leu as minhas cartas, falou com a minha mãe sobre as suas impressões de Cayce e apanhou o comboio para a Virgínia. Ouvindo em silêncio as leituras durante vários dias, levou Cayce a falar longamente e depois sentou-se comigo para discutir as questões. Quaisquer que fossem as probabilidades de conseguir que especialistas se ocupassem de Cayce em tempo de guerra, concluiu ele, a June e eu devíamos dar o nosso melhor esforço — e ele ajudar-me-ia mais tarde a recrutar conselheiros e consultores para os meus estudos de doutoramento sobre o processo de Cayce.

Todos nós concordávamos, em termos gerais, que quatro características da visão aberta que Cayce parecia exibir deveriam ser estudadas em simultâneo. Passámos a chamá-las o seu potencial, a pessoa necessária, o processo e o seu preço.

Precisávamos de estimar o alcance e a profundidade do potencial de tal auxílio em áreas tão diversas como a medicina, a arqueologia e a ação política, bem como em questões filosóficas e religiosas. Cinco categorias de leituras nos ficheiros de Cayce pareciam incidir sobre esta questão. Precisávamos também de aprender que tipo de pessoa Cayce era, para considerar quem mais poderia exercer visão aberta, fossem dotados ou comuns, isolados ou integrados em grupos ou comunidades. Depois precisávamos de teoria ou de modelos do próprio processo, com as disciplinas associadas. Outras três categorias de leituras nos ficheiros pareciam incidir diretamente sobre estes pontos. Por fim, precisávamos de descobrir — usando Cayce e as suas próprias leituras sobre si — o preço pessoal e social envolvido, numa vida ou em muitas.

A minha próxima investida tinha de ser no cofre de cimento abafado ao lado do gabinete de Gladys, onde milhares de transcrições e a correspondência e relatórios associados estavam guardados em cerca de dezasseis arquivos, ordenados alfabeticamente pelos nomes dos requerentes. Muitas das pastas que ali encontrei eram volumosas, cheias de leituras, embora a maioria

contivesse apenas algumas. Um testemunho da aparente fiabilidade de Cayce saltou logo à vista: árvores genealógicas de casos. Uma pessoa obtinha uma leitura, ou várias, e quase de imediato surgiam no arquivo pastas para o cônjuge, filhos, pais, sogros e familiares de familiares — sem falar de amigos, vizinhos e associados de negócios —, que muitas vezes iniciavam as suas próprias árvores genealógicas. Mas este padrão era apenas sugestivo do valor de Cayce.

O que importava para investigação a sério eram relatórios cuidadosos — e esses faltavam com demasiada frequência, ou eram incompletos. Os que se tornavam amigos pessoais de Cayce escreviam-lhe de volta, por vezes mantendo a correspondência durante anos e até juntando cópias de registos médicos. Alguns médicos enviavam relatórios sobre doentes encaminhados por Cayce. Mas a maioria das pessoas simplesmente seguia com a sua vida, embora algumas respondessem a questionários que o filho de Cayce, Hugh Lynn, enviava ocasionalmente. Afinal, os doentes vão ao médico para ficar bem; quem escreve de volta, se o tratamento resulta?

Preocupado com a falta de seguimento das leituras — através do qual poderíamos conhecer a precisão e utilidade de Cayce, ou os seus limites e lacunas —, comecei a conceber um formulário completo para historial clínico, com a ajuda da minha enfermeira voluntária experiente. Levou-me algumas semanas de trabalho extra e horas roubadas a outras atividades, mas pensei que nos serviria bem se muitos dos futuros clientes de Cayce nos fornecessem informação detalhada antes da leitura e, depois, preenchessem o mesmo formulário alguns meses mais tarde. Por fim, mimeografei quinhentas cópias e mostrei-as, com algum orgulho, a Cayce.

Seguiram-se imediatamente três lições: uma sobre o esforço a que ele estava sujeito, outra sobre os seus métodos de relação com os clientes e outra sobre a sua telepatia. Pois, depois de lançar um olhar ao formulário, pegou de imediato no maço e atirou-o todo para o cesto do lixo; depois virou-se para sair, visivelmente irritado por eu não ter validado o projeto com ele. A sua reação abrupta não era invulgar no seu modo brusco quando estava exausto: «Quem soubesse tudo isso não precisava de ser psíquico.» Fiquei indignado, mas demasiado chocado para dizer o que fosse. Só pensei: «És um filho-da-mãe.» Quando chegou à porta, virou-se e ripostou, exatamente como se me tivesse ouvido: «E tu também!», e saiu a marchar. Outros no escritório tinham-me avisado de que ele conseguia ler pensamentos, mas esta foi a minha primeira experiência vívida.

Mais tarde, depois de arrefecer, percebi que as suas hipóteses de se envolver profundamente com alguém que procurava a sua ajuda — e, portanto,

as suas hipóteses de levar essas pessoas a seguir os seus tratamentos complexos — diminuiriam, de facto, se as pessoas achassem que ele estava apenas a devolver-lhes dados dos formulários preenchidos antecipadamente. Continuou a deixar claro para mim que estava comprometido com a investigação, desde que o processo não ameaçasse a tarefa fundamental de promover saúde.

Havia lacunas evidentes de vários tipos nos dados. Cayce dera leituras desde 1901, mas apenas cerca de quinhentas entre muitos milhares de transes iniciais tinham sido registadas e guardadas nos seus ficheiros antes da entrada de Gladys, em 1923. Isto significava que cerca de metade do seu trabalho ativo, em termos de anos, se perdera. Além disso, muitas vezes só tínhamos uma primeira leitura médica ou de vida, mas nenhuma das leituras de seguimento que ele chamava "leituras de verificação". Como resultado, podíamos amostrar de forma útil o seu aconselhamento inicial típico aos requerentes, mas não construir uma imagem tão adequada do que poderia ter surgido mais tarde, com detalhe adicional. A falta era especialmente importante no caso das leituras de vida, em que o material sobre carma e talentos de vidas passadas era exposto com mais precisão nas leituras de seguimento.

Não eram lacunas, mas um problema de outra natureza, o que surgiu quando apareceu um erro acidental na numeração das transcrições. Assim, comecei o processo laborioso de tabular os ficheiros à mão, comparando-os com os registos do livro de datas de Gladys. O biógrafo de Cayce afirmara, em *There Is a River*, que havia trinta mil transcrições nos ficheiros, mas acabei por verificar que existiam, na verdade, apenas pouco mais de treze mil, embora estivéssemos a acrescentar diariamente ao total.

Sempre que possível, passava horas e horas inclinado sobre gavetas de arquivo, tirando casos para folhear e perscrutando os duplicados em papel amarelo. À noite levava para casa pastas ou cadernos com lotes de excertos sobre os mesmos temas, alguns dactilografados no verso de papel timbrado antigo, onde Gladys e o filho mais velho de Cayce tinham iniciado coleções úteis sobre doenças específicas, períodos históricos ou as fontes da "informação" de Cayce.

Por vezes, as minhas descobertas eram acompanhadas por um inesperado pano de fundo dramático: a June fazia pausas no estudo das coleções de excertos comigo para praticar no piano de cauda que tínhamos alugado. Os seus acordes estrondosos ou melodias líricas sublinhavam os meus encontros com este material espantoso. Perguntava-me como seriam os registos guardados por

sacerdotes no oráculo de Delfos e como teriam sido as primeiras tradições orais sobre Samuel, se tivessem sido dactilografadas para estudo.

Em cada categoria de leituras — das quais a médica era apenas a maior — havia quatro perguntas a abordar. A primeira era a questão óbvia da exatidão, quando podia ser verificada. A segunda era a questão do âmbito, tanto da informação como do juízo, em cada tipo de leitura. A exatidão de Cayce em alvos específicos podia ser admirável, mas se produzisse demasiadas generalidades vagas, ignoradas pelo efeito de halo dos seus acertos, então o seu aconselhamento teria valor limitado. Precisávamos de avaliar o alcance, a profundidade e a utilidade do seu aconselhamento.

A terceira era a questão da perspetiva. Tínhamos de avaliar, tanto quanto possível, a adequação abrangente do quadro global da realidade e dos princípios apresentados, para qualquer área a que ele dirigisse a sua atenção. A quarta era a questão do envolvimento. Aqui, o problema não era a habilidade técnica e a profundidade, mas a sensibilidade e a preocupação formadoras da pessoa — quão frutiferamente Cayce assumia os indivíduos e os equipava para pensarem por si próprios, em vez de simplesmente despejar sobre eles os seus dados ou opiniões.

Nos anos que se seguiram, a June e eu recordaríamos com gratidão aquelas longas horas a ponderar os ficheiros de Cayce segundo os quatro critérios. Pois, no decurso da investigação e do ensino, viríamos a estudar dezenas de psíquicos de vários tipos, por vezes durante meses ou anos, em dezenas ou mesmo centenas de sessões cada um. Nenhum seria vidente ou profeta, mas alguns estariam no topo das suas vocações invulgares. Além do médium Arthur Ford, que era ministro da nossa própria denominação, haveria Ambrose Worrall, o curador ligado à igreja que era também executivo da Martin Aircraft Company, e Peter Hurkos, o holandês "psicometrista", parte artista de palco e parte detetive ao serviço tanto da polícia como dos militares — e, surpreendentemente eficaz no diagnóstico médico e até em intervenções de tratamento directo.

6 Amigos, não tenho nada para vender

Em primeiro lugar, para qualquer visão sistemática, estavam as leituras médicas — cerca de nove mil — constituindo aproximadamente dois terços das transcrições. Era aqui que Cayce sentia arder o fogo do seu dom; todos os outros tipos de leituras eram achas acesas a partir desta chama central. Doentes em hospitais, inválidos em cadeiras de rodas, bebés em berços, pais em desespero, familiares a esperar, com esperança contra esperança, o resgate do psicótico —

todos eles chamavam desde os ficheiros silenciosos, cada um começando com as mesmas instruções:

«Irá percorrer o corpo com cuidado, examiná-lo minuciosamente, e dizer-me as condições que encontra no momento presente, indicando as causas das condições existentes, bem como sugestões de ajuda e alívio para este corpo, respondendo às perguntas à medida que as fizer.»

No folheto sobre a sua vida que Cayce enviava a todos os que lhe escreviam, ele recontou um breve discurso que fizera a uma reunião de muitos a quem ajudara, depois da perda dolorosa do seu hospital nos anos da Depressão. Começava assim: «Amigos, não tenho nada para vender.» A pergunta que colocou foi: «Querem vocês, como grupo, como indivíduos, ver continuar um estudo do fenómeno, ou da informação?» Eles queriam que o estudo fosse feito, mas poucos sabiam como avançar e ninguém tinha fundos de investigação. Cayce continuou, em silêncio, a servir indivíduos, e os registos acumularam-se. Agora, mais de uma década depois, precisávamos de fazer um levantamento do potencial real da visão aberta nos vários tipos de leituras, como o seu filho mais velho já começara a fazer. Cayce não precisava de ser "vendido". Mas o processo notável que ele exibiu merecia uma avaliação informada, se queríamos descobrir a sua promessa de duplicação por parte do resto de nós.

Quão exatas eram estas leituras? Uma resposta completa exigiria registos clínicos completos e o juízo de médicos e investigadores médicos competentes. Embora eu estivesse a aprender todos os dias mais sobre entidades patológicas específicas e sobre a abordagem de Cayce a cada uma, tive de procurar alvos médicos que pudesse verificar prontamente nos ficheiros, ou entrevistando os que vinham para as suas próprias leituras. Assim, verifiquei, gaveta após gaveta, se alguém distante tinha partido a perna esquerda ou a direita, o que Cayce dizia que uma contagem sanguínea mostraria, a que hora do dia a pessoa se sentia tonta, quão perto da morte estava, como é que um órgão ou membro apareceria num raio X quando se fizera cirurgia, ou como ocorrera uma queda anos antes.

Nas primeiras semanas de estudo, apenas um punhado de casos apareceu em que tivesse sido levantada qualquer questão de exatidão deste tipo. Embora os requerentes não raramente relatassem que os seus médicos discordavam das análises mais amplas de Cayce sobre o problema, relatavam com a mesma frequência confirmações médicas. O efeito total da exatidão constante de Cayce em material tão imediatamente verificável era tão entorpecedor que parecia melhor procurar erros, apenas para manter a atenção. Nenhuma pessoa séria, parecia, poderia varrer tudo isto para debaixo do tapete.

A exatidão das prescrições de tratamento — geralmente multimodais — era muito mais difícil de determinar, sobretudo em procedimentos como compressas de óleo de rícino ou aparelhos de baixa voltagem, quanto aos quais os médicos discordariam. Ainda mais incertas eram as terapias naturais que Cayce ou inventava no momento, ou encontrava em algum recanto remoto do globo ou da história. Não havia maneira de validar ou invalidar todas essas terapias e intervenções, e não era claro quem o poderia fazer. Mas houve um padrão geral que emergiu de centenas e centenas de processos clínicos. Quando alguém relatava ter usado os tratamentos de Cayce exatamente como ele prescrevera (o que ele podia confirmar facilmente numa leitura de verificação), a melhoria normalmente seguia-se.

De modo algum havia sempre recuperação completa, embora existissem centenas de casos de recuperação aparentemente impossível que deixavam qualquer um em assombro. Mas mudanças reais e duradouras em direção à saúde seguiam-se sempre que Cayce não especificava que o corpo do indivíduo já estava demasiado devastado pela doença. Não parecia haver casos em que ele simplesmente afirmasse que não existia cura ou ajuda disponível para uma dada incapacidade. Exceto nos casos terminais mais graves, tinha sempre algo a oferecer. O resultado, num grau genuinamente impressionante, era que quem estava a perder a visão via melhor, quem estava incapacitado conseguia deslocar-se, quem estava insano era acalmado — a lista era longa, mas o ponto sobre a exatidão e o alcance de tratamentos úteis era incontornável.

Quanto à sua perspetiva médica global ou sistema teórico, só um especialista poderia oferecer um juízo final. O que de início era evidente era que parecia consistente nos seus princípios fisiológicos, psicológicos e teológicos ao longo de décadas de auxílio. Também consistente era a parte do seu envolvimento com os sofredores que lhes assegurava que ele nunca os esquecia. Alguma parte da sua "informação" mantinha aparentemente registos de casos. No início de uma leitura médica, ele observava frequentemente, acerca do corpo diante de si: «Já tivemos isto antes.»

Ao longo dos anos, os que com ele trabalhavam tinham aprendido duas coisas sobre comentários desse tipo: nunca eram omitidos quando os ficheiros ou as memórias mostravam que a pessoa já pedira uma leitura anterior, e nunca eram indicados erradamente, mesmo quando os destinatários o negavam de início (como quando um dos pais pedira uma leitura, sem eles saberem, na infância). Esta pequena característica era apenas uma parte do processo maior de envolvimento dos requerentes que tornava a ajuda médica de Cayce apelativa.

Parecia usar aquilo a que mais tarde se chamaria um circuito de retroalimentação (*feedback loop*), monitorizando como o seu auxílio iria atingir o destinatário e sugerindo quem devia ser pressionado, quem admoestado, quem nutrido ou quem convidado. Poucos aspetos do seu trabalho eram tão fiáveis como esta dimensão de assumir não apenas a doença, mas a pessoa inteira num contexto social. Parte do seu envolvimento — visível em todo o tipo de leituras — consistia em encorajar as pessoas a pensar por si próprias, a experimentar cursos de ação e a estudar os resultados. Devolvia-lhes o seu corpo, depois de os cuidados médicos padrão parecerem reservá-lo aos médicos. E não hesitava em empregar meios variados para as motivar na busca do bem-estar: desde revelar os seus pensamentos mais íntimos, a citar-lhes passagens queridas da Bíblia, ou a usar imagens de beleza lírica, chegando mesmo a detalhar como um dia haveriam de rir, brincar e dançar. Esta era a dimensão que exigia ver o seu trabalho como poder exercido no amor, ou amor a tomar forma em poder.

Porque não havia mais médicos interessados do que o pequeno punhado dos que regularmente trabalhavam com encaminhamentos de Cayce ou o procuravam para aconselhamento em casos intratáveis? O potencial da visão aberta nos registos médicos de Cayce era convincente. Os poucos médicos que vieram visitar ofereceram as suas respostas. A medicina — explicaram — era necessariamente uma profissão conservadora. Os profissionais tinham de seguir, na maior parte do tempo, trilhos seguros, ou ficavam sujeitos a censura profissional, processos, perda de apoio dos doentes e às suas próprias consciências ansiosas quanto a estarem a experimentar em seres humanos. Além disso, a medicina era uma arte técnica, atraindo muitos (embora de modo algum todos) cujos temperamentos inclinavam para a engenharia competente — à vontade com equipamento, substâncias e resultados laboratoriais — mas não com estados de transe esquivos. Além disso, Cayce não era um candidato promissor para investigação clínica.

Mesmo deixando de lado os seus peculiares meios de transe, que poderiam atrair ridicularização imediata a um médico cooperante, a sua linguagem era frequentemente afetada e complexa, enquanto a sua cautela ao rotular entidades clínicas — em favor de diagnosticar e tratar a pessoa na totalidade — tornava o seu trabalho irritante de classificar. Era também natural preocupar-se que a atenção científica dada a Cayce pudesse fomentar um culto, ou tentar outros a imitá-lo que talvez fossem muito menos talentosos (como as décadas subsequentes viriam de facto a mostrar). Talvez o mais ameaçador de tudo: Cayce parecia o próprio pântano de que a ciência só recentemente se tinha libertado — misturando medicina com teologia e o oculto, e manchando-a com visões como a reencarnação.

Mas, recordavam-me eles, a medicina era finalmente movida pelo sofrimento real dos pacientes. Se a forma de visão de Cayce fosse compreendida e em algum grau gerível, então praticantes responsáveis seriam cada vez mais atraídos por ela, tal como os pacientes. Haveria evidências de Cayce a aparecer na investigação, na consulta e na educação médica, bem como no resto do complexo social chamado cuidados de saúde (tinham razão, como o movimento das décadas posteriores para a saúde holística viria a demonstrar, desenvolvido sob liderança de praticantes profundamente influenciados por Cayce). E graças ao terreno que ele desbravara, poderíamos bem ver novas indagações sobre processos de tratamento pouco conhecidos que o próprio Cayce não podia exibir, mas que afirmava serem válidos, como a cura pela imposição das mãos.

O Potencial da Visão Aberta nas Leituras de Vida

A próxima maior categoria de leituras em que explorar a promessa da visão aberta a partir da história de Cayce eram as leituras de vida, que constituíam algo mais de metade dos restantes quatro mil ficheiros.

Fortemente psicológicas e vocacionais, incluindo temas centrais de conselho espiritual, estas eram complementadas por dois pequenos lotes de ajuda relacionada. Um eram leituras para casais em luta com os seus casamentos. Aqui, os relatos disponíveis sugeriam que a «informação» de Cayce era imparcial mas penetrante, geralmente colocando ambas as partes perante trabalho a fazer, e encorajando-as a resolver o enigma da sua relação agora, para não terem de regressar noutra vida para o fazerem da forma mais difícil.

Muito diferentes eram um grupo de leituras dadas em resposta a pedidos de alguns para desenhos artísticos de «mapas de aura» pessoais, que na verdade não eram estudos de auras, mas representações de arquétipos em cor, destinadas a ajudar o indivíduo a focar-se nas melhores heranças das viagens por vidas passadas. Estas eram difíceis de avaliar, mas o seu simbolismo heráldico pessoal parecia útil aos recipientes. Tais leituras sugeriam paralelos com as pinturas que Carl Jung incitava os seus pacientes a criar a partir de símbolos decisivos de sonhos, e com a posterior especificação de «selos de vida» por sensitivos ou médiuns como o norueguês biblicamente baseado em Washington state, Aron Abrahamsen.

As leituras de vida exibiam o mesmo âmbito amplo ao abordar questões presentes que aparecia noutras partes do conselho em transe de Cayce. Tratavam temas centrais a qualquer vida adulta: que linha de trabalho empreender, como compreender e melhorar relações particulares, onde fortalecer a fé por estudo, culto ou serviço, como abordar a saúde mental e

física, que tipos de pessoas e comunidades eram mais valiosas para envolver, quando brincar e celebrar, e como trabalhar com padrões únicos de impulsos, temperamento, atitudes e emoções, de modo a viver vitalmente mas sem ficar preso no egocentrismo. Em âmbito, eram verdadeiras cartas constitucionais para cada pessoa, e ricamente diferentes no seu envolvimento, por vezes inspiradoras, por vezes advertentes, por vezes provocadoras, por vezes orantes, mas sempre oferecendo pistas para o indivíduo investigar e verificar pessoalmente. Especificar vidas passadas particulares era, num certo sentido, mero enquadramento para todo este negócio absorvente.

O que significavam este tipo de leituras para os Cayce e para Gladys em cada sessão diária de leituras? As leituras de vida eram por vezes um bem-vindo alívio no meio de casos médicos tristes e urgentes. Mas também tomavam nota de indivíduos atribuídos a períodos em que sentiam que eles próprios tinham estado ativos, segundo as suas próprias leituras e sonhos, bem como as suas intuições. Especialmente certos períodos no Egito, na Pérsia, na época da Igreja primitiva e na fronteira americana captavam a sua atenção, por razões que eu viria a saber mais tarde. Mas não tratavam a reencarnação como uma causa a promover, nem davam preferência a estas leituras invulgares. Um sonho de Cayce mostrou-o a dar uma leitura e rodeado por pessoas que eram rãs verdes. A interpretação em transe disse-lhe que qualquer esforço para pressionar outros a aceitar a reencarnação inverteria a sequência habitual do conto de fadas — transformando príncipes de volta em rãs.

Cayce consequentemente recusava colocar tais leituras nas vagas de emergência da sua agenda, apesar de pedidos urgentes. As vidas passadas não eram evidentemente para os Cayce uma questão doutrinal, nem um mistério salvífico. Eram simplesmente o modo como as coisas corriam, como o funcionamento do fígado, num universo completamente notável. O que retiravam útil de uma leitura de vida, de tempos a tempos, era um alívio de espírito, à medida que a voz medida no divã soletrava o crescimento da alma na pessoa diante da sua visão de longo alcance. Todos nós ficávamos aquietados e centrados quando se mostrava uma pessoa adorável a glorificar Deus na vida diária através destes retratos extraordinários.

Estudar as leituras de vida nos ficheiros produzia sentimentos mistos. Aqui não havia apenas variáveis que pareciam impossíveis de rastrear, mas talvez a maior barreira única ao estudo e uso mais amplo do tipo de visão aberta no conselho médico de Cayce. A reencarnação parecia manifestamente errada à maioria dos contemporâneos de Cayce e aos meus. Se ele podia estar tão enganado numa questão tão importante, como confiar nele com corpos, mesmo

tendo obtido muitos êxitos? Nenhum de nós adivinhou que, até aos anos 80, o Princeton Religious Research Center, relacionado com a Gallup, viria a relatar em *Emerging Trends* que um em cada quatro americanos aceitava a reencarnação como facto da sua existência. Esta seria uma mudança social incrível, dado que nenhum grande grupo religioso ou filósofo, teólogo ou psicólogo líder a tinha defendido no intervalo (embora tanto Jung como Horney a incluíssem discretamente nas suas visões do mundo).

Ainda assim, quando mergulhávamos nos detalhes de um perfil individual nas pastas de casos, com as suas vívidas narrativas de influências de supostas ações e escolhas de vidas passadas, entrávamos numa aventura grandiosa. Se tudo isto fosse apenas ficção, estava magnificamente elaborada, consistentemente enfatizando o que a pessoa poderia usar construtivamente agora, bem como tentar validar a partir de impressões internas e sonhos noturnos. Se por acaso fosse verdade, então havia implicações enormes para a condução da educação e das artes, nas quais talentos passados e sabedoria equilibrada precisavam de ser evocados sem remorsos passados, preconceitos ou mesquinhez, e para a colocação vocacional, na qual pistas para a vocação certa, estilo de trabalho e até invenções negligenciadas podiam ser encontradas. Cayce sugeria que oitenta por cento das crianças poderiam ser guiadas para as linhas de trabalho melhores para elas pelo estudo de alguns dos tipos de dinâmicas exibidas nestas leituras.

Havia novas pistas a explorar na medicina, ao descobrir o que tornava uma pessoa especialmente vulnerável num sistema corporal, e ao sondar as pré-condições de depressão, dependência ou outra doença mental, bem como ao iluminar problemas sexuais e de género. (Décadas posteriores veriam a psicoterapia fazer primeiro uso sistemático profissional de perspetivas de reencarnação, à frente de outras profissões.) Líderes religiosos poderiam encontrar bases para novas abordagens à moralidade autoimposta e à amplitude de almas a buscar glorificar Deus, enquanto questões sociais e políticas poderiam precisar de ser reenquadradas à luz das possíveis colapsos de civilizações inteiras como Cayce indicara ter acontecido. O potencial ou promessa para o uso da visão aberta, como encarnada nestas leituras de vida, era estimulante de contemplar, tornando até as realizações em curso num Projeto Manhattan limitadas a uma extensão de proeza técnica familiar, em vez de oferecer vistas radicalmente novas nos assuntos humanos.

Verificar as Leituras de Vida

Mas quanto nestas leituras era preciso? Frequentemente o Cayce em transe oferecia aos indivíduos itens nítidos e verificáveis de carácter, conflito ou

dotação — do temperamento ao perfeccionismo à sensualidade — e até enurese crónica (derivada num caso, dizia ele, de afogamentos de bruxas acusadas na América inicial!). Quando os seus itens podiam ser verificados simplesmente como traços de personalidade no presente, ele era aparentemente tão preciso como nos dados médicos, a julgar pelas cartas em dezenas de pastas e pelas minhas entrevistas com recipientes.

Contudo, o que podia ser verificado sobre alegações de vidas passadas específicas? Espalhadas por centenas de transcrições havia dezenas de sugestões a indivíduos sobre como explorar por si mesmos a factualidade e relevância de existências passadas. Eram encorajados a estudar as suas escolhas, interesses, medos e fobias, bem como as suas fascinações e atrações inesperadas, e quaisquer talentos surpreendentes. Deviam notar alimentos étnicos de que gostavam, países onde queriam viajar, períodos históricos escolhidos em romances, roupa preferida, exposições de museu procuradas, línguas que lhes vinham facilmente, formas artísticas saboreadas, laços românticos que os atraíam, ou artigos de fé que compeliam os seus corações. Tudo isto e mais eram veios de minério dos quais podiam extrair pedaços de recordação útil de vidas passadas.

Havia relatos nos ficheiros de que alguns dos seus consulentes tinham ido a livros de história e registos de tribunais, ocasionalmente com ajuda em transe de Cayce, para provarem por si mesmos a correção de detalhes que ele oferecia sobre as suas supostas vidas passadas. Outros, em viagens, tinham procurado as suas próprias lápides e olhado para elas com espanto. Alguns tinham deliberadamente ido a países distantes que Cayce especificara terem sido outrora seus, encontrando artefactos do tipo que ele dizia terem manejado antes, e entrando em devaneios assombrados que pareciam recordar outros dias. Nenhum era levado pelas leituras a esperar revelações ofuscantes de recordação total, mas antes a confiar que esforço constante traria cada vez mais memórias úteis de existências distantes ainda a trabalhar sob a superfície das suas vidas.

Mas o conselho de Cayce não pedia aos seus ouvintes que reconstruíssem o passado apenas por inferência, enriquecida por introspeção sensível. Oferecia ajuda direta essencialmente equivalente ao estado de transe de Cayce — os sonhos. Nestes dramas noturnos, a «informação» de Cayce insistia que a consciência podia deslizar para a perceção de temas formativos de vidas passadas levados para o presente, e até ver cenas de outras existências. Certamente, as leituras atribuíam aos sonhos mais referência a conflitos psicológicos quotidianos, e mesmo preocupações de saúde fisiológica, do que a

material de reencarnação. Contudo, repetidamente, nas interpretações de mais de mil e quinhentos sonhos que começaram em Dayton e se estenderam pelos vinte anos seguintes, o conselho em transe notava temas e cenas derivados de existências passadas, e sugeria como reconhecê-los e usá-los como tal.

Havia sonhos nos ficheiros que incorporavam verdadeiros flashbacks de memória, com tendas, pirâmides, navios ou batalhas de tempos passados. E havia outros dramas noturnos, introduzidos por emblemas do antigo ou antiquado, ou por mapas e pergaminhos, que traçavam temas cármicos de existências passadas, em sonhos onde a recordação literal de cenas era subordinada ao desdobramento de motivos de carácter. Conflitos como amor e sabedoria, autoridade e liberdade, ou individualidade e vida de grupo, podiam bem ser encenados em sonhos hoje porque refletiam a luta de uma alma a crescer para as suas próprias verdades através de séculos de tempo. Cayce e a sua família e associados próximos podiam todos citar sonhos de experiências passadas que para eles tinham sido úteis a definir as suas vidas presentes.

O conselho em transe também identificava estados de vigília, juntamente com sonhos, que podiam produzir consciência elevada do passado a viver no presente. A hipnose podia ajudar alguns, como ajudara Cayce no seu transe, mas as leituras não a recomendavam geralmente, porque ameaçava a integração da psique. Mais comumente, estados de devaneio profundo, absorção interior em tarefas criativas, e oração eram encorajados como portas para a recordação, quer em associação com a natureza, estudo da Bíblia, ou labores diários. A meditação era oferecida primeiro como atividade valiosa em si, de escuta ao divino. Mas o conselho em transe também notava que a meditação trabalhava para limpar as águas turvas da psique, através das quais vistas, relações, competências e temas podiam mais facilmente vir à consciência de existências passadas ocultas.

O sofrimento e a dor tinham a sua própria capacidade de alterar a consciência para perceção elevada do passado, quer no parto, na doença ou na morte, embora as leituras não incitassem o cultivo ascético da dor, preferindo atingir os mesmos fins através de trabalho árduo em projetos dignos. Em cartas nos ficheiros, bem como nos relatos daqueles que entrevistei, havia muitas ocasiões em que indivíduos tinham deslizado para estados especiais contendo material de vidas passadas, não infrequentemente validado por leituras. Os estímulos para tal perceção iam da química, como o anestésico para cirurgia ou parto ou a bioquímica do jejum, até estados místicos em que a iniciativa parecia pertencer inteiramente ao divino, produzindo visões do grande panorama da jornada da alma para Deus, como Boehme relatara muito antes de Cayce.

Como havia várias dezenas de pessoas nas áreas de Virginia Beach e Norfolk que tinham procurado leituras de vida (e em alguns casos seguimentos sobre encarnações particulares), entrevistei aquelas que estavam disponíveis e dispostas, por vezes repetidamente, incluindo a maior parte do clã Gimbert alargado na vizinha Oceana. Certamente, não usei testes psicológicos, instrumentos projetivos e análises de sonhos que anos mais tarde se tornariam ferramentas quotidianas no meu trabalho como psicoterapeuta. Mas a minha formação teológica, apoiada por cursos de sociologia e psicologia, incluíra algumas competências supervisionadas de aconselhamento pastoral úteis para recolher histórias de casos. Assim, elaborei um questionário de cem itens para obter dados para uma dissertação doutoral posterior sobre o fenómeno Cayce. O que as minhas entrevistas produziram sobre os temperamentos presentes, capacidades, interesses, preferências, conflitos, valores e por vezes problemas incapacitantes daqueles que Cayce aconselhara sugeria que ele era um fotógrafo magistral do mundo interior, enquanto montava os seus retratos sobre o que lhe pareciam montagens de vidas passadas.

Verificar Dados Históricos nas Leituras de Vida

Mais promissor para obter orientações sobre a precisão do material de vidas passadas era examinar a conta de Cayce sobre períodos históricos, que formavam o pano de fundo das pequenas vinhetas de vidas passadas, geralmente quatro a seis em cada leitura, selecionadas como mais relevantes para o presente do indivíduo. Dia após dia, trazia à mente o que conseguia recordar sobre o Egito a partir de leituras e de ouvir Breasted em Chicago, ou identificar sobre o mundo helenístico a partir de Case, Goodspeed e Colwell em Chicago, ou recordar sobre a Mongólia a partir do estudo de Roy Chapman Andrews, ou reconstruir sobre as revoluções francesa ou americana a partir de cursos universitários. Algumas contas de Cayce pareciam fantásticas, como atribuir civilizações tecnologicamente avançadas ao Egito antigo e mesmo a um continente afundado de Atlântida (apesar da afirmação de Platão de que tal terra existira de facto outrora).

Numa área histórica Cayce estava manifestamente errado. Insistia que os essénios tinham sido um grupo de considerável importância na época de Jesus. Via Jesus ligado ao movimento pela sua família, mas afastando-se do seu perfeccionismo e separatismo. Leituras de vida descreviam assentamentos essénios em algum detalhe, com a roupa e ocupações dos aderentes, bem como práticas rituais e ensinamentos. Em particular, insistiam que as mulheres faziam parte do grupo, com papéis de liderança significativos. Eu sabia que podia mostrar que estudiosos responsáveis em todo o mundo negavam qualquer

estatura séria aos essénios no judaísmo do período, e concordavam enfaticamente que o movimento não incluía mulheres. Assim, fiquei preso à surpreendente falha de Cayce durante mais de uma década até, claro, os Manuscritos do Mar Morto serem descobertos, provando Cayce correto ponto após ponto, incluindo o lugar das mulheres e uma localização real perto do Mar Morto que ele identificara.

(Continua-se noutras áreas históricas, mais facilmente verificáveis do que o passado distante, o material de Cayce parecia surpreendentemente preciso, fornecendo nomes e datas, lugares e movimentos, ou costumes e questões facilmente reconhecíveis, embora também incluísse muito material não tão simples de certificar. Os dados da história que oferecia eram tão abrangentes e cuidadosos que se poderia suspeitar que memorizara, livro a livro, não apenas a Bíblia mas uma enciclopédia exaustiva, exceto que não mostrava evidência acordado de tal conhecimento, como mostrava da Bíblia e de um catálogo completo de vendas de livros que outrora memorizara. E quando e como teria aprendido tantas línguas do passado das quais extrair termos cruciais e nomes próprios tão casualmente?)

Em outras áreas históricas, mais facilmente verificáveis do que o passado distante, o material de Cayce parecia surpreendentemente preciso, fornecendo nomes e datas, lugares e movimentos, ou costumes e questões facilmente reconhecíveis, embora também incluísse bastante material não tão simples de certificar. Os dados da história que oferecia eram tão abrangentes e cuidadosos que se poderia suspeitar que memorizara, livro a livro, não apenas a Bíblia, mas uma enciclopédia exaustiva — exceto que não mostrava evidência acordado de tal conhecimento, como mostrava da Bíblia e de um catálogo completo de vendas de livros que outrora memorizara. E quando e como teria aprendido tantas línguas do passado das quais extrair termos cruciais e nomes próprios tão casualmente?

Seja qual for a sua fonte e método, tinha uma capacidade notável para manter coerentes o que via como vidas interligadas dos mesmos períodos históricos. Quer relatasse indivíduos das Cruzadas francesas, da dinastia Ming, da Itália de Galileu ou de colonos nas colónias americanas, não se contradizia nem repetia (exceto em alguns casos intrigantes) entre quatro, cinco ou mais encarnações para cerca de duas mil pessoas. A sua memória para detalhes de relações e posições que atribuía noutras épocas parecia praticamente impecável, ao ligar indivíduos em leituras dadas com até vinte anos de intervalo. As suas próprias leituras diziam que, nesse tipo de conselho, ele estava a inspecionar e interpretar «registos objetivos escritos no tempo e no espaço», ou

«registos acáshicos», como impressões delicadas ainda deixadas no éter. Visualizar tal processo era difícil para mim. Mas também o era imaginar uma memória que guardasse todo esse derramar sobre séculos, culturas e indivíduos de forma tão organizada e entrelaçada que não tropeçasse em si própria.

O Propósito das Leituras de Vida

A «informação» mantinha a dimensão do envolvimento em primeiro plano nas leituras de vida e, em alguns casos invulgares, recusava dar vidas passadas a quem considerava não ser bem servido por tais relatos, substituindo-as por análises de carácter e recomendações de disciplinas no presente. Evidentemente, esta fonte pensava que ver o passado não recordado podia ser destrutivo para alguns, ao tentar os seus egos com importância excessiva, ao levá-los a fugir para fantasias ou ao sobrecarregá-los com culpa por oportunidades perdidas e danos causados. Que o conselho visionário pudesse provar ser corrosivo em alguns casos tornar-se-ia claro mais tarde, quando June e eu vimos um jovem talentoso (próximo do nosso círculo familiar) crescer sob o que parecia um fardo pesado de escolhas vocacionais e pessoais depois de Cayce ter afirmado aos pais (numa leitura altamente invulgar) que ele fora tanto Thomas Jefferson como Alexandre, o Grande.

Para cada vida escolhida do que o Cayce em transe relatava poderem ser centenas diante do seu olhar, era sugerido um propósito da alma: alguma semente secreta e adorável de humanidade à espera de desenrolar os seus opostos ocultos através da experiência e das escolhas. Para nós que escutávamos todos os dias, o desafio de encontrar propósitos escolhidos uns nos outros começava a parecer uma das grandes oportunidades da existência humana em conjunto. Alguns indivíduos via-os como precisando de esticar para uma nova estatura, como a rã do conto de fadas à espera de se tornar príncipe. Outros via-os como necessitando de uma disciplina ou privação autoescolhida para endireitar alguma curva ou nó na alma. Mas falava a todos com respeito. Nesta visão não havia almas baratas, nem entidades superficiais a vaguear sem rumo pelo tempo. Todas estavam numa jornada com propósito, quer o reconhecessem e honrassem ou não. Todas eram preciosas para a sua Fonte, que criara cada uma no início do tempo, trazendo uma promessa original que nenhuma outra alma podia substituir.

Na perspetiva das leituras, cada alma iniciava uma dada vida com um foco especial, pois «nenhuma alma entra por acaso». O foco para cada reaparição era alguma lição, algum prémio de valor humano, que a alma escolhera enfrentar ao selecionar pais e circunstâncias de nascimento, à luz da visão geral da vida e das escolhas a seguir. Estes propósitos únicos não eram espirituais no sentido estrito

de propriedade religiosa, mas encaixavam-se melhor nos temas celebrados por romancistas, poetas e dramaturgos, bem como por psicólogos e biógrafos perspicazes. Não só os motivos clássicos do belo, do verdadeiro, do bom e do sagrado, mas os grandes componentes do carácter estavam lá: paciência, coragem, integridade, abertura, força de vontade, imaginação, generosidade e mais. A fonte de Cayce trabalhava com uma tela ampla do destino humano ao retratar a jornada da alma através da vastidão dos séculos e do desfile das culturas, ora homem ora mulher, em circunstâncias vastamente diferentes, até ter feito a sua própria oportunidade a partir da experiência vivida para apresentar cheia de energia ao Criador que também seria Companheiro.

Perguntávamo-nos o que se ganhava ao ver o inconsciente povoado por personalidades passadas em vez de retratado com as cores vivas da infância. A resposta parecia ser pistas para potenciais ocultos. Se cada um de nós tivesse vivido várias vidas, então cada um aprendera lições preciosas sobre a existência humana, e por isso não devíamos contentar-nos com a mediocridade uns nos outros. Aqui estava novamente razão para Cayce dar as suas leituras a indivíduos, pescando os tesouros nas águas de cada um. Era perfeitamente capaz de discursos para mapear doenças, discutir culturas e explicar invenções. Mas quem faria uso delas, e como? Quem garantiria que tal sabedoria não fosse mal utilizada?

Em última análise, a raça humana avançava pelo sinal e pelo suor daqueles que se importavam, daqueles que perseveravam. O carácter podia muitas vezes ser mais crucial para uma mudança social digna do que projetos e manifestos. Cayce procurava o núcleo da célula da sociedade: a pessoa desconhecida, o peregrino em progresso.

Se a perspetiva de reencarnação das leituras fosse verdadeira, os nossos esforços humanos deviam ser marcados menos por martelar sentido uns nos outros e mais por extrair o que está lá dentro. A política das nossas vidas devia consistir em colocar escolhas significativas diante uns dos outros, e menos em trancar uns aos outros em gaiolas de conformidade. Era neste espírito que Cayce resumia o desafio que colocava a cada indivíduo no final do corpo principal da leitura de vida. Alguns eram saudados, alguns apoiados, alguns questionados. Nenhum era menosprezado, embora muitos fossem advertidos.

Pesar a hipótese da reencarnação exigia lembrar que cada era reelabora o seu sentido de hereditariedade e ambiente à luz de dados e intuições novas. Para o Ocidente, uma visão de muitas vidas seria apenas a mais recente numa série de tais desafios. Pessoas da Idade Média achariam o nosso mundo árido e enganador por não ter anjos nem demónios. Pessoas pensantes de há apenas

dois séculos ficariam espantadas ao ver-nos gerir doenças em torno da sorte de micróbios invisíveis. Líderes sábios de há poucas décadas achariam incompreensível a nossa afirmação casual de ascendência símia, embora pudessem encontrar verdade poética no nosso tagarelar incessante e na nossa sexualidade símia ilimitada. Aqueles que outrora estavam bem certos de que os doentes mentais deviam ser trancados como subumanos dementes ou distorcidos ficariam atónitos ao ver os nossos médicos colocá-los em divãs para curas pela palavra. E os nossos antepassados imediatos no Sul americano ficariam perplexos ao deparar com a nossa dúvida de que algumas raças estivessem biologicamente destinadas à escravatura. Para as pessoas de cada uma destas eras, a mudança para visões modernas de hereditariedade e ambiente teria sido tão difícil como a mudança para a reencarnação parecia agora.

Uma forma de ver a reencarnação era abordá-la como uma extensão do reino do inconsciente. Os conteúdos operativos da psique que Cayce descrevia eram em muitos aspetos os mesmos que Freud, Jung, Adler e os seus associados tinham relatado. Havia nas leituras fobias, dependências, papéis para cada sexo, autoimagens, defesas, votos feitos, ansiedades, ficções orientadoras, propensão para acidentes, doença psicossomática, medos irracionais e fixações sexuais. A lista era longa e vívida. A maioria operava com a mesma força invisível que a psicanálise atribuía a traumas de infância ou material reprimido (no qual as leituras também atribuíam a origem de alguns comportamentos).

O que se acrescentaria se soubéssemos com certeza que algumas destas dinâmicas inconscientes vinham de vidas anteriores, despertadas por estímulos nesta? Em muitos aspetos pouco se acrescentava. A tarefa de desdobrar e integrar os potenciais num dado indivíduo, transcendendo defesas endurecidas ou posturas ultrapassadas, podia ser conduzida sob a perspetiva da causalidade infantil, edípica ou outra, tão verdadeiramente como sob a perspetiva da causalidade de vidas passadas. Desde que alguma tela imaginativa ou mito fosse estendida diante do olho da mente para contrastar com o presente, aliviando culpas e sugerindo novos valores e adaptações, muito crescimento podia ser alcançado. Contudo, havia direções ou âmbito interessantes sugeridos pela hipótese da reencarnação que podiam ser perdidos se se trabalhasse com uma visão do inconsciente em que tudo de importância começasse na infância ou depois.

Temperamento nas Leituras de Vida

O temperamento, por exemplo, era apresentado aqui com mais cuidado em cada leitura de vida do que na psicologia americana dominante. Investigadores e

os meus professores tendiam a menosprezar estudos de tipos corporais e temperamentos, desde a preocupação medieval com os humores sanguíneo e colérico até aos primeiros esforços de Kretschmer com padrões corporais, e a sofisticada fusão de painéis de tecidos corporais que Sheldon desenvolvera como base para contrastes de temperamento, bem como as divisões óctuplas de temperamento (incluindo introversão e extroversão) que Jung inventara e tornara famosas. Em contraste, as leituras de Cayce sugeriam que o temperamento oferecia pistas valiosas não só para compreender as perceções e respostas habituais de um indivíduo, mas até os conflitos internos. Tendências inatas de disposição podiam colidir, ou a pessoa ser forçada a escolher entre um padrão de comportamento natural e as pressões da família ou da ambição para apresentar um estilo diferente.

O enquadramento básico da «informação» para descrever o temperamento era estranho de facto. Era apresentado como os efeitos de existências entre vidas terrenas, quando a alma se imergira em esferas particulares de interesse. Não havia precedentes prontos para tais origens de diversidades individuais. Nada que eu tivesse lido no pensamento hindu ou budista, ou na especulação platónica e neoplatónica, oferecia exatamente esta abordagem ao temperamento. (Passariam anos até descobrir precisamente a mesma perspetiva que a de Cayce entre alguns dos estoicos gregos, que também usavam nomes de planetas para sugerir reinos de experiência entre vidas terrenas, tal como o austríaco Rudolf Steiner [1861-1925] nas suas visões clarividentes modernas.)

As leituras insistiam que os planetas ligados ao temperamento eram símbolos, não localizações reais onde a alma se encarnaria como na Terra. Cada um representava apenas uma dimensão de consciência, um tipo de perceção e preocupação em que a alma se embebera por algum tempo por escolha própria antes de regressar à Terra. Mercúrio representava o reino do mental, do intelectual. Vénus representava uma esfera de beleza e harmonia, tanto em objetos como em relações. Em contraste, Marte simbolizava um reino de ação e energia, bem como de ira e agressão. Estas regiões de consciência eram como cores primárias, que a alma em jornada combinava em matizes únicos de temperamento, dependendo da recentidade e frequência da sua saturação, e dos usos dos impulsos feitos nas vidas terrenas.

Em alguns aspetos havia um paralelo com os três grandes caminhos do temperamento da alma para Deus, representados no Bhagavad Gita: o caminho do conhecimento, o caminho da devoção e o caminho da ação. A outra grande alternativa da Índia para Deus, por vezes vista como amplificadora dos três

primeiros, era o caminho da realização intuitiva através das disciplinas do ioga. Nas leituras de Cayce, este último ênfase era simbolizado por Neptuno e Plutão, designados como reinos de mistérios, do psíquico e do invulgar, incluindo estados alterados de consciência.

No entanto, não havia tradição indiana familiar para paralelizar o reino de Úrano nas leituras de Cayce. Aqui, as leituras falavam da aprendizagem da alma em extremos, ganhando capacidade para excessos mas também para o sacrifício altruísta — um tema culminante no Gita como nos Evangelhos. O que determinava o peso qualitativo de Úrano, bem como as aspirações dos outros reinos, era um período de imersão em Júpiter. Este podia produzir uma visão universal e benevolente, a influência mais benéfica para a alma, levando à preocupação com o desfavorecido, o infeliz e todas as estruturas sociais e normas de justiça e compaixão.

Em forte contraste com Júpiter estava o reino de Saturno, descrito pelas leituras como a dimensão da purgação e da mudança, onde a alma empreendia uma limpeza de tudo o que era indigno na sua constituição, e aprendia a arte da renovação e do arrependimento. Um observador reflexivo poderia encontrar nesta descrição de Saturno algum núcleo da noção ocidental de Inferno, tal como a largueza de visão jupiteriana poderia ser o núcleo da noção ocidental de Paraíso. Em essência, Cayce dizia o que séculos anteriores de fé ocidental haviam afirmado: depois da vida terrena «vamos» para algum lugar apropriado, para um reino que é mais consciência do que espacial.

Mas a afirmação nas leituras de uma medida de verdade na astrologia era difícil de relacionar com o pensamento moderno. Na visão de Cayce, era possível discernir a mistura de influências no temperamento de um indivíduo usando as posições dos céus ao nascimento. Só em anos posteriores, quando explorei os estudos de Jung sobre astrologia e encontrei aí o seu conceito de arquétipos a ajudar a moldar tanto os humanos como as estrelas, bem como o resto da criação, é que tive um termo mediador para pensar nas correlações entre os céus e a psique.

Mesmo no que parecia ser uma representação sensível, se talvez mitológica, de tendências de temperamento, Cayce também oferecia pistas sobre talentos. Obviamente, quem tivesse recentemente permanecido numa consciência de Mercúrio era melhor candidato a professor do que quem se especializara nas «artes marciais» de Marte, embora a combinação pudesse fazer um decano pugnaç. Mas a questão do fatalismo surgia imediatamente em relação ao material astrológico, pois fora um problema no mundo helenístico e noutros lugares, quando se dava crédito às influências das estrelas e planetas. Foi um

alívio encontrar a fonte em transe de Cayce a insistir em quase todas as leituras de vida que nenhuma influência de temperamento ou disposição, correlacionada com esferas distantes, podia alguma vez superar a vontade humana. Frequentemente o Cayce em transe notava que o indivíduo fizera escolhas que já tornavam ineficaz a parte astrológica da herança da alma. Mas era igualmente rápido a comentar quando o indivíduo reivindicara bem a herança das existências entre vidas.

A Longa Jornada do Cristo

Citada em muitas leituras de vida estava a pessoa e a obra do Cristo, evidentemente não vista pelas leituras como mera memória abençoada, ou legado imolado nas cerimónias e ensinamentos da igreja. Era descrito como uma presença radiante, viva agora para todos os que verdadeiramente buscassem a sua ajuda — sempre oferecida mas nunca imposta a ninguém. Sempre que o amor fraquejava e a coragem falhava, quando o sofrimento quebrava o espírito e a depressão turvava a mente, quando a doença enodava o corpo, ou a morte bloqueava o crescimento ulterior, havia sempre disponível o refrescante fluxo de assistência e amor do Filho enviado pelo Pai.

Aquele a quem as leituras frequentemente chamavam o «Irmão Mais Velho» não tiraria à alma individual as suas próprias escolhas, nem oferecia remover todos os fardos e lutas. Mas, se pedido responsavelmente, removeria a turvação da visão da alma, à medida que a pessoa agisse em espírito cristão nas oportunidades ao alcance. Removeria também o terrível sentido de distância de Deus que a culpa e o fracasso criavam. A imagem de Cayce da reencarnação não era um drama de escalada solitária às alturas da perfeição espiritual. Era uma peregrinação iluminada, cheia de oportunidades para dar aos outros o que quer que se encontrasse de valor pelo caminho, com a ajuda deste Cristo. Era uma jornada em que qualquer um podia tomar orientações da presença invisível mas genuína do Irmão que percorrera todo o caminho, até à crucificação do velho inimigo — o egoísmo.

Contudo, a visão do Cristo nas leituras oferecia uma reviravolta que não existia em nenhuma teologia moderna. O conselho em transe descrevia vidas passadas para Jesus tal como para outros. Nesta narrativa invulgar, aquele chamado o Filho crescera em graça ao tornar-se carne, aprendendo obediência através do sofrimento, não uma vez mas muitas, e permanecendo fiel até ao fim. Certamente, o evangelho de João e alguns outros materiais cristãos haviam afirmado a pré-existência do Logos, identificado com o Cristo. Mas as leituras davam a esta antiga reivindicação uma nova dimensão ao relatar que o Filho

experimentara todos os predicamentos e tentações terrenas conhecidos pelos outros.

Encarnara no drama bíblico como Adão (não era imediatamente aparente para mim quão literal ou poético isto era, mais do que era claro como fora Amilius antes de Adão, quando as almas começaram pela primeira vez a entrar na esfera da Terra). Depois fora Enoque não muito depois de Adão. Em seguida fora o sacerdote Melquisedeque na época de Abraão, autor do núcleo do Livro de Job. Depois veio uma série de encarnações com temas semelhantes de crescimento (exceto uma como poeta-cantor chamado Asafe, no templo de Salomão). Fora José no Egito, conselheiro do Faraó, e depois Josué, auxiliar de Moisés. Fora Jesua, o escriba, no regresso do Exílio, recolhendo e transcrevendo os livros da Torá. Depois fora Yeshua ou Jesus de Nazaré, que completara a longa jornada como o Caminho ao ser crucificado e ressuscitado do túmulo. Num tempo ainda por vir, as leituras indicavam, reapareceria àqueles que estivessem prontos para ele no mesmo corpo que na Galileia.

Tal retrato inaudito talvez não fosse inesperado numa perspetiva de reencarnação, em que a figura salvadora central vivia a mesma jornada que os outros. Mas as leituras estendiam a obra do Cristo ainda mais além das formulações tradicionais. Esta mesma alma, indicava o conselho em transe, desempenhara algum papel em cada uma das grandes tradições monoteístas da família humana. Nem sempre encarnara, mas por vezes influenciara a liderança religiosa de um plano superior de consciência. Como consequência, nenhuma das grandes heranças espirituais da humanidade ficara sem alguma direção do Cristo, embora o seu dom central e peregrinação tivessem sido entre o pequeno povo de Israel. Fora, por exemplo, Zend, um dos primeiros desenvolvedores das tradições zoroastrianas, tal como muito antes fora Thoth ou Hermes no Egito, e fora uma influência não encarnada sobre Maomé.

Quais seriam as consequências para a fé dos cristãos se considerassem tal retrato cósmico? Para quem não achasse convincente a evidência da reencarnação, uma alegação de que o Cristo fora um peregrino em existências terrenas poderia parecer roubar-lhe a autoridade. Que tivesse tido de crescer para uma estatura em que a sua humanidade e divindade se expressassem com igual força lançaria dúvidas sobre a sua capacidade de operar salvação para os seus seguidores. Esta dúvida já era levantada pela perspetiva de almas dos fiéis terem de regressar à Terra, em vez de saltarem sobre tais rotas purgatoriais para um estado abençoado.

Contudo, para outros talvez não ofendesse que o Filho fosse Senhor da história que incluía o seu próprio passado. Para estes, ainda seria a sua vida

como Jesus que o tornava definitivo no plano de redenção de Deus. As leituras eram discretamente enfáticas ao repetir a reivindicação escriturística: «Aquele que sobe por outro caminho é ladrão e salteador.» Nesta visão, Cristo era a única figura em toda a história e experiência humana no plano terreno que incorporara plenamente a obediência no amor do Pai, tornando-se (como diziam) «um com» o Pai, e unicamente capaz de ajudar os outros. Ao discutir este material com Cayce, descobri que não diminuía para ele a majestade ou missão do Cristo pensar nele como tendo conhecido poder e pobreza, amor e traição, intimidade e parentalidade, através das estações humanas completas da vida em muitas eras e culturas. Mas certamente poderia para outros.

O Potencial das Leituras de Negócios

A seguir nos registos deste vidente dos nossos dias — sem manto para vestir nem cajado para carregar numa era moderna cujas convicções o tornavam invisível — estavam cerca de setecentas leituras de negócios, complementadas por um número limitado sobre imóveis, poços de petróleo e minas.

Foi uma surpresa saber que tais transcrições existiam, pois este tipo de conselho nem sequer era oferecido àqueles que se juntavam diariamente por correio à pequena Associação, pedindo leituras. Embora alguma forma de ajuda nos negócios tivesse sido dada já em 1910 (para o pai de Cayce), evidentemente não era um tipo de assistência importante para Cayce agora. Não queria tentar as pessoas a procurarem atalhos para a riqueza, não por ascetismo desmundano, porque a sua fé bíblica estava perfeitamente em casa na vida quotidiana, mas porque a sua tarefa especial era ajudar os sofredores e desafiar os outros com ressurreição de valores estreitos.

Cada leitura de negócios ocuparia o seu calendário em períodos que poderiam excluir os doentes. Além disso, o seu próprio conselho advertia-o de que demasiado tempo dado a leituras em que predominavam preocupações de poder e dinheiro o podia deixar perturbado e irritável, com um resíduo de impulsos de controlo e posse que não eram do seu melhor interesse. De qualquer modo, a experiência ensinara a Cayce e à sua família que o conselho nos negócios não oferecia soluções mágicas, embora as leituras fossem frequentemente impressionantemente precisas. Orientação explícita para invenções reais, vendas ou ações só seria oferecida na proporção do desenvolvimento pessoal, disciplina e propósitos dignos do solicitante.

Para compreender como Cayce se sentia em relação às suas leituras de negócios, voltei-me para um sonho que partilhou. Veio depois de ter sido abordado para treinar dois jovens corretores de bolsa a usar os seus sonhos para

fins comerciais. Hesitara, recordando como uma vez perdera a capacidade por um ano ao dar informações de jogo. Mas acreditava que os dois irmãos usariam os ganhos para ajudar os outros, e orou sobre isso durante vários dias. Veio um sonho em que via como por raio-X os ossos de um corpo para o qual dava uma leitura médica, o tipo de ajuda no coração da sua vocação. Em cada osso estava impressa uma cotação de uma ação diferente, que se revelou precisa. Percebeu o ponto, confirmado numa leitura: a ajuda nos negócios dada e recebida com os mesmos motivos úteis e atenção ao crescimento individual que a sua ajuda médica podia ser valiosa.

Qual era a precisão e o âmbito da visão aberta nas áreas de negócios, mineração e petróleo, bem como invenções de produtos úteis? Nos ficheiros estava o registo de um amigo de Cayce que sonhara com uma lata com nariz. Sob orientação de uma leitura, o homem concebera um contentor para colocar óleo em motores de automóvel, que o enriquecera. Também nos ficheiros estavam notados detalhes precisos sobre o futuro desenvolvimento de Virginia Beach como grande cidade turística — detalhes que em anos posteriores se provariam assombrosamente corretos, mas que ninguém levou suficientemente a sério para agir, embora tivessem levado a grande riqueza. As leituras de negócios traçavam cuidadosamente o caminho através de emaranhados éticos e estratégicos, dando orientação prática mas recusando ajudar qualquer indivíduo a tirar vantagem de outro.

As pastas de casos e a correspondência, juntamente com telegramas a pedir dados de seguimento, tornavam abundantemente claro que Cayce podia instantaneamente aceder a detalhes sobre mercados, produtos, movimentos na comunidade financeira, mudanças de preços, demandas de mão de obra, previsões agrícolas, depósitos subterrâneos e políticas governamentais afetando os negócios, bem como padrões e conflitos nas relações internacionais. Não poucos tinham passado para carreiras inteiramente novas e gratificantes baseadas na orientação de Cayce, em parte com pistas de talentos de vidas passadas. Dinheiro fora de facto ganho, e grandes serviços prestados.

Mas a dimensão de envolvimento das leituras de negócios parecia mais contida do que nas leituras médicas e de vida, talvez refletindo o que os solicitantes queriam de Cayce. Os muitos repetidores entre os que procuravam conselho nos negócios (por vezes obtendo dezenas destas leituras ao longo das carreiras) tornavam claro na sua correspondência excitada que frequentemente achavam o Cayce em transe deslumbrantemente correto e preciso no âmbito, ao avaliar perspetivas de vendas, propor corporações, comentar contratações, avaliar fusões, recomendar fontes de empréstimos, treinar competências de

gestão e tratar de outros assuntos de negócios. Mas o impulso de ressurreição para mudar os recipientes parecia infrequente, embora pudesse irromper em encorajamento ou repreensão.

Poderia vir um dia em que uma visão como a de Cayce fosse amplamente usada nos negócios e na indústria? A resposta não era clara, embora o amigo de longa data de Cayce, David Kahn (presidente de uma grande empresa manufatureira), me tivesse contado com abundante entusiasmo como usara a orientação de Cayce através de duas guerras — tanto para servir o governo como para construir a sua própria fortuna, bem como para apoiar o Hospital Cayce. No entanto, se outras leituras dadas sobre questões sociais fossem corretas, poderia haver necessidade de mudanças maiores na sociedade americana, bem como nos indivíduos que lideravam a sua economia e vida política, para ter acesso à visão aberta para estes fins.

Como os profetas de Israel advertiram, esmagar os rostos dos pobres não seria permitido, nem a discriminação racial ou de género. Novos tipos de cidades teriam de ser construídos, com descentralização levando a estilos de vida muito mais próximos da terra (um ponto em que as leituras insistiam) e cooperativas mais proeminentes. As Grandes Planícies, previu Cayce, um dia alimentariam grande parte da humanidade, mas havia pistas de que isso teria de ocorrer numa nova espécie de civilização não tão dividida por interesses nacionais nem ameaçada pela guerra. Caso contrário, o que viria seria sombrio de facto, com fome por toda parte, até que um espírito estivesse finalmente no ar para sermos guardiões e ajudantes uns dos outros, responsáveis perante o divino.

Só em anos posteriores viria a descobrir quão penetrantes e valiosos os princípios e práticas das leituras de negócios de Cayce podiam ser, quando a minha prática de psicoterapia me levou a mais de vinte anos de consultoria empresarial, geralmente partindo de uma perspetiva junguiana. Trabalhando com empresas tão grandes como a IBM e tão pequenas como um escritório de advogados, bem como com hospitais, campi universitários, um sistema prisional e até uma campanha política, encontraria repetidamente executivos e gestores alertas que procuravam perspetivas maiores que combinassem psicologia sofisticada e dimensões religiosas maduras. Mas tudo isso estava oculto nas dobras do futuro enquanto eu estudava as surpreendentes transcrições de Cayce numa pequena sala de cimento.

Aproximar instituições de uma perspetiva diferente mas complementar era um grupo considerável de leituras, mais de cem, que Cayce e os seus associados chamavam leituras de «trabalho» simplesmente porque eram sobre o seu

trabalho (o termo após a morte de Cayce viria a significar para alguns a causa de colocar Cayce perante um público maior, como «o Trabalho»).

Os Cayce e Gladys referiam-se a este tipo de leitura com respeito, pois aqui eram eles próprios postos à prova. Era Cayce sobre Cayce, leituras sobre leituras, e conselho sobre aconselhamento numa cultura sem lugar para videntes. Embora apenas algumas leituras deste tipo fossem dadas durante os meses da minha estadia, estas poucas sugeriam por que não havia mais. Geralmente a orientação era apresentada no modo paciente de envolvimento que marcava os outros esforços em transe de Cayce. Mas também podia ser abrupta, desafiando bruscamente os ouvintes a melhor cooperação, confiança mais profunda em Deus ou disposições mais solares no labor diário atarefado.

Em parte alguma a dimensão de envolvimento das leituras estava mais em primeiro plano. Aqueles que haviam escolhido ajudar nos esforços de Cayce eram mantidos em padrões elevados, sem indulgência nem favoritismo. Nas poucas ocasiões no passado em que novos associados tentaram usar este tipo de leitura para inflação do ego (por exemplo, perguntando se podiam apresentar as leituras como vindas diretamente de Deus Pai), foram severamente repreendidos e disseram que podiam fazer de si mesmos o que as leituras chamavam «um objeto de riso», proclamando processos que não compreendiam.

Também nesta coleção estavam leituras que tratavam do desenvolvimento da pequena Associação sem fins lucrativos que patrocinava o trabalho de Cayce. Na medida em que Cayce e os seus associados próximos não estavam apenas a apresentar e proteger Cayce num processo ordenado de prestação de serviços, investigação e publicação, mas inevitavelmente a construir uma compreensão mais ampla do seu tipo de trabalho e da visão aberta que exibia, então o âmbito destas leituras aplicava-se a todos os tipos de mudança social: o movimento pela paz, a causa do trabalho, melhor habitação, o cuidado dos trabalhadores migrantes, erradicar a discriminação racial ou o antissemitismo, fortalecer cooperativas de consumidores ou eleger funcionários públicos de grande espírito. Até questões de como desenvolver modelos pioneiros de educação em Chicago e noutros lugares, ou como recentrar a vida da igreja em temas contemporâneos em vez de recitação demasiado estreita de histórias bíblicas, pareciam implicitamente abordadas nas leituras de trabalho.

Todos os aspetos práticos e de política de desenvolver e gerir um projeto digno estavam lá, espalhados por leituras sobre oportunidades ou crises específicas nos labores de Cayce. Como construir sobre ideais explícitos, como organizar e definir papéis, quem recrutar e quando, como angariar fundos,

quanto cobrar pelos serviços, o que publicar e onde, quando realizar conferências, como avaliar o progresso, como enfrentar falhas, como ser profissional e ainda ser uma comunidade centrada na fé — tudo estava nestas leituras. Havia mesmo uma fórmula eloquente na perspetiva de mudança social que era evidentemente a resposta de Cayce ao marxismo ou qualquer outra rota autoritária, bem como à venda de Madison Avenue por embalagem: «Primeiro ao indivíduo, depois ao grupo, depois às classes, depois às massas.» Quando explicitada em etapas e estratégias práticas, este processo lento mas constante parecia uma enorme aventura de facto.

A precisão das leituras mostrava-se aqui, como noutros lugares, em avaliações precisas de mercados editoriais desconhecidos, opções de financiamento ou novo pessoal. Mas era o julgamento, não os dados, que contava mais na profundidade e âmbito deste material, que era tão teologicamente e sociologicamente sofisticado como competente nas competências de gestão do dia a dia. Em anos posteriores, encontraria esta parte do legado de Cayce frequentemente ignorada por um público maior mais interessado em novidades de consciência alterada e perceção extrassensorial, sem falar em vidas passadas e culturas sepultadas. Mas nunca perderia a impressão, ao estudar ficheiros no cofre de cimento de Cayce, de que estas leituras particulares e este tipo particular de visão aberta forneciam recursos sobre mudança social que podiam ter uma promessa tão grande como o seu notável trabalho médico.

Complementando esta coleção estava outra categoria menor de leituras dadas explicitamente sobre política pública e assuntos mundiais, e sobre períodos históricos particulares do passado, especialmente Atlântida e a época de Jesus. Como a «informação» geralmente recusava dar relatos históricos a quem não os pudesse usar construtivamente, era frequentemente necessário esperar por um especialista ou autor para obter tais leituras, como fizera o distinto líder mundial da YMCA, Sherwood Eddy, ao obter o que parecia uma leitura extraordinariamente promissora em precisão e âmbito sobre autoria dos livros do Novo Testamento (o Evangelho de João, por exemplo, era atribuído a autoria múltipla e tardia, mas passagens nos capítulos 14-17 eram descritas como muito próximas das palavras de Jesus). Em contraste, quando alguém menos qualificado perguntava noutra leitura uma questão abrangente sobre como lidar com Hitler, a resposta cortante vinha: «Quando esperas vê-lo?» As respostas de Cayce eram como as recusas pungentes do Buda a permitir especulação sobre questões «que não lucram». Aqui novamente, a qualidade do envolvimento definia estas leituras tão verdadeiramente como a obtenção de dados: em

última análise, o encontro era moldado pelo amor, embora o amor pudesse ser duro e exigente.

A maior parte dos relatos históricos nos ficheiros de Cayce estava inserida em narrativas de vidas passadas particulares dadas a indivíduos — como seria de esperar de um vidente. Mas ele fornecia, para um pequeno Congresso anual de membros da Associação, relatos de ocasiões históricas particulares (mais recentemente, a presença da vida passada da minha mãe no casamento em Caná, onde Jesus iniciou o seu ministério), desde que pudesse ligá-los aos desafios presentes daqueles que escutavam. Era impossível verificar com facilidade as suas contribuições sobre Atlântida ou o Egito antigo, claro, mas os seus discursos sobre os tempos do século I na Palestina eram surpreendentemente informados. Em ocasiões semelhantes, dava raras leituras sobre política pública e relações internacionais, com vislumbres do futuro, embora advertisse que o exercício do livre-arbítrio podia alterar o futuro.

A Mensagem nas Prioridades

Estas cinco grandes categorias de leituras tinham proporcionado algum sentido do potencial pleno que residia na visão aberta, exemplificado no fotógrafo e professor de escola dominical com traços de vidente. O que restava para completar o quadro eram em grande parte leituras individuais, ou pequenos conjuntos, sobre uma vasta variedade de assuntos. Uma série de leituras, verdadeiramente abstrusa, tratava da natureza do sono, enquanto outra igualmente densa era sobre a «Unidade de Toda a Força». Mais rapidamente verificável era o seu rastreio passo a passo dos raptores do bebé Lindbergh, aparentemente preciso em detalhes comprováveis, mas não usado com rapidez suficiente para salvar a criança.

Colorida de forma diferente era a sua especificação da localização e do ângulo do navio de cruzeiro afundado Lusitania, que permitiu aos mergulhadores encontrá-lo e entrar nele, localizando até os corpos preservados que ele notara. Havia vários guiões de filmes, desenvolvidos rapidamente e com alguma perícia pelo homem em transe. Uma das numerosas colaborações com inventores, sobre a curvatura das asas de aeronaves, parecia tão promissora que enviei a leitura a um oficial do Exército em Washington, D.C.

Ele mandou verificá-la por peritos e relatou que mostrava uma compreensão tão impressionante deste assunto técnico que leituras adicionais seriam úteis. Mas, tendo sido advertido sobre seguir as prioridades de Jesus, não parecia haver hipótese de arranjar espaço para mais ajuda em aeronaves, mesmo em tempo de guerra quando os aviões americanos eram considerados decisivos

para a vitória final, enquanto tantos estavam de pé ou deitados à espera da ajuda de Cayce com febres ardentes, feridas malignas ou marcha retardada.

Uma pergunta por vezes saltava-me das filas de armários de ficheiros cor de azeitona baça, cheios de provas das décadas de realizações de Cayce. Como teriam evoluído os mesmos ficheiros se Cayce tivesse sido ligado ao trabalho de peritos em várias profissões, em vez de interrogado por leigos aventureiros ou curiosos que ouviam falar da sua história e o procuravam para as suas necessidades pessoais? Teríamos perdido oportunidades preciosas de obter pistas para investigação e invenção em física, biologia, astronomia ou psicologia? Teríamos perdido ocasiões inestimáveis de esclarecer temas em história ou arqueologia, teoria política e económica, filosofia ou religião? Deveríamos tentar ainda mais arduamente localizar e interessar especialistas para forças-tarefa cujos ganhos pudessem superar até os Projetos Manhattan dos nossos tempos?

A distribuição real das leituras nos armários de ficheiros talvez respondesse a essas perguntas. Dois terços destes milhares de transcrições eram leituras dadas para aliviar o fardo da dor médica. Aqui eram esmagadoramente precisas, abrangentes no âmbito, ricas em perspetiva e moldadas para envolver o crescimento de cada solicitante. A perícia de Cayce estava enraizada na compaixão ativa. Se a nossa sociedade aprendesse a duplicar e estender o seu trabalho notável para uma era em que a visão aberta não fosse tão rara como no dia em que o jovem Samuel veio ao triste velho sacerdote Eli, o preço poderia ser comprometer-nos como nunca antes a aliviar os fardos da miséria humana. Teríamos de enfrentar não só a doença, mas a pobreza, a fome, a ignorância, a opressão e as amargas consequências da guerra. Como indivíduos e como povo, talvez tivéssemos de conquistar dragões de facto.

Uma Vida Assim Não É Fácil

Olhando para trás sobre o seu trabalho da perspetiva dos seus últimos anos, Cayce escreveu num breve relato publicado: «Meus amigos, a vida de uma pessoa dotada de tais poderes não é fácil.» No entanto, estava convencido de que o bem que fluía através dele valia a luta e, em alguma medida, estava ao alcance de todos para realizar.

Que tipo de homem era este vidente americano, praticando a sua arte desajeitada longe dos cenários lendários do Oriente ou do antigo Próximo Oriente? Comecei a juntar tudo o que via do seu comportamento e julgamentos diários, complementado por observações daqueles próximos dele e enriquecido por passagens de centenas e centenas de cartas que ele escrevera, que eu folheava ou estudava enquanto percorria os ficheiros de vários tipos de leituras.

A minha tarefa de retrato foi inesperadamente acelerada quando ele um dia pousou na minha secretária o folheto *Edgar Cayce, His Life and Work*, que enviávamos a todos os inquiridores. «Revise-o! Melhore-o!» foram as suas instruções. Ficara encantado com a forma e o conteúdo de um folheto que eu escrevera para solicitantes de conselho médico, intitulado *Physical Readings: A Study of Their Source, Contents, and Purposes as a Personal Preparation for Their Use*. Ciente de que a sua declaração autobiográfica era irregular no desenvolvimento, tendo sido frequentemente revista ao longo dos anos, queria que eu a editasse, a completasse e suavizasse o seu discurso.

Por minha parte, considerava a prosa relativamente simples das suas reflexões sobre a vida apelativa, porque o seu discurso sem afetação testemunhava a sua autenticidade. E hesitava bastante em pôr palavras na sua boca, mesmo sabendo que ele as revia e se sentia livre de as alterar. Mas prometi tentar, ou pelo menos esboçar uma versão mais equilibrada, e pus-me a reunir e rever todos os documentos relevantes. Havia três memórias, duas dele próprio e uma do pai; uma versão que ditara em 1932, e outra mais subjetiva que datilografara em grande parte ele mesmo.

Além disso, colecionara num caderno muitos dos seus sonhos e experiências místicas pessoais ao longo de vinte anos; para alguns destes pedira os comentários e interpretações das leituras. Havia ainda transcrições literais de palestras que dera nas tardes de domingo durante o período do hospital Cayce; estas eram eloquentes o suficiente para serem reimpressas, em muitos casos, no jornal local. Por fim, estavam as leituras sobre si próprio, por vezes prosaicas e por vezes líricas (e ocasionalmente pungentes), com referências penetrantes e reveladoras a ele em leituras dadas à família e associados, ou à Associação.

O material era tão iluminante que pedi imediatamente permissão para copiar parte dele para uso nos meus estudos de pós-graduação, incluindo uma dissertação doutoral sobre ele. Como a sua leitura de vida para mim o aconselhara inesperadamente a continuar o trabalho teológico em Princeton, Harvard ou Yale (não Chicago), brincámos e refletimos seriamente sobre a intenção deste conselho críptico, e ele ficou feliz por eu usar os materiais de que precisasse para os meus estudos. Além disso, pediu-me que considerasse escrever, em meses posteriores, um ensaio alargado a partir dos mesmos recursos, na forma de um folheto longo ou de um livro, sobre como abordar melhor o seu trabalho no seu todo. As minhas perspetivas de fé bíblica eram tão próximas das dele, enriquecidas pelo nosso fundo comum na mesma tradição denominacional, que queria que eu tratasse a sua história como erudito.

Escrevi secções do folheto autobiográfico enviado por correio conforme pedido, mas estava tão incerto sobre o que incluir ou omitir ao resumir mais de sessenta anos de uma vida assombrosa que esperava que ele adiasse a revisão até o filho mais velho regressar do serviço militar. Acabou por concordar, e pude, livre de prazo, recuar e ver a sua personalidade tal como emergia de tanto material.

As suas próprias leituras definiam-no centralmente pela fome do divino, citando um tema que atravessava todas as suas vidas passadas como o «impulso de ser atraído para mais perto dos elementos espirituais de toda a força», ainda que esse impulso tivesse sido por vezes desviado. Na vida presente, a aliança precisava de ser fortalecida frequentemente «através da grande quantidade de águas», o que teria efeitos construtivos nele «espiritual, mental e financeiramente». Pois ele «manifestara-se primeiro na Terra através das águas». Esta era a razão da injunção, tão frequentemente dada, de que devia viver junto ao oceano em Virginia Beach.

Vivera lá muito antes, certamente, mas o elemento importante não era recordar geografia. Eram as águas como lembrete do Espírito eterno. Perto do mar imutável, das profundezas intermináveis e indescritíveis, podia encontrar o caminho para o Eterno. Junto às águas do Atlântico podia descobrir vez após vez que as suas «melhores forças vêm da assistência aos outros na compreensão das suas maleitas». Num trecho final comovente de uma leitura dada em 1923, fora instado a «manter o físico em forma», não simplesmente pelo prazer da boa saúde ou alívio da dor pessoal, mas para continuar com os seus trabalhos desajeitados em transe, «para que o mundo saiba que através deste indivíduo as manifestações são do Príncipe da Paz».

Por mais profundamente que a sua espiritualidade última o marcasse, era o seu talento ou «manifestações» que o tornava único. Toda a sua vida fora alguém invulgar. Nem todos concordavam que a sua singularidade fosse desejável ou admirável. Para alguns era apenas um fenómeno irritante, um problema não digno do esforço para resolver. No outro polo estavam aqueles, começando pela mãe, que sentiam que fora escolhido por Deus para um serviço importante. Mas todos respondiam a ele como um caso único, um fenómeno notável. Não havia forma de ele se pensar por muito tempo como apenas mais um pai, apenas mais um fotógrafo, apenas mais um professor de escola dominical.

Seria então para se ver apenas como mais um médium, ainda que talentoso? Cayce atraía, como os seus ficheiros mostravam, muitos médiuns profissionais ou amadores, quer médiuns, curadores ou aqueles que viam auras, liam mentes

e obtinham impressões ao segurar objetos simbólicos. O mundo psíquico era natural para ele. Mas, ao contrário de muitos destes outros, dava pouca atenção ao seu próprio poder. O maior interesse de Cayce não era Cayce. Certamente fora examinado frequentemente nas suas capacidades. Houdini, o mágico que construíra reputação a desmascarar médiuns, trocara uma vez demonstrações privadas com Cayce. Houdini mandara-se atirar à água, quando se encontraram numa cidade costeira do Sul, algemado e trancado num baú de onde, claro, escapou.

Cayce em transe deu obrigatoriamente uma leitura médica. A conclusão de Houdini foi, segundo relatos, que o dom de Cayce era autêntico, mas funcionava por princípios diferentes da mediunidade que tanto o fascinara. E o filho de Cayce, Hugh Lynn, apresentara uma vez um relatório sobre o pai a um painel de peritos médicos da American Society for Psychical Research em Nova Iorque. O painel caiu em disputas sobre o uso de osteopatia por Cayce e abandonou a inquirição. Houve outros investigadores em universidades e escolas médicas. Alguns comparavam-no a Swedenborg, o engenheiro sueco com visões estranhas da vida após a morte. Mas em muitos aspetos parecia único.

Ele Conhecia o Seu Tamanho

A sua estatura plena era uma surpresa. Através da biografia, preparara-me para o transe, aprendendo algo do seu desenvolvimento, limites e variedade. Mas não estava preparado para o tamanho real do homem. Podia ser, parecera-me provável, uma espécie de pessoa atrapalhada e simples, um tipo de médico de província, um fotógrafo afável de pequena cidade, um piedoso crente sulista. Podia bem ser a vítima inocente e ingénua de um talento notável, escolhido ou dotado para o seu papel porque a sua simplicidade não obscureceria o dom. Como tinha de estar inconsciente para fazer o seu trabalho, parecia razoável que fosse severamente limitado noutros talentos e interesses. Talvez tivesse uma qualidade ou duas de excelência, como fidelidade e honestidade. Mas o resto da plena personalidade provaria estar além dele.

Embora em anos posteriores tenha conhecido bem o biógrafo de Cayce, Thomas Sugrue, nunca lhe perguntei sobre a inclinação do livro, moldada consciente ou inconscientemente na hagiografia coerente com o fundo católico romano de Sugrue, em que os santos podem ser pessoas de grande espiritualidade mas não com muita inteligência ou dinamismo. A explicação dada por Hugh Lynn Cayce fazia sentido: o pai talvez tivesse gostado de ser brevemente retratado dessa forma, sem desafiar demasiado a imagem que Sugrue traçara enquanto viveu com a família Cayce.

O verdadeiro Edgar Cayce era, num certo sentido, com três metros de altura, tão obstinado e capaz de riscos como o Capitão Ahab em *Moby Dick*. Embora escolhesse viver simplesmente, incorporava correntes complexas e conflituosas que lhe davam tamanho e profundidade suficientes para marcar todos aqueles que tocava. Uma leitura dada sobre ele nos anos 20 observara que todos os que conhecessem esta «alma antiga» podiam beneficiar da associação com ele. Não punha ares, mas o seu carisma era enorme. Ao conhecê-lo, começava-se a estudá-lo, querendo compreender o enigma da sua vida invulgar. Mas em breve se examinava a si próprio, perguntando o que Cayce via. Pois era uma montanha de pessoa, apesar da sua fala suave habitual.

Conhecia o seu tamanho pleno. Não se curvava perante ninguém, não deferia a ninguém. Quando veio uma chamada da atriz Joan Crawford, pedindo-lhe que fosse imediatamente a Hollywood dar leituras, vi que o recebeu calmamente e com graça, indicando que estava ocupado mas podia agendar uma leitura por correio — daqui a um ou dois anos. Quando Lionel Barrymore telefonou pouco depois, apenas para perguntar se Cayce se lembrava de ter tomado pequeno-almoço com ele anos antes, Cayce reconheceu o facto agradavelmente e voltou ao trabalho sem pausa. O sentido do seu próprio peso mostrara-se algum tempo antes em Nova Iorque, quando fora convidado para uma entrevista por uma jornalista respeitada, com um programa nacional de rádio de comentário e crítica. Quando ela começou a entrevista com um toque de condescendência perguntando o que poderia fazer por ele, observou: «Nada», e levantou-se imediatamente e saiu. Não era pomposo, mas sabia que projetava uma longa sombra.

O seu tamanho não era feito de outro-mundismo. Era um homem sofisticado, habituado a comandar atenção e a obtê-la. Viajara amplamente e lidara diretamente com centros de poder americanos, desde poços de petróleo ao mercado de ações e Washington, D.C., bem como hospitais e campi universitários. Era muito um homem do seu tempo, que lia o jornal diariamente e conhecia tanto a escada social como o conflito social. Havia autoridade nele, apesar do fato simples e dos óculos sem aros. Uma vez, ao palestrar em Washington, ergueu as mãos para o teto do grande salão para indicar a fonte das suas capacidades. A audiência de centenas, interpretando mal o gesto, levantou-se rapidamente. Sem se perturbar, Cayce baixou os braços e devolveu os ouvintes aos lugares, sem interromper o fluxo do discurso. O seu porte evidente não só apelava às audiências, capturava-as.

Intrigava-me notar quão pouca deferência as suas leituras lhe davam. Tipicamente referiam-se a ele apenas como «este canal», embora lhe

fornecessem a mesma orientação pessoal completa que davam aos outros. Nas primeiras semanas parecia que afinal poderia ser a vítima ou veículo humilde e indefeso, uma pessoa de pouca conta à parte do dom. Mas esta visão teve de ser rapidamente revista. Em vez disso, emergiu como um homem de substância que já conhecia bem a sua estatura única, e não precisava de tentações do ego das suas leituras. Certamente houvera tempos de desespero bem fundado no passado, quando os seus projetos colapsaram ou se encontrou na prisão por causa das leituras. Então o seu conselho advertira todos à sua volta para lhe falarem com gentileza e apreço.

Enquadrando o sentido da sua missão de ajuda através de leituras estava a convicção de que outros com talentos iguais ou maiores do que o seu apareceriam antes de muito tempo. A certeza vinha das suas leituras, mas também dos seus tempos de oração. Tais indivíduos ofereceriam, a menos que bloqueados pelas suas próprias escolhas e pelas dos outros, os tipos de orientação que ele dava nas leituras, e provavelmente mais, sem necessitar de transe inconsciente. Das promessas na «informação» esperava que Paulo ou João ou Pedro, ou todos eles, pudessem reencarnar algures e entrar vigorosamente ao serviço daquele que chamava «o Mestre». A presunção parecia ousada. Mas para Cayce era apenas realidade, como parte da exigência a muitos de «tornar transitável» o caminho do Senhor entre o seu povo.

O sentido de companhia pessoal com Jesus, humilhante e ao mesmo tempo vivificante, era evidente num sonho encantador que lhe veio numa das muitas vezes em que estava sem dinheiro e perturbado por isso. Jesus, ele próprio, o Duque e a Duquesa de Windsor (que admirava por agirem por princípio, mesmo ao custo de um reino) sentaram-se juntos para refresco num café de calçada em Paris. Pediram bebidas e consumiram-nas, após o que o casal partiu. Embaraçado ao levantar-se com Jesus, Cayce confessou que tinha apenas algumas moedas nos bolsos. Atirando a cabeça para trás em riso, Jesus perguntou: «Terei também de te mandar buscar pães e peixes?» O sonho era um de muitos que brilhavam com a mesma presença, incluindo um delicioso sobre Jesus de cartola.

A estatura de Cayce mostrava-se nas pessoas que atraía. Tipicamente eram pessoas fortes, tanto homens como mulheres. Os seus associados mais próximos ao longo dos anos, cujos ficheiros transbordavam de tantas cartas de ida e volta, não eram os ricos ociosos fascinados pelos seus poderes. Eram frequentemente executivos capazes em empresas nacionais como Western Union e caminhos-de-ferro, tipografia e fabrico de tintas, bem como banqueiros, advogados e juízes. Havia também muitos profissionais, como repórteres,

autores, médicos, palestrantes, artistas, professores, ministros, engenheiros e funcionários públicos. Não poucos dos seus amigos eram self-made nas suas ocupações atarefadas. Um pequeno número vinha das fileiras dos ricos guardiões da cultura, nas cujas mansões ficava em Long Island e noutros lugares com naturalidade despretensiosa. Quanto maior a estatura real das pessoas, parecia, maior a probabilidade de serem atraídas por ele, uma vez que o conhecessem bem. Aqueles que o visitavam não o patronizavam, e exceto o seu associado de longa data, David Kahn de Nova Iorque, não contavam com favores especiais dele. Através dos seus olhos, como através da visão de Baynes, o seu jardineiro e faz-tudo negro a tempo parcial, ou do Sr. Dozier, o homem dos ovos, via um Cayce que não era um fenómeno esquisito, mas um homem de ampla personalidade e espírito.

Contudo, quando a questão eram os seus recursos internos para as tarefas em mãos, a resposta parecia mista. Pesar o grau da sua recolhimento, dureza, resiliência e centramento revelava um homem complexo ainda em busca da sua identidade plena numa era sem videntes.

Um Curador Ferido

Apesar da força de carácter, vigor intelectual e por vezes eloquência compulsiva, parecia ser, como as suas leituras de vida sobre si próprio sugeriam, um curador ferido, um sacerdote exilado, um líder falhado. Tinha uma paixão por pôr muitas coisas certas, o que o levava a empreender com energia qualquer tarefa que captasse a sua atenção. As poças de dor que podiam ser vislumbradas fugazmente nele serviam-no bem, pois o levavam diretamente à dor dos outros que precisavam dele. Mas parte do tempo vivia e agia a partir de défice interior, não de excedente. Preocupava-se. Estava ansioso. Fazia planos para o pior. Remoía. Empurrava-se a si e aos outros mais longe e mais depressa do que necessário, como se para afastar alguma ameaça de fome interior.

Gastava dinheiro quando o tinha (o que nem sempre fora frequente na sua vida), como se tivesse de circular ou evaporaria. Uma vez encomendara por correio cem lençóis, dizendo à esposa que nunca mais queria ouvir falar de falta de lençóis. Não vivia simplesmente a sua vida extraordinária; procurava ultrapassá-la. Podia ser confiante e solar. Quando o era, o seu brilho derretia todos os problemas à sua volta. Contudo, pareciam haver chamas de dúvida nele que tinham de ser periodicamente apagadas, como fogos de turfa que surgem erraticamente do chão.

Havia algo que ele precisava provar a si mesmo, quer das vidas passadas quer desta? Não podia ser o âmbito das suas capacidades psíquicas fora do

transe. Aqui era um mestre confiante, modesto quanto às suas habilidades. Era preciso incitá-lo a mostrar a gama das suas capacidades paranormais, ou simplesmente esperar até que estivesse brincalhão ou expansivo. Então talvez enumerasse as cores numa aura, ou lesse uma palma da mão, ou descrevesse o conteúdo de um livro não lido apenas ao pegá-lo, ou dissesse a uma empregada de mesa desconhecida à nossa mesa que ela estava prestes a casar novamente pelas razões erradas.

Eram as suas capacidades em transe, não a sua clarividência e telepatia em vigília, que o perturbavam e inquietavam. Como era o único entre nós que nunca ouvira uma leitura, a sua vocação chegava-lhe sempre em segunda mão, como se fosse um escultor a criar as suas figuras sem as ver atrás de um ecrã, ou um arquiteto cujas casas eram construídas apenas longe dele numa terra estrangeira, ou um cirurgião a operar às cegas. A sua chamada era absurda, e precisava de frequente reafirmação do seu valor. Não era de admirar que tivesse levado anos a confiar suficientemente na sua capacidade para a usar em membros da própria família. Mesmo agora jurava nunca mais dar outra leitura se apenas uma pessoa fosse prejudicada pelo seu conselho em transe. No cômputo geral, a sua sorte teria sido mais fácil se não lhe tivesse sido dada a mente aguçada que as suas leituras descreviam, capaz de questionar o seu dom mesmo enquanto confiava nele.

Por vezes desejava por ele que fosse a pessoa simples que a biografia me levara a esperar.

A exigência de ceder hegemonia ao seu transe não era a única ameaça à sua identidade segura. Pois a sua psique capaz continha correntes fortes que assaltavam o seu ego do lado do inconsciente. A sua consciência importunava-o, perguntando se talentos tão grandes e bons como os seus não deveriam ter trazido à família reconhecimento e pelo menos riqueza modesta. Teria traído a confiança que lhe fora dada? Cayce conhecia suficientemente bem a Bíblia para compreender com Job que a dificuldade ou privação não se correlacionava de forma limpa com a fidelidade a Yahweh, ou Jeová. Ainda assim, os fracassos dos dias do hospital deixaram evidentemente uma picada e uma ardência que podiam crescer em ansiedade se não tivesse cuidado.

O extremismo citado nas suas leituras sobre si próprio era outro tipo de ameaça à sua identidade. Quando ia ao cinema, podia ir todas as noites durante uma semana. Quando enlatava fruta em frascos, fazia-o em grandes quantidades, usando tanto açúcar que uma vez fora investigado como possível contrabandista de álcool. Quando comprava material de escritório comigo em Norfolk, enchia a mala e o banco de trás do carro com caixa sobre caixa de papel

mimeógrafo dourado, amarelo-canário, verde-floresta, rosa-aurora e azul-wedgewood. As pessoas que o conheciam num dos seus extremos ficavam perplexas com ele noutro. Quando ensinava a Bíblia, fazia-a soar completamente convincente como guia de cura para qualquer pessoa de fé. Mais tarde nesse mesmo dia podia mergulhar num episódio de problemas digestivos como se o levasse consigo. Contudo, a sua capacidade para extremos servia-o bem, na medida em que lhe permitia estender-se no divã para leituras como alguém quase morto.

Emoções fortes eram naturais nele, agitando o seu ego. Raiva, autocomiseração, medo, sexo, compaixão, ternura, indignação — era uma orquestra à espera de tocar a próxima obra. O seu corpo oferecia exatamente a combinação certa de energia nervosa e tecido tonal de sentimento para fazer as emoções cantarem para ele. Na terminologia de William Sheldon, Cayce combinava o cerebrotonic* de alta tensão com o viscerotónico** orientado para as entranhas, enquanto o elemento de poder muscular do corpo era subjugado. A sua boca era cheia, os lábios amplos, o rosto expressivo se escolhesse. Como muitos intuitivos, encontrava o prazer sensório maior que a vida, ao mesmo tempo apelativo e intimidante.

**(Refere-se a um tipo de temperamento, associado ao biotipo ectomórfico na teoria de Sheldon, caracterizado pela predominância de fatores intelectuais sobre os físicos ou sociais.)*

**(Descreve um temperamento associado ao biotipo endomorfo, caracterizado pela sociabilidade, amor pelo conforto, relaxamento físico, reações lentas e prazer pela comida.)

Não era atleta, mas adorava pescar, jardinar e jogar bowling. Saboreava comer, como saboreava fumar os seus cigarros. Amava a sexualidade, se o relato das suas leituras e da família (dado após a sua morte) fosse correto. O mundo compulsivo e multicolor das emoções, pontuado por clareiras e jardins dos sentidos, proporcionava-lhe tanta energia e significado na vida que podia desviar os seus genuínos dons intelectuais, evidentes nas transcrições das suas palestras, bem como nas suas longas e pensativas cartas cujo conteúdo não se distinguia facilmente das suas leituras. Mas a menos que se submetesse a uma disciplina firme, podia tornar-se prisioneiro dos seus humores.

Alguns dos seus humores podiam ser sombrios, deprimidos e irados. Pagava um preço pelo seu idealismo tutelado pela igreja, com uma consciência que podia ser perfeccionista ou mesmo impiedosa. Quando o atacava, nem sempre conseguia evitar atacar ou criticar os outros, como se tivesse de desalojar o

demónio transferindo-o para alguém. A crítica dura aos que lhe eram próximos, por mais infrequente que fosse, trazia evidência de uma parte sombria que o dilacerava, quer de vidas passadas quer de dinâmicas mais recentes. Ouvi-lo dizer à sua secretária devotadamente obstinada para pegar uns papéis e «enfiá-los onde sabes» parecia-nos ultrajante. E quando falava severamente à esposa, por mais infrequente que fosse, era profundamente perturbador. Muito mais tarde o filho mais velho dir-me-ia mais do que uma vez que, como jovem enfurecido por tal episódio, procurara meio dia por uma arma para matar o pai.

Correntes Masculinas e Femininas

Entre as influências e modelos masculinos mais antigos na sua busca por uma identidade firme e estável e um ego saudável e dominante estava, claro, o pai. Ler o diário do pai sugeria que tentara viver através do filho, roubando a Edgar um modelo masculino forte (como a irmã mais nova de Edgar, Sarah, me confirmou). Um promotor e desenvolvedor semelhante, o amigo de longa data de Cayce que era quase um irmão mais novo devotado, David Kahn, dava-lhe admiração e lealdade inabaláveis. Como homem de negócios altamente bem-sucedido, parecia tocar o nervo do desejo de Cayce de ser não só solvente financeiramente, mas um líder capaz no mundo dos assuntos práticos.

Evidentemente Cayce atraía frequentemente pessoas de negócios. Tendo desenvolvido o seu próprio negócio em três cidades como fotógrafo, talvez se sentisse mais afinidade com aqueles que arriscavam capital e energia para comercializar produtos e serviços do que com os de educação extensa. O lado da masculinidade representado pela sabedoria e competências especiais Cayce já o tinha. Estava do lado da equipa de trabalho, como génio no seu serviço particular. Era o lado da linha de comando da masculinidade, encarnado no poder e na autoridade, que parecia puxá-lo para amizades com homens que incorporavam qualidades menos desenvolvidas em si mesmo.

Para os homens de influência e posição à sua volta podia ter-se tornado um portador quase feminino de mistérios interiores, como frequentemente se vê quando homens das artes, ideias e religião se movem entre homens do mercado. Mas parecia evitar este estereótipo, talvez porque a sua intuição lhe permitia avaliar tão bem os companheiros que aparecia como seu par ou treinador. O que oferecia a estes homens de negócios em troca da amizade era a benevolência como ideal: fazer o bem pela humanidade.

Mas a figura masculina última para Cayce era aparentemente o filho, Hugh Lynn, com quem frequentemente cruzara espadas. Pelo que pude saber, o filho era tão obstinado como o pai, e tão independente, com um temperamento igual

que geralmente controlava melhor, e com uma mente mais ordenada. Tinha também o suficiente do intuitivo e do psíquico na sua constituição para experimentar por si a maioria das experiências invulgares do pai. Embora na universidade tivesse desempenhado o papel de cavalheiro sulista e quase se perdido em bebedeiras pesadas, tinha um ideal espiritual tão forte como o do pai, sem a tentação aos extremos.

Quando uma leitura de vida identificou discretamente mas firmemente o filho como tendo estado próximo de Jesus, Cayce ficou profundamente impressionado, mais ainda à medida que os anos pareciam confirmar a caracterização. Hugh Lynn tornou-se a consciência de Cayce, bem como o seu principal auxiliar. Agora na meia-idade e na guerra, este filho já combinava sabedoria e o manejo da autoridade de formas que conquistavam o respeito do pai como ninguém mais. Contudo, Hugh Lynn mantinha evidentemente distância para que o pai não o dominasse, embora tivessem trabalhado de perto.

Embora não o tivesse percebido até mais tarde, entrei na vida de Cayce não só para fazer o trabalho do filho mais velho na sua ausência, mas como portador não reconhecido da imagem do filho no inconsciente ocupado de Cayce. Frequentemente sentia uma medida de tensão quando se aproximava de mim com ordens a dar, como se tivesse de afirmar de formas grandes e pequenas que estava no comando, sem margem para dúvidas. Quando o poder estava em questão, Cayce parecia quase assumir que tinha de me subjugar em vez de me ensinar ou guiar como em tantas outras coisas. Em poucos meses este tipo de troca levaria a conflito entre nós. Aprenderia, como outros antes de mim, que quando Cayce entrava na vida de alguém, trazendo o seu manto profético ou de vidente, previsivelmente extraía tanto o melhor como o pior de cada um.

Relacionar-se com o feminino dentro de si e nas mulheres próximas dele apresentava-lhe um desafio frequentemente celebrado em heróis de mito e lenda, bem como em biografias. O seu trabalho de vida era tráfego aberto com o inconsciente, tão frequentemente simbolizado pela face, forma e força do outro sexo — como poetas, artistas, místicos e líderes intuitivos antes dele haviam relatado. Cayce tinha sempre de esperar por um parceiro interior, quer para transes, impressões, escrita de cartas inspirada, premonições, intuições ou ensino e palestras sem notas. A sua consciência em luta pagava o preço em vulnerabilidade às mulheres que se aproximavam dele. Era imensamente sensível a elas, embora não obcecado, começando pela mãe forte e de visão longa, que se tornou a sua primeira confidente e patrocinadora. Inevitavelmente era levado a subjugar ou conquistar o feminino nos outros que exigia tal tributo

dentro dele. Apenas por escolha repetida podia evitar agir os seus impulsos, claramente retratados em sonhos ocasionais de conquista e sedução.

As suas cartas a mulheres adoradoras mostravam uma ternura tocante, e por vezes aproximavam-se da intimidade. Mas também sabia que devia confiar no feminino bem definido para o manter em equilíbrio. Principal entre estas era a esposa vivaz e pensativa, cuja acuidade de insight e força de vontade a tornavam ao mesmo tempo apelativa e intimidante para ele. Embora por vezes fosse empurrada para segundo plano pelos seus admiradores, que não compreendiam a riqueza da sua constituição sob o modo quieto, era um diamante formado sob anos de autodisciplina e pressão da chamada invulgar dele e da sua relação em evolução. Como alter ego e força de sustentação, era tão devotada ao princípio quanto podia ser atrevidamente humorística ou humildemente devota. Em contraste, a secretária dava-lhe devoção incondicional tocada de identificação romântica que as suas leituras reconheciam explicitamente. Ele recorria à atenção energética e de coração aberto dela como tantos recorreram à confiança daqueles do sexo oposto que os serviam pessoalmente.

À volta do círculo íntimo feminino de Cayce reuniam-se outras, embora não o superassem em número ou influência aos homens atraídos por ele. Algumas das mulheres pensavam que ele faria o seu trabalho melhor se apenas estivessem ao seu lado como influências benéficas. Algumas estavam convencidas de que deviam dar-lhe um filho como dádiva a um mundo necessitado. Havia até aquelas tão ardentes que pensavam que apenas tocá-lo, quando se aproximavam dele após uma palestra em Nova Iorque ou Washington, as poderia ajudar a conceber tal descendente. Algumas consideravam-no secretamente solitário, e acrescentavam à sua real reserva e solidão ao pressionarem as suas atenções com notas manuscritas imoderadas, cartões perfumados, livros de poesia e bugigangas.

Servir no seu escritório, onde as suas limitações humanas eram aparentes, nem sempre impedira admiradoras de se apaixonarem por ele. Mas algumas conseguiram o feito difícil de equilibrar o deleite absorvido nele com manter distância. Dada esta rica presença feminina, sobreposta à sua própria dependência interior do feminino inconsciente, parecia apropriado que sobre o armário de ficheiros no seu escritório Cayce mantivesse uma cabeça esculpida quase em tamanho real da rainha egípcia Nefertiti. As suas feições clássicas, capturadas num olhar intemporal, pareciam lançar um feitiço sobre as atividades em transe no seu gabinete, onde ia diariamente para a consciência escurecida em busca de luz.

O enigma de se relacionar construtivamente com o feminino, que as suas leituras de vida traçavam como tema principal na maioria das suas encarnações, emergira cedo na juventude na quinta, quando tivera um belo sonho que se repetiria quase cinquenta vezes antes da morte. Cada vez caminhava de mãos dadas com uma rapariga ou mulher desconhecida, cujo rosto estava escondido por um véu e a quem amava profundamente. Encontravam uma figura invulgar, alada, semelhante a Mercúrio, que lançava um pano de ouro sobre as suas mãos unidas e lhes dizia: «Juntos podem realizar qualquer coisa; separados pouco podem fazer.» Em várias versões do sonho atravessavam um riacho e uma estrada lamacenta, chegando a um penhasco íngreme cujo topo se estendia fora de vista. Encontrava uma faca e cortava lugares para colocarem mãos e pés enquanto subiam o penhasco.

Ainda subiam quando acordava, sem chegar ao topo nem ver o rosto da companheira. Nunca viu aquele rosto, em todos os anos que se seguiram. Nada na sua visão do mundo sugeria o que Jung mais tarde insistiria sobre tais sonhos e visões: que a mulher era na verdade parte de si mesmo e portadora da sua alma — a anima ou fonte guia e criadora dentro dele, guardando o inconsciente mais profundo e não para ser simplesmente projetada no sexo oposto. A sua leitura do Cântico dos Cânticos como poema de amor hebraico na Bíblia poderia ter-lhe dado pistas, mas os comentadores bíblicos há muito o alegorizavam no amor de Cristo pela igreja. Além disso, fora criado desde a juventude nas tradições do amor cortês tão fortes no Sul americano, onde as mulheres eram frequentemente idealizadas e adoradas, como em padrões que remontavam aos trovadores e cavaleiros do século XII.

Disrupção pela Veneração e pelo Paranormal

Para além do conjunto de correntes masculinas e femininas, Cayce tinha de lidar com outro perigo para a sua identidade definida: o fardo da veneração em imagens quase idólatras, maiores que o tamanho real, projetadas nele por admiradores. Como mais tarde escreveria na minha dissertação doutoral sobre ele, tornava-se o «numinoso como complemento para muitos, preenchendo o lado das suas vidas que precisava de equilíbrio com uma imagem divina. Para os que careciam da potência do saber, era uma fonte de respostas, algumas das quais podiam recolher e exibir perante os pares.

Para os de fé incerta, era o dedo de Deus, uma figura bíblica nascida fora dos tempos bíblicos. Pessoas unilaterais viam nele um portador arquetípico em grande escala do que lhes faltava; era psicopompo, ou guardião de mistérios, para alguns, e para outros o trombeteiro de uma nova era.» Para Cayce, a tarefa de repelir todas estas projeções infecciosas do que Jung chamou arquétipos

mana, cada um capaz de sobrecarregar o seu ego com importância inflada, não era pequeno desafio. Enfrentava-a em parte por uma maneira autodepreciativa que ao princípio intrigava. Compreendia o seu talento e estatura; por que ser esquivo?

Mas lentamente tornou-se claro que a sua modéstia e humildade (vista, por exemplo, na sua afirmação «Não faço nada que vocês não possam fazer») eram um esforço determinado para permanecer em tamanho real. Para fazer as afirmações adicionais de si mesmo que poderiam sustentar a sua melhor identidade, teria precisado da ajuda de pares que compreendessem melhor o seu tamanho pleno do que eu ou a maioria dos que o rodeavam. Em vez disso, encontrava homens e mulheres a voltarem-se para ele com alívio, após testarem a sua sanidade e honestidade, como quem termina uma longa busca por um pai nobre, um líder político digno, um sábio mestre espiritual. Certamente podia ser tentado, como quando se agarrava um pouco demasiado a frases ou olhares admiradores. Mas então sacudia-os, retomando a simplicidade determinada com um encolher de ombros e percorrendo mais uma milha na busca da pessoa que verdadeiramente era e poderia ser, para quem não havia modelos à mão.

Contudo, outro processo dificultava a busca de Cayce por uma consciência integradora e dominante: a dificuldade em chamar a mente sua. O problema era estranho de contemplar, mas havia muitos sinais de que tinha constantemente de guardar a mente contra intrusão pelos pensamentos e sentimentos dos outros devido aos seus dons psíquicos. Ser senhor na própria casa não era fácil quando outros podiam correr por ela sem convite. A sua própria complexidade dava-lhe muito com que lidar, de modo que só acrescentava stress discernir o desejo de um companheiro de jantar, ou a intenção secreta de alguém de capturar um investidor, ou o hábito de um pai de viver através de um filho. Toda esta informação podia ajudá-lo quando precisava para aconselhar visitantes ou amigos perturbados fora do transe. Mas não convidada, dava-lhe entulho. A sua personalidade, como as suas leituras a dramatizaram em vidas passadas, era já um reino de príncipes e princesas em competição, com alguns rufiões à espreita, exigindo tato e comando monárquicos para manter tudo unido. Quando estava cansado ou preocupado, os intrusos distraíam-no demasiado facilmente do negócio de se governar a si mesmo.

Igualmente desafiantes para a textura da sua personalidade eram acontecimentos invulgares. Evidentemente vivera anos com experiências que poderiam desorientar uma cabeça e coração mais fracos. Sabia, por exemplo, que podia acordar outros à distância concentrando-se neles; por vezes fazia-o como favor, como fazia por June e por mim. E anos antes descobrira que podia

fazer as pessoas virem até ele pela força da vontade, façanha que optara por não continuar. Sabia imediatamente quando certas pessoas lhe estavam a escrever ou telefonar antes da mensagem chegar. E tinha o que parecia ser tráfego não convidado com os mortos.

Por vezes após a igreja descrevia os desencarnados que vira sentados em filas vazias da sua classe de escola dominical, a escutar. Outros vinham à sua casa, como a família me contou em relatos que corroboravam os seus. Podia, por exemplo, ir à porta da frente cumprimentar alguém enquanto o resto estava no andar de cima na cama. Durante uma hora ou mais ouvia-se ele falar, sem voz de resposta. O visitante, relatava, era tipicamente alguém que conhecera e que morrera recentemente, vindo até ele por orientações num novo estado e reino. Fiquei aliviado por ele conseguir brincar com estes encontros. Uma tarde de domingo, sentado sozinho com ele, vi a porta da biblioteca abrir e fechar, embora ninguém entrasse.

Cayce riu-se de mim por não perceber a pessoa morta que entrara, e as minhas preocupações com a minha sanidade só foram um pouco aliviadas quando a esposa chamou do andar de cima a perguntar quem entrara, pois ouvira passos no caminho. Experiências com os não-tão-mortos não o ajudavam a definir a sua identidade única. Nem os seus encontros com o que chamava «os pequenos povos», que via como duendes ou espíritos da natureza à volta das plantas que cuidava com tanto amor no jardim. Frequentemente brincava comigo e com June por não os conseguirmos distinguir numa fotografia a cores na prateleira da biblioteca.

Desorientador de forma diferente eram algumas das suas experiências com dinheiro. Numa viagem ao Sudoeste para resolver os seus emaranhados emocionais após a perda do hospital, estivera absorto em pensamentos sobre a mãe morta enquanto estava ao ar livre numa viagem de campismo. Subitamente apareceu diante dele uma moeda de prata de um dólar que associava a ela, deitada num tronco. Contou a história com deleite e mostrou-me a moeda. Mais prática fora a vez em que estava sem dinheiro e preocupado com isso, como tantas vezes na vida. Uma leitura tomada dissera-lhe como habitual para ser fiel e as suas necessidades seriam supridas; desta vez veio uma instrução adicional para vigiar o correio durante trinta dias. Imediatamente o dinheiro começou a chegar em todas as cartas. Algumas eram dádivas, algumas liquidações de dívidas antigas, algumas ofertas de estranhos; havia moedas, notas, cheques, até selos postais.

Nenhuma carta ficava sem o seu conteúdo; pessoas que não se conheciam enviavam dinheiro de todo o país. Ao fim dos trinta dias o fluxo parou, tendo

feito o seu ponto: «A prata e o ouro são meus, diz o Senhor, o gado nos mil montes.» Cayce devia tirar a certeza de que trabalhava, como todos deviam procurar fazer, com a Força Criadora que segurava o mundo inteiro nas suas mãos.

Dado tal conjunto de impulsos distraidores, seria este um homem cujos julgamentos podiam ser confiáveis na plenitude dos seus anos?

Anseio por Ser uma Pessoa que Toma as Rédeas

Não era um rebelde, tão frequentemente o primeiro nível de um ego maduro em desenvolvimento. Não era uma pipa capaz apenas de voar contra ventos opostos, que ostentava as suas capacidades e experiências para confundir figuras de autoridade. Também não era um portador de causas, frequentemente o segundo nível de um ego em desenvolvimento. Tinha muito para defender se quisesse, desde a perceção extrassensorial a remédios médicos, e da reencarnação à imanência de um Deus transcendente. Mas voltava-se para indivíduos, não para causas e movimentos; não marchava sob bandeiras. Tinha convicções, mas não era obcecado nem definido por elas. O seu mundo era maior que a sua própria vida, o seu Deus maior que as suas próprias perceções. Cayce não era um «cayceíta».

A sua identidade tornava-se mais clara no terceiro nível de um ego em desenvolvimento: o salvamento dos outros. Como José no Egito, ou Moisés chamado para o seu povo, erguia-se mais alto quando os que o rodeavam procuravam a sua ajuda de emergência. Quando essa necessidade direta da sua assistência salvadora diminuía, como acontecera após algumas das suas mudanças para novas cidades, ou quando era desviado para lutas de poder, então os trolls *(agitadores)* e anjos dentro dele soltavam-se e entrelaçavam-se.

Alguma parte dele parecia ansiar por um nível ainda mais elevado de integração e força do ego, como pessoa que toma as rédeas, capitão de si mesmo e dos outros em bons e maus momentos, não dependente de necessidade extrema para ser o melhor. Um núcleo da sua psique parecia determinado a ser capaz de dar as ordens certas, desenvolver planos e estratégias, contratar e supervisionar pessoal, gerir e distribuir dinheiro, em projetos que implicassem campanhas inteiras, não apenas o salvamento de indivíduos. Era evidente quando tomava conta das suas aulas e expunha com paixão, em vez de extrair dos outros, tal como era evidente nas ordens perentórias ao pequeno pessoal do escritório. O impulso não parecia ser ambição cega, mas algo mais profundo. Era um especialista no lado da sabedoria do Logos, mas o lado do poder confundia-o e atraía-o. «Talvez», escreveu

hesitantemente ao filho mais velho enquanto eu estava com ele, «não seja um bom gestor.» Era um homem que ansiava liderar mas sem tropas, sem a autoridade que as suas leituras diziam ter tido noutras vidas. No presente, a sua liderança residia em desaparecer de vista num estado de transe que submergia a sua masculinidade, a sua individualidade, o seu ego. Contudo, fazia-o bem. O que tornava isso possível?

Os Dons da Pesca

A resposta tinha de estar na sua biografia, como ele frequentemente dizia, nos pontos onde os seus talentos e textura se encontravam com oportunidades e despertavam nele alianças decisivas com o seu Deus. Via que em breve teria de explorar essas promessas de que as suas leituras falavam tão frequentemente. Contudo, não compreendia realmente que tais promessas são mais que um contrato, mas um pacto feito com um Surpreendedor que transcende todos os arranjos. Assim, interpretava a nossa situação como uma em que tínhamos de fazer tudo certo à primeira. Parecia haver demasiado bem a fazer no alvoroço de cada dia para parar e perguntar: «De onde vem realmente todo este potencial? De quem é para tentarmos tanto dirigi-lo?»

Procurando aprender as leis do processo de transe e do crescimento da alma, não percebia (tão bem como a minha esposa musicista) a diferença entre dominar competências e puxar um dom como se das águas. Por isso, claro, não o encorajava a puxar peixes do cais no Lago Holly atrás da casa, embora parecesse precisar da atividade. O lago tinha peixes simples. Mas ofereciam os mesmos desafios, o mesmo jogo de forças ocultas, as mesmas surpresas provocadoras e dádivas felizes que os peixes oferecem aos pescadores em todo o lado. Cayce nem sempre ficava com os peixes que apanhava; os que guardava para a família comer, limpava-os ele mesmo. Na criatividade que se tornava cada vez mais evidente como marca da sua vida e talvez a maior pista para os seus dons, plantara uma árvore num barril de madeira que calafetara e alcatroara, enchera parcialmente de terra e pusera a flutuar para poder puxar sombra bem-vinda a qualquer hora do dia, onde se sentava no cais.

Não era fácil compreender como este ritual de pescar com vários caniços na água ao mesmo tempo, dando-lhe privacidade e harmonia quieta com o universo, e equilibrando os seus esforços com forças para além das suas, podia ser importante para ele e para todos nós. Era tempo de guerra, e homens adultos agachavam-se atrás de arbustos e debaixo de árvores para sobreviver ao fogo inimigo, não para apanhar peixes. O destino nacional era o prémio, não criaturas a contorcerem-se; o destino estava em patrulha civil. Parecia razoável

que Cayce se mantivesse ocupado quando aviões navais passavam com uma mensagem inconfundível: estes são tempos duros.

Assim, Cayce deixou a pesca de lado. Não dava passeios. Trabalhava cada vez menos no jardim. Não jogava nem ia ao cinema. Pensava que estávamos a progredir, à maneira dos peritos universitários como os que trabalham em projetos de armas. Mas, claro, não estávamos.

Se Isto for Verdade, Porque Não Ouvi Falar Disso Há Muito Tempo?

Tendo examinado o potencial da visão aberta para os nossos tempos, e considerado inicialmente a personalidade de Cayce como exemplo do tipo de indivíduo que poderia suportar toda a força dela, tínhamos agora de abordar o enigma do processo em tal ver. Só então poderíamos finalmente pesar o custo numa vida ou em muitas, que Cayce sugeria quando afirmava que qualquer um podia fazer o que ele fazia «se estiver disposto a pagar o preço».

Inevitavelmente, cada pessoa que visitava para receber ou apenas observar leituras voltava-se para o mistério do processo em si, perguntando-nos e perguntando a si mesmas como poderia possivelmente funcionar. Aqueles que se sentiam confortáveis apenas com imagens antropomórficas insistiam que alguém falava através de Cayce em transe, apesar das suas negações. Alguns destes iam embora insistindo que tinham ouvido uma voz dos mortos, porque a mediunidade era o único modelo que conseguiam imaginar.

Outros, de tendência mais tradicional mas focados na agência pessoal, viam em Cayce um porta-voz em transe de presenças angélicas, ou talvez até de Deus a dirigir-se ao seu povo como outrora a Moisés e aos profetas. Em contraste estavam aqueles cujo temperamento os inclinava a venerar leis universais que arqueavam como arco-íris contra os céus. Para estes, Cayce era um iniciado moderno que fora ensinado princípios arcanos nas suas excursões em transe. E os mais inclinados para o laboratório propunham teorias da vasta sugestibilidade do inconsciente, capaz de fazer o que lhe dissessem, quando aliviado do medo e da dúvida pela hipnose.

Reconhecendo as perguntas inevitáveis sobre o seu processo, Cayce notou no seu folheto introdutório quantas vezes ouvira: «Se isto for verdade, porque não ouvi falar disso há muito tempo?» Para ele, a resposta era estudo insuficiente de tais fenómenos na nossa cultura, em parte porque eram frequentemente obscurecidos por alegações extravagantes e busca de poder.

Pistas das Leituras de Cada Dia

Parecia-me razoável começar a explorar o processo da visão aberta em si (em contraste com os seus resultados) considerando pistas das leituras. Estas descreviam tipicamente o conselho em transe como uma espécie de colaboração numa ordem elevada de criatividade. Se olhássemos com cuidado, diziam-nos, poderíamos ver por nós mesmos variáveis-chave em ação.

As leituras de cada dia variavam de facto em pequenos aspetos, sugerindo múltiplas forças contribuintes. O conselho de um dado dia, e mesmo uma leitura individual dentro de uma sessão de manhã ou tarde, tinha a sua própria clareza, precisão, força poética e profundidade de desenvolvimento. Algumas eram tão nitidamente elaboradas na forma que podiam ser lidas como verso sem rima, ritmadas em frases pela respiração regular de Cayce. Outras divagavam, deixando pensamentos inacabados e referências pouco claras, com frases corridas e mudanças de voz, bem como mudanças súbitas de foco por associação de ideias.

A construção, mesmo das leituras mais pobres, raramente danificava o conteúdo, pois parecia que o conselho em transe tinha uma espécie de regulador a trabalhar, verificando se os pensamentos essenciais passavam. Podia até pausar para nos dizer quando pensávamos compreender algo acabado de dizer mas na verdade não compreendíamos. Contudo, esse mesmo regulador podia deixar a clareza e força do discurso no mínimo, desde que a informação factual fosse adequada. Podia-se perguntar se os sacerdotes no oráculo de Delfos lutavam como nós quando o seu conselho críptico se tornava ainda menos claro num mau dia.

A diversidade de conteúdo era igualmente evidente. Alguns solicitantes recebiam apenas os dados nus e recomendações. Outros recebiam uma explicação de todo um processo de doença ou talvez um ensaio sobre a natureza da vida após a morte. Talvez a leitura de alguém fosse moldada mais que o habitual às memórias e vocabulário do indivíduo. Nos primeiros momentos após o início de uma sessão dada, podíamos muitas vezes adivinhar com razoável precisão quão rica em detalhes verificáveis, ampla no âmbito e sensível no envolvimento seria o conselho desse dia, e se provavelmente receberíamos material extra que abria as perspetivas maiores de Cayce.

Os extras podiam ser excitantes, porque podiam estender-se aos destinos das nações, ou dar-nos mini-ensaios em fisiologia ou psicologia, ou prever eventos futuros nas vidas dos solicitantes ou mesmo dos que estávamos na

equipa. Ou podiam ser formulações desafiadoras que começavam: «E isto seria bom que todos soubessem.»

Naturalmente tentávamos maximizar a qualidade tanto da forma como do conteúdo em cada dia de produções, porque estávamos conscientes dos recipientes à espera de usar as suas transcrições em casas e lojas distantes, bem como em hospitais ou mesmo a bordo de navios da Marinha. Mas também tentávamos aprender e usar as leis da criatividade no processo de transe.

Parecia razoável procurar variáveis independentes que afetassem a estranha arte de Cayce, porque conduzir cantores corais mostrara a June e a mim como pequenos procedimentos podiam ter grandes consequências para criar juntos. Em dias em que estavam «ligados», tenores ou baixos podiam, por exemplo, responder a uma figura das contraltos ou sopranos com originalidade consumada, tornando toda a obra fresca no momento. Noutros dias os cantores produziam apenas as notas. Maestro e cantor esforçavam-se por influenciar as competências subtis que envolvíamos. Por vezes apenas uma mudança súbita de ritmo na ensaio nos lançava num tipo de sobremarcha, incendiando o impulso criativo; ou uma performance intensa e incansável de um curto trecho repetido vezes sem conta inflamava os cantores. Frequentemente, parar para discutir o significado do texto libertava o espírito criador dentro de nós.

Cayce em transe também parecia criar ao falar, não apenas inspecionar, e certamente não ser tocado mecanicamente. Como um atleta num fio alto, um nadador em águas profundas, uma bailarina a fazer cada viragem contar, um cirurgião a intervir em tecido vivo, mostrava no rosto e na voz tanto concentração como disciplina. Em contraste, quando estava fatigado ou doente, parecia derivar para a consciência normal, em que escorregava cansadamente para coloquialismos e fala em primeira pessoa lacónica (em vez do habitual editorial «nós») misturada com o seu estilo formal.

Que fatores causavam ou moldavam as suas variações? A «informação» em transe de Cayce sugeria três fontes imediatas de variáveis influentes: os solicitantes, nós que ajudávamos, e Cayce. O que ouvíamos no conselho não era a proeza de um homem, diziam-nos, mas uma cocriação, uma espécie de trio de cordas ou ensemble a fazer a música útil da sua ajuda, vibrando aos ventos do Eterno.

O Papel dos Solicitantes na Visão Aberta

Para quem procurava leituras, a primeira questão era o ideal ou propósito em obter assistência. Frequentemente eram perguntados pela voz do homem no divã: «Porque queres ficar bem?» ou «O que farias exatamente se te sentisses

melhor?» Não era uma provocação. Era um chamado a mobilizar os melhores, os mais nobres propósitos nos que procuravam a sua ajuda. Sem a força de tal intenção maior, o conselho resultante podia ser adequado, mas sutilmente enfraquecido, tornando-se escasso no conteúdo ou opaco na forma. Comparar a correspondência com o que era dado a indivíduos, como eu fazia, sugeria que tal correlação era real.

A segunda necessidade para solicitantes que queriam as melhores leituras era passar o tempo da sua marcação com a visão de longo alcance de Cayce em meditação silenciosa. Pediam-lhes que mantivessem o período em silêncio, usando os meios que conhecessem para acalmar as mentes do medo e stress pela espera silenciosa sobre o divino. Era especialmente importante que se estendessem para além da visão comum americana de que a única fonte de ajuda invisível numa leitura devia ser desencarnados, espíritos dos mortos. Aqueles que tinham algum sentimento pela Bíblia eram encorajados a lê-la em preparação para as leituras, deixando o seu clima de devoção despertar a confiança no Altíssimo.

Quaisquer mensageiros ou ajudantes invisíveis para Cayce podiam então ser enviados unicamente como o «Espírito de Cristo» dirigisse. Alguns, que mais tarde nos escreveram que não mantiveram os períodos de marcação como pedido, pareciam receber leituras menos que as melhores. Talvez fosse por isso que o Cayce inconsciente murmurava: «Volta aqui e senta-te!» a um homem no longínquo Alasca no momento da sua leitura. Este solicitante, descobrimos depois, saíra para empurrar um carro na neve exatamente quando Cayce em Virgínia começava a sua inspeção dele. Notas sobre o conselho de cada dia sugeriam que os autores de cartas que imploravam à sua maneira «Ajuda a minha incredulidade!» frequentemente recebiam pedaços de detalhe ou envolvimento que acrescentavam peso às suas leituras. «O solicitante responde» era a explicação concisa da criação conjunta neste processo, que aparecia numa transcrição.

O Papel dos Ajudantes na Visão Aberta

Os próximos contribuintes ou cocriadores para o processo de consulta eram nós que ajudávamos Cayce. As nossas atitudes e ações, diziam-nos, afetavam a qualidade da ligação e expressão cada dia. Novamente, a questão do ideal ou propósito vinha à frente: o desejo de serviço genuíno devia ser a nossa chave. Não socorro cego, atirando indiscriminadamente medicamentos ou presságios a pessoas em aflição, mas amor respeitador da pessoa devia ser a nossa intenção ao estendermos a mão para «os fracos, os desanimados, os desconsolados». Não devíamos torná-los dependentes de nós ou de Cayce, mas agir de forma que

«Deus seja glorificado entre os seus filhos». O espírito devia ser «que todos conheçam o rosto de Deus», não que todos conhecessem Cayce e fenómenos comparáveis.

Aparentemente o nosso papel devia ser como o de Gertrude Cayce: contido mas cooperante de forma útil. Cayce e o solicitante deviam ser os principais agentes ativos com o que as leituras viam como expressões do amor outgoing de Deus. Frequentemente o período de oração mesmo antes de Cayce se deitar para ficar inconsciente provava ser útil para nós. Uma espécie de quietude vibrante mas pacífica começava e continuava durante toda a sessão de leitura, deixando-nos relutantes em deixar a sala no fim, de modo que fazíamos conversa leve feliz só para ficar no espírito ambiente.

Meses mais tarde, uma repreensão abrasadora numa leitura revelaria como o comportamento de todos nós no escritório podia arrastar para baixo todo o processo. Mais imediatamente evidente era o efeito do humor entre nós na forma e conteúdo das leituras. Se conseguíssemos fazer Cayce rir antes de começar, partilhando algo ultrajante ou ridículo com ele, então parecia que um sentido de proporção podia libertar o canal das leituras para ótimos. Assim, trazíamos deliberadamente para a sala de leitura itens preposterados do correio, ou relatos de chamadas telefónicas bizarras, ou observações da nossa própria estupidez.

Gertrude, com a mente rápida que lhe permitia voltar instantaneamente sobre o que fizera ou dissera no merceeiro, era especialmente boa neste divertimento espontâneo. Contávamos as nossas histórias. June falava do papagaio de Cayce, que acabara de chocar uma visitante séria com um assobio de lobo e um abrupto «Queres o quê?». Havia a soprano no nosso coro da igreja metodista local cujas meias inferiores de guerra tinham caído aos tornozelos debaixo do robe durante a procissão. Eu contava uma história de dois bêbedos que ouvira recentemente: um exclamava ao outro: «É melhor pousares o copo; a tua cara está a ficar muito desfocada!» Gladys lia de uma carta em que uma solteirona queria saber se o seu gato vadio andava possuído por seres alienígenas.

O impacto da nossa assistência parecia ainda mais evidente, embora houvesse muitos fatores a considerar, quando os solicitantes vinham para as suas próprias leituras. Todos ficávamos agitados quando tínhamos diante de nós um membro deformado, um tumor feio, um ar deprimido, ou uma pessoa recentemente divorciada a debater-se para uma nova identidade. Algumas das leituras em tais ocasiões saltavam à frente em qualidade.

O Papel do Próprio Cayce na Visão Aberta

Mas a contribuição do próprio Cayce era o processo criativo crucial a compreender. Era natural perguntar porque precisava de estar em transe quando era tão sensível às pessoas acordado.

As suas leituras observavam que, devido a excessos em vidas passadas, era demasiado vulnerável às emoções daqueles que procuravam a sua ajuda. Talvez numa vida futura, quando se tivesse «regenerado», pudesse fazer aconselhamento sem transe. Quaisquer que fossem as grandes dinâmicas, não era difícil observar que quando estava rabugento, ou a suportar um distúrbio digestivo — problema para ele durante décadas —, ou irritado com alguém no escritório por não fazer o que lhes dissera (ou pensava ter dito, pois ocasionalmente nos queixávamos entre nós que esperava dos outros a telepatia que era natural para ele), as leituras do dia podiam sofrer em pequenos aspetos.

Contudo, os visitantes afetavam o seu estado de espírito de forma construtiva imediatamente. Queria falar com cada um, não importava quão inesperadamente chegassem. Amava as pessoas como outros podiam amar flores ou música ou a causa da justiça. Colecionava pessoas, deleitava-se com pessoas, saboreando-as uma a uma. Tornava-se evidente porque estavam pregados na parede acima e ao lado do seu divã estúdio dezenas de fotografias dadas por amigos das suas classes bíblicas ou por recipientes de leituras. Estas fotos eram de certa forma os seus ícones. Embora fossem frequentemente instantâneos sem pose e sem arte, incluindo vislumbres de fatos de banho, cenas de pesca e um velho Hupmobile, o seu rosto iluminava-se quando falava delas.

Entre as impressões estavam até os rostos de alguns que se tinham afastado dele na dolorosa dissolução do Hospital Cayce; não era sentimental em relação a eles, mas também não era desagradecido por tudo o que lhe haviam dado. Ao princípio todas estas imagens sugeriam-me adulação, tentação para ele. Mas mais tarde pareciam menos tributo e mais exigência. Estas pessoas mantinham-no centrado para que pudesse continuar duas vezes por dia no ato tolo de ficar inconsciente. Elas também se tornavam participantes mais distantes, pelos seus efeitos nele no processo cocriador de leitura.

Correlacionada com a qualidade das leituras de cada dia parecia estar a oração de Cayce, especialmente manter regular a sua hora matinal precoce, quando coroava a leitura da Bíblia. Nos dias em que percebíamos que a saltara, pensávamos ver as consequências nas leituras. Certamente, isto não era toda a sua oração diária. Não hesitava em oferecer orar por aqueles que lhe escreviam

em necessidade desesperada, pois nem era incomum pedir a outros de evidente boa vontade que orassem por ele. Pelo que se podia julgar das suas orações públicas nos tempos devocionais diários da tarde para a equipa, a sua vida interior com o Senhor não era um processo ritual mas uma conversa livre levada nessa humildade bíblica que recorda que o temor do Senhor é o início da sabedoria. Tão estreitamente ligadas estavam a profundidade de algumas das suas orações faladas com a profundidade das leituras do dia que parecia mais uma vez que o seu estado de transe era uma extensão da sua oração em vez de um processo separado para o qual a oração simplesmente o preparava, como um músico afina um instrumento.

Por vezes fatores menos evidentes que envolviam Cayce o homem afetavam a profundidade e clareza da sua produção em transe. Podia estar a cobrir meticulosamente os detalhes de uma doença ou outro alvo quando subitamente a sua perceção se alargava, e o seu discurso elevava-se. Espalhava diante de nós uma vista da alma a glorificar Deus por atos pequenos e generosos na vida diária, ou de uma nação agora ocupada mas destinada a erguer-se após a guerra, ou a essência de uma cultura passada. Dois estímulos pareciam desencadear estas bem-vindas mudanças. Um era a qualidade da pessoa que procurava ajuda. Parecia em transe sentir a textura da individualidade de alguém, como um tecelão habilidoso pode discernir um tecido fino apenas ao tocá-lo.

Uma dimensão de bondade, paciência, sacrifício ou princípio apaixonado incendiava o seu endereço ao estender a mão à pessoa, velha ou jovem. Mas da mesma forma podia ser deslocado para eloquência e foco mais amplo por passagens e biografias da Bíblia. Ilustrando um ponto do grande drama das escrituras, construía uma ressonância crescente com algo que aparentemente encontrava no núcleo da pessoa a quem se dirigia. O seu ritmo aumentava ligeiramente, a sua imagética tornava-se vívida, os seus dados mais amplos. Aprendíamos deste efeito que as suas devoções matinais, onde a leitura da Bíblia era central, eram mais que boas obras piedosas para ele. Pareciam manter um fluxo de imagens e motivos bíblicos arquetípicos carregados para ele, tal como o seu ensino semanal de classes bíblicas, fornecendo uma trama temática carregada de valor à urdidura do seu conselho factual.

Naturalmente, a saúde pessoal e o equilíbrio de Cayce afetavam as suas leituras. O conselho advertia-o frequentemente para moderar a dieta, ou recomendava com firmeza um jejum de purificação ou períodos de repouso e férias, de modo a manter o delicado instrumento da sua consciência no seu melhor desempenho. Nem sempre era cuidadoso em seguir estas advertências, especialmente quando implicavam uma rotina exigente. Em vez disso, recorria à

sua feroz determinação de «seguir em frente», como ele dizia, nas leituras que as pessoas lhe suplicavam. Até que ponto esta obstinação era a sua grande força e até que ponto uma fraqueza séria, ou ambas as coisas, era um enigma difícil de resolver.

Parecia haver pequenos efeitos positivos nas suas leituras dos seus esforços de serviço ao próximo. A qualidade melhorava depois de ter dirigido uma animada aula de Bíblia ou aconselhado um visitante perturbado. Até mesmo levar o jovem T. J. consigo em recados parecia ter pequenos efeitos tranquilizantes e libertadores na sua consciência. Nestes meses, não tentou outro tipo de serviço ao próximo que frequentemente o ocupara no passado: visitar prisioneiros na cadeia local. Sob a pressão das prioridades da guerra, essas visitas dominicais foram postas de lado, e a sua ausência pode ter afetado o processo das suas leituras.

A sua fome de realizar este trabalho era evidente na história que contava com forte emoção sobre um jovem condenado a quem ensinara a ler, descobrindo que o homem queria em seguida aprender a rezar. Cayce teve de partir antes de iniciar essa nova etapa, mas, quando regressou na semana seguinte, encontrou o prisioneiro de joelhos na cela, dizendo baixinho «A—B—C» e assim por diante. Explicou a Cayce que usava a sua nova habilidade no alfabeto para se comunicar com Deus, acreditando que Ele transformaria as letras numa oração aceitável.

Em alguns dias mais do que noutros, Cayce deixava-se afetar pelos espíritos do resto de nós no escritório, e as consequências manifestavam-se nas leituras. Certamente não era tão temperamental como uma diva de ópera ou uma estrela de cinema, mas era sensível, sugestionável e, por vezes, irritável. Parecíamos ter um impacto nele, mesmo a níveis não verbais, se não tivesse cuidado. Não exibia as suas capacidades de leitura de mentes, pois era como um atleta que não precisa de pavonear-se ou um génio matemático que não precisa de somar contas de mercearia só para mostrar perícia.

Mas o seu comportamento revelava que o resto de nós estava na sua mente e nos seus sentimentos num grau surpreendente. Parecia captar das nossas auras ou pensamentos pormenores da nossa saúde e doença, talentos e interesses, humores e ideias, até acontecimentos passados e futuros, de modo que nunca sabíamos exatamente que factos privados ele poderia estar a discernir sobre nós, embora muito indicasse que tentava não o fazer.

Uma tarde, comentou à minha secretária que ela estava grávida, logo após ela ter ido ao médico para confirmação mas sem o ter dito a ninguém, o que a abalou tanto que pediu o resto do dia livre.

Parecia captar os nossos humores com demasiada facilidade e ampliá-los com os seus próprios. Num dia mau para ele (e era extremista nos humores como em tudo o mais, embora dentro de limites que a sua autodisciplina conseguia impor), podia transformar a rispidez ou indiferença de alguém no escritório numa tempestade de maus sentimentos que se propagava pelo nosso círculo apertado. Uma frase dolorosa podia ser transformada por ele numa bala num tanque de aço, ricocheteando em todas as paredes até ferir todos os que estivessem ao alcance.

No entanto, o seu sorriso, o seu olhar de perdão, o seu encorajamento alegre — cada um destes podia, quando ele os permitia, elevar tanto a si próprio como ao resto de nós de um dia stressante para a luz do sol. Não havia forma de evitarmos responder-lhe. Este era um homem de estatura e força, um homem carismático. Tínhamo-lo em conta. E ele, por sua vez, a menos que se mantivesse firmemente controlado, respondia-nos segundo o princípio geral de que tudo o que vale a pena fazer vale a pena exagerar. As consequências pareciam refletir-se, de formas subtis, na qualidade das leituras do dia.

O que havia no seu âmago a que os outros se relacionavam quando o afetavam de forma tão invisível? Embora pudesse ser instantaneamente extrovertido e até descrito como extrovertido, era também imensamente privado. No meio de uma conversa, podia ausentar-se, fechando o seu castelo e levantando a ponte levadiça. O seu filho mais velho contou-me mais tarde que nunca conhecera alguém que pudesse ficar tão subitamente ausente estando na mesma sala. A correspondência de Cayce e as visitas de velhos amigos tornavam claro que havia uma vintena ou mais de pessoas pelo país que sentiam conhecê-lo intimamente.

Muitos afirmavam que ele tinha um lugar especial só para eles e que o compreendiam onde os outros não compreendiam. As mulheres podiam ser profundamente tocadas por ele, e algumas que o visitavam sugeriam um sentido de recanto privado nas suas reuniões com ele no escritório. No entanto, não era evidente quem realmente o conhecia, e anotei o assunto como algo a explorar nas leituras de vida que já lhe tinham sido feitas anteriormente.

Precisava de mais do que visitantes e daqueles de nós no escritório para dar o seu melhor. Aqueles que optavam por assistir às suas aulas semanais de Bíblia aos domingos de manhã na igreja e às terças-feiras à noite em casa davam-lhe o

seu sangue vital. Autorizavam-no a realizar o seu serviço impossível. Eram as suas tropas, a sua equipa de apoio médico, pois vinham apenas pela sua ensino e amizade, sem gritos de dor ou pedidos de vantagens na vida através de um transe. Eram concidadãos de um país bíblico, uma pátria que ele reivindicara desde a infância. Ao mesmo tempo, a sua lealdade continha notas de hesitação, tal como a lealdade daqueles de nós no escritório. Pois nenhum de nós sabia o que Cayce poderia ver em nós e que preferiríamos deixar oculto. Os dons de um vidente que atraíam as pessoas também as separavam dele. A sua visão trabalhava para dissolver o próprio pacto que criava e deixá-lo, em certo sentido, sozinho na sua vocação incómoda.

Processos Maiores na Visão Aberta

Para ampliar as minhas notas sobre a colaboração ou distorção diárias que pareciam afetar a qualidade das leituras, era necessário situá-las no contexto das declarações nos ficheiros sobre a natureza e o desenvolvimento de dons como os dele, ao longo de uma vida ou de muitas. O leque de conselhos sobre fenómenos psíquicos ou orientação inspirada era exaustivo. Encontrei dois cadernos de seleções que o filho mais velho já tinha compilado a partir de passagens de vários tipos de leituras. Havia análises e recomendações sobre auras, impressões, pressentimentos, telepatia, sonhos de visão distante, cura, visões, liderança dotada, mediunidade, feitiçaria, ressurreição dos mortos, línguas, profecia, partos invulgares, escrita inspirada ou automática, radiestesia, audição de música etérea, perceção de odores, movimento de objetos e muito mais. Evidentemente, muitos que tinham tais experiências, ou pensavam tê-las, procuravam Cayce pela sua ajuda especializada.

Os mesmos excertos compilados mostravam o Cayce em transe a discorrer sobre variáveis independentes que influenciavam tais modos de expressão: fatores de saúde, vidas passadas, espíritos dos mortos, lesões específicas, influências astrológicas, padrões sexuais, stresses emocionais, o Cristo e o Espírito Santo, pensamentos de associados, pedras preciosas, oração e meditação, estudo das Escrituras, ideais, projetos de serviço, assombrações, medos e outros. Tudo o que era observável nas três categorias de buscadores, ajudantes e do próprio Cayce estava representado, com muito mais. Vários grandes padrões emergiam.

Primeiro, a imagem da realidade final oferecida nas leituras não era a da experiência sensorial quotidiana. Como resultado, o problema para compreender a experiência psíquica não era «Como obtemos algo que queremos de fontes distantes no tempo e no espaço?», mas «Como nos orientamos para uma dimensão da realidade em que o tempo e o espaço são

relativizados?». Pois a afirmação constante nas leituras era «Unidade, unidade, unidade». Toda a realidade não tinha apenas uma fonte original no divino, mas também uma presença única. Os acontecimentos estavam muito mais conectados do que percebíamos, ressoando uns com os outros de forma tão íntima que podiam ser instantaneamente encontrados por uma consciência com a perspetiva certa. A questão prática deixava de ser «Como diabo consegue Cayce tanta informação desconhecida?» para se tornar «O que nos impede a nós de termos mais?».

Cayce parecia sugerir, tal como William James, que a mente e os sentidos proporcionavam uma filtragem do que seria, de outro modo, uma consciência avassaladora de todo o tipo de dados, acontecimentos e estruturas. Esse ponto de vista seria mais tarde intensamente explorado quando as drogas alteradoras da mente se tornaram amplamente usadas e indivíduos de todos os meios sociais relatavam momentos de consciência alterada em que a realidade era mais unificada do que os sentidos reportam, com grandes segmentos diretamente disponíveis para inspeção. Mais tarde, encontraria colegas whiteheadianos em Chicago a desenvolverem visões relacionadas e parapsicólogos competentes a teorizarem na mesma direção.

Segundo, Cayce em transe descrevia a mente como uma estrutura dinâmica e em camadas, capaz de se envolver com esta realidade maior, mas de formas legais. Usava imagens de campos de força para descrever uma pessoa ou «entidade». Não éramos apenas pedaços estáticos de carne montados em pés, respondendo a impulsos, traumas e condicionamentos. Éramos, antes de mais, almas: vórtices invisíveis e únicos de energia e consciência, chamados à vida pelo divino e moldados por valores e ações escolhidos e recordados. Devido à nossa identidade essencial como espírito, éramos, em princípio, capazes de nos relacionar com o divino e com a sua maior consciência.

Ao mesmo tempo, éramos certamente corpos físicos finitos, com todas as características químicas, mecânicas e elétricas que envolviam o seu conselho médico. Estes dois polos na nossa constituição fundamental, espírito e matéria, tinham cada um a sua natureza própria, formando uma tensão dinâmica que exigia a nossa vida criativa para reconciliar. Mediando e moldando nesta tensão estava o campo da mente, participando das outras duas mas possuindo as suas próprias capacidades únicas para definir valores, moldar o pensamento, fazer planos, reconhecer os imperativos da alma e dirigir a vontade para a ação. Para as leituras, as três esferas ou dimensões humanas — alma, carne e mente — eram suficientemente definidas para serem por vezes chamadas três «corpos» da pessoa.

Nesta visão, o reino mental tinha responsabilidades cruciais, em que «a mente é o construtor» e «os pensamentos são coisas» com as suas próprias vibrações invisíveis mas não insignificantes de energia subtil. Cayce via o pensamento em si como a melhor representação possível de uma quarta dimensão que afetava as três mais conhecidas. A mente não era apenas o intelecto consciente. Tinha estratos e correntes fora da consciência suficientemente ricos para se compararem com os modelos da psicanálise. Muitas das fontes do pensamento e do comportamento tinham de ser rastreadas até à sua origem no reino subliminar do subconsciente. E algumas vinham de um reino de consciência mais universal, ou supraconsciente, análogo ao inconsciente objetivo ou coletivo de Jung como matriz de arquétipos e do Self governante.

Nesta imagem em camadas da mente, onde ocorriam os fenómenos psíquicos e como se desenvolviam ao longo das vidas? Embora tivessem de incidir na consciência para serem reconhecidos ou controlados, eram mediados pelo subconsciente, constantemente em contacto com mais do que a consciência. Isto explicava a complexidade e delicadeza de tal perceção, sujeita às dinâmicas e ao simbolismo do reino interior, bem como a dificuldade em mobilizar energia para afetar alvos além do próprio corpo, em psicocinese ou fenómenos de mente sobre matéria. Tudo o que perturbasse ou torcesse, infundisse ou inspirasse o subconsciente também trabalhava para afetar a consciência e a ação psíquicas.

Mas aqui Cayce fazia uma afirmação surpreendente. O subconsciente do indivíduo, como ele o via, não era um campo isolado, mas capaz, nas condições certas, de se encontrar ou (como ele dizia) «comungar com» o subconsciente de outra pessoa, viva ou morta, para proporcionar efeitos de conhecimento ou influência. Era assim, insistiam as suas leituras, que se obtinham os diagnósticos nas leituras médicas, onde consultava a mente mais profunda de cada paciente. O conselho médico, como grande parte do resto das suas leituras, era uma criação conjunta.

Este mesmo subconsciente podia ser sintonizado com o reino supraconsciente da psique, no qual alcances muito mais vastos da realidade estavam acessíveis à pessoa, segundo o que fora «aplicado» na vida (Jung diria segundo os arquétipos constelados na vida da pessoa) e segundo a necessidade, propósito e capacidade do indivíduo para usar com segurança o que era acionado. Aqui a psique recorria à sua ligação inata com a sua fonte divina para uma criação conjunta muito mais abrangente. William James, em *As Variedades da Experiência Religiosa*, agrupara como subliminar tanto a ação do

subconsciente como o envolvimento do divino na experiência religiosa; Cayce usava um modelo semelhante para representar correntes mais próximas e mais distantes da consciência.

Mas as leituras acrescentavam uma dimensão de pessoalidade, ativa na experiência psíquica, que James não postulara. Era um «corpo físico mais fino» vislumbrado na aura como um campo invisível que correspondia à carne e governava o seu desenvolvimento, cura e algumas das suas transações. Dentro deste reino inclusivo de força fluida estavam o que as leituras chamavam sete delicados «centros» (o que o kundalini yoga na Índia e no Tibete chamava chakras, Ezequiel vira como rodas dentro de rodas e o Livro do Apocalipse nomeara como igrejas) que rodopiavam e pulsavam como pequenas galáxias numa linha da base da coluna até à cabeça, arqueando sobre ela.

Cada um destes centros, segundo o relato das leituras, interagia diretamente com uma glândula endócrina principal do corpo humano fisiológico visível, dos gónadas e adrenais à glândula mestra da hipófise. Esta ligação dava às correntes no «corpo mais fino» um impacto instantâneo não só nos humores e emoções, mas nos estados de vigilância e prontidão, bem como em processos de longo prazo de crescimento e saúde, e (mais importante para a visão aberta) em gatilhos químicos de imagética e consciência alterada na corrente sanguínea. Além disso, eram estes mesmos centros através dos quais se realizava o trabalho do Espírito.

Neste sistema, insistia o conselho de Cayce, as experiências psíquicas ou inspiradas não eram prodígios estranhos da mente nem caprichos de uma divindade caprichosa, mas uma consequência natural da forma como os seres humanos são construídos. Não era preciso forçar e persuadir a psique a produzir informação e impactos invulgares, embora a atenção cuidadosa e o treino fossem apropriados. Em vez disso, a alma estava sempre a estender-se para expressar tanta atividade útil quanto a pessoa pudesse suportar, num corpo criado para ser «o templo do Deus vivo».

E o universo estava tão desenhado que o divino estava sempre pronto a responder, um pouco mais a cada vez, aos esforços de um indivíduo para amar, construir, adorar, servir numa vida e em muitas. A promessa bíblica de um Consolador para «trazer todas as coisas à memória» era citada como um processo real em que o superconsciente poderia receber do reino maior e universal tudo o que fosse necessário para a consciência, desde que a pessoa pudesse lidar com isso de forma construtiva e segura.

As chaves para o crescimento nas capacidades psíquicas ou nos dons espirituais, não só para o vidente mas para a dona de casa subitamente impelida a procurar o filho ausente em perigo, não eram engenharia da mente, mas existenciais. A estatura pessoal total e a relação com o divino eram a questão, por muitas vidas que fossem necessárias. Em última análise, podíamos ver e afetar tanto quanto éramos e quanto assumíamos. Procedimentos de hipnose ou encantamentos e respiração não eram as variáveis cruciais, embora estes e muitos processos pudessem afetar o corpo mais fino e os circuitos relacionados usados para atividades psíquicas. Mas havia, naturalmente, disciplinas e procedimentos a aprender, como para qualquer habilidade, por exemplo (notava uma leitura) no boxe.

O livro dos Atos começava a parecer interessante desta perspetiva. Podia ser lido como mera crónica de slogans e feitos improváveis quando o novo movimento cristão procurava convertidos numa época supersticiosa. Mas a abordagem de Cayce levantava a questão de se as figuras principais, do rude Paulo e do ambivalente Pedro aos recrutas inexperientes, não estariam a descrever algum processo semelhante ao que ele relatava, quando falavam de estarem «cheios do Espírito» ou «no Espírito» para conhecimentos improváveis ou curas improváveis, para não falar da capacidade de resistir firmes sob perseguição.

Disciplinas da Visão Aberta: Propósito

Três tipos distintos de leituras, cada um representado por dezenas, por vezes centenas de casos, restavam para eu explorar nas gavetas cheias do cofre ao lado do escritório de Gladys. Cada um apresentava um processo tão útil para o funcionamento da visão aberta que parecia ser uma disciplina necessária. O primeiro era a leitura «mental e espiritual».

Os formulários que enviávamos com a história de vida de Cayce a milhares de inquirentes sobre os seus «serviços oferecidos aos novos membros da Associação» incluíam este interessante terceiro tipo, juntamente com o conselho médico e as leituras de vida. Havia perto de quatrocentos nos ficheiros, juntamente com correspondência especialmente apelativa sobre eles. Aqueles que procuravam esta ajuda não pediam milagres médicos nem vidas passadas intrigantes. Queriam simplesmente ouvir o que Cayce pensava ser o seu propósito ou lição principal da alma nesta vida e como achava que o estavam a abordar. Os Cayce pareciam acolher o espírito de humildade nestes pedidos, em que o conselho resultante era fortemente bíblico no tom e desenvolvia temas não muito diferentes dos tratados por conselheiros espirituais há séculos: a adequação dos ideais do indivíduo, a vitalidade da sua relação pessoal com Deus,

onde poderiam empreender aventuras em oração e adoração ou em serviço altruísta, que atitudes mudar e emoções transformar, bem como que relações trabalhar a seguir. De forma séria e geralmente gentil, refletindo o espírito dos buscadores, o Cayce em transe erguia nestas leituras o propósito essencial de uma vida de cada vez trazida perante a face do divino.

O impulso destas leituras particulares não era diferente do praticado em igrejas rurais na fronteira americana, que fora trazido para a Old Liberty Church em Hopkinsville, onde Cayce crescera. Quando chegava a altura de entregar Bíblias a jovens no momento do seu batismo por imersão solene, algum ancião sábio e guiado pelo Espírito era convidado a inscrever em cada Bíblia um versículo escriturístico único que iluminasse as forças e fraquezas daquela vida para os anos vindouros. A tarefa era feita com grande cuidado e oração. (Eu falara com pessoas de igrejas no Nebraska, Minnesota e Texas que prezavam tais versículos gravados e prenhes de significado.) O conselho de Cayce nestas leituras simples mas apelativas servia muito o mesmo propósito. A intenção não era tanto nova informação como direção e motivação, em prosa que por vezes lia como uma litania pessoal.

Pistas aqui para a exatidão e alcance, subordinadas a questões de perspetiva e envolvimento, vinham de entrevistas com quem recebera tais leituras. Alguns destinatários ficavam desapontados, sentindo que obtinham menos com que trabalhar do que nas leituras de vida (geralmente obtidas primeiro). Mas outros testaram por si mesmos a validade deste conselho através de introspeção, sonhos, oração e estudo da Bíblia. Os seus rostos brilhavam de apreciação pelos esforços de Cayce. Há muito tempo, um vidente teria sido procurado precisamente para tal avaliação e direção do propósito da alma por aqueles que o procuravam. Mas numa era de conveniência por correio, as transações pareciam estranhas, despidas do encontro pessoal reverente de outra idade.

Como iluminava este tipo de conselho, uma combinação de análise psicológica e bênçãos como as de um ancião tribal, o processo real da visão aberta que o próprio Cayce usava?

As leituras insistiam que a capacidade psíquica não era um feito da mente, entrando num estado alterado maravilhoso por hipnose ou concentração ióguica, mas um acompanhamento natural do crescimento da alma: «o psíquico é sempre da alma». À medida que o indivíduo crescia em estatura e graça, trazendo a vontade pessoal cada vez mais em alinhamento com a vontade do Pai e desenvolvendo os talentos conquistados na sua longa jornada de estadas na Terra, a evidência pessoal aumentaria para a promessa em Romanos 8:16: «O meu Espírito dá testemunho com o teu espírito». Em coisas pequenas e grandes,

desde saber quem atenderia o telefone até saber quando lançar uma campanha política, os impulsos da voz ou consciência interior tornavam-se mais fortes e claros. O caminho para a visão aberta era o caminho do antigo profeta: «praticar a justiça, amar a misericórdia e andar humildemente com o teu Deus». Certamente, desenvolver capacidades como as de Cayce podia levar anos. E como saberia alguém se o progresso estava a ser feito numa área tão obscura como o crescimento da alma?

Felizmente, duas outras categorias de leituras abordavam exatamente esta questão. Um tipo (com bem mais de cem leituras) apresentava o crescimento da alma em contextos de grupo, empreendido passo a passo com buscadores afins. O outro era sobre sonhos como um caminho principal (Freud chamara-lhes uma «via régia» para o inconsciente) para orientação e autoavaliação no caminho para o desabrochar da estatura com Deus para o serviço aos semelhantes. Mais de setecentos estavam nesta categoria.

Disciplinas da Visão Aberta: Pequenos Grupos

Mais de uma década antes de eu chegar, vários amigos de igreja de Cayce em Norfolk (de profissões comuns como ensino, enfermagem e tarefas domésticas) aproximaram-se dele para lhes dar leituras sobre como se tornarem psíquicos. A ideia ocorrera-lhes depois de ouvirem falar das lições oferecidas por William Dudley Pelley, um ocultista com um seguimento nacional, que também patrocinava tropas de inclinação fascista dos Silver Shirts. Pensaram que Cayce poderia fazer melhor. Ele concordou em tentar. O que se seguiu envolveu-os em anos de trabalho exigente, culminando na redação de dois pequenos manuais anónimos para o crescimento espiritual, intitulados *A Search for God* (Uma Busca por Deus).

Não sei se estas pessoas poderiam ser chamadas génios espirituais após tantos anos de vida disciplinada, mas achei-as um deleite conhecê-las. Uma vez por mês, ao domingo à tarde, vinham à casa dos Cayce para uma leitura de grupo, seguida de uma sessão de trabalho no seu manual e, por vezes, de um jantar partilhado animado. A sua aspiração de se tornarem psíquicos realizara-se, tanto quanto se podia descobrir pelos seus relatos pessoais absorventes de orientação, telepatia, cura e precognição, bem como experiências místicas visionárias.

Felizmente, vários deles deram-me conselhos casuais sobre dieta, sonhos e oração no decurso das nossas amizades crescentes, de modo que aprendi por mim mesmo quão intuitivos se tinham tornado rapidamente. Ainda mais interessante era que pareciam ter ultrapassado há muito a preocupação com

façanhas extrassensoriais e eram agora apenas peregrinos robustos num longo caminho para Deus, que encontravam ocorrências psíquicas tão naturais como o canto dos pássaros no seu percurso. A própria primeira leitura estabelecera o tom, com uma lição sobre crescimento. Não versava sobre respiração, visualização ou concentração, mas sobre o processo muito mais mundano da cooperação.

Os temas subsequentes para o seu esforço diário de treino eram igualmente existenciais, não os equipando para manipular as mentes, mas para flexionar as almas, como «Qual é o Meu Ideal?» e «Conhece-te a Ti Mesmo», ou «Paciência», chegando até «Amor» após anos de autodisciplina, oração e partilha.

Um segundo grupo duradouro desenvolveu-se a partir dos buscadores de lições da alma de Cayce. Este, estimulado por um sonho vívido, trabalhava com cura pela oração, meditação e imposição de mãos. As leituras dadas para esta atividade pareciam cuidadosas e detalhadas, embora eu não pudesse avaliá-las senão anos mais tarde. Então, veria nelas alguns dos materiais mais profundos e úteis que alguma vez estudei sobre o processo pouco compreendido da cura pela fé, quando escrevi um artigo de referência para a *Encyclopedia Britannica*, citando o trabalho de Cayce juntamente com o de outros.

A insistência de Cayce em situar o crescimento espiritual disciplinado dentro de campos de grupo de membros da Aliança fazia sentido para mim como pessoa ativa na igreja, mas novamente passariam anos até eu ver quão crucial era realmente este aspeto do processo de crescimento. Nessa altura, já tinha lecionado sete anos numa faculdade que oferecia graus de pós-graduação em educação de trabalho de grupo, e mergulhado na literatura sobre pequenos grupos, além de ter liderado vários tipos deles. Os pequenos grupos de busca e apoio ofereciam não só companheirismo em grande medida, mas também nutrição tão propensa ao humor como à oração, e guardas sem rodeios contra a inflação espiritual, embora grupos mal disciplinados pudessem tornar-se narcisistas e piedosamente superficiais. Além disso, os melhores desses grupos podiam aprender a envolver as etapas no movimento do Espírito, ligadas aos centros ou chakras, que Cayce descrevia pacientemente. Décadas mais tarde, escreveria um livro sobre esta dimensão vertical da vida de grupo nas leituras de Cayce, intitulado *High Play* (Jogo Elevado).

Disciplinas da Visão Aberta: Estudo de Sonhos

Os ficheiros de leituras continham interpretações para mais de mil e quinhentos sonhos de cerca de setenta pessoas, ao longo das décadas desde 1923, quando Cayce foi incentivado a este tipo de estudo por uma leitura que o

encorajava a registar os seus próprios sonhos. Tal conselho não fora oferecido durante vários anos aos novos membros da Associação, em parte porque Cayce sentia que tinha sido mal utilizado por aqueles tentados a depender demasiado dele no passado.

O alcance do que o seu conselho em transe podia realizar com os sonhos era impressionante. Quando os sonhos eram submetidos para interpretação, podia especificar prontamente a hora da noite em que tinham ocorrido. Mais comumente, quando se pedia partes de um sonho que o sonhador esquecera ou mesmo sonhos inteiros, uma leitura fornecia o material em falta, levando ao «Ah, sim!» do sonhador. (Claro que algum do material recuperado desta forma era pouco lisonjeiro para o sonhador, razão pela qual fora esquecido em primeiro lugar.) Juntamente com os sonhos, a «informação» especificava frequentemente o que estivera de forma tão significativa na mente do sonhador no dia anterior que a preocupação emergira à noite. Em ocasiões raras, as leituras iam ao ponto de prever a data, hora e conteúdo de sonhos específicos ainda por sonhar — corretamente.

Embora tudo isto fosse surpreendente, a tarefa principal era, claro, interpretar o significado dos sonhos, o que o Cayce inconsciente fazia tão bem que o estudo de sonhos se tornou uma das primeiras áreas a ganhar ao seu trabalho um reconhecimento mais amplo após a sua morte. A sua abordagem era em muitos aspetos semelhante à de Jung, distinguindo vários tipos de símbolos e correlacionando-os com níveis da psique onde se originavam, bem como com etapas em episódios de crescimento e mudança. Distinguia conteúdo sem sentido, em sonhos estimulados por comida, febre ou desconforto físico que, como dizia, «não tinham cabeça nem cauda», sem estrutura dramática, de três outros tipos de conteúdo.

Algum material de sonho descrevia-o como representação literal de acontecimentos passados, futuros ou distantes, recuperando um motivo antigo na interpretação de sonhos que fora largamente ignorado desde Freud. Um sonho de voar, por exemplo, podia ser sobre uma viagem de avião e não necessariamente sobre o êxtase da relação sexual ou outra emoção elevada. Após o advento da investigação laboratorial sobre sonhos, começando com o trabalho seminal de Kleitman e Dement na minha alma mater de Chicago, a insistência de Cayce na referência externa em alguns sonhos receberia considerável apoio, como no trabalho da gestaltista britânica Ann Faraday.

No entanto, a maior parte da maioria dos sonhos era atribuída pelas leituras a símbolos chamados (nesta linguagem) «emblemas», significando metáforas e outras imagens para sugerir atividades e atitudes particulares, bem como

estruturas e dinâmicas da psique, em relação a acontecimentos externos. Além disso, as leituras usavam a categoria de «visionário» para conteúdos de sonho que eram arquetípicos em forma cósmica, mitológica ou mística. Tal como Jung, o Cayce em transe atribuía aos sonhos uma função de autorregulação para a psique e o corpo, sendo o processo essencial cada noite uma comparação do comportamento desperto da pessoa com normas interiores de saúde, crescimento total e ideais escolhidos.

A sua visão abrangente permitia-lhe correlacionar conteúdos de sonho com um conjunto alucinante de referentes, desde influências da infância e traumas passados até atividades e relações presentes, depois para o futuro e o distante. Dava atenção cuidadosa a temas de sonho importantes ou memórias de sonhos de vidas passadas. Além disso, mostrava como cônjuges ou outros membros da família podiam sonhar uns pelos outros, capazes de assumir temas demasiado ameaçadores para a outra pessoa, e como sonhadores próximos uns dos outros podiam envolver o mesmo material numa dada noite, embora fisicamente distantes (duas irmãs separadas por meio continente, por exemplo, sonharam simultaneamente com a conceção de uma delas no início do casamento).

Para identificar os processos da visão aberta, a reivindicação mais importante destas leituras parecia ser que os sonhos de todos nós ofereciam o paralelo mais próximo prontamente disponível para as próprias atividades de transe de Cayce. O estudo sistemático dos próprios sonhos, insistia a «informação», mostraria que nada importante nos acontece sem primeiro ser pré-visualizado nos sonhos — não necessariamente por meios psíquicos, embora isso fosse frequentemente encontrado, mas também por representação de tendências já em movimento no tempo para fornecer um aviso, um alerta de oportunidade ou uma lição sobre um princípio. Esta visão da psique mostrava os sonhos a funcionar por vezes em modo de ensino (apropriadamente situados em salas de aula), e não simplesmente a reagir a acontecimentos atuais ou vindouros.

Além disso, todas as ligações psíquicas que Cayce demonstrava em transe podiam ser paralelas nos sonhos de pessoas comuns. Centenas de análises de sonhos mostravam como o corpo monitorizava a sua própria saúde e doença e prevenção de lesão ou infeção nos sonhos. Era esta consciência natural em todos que Cayce explorava em transe para fazer diagnósticos médicos de outros. Claro que fornecer tratamentos exigia recorrer a um leque muito mais vasto de recursos, como mostrara o seu próprio sonho de uma grande trombeta do universo. Mas como estes recursos estavam disponíveis a todos os sonhadores, não só a ele, era apontado em remédios prescritos por sonhos de

várias pessoas, incluindo até químicos reais a compor. Neste trabalho sobre sonhos acerca do corpo, Cayce era verdadeiramente um pioneiro, e só recentemente a investigação médica o seguiu, embora Jung também estivesse a apontar nessa direção aproximadamente na mesma altura que Cayce.

Os processos de consciência inspirada ou psíquica, relatava o homem em transe, estavam frequentemente inseridos em sonhos estimulados pelas atividades significativas do sonhador: trabalho, estudo, amor, construção de comunidade, invenções, ação política. O seu cuidadoso ensino sobre o uso de sonhos nos negócios fizera milionários de corretores de bolsa e levara outros a riqueza considerável, embora os seus próprios sonhos não lhe trouxessem mais do que respostas infrequentes às necessidades financeiras atuais (porque, dizia, abusara deste tipo de ajuda numa vida anterior, estreitando a sua disponibilidade na psique). Indo muito além do mundo do trabalho, mostrava aos sonhadores como as suas aventuras noturnas podiam levá-los a reinos para além da morte para contacto com entes queridos, ou rever civilizações inteiras de que se importavam, bem como trazer-lhes a experiência religiosa mais elevada (tal como Jung dizia).

Passariam anos até eu conseguir compreender plenamente e trabalhar com todos estes processos de sonhos. Nessa altura, estaria a lecionar psicologia da religião e a praticar psicoterapia com uso regular de sonhos. Com o tempo, publicaria artigos e livros sobre o conselho de sonhos de Cayce, e incluiria os seus materiais em cursos de pós-graduação. Mas logo ali, procurando compreender o processo da visão aberta nos discursos calmos de Cayce e como outros poderiam encená-lo, a pista mais importante era a reivindicação de que todos tinham disponível um processo para replicar o que ele fazia à noite, quando os hábitos de perceção não descartavam tão rapidamente o improvável e a mente podia alcançar alvos distantes tão facilmente como os próximos.

Mas havia, claro, pré-requisitos para todo este auxílio dos sonhos. Primeiro, era preciso aprender a recordá-los. As instruções de Cayce para treinar a recordação eram substancialmente as mesmas das de investigadores posteriores do sono e dos sonhos, que mostraram em laboratório que todos sonham quatro a cinco vezes por noite sobre uma vasta gama de assuntos, e geralmente podem aprender a recordar sonhos de mais do que significado transitório (algo que veria demonstrado repetidamente por centenas de alunos nos cursos que lecionei em departamentos de psicologia durante mais de vinte anos). Tal recordação era mais do que técnicas. Exigia um interesse genuíno no mundo interior, apoiado por trocas significativas com outros, tal como o desenvolvimento da habilidade em interpretar e aplicar pistas de sonhos. Nem

todos nós poderíamos estar inclinados a isso, quer pelo temperamento quer pelo ritmo atarefado das nossas vidas, embora Cayce advertisse que aqueles que ignoravam continuamente os seus sonhos e material visionário comparável acabariam por roubar a si mesmos a sua própria estatura natural, tornando-se entidades ocupadas mas vazias. Repetidamente mostrava aos seus sonhadores que a atenção paciente aos seus dramas e reflexões noturnos (pois notava alguns sonhos que eram apenas isso, no que a investigação atual chamaria material NREM [movimento não rápido dos olhos]) melhoraria a qualidade real dos sonhos, aguçando a sua clareza, sugerindo a sua própria interpretação e tornando-os pelo menos parcialmente disponíveis para codificação ou programação para resolver problemas particulares.

Mas obter auxílio sério dos sonhos exigia ainda mais. Era preciso lidar com a própria agenda de renovação da vida da psique, fosse pelas exigências naturais do crescimento para além de preocupações infantis e obsessões adultas, ou pelas exigências de atenção às correntes interiores de crueldade, escapismo, exploração, repressão, negação ou outra distorção da condição humana. Os sonhos dariam prioridade, sobre captação psíquica ou juízo intuitivo, às tarefas maiores de construir uma psique saudável e relacionar a alma com o divino. O requisito último para a visão aberta nos sonhos, como em qualquer outro lugar, era a totalidade em relação produtiva com os outros e com o universo.

Era tempo de considerarmos esse preço pleno, ao abordarmos o panorama do crescimento da alma na reencarnação. Aí se exibiria o vasto alcance do próprio desenvolvimento de Cayce que o levara a esta cidade costeira na América de meados do século, onde os serviços de um vidente intempestivo oferecidos por um ex-fotógrafo de óculos pareciam tão improváveis como fazer uma chamada telefónica de longa distância diretamente ao passado ou ao futuro.

PARTE II — AS RAÍZES: CAYCE ANTES DE CAYCE

9 Vivemos Várias Vidas ao Mesmo Tempo

Olhava-me ao espelho enquanto me barbeava e tentava dizer a mim mesmo: «Tu foste muitas outras pessoas e ainda és.» Recuando e semicerrando os olhos para obter uma visão enevoada, tentava imaginar como poderia ter sido as pessoas que Cayce descrevera nas leituras de vida para June e para mim. Se esse relatório fosse exato, estava a olhar para a manifestação presente de um soldado, um sacerdote, um curador, um juiz, um escultor, um pregador, um músico. E estes indivíduos eram apenas alguns de mim escolhidos por Cayce porque incidiam na minha existência presente.

A visão da reencarnação nas leituras, eu sabia, não era a de vidas completadas e deixadas para trás como contas num fio. Em vez disso, os valores e dinâmicas principais de cada vida transportavam-se diretamente para o presente, em subpersonalidades que podiam avançar ou recuar no palco da consciência segundo as necessidades e escolhas de crescimento. Nesta visão, nenhuma vida alguma vez terminava. Estávamos a viver todas as nossas vidas ao mesmo tempo, com várias em primeiro plano, como Hugh Lynn Cayce escrevera numa conferência inédita.

O pulsar humano de cada uma continuava a pulsar através dos séculos. Eu estava agora a viver o cumprimento central e o perigo de pessoas definidas, todas essencialmente eu, que tinham caminhado pela Terra, amado, trabalhado e morrido em culturas anteriores. Eu era o destino delas. Estava a fazer escolhas, a correr riscos, a evitar conflitos que tinham perturbado os seus sonhos e acelerado as suas orações. Estava a amar ou a evitar algumas das mesmas pessoas que tinham sido os seus cônjuges, filhos, colegas, inimigos. June teria uma identidade igualmente complexa. Olhar para o espelho, descobri, não me ajudava muito. Todo o conceito era perturbador para o meu sentido de identidade.

Igualmente peculiar era a reivindicação de que eu haveria de me tornar uma série inteira de outras pessoas em tempos e lugares futuros. De facto, nesta visão, eu já era parte do núcleo de cada uma delas. O que eu fazia agora, como jovem na América em tempo de guerra, podia ajudar a trazer dor e escuridão a estes indivíduos ainda por nascer, ou ajudar a trazer aventura e realização às suas vidas, pois todos eles seriam eu. Eu fora essencialmente o meu próprio progenitor, e seria essencialmente a minha própria descendência. Toda a noção era desconcertante. No entanto, em princípio, não diferia de ligar a nossa existência adulta numa única vida a episódios esquecidos da infância e

juventude, que podiam ser tão decisivamente formativos quanto longamente sepultados.

Como nos sentiríamos em relação aos outros se considerássemos sobriamente que cada pessoa que passava, bem embrulhada na pele, era a expressão superficial de uma escavação arqueológica pessoal de milhares de anos e parte de muitas civilizações? Talvez olhássemos para os outros com assombro se sentíssemos certeza de que cada indivíduo era uma empresa tão vasta, tão em casa nas clássicas aventuras humanas da infância, namoro, doença, criação, sacrifício e morte. Poderíamos querer agarrar os nossos semelhantes mais promissores e extrair deles tesouros da alma, fossem obras de arte, causas nobres, competências prezadas ou santidade autêntica.

A pura estranheza da visão da reencarnação não revelava muito sobre a sua verdade. Não se podia descartar o desafio recorrendo a antigos dispositivos de filtragem: autoridade escriturística, razoabilidade filosófica ou luminosidade imediata à imaginação. A nossa era moderna era demasiado consciente de pessoas piedosas no passado que decidiram tolamente questões empíricas com critérios sobrecarregados pela tradição. Bíblia e eminente razoabilidade tinham sido fundidas para rejeitar Galileo e Copérnico quando descreveram o lugar da Terra no sistema solar. Autoridade comparável opusera-se a Darwin, tal como recuara em indignação perante a teoria de Marx sobre interesses de classe na história e a atribuição de sexualidade aos infantes por Freud. O mesmo mentalidade, apenas décadas antes, teria julgado intemperante se não ridículo quem afirmasse que enormes quantidades de energia podiam ser libertadas de alguns átomos — embora, de facto, o Projeto Manhattan já o tivesse feito.

Dois passos eram necessários para iniciar uma abordagem empírica à visão de reencarnação de Cayce, que poderia iluminar o preço último da visão aberta. Primeiro, era preciso esclarecer o ponto e o método da empreitada. O que era o universo, ou o divino, aqui apresentado como tentando fazer connosco, e como? O outro era estudar um caso particular à medida que se desenvolvia para esse fim. O próprio Edgar Cayce seria o exemplo óbvio a investigar, seguindo o curso do crescimento da alma que as suas leituras rastreavam nele através de várias vidas e até ao presente.

Ao reunir padrões nas leituras de vida, surgiam três temas a explorar: uma espiritualidade cocriadora, fundamentada no pacto com Deus e no treino da própria identidade. Estes pareciam ser o que era importante acima de tudo no drama da reencarnação, e assim para o tipo de capacidade inspirada vista na visão aberta e dons psíquicos que eram, como as leituras insistiam, «da alma».

A Intenção da Reencarnação, I: Cocriação

Na visão da «informação», o ato de escolha era central para ser humano. Todas as almas tinham sido criadas juntas no princípio por Deus, cuja natureza era amor e que, portanto, procurava companheiros. O seu direito de nascença era o livre-arbítrio, que usariam em escolhas pequenas e grandes até aprenderem o suficiente para se tornarem cocriadores conscientes e camaradas adequados com o divino. O seu destino era «ter essa condição com Ele que existia no princípio, e ser conscientes dela». A pequena frase significativa, «ser conscientes dela», dizia muito sobre a importância das escolhas através de todas as experiências, realizações e provações, na jornada das almas pelo tempo e espaço. Poucas passagens bíblicas eram tão frequentemente citadas e parafraseadas pelas leituras como o desafio de Moisés ao seu povo quando os enviou sem ele para a Terra Prometida: «Escolhei a quem haveis de servir!»

Embora a liberdade das almas fosse vasta e a paciência de Deus incrível, o cosmos e as almas estavam desenhados para nutrir certas escolhas, certas prioridades, certas direções. Era por isso crítico que cada alma estabelecesse e refinasse ideais e propósitos definidos repetidamente. Descobririam que, a longo prazo, só obteriam de qualquer vida o que nela colocassem.

O processo primordial a aprender através das muitas escolhas era este: «O Espírito é a vida, a mente é o construtor, e o físico é o resultado.» Claro que as almas se deleitariam com valores próximos como poder, posição, saber, posses ou autoindulgência. Mas descobririam que cada um destes lhes falharia a menos que a energia e a intenção fossem do Espírito, o que significava comprometidas com resultados criativos que sempre se desdobra para si próprias e para os outros. O teste das escolhas seria contribuir para o que uma leitura chamava «a continuidade da vida» em tudo o que empreendessem, não apenas perpetuando o passado, mas facilitando aqueles resultados em que pessoas e natureza e seres de outros reinos — de facto, toda a criação — se movessem juntos para os seus potenciais plenos.

Os meios para as almas discernirem escolhas sábias e produtivas eram, em última análise, «vestir a mente de Cristo» usando padrões e recursos dados no início. Toda a alma tinha três constituintes interagentes da sua natureza: espírito ou energia codificada, mente e vontade. Escolhas feitas pela mente e postas em ação pela vontade prosperariam, na medida em que incorporassem o espírito vivo. Para facilitar as melhores escolhas, um arquétipo central de consciência crística (não diferente do Self governante postulado por Jung), trabalhando para unir os melhores interesses do eu e dos outros à vista de Deus, era dado como

potencial para cada alma, à espera de ser despertado ou constelado pelas escolhas e pelas experiências consequentes.

Nesta visão, cocriar com Deus e com os outros não era um destino distante num estado exaltado e perfeito, mas uma atividade para cada dia, cada hora, cada relação. Apenas o que fosse empreendido com fidelidade e sabedoria agora seria encontrado duradouro e ativo quando a alma completasse a sua jornada de múltiplas vidas rumo à união mística de propósito e consciência com o divino. Assim, a arte ou o estilo de vida de cocriar em todas as coisas tornava-se o selo distintivo das escolhas eficazes. Por tal modo de vida, o mal na experiência humana podia ser vencido e a sua energia, em última análise, transformada e libertada, embora não sem falhas e dor. O sofrimento faria parte da jornada, mas nenhuma alma seria testada ou sobrecarregada, nas misericórdias de Deus, além do que pudesse suportar.

O processo essencial de escolha na cocriação ao longo dos séculos seria reconciliar valores opostos mas complementares, cuja riqueza individual e proporções adequadas exigiriam teste e sondagem em muitos contextos, até a alma encontrar o caminho de regresso a casa através de muitas vidas, «consciente dela». Um estilo de vida ou espiritualidade cocriadora esforçar-se-ia, em todos os encontros de trabalho e amor, por ser mutuamente capacitadora, mas avaliaria constantemente os resultados para refinar o esforço. Seria generoso, libertador, útil, longânime, à medida que se procurava ser «um canal de bênçãos para os outros» (a frase mais frequentemente sugerida nas leituras para aspiração). Ao mesmo tempo, tal estilo de vida deveria ter limites, exigindo o melhor de si e dos outros, sem medo de ser diferente por princípio. Não era uma benevolência sentimental, mas um envolvimento simultaneamente apaixonado e sensível que brilhava neste conselho.

Uma expectativa radical e ousada seria equilibrada com gratidão sincera num tal estilo de vida. Podia-se abordar mesmo as circunstâncias mais graves com esperança viva, convencido de que Deus sabia algo produtivo a fazer e queria fazê-lo (como nos era dito para observar em tantas leituras). Contudo, tal expectativa nunca poderia comandar Deus nem saquear o Reino, pois os nossos tempos e modos não eram necessariamente os de Deus. A gratidão devia moldar e temperar a esperança. Aqueles que compreendiam e aceitavam toda a vida como dom eram os mais aptos para a audácia, a riqueza indizível nas regiões mais longínquas da expectativa que a cocriação radical envolvia. A simplicidade de maneiras, de abordagem, de envolvimento fluiria naturalmente de tal gratidão.

O risco ousado precisava de ser equilibrado pela paciência para uma verdadeira cocriação diária. «Não sejais desanimados!» aconselhavam as leituras ao incitarem muitos a arriscarem as suas vidas e saúde, até as suas almas, em cursos de ação escolhidos que condissessem aos seus ideais mais nobres. «Sabei que a tentativa é contada como justiça» era uma frase familiar, não destinada a implicar contabilidade divina, mas o fortalecimento da alma. Fazer algo errado, se sinceramente escolhido, não era tão perigoso como não fazer nada, pois Deus ajudaria a corrigir um curso equivocado, mas dificilmente poderia auxiliar uma alma que se abstivesse da dança.

Contudo, o risco precisava de ser reconciliado com a perseverança constante, a paciência fiel, que mantinha o esforço resoluto longe do excesso. Frequentemente as leituras falavam de «tempo, espaço e paciência» como as dimensões últimas da experiência humana, elevando a terceira de virtude a lei. «Não sejais excessivamente ansiosos» era o conselho. As empreitadas verdadeiramente comprometidas com Deus encontrariam a sua fruição em estações nem sempre evidentes. «Sê persistente e consistente» era o encorajamento oferecido a muitos, mesmo em circunstâncias drasticamente ameaçadoras.

A cocriação exigia estender a imaginação. Não se podia pedir nem construir rumo ao que nem sequer era concebido. Assim, esta espiritualidade, existência após existência, significava escolher ser lúdico, inovador, curioso, inventivo, de mente aberta e sem medo de ser surpreendentemente original. Estávamos a ver em Cayce, diziam-nos, um dom que não se manifestava tão frequentemente como deveria nos outros, em parte porque a imaginação criativa necessária para retratar muitos padrões não estava suficientemente desenvolvida nos outros. Contudo, a imaginação funcionava melhor quando era direcional, tutelada por aspirações que refletissem corretamente o destino humano. Melhor do que imaginar liberdade de sintomas era imaginar totalidade; melhor do que totalidade era a realização encontrada em conjunto com os outros, mesmo através de uma cruz difícil.

Nenhum padrão de vida bastaria nas estratégias de escolhas na vida quotidiana que não incorporasse um espírito de gentileza e bondade; as realizações não superavam os meios: «Só entramos no céu apoiados nos braços daqueles que ajudámos.» No mesmo sentido, as leituras aconselhavam: «Sede afetuosos uns para com os outros», não dependendo da atração, mas de um cuidado mais profundo e atenção mútua. Mas a bondade e a boa vontade exigiam discernimento perspicaz, para não se tornarem parentalismo irrefletido

e indulgência mútua. Assim, o amor precisava de sabedoria e completava-se em hábitos de veracidade, especialmente consigo mesmo.

Reconhecer e construir sobre virtudes em si e nos outros também fazia parte de uma espiritualidade cocriadora. Era um processo que nos era convidado a observar nas leituras. Tudo o que fosse honroso, justo, amável ou nobre precisava de ser cultivado nos nossos jardins de identidade e cultura. Celebrar a qualidade da alma à medida que crescia era, à sua maneira, tão importante como aspirar a ela. Mas fazer heráldica dos «frutos do espírito» únicos de cada um não significava saltar para condenar a sua falta. Poucos temas eram tão frequentemente repetidos nas leituras como não condenar a si ou aos outros; em vez disso, o perdão era aconselhado, setenta vezes sete e mais. Nenhum ornamento da alma bastaria se fosse conquistado com dureza e sujeito a revisão punitiva. Na visão das leituras, não precisávamos de ser perfeitos para sermos úteis e belos. A humildade e a modéstia levavam-nos mais longe do que a autojustiça, pois a alma exigiria de si mesma o que exigia dos outros. «Não julgueis, para não serdes julgados» eram muitos advertidos ao serem encorajados a glorificar Deus, não a aplacá-Lo com padrões que secretamente usurpavam o Seu lugar.

Para que todo este conselho sobre cocriar na evolução da alma não parecesse demasiado pesado, as leituras insistiam: «Começa com o que tens em mãos, e o próximo ser-te-á dado.» O próximo podia ser talentos, oportunidades, recursos e certamente seria caráter. Mas o caminho era «Começa! Mete mãos à obra! Usa a tua vontade!» Só pela aplicação, pelo esforço constante, é que arquétipos, ou o que Cayce chamava especificamente «padrões», ganhariam vida na psique, transformando a perceção do que já estava à mão mas ignorado, ou atraindo novos recursos, pois o semelhante atrai o semelhante, uma lei maior do universo. Nenhum estudo bastaria para aquelas lições e insights da alma que tinham de ser encontrados ao gastar-se com os outros. Mas começar onde se estava não significava aceitar ambientes indignos ou instituições injustas. Com cada começo tinham de ir aspirações sempre desdobrantes. «Muda o ambiente!» era o conselho quando as pessoas se deparavam com pobreza, ignorância ou tirania. Começar com o que estava à mão não significava fatalismo nem autoaperfeiçoamento narcisista, mas sim a energização necessária que ativaria visão ampla e reconstrução do próprio mundo.

Sintonização e Serviço na Cocriação

Finalmente, as leituras resumiam uma espiritualidade cocriadora, para uma encarnação ou muitas, com duas palavras que encarnavam «toda a Lei e os profetas». Estas eram novamente opostos conflituantes que precisavam de ser

reconciliados na vida quotidiana: sintonização e serviço. A primeira significava «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, mente, alma e forças», enquanto a segunda significava «e ao teu próximo como a ti mesmo». As duas estavam em tensão, pois cada passo de lado ou para trás para ver coisas, pessoas ou formas em sintonização com Deus significava tempo não dado a construção, reforma ou cura dignas. Contudo, fazer sem refletir, reagir sem meditar, moldar sem ser afetado eram tentações perigosas de brincar a Deus. Aqui as leituras aproximavam-se notavelmente da distinção de Buber entre relações Eu-Tu e Eu-Isso, que devem alternar numa vida vivida perante o Tu Eterno.

Dada a natureza extrovertida da cultura popular americana, as leituras enfatizavam frequentemente, para a sintonização, a necessidade de voltar para dentro a fim de encontrar o Deus interior que «prometeu encontrar-te, na tua carne, no templo do teu corpo» através de impulsos intuitivos que combinavam perceção com juízo, até perceção paranormal como Cayce mostrava nas leituras e desperto. Tal sintonização exigia «esperar no Senhor» e incubar problemas para solução em sonhos ou outra interior. A solidão era útil para tal sintonização, assim como os seus resultados naturais de oração e meditação. Mas com igual empenho, as leituras falavam de voltar-se para «o Deus exterior», atendendo às maravilhas da natureza e das criaturas, onde o divino era constantemente refletido, e entrando na beleza da música, dança, pintura, poesia e resto das artes, que podiam tornar-se agentes poderosos de sintonização quando unidos a um espírito de reverência e à prática da adoração. E a sintonização exigia crucialmente atenção de coração aberto aos semelhantes: «Na medida em que o fizerdes ao menor destes, a Mim o fizestes.»

A sintonização não podia ser prosseguida apenas por momentos isolados de afastamento. Só uma mente e espírito alimentados pelas «coisas d'Ele» saberiam o que abraçar no silêncio. Assim, a sintonização floresceria com o estudo da história, biografia, Escrituras e grandes ensinamentos do espírito humano, tal como exigia ritos de renovação e afirmação simbólica. Mas acima de tudo exigia um coração cuidadoso capaz de receber os outros e prezá-los, apesar da sua falta de jeito e dureza, com o tipo de escuta que completa sempre o amar, porque fornece o conhecimento que transforma boa vontade em envolvimento profundo. Aqui a sintonização aproximava-se do seu gémeo, o serviço.

Para as leituras, o chamado ao serviço, vida após vida, era um chamado a amar o mundo como criação de Deus, não a elevar-se acima dele para alturas etéreas, nem a posicionar-se em frente dele numa espiritualidade altiva. Todas as coisas tinham os seus destinos designados, e só quem se comprometia com o

cumprimento até das «lâminas de erva» (aqui as leituras aproximavam-se de imagens de Bodhisattva do budismo) ouvia corretamente o chamado ao serviço. Do mesmo modo, o imperativo era honrar não só indivíduos mas as suas criações de instituições e cultura, expressando impulsos preciosos à vista de Deus. Não era prescrito um assistencialismo superficial, e as fragilidades das instituições eram livremente citadas nas leituras, mas os indivíduos também não tinham direito a abstrair-se das suas peles culturais. O socorro era um modo de serviço visto no conselho médico de Cayce, mas também a reforma e inovação que tornavam o socorro desnecessário, como visto nas carreiras produtivas prescritas àqueles que procuravam leituras de vida. Erguer os quebrados e feridos era precioso à vista de Deus. Mas igualmente caro era moldar um mundo menos dedicado a incapacitar inimigos ou superar estranhos e mais a libertar o potencial de crianças e adultos.

Nesta visão, prestava-se serviço não só aos dignos ou respeitáveis. A necessidade era o critério, como fora para ajudar o samaritano da história. De facto, comprometer-se com os pobres ou os excluídos em verdadeira solidariedade de espírito podia (numa frase bíblica) «cobrir uma multidão de pecados» para uma vida que se gastara em órbitas demasiado pequenas ou protegidas. O mandamento de fazer aos outros como queremos que nos façam estava perto do centro do espírito de serviço nas leituras. Contudo, isto era ultrapassado pelo chamado a «perder-se em Si», no qual o critério nem sequer era a justiça, mas uma resposta radical e alegre ao amor já recebido de Deus. Não serviam boas obras de cara comprida ou presunçosas. O serviço precisava da constante purificação e renovação que só a sintonização podia fornecer, até que o dar fosse tão limpo e fresco como uma manhã de Páscoa.

A Intenção da Reencarnação, II: Pactuação

Apoiar este estilo de vida ou espiritualidade cocriadora, que as leituras apresentavam como o propósito central da reencarnação, estavam dois pilares gémeos que lhe davam uma fundação necessária, a construir vida após vida: pactuação e autoformação.

A pactuação com Deus era apresentada como um processo e uma relação que cresceria continuamente, tal como o amor cresce numa família vital e intencional. Dois padrões atuavam aqui. Um era simplesmente prezar o divino como Amigo e Amado, sem cuja partilha nenhuma experiência do dia ficava completa. O convite era «glorificar a Deus e gozá-Lo para sempre», como dizia o antigo catecismo. Só tal deleite aberto manteria a relação longe de ser usada

para fins privados. Contudo, em tensão com isto, havia um processo diferente de confiar a Deus a guarda das próprias promessas, necessidades, aspirações. Tanto a alegria sem peso da companheirismo como a confiança profunda na fiabilidade de Deus pertenciam juntas. «Sabei em Quem crestes», aconselhavam as leituras a muitos, e que Ele é capaz de «guardar até ao último dia aquilo que Lhe confiaste».

A pactuação, como vista nas leituras, era intensamente pessoal, envolvendo os desejos e anseios mais profundos do coração para ser «não conforme mas transformado». Contudo, era também social, e cada um tinha de encontrar a reconciliação desta tensão. Pois, como os sonhos mostravam, o ser humano era designado não para vida solitária, mas para fazer parte de um povo, encontrando graça e transformação com os outros, embora não sem solidão. Assim, os pactos precisavam de ser feitos e reconhecidos perante os outros, estipulava a «informação», tal como num serviço matrimonial, embora a intenção pudesse ser muito diferente, como num pacto para aprender uma competência ao serviço ou para suportar um fardo de sofrimento até que rendesse a sua bênção secreta.

E os pactos precisavam da matriz de uma tradição viva, como víamos encenado nas referências diárias às Escrituras nas leituras, não por decoração mas por profundidade. Poucas passagens eram citadas e parafraseadas mais frequentemente pelas leituras do que Êxodo 19:5, onde a promessa era «Se fordes o meu povo, Eu serei o vosso Deus». Dons como o de Cayce seriam mal compreendidos se vistos fora da sua tradição e pactos queridos, pessoais e corporativos, porque pareceriam conquistas privadas quando na verdade eram cocriações com um Deus Criador.

A prática de pactuar com Deus significava acima de tudo encontrar reconciliação entre a própria vontade diária e a Vontade maior. «Não se faça a minha vontade, mas a Tua» era repetidamente oferecido pelas leituras como tema essencial de uma vida consagrada a Deus. A intenção não era despojar a individualidade nem o esforço sincero; Deus amava indivíduos por nome e rosto, como os convidava a serem Seus cotrabalhadores e parceiros no amor. De facto, as leituras aconselhavam frequentemente uma vigorosa autoafirmação uma vez que o ideal para a vida estivesse firmemente estabelecido em relação a Deus e aos outros. Mas como a vontade era apresentada nas leituras como o fator que mais do que qualquer outro fazia para o crescimento ou perda da alma, o seu tempero e fundamentação na vontade de Deus era crucial para a jornada humana, através do passo que muitos mais temiam. Gentilmente mas com firmeza, as leituras insistiam que ceder a vontade não significava diminuição de

identidade e potência, mas o seu realce, num risco que toda a alma deve fazer, vida após vida. «Deveis crer que Ele é para O encontrar» era o mandamento e convite, reconhecendo que todo o entendimento real é conhecido pela ação. Contudo, a crença devia incluir a conceção de que Deus não sobreporia a vontade, porque o resultado seria um autómato, não um companheiro e cocriador com Ele.

Como a pactuação implicava responsabilidade, em que as partes se comprometiam a ser fiéis ao que lhes era confiado, exigia disposição para ser pesado e desafiado. Para as leituras, isto significava arrependimento sincero e viragem quando necessário, na certeza de que Deus cumpriria as Suas promessas de perdão total e nenhuma alienação. Tal arrependimento não era reservado para malfeitores públicos ou criminosos, pois «todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus». O pecado em questão não era travessura, mas traição à própria Força Criadora que dava vida aos humanos e oferecia a cada um um potencial único.

Brincar a Deus sobre os outros, ou mesmo sobre o próprio destino numa existência artificiosa, ou esconder-se do próprio potencial vivendo através dos outros e culpando-os eram exemplos de pecados de comissão. Em contraste, havia pecados de omissão igualmente graves, no brincar com a vida, falhar em avançar em esforços significativos ou ignorar os chamados de fora e de dentro para servir os necessitados. O que tornava o arrependimento necessário suportável e não um fardo esmagador de culpa era a consciência, sempre renovada no processo de pactuação, de que Deus chama cada um pelo nome, de que não somos unicamente nossos e nunca o fomos, e de que o Espírito «dá sempre testemunho connosco» para nos trazer perante Deus inteiros, produtivos e amorosamente ligados aos outros.

Parte da pactuação era confiar na orientação. Se o esforço de sintonização fosse feito regularmente, com um ideal adequado, haveria sempre uma resposta, embora não necessariamente na forma procurada. Quer através de sonhos, oração, impressões ou o impulso de oportunidades (ou mesmo leituras), a resposta estaria lá, de um Deus fiel em cumprir as Suas promessas. Contudo, a ajuda seria dada para evitar perda de tamanho da alma, perda de profundidade, significado e direção, não necessariamente para evitar sofrimento.

«Não tentem contornar a cruz», aconselhavam as leituras. Podia-se adiar algum sofrimento e evitar muito outro. Mas tudo o que fora construído como «forças carnais» no agigantar do eu em muitas vidas (significando não tanto paixão como viver para a carne em valores superficiais) um dia precisaria de mudança. Quando isso acontecesse, viria não como punição de um Deus

arbitrário, mas como o anseio da própria alma por estar viva, desperta e ressuscitada para uma vida maior com e para os outros. Neste processo, o sofrimento podia ser, em última análise, misericórdia e o karma, graça.

A Intenção da Reencarnação, III: Autoformação

Implícita na pactuação de uma alma como peregrina ao longo dos séculos estava a outra fundação que continuamente apoiava uma espiritualidade cocriadora. Era a formação da identidade como uma espécie de ioga ou jugo contínuo ao divino através de vida após vida.

Crescer como pessoa não era deixado pelas leituras ao acaso e ao autoaperfeiçoamento impulsivo. «Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade e se conserva puro do mundo» era a passagem final, tecida a partir das Escrituras, em muitas leituras de vida. A tarefa de autoformação era apresentada não como recolher distintivos de mérito, mas como um processo de maior importância: «Quem conquista a si mesmo é maior do que quem conquista uma cidade.» Tal formação envolvia tanto equilíbrio como extremos, segundo a necessidade e capacidade.

Por um lado, as leituras aconselhavam moderação em todas as coisas, especialmente para construir saúde e totalidade. Contudo, também advertiram que não se devia conter de perda ou mesmo extravagância quando o propósito era seguro e apropriado, e a necessidade grande. «Gasta tudo» era o conselho por vezes, quer o gasto envolvesse conforto e bem-estar físico quer arriscar posses e posição na vida. Cada ativo humano, quer bens, saber, fama, paixão ou poder, tinha o seu lugar no desenvolvimento da alma. Mas cada um tinha de ser mantido levemente, e em pactos com Deus e os semelhantes, para que a própria bênção não consumisse.

Um motivo surpreendente na visão das leituras sobre a autoformação como processo contínuo era a afirmação de que as fraquezas de alguém podiam tornar-se as suas maiores forças se a energia fosse devidamente empenhada. A ira e hostilidade podiam tornar-se ousadia e coragem. A teimosia podia tornar-se liderança, que perdura onde outros desistem. A deceção podia tornar-se verdadeira inventividade. A sensualidade podia ser reorientada para cura através da canalização da própria força vital. O orgulho de sabedoria podia tornar-se compreensão genuína usada com sensibilidade. As mudanças aqui vislumbradas não eram por amputação, mas por redirecionamento de energias e impulsos específicos, em última análise todas expressões da única força vital, usando os centros ou chakras. Claro que limites tinham de ser estabelecidos, pois a

formação necessária não era magia. Mas o caminho para a fidelidade nos pactos de um estilo de vida cocriador passava pelo crescimento, em que impulsos e hábitos eram transmutados, não simplesmente dominados, para o propósito de servir os outros e glorificar Deus. Na visão das leituras, o mal não era polo oposto ao bem, mas «o mal está apenas abaixo do bem, à espera de ser elevado». Usava a mesma energia que a cocriação, mas abortava-a. Voltar os esforços para cumprir bem as promessas feitas a Deus e aos outros redirecionaria e renovaria até a violência, autocomiseração, teimosia e sensualidade crua «no tempo e na paciência».

A autoformação, embora essencial, não era um fardo a suportar sozinho. Repetidamente as leituras insistiam que a ajuda do Cristo estava disponível como energia codificada e Presença para qualquer que a procurasse e cumprisse promessas feitas em pactos dignos de amor, trabalho, política e fé. «Ele fez tudo» era a certeza de que nenhuma situação humana era demasiado mortal para Aquele que passara pela própria morte. Ele não se impunha a ninguém, mas estava sempre lá como Irmão Mais Velho, oferecendo tanto um padrão como a vitalidade para o manter. O que era requerido na autodisciplina era, pois, fome e sede pelo Seu caminho, não simplesmente aprender competências e leis. «O Amor é Lei, como a Lei é Amor», insistiam as leituras, apontando para um universo regido não por grandes forças mecânicas, mas por uma consciência tão terna e íntima como a de um amigo.

Três bênçãos acompanhariam o Espírito de Cristo para aqueles que se treinassem ao longo de vidas pela plena estatura. Uma eram os «frutos do Espírito», que as leituras listavam muito frequentemente ao estilo paulino, com paráfrases livres, para despertar nos ouvintes um sentido da riqueza, e até da glória, que poderia ser deles como cocriadores com o Altíssimo, começando exatamente onde estavam «hoje, agora».

Outra eram os «dons do Espírito», distribuídos de forma diferente a cada um, mas designados a toda a alma como direito de nascença e promessa, tal como víamos em Cayce mas que também podíamos encontrar em nós mesmos, variando da profecia à cura, à administração e muito mais.

E uma terceira era a comunidade do Espírito, que reuniria os de mentes e propósitos semelhantes em amizades, famílias e agrupamentos, alguns construídos há séculos em vidas anteriores e outros inteiramente novos. Ninguém era esperado que conseguisse sozinho na visão desta fonte, em que a cooperação era a primeira disciplina espiritual, e o pano de fundo era o povo de Deus no Êxodo. Haveria tempos de solidão, como Jesus soube no jardim, mas o

percurso era, em última análise, iluminado, resplandecente pela radiância dos companheiros e por ajudantes visíveis e invisíveis.

Finalmente, a vasta perspetiva do treino como responsabilidade integral numa vida consagrada a Deus não era nem um abandono ao Espírito nem à carne. Podia-se ir demasiado longe em qualquer dos sentidos. Os humanos no plano terreno eram encarnações em busca de se tornarem expressões do processo em que o Verbo se fez carne, cheio de graça e verdade como era o seu padrão divino. A Terra devia ser honrada, com todos os seus tesouros e criaturas dados para serem subjugados e multiplicados, mas não explorados.

As almas explorariam muitas outras «moradas» na sua longa jornada, mas o objetivo da autodisciplina e do autodomínio não era simplesmente escapar da Terra. Pelo contrário, a perspetiva distante era de um serviço cada vez maior, até se partilhar na criação dos próprios mundos, com a Fonte de toda a vida. Como a jornada era empreendida em grande liberdade, podia levar muitas, muitas vidas para algumas almas, de facto, mas nenhuma se perderia. As que se rebelassem incessantemente seriam eventualmente trazidas de volta ao Pai, mas não «conscientes dela» (e o Pai choraria pelo que se perdera).

Nestes três processos de uma espiritualidade cocriadora, apoiados pela pactuação com Deus e pela formação da identidade, estava o cerne do sério negócio da reencarnação. Mas havia mais no processo de renascimento exibido nas leituras. Três temas emergiam como essência do karma, ou do que era levado dinamicamente de uma vida para outra à medida que a alma se esforçava por crescer na graça da cocriação com o seu Criador. Podiam ser descritos como talentos, textura e oportunidade.

Os talentos, claro, eram todas as capacidades, interesses e incompreensões que tinham sido suficientemente desenvolvidos em existências passadas para emergirem em vidas posteriores. A textura (termo que eu tomei emprestado e modifiquei da psicologia de William Sheldon, frequentemente discutido no nosso círculo familiar) representava o tecido da personalidade — a sua riqueza, profundidade e integração. As oportunidades representavam aquelas relações, posições, bens e projetos que muitas vezes chamávamos acaso, mas que poderiam refletir uma causalidade maior do que conhecíamos. Todos os três ofereciam traços que poderiam ser ignorados numa visão do inconsciente limitada a uma única vida.

O Coração do Karma, I: Talentos

Havia um grande drama na noção de talentos sepultados como tesouro de pirata logo abaixo da superfície da consciência. Era excitante considerar que

qualquer um de nós poderia ser poeta, líder político, cientista, mercador, curador ou mesmo vidente, e não o saber até que as competências outrora aprendidas fossem chamadas de volta à vida por insight ou necessidade, prontas para treino e uso. Na visão em transe de Cayce, tais talentos, se bem desenvolvidos, emergiam tão frequentemente que as leituras de vida traçavam frequentemente para os indivíduos duas ou mais encarnações (de quatro a seis destacadas) com a mesma vocação ou vocações intimamente relacionadas. Qualquer que fosse o século ou a cultura de origem, os mesmos dons podiam ressurgir frescos no ensino, construção de lar, governo, astronomia, comércio de tecidos, desporto, música ou qualquer das dezenas de outras ocupações.

No entanto, os impulsos interiores atuais para esses mesmos talentos, outrora tão valiosos, podiam ser ignorados ou mal interpretados. O indivíduo podia ser desviado por circunstâncias familiares, doença, guerra, fraqueza pessoal ou indecisão. Trabalhar dentro de uma perspetiva de reencarnação exigia, então, que todos considerássemos atentamente as profundezas uns dos outros, atentos ao lampejo da verdadeira invocação de talento, hobbies e interesses que podiam sinalizar dotes e potenciais especiais.

A educação, a criação de filhos e a administração ou gestão — todas as artes de adaptar pessoas a empregos e esticá-las para novos potenciais — podiam ser conduzidas melhor se cada criança ou empregado fosse visto como um veterano experiente de uma ou mais vocações, e talvez artista em alguma, ou pronto a combinar várias para novas direções. Uma escritora fora, notava a sua leitura, atriz, aviadora itinerante, missionária e emissária em vidas que se estendiam por séculos, em que nunca fora escritora. Contudo, a combinação total adequava-a bem ao jornalismo que estava prestes a empreender agora.

Um grande prémio nos talentos de vidas passadas eram vocações insuspeitadas. O conselho de Cayce acertava repetidamente aqui com leituras dadas a crianças pequenas, logo a poucas horas após o nascimento. Uma e outra vez a «informação» delineava corretamente para estes bebés o que mais tarde se provaria serem dotes e competências pronunciados, oferecendo sugestões sobre como os desenvolver e a que idade.

Sem perceber tais potenciais, os pais podiam erroneamente impor tradições ou expectativas familiares à nova alma que lhes chegara. Várias dezenas destas leituras para crianças, descobri, já podiam ser comparadas com o que emergia nas vidas daqueles agora na adolescência e nos vinte anos, em que a capacidade de transe de Cayce era impressionante, prevendo corretamente os dons de um médico, ginasta, músico, vendedor ou líder espiritual, quando tudo o que tinha à frente era um bebé esparramado. Se Cayce o conseguia, certamente as leis

poderiam um dia ser aprendidas para o fazer através de visão aberta sem a sua ajuda, como ele recomendava.

Mais fáceis de verificar como talento oculto eram casos em que o conselho de Cayce levava um adulto a mudar de vocação e alcançar sucesso notável graças a uma capacidade de vida passada. O irmão de Gladys Davis, por exemplo, passara de uma ocupação pouco gratificante no jornalismo para uma nova carreira na fabricação de uniformes, na qual ascendeu ao topo da sua área e proeminência financeira, como a leitura previra. Um operador de telégrafo tornou-se artista comercial bem-sucedido. Um engenheiro desenvolveu a sua própria firma invejável.

Um inválido tornou-se harpista de concerto. Várias dezenas de casos nos ficheiros mostravam pessoas a mudarem com sucesso para linhas de trabalho completamente novas em resposta a leituras sobre talentos de vidas passadas. Fotografias de alguns destes peregrinos através dos séculos pendiam na parede de Cayce, e o folclore atraente das suas histórias de recomeços fazia parte da tradição operativa que o ajudava a continuar. Outros tinham ascendido alto nas suas vocações, sentindo que talvez não o tivessem feito se Cayce e a sua confirmação interior da orientação dele não os tivessem convencido de talentos excecionais de vidas anteriores. Vários destes contaram-me as suas histórias: um psicólogo, um financista, um autor, um editor, médicos, professores e vendedores.

As implicações sociais eram excitantes. A esperança natural de mudança social, quando lia a biografia de Cayce enquanto guardava a minha parte do Projeto Manhattan, fora que os Cayces do futuro pudessem encontrar novos depósitos de minérios, novos métodos agrícolas, novos desenhos de fabrico, para curar a carência económica. Talentos como o dele poderiam desenhar novos sistemas políticos de justiça, bem como minar a maquinaria da guerra para trazer uma ordem social pacífica. Mas as leituras de vida sugeriam um caminho adicional ou ainda mais central para o mesmo fim. O progresso na mudança social não precisava de ser acelerado usando videntes do futuro para resolver problemas económicos e políticos. Podia vir identificando os talentos ocultos de potenciais líderes em muitas áreas da vida que trouxessem consigo dons insuspeitados de encarnações passadas.

Em última análise, eram os indivíduos que tornavam possíveis os avanços sociais, em qualquer caso. Alguém sempre tinha de liderar, inventar, desenhar novas imagens, desenvolver novas visões do mundo, puxar os outros para novos agrupamentos. A chave para uma nova ordem social podia estar em indivíduos específicos: os melhores mineiros e agricultores, homens de negócios e

inventores, políticos e artistas, pregadores e financistas do futuro. Se os pudéssemos encontrar e extrair os seus recursos preciosos de existências passadas vivas no presente, poderíamos estar a rumar a uma jornada heroica para o nosso povo e os nossos tempos. Talvez fosse também por isso que as leituras de Cayce insistiam em tomar uma pessoa de cada vez, no modo que cada uma procurasse ajuda, em vez de desenvolver grandes esquemas e teorias que ninguém estava presente para transformar em realidade. Se a reencarnação fosse real, esta era uma forma de colher séculos de realização mesmo debaixo do nosso nariz. Nenhum outro recurso nacional, nenhum ativo da natureza ou tecnologia ou cultura, seria exatamente como este: os talentos insuspeitados de idades passadas a caminharem no nosso meio.

Consequentemente, leitura após leitura apontava também para atrair almas dotadas para famílias através de preparações especiais por parte dos futuros pais. Tal como Sara preparara o caminho para Isaac, Ana para Samuel, David para Salomão e Maria para Jesus, o universo estava tão desenhado que a qualidade de vida dos pais determinaria criticamente que almas nasceriam para eles. Um foco em grande música podia atrair um músico dotado, tal como um foco em engenharia, política ou espiritualidade podia atrair um líder em qualquer desses campos respetivos.

A chave para este processo não era uma absorção mecânica num dado interesse, embora Cayce encorajasse os pais a mergulharem no melhor que conheciam num campo escolhido enquanto se preparavam para o parto. A textura real das vidas dos pais era mais decisiva para recrutar uma alma dotada, porque proporcionava um clima promissor para o talento. Harmonia, aventura, humor, fé, ajuda extrovertida aos outros — tudo isto e mais compunha a dinâmica de uma família que uma alma ampla pudesse querer entrar. Vários casais à volta de Cayce levavam-no muito a sério neste desafio. Pais e avós pescavam juntos no mar das almas por aquelas que pudessem abençoar os outros à sua volta.

O Coração do Karma, II: Textura

Além dos talentos, o karma envolvia também a textura do eu: o caráter e temperamento, a complexidade e integração, o desejo essencial da pessoa inteira. Na visão de Cayce, o universo estava organizado para ajudar a desenvolver o potencial de textura das almas moldadas pelo divino no início da criação e destinadas a tornar-se cocriadores conscientes com o Altíssimo após éons de aventuras. Algumas destas almas — milhões delas, mas de modo algum todas — tinham usado os seus poderes dados por Deus para brincar no jardim da Terra, acabando por perturbar as suas criaturas e climas pela própria

indulgência, de modo que as almas atoladas na Terra perderam o contacto com a sua Fonte ou viram-no a diminuir. Foi estabelecido um caminho para as almas usarem melhor a experiência terrena, ganhando as suas lições e encarnando os seus padrões através de uma série de existências antropoides em que teriam a imaginação e inteligência para construir culturas e civilizações inteiras, mas teriam livre-arbítrio que as traria passo a passo à sua plena estatura e textura.

O karma era o processo designado para transformar toda a vasta empreitada em educação, estendendo sempre a qualidade de cada alma através dos desafios e predicamentos, recompensas e provações que vinham perante a pessoa ou entidade em evolução. Talentos e poderes seriam importantes, porque exprimiriam a energia criativa dada por Deus a cada alma. Mas, em última análise, o amor — amor sábio — por toda a criação seria o prémio de textura que coroava a jornada.

O que era importante saber sobre as próprias existências passadas? Cada leitura de vida de Cayce incluía um lembrete de que a «informação» selecionava cuidadosamente encarnações e pormenores de biografia passada para tornar o conselho «uma experiência útil» para o buscador. Transcrições dos ficheiros sugeriam um esboço dos retratos típicos de Cayce baseados no passado esquecido.

Frequentemente, um comentário meio murmurado do homem inconsciente abria estes panoramas de múltiplas vidas enquanto ele tomava o rumo da pessoa que surgia à vista. Podia descrever um grande salão de registos ou os acontecimentos do nascimento do indivíduo nesta vida. Uma leitura para um membro da nossa equipa, por exemplo, relatava que em Bokhoma, Oklahoma, nunca se cometeria suicídio depois de viver com a sua terra debaixo dos pés: «algo no solo». Mais frequentemente, folheava os anos da vida presente da pessoa, começando no presente e trabalhando para trás para identificar crises e esperanças interiores. Murmurava «doença prolongada», «perda de progenitor», «triunfo nos negócios», «esperanças de recomeço na universidade», «morte do irmão bebé» — cada item acompanhado do ano exato, criando para o ouvinte um sentido estranho de ser conhecido intimamente não só por Cayce mas por qualquer fonte transcendente que fornecia os dados que ele inspecionava.

A leitura formal começava em resposta a uma sugestão que a Sra. Cayce repetia regularmente ao marido:

Darás as relações desta entidade com o universo e as forças universais; dando as condições que são como personalidades, latentes e manifestadas na vida presente; também as aparições anteriores no plano da Terra, dando tempo,

lugar e nome, e aquilo em cada vida que construiu ou retardou o desenvolvimento da entidade; dando as capacidades da entidade presente, aquilo a que pode aspirar, e como. Responderás às perguntas, à medida que as faço.

Primeiro, a voz calma do sofá avaliava quão bem a pessoa cumpria a sua promessa única, a relação com o universo e as forças universais, ou o que noutra linguagem poderia ser a resposta da alma ao seu chamado original de Deus. Os comentários de síntese variavam amplamente, como mostravam as minhas notas literais ou parafraseadas para uma semana. «Alguém que será sempre marcado pela experiência de ter sido curado pelo Mestre.» «Esta é uma alma que se afastou muito dos propósitos para que entrou, e deve emendar-se em breve se quiser continuar nesta esfera.» «Ninguém que se aproxime desta alma poética a esquecerá em breve.» «Ocupada, quase demasiado ocupada — mas sempre ansiando fazer o certo no que empreende.» «A deficiência de nascença aqui foi um acidente, não karma, e alguém pagará pela imprudência.» Tal como o diagnóstico e prognóstico abriam as leituras médicas, assim este material inicial avaliava traços proeminentes da pessoa, assinalando os problemas e conflitos mais marcantes antes de passar a análises mais detalhadas; por exemplo: «Esta pessoa é uma flor, e deve de facto trabalhar com flores.»

Em seguida, a leitura típica descrevia a textura única da pessoa. Para o material sobre estrutura da personalidade, o conselho em transe subordinava a influência de vidas terrenas passadas a um esboço maior, como dramaturgos habilidosos (como G. B. Shaw) introduziam as suas personagens principais com notas sugestivas, por vezes parágrafos longos, destinados apenas aos atores e realizador lerem antes de mergulharem nas circunstâncias da peça. Esta visão geral inicial na leitura oferecia realces do retrato, notando (por exemplo) quão assertivo e quão reservado, quão consistente e quão oscilante, ou quão decidido e quão reflexivo este indivíduo era.

Depois vinham os padrões astrológicos, apresentados como influências de existências entre vidas, e após estes o rico drama das encarnações terrenas ainda a serem vividas na textura da pessoa. Aqui o Cayce em transe falava, como não fazia no material inicial sobre disposição e interesses, da alma a ganhar ou perder na sua longa jornada para Deus. A Terra, dizia, introduzia novos fatores na pessoalidade não presentes nas estadas entre vidas. Eram as emoções e a vontade. Via as paixões grandes e pequenas como motores e música da vida humana, tornando as escolhas da vida terrena mais difíceis, mas mais significativas para a estatura da alma. A encarnação na carne era um laboratório para domar e dirigir as emoções com a mente e a vontade, atrelando-as a valores

elevados. Porque os impulsos vitais e os grandes sentimentos elementares estavam diretamente ligados às glândulas endócrinas, o modo como eram usados deixava a sua marca nos campos invisíveis da alma, afetando para vidas futuras o crescimento da pessoa, a doença e a motivação central, bem como estados transcendentes de consciência.

Valores de uma dada vida podiam transformar-se nos seus opostos necessários, ou entrar em eclipse por um tempo, pois a intenção do karma era a plena nutrição da textura da alma. Tanto o temperamento como os talentos tinham de se curvar perante as exigências dos valores, as joias da alma. Um matemático dotado de outrora da França encontrava-se agora mentalmente atrasado, inteiramente dependente dos cuidados dos outros e incapaz de usar os seus talentos, porque escarnecera do trabalho dos outros numa vida passada e precisava de aprender os mistérios da interdependência na peregrinação humana. Mais de uma pessoa que Cayce descrevia detivera poder na Roma antiga, mas rira do tormento dos cristãos sacrificados a gladiadores ou animais na arena.

Agora voltavam em corpos incapacitados, aprendendo as duras lições da dor impotente e da restrição. Mas a preocupação central com os valores funcionava também no outro sentido. Aqueles que usaram sabiamente beleza, poder ou riqueza eram frequentemente dotados deles novamente para aprender lições mais profundas de responsabilidade e criatividade. Uma mulher que usara generosamente as mãos para cuidar de outros feridos em batalha, relatava, regressara com mãos tão belas que podia ser paga para as modelar. Sempre o impulso do karma era para o crescimento da alma, não mera retribuição ou recompensa.

A justiça poética na dimensão da textura, que Cayce descrevia em alguns destes casos, era impressionante de contemplar. Alguém cego às necessidades dos outros numa cidade medieval estava agora de volta cego. Um homem que falara mal de homossexuais na corte francesa estava agora de volta como homossexual incontrolável. Uma entertainer que usara os seus encantos na fronteira americana para manipular outros estava aqui novamente com o desejo de ser atriz, mas acorrentada a uma secretária de escritório pela necessidade financeira.

Uma mulher que abusara do seu poder no tumulto após a Revolução Francesa regressara como viúva com uma criança; estava agora pobre e ansiosa pelo futuro. Outra mulher, que se suicidara na Pérsia e assim abandonara o filho, era agora professora de jardim-de-infância encarregada de cuidar dos filhos dos outros, mas ela própria solitária e solteira. Um homem que lutara com uma

mulher numa contenda de clãs na Escócia estava de volta com ela como irmã em conflito nesta vida.

O universo mostrado nestas narrativas era impiedoso? As leituras insistiam repetidamente que o cosmos era tão amoroso quanto inabalavelmente justo. Devíamos «pagar cada jota e til pelo que foi feito de destrutivo para os outros e para si mesmo», mas a operação do karma não era punição externa cega. Em vez disso, as almas reviam a sua jornada total entre vidas terrenas e escolhiam o tipo de encarnação de que mais precisavam para o seu crescimento e o crescimento daqueles que poderiam ter de cuidar delas ou ser cuidados por elas. O karma não distribuía golpes punitivos. Oferecia educação lenta e eficaz, despertando novas dimensões da alma para ganho permanente. Frequentemente as leituras repetiam: «Deus não quis que nenhuma alma perecesse.»

Havia um meio de escapar ao karma nas jornadas gráficas relatadas nestas leituras? A resposta parecia ser que nem todas as consequências comportamentais de atos passados escolhidos podiam ser evitadas. Quem magoara outros podia precisar de experimentar o mesmo tipo de mágoa, quer no corpo quer em epítetos ou atitudes dos outros, para aprender as leis da existência. Mas a escapatória sempre possível residia no significado da experiência que seguia aos excessos passados. Toda a ferida podia ser feita render maior sensibilidade às necessidades e predicamentos dos outros.

E a alienação do divino que tão frequentemente acompanhava o malfeito (tal como a alienação do melhor de si mesmo) podia ser totalmente removida, mesmo enquanto a temperança da provação e dificuldade permanecesse. Pois esta era a verdadeira graça de Deus. Pedir ajuda transcendente e dar ajuda ao próximo em aflição semelhante à própria — estas eram as chaves da graça que tomavam precedência sobre o karma, acelerando a sua aprendizagem lenta até que o sofrimento deixasse de importar ou se dissolvesse.

O karma não era só mágoas. Criava também ganhos permanentes. Uma voz bela outrora usada para inspirar outros em canto e discurso, relatava uma leitura, aparecia no presente como talento vocal que elevava os outros a alturas memoráveis. Um dom ardente de liderança para os oprimidos de um tempo anterior estava presente como saber de comando que os outros reconheciam hoje. Qualquer dos grandes valores humanos conquistados no passado podia surgir com força na existência presente: beleza e o seu cultivo na arte, verdade e o seu cultivo no saber, justiça e o seu cultivo na ordem social, amor e o seu cultivo na vida familiar ou no cuidado dos feridos, santidade e o seu cultivo na fé e na comunidade intencional. Os verdadeiros tesouros da vida, uma vez conquistados, não precisavam de ser ganhos novamente, exceto pela aplicação.

Frequentemente, o karma derivava do desdobramento natural de um tesouro anteriormente escolhido.

Cada grande qualidade humana exigia valores complementares para lhe dar riqueza e equilíbrio, tal como a justiça exigia misericórdia, o amor exigia sabedoria, o individualismo exigia participação, a liberdade exigia responsabilidade. O que alguém escolhera na Roma antiga podia, então, encontrar o seu complemento e cumprimento na Dinamarca posterior, embora as ocupações exteriores pudessem ser muito diferentes. Na visão de longo prazo do conselho de Cayce, todo o karma era bom karma, destinado a trazer crescimento à pessoa e capaz de render fruto precioso. Mesmo o karma doloroso ou restritivo, o chamado «mau karma» (as leituras não usavam este termo), era bom na sua intenção. A incapacidade física, a doença mental, a dificuldade social ou a solidão podiam ser vistas (se olhássemos de perto) como apenas um estreitamento do foco da vida, de modo que uma gama mais pequena de realidade receberia uma atenção mais plena do que seria o caso de outro modo.

O Coração do Karma, III: Oportunidades

No universo das leituras, talentos e texturas eram regularmente encontrados por oportunidades apropriadas para os desenvolver e usar, como se por laboratório e ginásio. Para mim, tentar compreender como isto poderia funcionar não era fácil. Certamente, certos acidentes ao corpo podiam ser iniciados pela psique, como na pessoa propensa a acidentes que Freud e outros descreveram, buscando inconscientemente punir ou limitar o eu. E a doença psicossomática, ou mesmo uma predisposição a doença crónica ou simbólica, podia ser criada nos recessos mais profundos da mente. Podia-se imaginar como certas relações e conflitos interpessoais fluíam das dinâmicas do inconsciente. Mas Cayce em transe descrevia uma rede ainda maior e mais complicada de causalidade cármica. Estava a sugerir que os próprios acontecimentos estavam sob lei, através do princípio geral de que o semelhante atrai o semelhante, ou o que noutra linguagem seria descrito como a providência todo-abrangente de Deus.

As oportunidades primais como karma eram as outras pessoas na vida de alguém, pois não eram meras criações nossas, como companheiros imaginários de brincadeira. Eram dons, acontecimentos frescos, verdadeiras oportunidades para escolha, crescimento e amor. Os pais, por exemplo, eram escolhidos por uma alma para cada vida particular, com alguma visão antecipada do que fluiria dessa escolha. Mas a maioria das outras relações carregadas de uma vida também oferecia oportunidades preparadas por vidas passadas, como amigos,

amantes, irmãos, filhos e até inimigos. Na visão das leituras, nenhuma relação importante vinha por acaso.

As almas, relatava o Cayce inconsciente, tipicamente escolhiam encarnar juntas, assumindo os vários papéis e laços da molécula familiar. Em dezenas de leituras, Cayce traçava as oportunidades específicas de estar casado com um antigo irmão, ou ter um filho que fora anteriormente o próprio progenitor, ou cuidar de alguém outrora ignorado no círculo familiar. Além disso, descrevia almas a encarnar em grupos ou ondas vindas da mesma cultura para outro período da história, o que lhes permitia trabalhar juntas nos mesmos problemas sociais. Aqueles que procuraram liberdade nas colónias americanas tinham estado frequentemente juntos a retirar liberdade em nome da espiritualidade durante as Cruzadas. E as almas encarnavam frequentemente em grupos para avançar causas a que estavam comprometidas — cuidados médicos, educação, abertura de novos mercados ou talvez paz internacional. Mesmo para começar a conceptualizar tais padrões em que o encontro casual de estranhos talvez não fosse acaso, parecia necessário postular campos de ESP dentro dos quais sinais piscavam de pessoa para pessoa, e formas-pensamento conjuntas criadas para durar até através de vidas.

As oportunidades do karma mais vívidas de contemplar nos relatos das leituras eram frequentemente relações íntimas. Homens ou mulheres que tinham sido infiéis encontravam-se agora encarnados com os parceiros que outrora traíram, por vezes infiéis para com eles por sua vez. Cayce aconselhava o amor perdoador que seria apropriado em tais eventos emaranhados. Uma mulher forçada a usar um cinto de castidade na Europa num século anterior pelo marido ido para as guerras estava agora de volta com o mesmo homem, mas cronicamente zangada com ele e incapaz de ter relações sexuais; ele agora tinha de aprender a lidar com as frustrações outrora impostas a ela. Pais noutro caso que outrora usaram uma filha como espiã sedutora tinham-na agora de volta como epilética, exigindo os cuidados ininterruptos que antes lhe haviam negado.

Aqueles que tinham tomado votos de celibato precipitadamente ou imprudentemente, ou votos de vingança contra o outro sexo, encontravam agora relações com esse sexo perturbadas, explicava, ao aprenderem a necessidade de votos construtivos, não apenas autoafirmação voluntariosa. Aqueles que perseguiram «negros como escravos» regressavam frequentemente como negros em dificuldade. Aqueles que ridicularizaram ou caricaturaram outros eram agora sistematicamente ridicularizados. Contudo, o karma trabalhava também para preservar e realçar oportunidades ao trazer de volta relações preciosas, tal como amigos queridos frequentemente se

procuravam mutuamente no decurso de uma vida. Aqueles amantes que construíram bons casamentos juntos, por exemplo, tinham razão para pensar que poderiam encontrar-se novamente num século diferente.

Tal como com oportunidades em relações, assim com as de posição na vida: almas que mostravam poder usar proeminência, riqueza ou poder para benefício dos outros recebiam a oportunidade novamente. Em geral, a imagem nas leituras era que indivíduos em liderança ou autoridade estavam lá porque outrora provaram a sua capacidade de servir bem em tais posições, mesmo que pudessem usar completamente mal o que lhes chegava na vida presente. Podia ser difícil imaginar como os barões ladrões da indústria do século XIX, ou Franco ou Hitler, eram almas que outrora usaram bem os seus talentos para os outros. Mas Cayce afirmava especificamente que mesmo Hitler começara com grande potencial para o bem (quando perguntado sobre isso numa leitura), chocando aqueles à sua volta imersos na psicologia de guerra. Contudo, condenava as escolhas que Hitler fez uma vez no poder.

Situações de privilégio ou luxo, no entanto, não representavam necessariamente recompensas. Oportunidades de riqueza podiam fornecer testes subtis para o valor da alma. O mesmo aviso contra a simplificação excessiva aplicava-se àqueles em pobreza ou sofrendo discriminação. A circunstância sozinha não revelaria o estado da alma, que podia ter escolhido dificuldade para serviço ou lição espiritual. Em geral, circunstâncias infelizes na visão das leituras pareciam menos aleatórias e insensatamente cruéis do que a maioria de nós as considerava, embora fosse difícil conceber como tal dor generalizada como a Depressão ou a presente guerra mundial pudesse ser individualmente apropriada como karma, ou mesmo adequada para grupos de almas que escolheram os seus destinos juntos. Claramente as leituras não usavam o karma como desculpa para negligência social. Não agir perante a injustiça social que estivesse ao alcance, na visão do conselho, era cair em pecados de omissão, que criavam karma doloroso tão verdadeiramente como a crueldade escolhida.

Ligadas às oportunidades de posição estavam as educativas e vocacionais. Aberturas proporcionais aos talentos tendiam a emergir, se consonantes com o propósito da alma para a vida. Mas tais aberturas podiam não aparecer como o indivíduo esperava. Cayce, por exemplo, tinha na presente oportunidade para exercer dons de cura e orientação que desenvolvera em vidas anteriores. Mas agora tinha de o fazer no modo indesejado de cair inconsciente. A chave para reconhecer e reivindicar oportunidades vocacionais, como muitas outras

espécies de tesouros cármicos, residia na fórmula frequentemente citada nas leituras: «Usa o que tens em mãos, e o próximo ser-te-á dado.»

A saúde oferecia, nesta visão, mais outro tipo de oportunidade cármica. Aqueles que usavam bem os seus corpos, mantendo-os em equilíbrio e oferecendo-os em serviço produtivo aos outros, podiam regressar com um corpo adequado para modelo, bailarina, atleta, alguém que pudesse ter filhos bem, ou alguém que suportasse muito stress vocacional. Mas o corpo podia também refletir uma oportunidade muito diferente quando a deficiência ou doença estreitava as suas capacidades.

Porque tantos recorriam a Cayce por ajuda em males intratáveis, ele tinha frequentemente ocasião de notar raízes cármicas por trás de incapacidades crónicas que distorciam a vida. Nem todas as dificuldades da carne eram assim assinaladas, mas as de longa data, incluindo defeitos de nascença e funções cronicamente perturbadas, eram frequentemente destacadas como cármicas. Um homem que torturara e cegara outros na Pérsia estava agora cego. Uma mulher outrora atleta que ridicularizava os acima do peso estava agora compulsivamente acima do peso, enquanto uma que derramara muito sangue como governante no Peru estava agora anémica.

Não era fácil imaginar como as almas escolheriam tais dificuldades para si mesmas, até ao ponto de ficarem incapacitadas ou roubadas da experiência humana normal. Mas as leituras sublinhavam a realidade de tais escolhas, exortando muitos dos sofredores graves que vinham a Cayce a não culparem o destino ou os outros, mas a assumirem responsabilidade pela qualidade das suas vidas presentes limitadas e a iniciarem ação construtiva. Tais circunstâncias terríveis não deviam ser vistas como punição, embora as leituras notassem em citações bíblicas que «a lei do Senhor é perfeita, convertendo a alma», pois «Deus não Se deixa escarnecer, e o que o homem semear isso ceifará». Oportunidade era a chave, não reação cega à dor de uma roda de renascimentos.

Ao colocar a atenção o mais possível no bem-estar dos outros, podia-se transformar qualquer obstáculo em degrau para o crescimento da alma. De facto, o esforço para dar aos outros qualquer energia e amor limitados que restassem à disposição, mesmo de uma cadeira de rodas ou cama de doente, colocaria o indivíduo perturbado sob o que as leituras chamavam a lei da graça em vez da lei do karma. Pecados, que eram geralmente a base do karma restritivo como alguma forma de egoísmo ou indulgência, podiam ser verdadeiramente perdoados quando esse perdão era procurado num coração penitente e encenado num esforço constante de estender a mão aos outros. A

dificuldade podia ou não ser removida, mas o espírito de autocomiseração sofredora, e o sentido de distância de Deus e dos semelhantes, seriam removidos.

Em casos excecionais, a própria morte podia vir como misericórdia de Deus a um corpo atormentado pela dor ou a uma mente presa na escuridão. Algumas leituras descreviam uma morte exatamente nesses termos, auxiliada por orações concertadas de boa vontade de outros. Esta dificilmente era uma visão convencional de oração eficaz. Mas então, pouco sobre a visão de Cayce da alma e do seu destino podia ser chamado convencional.

A doença mental descrita nas leituras também podia exprimir karma, levando de uma vida para outra a oportunidade de escolher novos valores. Uma freira que condenara os outros com autojustiça estava agora de volta como alcoólica. Uma mulher que fora intolerante com os seguidores de Jesus há muito tempo, e mais tarde com os suspeitos de feitiçaria, estava aqui novamente com uma depressão crónica durante catorze anos. Alucinações, fobias, psicoses, defensividade neurótica, disfunção sexual eram por vezes rastreadas a temas cármicos, embora também tivessem componentes fisiológicos e psicológicos da vida presente. Menos ameaçadoras de contemplar eram oportunidades cármicas de atração por locais e interesses especiais. Frequentemente a paixão de alguém pelo Sudoeste, pelo oceano ou pelo campo agrícola era rastreada a experiências felizes lá em encarnações passadas. E o peso que outros sentiam sobre instituições como a igreja, o hospital ou os salões do governo era também por vezes atribuído a experiências passadas, com encorajamento a construir sobre o melhor dessa herança.

Hobbies e interesses especiais, de animais de estimação a moedas e até viagem e hipnose, eram escrutinados como preocupações de vidas passadas, frequentemente com dicas sobre como os desenvolver com segurança novamente, por vezes em vocações mas tantas vezes em interesses laterais refrescantes. À luz de tais padrões de oportunidades, os esforços de pessoas mais velhas para obter mais educação, ou para adotar novos interesses em anos tardios, talvez não fossem desperdiçados como muitos pensavam. Empreitadas começadas agora com propósito firme podiam ser colhidas na próxima vida.

Tornar-se a Lei

Qual era o propósito último de todo o vasto drama? Uma afirmação nas leituras sugeria a resposta. O objetivo final da alma, como visto neste conselho, não era a simples obediência, o motivo clássico de tanta fé ocidental, embora a obediência às leis da existência fosse aprendida vida após vida. Na linguagem

das leituras de Cayce, o objetivo não era apenas «guardar a lei» mas «tornar-se a lei». Cada um de nós era chamado a crescer rumo a responder amorosa, sabiamente, justamente aos predicamentos e desafios da vida, tornando-se não simplesmente pessoas bem-comportadas mas pessoas de estatura, em chamas com tal amor como o que Cristo conhecera.

Três dimensões de ganhos duradouros da alma emergiram nestas leituras: um estilo de vida cocriador apoiado por pactos e autoformação. Dando-lhes carne estavam três tipos de karma: talentos, textura e oportunidades. Era agora tempo de explorar como estes fios eram tecidos num caso iluminador: o passado e o presente de Edgar Cayce.

10 Sumo Sacerdote e Canalha, Guerreiro e Pastor de Almas

Os Cayce e Gladys não falavam frequentemente das suas vidas passadas, nem mesmo nas conversas leves de correio, refeições ou recados. Tocavam no assunto cerca de tantas vezes como outra pessoa poderia citar memórias de infância ou parentes ausentes. No passado tinham estudado com grande cuidado os seus perfis e interações dados nas leituras, mas agora a novidade fora substituída pelo desafio de viver as direções sugeridas, elaboradas pelos seus sonhos e pressentimentos. Evidentemente a reencarnação não era para eles uma causa, mas apenas um valioso pano de fundo para cada dia de vida, tal como a fisiologia e anatomia do conselho médico forneciam um pano de fundo para as suas escolhas diárias de comida e saúde.

Havia trocas leves sobre viver muitas vidas. Gertrude entrava a correr na sessão de leitura diretamente do correio e anunciava que acabara de fazer para si mesma uma pilha de mau karma por se zangar com um funcionário. Edgar comentava que era um «sanduíche de avô», porque o seu pequeno neto fora anteriormente o seu avô agricultor do Kentucky, segundo o relato de uma leitura. E haveria discussão animada quando uma leitura sugeria que alguém estivera centralmente envolvido nas suas próprias existências distantes. Tinham recolhido durante anos os nomes e identidades daqueles que foram doze conselheiros de alguém chamado «o Jovem Rei» no antigo Egito. Sete tinham reaparecido até agora em leituras de vida. O período egípcio em que a família sentia ter desempenhado papéis centrais era uma espécie de puzzle arqueológico para eles, e escutavam maravilhados novos fragmentos de padrões artísticos, religiosos, militares, políticos ou científicos desse tempo que podiam surgir cada mês.

Eu estava grato por uma voluntária trabalhadora, expansiva e brilhante no escritório, Mae Verhoeven, que arranjava tempo para me informar sobre as vidas

passadas e conflitos dos Cayce, passando em revista as suas leituras de vida comigo. A reencarnação era a sua especialidade, pois sentia que a ajudara a compreender tanto o que era difícil como excitante na sua própria vida, bem como no seu grande clã Gimbert de batistas do sul em Oceana próxima, onde o seu pai era um carpinteiro proficiente. Estava no início dos trinta, sem filhos, e a recuperar de um casamento anterior difícil (com um homem exigente que as leituras descreviam surpreendentemente como tendo sido Luís XIV de França, e ela uma das suas infelizes amantes).

Não particularmente feliz no seu presente casamento, entregava-se ao trabalho para Cayce com energia e estilo. Dotada de um rosto e figura marcantes, bem como de uma voz rouca de cantora de blues, pedalava vários quilómetros para trabalhar connosco todos os dias, muitas vezes de calções e com uma flor no cabelo, captando sorrisos e assobios de militares, que nunca deixavam de a notar. A sua presença vibrante parecia dar um impulso a Cayce, embora nunca presumisse da relação, apesar das indicações nas leituras de que fora sua companheira em mais do que uma vida. Recorria frequentemente a ela para pormenores, pois muitas das peças cruciais sobre as vidas anteriores de Cayce estavam em leituras dadas a outros, que se entrelaçavam com as suas próprias.

Para ela e para os Cayce, o facto central da vida presente de Cayce, o seu aconselhamento em transe, derivava fortemente das suas encarnações passadas. Esta visão não diminuía para eles o sentido de dom e privilégio no que ele fazia, nem a convicção de que exercia o seu talento numa relação viva com o divino ou as Forças Criadoras. Era antes uma forma de pensar na sua atividade invulgar como um processo legal em vez de um prodígio incompreensível. Outros que visitavam ou estudavam Cayce podiam associar a sua dádiva de leituras principalmente à hipnose, como fizera o seu biógrafo. Ou podiam associá-la à oração, sublinhando a sua experiência mística de infância, quando os seus talentos peculiares primeiro se manifestaram. Mas enquanto não negavam estes processos críticos, os seus pensamentos voltavam primeiro ao que ele fizera ou falhara em fazer noutros séculos e lugares.

O Legado Egípcio de Cayce

Nenhuma vida fora mais influente do que a egípcia, quando fora relatado ter sido um sumo sacerdote chamado Ra Ta ou talvez Ra-Ptah. A data geral atribuída pelas leituras para esta encarnação era 10 500 a.C., um tempo desesperadamente em conflito com a datação dos arqueólogos da Universidade de Chicago, que consideravam esse período nada mais do que a Idade da Pedra, mais de sete mil anos antes do início das trinta dinastias da alta cultura egípcia

em evolução. Parte da datação de Cayce era a sua identificação da Grande Pirâmide de Gizé, e da Esfinge associada, como tendo sido construídas na última parte do serviço de Ra Ta; os egiptólogos viam a mesma construção como tendo ocorrido sob Quéops, milhares de anos depois (c. 2634-2494 a.C.). Em anos posteriores, eu acharia a discrepância ainda mais gritante, quando passei tempo no Egito com a maior autoridade mundial no complexo de Gizé, Mark Lehner. Como alguém profundamente interessado nos relatos egípcios de Cayce, especialmente numa reivindicação repetida de que uma câmara de registos de civilizações anteriores como a Atlântida podia ser encontrada enterrada não muito longe da pata dianteira da Esfinge, Lehner mapeou cada centímetro da Esfinge e estudou o complexo associado da Grande Pirâmide.

Para seu desgosto, quase uma dúzia de anos de trabalho não revelou nada significativo que apoiasse a datação de Cayce. Em vez disso, encontrou muitos tipos de evidência para apoiar (ou apenas ligeiramente modificar) a visão histórica padrão. A mais reveladora das suas evidências provou ser a datação por carbono de fragmentos de argamassa contendo material orgânico, que ele extraiu à mão de fissuras profundas na Grande Pirâmide e noutras. Este trabalho não sustentava as leituras de Cayce, deixando-o a perguntar-se se o vasto corpo de material de Cayce sobre acontecimentos e personalidades egípcias do período de Ra Ta era apenas mitologia, ou talvez tivesse ocorrido nalgum reino de formas-pensamento, ou fosse modelado em especulações da Sociedade Teosófica sobre a Grande Pirâmide correntes no tempo de Cayce.

A história do passado relatado de Cayce no Egito, qualquer que fosse a sua verdade literal (aprendi mais tarde a ser cuidadoso no juízo, depois de os Manuscritos do Mar Morto terem dado uma luz diferente a outro aparente erro histórico), era pelo menos uma grande epopeia de aventura, comparável em extensão e lições morais às lendas arturianas. Pelas suas partes nesta história, Cayce em transe escolhera jogadores durante vinte anos com não pouca perícia. Quer na vida presente aqueles que recebiam leituras de vida fossem artistas ou artesãos, mães ou monásticos, comerciantes ou banqueiros, o relato de Cayce de muitos deles no Egito encaixava frequentemente bem nos seus talentos e interesses presentes, bem como nos seus conflitos e ambiguidades. Surpreendia-me quantos deles relatavam sonhos e devaneios de conteúdo egípcio, independentemente do que as leituras ofereciam.

Como jovem na região do Cáucaso (hoje na União Soviética e Turquia), longe a norte e leste do vale do Nilo, Ra Ta (assim relatavam as suas leituras) mostrara dons de liderança profética que incluíam instruir uma porção do seu povo a emigrar para o Egito em preparação para a iminente rutura da Atlântida e a

consequente necessidade de uma nova civilização. Segundo as leituras, Ra Ta estava a regressar ao Egito, onde fornecera liderança em 50 722 a.C. (ainda mais impensável para a arqueologia moderna) quando quarenta e quatro representantes de várias terras se reuniram para discutir como proteger os seus povos dos ataques de grandes animais como mamutes e tigres-dentes-de-sabre que invadiam a Terra. Esse problema fora resolvido apenas por um acidente da natureza, segundo as leituras, quando os polos da Terra se deslocaram e muitos dos animais congelaram. O Egito do tempo de Ra Ta era mais convidativo do que o Egito de hoje, com áreas muito mais amplas tornadas verdes pelas cheias anuais do Nilo.

O rei Ararat no Cáucaso seguiu o conselho do jovem sacerdote e levou o seu povo para uma montanha na atual Turquia, mais tarde nomeada em sua honra. Aí preparou cerca de novecentos dos seus súbditos para seguirem para o Egito sob o seu jovem filho e amigo do sacerdote, Arart, que fora pastor mas provara-se nas artes da guerra e da política. Acompanhando o cortejo não iam apenas guerreiros mas animais treinados para atacar: touros, ursos, leopardos e falcões.

Ainda mais estranhas eram as criações dos Atlantes conhecidas como "coisas": animais modificados para uma forma parcialmente humana, destinados a servir os humanos (figuras desse tipo que a lenda celebrara desde há muito em sereias e minotauros, e que eu viria a encontrar, décadas mais tarde, dramaticamente paralelizadas nos épicos cinematográficos de *Star Wars*).

Quando os invasores de aspeto feroz chegaram ao Egipto, o rei local, Raai, capitulou sabiamente após receber garantias de que os invasores não pretendiam um massacre em larga escala, mas sim um novo começo de acordo com os preceitos da Lei do Um (um de dois grandes ensinamentos e agrupamentos que se haviam difundido a partir da Atlântida, sendo o outro os Filhos de Belial). Arart tornou-se o primeiro dos "reis pastores" egípcios vindos do Norte, partilhando a sua autoridade com o sacerdote, agora com vinte e nove anos, e com um talentoso escriba e filósofo local, Aarat, popular entre os nativos. Desejando apaziguar a população egípcia, o rei invasor abdicou surpreendentemente em favor do seu filho, chamado Araaraat, de apenas dezasseis anos, que, como Jovem Rei, partilharia o poder com o escriba nativo e com um conselho de doze conselheiros ou "juízes".

A junção destas peças, tal como me foram contadas e descritas nas leituras, criou um elenco: pois não só Ra Ta era referido como o Cayce moderno, como o segundo rei pastor, ou Jovem Rei, era o seu filho moderno, Hugh Lynn Cayce, e o sábio local era Morton Blumenthal, principal filantropo do hospital Cayce, mas que acabaria por se tornar antagonista de Cayce nesse contexto.

Estavam em curso migrações a partir da Atlântida, com os emigrantes a transportarem uma tecnologia avançada que nem os egípcios nativos nem os invasores do Norte sabiam ainda utilizar. Outros vieram instalar-se na fértil região do Nilo (segundo o conselho de Cayce), provenientes de lugares tão distantes como a Índia, a Mongólia, a Pérsia, a Arábia, a Assíria e a Grécia, representando um enorme desafio para a liderança do Jovem Rei e para Ra Ta, a quem este recorria não apenas para orientação religiosa, mas para muitos outros tipos de conselho inspirado (abrangendo temas não muito diferentes dos tratados nas leituras atuais de Cayce, embora mais amplos).

Era um tempo não apenas de conflito étnico entre os grupos recém-chegados, mas também de discriminação racial e de casta, em particular contra as "coisas" humanoides cujos corpos exibiam apêndices animais, pêlo ou escamas.

No relato dramático das leituras, Ra Ta forneceu orientação sobre mineração, celeiros e armazéns comunitários, domesticação de animais selvagens (incluindo alguns que tinham sido usados como bestas de ataque, cujas semelhanças ainda hoje podem ser encontradas em artefactos egípcios), arquitetura e engenharia, transportes e eletricidade. Ajudou também a selecionar, com a sua invulgar capacidade de perceção extática, aqueles que possuíam talentos especiais necessários ao desenvolvimento da cultura emergente. E especificou a introdução da família monogâmica em substituição das habitações do tipo dormitório, com os sexos separados e reunidos sob auspícios do Estado para a procriação.

Tudo isto realizou ao longo de uma vida em desenvolvimento que, segundo as leituras, não era invulgar para a época, estendendo-se por várias centenas de anos. (Este pormenor não tornava mais fácil imaginar toda a saga.) Ra Ta foi particularmente responsável pelo desenvolvimento de dois templos em Gizé, perto do local atual da Grande Pirâmide e da Esfinge, cuja fusão humano-animal representava mais do que mitologia, na perspetiva das leituras. O Templo do Sacrifício foi descrito como um dos primeiros grandes hospitais e centros de saúde do mundo, onde os indivíduos não só recuperavam de doenças, como eram submetidos a cirurgias para remover apêndices indesejados, escamas ou penas dos corpos mal definidos criados pelos Atlantes. Nesse templo, a purificação psicológica e espiritual fazia igualmente parte da cura holística, que se estendia até à erradicação de preconceitos raciais, da luxúria e da violência.

O outro templo era aquele que as leituras comparavam a uma universidade moderna, o Templo Belo, onde os indivíduos já purificados recebiam formação em vocações e na arte de viver, sob uma tradição fortemente monoteísta.

Ra Ta viajou, prosseguem as leituras, para outras culturas desenvolvidas da época, recolhendo ideias e saber espiritual para o seu povo. Contudo, durante a sua ausência, alguns líderes dos templos e da política deixaram-se envolver não apenas pela avareza, mas também pelo que as leituras chamavam "os tachos da carne", de tal modo que, quando ele regressou e começou a purificar as atividades e o pessoal dos templos, fez inimigos. As massas eram-lhe devotadas, e esses líderes tiveram de encontrar uma forma ardilosa de o desacreditar. Escolheram um meio clássico de destruir o poder de Ra Ta: os encantos de uma mulher.

Uma bela bailarina, favorita do Jovem Rei (e agora Gertrude Cayce, como ela me explicou com um sorriso irónico e provocador), foi persuadida pelos sacerdotes a apresentar a Ra Ta um plano para acelerar a evolução de corpos mais perfeitos, projeto em que Ra Ta estava envolvido com parte da liderança dos templos. O aperfeiçoamento dos corpos interessava-lhe desde duas encarnações anteriores na Atlântida, em forma andrógina, combinando dois géneros num só corpo (outro pormenor difícil de imaginar), até que as vantagens da separação se tornaram evidentes. A bailarina, chamada Isris, deveria oferecer-se para criar com ele a criança perfeita. O resultado, comentavam ironicamente as leituras, foi que ele "caiu na armadilha da proposta".

Infelizmente para ele, uma das suas grandes reformas tinha sido a instituição do casamento e do lar por escolha e devoção, em vez da atribuição estatal para fins de procriação. Dera o exemplo através do seu próprio casamento. Ao tomar a bailarina como concubina, quebrou a sua própria lei. O ato enfureceu o Jovem Rei, que deixou que o seu ciúme pela bela bailarina influenciasse o seu julgamento, sob a pressão de alguns dos seus conselheiros, incluindo o sábio nativo. Baniu Ra Ta para o que é hoje a Líbia, com um séquito e associados num total de duzentos e trinta.

A bailarina foi com Ra Ta e acabou por substituir a sua esposa anterior. Mas o rei, por despeito, reteve a filha deles, Iso (hoje Gladys Davis, como ela explicou), que morreu em solidão aos quatro anos de idade. (Agora, parecia, o elenco estava completo.)

No seu novo país, segundo as leituras de Cayce, Ra Ta encontrou uma sociedade matriarcal pacífica, muito necessitada do seu conhecimento técnico e da sua orientação profética. Retirou-se para se sintonizar e, a partir de um estado semelhante ao da consciência atual de Cayce durante as leituras, orientou uma extraordinária série de realizações: a captação de energia

vulcânica e novos desenvolvimentos na geologia, horticultura, agricultura, medicina e astronomia.

De regresso ao Egipto, líderes de várias áreas tomaram conhecimento das suas realizações e apelaram ao seu regresso. Invasores atlantes com tecnologia superior planeavam tomar o controlo do país, e havia um consenso generalizado de que só Ra Ta poderia ajudar o Jovem Rei a enfrentá-los. Entretanto, o rei tinha sido confrontado com rebeliões, especialmente por parte de um grupo do Norte que praticava o culto animal e que se separara, formando um reino distinto. Sob pressão do seu pai, o rei mais velho que originalmente trouxera a multidão caucasiana para o Egipto, o jovem monarca convenceu Ra Ta a regressar.

A procissão foi triunfal — um acontecimento que Cayce sentia hoje ter recordado vividamente num sonho.

Mas Ra Ta envelhecera muito, e havia grande preocupação de que não pudesse fornecer a liderança necessária por muito tempo. A sua resposta foi recorrer a recursos elétricos e a outros meios provenientes dos dois templos que criara, numa tentativa inédita de rejuvenescer todo o seu corpo. Teve êxito, e seguiu-se um período de florescimento cultural que, segundo as leituras, influenciou (em parte através de líderes de séculos posteriores que recordariam vagamente as suas experiências egípcias) toda a história do Ocidente, bem como outras culturas tão distantes como a Eurásia, o Oriente e o que viria a ser as Américas, incluindo os Incas.

As casas individuais e as unidades familiares foram restauradas à sua proeminência anterior à desonra de Ra Ta, e às mulheres foram concedidas posições e privilégios avançados, desconhecidos nesta região. (Contudo, nos seus últimos anos, Ra Ta continuou a ter uma série de companheiras femininas, criando um padrão que o assombraria em vidas posteriores.) Desenvolveu-se um sistema de seguros sociais em larga escala, bem como associações profissionais ou sindicatos. A tecnologia domesticou o Nilo, e surgiram novos avanços na metalurgia e na energia elétrica, enquanto os dois templos produziram desenvolvimentos inéditos na medicina, incluindo dietas, cirurgia, fármacos, terapia artística e atletismo, a par de um elaborado sistema educativo com graus especializados.

Segundo as leituras, os princípios espirituais foram desenvolvidos com tal profundidade que contribuíram para as bases da formação do Judaísmo, do Cristianismo e do Islão, muito mais tarde, enquanto centros locais do Templo Belo eram mantidos em todo o reino para pôr os ensinamentos em prática.

Iniciou-se um fluxo de emissários entre o Egipto e as outras terras desenvolvidas da época, estendendo-se até ao Oriente, para partilha mútua de ideias religiosas e técnicas avançadas. Uma grande Biblioteca foi iniciada no local que mais tarde se tornaria Alexandria, e uma enorme pirâmide foi construída em Gizé ao longo de um período de trezentos anos, para servir de repositório dos registos da civilização e de local de iniciação para mestres espirituais. O seu designer e arquiteto foi uma alma altamente evoluída chamada Thoth, a quem os gregos mais tarde chamariam Hermes, e que um dia se tornaria Jesus.

Nas proximidades, a Esfinge e as estruturas associadas foram erguidas para guardar registos e artefactos dos templos, num local que as leituras descreviam como um dos três grandes depósitos desse tipo no mundo (e que, segundo as leituras, seria aberto em breve na era moderna, criando uma nova visão da história antiga que incorporaria tanto o período de Ra Ta como a Atlântida). Com o tempo, Ra Ta "ascendeu ao monte e foi levado", não como divindade, mas como uma alma altamente desenvolvida. Nessa altura, o seu nome já fora alterado para Ra, que a mitologia egípcia viria a associar muito mais tarde ao deus sol. E a sua consorte, Isris, tornara-se Ísis, ela própria destinada a surgir em mitos egípcios posteriores.

Qual foi o efeito de todo este rico relato, abundante em pormenores não verificados, sobre Cayce? Ele parecia levar o épico egípcio a sério, embora não de forma obsessiva, e este parecia ser um peso para ele. A saga transformava-o numa figura da história mundial, ou da pré-história, e colocava-lhe diante dos olhos uma enorme herança, enquanto ele se mantinha preso à rotina de classe média de um homem de família na América moderna. Sem dúvida, a dimensão deste drama tornava mais concebível a sua prática das leituras, como expressões de ganhos espirituais provenientes de um serviço antigo. Tal perspetiva podia ajudá-lo a aceitar o seu destino como vidente numa era sem videntes. Por outro lado, as suas circunstâncias presentes e limitadas, nas quais não detinha poder, não tinha assistentes nem tesouros, não celebrava cerimónias nem proclamava éditos, pareciam adverti-lo de que estava muito distante da sua estatura plena e da sua capacidade de serviço, num tipo de exílio mais doloroso do que aquele que supostamente o enviara, há muito, para a Líbia.

As suas leituras diziam-lhe agora que "teria de entrar novamente em 1998". Era difícil não perguntar se parte da sua determinação feroz em manter o fluxo das leituras no seu máximo não refletiria um desejo ardente de iniciar essa vida sem ter de compensar falhas da presente.

Poderia todo o panorama egípcio revelado pelas leituras ser uma viagem do ego de Cayce, concebida pelo seu inconsciente ao brincar com motivos arquetípicos? A centralidade, na história, de temas sóbrios como a infidelidade, a traição da confiança e o banimento parecia contrariar essa visão, tal como o desejo de Cayce de transformar a sua herança egípcia num serviço médico quotidiano. O grande drama egípcio, que as leituras descreviam como um dos principais fundamentos de todo o seu trabalho na vida presente, incluindo os seus esforços num hospital e numa universidade semelhantes aos dois templos antigos, não lhe era oferecido para vaidade. Pelo contrário, era-lhe apresentado — e por ele aceite — como um lembrete de que deveria voltar a procurar aquele alinhamento de aliança com o divino que fora seu enquanto Ra Ta.

Se alguma vez se viesse a provar uma verdade substancial neste relato complexo, poder-se-ia encarar o esforço de Cayce por alcançar uma autoridade responsável nesta vida — quer em poços de petróleo e num hospital, quer simplesmente ao dar-nos ordens no escritório — como uma tentativa de recuperar a antiga força, a antiga presença, a antiga estatura que outrora lhe pertencera quando lançou algumas das bases do monoteísmo ocidental. O seu impulso inquieto para assumir o controlo não seria então uma simples sede de poder, mas o desejo profundo de voltar a erguer-se como o homem pleno, o líder centrado, em vez de alguém cuja estatura só se completava quando estava ausente em transe.

Edgar Cayce seria, acima de tudo, uma alma em busca de uma herança perdida. As questões últimas aqui eram de textura, não de talento, pois, ao tentar no Egipto forçar o processo da evolução em direção a corpos mais perfeitos na versão branca que ele próprio exemplificava, violara a sua própria aliança com o divino e provocara aquilo que as leituras descreviam como a primeira grande revolta entre Igreja e Estado, quando se voltou para "os tachos da carne" com a sua concubina e criou "uma luta poderosa" na terra, através do seu "engrandecimento das luxúrias do corpo".

Lendo as cópias em papel químico amarelecido, sentado no meu banco numa abóbada de cimento, não muito diferente de uma câmara funerária, pensei que tinha diante de mim, pelo menos, um mito da realeza perdida da humanidade ou da queda da graça, incarnado em Cayce.

Rejeitar todo o relato teria sido mais fácil, não fossem os sonhos de Cayce registados ao longo de duas décadas. Neles surgiam múmias, pirâmides, grandes procissões, vastos salões, criaturas parcialmente humanas, tecnologia avançada e projetos sociais criativos. As leituras feitas a partir desses sonhos confirmavam que muitos elementos eram recordações reais do Egipto. Para um observador,

parecia que, se o seu inconsciente estivesse apenas a dramatizar durante a noite o épico que as suas leituras ofereciam, fazia-o com uma notável mestria e riqueza de detalhe. E as psíquicas da sua esposa, do seu filho, da sua secretária e dos seus colaboradores estavam a dramatizar a mesma história sob o mesmo encantamento. Além disso, as suas vidas em vigília revelavam alguns dos padrões efetivos sugeridos pelas leituras como tendo origem no Egipto, como, por exemplo, a por vezes estridente competição atual entre pai e filho, enquanto sacerdote e rei num mesmo círculo familiar, e a adoção da criança abandonada Iso, integrada na família na figura da secretária. Padrões freudianos mais familiares poderiam, naturalmente, explicar grande parte dessa mesma dinâmica.

Respondendo às minhas perguntas com reserva e o que me pareceu uma humildade palpável, Cayce deixou claro que aceitara a história egípcia proveniente das suas leituras como provavelmente exata, embora não sem vários anos de luta contra a sua inerente inverosimilhança quando esta surgira pela primeira vez. Contudo, lado a lado com esta imponente estrutura da sua herança, salientou ele, existia dentro de si, como uma bomba-relógio, um legado da América Colonial, muito mais próximo da sua vida presente e tão distante da liderança egípcia em qualidades morais e espirituais quanto o estava em séculos.

Patife no Novo Mundo

Referia-se a John Bainbridge, já citado em algumas leituras de vidas recentes a que eu assistira, nas quais se fazia o comentário seco: «Aqui temos mais um dos filhos ilegítimos de John Bainbridge». Sabendo quão pouco lisonjeiros eram estes episódios do passado de Cayce, rimo-nos ao ouvi-los e não hesitámos em apontá-los, em tom de brincadeira, assim que ele despertou do transe. As datas fornecidas para este material sobre Bainbridge eram tão contraditórias que as únicas explicações possíveis eram a imprecisão ou a existência de duas vidas diferentes com o mesmo nome e carácter geral (algo não invulgar nas leituras de vidas).

O ano era 1625, atribuído num comentário de uma leitura feita a partir de um sonho que surgiu a Cayce logo após desembarcar de um comboio, ao chegar a Virginia Beach em 1925. Numa observação impressionante sobre ciclos cármicos, foi-lhe dito: «Agora, neste primeiro, encontramos exatamente trezentos anos até ao dia, à hora, no tempo e espaço conhecidos no plano terrestre, desde que a entidade desembarcou neste lugar, percebe?». Os pormenores fornecidos, sobretudo em leituras feitas para outras pessoas, deixavam claro que Bainbridge fora um aventureiro ou soldado inglês que chegou à zona hoje conhecida como Virginia Beach (acrescentando-se: «Daí o chamamento constante da região

costeira») a caminho da vizinha Jamestown, onde o célebre capitão John Smith desenvolvera um povoamento a partir de 1607, fazendo amizade com o chefe algonquino Powhatan, cuja bela filha Pocahontas se tornaria lendária e acabaria por ir para Inglaterra.

No relato em transe, Bainbridge envolveu-se mais tarde numa ligação sexual irresponsável com uma mulher indígena chamada Estrela Nascente, meia-irmã de Pocahontas, sobre a qual uma leitura observava que «apenas através das inatividades e da pequenez deste Bainbridge a entidade perdeu então, ao perder a fé, a esperança e a confiança nos povos dessa cor». Outras leituras ligavam Cayce-como-Bainbridge aos sobreviventes da anterior colónia perdida da Ilha de Roanoke, onde nascera a primeira rapariga inglesa no Novo Mundo, Virginia Dare. A forma como Bainbridge morreu não foi relatada.

Por qualquer razão cármica, talvez para tentar corrigir padrões duvidosos do início da América colonial, Cayce surgiu noutra vida como John Bainbridge, na qual a data decisiva de 1742 — talvez a da sua chegada às colónias — foi fornecida numa leitura para si próprio, e não para outros. Foi-lhe dito que vagueara por «muitos dos cenários que a entidade experimentara», presumivelmente um século antes. Ao que parece, este Bainbridge era uma pessoa carismática, de talentos consideráveis, nascida na Cornualha, Inglaterra, e enviada para serviço militar no Canadá como punição por um crime. Fugiu do Canadá e chegou à Virgínia, novamente na zona de Virginia Beach, onde iniciou as suas viagens como aquilo que as leituras chamavam um «errante», um «aventureiro» e um «perdulário», acrescentando que «considerava apenas a si próprio», de tal modo que «muitos sofreram na sua esteira», através de «muitas escapadelas relacionadas com relações com o sexo oposto».

Entre as mulheres que alegadamente seduziu e utilizou estava a sua esposa atual, Gertrude, então uma mulher indígena de alguns recursos, cuja riqueza ele saqueou. Outra foi a nossa voluntária do escritório, Mae, com quem (explicou-me ela) viveu três anos turbulentos como jogador, na zona do Lago Michigan que, mais tarde, em 1803, se tornaria Fort Dearborn, precursor de Chicago. Ela, então chamada Mae Umbor, trabalhava numa sala de dança ou taberna. Nenhum deles se abstinha de favores concedidos a outros. A leitura falava da «atividade na estalagem conhecida como "Sabes — sabes…"».

Algures em meados da década de 1750, quando Bainbridge teria cerca de trinta e cinco anos, franceses e indígenas uniram-se para destruir o povoado durante as Guerras Franco-Indígenas iniciadas em 1754, tal como os indígenas voltariam a destruir o forte real sob incentivo britânico em 1812. Bainbridge, a sua amante e outros fugiram para salvar a vida, esperando alcançar a região das

marés da Virgínia, onde Bainbridge se sentia seguro. Chegaram apenas a uma jangada, cercada por indígenas em canoas e por flechas a voar, no rio Ohio, onde Bainbridge perdeu a vida por afogamento, não sem antes ajudar Mae a salvar a sua.

O único talento digno de nota que as leituras atribuíram a esta vida desperdiçada foi a capacidade de lidar com pormenores, especialmente no cumprimento de instruções fornecidas por outros.

Como poderia uma alma que fora o visionário e transformador cultural Ra Ta ter chegado a este estado? A resposta das leituras foi fornecida em parte através de relatos das vidas intermédias de Cayce. Mas um comentário numa leitura especial era provocador: «Como Bainbridge, a entidade na jornada material foi um perdulário, alguém que considerava apenas a si próprio; teve de conhecer os extremos da sua própria experiência, bem como a dos outros». O Cayce que estava diante de nós, com o seu intenso amor pelas pessoas, as suas emoções fortes e tendências para os extremos, poderia, de facto, ser visto como alguém capaz de experimentar quase tudo para ver aonde isso o levaria, testando os limites da sua licença e sondando as profundezas da condição humana.

O fotógrafo que produziu retratos tão competentes que lhe valeram prémios regionais poderia, teoricamente, abrir a lente da sua alma a tudo o que lhe chamasse a atenção, num amor pelas experiências em si mesmas, tal como Jung descreveu como característico dos intuitivos preocupados com as possibilidades não racionais da experiência humana, mais do que com a avaliação e o sistema.

Qualquer que seja a verdade neste relato pouco inspirador dos dois Bainbridges, Cayce tinha as suas próprias recordações em vigília que lhe pareciam confirmá-lo. Pensava recordar-se de operar um jogo de conchas numa feira e de fazer efetivamente a ervilha saltar de concha em concha por intensa concentração. Ganhara dinheiro então, mas perdera a capacidade de influenciar não apenas objetos simbólicos, mas a própria cura da carne, que fora sua noutras vidas. Tudo o que agora conseguia fazer, contou-me um amigo meu, capitão do Exército, era esfregar verrugas e fazê-las desaparecer; demonstrou-o num sujeito voluntário, mas surpreendido.

Do mesmo modo, pensava recordar-se de estar terrivelmente faminto na jangada do rio onde encontrou a morte como o segundo Bainbridge, incapaz de desembarcar para obter comida devido a indígenas hostis. Levou-me a uma barbearia próxima, onde o pequeno filho do barbeiro, quando estava com sono, lhe oferecera um dia uma dentada da sua sanduíche, comentando que ele e

Cayce tinham passado muita fome naquela jangada. O barbeiro ficou espantado, mas para Cayce pareceu tratar-se de uma recordação mútua entre ele e o rapaz.

Mais vívidos eram alguns dos sonhos de Cayce sobre violência e sedução, nos quais o enredo poderia ajustar-se aos sonhos de qualquer pessoa, mas os adereços eram roupas coloniais, armas e cenários como cidades de fronteira, tendas de jogo e barracas de feira.

A revelação destas vidas a Cayce, juntamente com as impressões que pareciam confirmá-las, teve um efeito disciplinador e até desalentador sobre ele. Se o relato fosse exato, traíra a sua herança egípcia. Agora tinha algo a reparar, bem dramatizado por versões de um sonho recorrente em que tentava trazer de volta à vida a múmia egípcia de uma jovem nobre, presumivelmente um emblema da sua própria criatividade verdadeira, tal como os sonhos com o sexo oposto frequentemente representam.

Além disso, as biografias de Bainbridge alertavam-no de que, nesta vida, impulsos e desejos indesejáveis poderiam apoderar-se dele. «Para muitas pessoas», observava uma das primeiras leituras que fez sobre si próprio, Cayce pareceria hoje «muito contraditório no pensamento, na ação e nos feitos», «muito excêntrico em muitos aspetos» e exibindo «muito pouco de moderação», ao mesmo tempo que despendia grande energia em tudo o que empreendia, por vezes trazendo «elementos destrutivos e incompreensão».

Se se revelasse incapaz de se controlar melhor do que o fizera como Bainbridge, encontraria o seu temperamento (que eu já experimentara) a traí-lo, pois a sua «ira traz incompreensão». Contudo, se conseguisse manter uma ação positiva nesta vida, poderia tornar-se «a grande força dinâmica» do presente, alcançando sucesso em quase qualquer área de atividade, «especialmente nas artes de cura ou nas artes espirituais superiores».

As leituras sobre o karma de Bainbridge não poupavam críticas, repreendendo-o pelas suas explosões atuais e pela constante preocupação, bem como por comer «tanto como um porco», e observando o ardor dos desejos físicos nos seus sentimentos por uma jovem ajudante de escritório do passado. O legado da sua vida na América colonial poderia detonar dentro dele, causando danos a si próprio e aos outros.

Ilegítimo em França

Como que para sublinhar quanta miséria uma parentalidade irresponsável poderia gerar, uma pequena e triste vida em França foi relatada numa leitura da sua própria vida, surgindo precisamente entre as duas datas de Bainbridge. Aí

era visto como um filho ilegítimo — embora definitivamente um «filho do amor», insistiam as leituras — da segunda filha do último monarca absoluto, Luís XIV (1638-1715), e da rainha Maria Teresa de Espanha (Maria Teresa da Áustria), num casamento de conveniência política que incluíra várias amantes do rei.

Aos dezassete anos, a bela jovem filha, chamada Gracia na língua da mãe (e a mesma alma que viria a ser Gladys Davis mais tarde), apaixonou-se pelo primo do rei, algo libertino, o Duque de Iorque, de Inglaterra. Embora casado, foi descrito como tendo realmente amado Gracia, ainda que por pouco tempo, abandonando-a depois com o seu filho, uma encarnação passada de Cayce chamada Dale ou Dahl. Como a criança, apesar de ilegítima, podia ser usada por outros como pretendente aos tronos francês ou britânico, ela e a mãe foram afastadas da corte francesa. A vida da criança foi poupada, mas a mãe foi forçada a entrar para um convento aos vinte anos, onde o seu coração definhou de saudade do filho, desenvolvendo uma desconfiança dos homens que continuaria na sua vida moderna americana.

Dez anos mais tarde, o seu amante regressou a França, já não como duque, mas como o rei Jaime II de Inglaterra, autorizado a permanecer ali até à morte, não sem tentativas de recuperar o trono. As leituras não relatam que os dois se tenham reencontrado, mas sim que Gracia morreu de coração partido no convento aos trinta anos.

No relato das leituras, a criança sofreu de profunda saudade da mãe, uma torção cármica que repetia a angústia da sua jovem filha egípcia, Iso, deixada para trás quando fora banido para a Líbia; a mesma alma era agora a sua mãe francesa perdida. Do ponto de vista das leituras, esta foi uma vida em que a alma deveria crescer em força de carácter e textura da personalidade através do sofrimento. Aparentemente, a sua posição na vida poderia ter-lhe proporcionado um potencial significativo de liderança na idade adulta. Em vez disso, a criança morreu aos cinco anos, num processo que a leitura chamou de «vacilação» e que parecia sugerir uma retirada mais ou menos deliberada do corpo (não muito diferente do que acontecera numa encarnação troiana anterior de Cayce).

Ainda assim, o rapaz levou consigo um certo compromisso com princípios e uma compaixão pelas crianças, que em Cayce se manifestaria como o clamor do seu coração para ser útil às crianças na sua primeira experiência mística. Contudo, o pequeno Dale não aprendeu o suficiente nesta vida breve para impedir a alma dos excessos daquilo que as datas sugerem ser a segunda encarnação inglesa como Bainbridge, pouco tempo depois, quando a autocomiseração zangada poderia transformar-se em egocentrismo.

Guerreiro — Governante na Pérsia

O Ra Ta de há muito e os John Bainbridge das colónias e da fronteira representavam (na perspectiva das leituras) dois pólos do Edgar Cayce moderno, não apenas como retratos do passado, mas como tendências atuais muito vivas nele, moldando não só os seus talentos, mas a sua própria pessoa, e assinalando as oportunidades e relações que atrairia para si. O que proporcionava agora a integração central entre esses pólos? Várias vidas intermédias, segundo as suas leituras, forneciam a dinâmica necessária. Nenhuma foi mais decisiva do que a de um rei-guerreiro, ou governante de uma cidade antiga situada sobre rotas comerciais de longo alcance na Pérsia, perto da moderna cidade iraniana de Shustar (onde, acrescentavam, os seus ossos preservados ainda poderiam ser encontrados hoje numa gruta).

Depois da longa permanência de Ra Ta no Egipto, para a qual fora indicada uma data aproximadamente central de 10 500 a.C., surgiu uma vida como Uhjltd (pronuncia-se "yoolt"), cuja datação nas leituras era ambígua, mas improvável para um período tão recuado como 8000 a.C., como Gladys estimou. A leitura descrevia-o, no auge da sua liderança, como alto e direito, com sobrancelha pesada, acrescentando que todos os que o encontravam sentiam que estavam a ser "ouvidos por um mestre, uma figura entre os homens". Quando Cayce falava desta vida persa, por vezes eu tinha a sensação de que sorria por dentro, como se esta fosse a sua crónica pessoal preferida — e a menos falhada.

Desta vida, o seu conselho em transe fazia derivar o seu "amor profundo pelos outros em quaisquer posições ou etapas da vida" (uma qualidade que eu já observara) e acrescentava que esta encarnação lhe trouxera "a maior força no plano terrestre presente", através da expressão de capacidades psíquicas e ocultas na sua ajuda médica, trazidas dessa vida.

Cayce, enquanto Uhjltd, começou a sua vida como guerreiro — uma vocação que de nada lhe valeria como Bainbridge, o soldado inglês que partiu para o Novo Mundo. O seu povo, largamente nómada, envolvia-se em incursões e guerras contra povos, tribos e nações circundantes, embora fosse a riqueza lendária do governante, bem como a sua crueldade, que atraía guerreiros como o seu irmão, Oujida. Oujida capturou a filha adotiva do rei de uma dinastia que um dia daria Croesus (m. 546 a.C.) e acabou por fazê-la sua esposa, apenas para a ver suicidar-se depois de dar à luz uma filha, Inxa. Essa filha era a mesma concubina egípcia que fora a perdição de Ra Ta no Egipto (destinada um dia a ser Gertrude Cayce); agora abandonada, provava a dor do abandono que ela própria infligira à jovem egípcia Iso. Inxa cresceu bela e capaz de dominar os outros com o encanto do seu olhar, nem sempre com sabedoria (o mesmo olho que, muito

mais tarde, perderia como Gertrude Cayce — se o relato nas leituras não fosse pura fantasia).

Aos trinta e três anos, após um período de estudo da cura no Egipto, a terra da sua mãe, Uhjltd tomou uma ousada iniciativa em direção à paz e ao comércio, cavalgando sozinho até ao reduto do rei. Às portas, encontrou e recebeu oferta de ajuda de uma jovem encantadora, Ilya, destinada a ser sua amante e rainha. (A história identificava-a como a alma que fora sua gémea na Atlântida e que um dia seria Gladys Davis; tinha dramatismo suficiente para se tornar um argumento de cinema — como, a pedido, uma leitura posterior diligentemente a desenvolveu.)

A traição levou a que fosse feito prisioneiro, em vez de tratado como emissário de paz, mas Ilya acabou por se tornar sua aliada e orquestrou a sua fuga, descendo-o pela muralha de uma torre. Por esse ato, ela e uma companheira foram empurradas da mesma muralha. Uhjltd resgatou-as e levou-as para um oásis no deserto, onde recuperaram praticando a cura que ele aprendera. Ao encontrar um irmão mais novo, soube que os seus próprios homens se tinham voltado contra ele, mas teve uma visão de que ali edificaria aquilo que viria a chamar-se "a Cidade nas Colinas e nas Planícies", ou Is-Shlan-doen, como um grande centro de cura e comércio. Nessa noite consumou-se o seu amor, descrito com uma ternura invulgar numa leitura entre as que Gladys me deu para estudar.

Com os corpos oleados e compostos com a água da nascente da gruta, recolhem ao seu leito de peles e ali observam o lento afundar do sol sobre as areias do deserto. E, nesta hora que se apaga, encontram pela primeira vez a resposta de corpo a corpo no despertar da alma, enquanto se fundem num só; oferecendo então ao mundo um dom: aquele que, na forma e na estatura do grande líder, trouxe ao mundo a primeira filosofia de vida e amor, nascida desta união.

O líder aqui descrito era o filho deles, Zend, uma encarnação precoce da alma de Cristo, cuja descendência, por sua vez, seria chamada Zoroastro, seguida gerações mais tarde por outro do mesmo nome (florescendo no século VI a.C.), que traria a fé monoteísta persa do Zoroastrismo, ou religião parsi, na sua vida e nos ensinamentos do livro sagrado compilado a partir de tradições muito antigas, o *Zend Avesta*.

Uhjltd recrutou auxiliares no Egipto, para onde viajava numa espécie de exílio, muitas vezes meditando sobre as areias e os céus. Em resultado da sintonia espiritual que lhe vinha naturalmente, desenvolveu-se como mestre,

curador e, com o tempo, governante. Usou métodos de irrigação trazidos do Egipto, localizou pedras preciosas e minerais, e a cidade prosperou. Emissários vieram de muitas terras para estudar os métodos aqui usados, tal como tinham estudado os de Ra Ta no Egipto. Nas palavras das leituras, Uhjltd era "um excelente mestre", cujos ensinamentos foram mais tarde preservados na célebre biblioteca de Alexandria antes do seu incêndio. Através da sua sintonia no deserto — não muito diferente da dos profetas hebreus que surgiriam séculos depois — desenvolveu a capacidade de obter orientação para além de si mesmo, levada para a sua vida presente como Cayce na aptidão "para ajudar, aconselhar, orientar", até mesmo "falar como oráculos a esse Trono" do Altíssimo.

O rei persa, naturalmente, não ficou satisfeito com estes desenvolvimentos e empreendeu várias incursões contra a cidade, mas viu o seu próprio reduto conquistado por Uhjltd e foi forçado a abdicar em favor do seu jovem filho, que negociou uma paz mais próspera, embora temporária. Foram depois mercadores gregos que cobiçaram a cidade e conceberam um plano para a infiltrar com a ajuda da corte persa. Vieram primeiro jovens gregas, bem acolhidas. Seguiram-se jovens homens, e ficou preparado o cenário para o assassínio e a conquista. Quando Uhjltd e Ilya fizeram uma visita oficial à longínqua corte persa, foram mortalmente feridos. Ela foi decapitada, e ele foi deixado a morrer no deserto.

Uma leitura observava que a mulher passaria a temer facas para sempre (algo verdadeiro no caso de Gladys Davis) e que o homem desconfiaria das amizades (verdadeiro no caso de Edgar Cayce, na medida em que mantinha uma certa reserva até com os seus associados mais próximos). No entanto, ele levou três dias a morrer e Uhjltd, através de intensa concentração, conseguiu elevar-se acima da dor do corpo, lançando as bases do estado de transe em que Cayce entraria para o seu serviço de cura muitos séculos mais tarde. Não conseguiu, porém, elevar-se acima do ódio pelos gregos traidores e, na sua encarnação principal seguinte, surgiu em Tróia como inimigo dos gregos, um guerreiro "com vingança, tentando arrasar". O funcionamento do karma, permitindo à alma a lição que escolheu até ao próprio fim da vida, parecia aqui dramatizado — num percurso que, de resto, fora exemplar na antiga Pérsia.

Uma leitura invulgar nos arquivos encorajava Cayce a jejuar num momento de decisões difíceis nesta vida, dirigindo-se a ele de forma excepcional como "Ó Sacerdote, ó Rei", evocando tanto Ra Ta como Uhjltd como realidades presentes nele. Da experiência persa, sentia que conseguia localizar a verdadeira autoridade, a presença régia, que aqueles de nós à sua volta viam quando ele

estava no seu melhor, e pela qual os seus sonhos mostravam que ansiava interiormente. Se, como Ra Ta, fora um canal, um recipiente de conhecimento e orientação assombrosos (mas não plenamente no comando de si próprio e dos outros, inclinando-se para o inconsciente em detrimento de uma personalidade individuada e de uma força de ego), encontrava em Uhjltd o complemento necessário: um homem de ação capaz de recorrer ao mundo interior, mas sem ser possuído por ele. Se, em textura, Ra Ta estivera à mercê da sua própria natureza de filho-amante-reformador, atraído pelo feminino como conquista e veículo, Uhjltd era também pai-provedor, encontrando no feminino uma companheira e par à altura.

Para os associados mais próximos de Cayce no presente, que conheciam as suas vidas passadas, a encarnação persa parecia uma herança em torno da qual se podia congregar: uma estrutura sobre a qual esculpir o seu serviço atual nas leituras médicas; ele já fizera tudo aquilo antes — e fizera-o ainda melhor. Ajudá-lo a construir um hospital e uma universidade inteira parecia razoável. A sua liderança de há tanto tempo, quando não poucos (incluindo a minha esposa e eu) foram informados de que tinham estado com ele, fora inteira e equilibrada, tão política quanto intelectual, com as suas melhores energias concentradas em ajudar os outros na dor.

No entanto, para Cayce parecia que o drama dessa vida aumentava o seu sentimento de exílio no presente. Levava-o a sério, mas o preço tinha de ser não apenas uma espécie de nostalgia, mas até indignação por se ter afastado tanto disso e por agora ter de continuar o trabalho no estado quase ridículo de estar inconsciente duas vezes por dia. Em momentos em que andava de um lado para o outro, fumando um cigarro em baforadas irritadas, parecia plausível que tivéssemos nas mãos realeza sem poder, recordando um património perdido. Lembrei-me do Rei Lear na charneca e perguntei-me o que Cayce daria para desfazer o que via como os seus excessos de Bainbridge.

Químico e guerreiro em Tróia

Quando as leituras de Edgar expuseram a sua vida seguinte em Tróia, colocaram-no no palco iluminado da história — embora, é certo, da história homérica dos séculos XII e XIII a.C., que poderia ter permanecido lenda e mitologia, não fosse a visão arqueológica moderna e o trabalho de Schliemann, mostrando quanto de Homero exige ser levado a sério. O conselho em transe de Cayce situava-o na cidade sitiada pelos gregos durante nove anos, que procuravam recuperar a bela Helena de Páris, que a afastara do marido, o rei Menelau de Esparta.

As datas dadas eram de 1158 a 1112 a.C. (seguindo a correção de Church, o cronista imaginativo das vidas passadas de Cayce), com a morte a ocorrer aos quarenta e seis anos para Xenon, a reencarnação de Ra Ta e Uhjltd. Esta vida destinava-se a ensiná-lo "força, o poder de resistência face à adversidade", precisamente aquela plena identidade e aquele saudável desenvolvimento do ego que pareciam esmagados por forças transpessoais no Egipto, mas tinham sido construídos na Pérsia. Porém, não foi esse o resultado; aconteceu precisamente o contrário.

Heitor de Tróia surgia retratado de forma menos favorável nas leituras e Aquiles, o atacante grego, de forma mais favorável, do que talvez Homero os tenha pintado. Estudar os relatos destes homens — mais conhecidos na poesia do que na história estabelecida — conduziu ao choque de encontrar as leituras a atribuírem a Aquiles uma vida posterior como o antagonista de Ra Ta no Egipto, o sábio local que fora elevado para partilhar o poder com o Jovem Rei e que trabalhara para o banimento do sumo sacerdote. Isto significava que estávamos a ver, como Aquiles (explicavam os Cayce), uma encarnação de Morton Blumenthal, o corretor moderno que primeiro fora benfeitor de Cayce e depois seu inimigo implacável ao desmantelar o Hospital Cayce.

Seria de esperar que as leituras de vidas colocassem Morton em pontos decisivos da saga das vidas passadas de Cayce, pois era evidentemente um homem brilhante e profundo, apaixonado nas suas convicções (como eu confirmaria quando mais tarde o entrevistei). Mas dar-lhe um papel lendário na história do Ocidente forçava a credulidade, mesmo face a acontecimentos em grande escala como aqueles que o épico de Ra Ta desenrolava.

Heitor também surgia no relato das leituras, como o filósofo-impressor muito lido que levou Cayce para Dayton, Ohio, e dele arrancou as primeiras leituras de vidas e toda a perspetiva da reencarnação. A questão de saber se Cayce, em Tróia, tivera realmente conhecido estes dois guerreiros clássicos da Antiguidade tornava-se mais aguda para ele por causa de um sonho em que viu, com a vividez e o detalhe sangrento de um fotógrafo, como se lá estivesse, a destruição de Heitor, arrastado em torno de uma arena atrás do carro de Aquiles, com o cérebro esmagado contra uma pedra.

A história de Uhjltd renascido como pessoa era mais fácil de imaginar do que o relato épico troiano. O jovem Xenon era «primeiro o estudante; o estudante de química, o estudante de mecânica, o estudante dessas coisas nas artes» e, no entanto, mais tarde foi «forçado, contra a própria vontade [da alma], a uma participação ativa num conflito aberto». Ao passo que as memórias do Egipto e da Pérsia sugeriam inicialmente uma aptidão para a química e para a escultura, o

chamamento do guerreiro parecia recuperar a nota em que a encarnação de Uhjltd terminara: um estado de violência e vingança.

Xenon foi colocado responsável pela porta de Tróia e demonstrou repetidamente a sua perícia a repelir os invasores. Depois, os astutos gregos deixaram o seu grande cavalo de madeira à porta e retiraram-se nos seus navios. Aquilo era uma «subtileza que não tinha sido experiência da entidade», Xenon, e, confiando demasiado na sua própria proeza, em vez de na orientação espiritual através «das capacidades do eu para manter essa unidade» com o divino, permitiu que o cavalo fosse trazido para dentro; de imediato os invasores saltaram de lá e derrubaram a cidade. Xenon tornou-se «um proscrito, como alguém desonrado, como alguém de quem pouco se pensava: acabando por perder-se a si próprio através da autodestruição». O suicídio foi a sua saída, um ato sombrio em que o guerreiro se impôs ao potencial líder que também vivia nele.

As consequências para a alma que mais tarde se tornaria Cayce foram cruciais, segundo as leituras. Depois de profetizar que algumas pessoas do período de Tróia voltariam a ser encontradas (como, de facto, Blumenthal como Aquiles), a primeira leitura de vida para Cayce prosseguia: «E esta é a grande barreira, a grande experiência que a entidade tem de enfrentar no presente», procurando «uma regeneração a partir disso». O modo, sob provações comparáveis de vergonha e remorso, seria o mesmo para todas as almas: «Nele põe a tua confiança».

Ao que parece, o suicídio causara um dano real no crescimento da alma, na perspetiva das leituras, deixando uma ferida de falta de confiança que poderia corresponder ao que, por vezes, encontrávamos como a fome de atenção e de confirmação em Cayce, logo abaixo da superfície da sua personalidade. E a autopunição do suicídio ampliara, indicavam as leituras, uma tendência para um «génio rápido», com explosões «inesperadas» mesmo contra aqueles que lhe eram mais próximos.

Uma série de leituras feitas em Dayton, quando ele primeiro se deparou com o conceito de reencarnação, notara «as forças ultra, Úrano e Neptuno, fortalecidas em Júpiter e Mercúrio». Aquilo que lhe permitira avançar tão longe no serviço no Egipto e na Pérsia podia empurrá-lo com igual força para outras direções menos promissoras. Mencionando a sua predisposição para romances secretos, a leitura resumia que, sem referência à atividade da sua vontade (que, nesta perspetiva, era sempre decisiva), Cayce tenderia no presente a ser «sempre muito bom ou muito mau, muito perverso ou muito dado a boas obras». Seria «ultra em todas as forças», tornando-se «muito pobre ou muito

rico» e «escalando alturas de capacidade e aptidão intelectual, ou rastejando nas borras da condenação pessoal», sendo esta última visível em Tróia e não ausente de Bainbridge.

A mesma leitura, contudo, assegurava-lhe que encontraria a «maior força nas forças espirituais e no desenvolvimento», e que era possível para ele «tornar manifesto muito das forças psíquicas e ocultas» a fim de «trazer alegria, paz e tranquilidade às massas e multidões através de esforços individuais». O aviso, neste retrato pessoal de um vidente ao serviço de indivíduos, era severo. Mas a promessa soava cristalina.

Cayce raramente se referia à vida de Tróia; ainda assim, os poucos comentários que fez sugeriam que sentia que as lutas públicas centrais da sua vida — na construção e perda do hospital que tinha o seu nome — provinham em parte de ter falhado na sua liderança há muito tempo. Em contraste, pouco do que era proeminente em Cayce parecia ligado ao que foi descrito como uma breve encarnação grega como Armitidides, o químico, sob Aristóteles. Aí, a alma que viria a ser Cayce conheceu Alexandre, o Grande — de quem Aristóteles foi tutor — e sobre quem as leituras diziam que tinha a capacidade de fazer do mundo uma só nação, mas que, em vez disso, «se desgovernou» ao usar o seu poder para exaltação própria. Esta era a alma que voltaria a surgir como Thomas Jefferson.

Nessa mesma encarnação com Aristóteles, conheceu também a governanta de Alexandre, filha de Sócrates, hoje a sua esposa Gertrude. Nessa vida, ela desenvolvera o poder do raciocínio (algo que todos nós à volta de Gertrude conhecíamos bem), mas encontrava-o por vezes em conflito com os seus melhores impulsos espirituais, necessitando de reconciliação através de maior atenção ao «silenciar interior», para que os «maiores poderes» pudessem emergir.

Pastor de almas na Ásia Menor

A vida seguinte descrita para Cayce mostrava fortes elementos gregos em continuidade, mas tinha o seu início no Norte de África, como se a alma estivesse a tocar de novo as suas raízes egípcias. Lúcio nasceu em Cirene, hoje Líbia, para onde o antigo Ra Ta fora exilado. Em jovem, mudou-se com o seu pai grego e romano, abastado, e com a sua mãe judia, para a Ásia Menor, na cidade de Laodiceia, famosa pelas suas cabras negras e pelo comércio, e não longe de Éfeso e Antioquia.

O período foi contemporâneo da vida de Jesus e da época da Igreja primitiva, e Lúcio assistiu, antes de morrer, à destruição romana de Jerusalém no ano 70 d.C., bem como ao martírio generalizado de cristãos.

Se a vida de Ra Ta dramatizara para Cayce as origens do seu invulgar talento de aconselhamento, enriquecido por novo uso na Pérsia, e se a vida como governante Uhjltd dramatizara para ele a melhor textura da sua pessoa e da sua masculinidade, então foi a vida de Lúcio que simbolizou o centro espiritual do seu percurso. Quando Cayce falava desta vida, fazia-o com assombro e alegria — não tanto pelos seus feitos pessoais de então, mas pelo facto de ter estado com Jesus durante grande parte do ministério «do Mestre», chegando mesmo a ser enviado por ele como um dos setenta comissionados para curar e ensinar em seu nome.

Conhecer a vida devocional de Cayce e a sua fé pessoal profunda, enraizada na Bíblia que amava e ensinava, ajudou-me a perceber por que razão a vida de Lúcio significava tanto para ele. Parte do seu espanto e gratidão por essa permanência residia na certeza, dada pelas leituras, de que Lúcio teria tomado materiais recolhidos pelo irmão da sua mãe, Lucas, o médico, e teria efetivamente escrito o evangelho atribuído a Lucas, pela semelhança dos nomes, juntamente com o *Livro dos Actos*. No entanto, Cayce não fazia hoje grande alarde nem reivindicações especiais sobre essa suposta contribuição. O que importava muito mais era o fortalecimento do seu sentido de companheirismo com o Jesus vivo.

Não raras vezes, os seus sonhos colocavam-no em aventuras com Jesus que o tocavam profundamente. Mas também os seus momentos de oração lhe traziam o que ele sentia serem encontros genuínos com o Cristo vivo, tipicamente assegurando-lhe: «Não tenhas medo; sou eu», quando Cayce se via esmagado pelo privilégio do encontro. Houve outras ocasiões em que o homem em transe baixava subitamente a voz e, num tom de profundo respeito, avisava os presentes de que «o Mestre está aqui» ou «o Mestre passa».

Ninguém próximo de Cayce podia duvidar de que a pessoa de Jesus era central para os seus valores e relações mais preciosos. Nem de que Cayce sentia que o seu trabalho estava inteiramente subsumido num processo mais amplo — que também envolvia outros, nos seus próprios caminhos — de «preparar o caminho» para o regresso de Jesus à terra, em tempos modernos, no seu corpo ressuscitado.

Ao assumir essa relação, a vida de Lúcio parecia concentrar-se nas correntes espirituais mais profundas da alma de Cayce, segundo as suas leituras. Essas

correntes, dizia-se, recuavam até à sua primeira aparição na terra, há milénios, quando «as estrelas da manhã cantaram juntas» e «o homem se tornou alma vivente». E recuperavam o único fragmento de experiência hebraica citado pelas leituras para Cayce (embora pudesse ter havido outros, já que as leituras selecionavam apenas os que consideravam mais úteis para a sua vida presente).

Quando estava prestes a enfrentar o equivalente a uma prova de fogo na perda do seu hospital e na alienação de alguns dos seus apoiantes, Cayce sonhara que estava com «o Sr. e a Sra. Lot» em Sodoma, acompanhando-os na fuga e observando, horrorizado, quando a mulher foi atingida pelo calor, como «viera do fogo do céu» que todos eles enfrentaram. Uma leitura feita sobre esse pequeno sonho vívido afirmava que ele estivera de facto lá, como mensageiro enviado para avisar Lot, e que sobrevivera à tragédia. A memória onírica viera, disseram-lhe, para o preparar para o seu próprio sofrimento pessoal, ligado ao hospital.

Dada a profunda ligação de Cayce à fé bíblica, as circunstâncias em que recebeu a encarnação de Lúcio eram estranhas. Todas as outras vidas principais foram especificadas em 1923, pouco depois de ele se deparar com o conceito de reencarnação no seu próprio aconselhamento, enquanto vivia em Dayton, Ohio. Mas só em 1938, quinze anos mais tarde, quando tinha sessenta anos e vivia em Virginia Beach, a experiência de Lúcio emergiu, primeiro citada incidentalmente numa leitura de vida para outra pessoa.

Quando se pediu uma explicação para o atraso, a fonte em transe de Cayce comentou, de forma pouco lisonjeira, que ele «ter-se-ia ensoberbecido» se a vida do Novo Testamento tivesse sido dada mais cedo. Contudo, quando eu vim a conhecer Cayce, cinco anos após a revelação, ele não dava sinais de arrogância com base no relato de Lúcio; via essa vida, antes, como um desafio a maior crescimento e serviço, pois tinha sido um percurso não isento de falhas de carácter e problemas.

Lúcio começou a sua vida de forma pouco auspiciosa como soldado de fortuna e um «desregrado», presumivelmente retomando as aventuras militares da Pérsia e de Tróia. Mas, nas suas viagens na Terra Santa, Lúcio ouviu Jesus pregar e tornou-se um «seguidor», inicialmente com a intenção de participar no que via como uma rebelião iminente contra Roma e as suas legiões. Talvez por essa motivação duvidosa, bem como pelo seu fundo essencialmente grego, foi ignorado pelos judeus devotos próximos de Jesus, embora selecionado pelo próprio galileu para sair, com várias dezenas de outros, como mestre e curador. Entre os discípulos, era próximo apenas de Tomé.

Após a crucifixão e a ressurreição, esteve aparentemente presente no Pentecostes em Jerusalém e aí passou por uma experiência de transformação genuína, após a qual procurou, com seriedade, ajudar o novo movimento do Caminho. Mas, quando foram escolhidos os diáconos e Estêvão foi martirizado, foi rejeitado para um cargo devido à sua anterior associação próxima com o perseguidor Saulo, de Tarso, perto da sua própria casa em Laodiceia — o Saulo que mais tarde se tornaria Paulo.

No relato das leituras, Lúcio era muitas vezes bem-vindo na casa de Betânia de Maria, Marta e Lázaro, todos eles próximos de Jesus. A sua disponibilidade ali serviu-lhe quando regressou a Laodiceia, depois de Paulo começar a estabelecer as suas igrejas na Ásia Menor, pois foi aceite por Paulo e recebeu autoridade em centros do novo seto cristão como Antioquia. Ao regressar à sua terra, em Laodiceia, para ali construir uma igreja, Lúcio levou consigo uma jovem judia chamada Maiererh, com quem se casara em Jerusalém.

A presença dela trouxe divisões e amargura de volta a Laodiceia, pois Lúcio já tinha ali formado, em anos anteriores, uma ligação — ou uma espécie de casamento — com uma mulher bela e muito desejada, de ascendência grega e romana, ligada diretamente à casa real de Roma, que lhe dera dois filhos. Ele vacilou nas suas lealdades, chegando a ter uma filha com a patrícia Vesta, prima dos Césares. Paulo, sempre preferindo líderes eclesiásticos não casados, questionou a autoridade de Lúcio nos círculos da igreja, dadas as suas ligações com mulheres, enquanto Lúcio afirmava acerca de Paulo que «muitas das coisas por ele propostas eram instáveis».

Ainda assim, com o tempo, Lúcio tornou-se bispo, presbítero, ou «pastor de almas» da igreja de Laodiceia, como alguém a quem todas as questões eram levadas em matéria de teologia e leis religiosas, servindo como última instância, salvo recurso para os apóstolos ou para a igreja de Jerusalém. Aquilo que poderia ser visto como a antiga autoridade do Egipto e da Pérsia voltou a ele, e guiou bem a igreja, além de colaborar com o seu tio Lucas num registo da vida de Jesus e das primeiras pessoas do Caminho. A sua companheira judia palestiniana regressou, após um período desesperado de afastamento, e deu-lhe uma criança, de modo que, antes de morrer, ele experimentou tempos de doçura e grande contentamento — até que as perseguições de Roma custaram a vida dos seus dois filhos de Vesta, agora pregadores da nova fé, tal como custaram a vida dos líderes da igreja de Jerusalém, enquanto Paulo e Pedro eram martirizados em Roma.

As consequências de uma vida assim para o homem Edgar Cayce pareceriam consideráveis. Aqui poderia encontrar as raízes da sua longa determinação em

servir nas igrejas, se de facto se visse como presente no nascimento da igreja no Pentecostes e conduzido então a uma vida nova pelo ardente Espírito Santo. E aqui poderia localizar a sua autorização mais profunda para dar leituras, nas quais continuaria a aconselhar, ensinar e despertar as pessoas para o seu pleno potencial num processo de ressurreição, mesmo que não tivesse acesso a cargo religioso público nem à liderança do culto.

Estaria ele, de facto, tentado a ensoberbecer-se com o conhecimento desta suposta encarnação? Não parecia, pois não fazia reivindicações especiais com base nela nas trocas sinceras do seu ensino. Houve breves momentos em que podia ser altivo, imperioso ou irrefletido.

Mas estes pareciam derivar de uma luta mais ampla por identidade e recentramento, na qual a voz de um antigo pastor de almas dentro dele seria apenas uma voz, não nascida de pretensões espirituais enquanto tais. Essa luta maior era o drama do Edgar Cayce do presente, ainda a aprender o preço de uma visão aberta e sustentada.

PARTE III — A VIDA: LUTAR ATÉ AO AMANHECER

11 Confiar na Promessa

Edgar Cayce nasceu numa casa de lavoura a 18 de Março de 1877, perto de Hopkinsville, no Kentucky. O pai, Leslie (então com vinte e três anos), e a mãe, Carrie (então com vinte e um), partilhavam as tarefas da quinta da família, propriedade dos pais de Leslie e dominada pela casa ancestral. Durante os dezoito anos seguintes, o jovem Edgar seria um rapaz do campo, como tantas vezes fazia questão de referir quando lhe pediam que se descrevesse na vida adulta. Não só participava na sementeira, na colheita e na cura do tabaco escuro pelo qual a região era famosa, como cumpria a sua vez a cuidar dos animais da quinta, a tratar da horta, a fazer carpintaria, a reparar alfaias agrícolas e a conservar frutas e legumes em frascos. Montava bem a cavalo, caçava codornizes e pescava no ribeiro que corria junto à quinta.

O seu envolvimento profundo com a terra e as suas criaturas, ao ritmo das estações, deu-lhe vários dons duradouros. Aprendeu a criar em conjunto com as energias naturais, como fundamento daquele estilo de cocriação que esteve no centro da sua espiritualidade ao longo da vida. Aprendeu algo sobre o tempo certo e sobre a paciência — coisas que nunca lhe seriam fáceis. E aprendeu a encontrar alegria na solidão, muitas vezes usando as mãos enquanto os pensamentos corriam livres. Ninguém que o conhecesse bem mais tarde podia

duvidar da profundidade dos seus laços com a terra, que o levavam a plantar uma grande variedade de flores onde quer que vivesse, bem como a cultivar legumes para a mesa da família e para reservas na cave. Dos dias de quinta vinha também a sua familiaridade com animais de estimação. Teria sempre um cão e, muitas vezes, gatos, pássaros, peixes-dourados, patos ou coelhos. Sem estar inteiramente a brincar, dizia aos amigos, nos anos seguintes, que conseguia dar ordens a uma das suas galinhas para pôr um ovo — e ela punha.

A par dos dons da natureza, vieram a segurança e um sentido de identidade proporcionados por um grande clã de Cayce (nome derivado do normando-francês *Cuaci*) espalhado por vários condados e representado por localidades com o nome da família tanto na Carolina do Norte como no Kentucky. Foi batizado com o nome de um tio e, ao crescer, trabalhou em terras de outros dois. Toda a gente à sua volta, na infância, reconhecia o apelido e a sua reputação de gente trabalhadora e frequentadora de igreja.

No Sul, pouco mais de uma década após o fim da Guerra Civil, as tradições de cortesia e de boas maneiras sociais continuavam fortes, e cada pessoa também sabia qual era o seu lugar na ordem das coisas. O pai foi eleito juiz de paz durante a infância de Edgar, tornando-se "Squire Cayce" para o resto da vida e achando o título adequado para exprimir opiniões sobre política e muitos outros assuntos na loja rural do irmão, que cedo assumiu. O jovem Edgar descobriu que os vizinhos o situavam facilmente e que a falta de recursos da sua família não constituía uma grande barreira social.

O que recebia do pai em posição não era igualado por intimidade e afeto, pois o Squire, embora bem-intencionado como pai, era frequentemente severo e distante, além de desaprovar a vida fantasiosa do filho. Não tolerava os companheiros invisíveis de brincadeira de que o rapaz falava e opunha-se vigorosamente ao registo escolar relativamente pouco impressionante de Edgar, em parte devido aos devaneios do rapaz. Embora o pai não fosse um intelectual, era sensível à imagem da família. É provável que a alcunha de "Velho", que outros deram ao rapaz à medida que crescia, viesse do facto de ele ter de descobrir e exercer por si próprio a sua masculinidade, parecendo prematuramente mais velho.

A mãe de Edgar, pelo contrário, era alguém que ele descrevia como tendo sido a sua melhor amiga: doce e gentil, mas, no fim, uma pessoa mais forte do que o marido, com considerável sabedoria natural e discernimento espiritual. Era caseira e bem-humorada, e não escondia o carinho pelo filho, a quem a família chamava "Brother", ao estilo da época. Seja qual for o karma de Edgar com o feminino, desde cedo esteve rodeado por ele, pois tinha também quatro irmãs

devotadas — começando por Annie, dezoito meses mais nova, depois Mary, Ola e, por fim, Sarah, doze anos mais nova. Annie, em particular, adorava-o e lutava as suas batalhas nas competições escolares de ortografia, enquanto ele, por sua vez, se oferecia para levar a culpa em incidentes que acabavam em palmadas do pai exigente.

Como acontece tantas vezes com uma criança sensível e imaginativa, foram os avós os grandes protetores do jovem Edgar. O avô levava-o a pescar e contava-lhe histórias que normalmente guardava para si, incluindo relatos de ver e falar com recém-falecidos. Mostrou-lhe como tudo o que fosse verde cresceria para ele e como, sendo o rabdomante reconhecido do condado, encontrara locais para poços em muitas quintas.

Menos conhecida era a sua capacidade de fazer vassouras dançar e mesas erguerem-se apenas concentrando-se nelas — um uso de energia invisível contra o qual advertiu o rapaz: «Não sei o que é este poder, mas não brinques com isto!» A perda foi cruel para Edgar quando viu o avô morrer acidentalmente esmagado por um cavalo assustado. Só o facto de o velho parecer regressar várias vezes após a morte para falar com o rapaz suavizou o golpe. A avó tomava essas visitas como reais, tal como tomava a sério os companheiros imaginários de Edgar, e exprimia os seus comentários encorajadores em imagens de fé.

Sempre um livro no bolso

O jovem Edgar começou a escola tarde, aos sete anos, e caminhava todos os dias dois quilómetros e meio com a irmã mais velha até à pequena escola vermelha, onde, com o tempo, completaria oito anos de escolaridade — e apenas oito — porque não havia educação adicional disponível na sua zona rural. Não se saía bem nos estudos porque muitas vezes não estava interessado, embora fosse obviamente inteligente e adorasse ler. Como a irmã me disse mais tarde: «Ele andava sempre com um livro a espreitar do bolso.» A ficção era a sua favorita, e guardava dois livros de Dickens (um deles era *Oliver Twist*) no pequeno anexo que construiu para si (em parte para se afastar das irmãs) em torno de um salgueiro junto a um regato na pradaria.

A maior parte das suas leituras não era tão literária. Deliciava-se com cada número do *Youth's Companion* e gostava de história americana, mas as suas preferências eram entretenimento e distração, poemas e contos. Fazia a irmã ler-lhe poesia e depois mostrava-lhe como ser mais expressiva. Mais tarde, compraria à esposa uma coleção completa dos romances românticos de E. P. Roe. No fim da vida, uma pequena estante no átrio de entrada continha a

coleção inteira, enquanto as prateleiras da biblioteca do seu escritório estavam, em grande parte, vazias.

As histórias de aventuras sanguinolentas e ruidosas atraíam menos o rapaz e a investigação científica não o chamava, mas gastou até ao limite dois grandes livros vermelhos de histórias bíblicas ilustradas. Na adolescência, passou a ler diariamente o *Louisville Courier Journal*, mantendo-se a par dos acontecimentos. Os assuntos internacionais interessavam-lhe mais do que a política local, e chegou a conhecer pessoalmente o editor quando escreveu respostas inteligentes a editoriais. Ao acompanhar os artigos sobre os temas do seu tempo, sentiu-se atraído pelos desfavorecidos e tentou tratar os negros da quinta estritamente como indivíduos, com boa vontade de princípios e justiça. Mas a sua paixão eram as missões estrangeiras, sobre as quais lia em jornais religiosos comuns na época. Chegava a mencionar lugares específicos do estrangeiro quando lhe pediam para dizer a bênção à mesa.

O jovem Edgar não se destacava em jogos de bola, piões ou berlindes e retirava-se simplesmente das zaragatas entre companheiros, em parte porque, quando provocado, era capaz do temperamento explosivo do pai. Muitas vezes preferia estar com pessoas mais velhas, mas nem sempre, pois gostava de jogos tanto com rapazes como com raparigas. Nos primeiros anos era, como a irmã dizia, «mesmo muito doce com muitas meninas pequenas». Quando chegava a hora das festas, era tímido e não gostava de dançar. Também não começou cedo a fumar ou a beber.

Onde a Bíblia fala

Onde ele brilhava era na vida da igreja. A sua memória mais antiga, segundo o seu diário, era ir aos cultos com a mãe por volta dos quatro anos. (Significativamente, o pai não aparece neste fragmento carregado de lembrança.) A atividade religiosa no Sul da sua juventude era, na verdade, uma segunda via de educação e comunidade, tão potente — ou mais — do que a escola. Cada domingo trazia sermões sobre temas muito variados na Old Liberty Church, em South Christian, a cerca de oito milhas de Hopkinsville, e as aulas bíblicas e as reuniões de avivamento prolongavam ainda mais a conversa.

A igreja era a sua fonte de história, filosofia, geografia, ética, crítica social, biografia e poesia, bem como de ditos populares misturados com alusões literárias. Muitas vezes um pregador convidado era levado para jantar frango ao domingo e alguns ficavam por curtos períodos com a família, sendo vivamente interpelados pelo jovem Edgar e pela mãe. Discutir sermões era uma arte do tempo, simultaneamente recreativa e séria. Aí, Edgar não era nada tímido e

enfrentava figuras imponentes, para espanto das irmãs. Não raras vezes, essas trocas refletiam as suas leituras, tanto na Bíblia como nos panfletos e revistas comuns na Igreja Cristã.

Anos mais tarde, descobri que ele conseguia discutir com entusiasmo os temas que prendiam os líderes eclesiásticos do período: a autoridade bíblica, o estatuto dos ex-escravos, os excessos da Revolução Industrial, instrumentos musicais no culto (quando era rapaz, a sua igreja votou contra um órgão por não ser "escriturístico"), a validade das sociedades missionárias, o «plano de salvação» dos cinco dedos, o batismo por imersão, a comunhão aberta a todos os crentes, o alcoolismo, o idealismo pessoal, o serviço aos pobres e muito mais.

A sua tradição religiosa, a Igreja Cristã, fora fundada a partir de dois movimentos nativos americanos, desdobramentos da vida presbiteriana, apenas algumas décadas antes. Os seus dois líderes principais, Alexander Campbell e Walter Scott, tinham-se encontrado pela primeira vez precisamente na Old Liberty Church — memória de que a igreja se orgulhava. Determinada a não ser uma denominação, a Igreja Cristã rejeitava credos e procurava restaurar a unidade cristã entre todas as seitas com base na fé do Novo Testamento, especialmente na devoção a Jesus Cristo como Senhor e Salvador. O programa reformador era ousado e entusiasmante, ainda jovem, e captou a imaginação de Edgar.

Se a vida na quinta lhe deu um sentido das energias criativas primordiais e o clã e a família lhe deram identidade, foi a fé que lhe prendeu a imaginação. Quer estivesse a recorrer a padrões antigos de ensino de Ra Ta, Uhjltd e Lúcio, quer estivesse simplesmente a encontrar o primeiro grande desafio à sua mente jovem e ao seu espírito aventureiro, encontrou no mundo religioso horizontes de excitação e assombro. Na sua tradição, o clero era tratado com respeito, mas não com deferência, pois eram simplesmente chamados "Anciãos", como quaisquer outros, embora com atribuições especiais de liderança. Entre os adultos da sua igreja, as opiniões de um rapaz informado e sério podiam ser ouvidas com facilidade, ainda que não sem aquela diversão benevolente que os mais velhos adotam quando os jovens lhes captam a atenção e o respeito.

Soube que a igreja precisava de um sacristão e ofereceu-se para o trabalho quando era tão novo que tinha de subir a uma cadeira para alcançar a corda do sino que chamava os vizinhos para os serviços. Como comentou mais tarde, começou a trabalhar na igreja quando só conseguia alcançar a maçaneta da porta da frente e ficou até conseguir alcançar o topo da porta. Pelo meio, tornou-se uma autoridade genuína, ainda que juvenil, no conteúdo da Bíblia — crucial para a sua tradição — na qual uma afirmação central era: «Onde a Bíblia

fala, nós falamos; onde a Bíblia se cala, nós calamo-nos.» Prova da centralidade dessa orientação bíblica sincera podia ver-se nos hinos que cantava, nos quais por vezes se omitia a referência à Trindade por não constar das Escrituras.

Foi um velho lenhador negro da quinta que primeiro despertou o interesse de Cayce pela Bíblia, ainda antes de ele saber ler, contando-lhe histórias fascinantes que o levaram a pedir à mãe que lhe lesse mais. Aos dez anos, estando apenas no terceiro ano, pediu a sua própria Bíblia, e o pai trouxe-lha da cidade, oferecida pelo dono da livraria, o Sr. Hopper, que achou que um rapaz com esses interesses devia ser incentivado. Pouco depois, ele fez a mãe coser um pequeno «bolso de trás» (como lhe chamava) nas suas jardineiras, onde guardava um pequeno Novo Testamento.

Quando tinha doze anos, recolheu de um pregador visitante a ideia de ler a Bíblia inteira uma vez por cada ano da sua vida e, durante meses, aproveitou cada hora que conseguia roubar às tarefas e ao trabalho escolar para percorrer a Bíblia inteira, do Génesis ao Apocalipse, repetidas vezes. Quando tinha treze anos, já completara a décima segunda volta e recomeçava de novo. Entrou tão profundamente no mundo dos patriarcas, juízes, profetas, reis, salmistas e mestres da sabedoria, bem como dos discípulos e apóstolos, que formou uma visão da fé bíblica que o acompanharia por toda a vida.

Não era a perspetiva bíblica convencional do seu tempo, em que homens e mulheres bons, mas muitas vezes ignorantes, serviam um Jeová de lei e ira, numa peregrinação que conduzia ao Evangelho do amor. Em vez disso, todo o relato era, para o jovem Cayce, uma espécie de drama em dois níveis, dividido não horizontalmente pelo tempo, mas verticalmente pela aspiração. O que importava, em qualquer período da história bíblica, eram aqueles que se elevavam para depositar a sua confiança totalmente em Deus, mesmo pecando muito e arrependendo-se muito. Essas pessoas caminhavam à luz da confiança e da fé para feitos entusiasmantes de colaboração com Deus, dignos de celebração, como fizera o autor da Epístola aos Hebreus. Aspirando a esse nível, mas muitas vezes recuando, estavam os outros, que punham em primeiro lugar os seus interesses e as suas ideias.

Décadas mais tarde, quando muitas vezes ouvia Cayce ensinar a Bíblia, via-o ainda a trabalhar a partir deste quadro, que trazia a sensação eletrizante de que qualquer pessoa, em qualquer lugar, a qualquer hora, podia entrar em conversa íntima e em cocriação com Deus. Moisés não era menos privilegiado do que Paulo, e Paulo não era mais privilegiado do que qualquer um de nós. As próprias capacidades extraordinárias de Cayce tornavam o quadro credível para quem o escutava.

Ainda jovem, Cayce tinha as suas próprias intuições convincentes acerca da realidade e da disponibilidade da Companheirismo último — quer essas convicções estivessem enraizadas em vidas passadas, quer nos seus dias com os animais da quinta e com os familiares que o amavam, ou em tudo isso. Biógrafos e comentadores posteriores iriam interpretar mal o seu profundo apreço pela Bíblia, tomando-o por piedade convencional e por "fundamentalismo" — um movimento reacionário que ainda não surgira no panorama americano. De facto, ele não estava absorvido em defender a inerrância bíblica, nem em rapaz nem mais tarde.

Quantos dias ou éones a criação teria exigido não lhe pesava muito, nem os pormenores das pragas de Moisés ou como Josué fez parar o sol. Também não se debatia com o Nascimento Virginal ou com a Ressurreição, que lhe pareciam perfeitamente possíveis para um Deus cuja natureza última era o amor. Estava tão envolvido no drama de uma proximidade real com um Deus vivo que os mecanismos não eram a questão. Para ele, os profetas e os discípulos de Jesus estavam tão perto que quase os ouvia respirar, e sentia que podia, com ousadia, adivinhar o espírito das suas visões, curas, confiança e orações.

Muitos que mais tarde leriam sobre a sua vida presumiriam que, como jovem sugestionável, ele se deixara enfeitiçar por histórias de milagres, o que o teria levado a aspirar às suas próprias façanhas para glorificar Deus. A sua juventude, à beira da puberdade quando entrou pela primeira vez nas ricas correntes da Bíblia, foi certamente importante, dando-lhe aquele idealismo intenso tantas vezes celebrado na adolescência. Mas a sua aspiração era relação, não poderes. Queria servir Deus e amá-Lo, deleitar-se na Sua Presença e partilhar a Sua bondade abundante, não exibir-se por Ele.

A geração que se interessaria pela vida e pelo pensamento de Cayce após a sua morte concentrou a atenção em estados e poderes da mente encontrados nos sonhos, na meditação, na perceção extrassensorial e na recordação de vidas passadas, bem como na hipnose e na consciência mística. O foco era natural num século psicológico que floresceu com a descoberta do inconsciente e que se desenvolveu numa era de estados induzidos por drogas, ao mesmo tempo que prestava atenção aos hemisférios direito e esquerdo do cérebro e às experiências de quase-morte. Mas, a um nível mais profundo, esse foco encarnava a preocupação moderna ocidental em dominar e usar tudo o que estivesse à mão, na convicção de que uma tecnologia maior conquistaria tanto o espaço exterior como o espaço interior.

A absorção de Cayce na saga bíblica foi, tipicamente, vista por milhares que mais tarde se sentiram atraídos pela sua história e pelos seus conceitos como um

charme pitoresco provinciano, substituível pela formulação de leis universais que, quando necessário, poderiam ser acompanhadas de algumas citações bíblicas. A paixão que era a de Cayce, mesmo em jovem, de estar totalmente presente a Deus nas tarefas mais comuns da agricultura, do brincar e da vida familiar, instruído pelo tesouro bíblico de biografias, sacrifícios, ensinamentos e ações de graças, escapou muitas vezes aos seus admiradores posteriores. Talvez não surpreenda que a replicação dos seus dons também lhes tenha escapado. (Resta ver se o próprio caminho de Cayce até aos seus talentos será explorado seriamente antes do fim do presente século.)

Para o jovem Cayce, a Bíblia não era um manual espiritual isolado. Era o registo, a carta e a promessa de um povo e de uma comunidade — a igreja viva. Quando ainda era muito pequeno, de faces rosadas e boné redondo, contou-me a irmã, ia cedo para o edifício da igreja com a mãe, que cozia o pão da comunhão, e subia para o "canto do Ámen" na galeria, onde brincava a ser o tio George Cayce, o membro mais velho da congregação, ou imitava algum outro parente Cayce. Mais tarde, percorria vários quilómetros até à Escola Dominical e à igreja com a irmã, num carro puxado por um cavalo chamado Tig, de Tiger. Se chegavam cedo, ele subia atrás do púlpito para ser o ministro — a sua aspiração mais querida. O seu primeiro sermão, disse-lhe ele, seria sobre «Deus amou tanto o mundo», embora por vezes achasse que devia ser sobre o Sermão da Montanha, que era o que mais amava. Fosse qual fosse o texto, o tema era a imediatismo da relação com Deus, não os milagres.

De facto, o conceito de milagre quase não era real para ele, porque implicava uma lei natural ultrapassada por Deus — e a lei natural era uma abstração estranha para ele. No seu mundo, abarrotado de acontecimentos e frases bíblicas pela sua leitura ardente, havia apenas uma lei: a de Deus. A igreja era a casa da fé que confiava e amava essa lei, estendendo-se muito para além da congregação da Old Liberty. Por cima dos ombros do coro, ou dos anciãos que presidiam à comunhão, estavam os restantes membros da igreja mais vasta: em peles de muitas cores nos postos missionários, como médicos e enfermeiros em hospitais, ou como pioneiros a lutar por leis contra o trabalho infantil.

Outras denominações também estavam ali, claro, uma vez que a Igreja Cristã nascera para as unir a todas na simplicidade da fé do Novo Testamento. As suas memórias falavam das suas amizades com muitos pastores durante os anos de escola como rapaz do campo: metodistas, batistas, presbiterianos, cristãos, unitaristas, congregacionais, mórmones e, durante algum tempo, um padre católico.

Para o Cayce adolescente, o culto não era um dever, mas um deleite. Cantava — como me disse — sobre caminhar com Jesus «No Jardim» e levar os seus fardos à «Velha Cruz Rugosa». Juntava-se ao «Mais perto de Ti, meu Deus» nos funerais e animava-se em cânticos mais alegres como «Chuvas de Bênçãos» ou «Reunir-nos-emos junto ao rio» na Escola Dominical. Décadas mais tarde, quando estive ao seu lado no culto, partilhando as leituras responsivas e os hinos amados da fé, achei fácil perceber por que razão os seus sonhos o mostravam tantas vezes em serviços religiosos e por que razão relatava que algumas das suas experiências místicas mais preciosas tinham ocorrido nos bancos da igreja. A sua fé não era uma conquista privada, mas um dom comunitário, renovado com outros na sintonia e no serviço.

A família era outro lugar de comunidade espiritual. Havia sempre bênçãos à mesa, que não só os pais como também os filhos eram esperados para conduzir. As orações familiares à noite eram habituais durante todos os anos escolares de Edgar, embora mais tarde a prática tenha diminuído. O pai era um bom estudante da Bíblia e muitas vezes recolhia-se para a sala de trás com uma Bíblia depois do jantar. A mãe incentivava as crianças, desde muito novas, a começarem o dia agradecendo a Deus por cuidar delas durante a noite; assim, criaram o hábito de dar graças de joelhos antes de saírem dos quartos para se apressarem no pequeno-almoço e irem para a escola. Edgar também tinha a sua vida de oração particular, como a irmã recordou para mim. Quando enfrentava um problema, afastava-se sozinho e depois voltava para dizer: «Falei com Deus e sei para onde vou.»

Na opinião da irmã mais velha, esta intimidade de comunhão na oração era em parte responsável pela independência de pensamento do irmão: «Ele não era de se encostar aos outros.» Mas não impunha as suas ideias, embora tivesse «opiniões definidas» e, quando se convencia de que um curso de ação era o correto, «normalmente levava-o até ao fim». Nos grupos na escola e nas brincadeiras não era um líder, mas a sua orientação fazia-se sentir como aquilo a que ela chamou «uma corrente de fundo». Ainda assim, lembrava bem um incidente na escola em que ele enfrentou os colegas trocistas, avisando-os para serem compreensivos com um professor alcoólico e lembrando-lhes a bebedeira de Noé.

Quer por causa da sua vida de oração ardente, em que Deus era mais companheiro do que juiz, quer por causa do seu sentido das energias criativas em tudo o que crescia à sua volta na quinta, o jovem Edgar não ficou preso à preocupação de ser salvo de um pecado sem esperança, que marcava tão profundamente segmentos da vida religiosa nas pequenas cidades do seu

tempo, como marcara igrejas de fronteira mais antigas, quando a conversão era a força dramática dos acampamentos e dos avivamentos. Estava bem consciente do pecado, tema de orações pastorais sentidas e de sermões, tal como de conversas à mesa em família. E examinava a própria alma enquanto lia a Bíblia, encontrando nela muitos como ele, que tropeçavam frequentemente, ou agiam de forma rebelde ou egoísta. No entanto, não passou pela crise adolescente típica de temer pela sua alma, e não há referência, nas suas memórias posteriores, a uma experiência de "nascer de novo".

O padrão de espiritualidade que fazia sentido para ele era o do crescimento lento mais do que o da transformação súbita, embora apreciasse as histórias dramáticas contadas pelos evangelistas. A sua espiritualidade, na linguagem de uma idade muito posterior, era primeiro centrada na criação para poder ser redentora. Assim permaneceria ao longo de toda a sua vida e refletir-se-ia também nas suas leituras, que exprimiam pouco da convicção calvinista da depravação humana, embora frequentemente afirmassem: «Todos pecaram e ficaram aquém», numa vida e em muitas.

Tive uma experiência religiosa: uma visão e uma promessa

Ao regressar da igreja numa tarde de domingo, não muito depois de completar a sua maratona de ler a Bíblia doze vezes, vinha excitado pela pregação e pela simples, mas carregada, Ceia do Senhor que coroava cada serviço. Tinha sido batizado por solene imersão não muitos meses antes, em 1889, descendo às águas, como lhe disseram, para a morte do velho eu, e erguendo-se com Cristo para uma vida nova. A promessa de uma ressurreição simples, mas real, do melhor da sua natureza continuava muito viva nele.

Nessa tarde, afastou-se por algum tempo para o seu esconderijo nos prados e orou, como tantas vezes fizera recentemente, pedindo para ser usado por Deus no serviço. O salgueiro e as suas criaturas pareciam-lhe muito próximos, contou-me ele mais tarde, nessa comunhão ao ar livre com o Criador que tantas vezes o centraria na vida adulta. De volta a casa para o jantar, recebeu explicações das lições do pai, que até há pouco tempo fizera parte do ensino na pequena escola. Quando se preparou para dormir, ajoelhou junto à cama para rezar. Antes de adormecer, viu uma visão: uma figura de luz radiante (sem género específico, explicou-me). Pensando que pudesse ser, de algum modo, a mãe, foi ao quarto dela e regressou; e o ser de luz estava lá novamente.

Perguntaram-lhe o que procurava, e ele balbuciou que queria ajudar os outros, como vira na Bíblia que se podia fazer com a graça de Deus — especialmente ajudar crianças. A resposta que lhe foi dada, tanto quanto

conseguiu recordar, foi: «As tuas orações foram ouvidas. Terás o teu desejo. Mantém-te fiel. Sê verdadeiro contigo mesmo. Ajuda os doentes, os aflitos.» Correu para o luar para dar graças no seu lugar de refúgio favorito, onde, lembrava, dois esquilos desciam da árvore ao amanhecer e procuravam no seu bolso por nozes.

Acordado toda a noite, no dia seguinte estava aturdido na escola, ainda espantado com o que acontecera. Quando o tio Lucian, o professor do momento, lhe pediu que soletrasse a palavra simples *cabin*, ele escreveu-a com dois 6, indignando o tio, que o obrigou a ficar depois das aulas e a escrevê-la corretamente quinhentas vezes no quadro. Pior ainda: o tio avisou o pai, que o esperava quando chegou a casa, decidido a ensinar o rapaz a soletrar por quaisquer meios que fossem necessários.

Depois do jantar, o *squire* começou a interrogá-lo palavra após palavra, de forma metódica e irada, derrubando-o da cadeira a cada erro. Para um rapaz exausto, a tentar lidar com o êxtase da noite anterior, os abalos no sistema nervoso foram consideráveis. Investigadores posteriores comentariam a probabilidade de chakras delicados terem sido sacudidos para a vida, do mesmo modo que acidentes ou pancadas afetaram outros sujeitos dotados. Cayce contou-me mais tarde o episódio, tal como também o escreveu nas suas memórias.

À medida que a noite se arrastava até às onze, começou a adormecer enquanto tentava recordar palavras, ganhando mais bofetadas do pai. Então algo pareceu falar-lhe por dentro, dizendo: «Confia na promessa.» Pediu para dormir apenas uns minutos, e o pai deixou-o. Primeiro rezou, lembrando-se da experiência da noite anterior, e depois pousou a cabeça sobre o livro e dormiu por breves instantes, enquanto o pai ia à cozinha beber um copo de água.

Ao acordar, entregou triunfante o livro ao pai e começou a soletrar não só as palavras da lição atribuída, mas qualquer palavra que lhe fosse pedida, de qualquer ponto do livro — acrescentando até onde se encontrava na página. Não surpreende que o pai o tenha "recompensado" com mais uma pancada, pensando que o rapaz o andava a enganar. Mas o jovem Edgar ficou radiante, não só com o desempenho ali, como também na escola no dia seguinte — e em todos os seus estudos. Depressa aprendeu que conseguia memorizar passagens de qualquer um dos seus livros da mesma maneira. Nenhum colega conseguia acompanhá-lo, disse-me anos mais tarde a irmã mais velha, porque, quando chegava a hora de recitar, ele via as páginas como se estivessem diante dos seus olhos.

A nova capacidade do rapaz manteve-se durante os dois últimos anos da sua escolaridade rural, tal como se manteve ao longo da vida. Quando perguntei a duas das suas irmãs como é que os colegas reagiam à sua capacidade espantosa, recebi uma resposta encantadora, que refletia o pragmatismo das crianças: depressa se habituaram e, em vez de se demorarem no espanto, resmungaram por ele ter uma vantagem tão "sortuda" e, depois, não pensaram mais nisso. O *squire*, porém, estava eufórico. Por fim encontrara algo de que se orgulhar no filho, de temperamento tão diferente do seu. Para exibir o rapaz, fez com que ele memorizasse, enquanto dormia, um discurso de um político local que durava uma hora e meia, e depois o recitasse num exercício escolar. Toda a gente se aborreceu, exceto a figura política, que ficou encantada.

O que é marcante na história de aprender a dormir é, claro, a capacidade desconcertante do jovem Edgar. Mas é demasiado fácil esquecer o cenário mais profundo do pacto em que ela surgiu — o primeiro de vários na vida de Cayce. Sentia que tinha feito promessas e que, em troca, lhe tinham sido feitas promessas — e exigências, não sendo a menor delas a necessidade quase imediata de parecer, em parte, uma espécie de fenómeno perante parentes e professores. Muito mais tarde, ao recordar a dimensão de pacto, começava tipicamente por evocar quão intensamente estudara a Bíblia nesse ano e como Deus se tornara tão próximo, até que «tive uma experiência religiosa, uma visão e uma promessa».

Embora os amigos achassem que ele simplesmente adormecia sobre os livros escolares, ou sobre o que quer que precisasse de memorizar, na verdade precisava, todas as vezes, de voltar àquela promessa e ao sentido de Presença e de cuidado amoroso que ela lhe trazia. Rezava no espírito dessa relação e então conseguia adormecer e acordar com o texto. Anos mais tarde, quando rezava antes de dar leituras, voltava ainda a tocar essa mesma companheiragem que lhe fora prometida em menino, para servir os que estavam em necessidade.

Deixar as raparigas em paz

Dois anos depois, ocorreu um incidente que prenunciava a sua capacidade de dar leituras, bem descrito pelo seu biógrafo, Sugrue. Estava a jogar um jogo de bola comum na época, chamado *Old Sower*, no qual, quando se era eliminado, tinha de ficar de costas para o lançador e levar com a bola atirada na sua direção. Não se lembrava de nada do que se seguiu, mas a pancada na cabeça ou na coluna deve ter sacudido bastante o sistema nervoso, porque, depois das aulas, ficou tão desorientado que a irmã teve de o conduzir a casa.

Pelo caminho, contou-me ela, ele estava barulhento e a gritar, subia a árvores, rebolava na lama e parava carroças puxadas por cavalos que passavam. Em casa, pegou numa bacia de grãos de café torrados e "semeou-os" no quintal, assustando a mãe. O *squire* chegou e puseram-no na cama, onde caiu em coma. Passado algum tempo, falou com clareza e autoridade, embora inconsciente, dizendo aos pais que precisavam de lhe aplicar, na base do cérebro, um certo tipo de cataplasma. Prescreveu os ingredientes e insistiu para que se apressassem, para que não houvesse danos no cérebro.

Olhando para trás, o pai lembrava-se de mais pormenores, tal como outros membros da família. Deitado na cama e aparentemente num estado de transe, o rapaz falou de várias coisas que julgava úteis para os pais: como o conselho escolar apreciava o diretor e a assistente — a irmã do diretor — e o que o passado e o futuro lhes reservavam. O pai achou que o rapaz estava fora de si, mas não conseguiu deixar de ouvir quando ele passou a descrever algumas tendências do panorama financeiro e político nacional — preocupação constante do *squire*. Mais tarde, com amargura irónica, o pai observou que talvez tivesse ganho dinheiro nos mercados se tivesse levado a sério a informação estranha que jorrava do jovem Edgar. Cayce disse-me que pensava que aquela poderia ter sido a sua primeira leitura.

Para o rapaz de quinze anos, o incidente estranho significou apenas que amigos e vizinhos tinham mais uma razão para o acharem esquisito. Um golpe particular veio quando a rapariga por quem ele tinha uma paixoneta o provocou: «O pai diz que tu não estás bem da cabeça.» O pai dela era o médico rural local, que disse a Edgar, com bondade e firmeza, que ele nunca seria normal, pois lesões de um tipo ou de outro estariam, sem dúvida, por detrás das experiências estranhas; devia deixar as raparigas em paz e não pensar em casar, porque provavelmente seria incapaz de ter filhos e acabaria por morrer louco. A previsão inquietou o jovem Cayce durante anos, apesar das garantias da mãe de que as suas experiências espirituais significavam, pelo contrário, que ele seria capaz de ajudar pessoas.

Nas suas memórias mais subjetivas, contou mais tarde que se lançou numa fase de feiras e danças com um grupo duro de rapazes do campo mais velhos do que ele, tentando provar que era normal e "macho". É discutível se foi aí que surgiu, pela primeira vez, um padrão ao estilo de Bainbridge, que voltaria a repetir-se na sua vida; mas viveu de forma suficientemente perigosa para ser acidentalmente baleado numa noite, enquanto via homens negros jogar aos dados (*craps*), a caminho de casa depois de um baile. A bala ficou alojada perto da clavícula e foi removida em segurança por um médico numa cidade não tão

próxima, para onde os amigos o levaram. O grau da sua rebeldia ficou claro no facto de não contar aos pais, durante semanas, por que razão o ombro doía tanto; mas o incidente pôs fim, tão de repente como começara, aos seus breves dias de farra no ambiente rural.

Tenho de ver alguma coisa do mundo

Os pais decidiram mudar-se para Hopkinsville a fim de proporcionar mais escolaridade às raparigas. O *squire* passou a vender seguros. O jovem Cayce ficou para trás a trabalhar na quinta do tio, sustentando-se e enviando dinheiro para ajudar a família, além de poupar um pouco para o seu objetivo de estudar para o ministério.

Então veio uma segunda experiência espiritual poderosa, quando a mesma presença que vira como figura de luz se aproximou e lhe disse que devia deixar a quinta e ir para a cidade, pois a mãe precisava dele. Partiu de imediato e iniciou o ajustamento difícil de passar de uma vida totalmente rural para a vida citadina, numa comunidade dominada, na sua faixa etária, por estudantes de academias locais e de um colégio.

Com a sua originalidade típica, conseguiu um emprego na livraria de Hopper, oferecendo-se para trabalhar de graça até provar o seu valor. O plano resultou e tornou-se o protótipo de muitos passos empresariais imaginativos e criativos nos anos seguintes, como parte do seu estilo de vida emergente de cocriar em tudo o que tocava. Mas a mudança não foi fácil, como recordou mais tarde: encontrar pessoas constantemente e lidar com livros, papelaria, gravuras, molduras, papel de parede, estores, vasos e estatuária estava longe do que conhecera toda a vida como um "rústico", a «cuidar de rebanhos e de mulas e cavalos de trabalho, a espalhar estrume e a semear, ceifar e colher».

Sob a pressão de tentar encontrar-se a si mesmo, fez nova tentativa de vida "desportiva" ao estilo de Bainbridge, acompanhando um grupo universitário acelerado, até que a aventura terminou de forma embaraçosa quando um empregado de bar, que sabia do seu trabalho na Escola Dominical e gostava dele, se recusou a servir-lhe uma bebida, embora os seus companheiros recebessem tudo o que queriam.

O seu interesse pelo trabalho na igreja continuou, com um encorajamento inesperado por parte do célebre evangelista Dwight L. Moody, que veio à cidade pregar no amplo Sam Jones Tabernacle. O significado desse encontro para o jovem Cayce pode ver-se no facto de Moody aparecer nos seus sonhos ao longo da vida. Numa manhã, ao sair para ir buscar a vaca que a tia lhe dera quando se mudara para a cidade, encontrou Moody sentado junto a um ribeiro, a ler a

Bíblia. Conversaram sobre a Bíblia e sobre as experiências religiosas de Cayce e o seu sentido de promessa. Moody não se riu dele; pelo contrário, contou-lhe experiências semelhantes, tornando-se a primeira pessoa, para além da mãe de Cayce, a instá-lo a ver os seus momentos visionários como um chamado sério de Deus.

O respeitado evangelista sugeriu que, quer o jovem Cayce conseguisse ou não alcançar o objetivo de se tornar ministro, dadas as finanças dolorosamente limitadas, poderia tornar-se uma verdadeira autoridade na Bíblia. Assim, Edgar pôs o conselho em prática, oferecendo-se como professor da Escola Dominical na Ninth Street Christian Church e, por vezes, substituindo no púlpito pregadores metodistas itinerantes da região. Os membros da turma vinham de outras igrejas da cidade, além da sua. O seu ensino, embora ele ainda estivesse na adolescência, afetou de tal modo os ouvintes que mais de metade da primeira turma de trinta e oito acabaria por entrar no serviço missionário no estrangeiro — um registo notável. Foram para a China, Índia, México, África e Tibete.

À medida que começou a desenvolver alguma desenvoltura social, apaixonou-se profundamente por uma socialite de cabelo negro, brilhante, chamada Gertrude Evans. Ela pertencia a uma família distinta de arquitetos, que vivia numa ampla mansão sulista, rodeada de parentes que deram a Cayce o primeiro acesso ao mundo profissional das artes, da medicina e da literatura. Do ponto de vista das suas vidas passadas, com ela encontrou oportunidades completamente diferentes das da sua educação rural — completando-a, mas não a substituindo. Nessa perspetiva, começou a mover-se para dentro do seu próprio mundo interior de Ra Ta, Uhjltd e dos descendentes da realeza francesa. Se teria conseguido manter a cabeça neste ambiente sem a base inicial na natureza e na vida comunitária da quinta é algo de que razoavelmente se pode duvidar.

Em Gertrude, descobriu o seu complemento: uma mente afiada e ordeira (segundo leituras posteriores, filha de Sócrates!), tão comprometida no espírito com um serviço idealista quanto ele, mas contrastando com os seus saltos intuitivos e suposições. Encontrou também uma jovem mulher de grande força de vontade e disciplina pessoal: uma introvertida articulada que, com o tempo, se tornaria sua associada no negócio da fotografia e, mais do que isso, sua colega na oferta das suas estranhas leituras. A sua natureza permitia-lhe entrar facilmente no mundo das atividades masculinas e da tomada de decisões numa época em que os papéis de género eram, em geral, estereotipados.

Mas, a par dos seus talentos evidentes, ela representava também, para ele, um potencial de sentimentos sexuais ardentes (um dia seria relatada como a Ísis

dançarina, sua companheira no Egipto), que ele encontrava no seu andar fluido e nos seus gestos, bem como no sacudir do cabelo comprido. O seu próprio olhar podia derretê-lo, como me contou mais tarde a irmã Annie, lembrando-se de quão intensamente se sentira substituída pelo novo foco do irmão. Edgar iria encontrar em Gertrude uma amante espirituosa e apaixonada, mas uma pessoa cujo propósito mais profundo era nutrir e cuidar dos que sofriam, mesmo no seu corpo esguio e patrício. Não foi por acaso que, um dia, a família lhe chamaria Muddie. Impressionada pela profundidade espiritual de Edgar, nunca se sentiu intimidada por ele e, nos anos seguintes, tornou-se a única pessoa, além do filho mais velho, capaz de o enfrentar quando ele precisava de ser repreendido.

Cayce tinha vinte anos quando a pediu em casamento, mas era tão pobre que não via como poderia casar tão cedo. Isso não o impediu de lhe comprar um diamante caro, que levou meses a pagar. Nem o impediu de fazer um gesto que revelava o seu próprio sentido íntimo de estatura, já a emergir, quando o enviou até à Roménia para ser lapidado. A contragosto, começou a abandonar o plano de estudar para o ministério. Casar com a rapariga certa parecia mais importante — embora a mãe estivesse consternada com a escolha.

A sua vida passou a girar em torno de Gertrude, a tal ponto que a irmã recordava que ele se tornara subitamente inútil em casa, exceto quando negociava a ajuda das irmãs para lhe arranjarem encontros. Ia de bicicleta até à mansão dos Salter, onde Gertrude vivia, e mantinha cada encontro mesmo sob chuva torrencial, levando-lhe muitas vezes livros da loja onde trabalhava, pois ela era uma leitora mais metódica do que ele. Perdendo de repente o emprego na loja de Hopper devido a uma mudança de proprietários, trabalhou durante algum tempo na secção de calçado dos Armazéns Richards, mas sentia que não chegava a lado nenhum. Por isso, deu um passo audaz rumo a uma grande cidade.

A irmã mais velha, como me contou depois, terminara o liceu e conseguira o primeiro emprego a tempo inteiro como guarda-livros; podia agora ajudar a sustentar a família, e o rendimento de Edgar já não era necessário como fora quando trabalhara na quinta do tio e nas duas lojas. Assim, decidiu que tinha de «ver alguma coisa do mundo», como viria a contar. Escolheu Louisville, no Kentucky, e a história de como conseguiu um emprego numa empresa de livros e papelaria fez-me rir sempre que a ouvi contar, várias vezes. Pediu o catálogo da empresa e começou a memorizá-lo — dormindo sobre ele — algumas páginas de cada vez. Quarenta e cinco anos mais tarde ainda conseguia recordar-me as entradas do catálogo.

Entretanto, foi ter com todos os profissionais que conhecia na cidade — juízes, médicos, ministros, professores — e fez com que, de forma sistemática, enviassem telegramas de recomendação para a firma de Louisville, de poucos em poucos dias. A empresa, surpreendida, que inicialmente o rejeitara, telegrafou-lhe para parar de enviar mensagens e apresentar-se ao trabalho; e depois descobriu que ele era um grande trunfo, devido ao seu conhecimento invulgar do extenso catálogo da casa. Talvez não seja demasiado fantasioso ver nesta história deliciosa um pouco da criatividade de Ra Ta em ação — ou, pelo menos, o sentido de fé, que o acompanharia toda a vida, de que havia sempre algo a fazer, começando pelo que se tinha à mão.

Duas mulheres ao mesmo tempo

A mudança para Louisville levou-o à sua primeira viagem de comboio, e as linhas incessantes de elétricos, autocarros e multidões nas ruas da cidade deixaram-no, ao início, desnorteado. Mas os dois anos de vida urbana ativa que se seguiram deram-lhe uma confiança e uma sofisticação no trato com instituições maiores que nunca perderia. O rapaz do campo não foi substituído; foi, antes, acompanhado por um eu interior que se sentiria em casa numa cidade persa, em Tróia ou na próspera Laodiceia. Progrediu na empresa, trabalhou numa prestigiada Igreja Cristã e iniciou, com o seu ministro, aquilo que se tornaria um hábito de toda a vida: visitar pessoas em cadeias e hospitais.

Contudo, com o seu estilo típico (e também vitalício) de gastar tudo o que ganhava, não conseguiu poupar o suficiente para casar. O salário aumentou um pouco quando conseguiu a conta de uma das famílias mais ricas da cidade — e, ao mesmo tempo, "conseguiu" a atrativa filha dessa família, que partilhava com ele o trabalho da Christian Endeavor na igreja e pertencia, como ele, à Sociedade dos Alegres Ajudantes. O conflito de afetos por duas mulheres ao mesmo tempo espelhava o que as leituras de vidas mais tarde descreveriam como um enigma da alma para ele e causou-lhe angústia quando se permitia pensar nisso. Por fim, durante uma visita de Natal a Hopkinsville, decidiu-se pela noiva da sua terra natal.

Ficou satisfeito por aceitar do pai uma oferta de emprego como vendedor de seguros, o que o fixaria em Hopkinsville, perto dela, mas o levaria em viagens curtas. A livraria grossista de Louisville convenceu-o a levar consigo uma linha de produtos deles para vender.

Sem fala no estúdio

Então, durante uma viagem de negócios a Elkton, nas proximidades, todo o tecido dos seus planos vocacionais e matrimoniais foi rasgado quando caiu numa

doença calamitosamente grave, que começou com dores de cabeça violentas e episódios breves de desorientação. Perdeu a voz por um período que pareceu interminável, mês após mês. A irmã e a futura esposa contaram-me mais tarde que esta doença foi a maior prova de toda a sua vida, levando-o a passar muito tempo sozinho, lendo a Bíblia, rezando e perguntando-se se teria estado a usar corretamente a sua «promessa».

Vista à luz das biografias religiosas e até dos dons xamânicos, foi uma doença clássica de iniciação, enquanto trabalhava em silêncio todos os dias no único emprego que conseguiu: fazer molduras e depois tirar e revelar fotografias num estúdio fotográfico local. O que quer que tivesse sabido como químico em Tróia e na Grécia (onde as leituras mais tarde relatariam que estivera próximo da mulher que agora era Gertrude) pode ter tornado natural para ele misturar as soluções do laboratório escuro e fazer nascer as provas.

Como só conseguia falar num sussurro rouco, o seu ensino na Escola Dominical terminou, e os planos de casamento pareciam-lhe irremediavelmente ameaçados pela incapacidade de dar a Gertrude uma vida normal. Embora ela permanecesse ao seu lado e a família lhe fosse solícita, o único verdadeiro recurso era a sua fé pessoal e o sentido da proximidade de Deus — tão atormentador no desfecho incerto quanto ainda real no silêncio. Edgar tinha vinte e três anos — a mesma idade que eu tinha quando o conheci muito tempo depois — e estremeçi quando ele recontou a história.

A perda da voz tornou-se uma doença recorrente na sua vida, como eu próprio vi apenas meses antes da sua morte. Que tipo de karma poderia estar por detrás desta incapacidade aparentemente arbitrária foi, naturalmente, tema de conversa familiar quando a reencarnação entrou no seu modo de ver. O filho mais velho associava-a ao período de Ra Ta, quando o sumo sacerdote teria usado a vontade — associada ao centro da garganta — para forçar a evolução dos corpos humanos na direção do seu ideal de perfeição, em vez de escutar a orientação interior. O próprio Cayce não rejeitava ligá-la à experiência de Bainbridge como pregoeiro de feira, abusando da voz para extorquir dinheiro às pessoas. Qualquer que fosse a origem, o resultado para o jovem Cayce foi a oportunidade de se manter firme perante a adversidade — exatamente como as leituras mais tarde afirmariam que ele estava destinado a fazer, em vez de tirar a própria vida em Tróia, ou retirar-se em desalento como a criança francesa.

A força saudável e temperada do ego — que não era automática num sumo sacerdote privilegiado — era-lhe agora exigida. Talvez em parte por causa do carácter de Lúcio, o bispo do Novo Testamento cujos tempos se tinham tornado tão reais com o intenso estudo bíblico do jovem Cayce, ele manteve-se firme por

dentro, recorrendo também às perspetivas da sua solidão na quinta. As consequências viriam a ser radicalmente diferentes do que alguém esperava.

Especialistas examinaram-no e tentaram tratá-lo, não só em Hopkinsville, mas também em Nashville, Louisville e Cincinnati. Amigos ricos da igreja, em Louisville, chegaram mesmo a providenciar a vinda de um médico reputado do estrangeiro para o tratar. Nada resultou, e os meses passaram numa procissão que parecia destinada a deixá-lo sem voz para sempre. Uma das pessoas que soube da sua incapacidade foi o chamado Professor Hart, um animador de espetáculos cujas demonstrações públicas no campo novo e excitante da hipnose cativavam a cidade. Ofereceu-se para restaurar a voz de Cayce por duzentos dólares — ou não receber nada se falhasse. Amigos do jovem juntaram o dinheiro e um médico local aceitou supervisionar.

Hart conseguiu fazer com que Cayce falasse claramente sob hipnose, mas não o conseguiu levar suficientemente fundo no transe para aceitar a sugestão pós-hipnótica de falar normalmente depois. O hipnotizador tentou diversas abordagens, chegando mesmo, num episódio espantoso, a conseguir que Cayce tocasse piano sem esforço (uma habilidade de que ele nada sabia e que nunca mais voltou a mostrar), mas não conseguiu restaurar a voz. Um professor local de psicologia chamou a atenção de um especialista de Nova Iorque em hipnose, e o médico veio a Hopkinsville para trabalhar com Edgar — também sem sucesso.

Entre os que se interessaram pelo caso estava um entusiasta local de hipnose, que fazia cursos por correspondência em osteopatia: um homem frágil que tratava da contabilidade da empresa de chapelaria da esposa, onde Annie Cayce trabalhava.

Al C. Layne tomou o jovem sob a sua proteção e levou-o a explicar como se sentia quando era hipnotizado. O estado, relatou Edgar no seu sussurro rouco, lembrava-lhe aquilo que sentia quando se punha a dormir para memorizar livros; perguntou-se se não poderia hipnotizar-se a si próprio. Layne encorajou-o a tentar e ofereceu-se para lhe dar sugestão pós-hipnótica para recuperar a voz. Mas os pais de Cayce estavam firmemente contra qualquer experimentação, e o jovem depressa ficou incapaz até de sussurrar, enquanto um médico descrevia a doença como «tuberculose galopante».

Finalmente, numa tarde de domingo de Março de 1901, Edgar e Layne foram à loja deste último e Edgar tornou-se inconsciente; o homem mais velho pediu-lhe que se observasse a si mesmo e explicasse o problema. A resposta veio numa

voz plena e uniforme, explicando que havia uma paralisia parcial dos músculos das cordas vocais, causada por tensão nervosa.

A voz tranquila e firme do Cayce adormecido dirigiu então um procedimento de sugestão hipnótica para aumentar a circulação na área afetada, que ficou imediatamente vermelha viva, e esperou quase vinte minutos antes de informar o espantado Layne de que a cura estava completa — como de facto se provou.

Para se certificar de que a voz se mantinha, Cayce não contou aos pais até ao dia seguinte, quando entrou no quarto da mãe (como a irmã o recordava) e disse com firmeza: «Bom dia, Mãe!» O jornal local publicou uma manchete de destaque:

VOZ RESTAURADA

Edgar Cayce subitamente aliviado de uma terrível aflição. Órgãos vocais paralisados há um ano, tão bons como sempre.

A coluna noticiosa prosseguia, sem mencionar Layne nem a hipnose, algo que o próprio Cayce, sem dúvida, também não fez, referindo-se a ele como «filho do Sr. L. B. Cayce» e «um jovem muito digno e merecedor». Contava como, na manhã de segunda-feira:

Cheio de alegria, correu para o quarto da mãe para dar a boa notícia. Ontem, todo o dia, esteve nas ruas a falar com os amigos e a receber felicitações. (…) Havia um mês que não tomava qualquer tipo de medicamento e o poder da fala foi-lhe restituído tão subitamente e inesperadamente como lhe fora retirado.

Falar, falar, falar

Layne ficou radiante, suspeitando ter encontrado em Cayce um exemplo de sonambulismo médico — ou sonambulismo ambulante — descrito na literatura europeia das primeiras investigações sobre hipnose. Esses relatos falavam de sujeitos, muitas vezes pouco instruídos, que conseguiam diagnosticar doenças e prescrever tratamentos para outros enquanto em transe. Reportagens em jornais e revistas da época mencionavam casos desde 1794, quando a atenção ocidental foi pela primeira vez atraída para os estranhos fenómenos semelhantes ao sono, tornados famosos por Franz Mesmer.

Victor, um camponês francês sem instrução, quando "magnetizado" por um aluno de Mesmer, o Marquês de Puységur, teria descrito corretamente a enfermidade física de alguém sentado ao seu lado, e uma moda de diagnósticos por sonâmbulos agitou a Europa durante algum tempo, embora fosse ridicularizada por médicos conceituados.

Na América, houve o caso amplamente divulgado de Andrew Jackson Davis, o Vidente de Poughkeepsie, que fez muitas diagnósticos hipnóticos durante mais de uma década e alcançou fama nacional até à década de 1850, quando os primórdios do Espiritualismo americano — com as Irmãs Fox a fazer mesas levitar e a produzir "batidas" — chamaram a atenção para algo ainda mais bizarro. Em Massachusetts havia Lucius Burkmar, sujeito hipnótico não instruído, que realizou o mesmo tipo de serviços na década de 1860 sob a orientação de Phineas Quimby — o mesmo Quimby que, inspirado pelas experiências com Burkmar, desenvolveu ideias e práticas que deram início ao vasto movimento do *New Thought* na América e sob cuja tutela se relatou que Mary Baker Eddy, fundadora da Ciência Cristã, teria começado a desenvolver as suas ideias.

Dado este enquadramento, não era surpreendente que Layne quisesse experimentar mais com Cayce. Decidiu que o melhor método seria oferecer-se a si próprio como próximo sujeito para observação e tratamento, já que sofria de um problema crónico de gastrite. Mas Cayce, que tinha sido apalpado e alvo de experiências durante quase um ano, não queria nada com aquilo, aparentemente com medo de perder a voz recém-recuperada. Ainda assim, sentia-se em dívida para com Layne.

Sob hipnose (de novo autoinduzida em oração, apoiada na sua primeira promessa e no seu pacto), produziu um diagnóstico médico completo, juntamente com prescrições de certos medicamentos, dieta e exercício. Os resultados deixaram o jovem Cayce estupefacto, pois nunca estudara fisiologia, anatomia ou compostos químicos. Temia piorar Layne ou até matá-lo. Mas quando Layne seguiu as instruções, o seu estado melhorou de forma tão dramática que, em poucos meses, estava curado. Cayce ficou assustado e perturbado, interrogando-se sobre o significado de tudo aquilo e perguntando-se se estaria ligado à sua experiência de infância, a promessa que recebera de Deus. Acima de tudo, disse-me com ênfase, sentia vergonha de todo aquele assunto estranho.

Recusou-se a avançar mais, mas, passados alguns meses, a voz começou a falhar novamente e ele precisou da ajuda de Layne para restaurar a circulação adequada na garganta enquanto estava em transe. Isso deixava-o em dívida para com o hipnotizador e, hesitante, concordou em tentar ajudar alguns doentes, como Layne lhe pedia. Os resultados foram extraordinários, pois dava instruções sobre os outros com a mesma facilidade com que as dava sobre si e sobre Layne.

Um caso que a irmã recordou mais tarde como tendo removido a oposição dos pais foi o de o irmão localizar um botão de colarinho de celulóide na garganta de um bebé, que estava a sufocar até morrer. Os médicos,

compreensivelmente, não o tinham visto nos raios X, e o jovem Edgar salvou a vida da criança.

Layne abriu de imediato um consultório, sem esperar concluir o treino por correspondência, e começou a administrar os variados tratamentos que o jovem fotógrafo descrevia. Os habitantes da cidade criticavam a presunção de Layne e os que se lembravam de o jovem Edgar dormir em cima dos livros na infância sugeriam que ele era estranho, apesar das maneiras agradáveis no Estúdio Bowles.

«Falar, falar, falar» — era assim que mais tarde recordava aquela época. Layne puxava-o para o consultório em nome de doentes, tantas vezes como cinco ou seis por semana, e a notícia espalhou-se por toda a cidade. O jovem Cayce nem sequer conhecia as pessoas cujas vidas ficavam sob os seus cuidados e perguntava-se se aquilo não seria algum tipo de truque fantástico. Recusava-se a falar mais do assunto com a família, como a irmã recordava, porque tinha decidido que, fosse o que fosse aquele processo, ele não acreditava nele.

Como Edgar precisava de voltar periodicamente a Layne para manter a voz, amigos acrescentaram um novo medo: o de Layne o ter "na mão" e não o largar. Ele era atormentado pela questão do verdadeiro significado espiritual da sua capacidade. Apesar das dúvidas quanto à competência de Layne, a mãe de Cayce continuava a insistir que o filho tinha algum tipo de dom de Deus que tinha de usar para ajudar os outros — semelhante aos dons de que lera na sua Bíblia amada. A tia de Gertrude, a franca Carrie Saher, juntou-se a ela, afirmando ao jovem angustiado que ele tinha um dom e que Deus velaria para que não fosse mal usado.

Mas, para a maior parte dos seus conhecidos, parecia absurdo que um rapaz da terra, apenas mais um do grande clã Cayce, tivesse algo em comum com os dons das figuras assombrosas dos tempos bíblicos. Quando até pessoas de cidades próximas começaram a fazer, como ele dizia, «piadas espertas» com Cayce sobre o seu modo irregular de "dormir", ele enfureceu-se e mais tarde anotou: «Não me caiu nada bem.» Um amigo encontrou-lhe uma oportunidade de emprego numa idílica cidade universitária com cerca de dez mil habitantes: Bowling Green, Kentucky. Edgar agarrou-a, em parte porque o levava de volta ao ambiente familiar de uma livraria, onde trabalharia com fotografias e molduras, cadernos e volumes — coisas que conhecia tão bem do primeiro emprego em Hopkinsville e, depois, da firma grossista em Louisville.

Antes de partir, Layne persuadiu-o a fazer uma experiência para explorar a sua clarividência à distância. Pediu a Edgar que seguisse um grupo de homens de

negócios de Hopkinsville e as respetivas esposas, que estavam então em viagem a Paris. Cayce descreveu com precisão lojas e ruas, usando nomes franceses, e prosseguiu relatando as visitas a espetáculos de can-can que embaraçaram os residentes quando regressaram (como Gertrude me contou mais tarde com deleite malicioso). Não havia manual de instruções que acompanhasse a sua estranha capacidade.

Também descobriu, quando Layne o encontrou a caçar no bosque e lhe implorou ajuda urgente em resposta a um telegrama de um homem de Chicago, que conseguia dar o seu conselho peculiar ali mesmo, deitado no chão gelado. No entanto, o doente morreu de hemorragia interna, como a leitura advertira, e o jovem encontrou um novo problema: a sua ajuda podia dizer como salvar vidas, mas o conselho seria inútil se as pessoas não conseguissem aplicar exatamente os tratamentos que ele prescrevia.

Apanhou o comboio para Bowling Green com a intenção de um recomeço totalmente novo, livre de toda a estranheza hipnótica que lhe dera tantos problemas. Seria normal. Mandaria chamar Gertrude e casariam felizes. Tinha vinte e cinco anos e estava pronto. Mas uma menina mudaria a sua ideia e exigiria que assumisse um novo pacto com o seu Senhor.

12 Deve ser testado a fundo

Em Bowling Green, Cayce entrou no mundo de profissionais, homens de negócios e líderes comunitários — mundo que não abandonaria pelo resto da vida. O rapaz da quinta foi empurrado ainda mais para segundo plano, embora tivesse de voltar a ele muitas vezes quando precisasse de renovação. Mas os colegas de quarto na pensão de Mrs. Hollins deram à sua vida novas dimensões.

O seu companheiro de quarto era um jovem médico especializado em doenças dos olhos, ouvidos, nariz e garganta. Havia também um dentista, o director local da YMCA e outro médico, John Blackburn, que se tornou um amigo especial durante muitos anos. Cayce juntou-se à Igreja Cristã e ao seu grupo interconfessional Christian Endeavor para jovens adultos. E começou a associar-se a académicos, a pessoas das profissões jurídicas e a um círculo cada vez maior de médicos que tinham formado o que chamavam o E.Q.B. Literary Club — o tipo de sociedade comum entre médicos, dedicada a ler e discutir livros recentes.

Não seria difícil argumentar, do ponto de vista das vidas passadas ainda desconhecidas de Cayce, que ele começava a reivindicar e a usar a herança de

Uhjltd, o curador dotado e construtor de cidades da antiga Pérsia, uma pessoa forte e equilibrada, acrescentando este subsistema ao núcleo da encarnação de Lúcio, dos tempos do Novo Testamento, que tinha inflamado a juventude de Cayce através do estudo bíblico.

Ao mesmo tempo, o foco de Cayce nos dezoito anos seguintes seria o das tarefas familiares da jovem idade adulta: casar, transformar uma casa num lar, sustentar a esposa e os filhos, estabelecer-se numa vocação e numa reputação, conviver com pares e integrar-se em grupos. O chamamento da natureza para a perpetuação da espécie e os primeiros clamores profundos do coração adulto para dar e receber amor, apoiados pela segurança e pela identidade pública, absorvê-lo-iam — embora não sem dor. Qualquer que fosse o seu karma, seria tecido num tear de desejo e paixão apropriado à sua idade e condição. As suas ambições eram pessoais, não institucionais, e certamente não de vidente numa era sem videntes.

Ajudar os doentes, os aflitos

Ele esperava deixar Layne e as estranhas leituras bem para trás — e deixou, durante duas semanas. Depois, a voz começou a falhar novamente e teve de apanhar o comboio de volta a Hopkinsville ao fim-de-semana, cheio de dúvidas e medo. Layne sugeriu que subiria a Bowling Green aos domingos, trocando a ajuda e a viagem de comboio pelo conselho de Edgar sobre doentes, e o jovem, relutante, aceitou, levando o visitante ao seu quarto todas as semanas e escondendo o que ali se passava.

O seu entendimento das promessas nas experiências místicas da infância não incluía continuar como um "fenómeno" desta maneira. Pedira para servir os necessitados, especialmente crianças, e esperava tornar-se ministro ou evangelista, não um sonâmbulo. Nada, na sua vida de oração aprofundada durante os dias sombrios em que trabalhara sozinho e sem voz no laboratório escuro da fotografia, o tinha convencido de que Deus não o resgataria, mais cedo ou mais tarde, e lhe daria uma vida feliz e respeitável de amor, trabalho e igreja.

Cumprira a sua parte do pacto, que lhe pedia «mantém-te fiel» e «sê verdadeiro contigo mesmo», e julgara que «ajuda os doentes, os aflitos» significava precisamente as visitas a hospitais e prisões que começara regularmente em Louisville. Agora parecia preso a uma forma embaraçosa de serviço aos doentes, nada comparável, em aceitação social, ao ministério ou a ser um respeitado professor da Bíblia. O que queria Deus realmente dele? Teria quebrado o pacto que marcara tão centralmente a sua vida durante doze anos?

Porque não o resgatava Deus da perda periódica da voz e da colaboração indesejada com Layne em procedimentos mal vistos pelos líderes públicos de Hopkinsville — e que os seus novos amigos de Bowling Green, sem dúvida, desprezariam?

O início de um pacto mais profundo desenvolveu-se, como seria de esperar, em resposta às necessidades de uma criança — uma daquelas a quem ele, originalmente, tinha rezado para ajudar. Alguns meses depois do recomeço no novo lugar, chegou um telefonema de uma das figuras públicas mais respeitadas e queridas de Hopkinsville. Era o antigo superintendente das escolas, C. H. Dietrich, a implorar ajuda para a filha de seis anos, um caso considerado sem esperança há quatro anos. Edgar apanhou o comboio para Hopkinsville e foi a casa dos Dietrich. Não sabia se se iria envergonhar diante dos principais cidadãos da cidade ou se recuperaria algum do respeito próprio que tivera como professor da Bíblia.

Os resultados afetaram-no de tal modo que, nos anos seguintes, ao preparar um folheto sobre o seu trabalho, incluiu em cada exemplar dado a interessados uma declaração formal de Dietrich durante mais de vinte anos. Ela ainda constava do texto enviado aos milhares cujas cartas se empilhavam quando eu cheguei. Em termos médicos, o caso não era mais estranho do que muitas centenas de outros que viriam a procurá-lo. O que importava era que, neste caso, a sua própria fé deu um passo decisivo em frente.

Eis o que o pai da menina mais tarde voluntariou, numa espécie de declaração formal — do género das que outros também espontaneamente forneciam ao jovem Cayce e que foram depois arquivadas na American Society for Psychical Research, em Nova Iorque:

Estado de Ohio, Condado de Hamilton ss:

Compareceu pessoalmente perante Garrit J. Raidt, notário público no e para o referido condado, C. H. Dietrich, e, depois de devidamente juramentado, declara e diz que:

Aime L. Dietrich, nascida a 7 de Janeiro de 1897, em Hopkinsville, Ky., foi perfeitamente forte e saudável até Fevereiro de 1899, quando teve um ataque de gripe (*La Grippe*), seguido de duas convulsões violentas, cada uma com duração de vinte minutos. O Dr. T. G. Yales, agora em Pensacola, Florida, foi o médico assistente. As convulsões voltaram em intervalos irregulares, com severidade crescente. Ela caía como se tivesse sido alvejada, o corpo ficava completamente rígido, e os episódios duravam de um a dois minutos.

Isto continuou durante dois anos, ou até ela ter quatro anos. Nessa altura foi levada ao Dr. Linthicum, em Evansville, Indiana, e o Dr. Walker, também de Evansville, foi médico consultor. Disseram que tudo o que ela tinha era um tipo muito peculiar de nervosismo e procederam a tratá-la em conformidade, mas, após vários meses de tratamento sem resultados, o tratamento foi interrompido.

Passados alguns meses, consultou-se o Dr. Oldham, de Hopkinsville, Ky., que a tratou durante três meses, sem resultados. Mais tarde, levou-a para mais quatro meses de tratamentos, perfazendo sete meses ao todo, mas sem resultados. Ela tinha agora seis anos, mas estava a piorar, chegando a ter vinte convulsões num só dia; a mente estava em branco, toda a capacidade de raciocínio desaparecera por completo.

A 1 de Março de 1902, foi levada ao Dr. Hope, de Cincinnati, Ohio, que realizou um exame muito minucioso. Considerou-a um exemplar perfeito fisicamente, exceto pela afeção cerebral, acerca da qual afirmou que apenas nove casos deste tipo particular estavam registados nos *Medical Records* e que todos tinham sido fatais. Disse-nos que nada havia a fazer, exceto dar-lhe bons cuidados, pois o caso era sem esperança e ela morreria em breve num destes ataques.

Foi então que a nossa atenção foi chamada para o Sr. Edgar Cayce, a quem se pediu que diagnosticasse o caso. Por autossugestão, entrou num sono ou transe e diagnosticou o caso como sendo de congestão na base do cérebro, mencionando também pormenores menores. Explicou ao Dr. A. C. Layne, atualmente de Griffin, Geórgia, como proceder para a curar. O Dr. Layne tratou-a de acordo com essas instruções, todos os dias durante três semanas, usando o Sr. Cayce ocasionalmente para acompanhar o tratamento à medida que os resultados se desenvolviam. A mente dela começou a clarear por volta do oitavo dia e, em três meses, estava em perfeita saúde — e assim permanece até hoje. Este caso pode ser verificado por muitos dos melhores cidadãos de Hopkinsville, Kentucky, e nada mais declara o depoente.

[assinado] C. H. Dietrich
Garrit J. Raidt, Notário Público, Condado de Hamilton, Ohio

Aqui estavam todos os elementos que Cayce viria a ver tantas vezes nos sofredores ao longo dos anos seguintes: sintomas trágicos, pais ou familiares em pânico, uma procissão de médicos em várias cidades, ausência de esperança e, depois, um diagnóstico preciso e instruções de cuidado ou tratamento numa

leitura, seguidos de uma recuperação inacreditável. O padrão estava ainda presente nos casos com que eu trabalhava diariamente, tantas décadas depois.

Neste caso, o drama atingiu o jovem Cayce com força decisiva, porque ele conhecia a criança apática (tal como a conhecia gente por toda a sua terra) e pôde vê-la plenamente curada, a brincar com as bonecas, em questão de semanas. A leitura lembrara aos pais uma lesão esquecida na coluna da criança, provocada por uma queda de uma carruagem na altura da "gripe", o que permitira que a infeção se instalasse. Leituras de seguimento, durante alguns dias, insistiram com Layne para fazer os ajustes osteopáticos corretos até que o aconselhamento em transe os aprovasse. A irmã de Edgar, Annie, contou-me mais tarde que estava tão inquieta com o que o irmão tentava fazer naquele caso público que nem sequer conseguiu ir à igreja nesse fim-de-semana.

Embora o caso tivesse sido bastante divulgado em Hopkinsville, de algum modo não chegou a Bowling Green, onde Edgar pôde ter uma existência normal como empregado popular de uma livraria durante quase um ano. Ninguém sabia absolutamente nada das leituras de domingo à tarde para Layne, e ele sentia-se seguro para casar e seguir com a sua vida, apesar da conta bancária ainda magra.

O casamento realizou-se em Hopkinsville, em casa de Gertrude — a mansão dos Salter — e foi celebrado pelo ministro da Igreja Cristã. Um dos seus amigos médicos e outro colega de quarto da pensão de Bowling Green acompanharam-no para o apoiar na cerimónia. Quando os quatro regressaram de comboio nessa noite, foram recebidos na estação por mais de uma centena de amigos da Christian Endeavor, a aplaudir, a atirar arroz e a dar vivas. O jornal local noticiou o casamento nas colunas sociais sob o título «belo casamento em Hopkinsville» e descreveu o noivo como «o Sr. Edgar Cayce, o popular vendedor na livraria L.D. Potter, desta cidade». Tinham passado seis longos anos desde que o diamante enviado à Roménia iniciara o noivado, mas o seu futuro respeitável numa nova cidade parecia garantido. A casa de recém-casados ficava noutra pensão, em frente da primeira.

Os nossos médicos estão profundamente perplexos

Mas, em poucos dias, a sua situação mudaria de repente. Nunca mais voltariam a estar totalmente livres da atenção pública. Os acontecimentos avançaram tão depressa que se poderia suspeitar que uma espécie de destino ou karma só esperara que a força de Gertrude se juntasse à dele antes de o empurrar para uma nova etapa da vida.

No domingo seguinte, almoçaram com os velhos amigos de Edgar em casa de Mrs. Hollins, e Layne estava lá. Estava também o juiz Roup, que exercia

funções em circuito como magistrado e, além disso, era repórter de jornal, ficando ocasionalmente alojado na casa. Ele pressionou Layne acerca das suas reuniões com Edgar, lembrando-se de uma notícia sobre o caso Dietrich. A verdade sobre as leituras veio ao de cima de rompante, para horror de Gertrude e total espanto — e ceticismo — dos amigos médicos de Cayce sentados à mesa. Foram imediatamente para uma leitura, e os resultados apareceram no *Bowling Green Times Journal* de 22 de Junho de 1903. Menos de uma semana depois do seu casamento feliz e cheio de esperança, ele era uma celebridade indesejada e, mais uma vez, uma excentricidade, um homem "marcado" de forma duvidosa:

O Dr. A. C. Layne, osteopata e curador magnético, esteve na cidade no domingo, vindo de Hopkinsville, para que Edgar Cayce, o conhecido vendedor da L.D. Potter and Company, diagnosticásse um caso para ele.

Isto soa peculiar, tendo em conta que o Sr. Cayce não é médico e nada sabe no mundo sobre medicina ou cirurgia… foi feito na presença de várias pessoas em casa do Sr. Cayce, na State Street.

O doente não está aqui, mas está doente em sua casa, em Hopkinsville. Cayce entrou em transe e depois o médico disse-lhe que o corpo do doente apareceria diante dele e que queria que ele o examinasse minuciosamente da cabeça aos pés e lhe dissesse onde se localizavam as partes doentes.

Um momento depois, o médico começou pela cabeça e perguntou a Cayce, em detalhe, sobre cada parte do corpo. Ele respondeu, indicando a localização de coágulos de sangue, que um pulmão estava a sofrer necrose, e detalhou outros sinais de doença. Era como se o corpo estivesse imediatamente diante dele, e ele pudesse ver através dele e discernir claramente cada ligamento, osso e nervo.

O Dr. Layne ficou plenamente satisfeito com o diagnóstico e, quando este ficou concluído, fez o Sr. Cayce diagnosticar vários outros casos de menor importância; depois regressou a casa e baseará o tratamento de cada caso no diagnóstico dado por Cayce.

O Sr. Cayce não sabe o que está a dizer enquanto está em transe e, quando termina, não tem qualquer lembrança do que disse. Não finge compreender o fenómeno e não é espiritualista em sentido algum da palavra, mas sim um membro ativo da Igreja Cristã.

Blackburn e os outros médicos ficaram genuinamente impressionados e entusiasmados com o que tinham visto, mas avisaram Cayce de que ele e Layne tinham tido sorte por ainda não terem feito mal a ninguém. Por causa da

formação inadequada de Layne, denunciaram-no à associação médica do estado, que fechou de imediato o seu consultório em Hopkinsville. Contudo, Blackburn convenceu-os a não avançar com acusações, e a Associação até ajudou Layne a instalar-se na Southern School of Osteopathy, em Franklin, Kentucky, para que pudesse concluir a sua formação de forma adequada. Ele partiu imediatamente para a escola.

Edgar rejubilou por estar, finalmente, livre de todo aquele negócio estranho, já que ninguém além de Layne alguma vez o conduzira em transe. Preparou-se para deixar tudo para trás, como apenas mais um desenvolvimento peculiar na sua vida, não muito diferente de dormir em cima de livros, e retomou com alívio o seu trabalho na igreja como identidade pública adequada, bem como o seu lugar na livraria.

Mais uma vez, a voz falhou-lhe de súbito — e ele ficou desesperado. Voltou-se para Blackburn, pedindo-lhe que o conduzisse num transe para renovar a circulação profunda na garganta. O médico, prestável, mobilizou de imediato a ajuda dos colegas do E.Q.B. Literary Club e elaborou um plano para estudar metodicamente as capacidades de Cayce e registar os resultados.

Nos seis anos seguintes, Cayce foi submetido a mais testes e experiências por profissionais competentes do que em qualquer período posterior da sua vida. Os resultados foram consistentemente positivos. Quase um ano depois, o jornal local voltou a noticiá-lo:

ESTRANHO

Poder do Sr. Cayce novamente testado por médico local

Há algum tempo publicámos um artigo sobre o poder peculiar do Sr. Edgar Cayce, desta cidade, de entrar em transe e descrever o estado físico de pessoas a milhas de distância e que nunca viu…

[H]á poucos dias um médico local testou os poderes do Sr. Cayce. Diz que o Sr. Cayce simplesmente se deitou na mesa de operações e relaxou completamente e, em poucos minutos, pareceu estar num sono profundo.

O médico disse-lhe então que queria que descrevesse um certo rapazinho, seu doente, que tinha pneumonia, chamando-o pelo nome. O Sr. Cayce nunca vira o rapaz e não o conhecia, e o pequeno estava então de cama, doente, noutra parte da cidade.

Apesar disso, prosseguiu e descreveu a condição do rapaz… As afirmações, diz o médico, eram absolutamente verdadeiras. Também descreveu o estado de vários outros doentes e passou a falar da circulação e do baço, descrevendo com

exatidão as suas funções; e, durante a fala, mostrou uma familiaridade notável com fisiologia e anatomia, coisas de que nada sabe quando não está em transe.

O médico não consegue explicar o fenómeno. Não é hipnotismo, pois o Sr. Cayce faz todo o trabalho por si, sem sugestão do médico, mas o que é, ele não sabe.

Não parece haver qualquer dúvida de que, quando está nestes transes, o Sr. Cayce de alguma maneira consegue ver através da anatomia humana e dizer o que vê com tanta precisão como se tudo estivesse do lado de fora. Sugeriu também um remédio para algumas condições que observou, indicou que tipo de medicamento usar e, quando lhe perguntavam o que se devia fazer para remediar outras condições, dizia que «não conseguia ver rótulo».

Há algo de extraordinário neste poder do Sr. Cayce, neste aspeto, e ele deveria ser testado e desenvolvido a fundo pelos nossos médicos e cientistas.

Um jornal de Nashville, Tennessee, enviou um repórter correspondente para investigar, que publicou a seguinte história:

O RAIO-X NÃO É NADA AO PÉ DESTE HOMEM DE BOWLING GREEN
Edgar Cayce espanta médicos com os seus transes

Edgar Cayce, vendedor numa livraria daqui, desenvolveu um poder maravilhoso que está a intrigar profundamente médicos e homens de ciência. É um jovem calmo, da mais estrita integridade de carácter e totalmente digno de confiança em todos os aspetos, e não participaria conscientemente numa fraude. Há algum tempo descobriu que conseguia relaxar e entrar em transe e que, nesse estado, podia dizer o que pessoas que não conhecia estavam a fazer a milhas de distância… Os médicos têm usado o seu poder para ajudá-los a diagnosticar casos.

Há várias noites, um dos médicos mais proeminentes daqui, juntamente com professores do colégio da cidade, testou os poderes de Cayce e ficou surpreendido e perplexo com o resultado… Cayce não se lembra de nada do que disse quando sai do transe; é para ele um completo vazio. Não tenta explicar o seu poder extraordinário, não o compreende minimamente e não o está a usar para ganhar dinheiro. Serão realizados novos testes pelos nossos médicos, que estão profundamente perplexos com os estranhos poderes de Cayce. O Sr. Cayce viveu anteriormente em Hopkinsville, mas está aqui há vários anos.

Testes foi o que Edgar obteve. Segundo as suas memórias, quase toda a gente que conheceu enquanto estava com estes médicos queria, mais cedo ou mais tarde, uma leitura dele, fosse por entretenimento, experiência científica ou

real necessidade médica. Um padre quis saber o que tinha no pacote selado (eram velas de altar). Alguém lhe pediu para prever o sexo de bebés por nascer (acertou), e um médico quis uma descrição minuciosa do quarto do hospital, bem como do interior do paciente (obteve-a). O Psychology Club do Potter College, com o Dr. Blackburn, enviou a mente adormecida de Cayce para a Louisiana para resolver um crime cometido na casa de um dos membros — e deu a Cayce um relógio de ouro pelo êxito da sua intervenção.

Alguém procurou ajuda para localizar um tesouro enterrado e conseguiu realmente desenterrá-lo sob a orientação em transe de Cayce, mas a outro inquiridor foi dito (como o próprio Cayce idoso relatou): «Esta terra não te pertence e não seria correto dar-te a informação. Esta terra pertence a outro (aqui mencionou o nome do legítimo dono), e seria correto dá-la apenas a ele.» As memórias posteriores de Edgar mencionaram mais de uma dúzia de médicos de Bowling Green que o usaram para diagnosticar uma variedade de doenças difíceis (incluindo apendicite, febre tifoide e poliomielite) com tal eficácia que muitos recorreram a ele repetidamente. Frequentemente, prescrevia medicamentos complexos, incluindo um que os farmacêuticos presentes insistiam não poder ser preparado — até que um tentou e descobriu não só que Cayce estava correto, como que a prescrição invulgar já tinha sido usada noutro local precisamente para aquela condição. O paciente ausente em Nashville recuperou e ficou radiante.

Visitantes famosos como Nikola Tesla e Elbert Hubbard investigaram o jovem quando deram palestras no colégio local. Também Thomas Edison (cujas experiências com ele Cayce mais tarde me descreveu). Tentou gravar as leituras na sua máquina falante, mas foi bloqueado todas as vezes que colocou o tubo de fala sobre o rosto de Cayce, o que terminava subitamente o transe, como se uma ligação invisível importante tivesse sido cortada.

Alarmado com a crescente notoriedade de Cayce, o conselho oficial da sua igreja chamou-o para interrogatório sobre possível fraude. Esta ação magoou-o profundamente, dada a sua longa ligação à igreja e o seu ensino ativo da Bíblia na escola dominical. Foi interrogado durante horas e contou a sua história com franqueza, recorrendo ao seu impressionante conhecimento bíblico para sublinhar que «Deus move-se de formas misteriosas. Os seus prodígios para realizar». Felizmente, teve também um defensor proeminente. «Um professor da universidade de negócios de Bowling Green, o Sr. Dickey (que mais tarde foi presidente da escola), veio em minha defesa — pois obtivera leituras para a sua esposa, filha e para si próprio, através das experiências do Dr. Blackburn, e fui

exonerado.» De facto, Cayce viria a tornar-se, com o tempo, um dirigente da igreja.

Mas o episódio abalou-o de forma diferente dos testes médicos, porque voltou a levantar a questão do seu próprio pacto com Deus, baseado nas promessas que lhe foram feitas na infância. Que queria Deus dele?

Viver uma Vida Normal e Útil

Ele e Gertrude rezaram fervorosamente por orientação e chegaram ao que lhes pareceu uma sensação de paz com Deus sobre como lidar com as suas leituras. Evidentemente, não deviam ser apenas um episódio na sua vida, mas parte do seu serviço ao Senhor, como ambos tinham começado a suspeitar muitos meses antes no tocante caso da pequena Aime Dietrich. Continuaria a dá-las apenas no seu tempo livre e sem cobrar nada, pois a capacidade era um dom que lhe fora dado e não algo que tivesse ganho. Não procuraria publicidade nem promoção, pois a obra de Deus era d'Ele, não deles.

Não recusaria nenhum pedido razoável sob auspícios médicos adequados, e ele e Gertrude aguentariam o melhor possível a notoriedade e o embaraço. Mas esperariam que Deus protegesse os beneficiários de qualquer mal através das leituras, assim como os ajudasse conforme julgasse melhor. O jovem casal também sentia que podia contar com Deus para o proteger enquanto estava no seu estado vulnerável. Acima de tudo, era a sua compreensão que lhes seria permitido viver uma vida normal e útil, criar uma família, ganhar a vida de outras formas e participar nos eventos da igreja e da comunidade exatamente como os seus amigos.

Um surto de energia criativa pareceu vir com este novo pacto de promessas. Para uma ocasião do YMCA, no qual Cayce era membro do comité de entretenimento, inventou um jogo chamado «Pit», ou «Board of Trade», baseado nas trocas ruidosas na pensão dos seus amigos sobre investimentos em cereais, que muitas vezes o tinham divertido. O jornal de Bowling Green noticiou os resultados com interesse:

THE PIT

Cópias do Jogo Inventado por Homem de Bowling Green Chegaram Aqui. Cópias de «The Pit» ou Board of Trade, o jogo de salão inventado por Edgar Cayce desta cidade, foram recebidas pelas livrarias de Bowling Green e estão em grande procura. O jogo joga-se com um baralho de sessenta e quatro cartas e o seu objetivo é encurralar o mercado.

As pessoas de Bowling Green começaram a jogar e o jogo já se revelou bastante popular. O jogo está a ter grande sucesso em todo os Estados Unidos.

Outros jornais noticiaram o seu jogo de cartas, observando que devia «render-lhe considerável dinheiro e trazer-lhe muita fama», «assim que se consiga um registo de direitos de autor». Mas, como Cayce mais tarde me relatou, enviara a invenção para uma empresa de jogos e recebera apenas cópias de cortesia como pagamento. A perda de rendimento potencial aparentemente não o incomodou e prenunciou a sua recusa vitalícia em registar as suas leituras como direitos de autor. Tinha criado numa noite algo que seria jogado por quase todas as crianças ou jovens educados no país durante décadas, e exibiu mais uma vez aquela rica veia de originalidade cocriadora que era central na sua fé.

No mesmo espírito, lançou-se num novo negócio, que já conhecia bem de Hopkinsville. Tornou-se a sua vocação durante muitos anos. Um parente de Potter, o dono da livraria, juntou-se a ele na compra de um estúdio fotográfico. Ali, uma sala lateral foi equipada com um sofá e cadeiras, onde podia encontrar-se à noite com os seus amigos médicos e dar as leituras necessárias. Mas o seu coração estava em tornar o estúdio um sucesso. Recorrendo aos padrões de trabalho árduo que aprendera como rapaz de quinta e contando com o extremismo natural nele, dedicou um esforço tremendo. Gertrude ajudava como rececionista e começou o laborioso colorir de impressões — a única forma de dar cor aos seus retratos, que depressa atraíram elogios e clientes. O dinheiro começou a entrar nas suas vidas pela primeira vez, e contrataram dois assistentes. Encontraram uma casinha para morar, e as perspetivas pareciam brilhantes.

Numa véspera de Ano Novo, enquanto Gertrude visitava parentes em Hopkinsville, a necessidade de descanso e equilíbrio (que ainda era um problema central quando o conheci muitos anos depois, e claramente foi uma questão na sua morte) fê-lo tropeçar. Os seus controlos internos, fossem quais fossem, deixaram-no inconsciente e levaram-no à beira da morte. Todos os médicos que tentaram ajudá-lo nessa noite desistiram — exceto Blackburn, que o salvou. No dia seguinte, foi enviada a Gertrude uma coroa de flores de condolências. O seu pacto não incluía a compreensão da proporção nos esforços, e agora tinha de tentar adicioná-la, embora só periodicamente o conseguisse. O treino pessoal que as suas leituras mais tarde descreveriam como parte de qualquer relação profunda com Deus começava a ser exigido dele, um desafio mais duro do que simplesmente suportar olhares e troças pelo seu dom mal definido.

Os seus esforços prosperaram, e Gertrude disse-lhe que em breve seria pai. Uns meses depois, abriu um segundo estúdio perto do colégio e Potter foi gerir

esse. Então, um desastre testou a sua fé de forma ultrajante. Edgar nunca acreditara em seguros extensos, embora o pai os vendesse e ele próprio o tivesse feito brevemente. A sua irmã contou-me mais tarde que ele acreditava que Deus era o seu melhor seguro. Por isso, não tomou precauções especiais quando encomendou de Nova Iorque uma consignação de 40 000 dólares em pinturas, gravuras e aguarelas que exibiu no seu segundo estúdio.

Na véspera de Natal de 1906, após três anos e meio de sucesso crescente em Bowling Green, o novo estúdio ardeu, deixando-o sepultado em dívidas. Mais tarde, veria isto, como outros incêndios que atingiram os seus estúdios, como ligado às vidas em Bainbridge, quando sentia ter prejudicado outros em esquemas fraudulentos. Mas, por agora, não tinha escolha senão trabalhar mais do que nunca. E perguntar-se, quando se permitia, se o seu pacto com Deus ainda estava intacto.

No entanto, não pedira favores especiais, apenas a oportunidade de viver uma vida normal. Sentia que o que lhe acontecera não era diferente dos sofrimentos dos outros, e podia torná-lo mais compreensivo com aqueles que procuravam a sua ajuda, se sobrevivesse à tensão.

Quase não sobreviveu, pois após uma leitura em que estava exausto, Blackburn não conseguiu trazê-lo de volta à consciência, e tanto ele como Gertrude pensaram que Cayce estava certamente a morrer. Por algum tempo, pouco antes do seu trigésimo aniversário, abrandou (embora os medos com dinheiro o impulsionassem, como fariam toda a sua vida) o suficiente para desfrutar o nascimento do seu novo filho a 16 de março de 1907. Deram-lhe o nome de Hugh Lynn, em homenagem a dois parentes de Gertrude. Nunca lhes ocorreria ver nele a alma descrita muito mais tarde nas leituras de vida como o Jovem Rei que exilou Ra Ta por ter levado a sua adorada bailarina no antigo Egito, ou como um seguidor íntimo de Jesus na Galileia e patrocinador de Lúcio nos últimos anos deste. Mas a proximidade com o rapaz, que Gertrude sentiu logo, seria recordada quando uma leitura de vida indicou eventualmente que ela e Hugh Lynn tinham sido almas gémeas juntas na Atlântida.

Potter vendeu a sua parte nos estúdios a Edgar e a um sócio, com a tia Carrie de Gertrude (que sempre acreditara nele) a emprestar dinheiro ao jovem casal. Para aumentar os rendimentos, Edgar frequentou um curso de verão em fotografia moderna e métodos de câmara escura numa escola fotográfica em McMinnville, Tennessee. A mudança era típica da sua prontidão, tantas vezes vista na sua vida, para arriscar, tentar algo criativo e promissor — parte do seu estilo de vida de fé em que as próprias leituras pareciam profundamente enraizadas. Enquanto estava no Tennessee, perdeu novamente a voz, e desta

vez o presidente da escola ajudou-o com o transe. Compreensivelmente, o homem queria obter algumas leituras completas, mas não conseguiram encontrar um médico presente, como Edgar regularmente exigia. Nenhum médico da cidade queria ter nada a ver com estes procedimentos irregulares.

De volta a casa, Edgar descobriu que o seu outro estúdio ardera prontamente. Desta vez estava melhor segurado e depressa voltou ao negócio, mas ainda endividado. O seu sócio decidiu sair, o que lançou a firma na falência — um dos períodos mais sombrios na vida do jovem casal Cayce. Resolveram pagar cada cêntimo. Entretanto, continuavam as experiências e testes não remunerados para os médicos da comunidade, tentando determinar a natureza e os limites das suas capacidades.

O presidente da escola de McMinnville escreveu a pedir ajuda de Cayce para o seu irmão, vice-presidente de uma ferrovia, preocupado com acidentes na sua linha. As leituras de Cayce descreveram precisamente a pessoa responsável e depois previram ominosamente que, se o indivíduo não fosse despedido, seria responsável por outro acidente «antes do primeiro de dezembro» em que o vice-presidente seria morto, e aconteceria «na Virgínia e Virgínia Ocidental». O executivo decidiu ignorar a estranha profecia, mas o acidente fatal ocorreu por negligência do empregado culpado exatamente no prazo e mesmo quando o comboio cruzava a linha entre os estados mencionados.

Cayce e Blackburn ficaram abalados. Igualmente surpreendente para eles foi um desenvolvimento totalmente inexplicável em que Blackburn se atrasou nas anotações durante uma leitura para um doente de poliomielite, pedida pelo fundador do Osteopathic College que Layne frequentava. O conhecido osteopata estava presente, assim como um dentista. Quando Blackburn quis que o homem em transe falasse mais alto e não tão depressa, o dentista colocou a mão sobre o centro do corpo de Cayce e disse: «Para cima, para cima — não tão rápido.» O corpo supostamente flutuou até à mão dele, completamente sem apoio, ficando ali até o homem atónito a retirar. Contando o incidente nas suas memórias, Cayce relatou que durante vários dias esteve quase em colapso nervoso, sem saber que danos poderiam ter sido causados pela levitação completamente inacreditável.

O dano que finalmente ocorreu das amplas experiências médicas foi muito mais óbvio. Formou-se um comité de peritos para conduzir uma leitura de demonstração perante uma grande reunião realizada em Bowling Green para médicos locais e de fora.

O Cayce em transe apresentou os sintomas, o diagnóstico, as causas e o tratamento para o paciente escolhido, dando até a temperatura e a pulsação. Depois esperou enquanto o comité foi verificar o paciente ausente, regressando para declarar que as suas conclusões estavam todas corretas. Médicos atónitos e indignados saltaram para o palco, afastaram Blackburn e começaram a testar o estado hipnótico de Cayce, presumivelmente para provar fraude. Um enfiou um longo alfinete de chapéu através das bochechas de Cayce, enquanto outro arrancou a unha do mindinho.

O homem em transe nem sangrou nem mostrou dor. No entanto, quando Blackburn finalmente recuperou o controlo e o trouxe de volta à consciência, Cayce perdeu muito sangue e o dedo doeu violentamente. Em grande ira, repreendeu toda a companhia e saiu furioso. Para aumentar o seu desalento, o dedo infetou-se e incomodou-o durante todo o ano seguinte. Quando o conheci, a unha ainda estava ligeiramente deformada.

De Veneno para um Bebé a Corridas de Cavalos

Porque não fora protegido, como pensava que seria ao dar leituras? Ele e Gertrude concluíram finalmente que estava autorizado a ajudar os doentes e aflitos, mas não a tentar persuadir céticos. Jesus na Galileia recusara provar-se com sinais, e Cayce também recusaria. A partir de agora, daria leituras apenas àqueles que as pedissem com uma necessidade clara.

Mas determinar o que era uma necessidade clara nem sempre era simples. Não teve dificuldade em decidir ir a Hopkinsville pela tia Carrie de Gertrude, que fora tão útil com o seu estúdio. Casada com Thomas House, que era tanto médico como osteopata, ela estava gravemente doente e diagnosticada com um tumor. Esta foi a primeira tentativa de Edgar para ajudar um parente gravemente doente, e sentiu um medo que lhe secava a boca. A leitura insistiu que tinha um intestino obstruído, não um tumor, e prescreveu o tratamento adequado. Observou também que estava grávida — embora o Dr. House lhe assegurasse que era impossível, pois especialistas tinham repetidamente estabelecido que ela não podia ter filhos.

O tratamento para o intestino restaurou rapidamente a sua saúde, enquanto o parto ocorreu alguns meses depois, produzindo um menino, para alegria de todos os parentes e sobretudo de Carrie. Quando a criança adoeceu com convulsões alguns meses após o nascimento, Edgar voltou para dar uma leitura que, para seu choque e do Dr. House, prescreveu uma dose letal de beladona, seguida imediatamente por um antídoto. Nenhum médico o administraria, por isso Carrie fê-lo ela própria, segura na sua confiança no dom de Edgar. A criança

recuperou bem, mas Cayce lembraria sempre de ver esta mulher muito especial a dar veneno fatal ao seu próprio bebé, confiando absolutamente num processo que ele próprio muitas vezes ainda questionava.

Houve então outros pedidos de ajuda mais difíceis de decidir. O seu pai veio vê-lo, suplicando que a família e as irmãs mais novas precisavam de dinheiro, e pedindo leituras sobre o mercado de trigo. Um sindicato de investidores formara-se em Hopkinsville e concordara incluir o squire em troca da ajuda em transe de Edgar. O filho sentiu que tal assistência era contrária à sua compreensão do dom e das promessas a Deus. Com grande relutância, acabou por concordar, insistindo que não lucraria pessoalmente.

As leituras subsequentes deram-lhe dores de cabeça, como tantas vezes quando algo acontecia em transe de que não aprovava realmente; as dores de cabeça serviam-lhe como dispositivo de aviso instantâneo. Os investidores em trigo acumularam lucros imediatamente, mas quando Edgar lhes disse eventualmente que um homem que nomeou encurralaria o mercado e causaria um crash completo, ignoraram-no — e foram arruinados. O incidente criou alguma amargura duradoura contra o squire, que sentiram ter promovido excessivamente o filho.

O Cayce idoso não se deteve, porém, e começou a pressionar o filho para resolver crimes, especialmente os com recompensas. Edgar não queria parte do dinheiro, mas descobriu que podia ser tentado a usar as suas leituras para resolver casos cuja solução escapava a todos os outros. Um assassinato no Canadá envolveu duas irmãs idosas, uma das quais foi baleada por um intruso que a outra descreveu minuciosamente. Não se encontrou sinal do homem. A leitura chocou as autoridades ao afirmar que, na verdade, a irmã sobrevivente assassinara a outra por ciúmes de um pretendente e atirara a arma pela janela, onde aterrou numa calha de chuva e foi levada para a lama ao lado da casa. A polícia encontrou a arma exatamente onde a leitura especificava, mas em vez de prender a irmã, telegrafaram às autoridades do Kentucky para deterem Edgar como assassino, convencidos de que só o criminoso poderia ser tão específico. Eventualmente, confrontada com a descrição quase ocular do crime por Cayce, mais o motivo e a arma, a irmã confessou.

As memórias do Cayce idoso relataram outro caso do mesmo período, quando uma leitura localizou um homem negro que alvejara e matara o marechal da cidade numa pequena vila ferroviária a pouca distância de Hopkinsville. A leitura localizou-o a trabalhar numa mina de carvão, mas (como tantas vezes acontecia nestes casos) o homem mudou-se nesse mesmo dia. Leituras posteriores seguiram-no até ser preso com sucesso. Um caso diferente

e mais colorido envolveu uma empregada desaparecida, suspeita de ter levado vários milhares de dólares em obrigações. O patrão apresentou um relatório de pessoa procurada à polícia, e um detetive pressionou Cayce — que detestava meter-se no assunto — para localizar a mulher. Finalmente, Cayce concordou com condição de anonimato e encontrou prontamente na leitura que descrevia não a empregada, mas a esposa do patrão, que fugira com um amante e o dinheiro. O detalhe na leitura que confirmou a descrição (e me fez abanar a cabeça quando ouvi) era tão único que surpreendeu Cayce e o pai: dois dedos do pé da mulher tinham crescido juntos, após uma queimadura no pé esquerdo. O marido embaraçado apresentou uma nova queixa, e uma série de leituras seguiu os fugitivos até serem localizados em Columbus, Ohio.

Leituras deste tipo perturbavam Edgar, porque pareciam deixar nele um resíduo de violência. Mas uma vez que começara a usar a sua capacidade para fins não médicos que lucrassem a outrem, como recompensas por criminosos, era difícil saber quando parar. A sua irmã contou-me mais tarde que, quando ficou com o irmão e a família em Bowling Green por algumas semanas, toda a gente parecia querer usá-lo para algo em seu proveito. Mas Edgar ainda lutava para pagar as dívidas da falência. Ela instou-o a olhar por si próprio fazendo fortuna com as leituras em Nova Iorque, como há muito sentia que devia. Se o seu sentido da ligação dele com Nova Iorque era intuitivo, provaria ser acertado, porque vinte anos depois viriam fundos extensos para o seu trabalho de lá. Entretanto, foi abordado por um jovem amigo chamado Joe, que também sentia que devia interessar investidores de Nova Iorque no seu dom.

Os detalhes que se seguiram fascinaram-me pela sua precisão, quando ouvi Cayce contar a história mais do que uma vez. O jovem localizou um especulador de Manhattan, e o Dr. House conduziu a leitura sobre ele. Começou por descrever a casa e a hora do dia em Nova Iorque (observando o horário de verão, ao contrário de Bowling Green), depois seguiu o sujeito passo a passo enquanto ia para o escritório. Às 9:30 da manhã comprou um charuto invulgar para ele, e quando chegou ao edifício do escritório e ao elevador, a leitura observou: «Faremos com que suba a pé para se lembrar.» Subiu a pé, assobiando «Annie Laurie» (gostei deste toque) e encontrou um homem à espera para discutir um terreno que a leitura descreveu e estipulou que seria chamado ao tribunal de sucessões nessa tarde às três.

O homem encontrou na secretária três cartas específicas detalhadas na leitura: uma conta, uma carta de negócios e uma carta da namorada cujo início a leitura citou. O telefone tocou e a leitura identificou imediatamente o chamador. Quando tudo isto foi enviado por telegrama para Nova Iorque, o destinatário

atónito telegrafou de volta que estava absolutamente correto e que partia imediatamente para Bowling Green.

Experiências no Kentucky seguiram-se, com participação de dirigentes do banco local, e foi reunido dinheiro para enviar Cayce a Nova Iorque, onde poderia dar as suas notáveis leituras e todos fariam fortuna. Mas Gertrude opôs-se vigorosamente, citando a sua convicção das promessas feitas a Deus. Como poderia ter a certeza de que não perderia o dom se o usasse para ganhar dinheiro para si próprio, quando estava tão fortemente convencido de que não devia? Assim, decidiu contra a aventura.

No entanto, a tentação persistia. Enquanto sofria tanto com dificuldades financeiras, era impressionante ver que o seu dom conseguia atrair outros que tinham dinheiro. Sob a perspetiva das leituras de vida posteriores, as encarnações em Bainbridge pareciam emergir com uma força e rapidez notáveis, assim que ele voltou a entrar na aura do jogo e da especulação. Então Joe regressou, oferecendo pagar a última nota bancária remanescente de Cayce do incêndio desastroso, se este lhe desse três leituras sobre trigo. Cayce acabou por consentir, estipulando que o Dr. Blackburn devia conduzir a leitura e ser pago pelo seu tempo.

O jovem ganhou vinte mil dólares em trigo em três dias — mais de três vezes o que Cayce alguma vez ganharia num ano pelo resto da sua vida. Essa quantia teria comprado a Edgar e a Gertrude uma casa confortável e um estúdio, na altura. Não surpreendentemente, Cayce ouviu quando Joe apareceu mais uma vez, desta vez para sugerir leituras sobre corridas de cavalos. Foram ao hipódromo de Latonia e obtiveram leituras durante três dias. A maioria dos resultados previstos estava exatamente correta — embora lhes tenham recusado resultados em corridas que as leituras diziam estarem manipuladas. Joe ganhou centenas de milhares de dólares e perdeu o equilíbrio mental, tendo de ser internado num hospital psiquiátrico estatal para o resto da vida. Cayce ficou arrasado e descobriu, horrorizado, que já não conseguia dar leituras de todo. A sua saúde deteriorou-se e tossia constantemente, parecendo tuberculose.

Em desespero, fechou o estúdio — livre da falência, mas sem um centavo — enviou Gertrude e o filho para ficarem com parentes na casa de família em Hopkinsville e logo a seguiu. Decidiu abandonar todas as experiências com a sua capacidade invulgar e tentar fazer um balanço da sua vida.

Mais Uma Vez uma Criança Doente

Além disso, acreditava verdadeiramente na altura (como mais tarde contou tanto a mim como a Sherwood Eddy, que escreveu sobre isso) que a sua capacidade invulgar nunca mais regressaria. Meses e meses passaram sem que conseguisse obter leituras nem para os doentes mais críticos. Para ele, parecia ter desaparecido para sempre, perdida pela sua impaciência e falta de confiança em Deus, e ridicularizada pela loucura duradoura do jovem que tão subitamente ganhara tanto dinheiro. Não só falhara em continuar a salvar os doentes, como usara o seu dom para criar uma doença terrível. Ao longo de sete longos anos vivera na cidade universitária, acabando com tão pouco como quando começara. Agora, até o seu meio especial de servir a Deus lhe fora tirado.

De volta à sua antiga casa, descansou vários meses, estudando a Bíblia com fervor e rezando. Percebeu que, ao aceitar leituras especulativas, sofrera uma mudança abrupta em todo o seu ser, desenvolvendo novos gostos e valores, além de novas associações. Anos mais tarde, veria tudo isto como expressão do seu karma de Bainbridge, mas na altura só conseguia maravilhar-se com o que lhe acontecera, sentindo o coração clamar por um novo começo.

Finalmente, foi sozinho para Gadsden, Alabama, arranjando emprego com um jovem fotógrafo e ficando com os pais devotamente cristãos do homem, que o influenciaram profundamente. Na primavera, aceitou um posto numa pequena empresa em Anniston, porque sabia que o manteria ao ar livre grande parte do tempo. Queria estar sozinho e na natureza o mais possível. As suas tarefas consistiam em fotografar turmas escolares, assim como outras convenções e reuniões em pequenas cidades.

Tinha trinta e três anos, era pai e estava dilacerado pela dor. Percorrendo estradas e bosques com a câmara, o tripé, o pó de magnésio, a mala e a Bíblia, procurava o caminho de volta à sua verdadeira relação com Deus. Que aprendera em Bowling Green? Fizera dezenas de amigos, mas nenhum que partilhasse a sua perspetiva espiritual. Blackburn era alguém que estimaria como amigo, mas onde estavam aqueles que trabalhariam com ele à luz da fé bíblica? Nenhum ministro ou grupo eclesial levara o seu dom a sério. Pessoas da faculdade e cientistas tinham ficado fascinados com a sua capacidade agora perdida, mas não lhe ofereceram companheirismo nem comunidade. Banqueiros e líderes empresariais pensavam que o poderiam usar — era tudo. Precisava de ter pessoas próximas de si e de Gertrude que, como os idealistas da sua antiga turma de Bíblia em Hopkinsville, estivessem prontos a partir pelo mundo em serviço principista. Um pacto com Deus implicava um pacto com o povo de Deus — mas que povo tinha lugar para ele?

Embora estivesse cansado e desanimado, era mais forte do que quando começara em Bowling Green. Gerir o seu próprio negócio, os incêndios nos estúdios, as dívidas avassaladoras, os testes públicos por médicos e peritos, e até os erros ao brincar com assassinatos e mercados temperaram-no. Aprendera o desapego quando abandonara tudo. Algures dentro dele havia uma força tranquila que conseguia afastar o seu próprio extremismo e preocupação quando o escolhia. Talvez tivesse perdido o dom, mas começava a ganhar-se a si próprio.

Na solidão da natureza, a sua vida de oração regressara e Deus sentia-se novamente tão próximo como outrora nas horas de silêncio na casa da árvore no prado e durante o ano sem fala na câmara escura fotográfica. Estava pronto para recomeçar. Mais uma vez foi uma criança doente que finalmente trouxe uma leitura, num domingo à tarde numa pequena cidade do Alabama, mais de onze meses depois de a capacidade o ter abandonado completamente. Era ajudar crianças, como no caso de Aime Dietrich, que sempre o conseguia guiar de volta ao seu pacto primal com o que sentia ser o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, feito naquela noite de maio quando era menino.

13 Por Que Não Haveria de Temer a Publicidade?

Quase imediatamente, a sua vida deu uma volta. Foi catapultado para a fama nacional. Em Hopkinsville conhecera um médico, um M.D. chamado Wesley Ketchum, e fizera algumas leituras para ele enquanto estava em Bowling Green. A reação inicial de Ketchum não fora promissora, pois achava os conselhos médicos absurdos, mas apontara que ele e Cayce podiam ganhar muito dinheiro a oferecê-los. Mudou de ideias, porém, quando as provas o compeliram — começando por uma leitura sobre si próprio. Após o regresso do dom de Edgar, Ketchum começou a usá-lo em casos difíceis. Sempre que Cayce regressava aos fins de semana do campo para ver a esposa e o filho, arranjava tempo para leituras para Ketchum.

Então, completamente sem o conhecimento de Cayce, Ketchum (sem o nomear) apresentou um relatório sobre ele numa convenção médica de cerca de setecentos médicos da National Society of Homeopathic Physicians, reunida em Pasadena, Califórnia. Significativamente, Ketchum desafiou os colegas a testar o seu relato:

«Agradeceria o conselho e as sugestões dos meus colegas neste vasto campo quanto ao melhor método de colocar o meu homem ao serviço da humanidade. Ficaria grato se me enviassem o nome e a morada do vosso caso mais complexo e tentarei provar o que me esforcei por descrever.»

Um especialista na audiência convidou-o a apresentar um artigo na reunião seguinte em Boston da American Association of Clinical Research — uma associação profissional sólida e respeitada. Ketchum escreveu o relatório com cuidado, mas sentiu-se demasiado ocupado para comparecer e mandou lê-lo por um colega médico amplamente admirado, colaborador do Journal of the American Medical Association.

A resposta foi imediata, começando com esta notícia no Boston Herald:

CASO HIPNÓTICO ESTRANHO

Um caso notável de esforço hipnótico foi descrito perante a American Association of Clinical Research na sua reunião nas instalações da Society of Natural History. Um relatório do Dr. W. H. Ketchum, de Hopkinsville, Kentucky, afirmou que está a empregar um jovem analfabeto que consegue adormecer à vontade e, nesse estado, diagnosticar com precisão uma doença e prescrever o tratamento correto, seja um caso médico ou cirúrgico. Usa então linguagem técnica sem hesitação, mas ao acordar não sabe nada sobre o paciente nem sobre terminologia médica.

Os repórteres descobriram rapidamente a identidade de Cayce e, em poucos dias, o sério New York Times publicou um longo artigo sobre ele, com fotografias, que ocupava quase uma página inteira:

ANALFABETO TORNA-SE MÉDICO QUANDO HIPNOTIZADO

Poder Estranho Demonstrado por Edgar Cayce Intriga Médicos A classe médica do país está a mostrar vivo interesse no estranho poder que se diz possuído por Edgar Cayce, de Hopkinsville, Kentucky, para diagnosticar doenças difíceis num estado semic consciente, embora não tenha o mínimo conhecimento de medicina fora desse estado.

Após descrever as circunstâncias que levaram ao relatório de Ketchum, o artigo continuava:

A sua apresentação causou sensação e, quase antes de o Dr. Ketchum saber que o artigo fora entregue à imprensa, foi inundado com cartas e telegramas a perguntar sobre o estranho caso.

Convém acrescentar que o Dr. Wesley H. Ketchum é um médico reputado de elevado estatuto e prática bem-sucedida na escola homeopática de medicina. Possui uma educação clássica, é de natureza científica e é licenciado por uma das principais instituições médicas do país. É avalizado por médicos ortodoxos tanto no Kentucky como no Ohio, estados onde é bem conhecido. Em Hopkinsville,

onde reside, nenhum médico de qualquer escola goza de maior prestígio, embora ainda seja um jovem do lado sombrio do limite dos 40 anos do Dr. Osler.

O Dr. Ketchum deseja que se entenda que a sua apresentação do assunto é puramente ética e que não tenta explicar o que deve ser classificado como fenómenos mentais misteriosos.

O Dr. Ketchum não é o único médico que teve oportunidade de observar o funcionamento da mente subconsciente do Sr. Cayce. Há quase dez anos que o seu estranho poder é conhecido pelos médicos locais de todas as escolas reconhecidas.

Seguiam-se excertos do extenso artigo de Ketchum, com este resumo da sua experiência até então:

Após entrar em detalhe com um diagnóstico e dar nome, morada, etiologia, sintomas, diagnóstico e tratamento de um caso, é acordado... Ao interrogá-lo, não sabe absolutamente nada do que disse nem de que caso estava a falar. Usei-o em cerca de 100 casos e, até à data, nunca conheci erros no diagnóstico, exceto em dois casos em que descreveu uma criança em cada caso com o mesmo nome e que residia na mesma casa que a pretendida. Simplesmente descreveu a pessoa errada.

O artigo passava depois para o relato do próprio Cayce sobre como funcionava a sua habilidade, conforme relatado por Ketchum:

Ao ser-lhe perguntada a fonte do seu conhecimento, estando neste momento no estado subconsciente, afirmou: «A mente de Edgar Cayce é suscetível à sugestão, tal como todas as outras mentes subconscientes, mas, além disso, tem o poder de interpretar para a mente objetiva dos outros o que adquire das mentes subconscientes de outros indivíduos do mesmo tipo. A mente subconsciente não esquece nada. A mente consciente recebe a impressão do exterior e transfere todos os pensamentos para o subconsciente, onde permanecem mesmo que a consciência seja destruída.» Descreveu-se a si próprio como terceira pessoa, dizendo ainda que a sua mente subconsciente está em comunicação direta com todas as outras mentes subconscientes e é capaz de interpretar através da sua mente objetiva e transmitir impressões recebidas a outras mentes objetivas, recolhendo assim todo o conhecimento possuído por milhões de outras mentes subconscientes.

No total, o jovem Cayce deu mais de 1000 leituras, mas nunca virou os seus maravilhosos poderes para vantagem pecuniária, embora muitas pessoas

tenham recuperado a saúde seguindo o curso de tratamento prescrito nas suas leituras em estado de hipnose.

O presidente James Hyslop da American Psychic Society fez sugestões quanto ao desenvolvimento dos poderes do sujeito. Outros psicólogos na Europa e na América procuram informações, e o plano do Dr. Ketchum é ter um comité de cientistas do mais elevado estatuto a vir a Hopkinsville e investigar da forma mais rigorosa, fazendo um relatório sobre a verdade do que se alega mas não se compreende. Que isto será feito num futuro próximo é certo. Vários homens desta cidade assistiram às leituras do Sr. Cayce e estão prontos a testemunhar a verdade das representações feitas.

Após transcrever verbatim o texto de uma leitura completa observada por um repórter, o artigo terminava:

A experiência não o fatiga nem o esgota. Pelo contrário, parece revigorá-lo. Por vezes sente-se cansado e aceita um caso para ler, adormecendo de propósito, e ao ser acordado sente-se grandemente revigorado.

A questão da distância não é importante, pois já deu leituras bem-sucedidas com o sujeito a mil milhas de distância.

O Sr. Cayce não revelará os nomes dos seus pacientes, se lhes pudermos chamar pacientes, mas diz estar pronto a submeter quaisquer factos necessários para auxiliar a investigação mais completa.

Mais de Vinte Mil Cartas

Purificado pelo sofrimento durante a estadia em Bowling Green e pelo subsequente ano solitário de busca da alma, Edgar estava pronto para o tipo de inquérito cuidadoso e minucioso descrito no artigo. Com mais de mil leituras atrás de si, precisava de saber como funcionava a sua capacidade e como devia ser melhor usada. Mas descobriu que Ketchum era um homem ambicioso, ansioso por humilhar os colegas e toda a profissão médica, enquanto ainda esperava ganhar somas consideráveis de dinheiro. O médico também sentia o estigma de ser um nortista do Ohio no mundo conservador e por vezes paroquial das pequenas cidades do Kentucky.

Em vez do esforço de investigação tão oportuno e apropriado, Ketchum propôs uma firma lucrativa composta por si próprio, um dono de hotel local chamado Noe que poria o dinheiro, e o pai de Edgar, que serviria como condutor das leituras. O projeto refletia não só o desejo compreensível de Ketchum de fazer nome, mas o ethos do país em 1910, quando as lendas de barões dos caminhos de ferro e magnatas bancários faziam parte do sonho americano. A

visão aberta de Cayce não tinha lugar real num tempo assim, e nenhuma comunidade de investigação ou serviço queria acolhê-lo: nem hospital nem clínica, nem universidade, nem igreja. O seu próprio espírito missionário não encontrava campo missionário nem patrocinadores visionários.

Edgar ficou atolado numa enorme inundação de correio e telegramas de incuráveis e curáveis de todo o país. Mais de dois mil dólares em dinheiro, cheques e ordens de pagamento chegaram a sua casa, e mais de vinte mil cartas. A cena, quando regressou de uma viagem ao Alabama a fotografar crianças para os Tressler Studios, era a mesma que perto do fim da sua vida — sinais de dor interminável. Com o seu próprio sofrimento emocional pelos fracassos ainda muito próximo, foi tocado pela compaixão pelos sofredores que se voltavam para ele de todo o país. A sua solução refletia o seu crescente sentido de estatura, pois levou a sua situação a cidadãos públicos proeminentes de todo o estado. Já não era o rapaz de quinta inseguro nem o dono de estúdio hesitante. Em vez disso, começava a procurar padrões para juntar a sua vida num desígnio responsável digno da vocação que lhe fora renovada.

O seu maior desejo era uma organização de investigação que o ajudasse a separar o que era válido no seu dom do que poderia ser, como dizia, «charlatanice». Mas nenhum hospital nem universidade mostrou interesse. Tentando ser responsável, foi a juízes dos tribunais do Kentucky — estaduais, de circuito, condado e cidade — e pediu-lhes que estivessem presentes nas leituras, depois dessem uma opinião por escrito (a ser arquivada numa sociedade de investigação psíquica em Nova Iorque) sobre se as suas leituras deviam ser consideradas valiosas perante a opinião pública e a lei, ou descartadas como obra de charlatão.

A resposta foi fortemente positiva. Relutantemente, aceitou a única oferta que lhe foi feita, que era uma parceria comercial arranjada pelo pai, propondo gerir os dados gerados pelas suas leituras, mas gerando rendimento para os três apoiantes: Dr. Ketchum, Noe e o pai. Foram contratadas estenógrafas, como Cayce insistiu, e cada centavo das milhares de consultas por correio foi devolvido com uma explicação cuidadosa do que era oferecido e do que não era. Foram feitas transcrições das leituras e submetidas a ele para estudo, mas simplesmente não sabia o que fazer com elas. Não havia protocolos nem especialistas para investigação sobre videntes em Hopkinsville.

A nova firma devia fornecer-lhe um estúdio para o seu trabalho fotográfico e gastar quinhentos dólares no seu equipamento. Era tudo. Ainda se via principalmente como fotógrafo querendo sustentar a família e viver uma vida normal na comunidade. Em troca da renda e do equipamento, daria leituras

diárias numa sala mesmo em frente ao corredor onde tirava retratos. O que era absolutamente novo para ele era esta dimensão financeira. Ketchum faturaria aos pacientes os seus próprios serviços médicos que incluíam leituras (parte da razão para obter opiniões legais antecipadamente) e dividiria os lucros líquidos em proporções acordadas com os parceiros — embora não com Edgar. Pessoas sem meios receberiam leituras gratuitas pelos termos do contrato. Decidir receber qualquer benefício foi um passo gigante para Cayce, especialmente após as tentativas desastrosas nas corridas de cavalos. Mas estava determinado a servir os doentes que se voltavam para ele, fazê-lo sob cuidados médicos adequados e torná-lo parte regular da sua vida como forma de glorificar silenciosamente Deus onde pudesse. O desenho lado a lado do estúdio fotográfico no segundo andar e do escritório de consultas espelhava a divisão na sua vocação.

Jovem de Olhos Bons e Honestos

Os seus parceiros não eram tão inclinados à modéstia como ele, e o pai — sempre o promotor — ficou encantado por ter um escritório impressionante e caro onde conduziria as leituras, mesmo que isso significasse ficar de pé junto a uma mesa alta onde Edgar se deitava. A mesa, sugerindo um cenário vagamente cirúrgico, foi elevada para efeito dramático deliberado apesar das objeções de Edgar. Numa leitura sobre como prosseguir, disseram-lhes a todos que Edgar devia estar em Virginia Beach, Virgínia, para fazer o seu melhor trabalho, mas claro que os parceiros ignoraram e Edgar nunca ouvira falar do lugar.

Caso após caso, num espetro notavelmente amplo de doenças, lesões, defeitos de nascença e deficiências mentais, foi apresentado ao homem em transe na mesa alta. O seu estúdio fotográfico revelou-se bem-sucedido também, pois tinha talento rapidamente reconhecido, como fora em Bowling Green, onde ganhara prémios por retratos submetidos em competições tão distantes como St. Louis, e tivera uma obra premiada reproduzida no Ladies' Home Journal. As leituras de vida posteriores traçaram o artista nele a uma vida em Troia, onde fora primeiro escultor.

Além disso, lidava com corpos, a sua antiga preocupação com cura e aperfeiçoamento genético como Ra Ta, de duas formas construtivas ao mesmo tempo — cuidados médicos e estudos fotográficos. E, significativamente para o seu futuro, estava a aventurar-se em novas direções com as suas criações fotográficas, criando retratos que revelavam o que via como a essência de cada pessoa ou grupo familiar trazido perante ele. Que já se movia em direção aos retratos de vida nas leituras vindouras podia ser argumentado com alguma razoabilidade. Se o regresso a Hopkinsville significava o regresso daquela parte

dele que era Lúcio da Igreja primitiva, como a renovação do seu ensino bíblico na Ninth Street Christian Church poderia sugerir, era agora acompanhado por alguma da força testada em batalha que podia ser tirada de Uhjltd, o rei guerreiro.

Os parceiros queriam toda a publicidade possível para ele e acolheram uma série de artigos em 1911 no Chicago Examiner pelo respeitado e articulado repórter Roswell Field, que veio a Hopkinsville estudá-lo. A primeira peça, como tantas antes e depois, explorava o ângulo do ignorante e do campónio, apesar do poder cerebral estabelecido de Cayce no seu ensino semanal na escola dominical da igreja:

PSICÓGRAFO DIAGNOSTICA E CURA PACIENTES

Ignorante de Medicina, Torna-se Curador em Transe Kentuckiano Novo Enigma para Médicos Admite Não se Lembrar de Nada que Ocorra no Sono Hipnótico Tratamentos Notáveis e Bem-Sucedidos São Jurados em Declarações Após explicar o que Cayce fazia e como, Field voltava-se para a localização:

Perto do fim da Main Street em Hopkinsville, ao lado de uma estreita escada, está a placa «Cayce Studio». No topo da escada há duas portas, uma levando diretamente a um estabelecimento fotográfico, a outra indicando uma suíte de salas na entrada de vidro da qual está pintado «Edgar Cayce, Jr., Psychic Diagnostician».

Os parceiros, sem o consultar, tinham decidido um nome para o seu talento e acrescentaram um «Junior» gratuito para o distinguir de um tio local com o mesmo nome. Field continuou com alguma história que começava assim:

«Corria o rumor de que, embora fosse um jovem simples, descontraído e modesto, com muito pouca educação, possuía poderes psíquicos maravilhosos.»

Como muitos outros, via a simplicidade e modéstia de Cayce como resultantes de lacunas na sua constituição, e não do compromisso disciplinado de onde realmente provinham. Field prosseguia:

«A sua aparência não era nem conspicuamente encorajadora nem dececionante. A sua fotografia, que é admirável, confirma a impressão de um jovem alto e esguio, de olhos bons e honestos, suficientemente afastados, testa alta e traços comuns.»

O artigo prosseguia com um longo diálogo com Cayce e concluía com Cayce a falar, num tom menos pretensioso do que o dos seus parceiros:

«Não explico isso. Não sei nada sobre o assunto. Só sei que me mostram a cópia quando acordo, e é tudo grego para mim.»

«Tentou algum outro tipo de trabalho psíquico?» «Sim, mas não gosto. Acho realmente que, se brincasse com este dom, Deus mo tiraria.»

(Dizem que Cayce é extremamente religioso.)

A série desenvolveu-se em vários artigos longos e equilibrados, concluindo o último numa nota otimista:

«Os leigos de Hopkinsville, os velhos conhecidos, amigos e colegas de escola de Cayce, só têm palavras amáveis para ele. Cresceu ali, é pessoalmente conhecido deles há anos e falam entusiasticamente da sua natureza, carácter e espírito. Contam a mesma velha história — "Não sabemos o que pensar", mas acreditam na integridade pessoal do homem.

Entretanto, Cayce continua a cuidar da esposa e do filho... e, incidentalmente, a fotografar a beleza e a cavalaria de Hopkinsville.»

Animado pelos relatos favoráveis, Edgar e o pai aceitaram um convite de um jornal de Chicago para passar duas semanas nessa cidade a dar leituras. Foram instalados na suite nupcial do Hotel La Salle. A Cayce foi pedido primeiro para localizar uma rapariga desaparecida cuja ausência fora amplamente divulgada, para fazer magia, trazer de volta os espíritos dos mortos e levitar um elefante. Quando finalmente arranjou uma leitura médica apropriada num paciente, a estenógrafa saiu furiosa, recusando-se a anotar o material absurdo, e o médico presente, que admitiu o diagnóstico correto, recusou aplicar qualquer tratamento recomendado ou sequer permitir que o seu nome fosse mencionado. Pai e filho deixaram a cidade, com Edgar amargo e desiludido, negativo quanto à publicidade durante a maior parte dos dias que lhe restavam; como escreveu na sua história de vida publicada:

«Então por que não haveria de temer a publicidade?»

Mais uma vez, a sua perspetiva do Novo Testamento dizia-lhe que produzir sinais para impressionar as pessoas não era o caminho de Jesus, e não devia ser o seu. Investigação genuína conseguia suportar; fanfarra, desfiles e promoção, não. O caminho de Deus era uma força encontrada na fraqueza.

Quando um perito totalmente qualificado veio a Hopkinsville para o desmascarar, Cayce manteve-se firme. Abriu tudo o que fizera à inspeção, respondeu a todas as perguntas e enviou o homem a entrevistar pessoas conhecedoras por toda a cidade. O visitante, rude e hostil, era o Dr. Hugo

Münsterberg, de Harvard, um dos psicólogos mais respeitados da época, sempre pronto a desmascarar médiuns como charlatães. Annie Cayce contou-me mais tarde que teve tanto medo desse homem que ficou em casa sem trabalhar. Era uma figura intimidante para toda a família. Após ouvir leituras para si próprio, Münsterberg encorajou Cayce a não ter medo de continuar as leituras, mas acrescentou (sabiamente, como se viria a provar) que estava envolvido com a multidão errada, pois os seus esforços não deviam ser orientados para ganhar dinheiro. Décadas depois, o filho de Cayce apontou-me que este homem capaz fora o primeiro de vários psicólogos académicos a investigar o pai em primeira mão com cuidado científico objetivo. Nos longos anos subsequentes de serviço de Cayce, nenhum o fez com o resultado de o acusar de fraude ou trivialidade.

Alguém Alguma Vez Compreenderá?

O juiz das suas leituras que Edgar teve de enfrentar a seguir era muito mais severo: ele próprio. A esposa presenteou-o com um novo filho, Milton Porter Cayce, e ambos ficaram encantados, sem grande preocupação inicial que o bebé estivesse constantemente doente e a chorar, esperando que passasse. Mas o médico assistente chocou-os com a informação de que o bebé desenvolvera colite e estava a morrer. Quando Edgar procurou freneticamente uma leitura, foi-lhe dito que era tarde demais, e informaram-no da hora em que o bebé morreria, como veio a acontecer. O jovem pai ficou devastado. Por que não procurara uma leitura mais cedo? Servira centenas e centenas de outros com necessidades médicas, mas ignorara o próprio filho.

Mais uma vez, lançou-se em longas caminhadas ao ar livre, tentando fazer as pazes consigo próprio e com Deus. Esperava ser cuidado quando fazia o que sentia que Deus queria. Mas esse acordo não significava que pudesse negligenciar usar os seus próprios melhores recursos. Quão profundamente o falhanço em usar as leituras para este segundo filho o feriu podia ver-se em material de sonhos que o assombraria anos depois. No entanto, também o abriu de novo aos sofrimentos dos outros que perdiam batalhas contra a morte.

Gertrude teve as suas próprias lutas de culpa e desânimo com a morte do bebé. Não conseguia recuperar as forças após o parto, e ficou pálida e apática. Um resfriado transformou-se em pleurisia e depois em tuberculose. Tanto Cayce como ela contaram-me longos anos depois o choque que ele sentiu quando o Dr. Jackson, o médico de família dela desde menina, o chamou de lado e disse: «Se há alguma coisa neste negócio de macacos que tens feito com estes tipos por aqui, é melhor experimentares na tua esposa.» Gertrude estava agora não só doente como esperava morrer dentro de uma semana. Ele escreveu sobre o seu pânico no seu livreto autobiográfico.

«Alguém alguma vez compreenderá o que significou para mim saber que estava a tomar nas minhas próprias mãos a vida de alguém próximo e querido, e que as forças e o poder que usara de forma hesitante durante anos tinham agora de ser postos à prova crucial?»

Ainda abalado por nem sequer ter tentado ajudar o filho bebé, não tinha a certeza do que realmente pensava que aconteceria quando entrasse no estado inconsciente para este fim. Seria julgado por todos os seus tropeços e considerado insuficiente? A leitura diagnosticou-a cuidadosamente e com precisão, mas prescreveu fármacos que os médicos assistentes disseram não poder ser compostos. No entanto, quando o composto problemático lhe foi administrado conforme indicado, as hemorragias da esposa pararam, e ela iniciou uma recuperação constante, com a ajuda de um remédio invulgar que mais tarde se provaria útil para outros sofredores de infeções respiratórias semelhantes: os fumos de brandy de maçã num barril de carvalho carbonizado.

Disse-lhes que Estava Farto

Para ambos, esta leitura foi um dos poucos pontos de viragem mais significativos nas suas vidas, levando diretamente a um pacto muito mais sério do que até então haviam contemplado. As leituras de Edgar viriam um dia a não ser simplesmente o seu alcance a tempo parcial como cristão sério, mas a sua única vocação. A doença de Gertrude aproximou-os ainda mais um do outro, e descobriram em breve que precisavam da força um do outro para enfrentar uma mudança indesejada. Edgar começou a ter novamente dores de cabeça, sempre o seu aviso de que algo corria mal no processo de leitura.

Não conseguia perceber a causa, pois insistia em rever as transcrições das leituras diárias, e pareciam em ordem. Mas a sua intuição dizia-lhe que algo estava errado, e começou a escrever e telefonar a recentes recipientes de leituras datilografadas para ele. Para seu horror, descobriu que alguns não tinham recebido qualquer ajuda desse tipo. Confrontou o pai e os outros dois parceiros, com consequências que lhe deram um dos maiores golpes da vida.

O que descobriu foi que tinham falsificado algumas das transcrições para obter leituras em vez disso sobre como investir dinheiro, pois sentiam que o rendimento chegava demasiado devagar com o número de leituras gratuitas e o processo de garantir apenas duas por dia. Edgar sentiu-se traído e usado, especialmente pelo próprio pai, e terminou prontamente a parceria, dizendo-lhes que estava farto. Os outros não estavam dispostos a deixá-lo ir, e teve de os processar para se libertar numa série de ações judiciais que deixaram amargura por todo o lado. Não obteve dinheiro nem equipamento algum do estúdio.

Não foi só Münsterberg quem o avisara. Como me contou mais tarde, uma figura alta de tez mais escura, vestida de branco e com um turbante branco, subiu as escadas até ao seu estúdio um dia, olhou-o com seriedade no rosto e disse: «Estás com as pessoas erradas.» O homem virou-se então e desceu as escadas. Cayce tinha a certeza de ter ouvido os seus passos, mas quando recuperou a compostura o suficiente para correr atrás dele, as pessoas da cidade que estavam no passeio próximo asseguraram-lhe categoricamente que ninguém — absolutamente ninguém — passara e entrara ou saíra pelas escadas do estúdio. Pensou que a figura era hindu, mas uma leitura tomada muito mais tarde explicaria que era persa. A visita surpreendente do estranho não seria a última; nas décadas seguintes, haveria de se repetir em momentos cruciais.

O Período Mais Feliz da Minha Vida

Recorrendo à capacidade de desapego e viragem rápida que fora despertada nele quando partira de Bowling Green, simplesmente abandonou todo o desastre em junho de 1911, amargo mas determinado numa vida completamente nova. Arranjou emprego em Montgomery, Alabama, a trabalhar para os Tressler Studios, o seu empregador quando Ketchum o tornara famoso. Sem dinheiro, teve de deixar Gertrude e Hugh Lynn com parentes. Dois anos haviam passado com os parceiros na sua cidade natal, durante os quais estivera financeiramente seguro e nacionalmente famoso, embora tivesse sido duramente testado pelas necessidades do bebé moribundo e da esposa gravemente doente. Mais uma vez estava exatamente onde começara. Desta vez o dom não lhe fora tirado. Mas agora era ele próprio que queria abandoná-lo.

Estava de coração partido pela incapacidade de encontrar associados de confiança que partilhassem a sua perspetiva de fé. Na verdade, não só rezou para ser libertado do que fizera de errado no seu pacto com Deus, como até do próprio pacto se Deus assim o visse. Tivera o suficiente, e queria apenas ser um bom fotógrafo, marido, pai e membro da igreja num lugar onde ninguém soubesse do seu peculiar dom passado.

Tressler enviou-o em breve para Selma, Alabama, onde queriam abrir um estúdio e tê-lo a gerir, com partilha de lucros. Além disso, foi-lhe oferecido um emprego a tempo parcial no hospital local, a ler e interpretar raios-X, no que sempre fora excelente (os médicos ainda lhos levavam quando o conheci). Como fotógrafo, também tiraria os raios-X. Descobriu em breve que as suas capacidades invulgares não o tinham abandonado, pois não conseguia obter uma placa adequada. Fémures duplos apareciam, corações e colunas múltiplas, órgãos torcidos. Algum tipo de energia parecia passar dele diretamente para as

placas, produzindo os resultados estranhos. Nunca percebeu o que era, pois perdeu prontamente o emprego e teve de depender do estúdio para rendimento.

Os clientes eram poucos no início, e voltou ao tipo de sintonia tranquila que parecia essencial à sua paz de espírito ao longo da vida, retomando a leitura da Bíblia, períodos de oração e trabalho na igreja. Como relatou da época, havia pouco negócio e conhecia poucas pessoas locais, pelo que pôde rever toda a sua vida num espírito orante e meditativo. Nos oito anos seguintes, o seu dom ficou relativamente inexplorado embora não totalmente ignorado, e quase não houve histórias nos jornais, locais ou nacionais. Parecia-lhe que as suas orações para viver uma existência normal estavam finalmente a ser atendidas. De facto, o tempo em Selma viria a provar (como me contou mais tarde) «o período sustentado mais feliz da minha vida». Funcionou como líder construtivo, organizador e professor nas atividades da cidade de forma que poderia ser esperada de Uhjltd, que poderia ser visto como a herança cármica central deste período na sua vida.

Edgar saiu-se bem como fotógrafo e em breve pôde mandar buscar Gertrude e Hugh Lynn. Comprou então o estúdio onde começara a trabalhar e montou negócio próprio num edifício amplo de três andares sob o nome Cayce Art Company. Até então, sabia muito mais sobre gerir um negócio do que quando começara na fotografia, lá atrás quando a voz desaparecera pela primeira vez. A esposa fazia o retoque delicado de negativos e a coloração laboriosa de impressões, sempre um talento natural para ela. Ganharam dinheiro, e ele concebeu esquemas promocionais divertidos e altamente criativos, como instalar um grande relógio à frente do estúdio com os nomes de cidadãos locais nos lugares dos algarismos.

O interesse era muitas vezes intenso quando o relógio começava a abrandar, porque os cidadãos cujo nome parava o relógio quando acabava a corda recebiam retratos gratuitos. Os processos técnicos da fotografia interessavam-no, e pôs a sua mente sempre inventiva a trabalhar em novos tipos de lentes, novas soluções de revelação e até um processo que uma vez produziu com sucesso fotografias a cores — único para a época. Voltando novamente a conceitos artísticos na fotografia, concebeu figurinos e cenários para os seus temas bíblicos, e empreendeu estudos de nu — um passo ousado para um crente de Selma. Ambos os tipos de criações valeram-lhe prémios em exposições por todo o Sul.

O seu trabalho na Igreja Cristã era uma alegria constante e, exceto pelo cargo que ocupava numa organização fraterna (como tesoureiro dos Woodmen

of the World), ocupava grande parte do tempo livre. Ensinava regularmente na escola dominical. A sua turma, os Sevens, produzia um jornal da igreja, o Seyenette, cheio de itens pessoais e relatórios oportunos que eram ansiosamente lidos por centenas de várias igrejas da cidade sempre que saía. Proclamava (como cidadãos locais me contaram anos depois): «O nosso maior objetivo é mostrar ao homem a sua verdadeira relação com Deus. Ao fazê-lo, afirmamos que o carácter será edificado, a moralidade melhorada e o vício subjugado.» Para facilitar a discussão, inventou uma mesa em forma de ferradura para as turmas da escola dominical, que foi amplamente copiada. Em março de 1912 tornou-se diácono. O Junior Christian Endeavor (jovens especialistas na Bíblia) da sua igreja, que ensinava, tornou-se campeão estadual.

O seu entusiasmo, habilidade organizativa e capacidade para discursos improvisados valeram-lhe em breve um cargo proeminente a nível estadual no trabalho do Christian Endeavor. Sentia-se muito à vontade nele por causa da ênfase na unidade entre denominações, há muito uma preocupação da «Irmandade» da Igreja Cristã. Segundo os associados da igreja dessa época, era muito requisitado como orador em jantares e convenções — alguém sério e simpático que tinha jeito para fazer as personalidades e os ensinamentos da Bíblia parecerem tão reais como as suas fotografias.

Recrutar missionários médicos para serviço no estrangeiro voltou a ser a sua paixão, e durante o tempo em que liderou o trabalho do Christian Endeavor no estado, mais tais missionários partiram do que nunca antes ou depois naquela região. Contou-me mais tarde que podia contar oitenta recrutas desses do seu trabalho vitalício na igreja. Muitos deles escreveram-lhe durante anos, e com o tempo recorreram a ele para aconselhamento médico em casos difíceis de doenças obscuras em África, China, Índia, Tibete ou América Latina.

O seu pensamento religioso amadureceu, como se via nos relatos de associados dessa época que entrevistei. O pecado original era real para ele, mas não como resultado de dualismo último, pois a Unicidade de Deus era uma convicção central. Falava de Deus como Pai e não se detinha muito no divino interior, mas pensava sempre que dons e prodígios eram reais e naturais — porque sabia que os podia fazer. Jesus devia ser conhecido pessoalmente, não apenas falado. A sua ressurreição e crucificação nunca estavam em questão. O batismo de adultos por imersão era para ele o modo bíblico de significar a confiança plena no Senhor ressuscitado. Participar na Mesa do Senhor todos os domingos era profundamente significativo, nutrindo-o para a semana vindoura. Para ele, a sobrevivência após a morte era completamente real, mas não a enfatizava no ensino, nem se inclinava minimamente para fomentar contactos

espiritistas com os mortos. A sua preocupação com missões era compromisso com o serviço, não salvar os outros da danação. Na sua visão, outras religiões provavelmente tinham mérito real, embora as visse todas sujeitas a orientação e transformação por Cristo.

Não pressionava por orações ou serviços especiais de cura na igreja, mas ensinava as suas turmas e associados a rezar sempre de coração pelos que estavam em aflição. Achava natural rezar pelos recentemente falecidos porque sentia que podia ver as suas necessidades. Apesar da sua história notável, não promovia consciência psíquica ou talento no contexto da igreja ou em qualquer outro lugar. Em vez disso, preferia falar de orientação e do Espírito. A sua abordagem à fé era mística no sentido de encarnar a proximidade íntima do divino, mas tanto ele como Gertrude recorriam ao modo racional de análise doutrinal que a tradição campbellita aceitava de Locke. Embora o seu pensamento corresse geralmente por vias tradicionais, amigos levaram-no (pela primeira vez) a um interesse pela astrologia no final dos anos em Selma.

Por ocupado que estivesse, encontrava tempo para brincar com o filho Hugh Lynn, que me recordou que adorava as brincadeiras agitadas, mas detestava a forma como o pai lhe lia a mente sempre que se metia em sarilhos, como faria em anos posteriores quando Hugh Lynn fumou pela primeira vez, bebeu, matou aulas e fugiu às tarefas. Edgar ficou encantado com o nascimento de outro filho, chamado Edgar Evans, em parte por causa dele. Esta era uma alma, segundo o relato da família a partir de leituras de vida posteriores, que estivera envolvida em tecnologia avançada da Atlântida.

À medida que crescia, a sua mente de engenharia cuidadosa e aguçada provaria ser um equilíbrio necessário no círculo familiar. Em Selma, o novo miúdo juntava-se a uma multidão de crianças que pareciam sempre debaixo dos pés no estúdio. Aos domingos, Edgar levava a família em longos passeios, e à medida que os rapazes cresciam, levava-os muitas vezes aos filmes de série de aventura nas manhãs de sábado. Em anos posteriores, organizava passeios de carroça com feno, festas de caixas, festas e leilões para eles. Gertrude e ele gostavam de receber amigos e ofereciam as amplas salas do estúdio para festas da igreja. Jogava croqué bem e jogava bowling frequentemente.

Membros da família contaram-me mais tarde que uma vez experimentou uma tábua Ouija perante uma sala cheia de gente e obteve uma variedade de mensagens, incluindo uma dica impressionante que localizou o corpo de uma rapariga afogada para os pais enlutados. Quando o conheci, Edgar não queria ter nada a ver com tal dispositivo ou qualquer outro método dissociativo, nem discutia as histórias que a família me contava sobre pancadas misteriosas no

estúdio em Selma. Considerava a sua capacidade de transe autoinduzido mistério suficiente para uma vida.

Leituras Sem Promoção nem Pagamento

Em alguns domingos, começou discretamente a dar leituras a amigos e parentes de Hopkinsville que suplicavam ajuda. O irmão de Gertrude, que trabalhava na vizinha Anniston, vinha conduzi-las. A sua primeira leitura para um nativo de Selma foi para uma rapariga aleijada. Como sempre, eram os jovens que não conseguia resistir. Um amigo (que era agente de cargas da Southern Railway e muito interessado em hipnotismo) conduziu a leitura, enquanto um médico, o Dr. Gay, tomava notas e concordou tratar a rapariga conforme prescrito. Dentro de um ano, recuperara completamente. O médico foi cauteloso, mas com o tempo procurou uma leitura para o próprio pai. Recebeu uma prescrição que aliviou o cancro na cabeça do idoso. Muitos anos depois, Cayce relataria o Dr. Gay como um daqueles que veio vê-lo numa visita noturna, após descobrir que acabara de morrer. O bom médico também pareceu interromper uma leitura com conselho amigável do plano seguinte.

O agente de cargas conduziu várias leituras e decidiu por sua conta ajudar Cayce com publicidade ao tirar uma leitura que Edgar pensava ser para outra pessoa. Usou-a para preparar um guião cinematográfico intitulado «Through the Subliminal» para uma produção protagonizada pela jovem atriz atraente Violet Mersereau e promovida por Carl Laemmle em Nova Iorque. O produtor convocou uma conferência de imprensa para anunciar o guião psíquico, e os jornais de Manhattan deram-lhe a publicidade adequada. Cayce ficou indignado, sentindo-se mais uma vez traído enquanto inconsciente, como fora por Ketchum e pelo pai. Temia que houvesse publicidade do tipo que o queimara em Chicago. Felizmente, nenhuma palavra pública do plano do filme chegou a Selma, mas nunca mais deixou o homem conduzir outra sessão.

Inevitavelmente, seguiram-se mais leituras, mas Cayce não permitia qualquer relatório público. Continuava a fazê-las apenas de forma irregular no seu estúdio fotográfico à noite ou aos fins de semana, vendo o processo como parte do seu serviço cristão, semelhante às visitas que fazia à prisão local. Estavam no seu pacto com Deus, mas apenas como recurso para emergências, não como vocação. Não recebia pagamento. As leituras levaram o Dr. Gay a admitir que estivera duas vezes errado sobre apendicite na família Cayce. Uma vez estipulou que Gertrude devia ser operada, mas a leitura disse que não; e novamente, quando concluiu que as cólicas e náuseas do próprio Cayce não eram graves, uma leitura insistiu — com toda a razão — numa apendicectomia imediata. O

jovem casal estava a aprender a confiar na «informação» para si próprios tão prontamente como para os outros, conscientes do episódio da criança perdida.

O seu compromisso foi posto à prova dolorosa quando o jovem Hugh Lynn acumulou algum do pó de magnésio do pai e o incendiou. A explosão queimou gravemente os olhos e ele perdeu a visão. Pouco depois, os médicos consultados insistiram que deviam remover um olho infetado se houvesse alguma esperança para o outro. O próprio rapaz pediu uma leitura, na qual estiveram presentes trinta pessoas da Igreja Cristã, unindo-se na Oração do Senhor. Os médicos, atónitos, concordaram relutantemente com o tratamento de aplicar pensos de ácido tânico durante quinze dias, insistindo que o ácido em si arruinaria os olhos.

Foram quinze dias longos e aterrorizantes para os pais, mas quando os pensos foram removidos o rapaz estava completamente curado e sem cicatrizes. A leitura foi uma das poucas mais significativas nas suas vidas, como Edgar e Gertrude me contaram mais tarde, não só pelo incrível auxílio que proporcionou, mas porque lhes permitiu ver as leituras peculiares exatamente como outros pais suplicantes as viam. A partir do momento desta profunda certeza pessoal do cuidado amoroso de Deus presente nas suas vidas, os elementos de um novo pacto começaram a formar-se nos seus corações e orações, encontrando expressão apenas quando Edgar deixou Selma numa peregrinação de tipo diferente do que ainda imaginavam.

Entretanto, as leituras continuaram. Um professor da escola dominical obteve uma série de leituras que levaram à recuperação da sua irmã doente mental. Num caso de pneumonia, o Cayce adormecido horrorizou os ouvintes ao afirmar de passagem que o médico assistente estaria morto dentro de seis meses e seis dias — o que se provou exatamente correto. Menos ameaçadora, mas igualmente desconcertante, foi a leitura dada em resposta a uma carta de um membro da nobreza italiana. Como a carta estava escrita em italiano, chamou-se um vendedor de frutas local para a traduzir.

O conselho foi dado inteiramente em italiano, que a estenógrafa frenética tentou anotar foneticamente o melhor que pôde. No dia seguinte pediram e obtiveram a mesma leitura em inglês, que o vendedor de frutas indicou ser uma tradução muito boa do primeiro material. A família ficou atónita com todo o incidente, pois Cayce não conhecia a língua nem a ouvira falar continuamente. Ficaram algo menos surpreendidos quando uma leitura para um cubano começou em excelente espanhol, e logo pararam o homem adormecido para o redirecionar para o inglês.

Edgar deu a sua primeira leitura astrológica em 1919, não muitos meses após o fim da guerra. Um editor de jornal em Cleburne, Texas, correspondera-se com ele e pedira a sua data e hora de nascimento. Seguiu-se obtendo vinte e um astrólogos diferentes a traçar o horóscopo de Cayce. Fizeram o seu trabalho de pontos tão distantes como a Índia, Europa, África do Sul e Singapura. Cayce ficou impressionado com a análise de carácter que fizeram dele. Quando descobriu que concordavam numa data em 1919 como um momento notavelmente auspicioso para ele obter uma leitura que poderia ter consequências de longo alcance, decidiu experimentar, e preparou uma lista de perguntas sobre si próprio e o seu conselho em transe. Entre elas estava uma sobre a validade geral das influências astrológicas.

Ficou chocado ao encontrar a «informação» a afirmar a sua realidade — nunca maior que o livre-arbítrio — e o seu valor para traçar direções vocacionais e análise de carácter. O que foi então oferecido sobre si próprio a partir de tal perspetiva astrológica pareceu-lhe demasiado adequado e nem todo lisonjeiro. Deixou de lado a possibilidade de tais leituras para outros, porém. Quatro anos depois, quando o assunto de tais influências surgisse nas leituras em Dayton, Ohio, acharia útil como ponte para o conceito de outras influências ocultas de vidas passadas — não demasiado ousado à luz da sua primeira experiência em Selma com conselho vocacional ou «leitura de vida».

Chamado a Washington

As memórias de Cayce da época falavam de forma críptica de um desenvolvimento altamente invulgar quando a Primeira Guerra Mundial se aproximava do fim, e eu fiquei intrigado com a entrada ao lê-la. Relatava que fora chamado a Washington não uma, mas duas vezes, para dar leituras a «alguém alto na autoridade». A família, jurada ao segredo, recusou discutir estes incidentes comigo, mas o amigo de longa data de Cayce, David Kahn, insistiu que os pedidos vieram do Presidente e da Sra. Wilson, o lugar era a Casa Branca, e o assunto era o programa de paz que se tornaria nos Catorze Pontos.

O contacto era alguém que Kahn conhecia bem, um primo de Wilson que Cayce conhecera em Atlanta. Cayce não foi o único psíquico que Edith Wilson levou à Casa Branca (como os historiadores presidenciais notaram). Notável foi o profundo respeito por Wilson nas leituras dadas mais tarde. Aí o conselho em transe insistia que, na essência, Cristo estivera sentado à mesa da paz em Versalhes através do espírito mostrado por Wilson. Também admoestava que os Estados Unidos deviam ter aderido à Liga das Nações — e fazê-la funcionar.

Um Mundo Inteiro em Guerra

O caminho fora preparado para tais leituras invulgares por um novo desenvolvimento no conselho de Cayce. Uma leitura mencionara que a guerra seria declarada, e quando o foi, os rapazes da sua turma da escola dominical pediram-lhe para tentar obter informação sobre o conflito. Hesitou, mas acabou por concordar em tentar, num domingo à tarde no seu estúdio, com os rapazes presentes e a leitura gravada num ditafone de cilindro rotativo modelado no instrumento que Edison tentara usar nele anos antes. Seguiu-se toda uma série do que mais tarde foi arquivada como «leituras de assuntos mundiais», detalhando a rutura da Frente Ocidental, como a guerra terminaria, a queda do governo russo e a rejeição da religião na Rússia com a Revolução — acrescentando que da Rússia viria um desenvolvimento religioso com influência mundial para o bem da humanidade.

Ouvintes chocados perguntaram numa leitura posterior se isso significava comunismo, e foram respondidos secamente que o comunismo não era uma religião. Nos alvos mais próximos, o novo tipo de leituras provou-se consistentemente correto, mas não havia forma de testar tal previsão de longo alcance. Além disso, a «informação» insistia que o livre-arbítrio podia sempre moldar o futuro em direções novas.

Os rapazes de Selma cresceram e foram para a guerra como outros da sua idade. Estes jovens levaram consigo histórias de Cayce e em breve ele recebia pedidos de ajuda médica de todo o país e pelo mundo — Índia, Turquia, Inglaterra e lugares que nem conseguia pronunciar. Num só dia de correio (notou nas memórias posteriores), encontrou estas cartas: cinco do Texas, uma do Arkansas, duas de Oklahoma, duas do Missouri, uma de Chicago, três de Ohio, uma do Kentucky, três de Nova Iorque, uma cada de Nova Jérsia, Maryland, Virgínia e Carolina do Norte, e seis da Geórgia. Entre aqueles que frequentemente recorriam a ele para leituras estavam um alto executivo do aço, um senador dos EUA, um importante fabricante de automóveis e os chefes de uma dúzia de outras indústrias. Nenhum destes pedidos vinha de publicidade em jornais ou revistas, mas apenas de boca em boca, um padrão em que confiava porque era o modo dos Evangelhos e dos Atos.

Centenas de cartas chegavam para obter a sua ajuda na localização de soldados e marinheiros desaparecidos em ação, tal como vi numa guerra posterior. As leituras aconselhavam contra isso, descrevendo tal conselho como «afiar um lápis com uma navalha», danificando a navalha. Além disso, Cayce foi informado de que havia «muitas coisas que poderiam ser feitas e que seria melhor deixar por fazer»; devia concentrar-se nos vivos e não ficar vulnerável em

transe ao desejo de alguém por ligações com os mortos. Veteranos com choque de granada eram outra coisa, e as leituras indicavam que muito poderia ser feito por eles se houvesse uma instalação adequada para os tratamentos complexos necessários. Gertrude e Edgar começaram a questionar qual seria a sua responsabilidade em assegurar tal instalação médica, e novamente os elementos de um novo pacto se agitaram dentro deles.

O terrível sofrimento da guerra afetou-os profundamente, tal como vi no meio de um conflito mundial posterior. Em vez de os protegerem dos seus tempos num casulo de prodígios, as leituras aproximaram-nos dos seus semelhantes, estimularam as suas orações e chamaram-nos a ações mais ousadas, tal como a sua fé bíblica fazia, na qual profetas clamavam contra alianças ímpias e o sofrimento dos oprimidos. Na era psicológica que viria muito depois da morte de Cayce, os seus esforços seriam frequentemente mal interpretados como guias para espiritualidade privada e desenvolvimento da alma, longe da dor por um mundo despedaçado pela guerra que ele conheceu em Selma e novamente em Virginia Beach.

Refletiu mais tarde sobre a sua interrogação sobre o que devia fazer num período de tragédia generalizada: «Ainda não reclamara nada para mim próprio (e ainda não reclamo).» As leituras aconselharam-no de forma críptica, relatou-me, «Usa o que tens em mãos. Começa onde estás. Voltarás a percorrer o circuito.» Acrescentaram que uma instituição médica devia ser construída com base no seu trabalho.

Quão profundamente sentia pelos mortos em batalha era evidente num sonho que veio quando perdeu novamente a voz. Estava exausto e, enquanto em transe, um hipnotista local tentara fazer funcionar as antigas instruções — e falhara. Gertrude tentou guiá-lo ela própria, inicialmente sem sucesso. Mas então acordou e contou um sonho em voz clara. Vira todos os cemitérios do mundo numa visão impressionante mas bela. Primeiro fora atraído para a Índia, onde uma voz disse: «Aqui conhecerás a religião de um homem pela forma como o seu corpo foi disposto.»

Chegando aos túmulos nos campos de Flandres na Europa, onde os mortos da guerra estavam sepultados, viu três rapazes da sua turma da escola dominical que lhe contaram como tinham morrido, mostraram-lhe as suas sepulturas e enviaram mensagens a amigos e parentes em Selma. Quando perguntou se poderia ver o seu filho morto, Milton, a visão mostrou-lhe fileiras de bebés, e na terceira fileira de cima estava Milton, que o reconheceu e sorriu. De volta aos cemitérios de casa, uma velha senhora das flores deu-lhe uma mensagem de encorajamento e pediu-lhe um favor para a filha sobrevivente. Depois falou da

vida da igreja com um amigo que, antes da morte, fora dirigente na Igreja Cristã local.

Acordou com um estranho efeito residual que ainda estava com ele quando o conheci. Sempre que chegava a um cemitério nas suas viagens pelo país, podia nomear e muitas vezes descrever os ali sepultados, bastando-lhe algumas inscrições de lápides em qualquer parte do cemitério para o iniciar. Não fazia ideia por que funcionava e por que não era necessária uma leitura, mas tomava a experiência como um reforço da solidariedade com aqueles que sofriam e morriam desnecessariamente, no que a sua fé chamava «a comunhão dos santos».

Que Novo Pacto?

Então chegou 1920. O período da guerra ficara para trás e sentia-se pronto para um novo desafio de serviço. O facto de algo importante estar a começar foi sinalizado quando deu oito leituras extra numa sessão que ainda não tinham sido pedidas, mas cujas súplicas se revelaram no correio. Tinha quarenta e três anos, e correntes profundas dentro dele agitavam-se. Durante oito longos anos Selma fora boa para ele. A sua família fora profundamente nutrida. As suas capacidades em transe melhoraram. O seu sentido de autoridade interior levara-o aos lugares altos da nação sem ceder ao desejo de atenção pública. Melhor de tudo, pela primeira vez na vida tinha uma comunidade autorizadora de pessoas de fé como a sua.

Embora a sua Igreja Cristã local não assumisse papel oficial nas leituras, encontrou-se amado, confiado e encorajado por um após outro dos seus líderes. Graduados respeitados das suas turmas estavam por toda a congregação. Fora repetidamente pedido por pessoas desta igreja não só o seu conselho médico, mas o seu conselho mais amplo sobre a vida pública. Agora estava pronto para arriscar pelo seu Senhor em novas direções. Mas que direções? A fotografia continuaria a ser o seu sustento? E quem os ajudaria? Ele e Gertrude ainda não tinham ninguém próximo para trabalhar com eles, e as memórias dos parceiros de Hopkinsville ecoavam sombriamente nas suas mentes.

Como tantas vezes quando estavam prontos, e como as suas leituras tinham sugerido no conselho recente, encontraram a resposta já a ser preparada: «Usa o que tens em mãos.»

14 Poços de Petróleo Intocados no Texas

Cinco anos antes, Cayce fora à cidade universitária de Lexington, Kentucky, dar uma leitura a uma inválida em cadeira de rodas, uma mulher chamada Sra.

DeLaney, que sofria de artrite grave. O condutor, lendo instruções ao Cayce em transe de um pequeno caderno preto, era o filho adolescente dos vizinhos da Sra. DeLaney — os Solomon Kahns. Depois Edgar ficou para dar leituras à família Kahn, e sentiu-se especialmente atraído pelo filho, David, bem como pela mãe, Fannie. Respondeu às suas muitas perguntas o melhor que pôde, e descobriu que, como judeus reformados, viram imediatamente a sua capacidade como um dom de Deus. David estava no processo de decidir o seu futuro, e não via razão para que Cayce não lhe desse conselho vocacional. Se as leituras podiam lidar com corpos doentes e nações perturbadas, certamente podiam lidar com o filho de um merceeiro do Kentucky.

Cayce hesitou no início, mas lembrou-se da leitura astrológica que fizera sobre si próprio. Assim, juntos elaboraram uma sugestão para o que chamaram uma «leitura vocacional, mental e espiritual», com uma lista de perguntas, e tentaram a leitura. Foi um sucesso dramático. Após descrever o carácter e talentos do jovem, bem como princípios para a sua conduta, virou-se para o futuro e indicou que deixaria a família e vestiria uniforme, acabando por adotar uma linha de trabalho que nenhum deles esperava.

Como isto era antes da guerra, David pensou que a referência era a uniformes de polícia ou bombeiros e improvável, mas o resto da leitura convenceu-o. Informou-o também de que teria muito a ver com o trabalho de Cayce. Edgar lembrou-se de que lhe fora dito em Hopkinsville, quando lutava com Ketchum e Noe, que os seus esforços encontrariam o maior sucesso quando trabalhasse com um judeu. Anos depois seria dada a explicação de que Deus ainda mantinha as Suas alianças com os judeus, e oferecia cada novo trabalho ou promessa espiritual primeiro a eles.

De volta a Hopkinsville, manteve contacto com David, que foi para a Universidade do Kentucky e planeava uma carreira em direito, mas foi interrompido pelo serviço militar previsto. Várias vezes Edgar obteve leituras vocacionais e de decisão para David, muitas vezes enviando por telegrama ou telefone os resultados, e seguindo-o através de uma carreira militar bem-sucedida que o tornou oficial. Alguns dos conselhos deram-lhe informação sobre movimentos de tropas e decisões de comando que David usou bem, mas não podia explicar aos superiores.

Quando foi desmobilizado do Exército veio a Selma, elegantemente vestido com o uniforme de capitão. O irmão Leon acabara de morrer porque nenhum médico pôde ser encontrado para administrar os tratamentos descritos por Cayce. David estava determinado a ajudar Edgar a estabelecer um hospital,

assunto que já surgira muitas vezes nas suas conversas. E tinha um plano para o fazer. Iriam ao Texas e fariam dinheiro localizando petróleo.

Cayce hesitou, recordando a experiência desagradável com o sindicato do pai nos mercados de trigo. Mas Kahn contrastou obter petróleo de poços novos e intocados com simplesmente jogar em futuros especulativos. Uma leitura confirmou que dinheiro podia ser obtido para um hospital desta forma, mas avisou que todos os envolvidos deviam estar de acordo quanto a esse propósito. Edgar ficou eufórico, recordando que Layne uma vez localizara uma mina de carvão bem-sucedida em Nortonville, Kentucky, usando uma leitura obtida sem a sua permissão.

Só soubera disso pelo novo dono, Frank Mohr, que veio a Hopkinsville obter leituras para a sobrinha e depois propôs comprar Ketchum e Noe para mover Cayce para Nortonville e construir ali um hospital. Mohr estava tão certo de que podia financiar o projeto que mandara escavar a cave do hospital e lançar metade da fundação, embora os parceiros que detinham o contrato de Cayce ainda resistissem à venda. Então Mohr sofreu um grave acidente numa mina, e quando não encontrou ninguém em Nortonville para o tratar conforme as leituras aconselhavam, foi para a sua casa anterior no Ohio, e a sua fortuna erodiu. Por pouco tempo Cayce estivera extasiado de esperança.

Grande Instituição de Milhões de Dólares

A primeira tentativa de petróleo, feita por telegrama para um amigo texano de Kahn, localizado através do editor de Cleburne que obtivera os horóscopos de Cayce, foi incrivelmente bem-sucedida. Descrevia exatamente o que a perfuração encontraria em níveis sucessivos, quando usar nitro líquido, e resultou em seiscentos barris por dia para o dono, embora sem rendimento para Cayce ou Kahn. Certos de que agora tinham um plano infalível, alinharam potenciais investidores entre parentes de Cayce e amigos de Kahn, e organizaram a Cayce Petroleum Company.

Cayce sentia há anos um desejo crescente, que discutia frequentemente com amigos interessados como Mohr, de estar associado a um hospital onde todos os tratamentos descritos nas suas leituras pudessem ser conduzidos num só lugar — cirurgia, osteopatia, medicação, fricções, banhos, exercícios, pensos, irrigações, dietas, massagens e mais, incluindo oração intercessória. Demasiadas pessoas como o jovem Leon Kahn tinham morrido desde a sua primeira leitura para Layne há quase vinte anos, porque não encontravam um médico cooperante. Outras sofreram desnecessariamente, segundo os relatos das suas leituras, pela falta de cuidados precisos estipulados. Sabia quão desesperado

estaria se não tivessem encontrado médicos dispostos a usar o conselho das suas leituras para a tuberculose de Gertrude e os olhos do filho. Construir um hospital era algo ativo que podia fazer pelo seu Senhor, além de simplesmente deitar-se e ficar inconsciente. Aqui estava finalmente uma forma de transformar a sua estranha avoção numa vocação.

Visto da perspetiva das suas vidas passadas, ainda desconhecidas para ele, podia ser descrito como reivindicando a promessa plena de Uhjltd, o curador e professor que construiu uma cidade inteira de cura nas colinas e planícies persas. Mas também podia ser visto como entrando pela primeira vez na herança maior de Ra Ta, um dos cujos dons relatados fora localizar minérios para minas, e uma das cujas maiores realizações fora reportada como criar o hospital-like Templo do Sacrifício, bem como a universidade-like Templo Belo. Se estes fossem os seus padrões emergentes, restaria ver se o estável e régio Uhjltd ancoraria o sumo-sacerdote inspirado mas impulsivo e sensual dentro dele.

E como estava a deixar casa para uma aventura ousada desconhecida, podia bem tropeçar no karma de Bainbridge que flamejara nos episódios ruidosos da sua juventude, e regressara em Bowling Green quando fora atraído pelo especulador de Nova Iorque e pelo jogador de corridas de cavalos. Crucial para o resultado poderia ser a sua capacidade de continuar a aceder, sem Gertrude ao seu lado todos os dias, às profundas fontes espirituais da encarnação de Lúcio, que fluíram tão livremente na sua vida de igreja, no seu ensino e nas leituras generosas em Selma, como haviam feito muito antes na sua infância de rapaz de quinta.

Qualquer que fosse o karma, a motivação sobre a qual agora se espalharia era semelhante à dos missionários médicos que recrutara há tanto tempo: procurar construir recursos onde eram desesperadamente necessários. O seu hospital seria modelado nos hospitais, orfanatos e escolas que fundaram no estrangeiro. Se os anos desde que começara em Bowling Green foram construídos sobre os desejos do seu coração, focados na nutrição da sua família dentro da sua comunidade apoiadora e vida de igreja, então o que estava agora à mão era uma ambição nobre, uma causa digna.

Tudo o que o agitara há muito tempo para ser ministro ou missionário regressava agora, não como sonho de rapaz mas como desafio adulto, no qual podia empenhar toda a sua força e experiência, endurecida por muitos fracassos e desilusões. Podia até sorrir com a perda da voz, os incêndios nos estúdios, o desaparecimento de um ano do seu dom, a exploração amarga nos jornais em Chicago, e as discussões com o pai e Ketchum, se o tinham preparado

finalmente para a sua nova e difícil tarefa. Não estaria dividido entre um negócio de fotografia e o negócio das suas leituras. Seria um só homem.

O seu pacto com Deus até então fora servir com o seu dom e suportar o seu embaraço e incómodo, mas apenas a tempo parcial. Agora sentia que Deus o habilitaria a servir a tempo inteiro, obtendo o sustento de esforços baseados nas suas leituras. Mais importante, assumiria liderança. Pediria a Deus que o protegesse a ele e aos que recebiam leituras, como sempre, e que cuidasse da sua família.

Mas agora pediria ajudantes dignos do esforço que tinha pela frente, começando pelo sempre otimista mas astuto Dave Kahn, que parecia fazer amigos sem esforço nos altos círculos da finança e do governo. Cayce, o servo disposto, sempre a recuar para permitir que algo invisível e desconhecido se fizesse através dele, desaparecera. Chegara Cayce, o líder de homens — assim esperava —, pronto a ser guiado para onde Deus o quisesse enviar, mesmo para os duros campos do Texas cobertos de ouro negro, e dali para um lugar de uniformes brancos imaculados e cuidados compassivos aos «aflitos» — como lhe tinham sido descritos na promessa da sua infância.

A sua nova ousadia, bem como o entusiasmo de Kahn, refletiram-se numa notícia no jornal de Selma de 14 de setembro de 1920, oito anos após a sua chegada à cidade. Já não resistia à publicidade que Kahn considerava essencial para atrair investidores, mesmo que exagerasse os interesses de amigos em ofertas reais de locais para hospital. Pela primeira vez em público, falou também de treinar outros para servirem como ele, embora não mencionasse um projeto do tamanho de uma universidade.

CAYCE PARTE PARA PROMOVER HOSPITAL GRANDE INSTITUIÇÃO DE MILHÕES DE DÓLARES A SER CONSTRUÍDA POR SELMIANO E SEU SÓCIO — DESENVOLVERÃO DIAGNÓSTICO PSÍQUICO DE CASOS DESCONCERTANTES

Edgar Cayce, na véspera da sua partida para Nashville e Nova Iorque esta tarde, falou com confiança do trabalho que tem pela frente, ao angariar grandes fundos com os quais ele e o seu associado, David E. Kahn, de Cleburne, Texas, e Lexington, Ky., propõem construir um grande hospital ou sanatório onde os inválidos da nação, ricos ou pobres, cujos casos têm desafiado a ciência, possam receber tratamento.

Nesta obra humanitária, o Sr. Cayce associar-se-á a um corpo de cirurgiões e médicos capazes, que terão a cargo completo da administração do hospital; o seu trabalho consistirá exclusivamente em diagnosticar os problemas daqueles que procuraram longa e inutilmente alívio.

Registo de Casos

A fundamentar as alegações do Sr. Cayce como descobridor de males esquivos e inimaginados, cujo tratamento é o único necessário para curar casos aparentemente desesperados, estão registos e declarações juramentadas de muitos homens e mulheres reputados, que testemunham os benefícios recebidos quando os médicos seguiram o diagnóstico do Sr. Cayce.

Muitas cidades já ofereceram locais para hospital, entre elas Tulsa, Jefferson City, Shelby Springs, Pensacola, Nashville e Memphis, além de várias pequenas cidades no Alabama.

Selma não está a oferecer para o hospital e, se tal oferta fosse feita, não haveria hipótese de o conseguir, afirmou o Sr. Cayce, pois Memphis e outras cidades fizeram ofertas tão lisonjeiras que é provável que uma cidade muito maior seja selecionada.

Lançamento da Cayce Oil Co.

Como meio de financiar o projeto do hospital, o Sr. Cayce e o Sr. Kahn pretendem explorar grandes e intocados poços de petróleo no Texas, através da Cayce Petroleum Company, organizada em agosto ao abrigo das leis do Texas com um capital de 2 000 000 dólares. O Sr. Cayce é presidente e o Sr. Kahn secretário, e entre o Conselho de Administração contam-se três banqueiros e um médico proeminente do sudoeste.

O desenvolvimento do diagnóstico psíquico, considerado um dom único do Sr. Cayce mas que ele declara ser um poder ao alcance de muitos outros que sigam certo treino, é um sonho do Sr. Cayce em conexão com a organização do grande hospital. Outra fase do trabalho do Sr. Cayce, que pretende enfatizar, é o tratamento de soldados com choque de granada e mutilados, no qual tem tido grande sucesso recentemente.

Edgar tinha claramente em mente neste ponto uma instituição semelhante à que se desenvolvia efetivamente nas planícies do Minnesota como a Mayo Clinic — à qual se referiria pacientes quando o conheci muito mais tarde. Por mais digno que fosse o ideal, algum do seu extremismo nativo mostrava-se na partida de Selma, num grau que poderia parecer hybris em qualquer outro que não um sumo-sacerdote. Significativamente, esta foi a sua primeira grande mudança que não nasceu em parte do seu próprio sofrimento, horas de oração penitente e estudo sério da Bíblia. Sempre afetado pelos seus tempos devido tanto à sua natureza intuitiva como à sua fé bíblica extrovertida fundamentada nos profetas de Israel, exprimia o espírito expansivo que mais tarde se desenvolveria na

década de 1920, contagiando todos os que se associassem a ele na sua excitante nova empreitada.

Arrendamentos, Botas e Armas

Recrutou o pai para vir a Selma gerir o seu negócio; Leslie tinha problemas com álcool e veio sem a esposa. Edgar contratou também um fotógrafo para tirar os retratos. Depois partiu com Kahn. A sua nova base era Comyn, Texas, onde as leituras indicavam um depósito subterrâneo de petróleo que seria o maior da América do Norte. Homens do petróleo e investidores acorreram de Dallas, Fort Worth e outras áreas do Texas, tendo ouvido falar das leituras impressionantes de Cayce e certos de que ele não falharia. Ele e Kahn compraram todos os arrendamentos que podiam pagar na área e começaram a perfuração dispendiosa.

Outros competiam pelos arrendamentos promissores e faziam subir os preços. Edgar usava botas até ao joelho e um grande chapéu de cowboy texano, conduzia um carro de turismo descapotável e vivia a vida dura dos campos petrolíferos ao lado dos operadores e montadores — comia a sua comida, igualava as suas histórias, ria com o seu humor grosseiro e dava leituras mesmo deitado no chão nu onde se suspeitava de petróleo abaixo. A vida que ele e Kahn partilhavam era muitas vezes necessariamente grosseira, suja e de serenidade duvidosa, longe das rondas familiares pacíficas de Selma. Tudo o que pudesse ser descrito como John Bainbridge nele chegara para ficar.

Houve atrasos intermináveis e dispendiosos na perfuração. Três poços iniciais trouxeram apenas sucesso parcial, e outros produziram água — que, por acaso, era desesperadamente necessária para a seca atual. No poço principal, as leituras continuavam a descrever o que encontrariam em cada etapa, e os resultados eram suficientemente precisos para os manter a prosseguir, mas pareciam tornar-se vagos em pontos cruciais. Os apoiantes locais provaram ser muito menos interessados num hospital do que Cayce esperava, e muito mais envolvidos nas perspetivas financeiras. Prometiam comprar-lhe o que quisesse, mas primeiro tinham de acertar no grande golpe de petróleo.

À medida que os meses se arrastavam, surgiram discussões e suspeitas. Cayce e Kahn viviam em barracões de telhado metálico na propriedade de dois irmãos, homens rudes que trabalhavam no poço e tinham interesse na empresa. Os irmãos começaram a suspeitar que Kahn atrasava o poço até os arrendamentos expirarem, para depois os comprar todos para si. Além disso, Kahn provara ser uma figura atraente que atraía constantemente admiradoras femininas, e um dos irmãos suspeitava que a sua esposa respondia a ele. Um

confronto surgiu que Cayce conseguiu convencê-los a arbitrar por uma leitura. Numa cena dramática numa cabana uma noite, os principais puseram as armas na mesa, determinados a abater Kahn se se provasse culpado. Tanto Cayce como Kahn estavam tão nervosos que não conseguiram levar Edgar à profundidade necessária para uma leitura, e adiaram o evento para a noite seguinte, quando os ânimos estavam ainda mais exaltados. O assassinato pairava no ar. A leitura exonerou Kahn e apontou sabotagem por outros não identificados, mas avisou que o projeto não teria sucesso em qualquer caso a menos que todos estivessem de um só espírito e de um só ideal, consistente com o propósito que trouxera Cayce ao local.

Fragmentos de lápides, cordel e ferramentas foram encontrados no poço quando a broca se partia repetidamente; o perfurador revelou-se pago por uma grande companhia petrolífera, embora a companhia de Cayce lhe pagasse o que então era um salário enorme de mil dólares por mês. Muitos queriam que os arrendamentos expirassem, para os comprarem para si. Cayce agarrou-se à esperança. Foi-lhe oferecido, contou-me mais tarde (talvez com um toque de exagero), um cheque de um milhão de dólares para comprar a Cayce Petroleum Company e dar leituras para mais ninguém. Mas recusou rapidamente, certo de que as suas leituras não o falhariam e de que ganharia muito mais.

A Primeira Falha Aparente das Suas Leituras

Ainda não compreendera a natureza essencialmente colaborativa do seu conselho, no qual todos os envolvidos tinham uma parte no delicado processo de sintonia. As leituras pareciam exteriormente ser o seu dom privado, para o qual o condutor certo era importante, assim como um propósito digno, mas com ele no comando exclusivo. Esta perceção provou ser um erro custoso. Não tinha Gertrude para o ajudar na sintonia para o conselho, nem sequer o seu pai leal embora orientado para a promoção, e certamente não a sua mãe ou a tia Carrie de Gertrude, que o apoiara e focara o seu pacto em termos espirituais. Fez alguns amigos devotos, relatando mais tarde que essas relações eram «tão belas como quaisquer que alguma vez existiram».

Entre elas estava uma mulher bonita de porte considerável, uma das recrutas de Kahn, descrita várias vezes a June e a mim em anos posteriores pelo filho mais velho de Cayce, que a conhecia bem. Ela apresentou-lhe escolhas difíceis num momento em que estava vulnerável devido às derrotas crescentes na perfuração de petróleo, e baixo de espírito. Muito diferente de Gertrude, mais inclinada ao lado amante do feminino do que ao maternal, e mais pessoa de ação do que intelectual, apaixonou-se profundamente por ele. Estava disposta a arriscar com ele para roubar luz aos deuses para os mortais. Cayce sentiu-se

atraído por ela, com sentimentos que mais tarde creditaria ao seu karma do Egito, Laodiceia e do legado Bainbridge tão proeminente em toda a aventura petrolífera. Mas sentiu que tinha de se afastar e desapontá-la, mesmo que a sua retirada ajudasse a criar o que mais tarde descreveu como «cruzes» e «ressentimentos» entre os seus companheiros texanos.

Procurando investidores, viajou extensamente. As suas cartas para casa tornaram-se cada vez mais raras, e não enviava dinheiro — na verdade, muitas vezes não tinha nenhum. Devido às enormes despesas da companhia, nunca recebeu salário como presidente, dependendo em vez disso de donativos por leituras médicas esporádicas. Gertrude e os rapazes mudaram-se de volta para Hopkinsville para viver com parentes dela, a única opção que podiam pagar. Foi doloroso deixar Selma e todos os amigos, e ainda mais doloroso enfrentar as perguntas dos parentes na cidade natal de Gertrude. Foi um tempo de desgosto e confusão para a pequena família.

À medida que o segundo ano da odisseia infrutífera passava, Kahn arranjou para Hugh Lynn vir visitar durante o verão. O rapaz de dezasseis anos foi encarregado de trazer o pai para casa e não conseguiu. Mas evidentemente tocou algo profundo em Edgar, que começou a questionar as escolhas que fazia e a confrontar a sua situação. O petróleo nunca foi encontrado, embora as leituras insistissem que estava lá. Pela primeira vez teve de considerar a possibilidade aterradora de que as suas leituras se tivessem tornado defeituosas. Alguns geólogos disseram-lhe que as descrições em transe das formações e depósitos subterrâneos eram excelentes — para um período de talvez trezentos mil anos atrás.

Outros, como o Dr. House, que visitou a pedido de Gertrude, sugeriram que as intenções duvidosas de tantos atraídos para o projeto, combinadas com os valores alterados de Cayce, poderiam ter atraído para o processo de leitura os pensamentos e energias de prospetores mortos que queriam que o petróleo permanecesse escondido, como tanto procuraram em vida. Quaisquer que fossem as razões, o seu conselho em transe finalmente falhara, ou tornara-se tão pouco claro que era inútil.

Foi um choque tremendo. Após mais de vinte anos de fiabilidade e clareza infalíveis, desde que Layne o usara pela primeira vez como sonâmbulo viajante, acabara não só por perder a capacidade desta vez, mas por tê-la falhar. Como poderia voltar a ter certeza de que não distorceria num conselho médico, e custar a vida de alguém doente, talvez uma criança sofredora? A possibilidade atormentava-o, e quando se permitia pensar nisso, sofria intensamente.

Os arrendamentos expiraram, os credores pressionaram, um dos seus companheiros revelou-se criminoso e foi detido, e eventualmente Cayce desistiu, amargamente desapontado, bem como humilhado por enfrentar os investidores — alguns deles parentes e outros pessoas que confiaram nas suas leituras durante anos. Não aliviou a sua dor quando mais tarde soube que uma companhia concorrente encontrou petróleo em alguns dos lugares que as suas leituras haviam originalmente descrito, embora nunca a grande mesa de petróleo. Mas consolou-se em anos posteriores quando vários dos homens que perderam pesadamente na sua companhia petrolífera continuaram a recorrer a ele para orientação médica e empresarial para si próprios e as suas famílias.

Seis Meses Sozinho num Hotel em Birmingham

Derrotado na empreitada petrolífera, não estava pronto para desistir do sonho do hospital. Mohr telegrafou-lhe de Columbus, Ohio, que agora podia financiar o hospital, e enviou dinheiro a Cayce para ir lá. No entanto, a leitura feita em Columbus estipulou firmemente que a localização devia ser Virginia Beach, e Cayce estava inclinado na altura a honrar a sua fonte em transe nas condições para o seu sucesso. Tendo levado demasiado à leve a insistência de que todos deviam estar de um só espírito e alto propósito, estava agora pronto a olhar com mais cuidado para os requisitos.

Mas quando o editor de um jornal de Denver se ofereceu para o levar a ele e Kahn a essa cidade, saltou sobre a oportunidade. Após ouvir leituras, o homem influente e rico ofereceu a Cayce mil dólares por dia — uma soma impressionante para a época — para dar leituras exclusivamente sob a direção do editor, vestido com uma túnica e turbante, apoiado por amenidades como um Cadillac e motorista. Onde quer que Cayce tivesse provado poder ser tentado, nunca vacilara em manter o controlo exclusivo da concessão das suas leituras, e recusou prontamente a oferta. (Ouvi-lo-ia fazer o mesmo quando uma empresa de cereais propôs pô-lo no ar diariamente para leituras que dirigissem e pagassem generosamente.)

A notícia chegou-lhe de que um clube de mulheres queria que ele desse uma palestra em Birmingham, Alabama, e concordou em fazê-lo em troca de bilhetes de comboio telegrafados. Depois ficou sozinho num hotel durante seis longos meses a dar leituras, palestras e consultar líderes comunitários sobre o seu plano de hospital. Pela primeira vez (e a única de que pude saber) publicou um anúncio de jornal sobre o seu trabalho. O item incluía a sua fotografia, a morada do hotel em Birmingham e a legenda «psíquico e místico», seguida de «ajuda OS doentes» e uma carta de alguém que ajudara outrora com uma leitura. Estava cada vez mais desesperado por capturar o sonho do hospital.

Uma notícia no jornal de Birmingham, porém, sugeria que estava finalmente a afastar-se do espírito comercial dos últimos dois anos e mais, em direção ao alicerce espiritual onde depositara a sua confiança no passado:

HOSPITAL DE ÚLTIMO RECURSO PROPOSTO

POR INVÁLIDOS SERVIDOS POR EDGAR CAYCE

Há trinta [sic] anos ou mais, Edgar Cayce, curador e místico, tem sido assediado por inválidos em busca de cura para doenças abandonadas pelos médicos... Pacientemente, mas com assiduidade, este homem gentil e de bom coração faz tudo o que pode para aliviar o sofrimento local. Constantemente, ao longo do dia na sua sede no Hotel Tutwiler, é apelado para ajuda. Três vezes por dia durante um mês apelou àquele santuário oculto para diagnóstico e tratamento das doenças que se apresentam perante ele, e não há registo de falhas.

Qualquer que seja a natureza espiritual das fontes de onde extrai, o Sr. Cayce está convencido, através de milhares de casos de curas obtidas pelas suas «leituras», de que é apenas um humilde instrumento de Deus.

O espírito era consideravelmente diferente do trombetear que acompanhara a sua partida cheia de esperança de Selma com o expansivo David Kahn.

Através do seu sucesso com inválidos locais, amigos do Sr. Cayce convenceram-no de que Birmingham é o local lógico para o estabelecimento daquele hospital e sanatório pelo qual planeou e sonhou há mais de vinte anos. Cidadãos de Denver, Colo., de Columbus, Ohio, e outras cidades que acolheram o curador e beneficiaram do seu serviço suplicaram-lhe para se localizar noutro lugar. Mas sendo sulista de nascimento e amando o Sul, decidiu que, se Birmingham quiser o hospital, ficará aqui.

E, em explicação dessa declaração, deve-se dizer aqui que o Sr. Cayce nada tem para vender; que nunca comercializou os seus poderes notáveis, e nunca propõe fazê-lo. Sendo ele próprio um homem de vida simples, «contentado com meios modestos, buscando refinamento em vez de moda», procurando acima de tudo servir os miseráveis da terra, e desejando acima de tudo ter um hospital onde todos os que precisem dos seus serviços possam vir, certamente deve haver número suficiente de pessoas aqui para o apoiar financeiramente nesta bela empreitada que propõe. Uma coisa é definitivamente certa: que a menos que os seus clientes que foram confortados e curados e a menos que o público

em geral dê esse apoio nesta emergência, algum outro hospital algures será ocupado por ele.

O financiamento pareceu promissor no início, com sessenta mil dólares angariados em poucos dias. Mas o resto do dinheiro necessário não se materializou, e Cayce (muitas vezes com o pai) foi de cidade em cidade, onde quer que alguém pagasse a viagem para dar leituras médicas, com algum interesse em ajudá-lo a construir o hospital — Nova Iorque, Pittsburgh, Chicago, Kansas City, Nova Orleães, Memphis, St. Louis, Indianápolis, Cincinnati, Filadélfia, Florida e outros lugares. Ainda separado da família, voltou a Birmingham, não a Selma, e deu leituras novamente num quarto de hotel, para as quais os recipientes eram convidados a fazer ofertas voluntárias na tradição da sua vida de igreja. Agora que as circunstâncias o forçavam a passar mais tempo sozinho, o antigo carácter e convicção de Lúcio pareciam reafirmar-se. Outra notícia de Birmingham refletia a perspetiva que governara a maior parte da sua vida anterior:

PODER ATRIBUÍDO A DEUS «Curador» Diz que o Seu Trabalho é Feito por Dom Divino

«Quaisquer poderes de cura que possa possuir atribuo a Deus a trabalhar através de mim para o bem-estar dos aflitos», declarou Edgar Cayce numa palestra informal ao Psychology Club na terça-feira à noite no tribunal. «Considero a fase religiosa, e não a psíquica, a parte mais importante do trabalho. Para mim o desafio continua de que devo praticar discriminação nos casos que trato, e que tudo o que for feito deve ser feito por causa Dele: que quaisquer poderes débeis que possua devem ser dedicados a Ele.»

Uma audiência substancial saudou o místico de Selma na sala do juiz Smith às 20 horas e muitas perguntas foram feitas ao orador sobre o seu trabalho de cura. Desde o seu regresso a Birmingham após quase um ano de ausência, o Sr. Cayce tem estado em constante demanda pelas suas «leituras», que são declaradas notáveis pelos seus amigos e por aqueles que afirmam ter sido curados pelo seu diagnóstico e conselho.

Palestrou extensivamente pela primeira vez fora dos círculos da igreja, falando não só ao Women's Club, mas ao Writer's Club, à Theosophical Society, à Unity Church, à Applied Psychology Society, ao College Club, ao Businessmen's Club e outros.

Queimado Limpo em Fogos Pessoais

Finalmente Cayce olhou para a sua vida com repugnância cansada e voltou para casa em Hopkinsville para pedir perdão à esposa — e perdoar-se a si próprio —, bem como reunir a família. Regressaram a Selma, após ele ter estado ausente três anos, para ver o que podia ser salvo do negócio fotográfico. Relatou mais tarde do regresso que exigira grande esforço trazê-lo a isso, como expressão de «normalidade» na sua vida. Os acontecimentos e relações da aventura texana fizeram-no duvidar dos seus ideais fundamentais, e até do seu pacto com Deus. Questionou se alguma vez fora destinado a ter um hospital, ou se perdera o barco ao não vender a companhia quando grandes somas foram oferecidas. Angustiou-se sobre como melhor servir os outros com o seu «fenómeno» que era tanto a sua bênção como o seu tormento. O que se tornou claro foi que a sua vida tinha de mudar totalmente.

Sozinho no quarto de hotel durante muitas horas, retomara a Bíblia e renovara os seus tempos de oração. Deus fora fiel ao enviar-lhe ajudantes, mas exigira dele muito mais liderança e força do que esperara. Construir um hospital provara ser infinitamente mais difícil do que organizar uma série de comícios do Christian Endeavor ou mesmo desenvolver os seus estúdios. Esperara (como os artigos de jornal mostravam) ser porta-voz de uma causa digna, para a qual os apoiantes acorreriam. Em vez disso, encontrara-se obrigado a tomar conta de cada pessoa atraída para perto dele na empreitada, e obrigado a definir e moldar a natureza de cada associação e trabalho diário.

Não pudera servir meramente como conselheiro ou consultor num belo sonho, mas fora forçado a ser capitão de uma expedição que não pensara. Além disso, as suas leituras provaram não ser um acordo privado entre ele e Deus, mas surpreendentemente dependentes dos motivos daqueles que se juntavam a ele. Tudo o que tentasse no futuro exigiria um núcleo sólido de grupo unido na fé e nos ideais, tal como os missionários que recrutara tinham partido para estações missionárias partilhadas, não para aventuras pessoais de evangelização.

Ele não pensava em termos de karma na altura, mas mais tarde olharia para trás para discernir como conseguira, pelo que via como graça de Deus, apesar da vergonha do fracasso, não cair nos padrões autodestrutivos de Troia. A sua vida pessoal e pública desmoronara com o colapso do projeto petrolífero, mas não se retirara para o suicídio, por mais tentado que estivesse, nem para o desejo de vingança que outrora atormentara o moribundo Uhjltd. Não se voltara para o jogo, o alcoolismo ou a exploração cínica dos outros que Bainbridge tão bem conhecia. E descobrira muito sobre o amor paciente de Deus, incluindo a grande liberdade que lhe fora dada para fazer escolhas por si próprio, embora não sem

consequências, e a compaixão que lhe assegurava o perdão absoluto pelos seus excessos uma vez que os tivesse interrompido. Fora purificado pelo fogo pessoal que ajudara a acender, mas o seu conselho médico provou ser tão fiável como sempre.

Gertrude e os parentes de Edgar estavam mais de metade prontos para que ele desistisse do sonho do hospital e se estabelecesse em Selma, que se provara mais a sua casa do que qualquer outro lugar onde tinham vivido. Ele estava preparado para cobrar dez dólares por leitura pela primeira vez na vida, e uma leitura aprovou a decisão que tomou. Uma notícia no jornal de Selma sugeria que poderia considerar um desfecho de se estabelecer, embora ainda sentisse que Deus lhe prometera um hospital para o melhor uso das suas leituras:

EDGAR CAYCE, MARAVILHA PSÍQUICA, PASSARÁ O VERÃO EM SELMA
Pacientes Aqui à Espera de Diagnóstico

A notícia notava que passaria o tempo «entre tirar fotografias... e fazer alguns dos seus famosos diagnósticos mundiais».

Mas como tantas vezes nos pontos de viragem da sua vida, falhara no sucesso. Uma vez que recuperara o controlo de si próprio e renovara o espírito interior do seu pacto, a ajuda apareceu.

15 A Grande Instituição Influente

Primeiro veio Gladys Davis, de dezoito anos, irmã de um antigo membro da sua turma dos Sete na igreja. A comunidade espiritual que lhe faltara nas viagens, mas que agora recuperava, serviu-o bem ao fornecer-lhe um membro do núcleo essencial sobre o qual construiria pelo resto da vida. O que viu foi uma estenógrafa loura brilhante, atraente e capaz que conseguia anotar as suas leituras onde outros falhavam por estarem apressados, confusos ou assustados com o estranho processo de transe. O que não viu (até que as leituras apontaram os padrões não muitos meses depois) foi a alma que fora sua gémea na Atlântida, a criança negligenciada da sua união com Ísis no Egito, depois a sua amada esposa na Pérsia e finalmente a sua mãe conduzida ao convento em França.

A menina Gladys, como toda a família a tratava segundo o costume sulista da época, tornou-se em breve parte do círculo familiar e nele permaneceu até à morte dele, embora não sem desafios que nenhum deles previra. A sua fé era forte, a sua lealdade profunda e a sua capacidade para os detalhes incrível. A sua companhia trouxe à família não só bom senso nas decisões diárias, mas trabalho árduo. Embora o seu geralmente bom humor fosse ocasionalmente marcado por

períodos de depressão pelas dificuldades da sua família, que lutava por rendimento e vinha do lado errado dos trilhos, tinha uma feliz capacidade de rir de si própria. Introvertida como Gertrude, carregava para Edgar o polo feminino orientado para a ação e filha-amante que completava o sentido de Cayce da potente anima feminina.

Kahn permaneceu disponível. Subiu rapidamente na carreira como fabricante em Nova Iorque, o que o levaria a combinar «produtos de madeira e metal» como as leituras sugeriram precisamente, tornando-se o maior fabricante de caixas de rádio do país numa época em que todas as salas de estar tinham de ter um aparelho na sua própria mesa ou numa consola à altura da cintura. Permaneceu intensamente leal a Cayce, a quem chamava Juiz porque o nome significava o respeito que sentia. Ao longo dos anos enviou dezenas dos seus colegas de negócios a Cayce para vários tipos de leituras, tal como apresentou a história de Cayce a figuras políticas e militares importantes. A sua convicção da bondade nas leituras nunca vacilou, nem a sua devoção pessoal a Cayce. Um núcleo de grupo com propósitos e valores semelhantes estava a formar-se.

Então Arthur Lammers, um rico impressor de meia-idade de Dayton, veio a Selma para conselho em transe. Começou com uma leitura astrológica não diferente da que Cayce já obtivera sobre si próprio quatro anos antes. Lammers lera amplamente em assuntos arcanos como astrologia, cabala, religiões de mistério e versões do hinduísmo, assim como teosofia. Convencido de que a capacidade de Cayce era genuína e de alcance vasto no seu potencial, procurou leituras sobre a natureza da existência humana em vez de problemas médicos ou necessidades pessoais.

Não o surpreendeu obter respostas completas, mas as novas dimensões do dom abalaram profundamente Cayce, embora também o interessassem. Quando Lammers se ofereceu para pagar todas as despesas da família e garantir numerosas leituras se Cayce viesse para Dayton, Edgar esteve pronto quase imediatamente, apesar dos novos começos que faziam em Selma. Em poucos meses mandou buscar a família de Dayton, deixando Hugh Lynn terminar o ano letivo. Via em Lammers apenas um homem de negócios abastado com uma natureza altamente especulativa e uma presença impressionante, não o seu antigo associado guerreiro das guerras troianas. Heitor, como as leituras em breve indicariam.

Cayce insistiu que Gertrude vendesse imediatamente o negócio de fotografia, embora a venda lhes rendesse muito pouco e desanimasse Gertrude, que trabalhara com ele para comprar cada peça de equipamento. Mas estava impaciente para avançar, e o sentido do seu pacto renovado com Deus para

fornecer liderança e construir um hospital era forte nele. Agora prometeria a Deus implementar esse pacto de uma nova forma, confiando no rendimento direto das leituras para prover o único sustento da família. Não era necessária uma grande empresa com pesados investidores. Simplesmente largaria as câmaras e as bandejas de revelação, e colocaria toda a sua confiança em ficar inconsciente todos os dias.

Aqueles que procuravam leituras ainda davam-lhe na maioria apenas as ofertas que escolhiam, de quase nada até vinte e cinco dólares — que finalmente fixou em Dayton como oferta recomendada. Mas o tipo de rendimento por oferta voluntária fora suficiente para os ministros da sua juventude e muitas vezes para missionários em terras distantes. Estava pronto a confiar nisso quando os que procuravam não podiam pagar a taxa completa. Assim, a família levou Gladys e mudou-se para o Norte. O seu futuro parecia seguro sob os cuidados de Lammers, pois arranjaram um apartamento e alugaram um escritório de hotel onde dar leituras.

Ideias Totalmente Novas

Quase imediatamente, como em resposta ao seu sério risco, surgiu um novo tipo de leitura — a «leitura de vida». A primeira pista foi uma observação numa leitura astrológica para Lammers de que ele «fora outrora monge». Leituras de seguimento detalharam uma visão coerente da reencarnação em formas humanas repetidas — não animais — suplementada por existências entre vidas em esferas especializadas de consciência. Edgar ficou atordoado com o afastamento dos conceitos bíblicos familiares e do ensino da Igreja Cristã sobre o plano de salvação, embora também intrigado. Ou as suas leituras estavam novamente a falhar-lhe, como parecera fazer nos campos petrolíferos, ou estava a entrar num continente inteiramente novo de significado e aventura humana. Tinha de convencer-se de que não estava a colaborar em engano, nem a ajudar a propalar uma visão que prejudicasse os outros.

As respostas oferecidas na nova veia de leituras, foi-lhe dito, vinham prontamente na mesma voz clara, natural e firme que habitualmente descrevia o membro artrítico de alguém ou o baço roto. Não havia mudança marcada na linguagem, exceto por termos novos, e a sintaxe era tão desregrada e as frases tão complexas como sempre. Não havia pausas para respostas, nem hesitações. As réplicas vinham tão incisivas como sempre, só sobre novo assunto. Mas aqui discorria sobre lei moral, história, alma e Deus.

Como Hugh Lynn me contou mais tarde, a maior questão de Cayce era se as novas visões que jorravam dele em transe podiam ser congruentes com a fé

bíblica, não se havia evidência empírica na psicologia ou na experiência diária. Tudo isso poderia vir depois. A primeira questão era se os ensinamentos distorciam as profundas relações com Deus que estavam no coração da saga bíblica, ou se poderiam desviar as pessoas dos grandes mandamentos de amar a Deus e ao próximo com todo o ser. Os novos conceitos lidavam de forma direta com o pecado e a graça? Temperavam a justiça com misericórdia? Colocavam demasiado ênfase na justiça das obras? Ofereciam uma via de salvação tão mecânica que excluía o papel salvador de Cristo? Afirmavam o valor da igreja e das suas ordenanças como casa da fé? Glorificavam Deus com os salmistas, pregavam Cristo crucificado com Paulo, cumpriam e transcendiam a Lei no amor?

Dia após dia, noite após noite, o pequeno grupo de Edgar, Gertrude e Gladys debatia estas questões, sentindo que a integridade das suas almas e a sua devoção a Deus estavam em jogo. Por vezes eram acompanhados por Lammers e o seu secretário masculino, Linden Shroyer, que servia como condutor dos transes. Procuraram leituras adicionais, que desdobravam vastas panorâmicas das suas próprias jornadas da alma, não sem embaraço ao reconhecerem o material das suas paixões íntimas, esperanças não expressas e excessos dolorosos expostos perante eles neste novo modo. Gradualmente a ansiedade de Cayce diminuiu ao descobrir que o Deus Único dos patriarcas e profetas ainda era central na imagem dada, e que o padrão do serviço abnegado de Jesus era descrito como destino de todos.

O Cristo crucificado era o Senhor ressuscitado para uma vida ou para muitas, para a terra ou para experiências em dimensões de Júpiter ou Marte. Outras tradições religiosas eram tratadas com respeito pouco comum nos círculos da igreja onde se movera tão longamente. Mas ilustrações de princípios nestas leituras eram tiradas diretamente da Bíblia repetidamente, e os seus consulentes que pediam o novo tipo de orientação eram instados a estudar esse Livro. Igualmente importante, o espírito de oração, meditação e culto devoto que sempre o trouxera ao seu melhor eu corria por todo este novo material, impedindo-o de ser mero sistema especulativo. E o conteúdo ético era uniformemente elevado, focado no serviço generoso e extrovertido aos semelhantes como filhos de Deus.

Desta vez não teve de tomar as decisões últimas sozinho, como acontecera no passado recente. Gertrude e Gladys formaram uma equipa primária com ele, em breve juntando-se Hugh Lynn, cuja boa mente se mostrava mesmo aos dezassete anos. Edgar Evans tinha apenas cinco, mas Hugh Lynn dava aos pais trabalho suficiente por dois quando confrontado com os novos conceitos. Ficou

indignado por terem procurado uma leitura sobre ele sem o seu consentimento, e de modo algum consolado ao saber que fora um faraó egípcio como o Jovem Rei dos tempos de Ra Ta, nem elevado pela afirmação nas leituras de que fora André, o discípulo de Jesus, após seguir primeiro João Batista. Ouvir que a maioria das suas vidas subsequentes (exceto uma como monge) fora marcada pela violência, incluindo as aventuras persecutórias das Cruzadas, não ajudou a suavizar a sua atitude, pois os relatos vinham demasiado perto de encaixar no temperamento explosivo que já era o seu — como o do pai.

Subitamente Lammers saiu das suas vidas, envolvido numa série de processos judiciais que acabaram com o seu apoio e os deixaram à deriva quando se mudou. Conseguira arranjar para os rapazes irem à melhor escola privada junto dos filhos das famílias de borracha e automóveis de Dayton, mas não arranjara roupa ou mesadas adequadas para esses círculos. Os rapazes sofreram duplamente, tanto por serem forasteiros do Alabama como pela falta de fatos e maneiras apropriados. Gladys ficou com um só vestido castanho, que usava dia após dia. A família foi muitas vezes salva de um jantar que parecia sombrio apenas por um pedido inesperado de leitura. Tremiam no clima frio onde nenhum deles vivera antes, e começaram a usar jornais debaixo da roupa para se aquecerem. Aos fins de semana faziam passeios que lhes davam breve, se hilariante, alívio, e eventualmente o tempo aqueceu o suficiente para piqueniques e croqué animado.

Portas dos Sonhos para o Passado

Embora Cayce tivesse passado por infortúnios antes, e não fosse estranho a tempos difíceis no Texas, descobriu que ver a família lutar sem comida e roupa adequadas o dilacerava profundamente. Atrasaram-se muito nos aluguéis. Os pedidos de leituras que esperava o seguirem até Ohio não apareceram, porque as centenas de famílias que tantas vezes confiaram na sua ajuda médica no passado simplesmente não conseguiam localizá-lo. Não tinha reputação alguma em Dayton e a Igreja Cristã que frequentavam provou ser cordial mas totalmente desinteressada no seu trabalho peculiar.

Não havia médicos familiarizados com os seus casos, nem nada que se aproximasse remotamente do hospital que queria. Não podia deixar de questionar as promessas dadas e recebidas com o seu Senhor, nas quais proteger e cuidar da família sempre fora parte. A situação parecia injusta. Virara as costas à fotografia para pôr toda a vocação nas leituras. Mas o risco estava a transformar-se em desastre. O seu sofrimento aumentou quando, numa viagem de regresso a Hopkinsville, ficou preso entre comboios em Cincinnati e correu tanto para apanhar um que partia da estação que contraiu uma infeção

pulmonar que deixou uma fraqueza permanente que acabaria por contribuir para a sua morte.

As suas leituras diziam-lhe consistentemente a ele e aos outros para serem fiéis, pois Deus não os esquecera. Mas o seu sofrimento e humilhação não diminuíam com a informação adicional de que estava de volta à área de Ohio onde como John Bainbridge explorara tantos, defraudando-os dos seus meios tal como agora estava privado de meios. Mais uma vez, porém, a falta de negócio serviu-o bem, pois teve tempo para orar, passear (quando não congelava) e ler a Bíblia. Mais uma vez não ficou amargo (na maior parte do tempo) nem autodestrutivo. Com a aventura do Texas ainda fresca nos pensamentos, não se voltou para novas comercializações do seu dom. Apenas aguentou, e a sua casa com ele.

Mantiveram registos cuidadosos de todas as sessões de transe, e arquivaram-nos cuidadosamente pela primeira vez. Muitas vezes as leituras tinham sido transcritas no passado, mas geralmente para conveniência dos recipientes, sem cópias para sua própria edificação. Tipicamente não quisera saber o que saía dele, sentindo que o conhecimento adicional era apenas um fardo. Agora, com a ajuda de Gladys, era mais cuidadoso. Apenas cerca de quinhentas transcrições estavam nas caixas onde eram guardadas sem cerimónia das milhares e milhares de leituras que dera por todo o país.

Criara de novo cada vez, como um fotógrafo que fazia retratos que pertenciam aos que posavam para eles. Mas agora tinha de estudar um grande sistema de leis não na sua Bíblia, exceto por implicação em ditos como «Deus não se deixa escarnecer; o que o homem semear, isso também ceifará», ou «Quem vive pela espada, pela espada morrerá», ou ensinamentos de que Elias viera novamente como o Batista, ou perguntas feitas a Jesus sobre por que um homem nascera cego. Assim, pela primeira vez cuidou de guardar cópias de todas as leituras.

Como que respondendo à sua necessidade de compreensão, outro tipo de leitura apareceu prontamente, oferecendo formas de aceder diretamente a memórias de vidas passadas e de retratar karma que transcende o tempo. Estas eram leituras que interpretavam sonhos, seguindo uma que o instava a acompanhar os seus próprios e estudá-los como meio para maior compreensão da natureza humana e do destino com o divino. Numa época em que os sonhos eram amplamente ignorados por pessoas pensantes como meros epifenómenos da mente e das emoções, sem mais valor do que quaisquer outros presságios ou superstições, as suas leituras desenvolveram uma teoria completa da sua função na psique, e ajudaram-no a compreender não só relações com vidas passadas em

si próprio e nos outros, mas experiência psíquica, preocupações de saúde, julgamento empresarial, mudança cultural e crescimento espiritual. Nenhum deles conhecia o trabalho de Freud, cuja interpretação seminal dos sonhos fora publicada no mesmo ano em que dera as suas primeiras leituras. Só mais tarde descobririam dinâmicas e processos freudianos abundantemente evidentes nas interpretações de sonhos, embora subordinados a uma abordagem que magnificava o crescimento espiritual e muitas vezes dava aos sonhos referência externa.

Se a reencarnação dentro da fé cristã era o seu curso de estudo obrigatório, então os sonhos eram o laboratório acompanhante que os salvava de se sentirem vítimas de conceitos estranhos, aparentemente ocultos, além do seu alcance para verificar exceto em grandes especulações. Concluíram que o seu conselho em transe poderia estar a falhar-lhes de alguma forma que não compreendiam, mas se assim fosse, fazia-o ricamente e metódicamente, não gaguejando em referências vagas como as das leituras posteriores dos poços de petróleo.

Um Vidente em Busca de um Destino

Embora demorasse algum tempo até compreenderem todas as implicações, Cayce podia agora ser visto como alcançando a plena estatura da sua encarnação de Ra Ta, quando fora professor espiritual. Continuaria a dar conselho médico em Ohio e Virgínia até aos últimos meses da sua vida, e sempre o veria como central na sua vocação. Mas a partir de agora muitos o veriam sob nova luz. Para eles não era simplesmente um psíquico, apenas um bom homem cujos dons ajudavam os que sofriam — não apenas um especialista em factos distantes ou enterrados, passado ou futuro. Como psíquico diagnosticador de problemas de saúde, poderia ser pago pelos serviços e esquecido como se faz com outros especialistas médicos. Mesmo que a sua ajuda resgatasse alguém de uma doença ou condição incurável, só um certo respeito surpreendido era exigido.

Mas como analista de carácter e professor moral, era alguém a ser levado a sério, especialmente porque as suas leituras não viam problemas psicológicos ou espirituais incuráveis. Egoísmo, impaciência, frustração, indulgência ou solidão podiam todos ser retecidos em padrões de vida maiores e mais claros, segundo a «informação». Era inevitavelmente visto por alguns como revelador e professor de realidades espirituais. A mudança tensionaria os seus amados laços com a igreja, e deixá-lo-ia mais uma vez vulnerável à necessidade de uma comunidade autorizadora. Haveria também aqueles como a sua própria mãe (que nunca procurou uma leitura de vida, convencida de que era irrelevante ou sem

importância), que se afastavam da estranheza dos novos conceitos na capacidade que tanto tinham prezado.

Pessoas médicas, tantas vezes suas amigas e patrocinadoras, relacionar-se-iam com ele de forma mais cautelosa, sentindo que os seus métodos irregulares de diagnóstico e tratamento já lhes davam trabalho suficiente sem entrar na sua estranha visão de mundo. Homens de negócios, nunca bem certos de que não se tornariam alvo de troça por procurarem o seu conselho, recuariam muitas vezes agora, tal como a maioria das figuras políticas. Pedira a Deus um hospital onde a verdade pudesse ser procurada em investigação disciplinada. A resposta dada foi um desafio que abalava a vida sobre se queria sequer a verdade quando esta o poderia levar em direções tão drásticas e novas.

Gemendo, decidiu assumir o fardo do novo ensino e insight nas suas leituras de vida e material relacionado. Embora na altura considerasse o termo exagerado, tornara-se um vidente em grande escala — mas um vidente fora de época na agitada e expansiva década de 1920 do pós-guerra. Era um vidente ainda sem base ou comunidade nutridora em parte alguma da sua própria terra, após ter viajado amplamente por quatro anos em busca do seu destino e de companheiros capazes.

Para Virginia Beach, Finalmente

Mas então, em agosto de 1924, Morton Blumenthal apareceu com o irmão mais novo Edwin, encorajados pelo sempre promotor Kahn para obter leituras para o problema de ouvido de Morton. Morton era jovem, apenas vinte e nove anos, de constituição franzina e baixa estatura, com um rosto sério que dominava o corpo magro. Era o introvertido de mente aguçada, e Edwin o extrovertido ocupado e expansivo. Os dois cresceram numa família judaica convencional mas genuinamente religiosa em Altoona, Pensilvânia, onde o pai geria uma loja e a mãe dava à família a sua força essencial.

Morton frequentara por algum tempo a Universidade da Pensilvânia. Agora os jovens irmãos eram corretores de bolsa bem-sucedidos em Manhattan, ganhando dinheiro constantemente nos mercados em ascensão de meados da década de 1920. Para Morton as leituras de vida eram material inebriante, despertando o interesse pela filosofia que o compelira na universidade, enquanto para Edwin as perspetivas de aprender a ser psíquico no mercado de ações ofereciam o desafio mais imediato.

As leituras de vida contaram a Morton que fora o sábio nativo no antigo Egito da época de Ra Ta, partilhando o poder com o jovem rei e pressionando pelo exílio do sumo-sacerdote. Mais tarde fora o opositor dos troianos, como

Aquiles, que envergonhou Xenon (agora Cayce) ao ponto de o levar ao suicídio através do estratagema do famoso cavalo. Também estivera entre os reconstrutores de Jerusalém após o Exílio, onde fora assistente de Ezequiel. Por contraste, a Edwin foi dito que fora um mercador que poderia ascender à proeminência nos círculos financeiros mundiais, e que outrora fora Judas, o irmão mais novo de Jesus, que duvidou dele até depois da ressurreição. Tudo isto constituiu mapas de tesouros aventureiros para os dois jovens. Ambos eram idealistas naturais, capazes de generosidade e sacrifício por princípio, como eu próprio viria a aprender ao entrevistá-los em profundidade mais tarde em Virginia Beach. Responderam rapidamente à ideia de Cayce de um hospital e à insistência das leituras de que devia ficar localizado em Virginia Beach.

O que honravam em Cayce era o seu anseio por um serviço maior, purgado da ambição pessoal pelos fracassos no Texas. A sua confiança instintiva nele foi reforçada pelo que sentiam serem memórias latentes da sua estatura imponente como sumo-sacerdote dotado, perfeitamente capaz de construir tanto um grande hospital como um lugar de formação. Morton gostava especialmente da ideia de um instituto que fizesse investigação, realizasse aulas sobre as grandes ideias da família humana e patrocinasse o hospital. Via, como Edgar, que os dons do homem de Selma exigiam duplicação noutros para atingirem os seus plenos efeitos.

E estava comprometido, como Edgar sempre estivera, com um encontro sério com profissionais nos mundos da medicina, educação, religião e negócios. Além disso, os seus interesses estendiam-se ao bem-estar de povos distantes, como mostrava o seu sonho com a China, e ao auxílio dos desfavorecidos — apesar da sua profissão em Wall Street, que o mantinha entre os abastados. O espírito das tradições proféticas judaicas era facilmente despertado nele, tanto como meio de compreender a vocação de Edgar como como imperativo para construir um mundo mais justo. No entanto, este espírito era muitas vezes eclipsado pelo filósofo mais especulativo nele, ansioso por resolver enigmas que haviam atormentado as mentes dos grandes pensadores durante séculos.

Morton encontrou na centralidade da figura de Cristo nas leituras um grande obstáculo. Contudo, o seu inconsciente pareceu assumir a tarefa de desdobrar o mistério da Encarnação sem perder o seu monoteísmo judaico essencial, quando lhe deu sonhos de Deus com compaixão humana semelhante à do seu pai, ou de Deus como um homem de negócios de meia-idade de visão aguçada e grande presença que vinha visitá-lo no seu apartamento em Nova Iorque. Ou o levaram a sonhos vívidos e tocantes de encontro com Jesus como Irmão Mais Velho, modelado no seu amor pessoal por Edwin.

Em poucos anos casaria, tendo o namoro e até a lua de mel monitorizados por leituras dadas sobre os seus sonhos. Foi-lhe dito pelo conselho de Cayce que teria um filho que poderia trazer de volta a profecia ao judaísmo — se conseguisse manter intacta a sua família e fé. O seu profundo amor por Deus, combinado com o espírito aventureiro dos seus anos (ainda não tinha trinta) e a expansividade do país do pós-guerra à sua volta, tornava tudo isto de algum modo crível — por mais estranha que fosse a fonte em transe.

Os dois irmãos procuraram leituras médicas bem-sucedidas para membros da família, obtiveram as bênçãos da mãe, ouviram as histórias de anos de leituras fascinantes contadas pelo jovem Kahn e trouxeram Cayce a Nova Iorque para os encontrar a eles e aos seus amigos. Pouco depois, Morton veio a Dayton com as chaves de uma casa que comprara em Virginia Beach para os Cayce. Arranjou pagar as despesas da mudança para a beira-mar, onde o conselho em transe insistia que Cayce faria melhor. A Gertrude também, disseram-lhes, o mar seria útil para o seu ânimo.

A mudança chegou mesmo a tempo. Não eram as finanças que agora preocupavam a casa dos Cayce, pois as leituras haviam captado o interesse de executivos empresariais e industriais em Ohio que se tornariam amigos para toda a vida. Edgar chegara mesmo a desenvolver um acordo para dar leituras a bancos que durou um ano após deixar Dayton. Agora dava o seu conselho em casa, e aqueles que tantas vezes procuraram a sua ajuda médica no passado estavam a alcançá-lo. Alguns destes (mas de modo algum todos) estavam genuinamente interessados nas leituras de vida. Tendo lidado uma vez com a estranheza absoluta da ajuda de Cayce, estavam preparados para a seguir para onde quer que os levasse, desde que os novos conceitos fossem tão éticos e espirituais como haviam encontrado nas leituras do passado.

O que tensionava a casa dos Cayce, agora de volta ao território do rio Ohio onde Bainbridge vagueara (nunca casando mas fazendo muitas alianças com mulheres), era a atração mútua entre Edgar e Gladys, agora a atingir a plena maturidade feminina. Era potenciada pelos padrões sulistas de idealismo romântico que ambos conheciam bem, e não facilitada pela desolação periódica de Edgar face às dificuldades financeiras que todos tinham vivido em Dayton.

A «informação» procurava ajudá-los mostrando como os seus sentimentos se baseavam na longa jornada conjunta como almas gémeas noutras vidas, especialmente as vidas apaixonadas como marido e esposa na Pérsia, onde ambos foram mortos por traição e privados não só da alegria de criar o seu filho dotado, Zend, mas do seu profundo amor mútuo. Contudo, as leituras aconselhavam grande cautela, forte força de vontade e muita oração. Como

sempre nestes assuntos, a perspetiva das leituras era que «Todo o amor é lícito, mas nem todo é conveniente para boas obras», lembrando-lhes que excessos podiam desonrar os seus labores, mas que as escolhas deviam ser deles.

Gertrude manteve o equilíbrio enquanto todos cresciam na compreensão da complexidade e força do karma. O seu papel não se tornou mais fácil quando caiu pelas escadas da casa em Dayton e feriu o olho, acabando por perder a visão e algo desfigurando a beleza do rosto que sempre atraíra a atenção daqueles que a conheciam. Nem facilitou o seu caminho ser-lhe dito que aquele era o olho que usara para comandar homens na antiga Pérsia, e que conhecera os seus próprios excessos como a dançarina egípcia que capturou Ra Ta ou como uma sedutora em França na época de Luís XIV. Quando a conheci, Gladys tornara-se para ela apenas uma filha amada — como Edgar também a via claramente.

No relato do filho mais velho, assim como nas observações de outros que conheciam bem a família, Gertrude cresceu mais do que qualquer deles nestes anos pós-Selma. Aprendeu a amar com grande paciência e insight, e desenvolveu tal força de carácter e fé em Deus que as vidas de todos eles foram cada vez mais centradas pela dela. Quando Edgar teve um sonho da mudança para Virginia Beach que a mostrava como a engenheira a conduzir o comboio, uma leitura disse-lhe para a deixar planear e executar a logística da mudança, pois era mais competente do que ele imaginava. Muito mais tarde, quando escreveu pela primeira vez a Hugh Lynn no estrangeiro no Exército, foi sobre apreciação pela esposa: «Ela é feita de arame de aço — puxado, torcido, esticado, purificado.»

Da sua parte, Cayce aprendeu quão enraizado era o seu padrão de projetar a alma numa mulher cativante e compassiva, e iniciou uma jornada de transformação interior que resultaria na sua liberdade duradoura dessa inclinação, liberdade para amar sem projeção sedutora — como vi quando estive com ele. Que a jornada nem sempre foi fácil apontou-o com algum humor ao contar-me de uma ocasião, não muito depois de Dayton, quando estava hospedado numa propriedade de amigos ricos num subúrbio de Nova Iorque. Uma das convidadas era uma bela jovem atriz de Hollywood fascinada pela história da sua vida.

Convidou-o a ir ao seu quarto e contar-lhe mais. Ele foi. No momento em que se virou para ela, na privacidade do quarto, a figura vestida toda de branco, com turbante branco, apareceu subitamente. Era a mesma presença imponente que o avisara dos seus parceiros em Hopkinsville. Nenhuma palavra foi dita, mas

Cayce saiu imediatamente. Ninguém mais viu o homem, mas a memória dele e o aviso ficaram vividamente na mente de Cayce.

Junto às Águas do Atlântico

Os sonhos de Edgar, e as leituras feitas para os interpretar, mantinham grande promessa para a mudança para Virginia Beach. Um, por exemplo, mostrava-o a ele e aos seus apoiantes e médicos a pescar ao largo da costa com grande alegria. A interpretação em transe era que ele e outros poderiam de facto extrair muito alimento espiritual das águas do Espírito, e construir juntos «a grande instituição influente». As andanças desde Selma chegavam ao fim, e ele descobriu-se capaz de imaginar o seu hospital finalmente a ser construído. O seu entusiasmo transbordou para os sonhos novamente, quando se viu a dar palestras a clubes de mulheres por todo o país sobre a nova instituição, como fizera em Birmingham quando era apenas uma ideia. No entanto, a leitura feita sobre o sonho avisou-o de que esta abordagem estava demasiado carregada de ego. O que era exigido era trabalho silencioso por princípio, não fanfarra.

O que encontraram em Virginia Beach, quando se mudaram a meio de setembro de 1925, foi um inverno desolado. A sua casa modesta ficava na 35th Street, não longe do oceano mas a alguns quilómetros da única área comercial na 17th Street. Não havia habitação nem atividade turística perto deles, embora em breve o grande e caro Hotel Cavalier fosse construído nas proximidades. As mercearias tinham de ser encomendadas, como era prática da época, por telefone, e depois entregues (se o veículo viesse nessa direção) nesse dia. Não tinham carro. A casa era essencialmente uma moradia de verão, sem isolamento e sem caldeira.

Por vezes patrulhavam a longa praia em busca de restos de madeira, ou recolhiam descartes em estaleiros de construção. Gertrude encontrou um monte de tijolos usados que transportaram para casa e usaram para construir um caminho em vez do trilho lamacento da entrada. Chovia constantemente, e muitas vezes sentiam frio. Gladys tinha de rabiscar perguntas para as frequentes leituras de Morton no corredor frio, e os seus dedos estavam tão dormentes que mal conseguia.

Na cidade havia sobretudo hotéis de madeira tapados e edifícios vitorianos. Não havia recreação exceto algum filme mudo ocasional. Assim, organizavam as suas próprias. À noite jogavam Rook e Parchesi, ou jogos de cartas em que não tinham de se concentrar tanto que Edgar lhes pudesse ler a mente. Organizaram debates (geralmente Gladys e Edgar contra Hugh Lynn e Gertrude) sobre todo o tipo de tópicos, especialmente os levantados pelas leituras de vida. Mais difícil

para Edgar era a questão de possíveis vidas passadas de Jesus. Ouviam um rádio de mesa, e Edgar encontrou a única pessoa que alguma vez descreveu como querendo conhecer — Bing Crosby. E tinham orações familiares todas as noites após o jantar.

Quando o tempo finalmente aqueceu, Edgar trabalhava lá fora com as mãos, fazendo reparações em janelas e degraus, plantando um jardim de flores e legumes, e criando galinhas. Dentro de casa reparava cadeiras e cómodas, assim como emoldurava fotografias. Instalou uma campainha. As suas emoções e preocupações eram melhor controladas quando podia manter as mãos ocupadas. O mundo das sensações físicas e atividades era muitas vezes a porta para os níveis mais profundos do seu inconsciente porque era um lado inferior ou menos desenvolvido da sua natureza, comparado com os seus dons intuitivos.

Ainda se via sujeito a explosões de temperamento e críticas duras, como fora toda a vida. Gladys relataria mais tarde nas suas memórias quão capaz ele era mesmo agora de ordenar abruptamente que ela saísse permanentemente, e quão difícil lhe era pedir perdão. Não gostava de receber críticas, mas tinha dificuldade em traduzir isso em contenção constante dos seus comentários aos outros. Os rapazes, porém, encontravam-no como sempre um pai companheiro, geralmente justo e terno, bem como brincalhão e inventivo.

Mais uma vez as pessoas que procuraram leituras dele para as suas próprias ou de parentes necessidades médicas acharam-no difícil de localizar. Por princípio, não fazia publicidade nem enviava correio, e a notícia da sua localização tinha de passar de indivíduo para indivíduo. Morton usava-o regularmente e Edwin ocasionalmente. Embora os dois enviassem frequentemente contactos novos entre conhecidos de negócios, o rendimento mal chegava para a sobrevivência. Estavam de volta à cena virginiana das aventuras irresponsáveis do primeiro Bainbridge, e o preço parecia novamente ser as lições da dificuldade financeira.

Sem visitantes, amigos e necessidade diária de leituras, Edgar tinha tempo para pensar e orar, assim como para ler e ponderar a Bíblia. O vasto oceano, a poucos quarteirões da casa, elevava-lhe o ânimo com as suas tonalidades sempre mutáveis e movimento constante, onde navios dos confins do mundo apareciam primeiro como pontos no horizonte antes de passarem majestosamente para a entrada da Baía de Chesapeake. Tinha perante si nestas águas antigas e infinitas um emblema vivo do Eterno, diferente dos humanos, mas próximo e vital. Sonhava à noite com a sua majestade e poder. Lentamente descobriu-se capaz de apresentar perante Deus os seus falhanços dos anos

recentes, buscando perdão. Encontrou-o, e as suas discussões à mesa da Bíblia refletiam-no, como ainda faziam quando o conheci.

Personagem após personagem da Bíblia provara ser pecador e arrogante, mesmo o próprio rei David. Contudo, quando verdadeiramente arrependidos, encontraram Jeová cheio de misericórdia e pronto a ajudar a endireitar os seus caminhos. Apresentou perante Deus a sua busca de poder e atenção no fiasco do Texas, assim como os impulsos do seu coração por companhia ardente. Tornou-se mais forte e confiante. Deus não lhe pedia perfeição de uma vez, sentia, mas apenas que tentasse sinceramente continuar. E Deus buscava dele não apenas decoro mas plenitude e plena masculinidade, que implicava riscos e falhas frequentes. Podia continuar e compreender, mais plenamente do que nunca, as fraquezas dos outros que tantas vezes jaziam por trás das doenças da carne que os levavam às leituras. Notou que o seu conselho era mais claro e profundo do que antes, em parte porque Gertrude servia agora como condutora (o que começara em Dayton) e também porque recuperava a compostura — sempre espelhada na qualidade das leituras.

A família procurou uma igreja lar, primeiro viajando até Norfolk para chegar a uma Igreja Cristã, mas achando proibitivo o custo regular das passagens de comboio para todos. Voltaram-se então para a Igreja Batista local — não muito diferente da sua — mas descobriram que os líderes da igreja tinham ouvido falar das suas leituras e duvidavam de lhes conceder filiação; Edgar nunca mais voltou. O ministro metodista local da época parecia pomposo. Acabaram na Igreja Presbiteriana, onde Edgar em breve ensinava uma turma de adultos na escola dominical aos domingos de manhã que continuaria até pouco antes da sua morte. O culto alimentava-os a todos, tal como as rondas familiares de jantares da igreja, convívios e programas de missionários e evangelistas. Edgar juntou-se ao clube dos homens e Gladys ao coro. Gertrude assumiu um papel ativo, mas manteve a sua membresia na Igreja Cristã de Hopkinsville. Tendo raciocinado os princípios da fé cristã, não estava disposta a mudá-los sem melhor persuasão do que encontrou. Edgar começou a visitar novamente as prisões, como não fazia desde Selma, e Hugh Lynn encontrou ocasião para o acompanhar.

Leituras sobre Morte, Ações e Filosofia

As leituras tomaram direções novas e interessantes. Algumas descreviam com grande precisão exatamente como o imobiliário se desenvolveria nas décadas seguintes em Virginia Beach, nomeando ruas e sequências e recomendando compras. Edgar não tinha dinheiro para investir, ou teria deixado à família ativos que gerassem grande riqueza. Morton estava ocupado com o

mercado de ações. Além disso, as previsões de que esta simpática pequena cidade turística se tornaria uma grande cidade turística (junto ao que se tornaria, segundo relatos, o maior porto do mundo) pareciam exageradas. Leituras expuseram o curso das mudanças climáticas vindouras em grandes padrões, e abriram o tema de futuros terramotos que mais tarde preocupariam várias pessoas que procuraram a sua ajuda.

O dinheiro começou finalmente a entrar, de modo que puderam comprar um carro e Hugh Lynn pôde ir para uma escola de negócios em Norfolk. O jovem Edgar Evans, apelidado Ecken, tinha agora roupa mais decente. Os Blumenthal vinham frequentemente ficar no caro Hotel Cavalier, procurando dois tipos de leituras: as sobre perspetivas de negócios, e as (que Morton adorava) sobre sobrevivência após a morte, que era então a questão principal da investigação psíquica em Inglaterra e nos Estados Unidos.

Dave Kahn vinha quando podia, pedindo conselho de negócios e trazendo a sua esposa inteligente e culta. Antiga atriz de beleza e porte impressionantes, levava o judaísmo a sério, mas também se sentia em casa nos ensinamentos do hinduísmo. Entrava também facilmente no mundo da investigação psíquica. Todos estes visitantes descobriram que a viagem a Virginia Beach era uma mini-peregrinação que os acalmava e refrescava (tal como as leituras haviam dito), combinando uma viagem noturna de comboio com uma travessia final de ferry pela água e terminando no magnífico oceano cuja extensão limpa de praia era insuperável na Costa Leste.

Em outubro de 1926 a mãe de Edgar adoeceu gravemente. A leitura feita sobre a sua condição descreveu como e quando expiraria. Enviou um telegrama algo invulgar às irmãs, dizendo-lhes que ela estava prestes a morrer e pedindo-lhes que a segurassem até à sua chegada. Depois apressou-se para casa para se despedir dela. Embora tivesse quarenta e nove anos e não tivesse mantido sempre proximidade com ela nos anos recentes, ela ainda era querida ao seu coração; fora a primeira e sempre acreditara que as suas leituras não eram apenas esquisitices psicológicas mas dons de um Deus amoroso. Dentro de um ano Leslie, o squire, veio viver com a família, ficando lá até à morte e assistindo a todas as sessões de leitura.

Muitas vezes contava aos visitantes as suas histórias das realizações do filho com floreados expansivos. Hugh Lynn partiu para a universidade numa escola com tradições sulistas impressionantes, Washington and Lee. Aí, disseram-lhe as leituras, encontraria indivíduos importantes para ele de vidas passadas. Na iniciação da sua fraternidade viu subitamente o colega de quarto, Thomas Sugrue de Connecticut, como um monge encapuzado que conhecera há muito.

Foi o primeiro de muitos episódios do que parecia recordação de vidas passadas em estado desperto que lhe ocorreriam toda a vida.

Os irmãos Blumenthal ganharam dinheiro rapidamente, com Morton a usar os seus sonhos para pistas em ações específicas, e Edwin a usar a intuição no chão da bolsa. Compraram um lugar na bolsa de valores e, ainda nos primeiros trinta anos, tornaram-se milionários. Morton estudou William James sobre experiência religiosa, assim como Hudson sobre as leis da mente, Ouspensky sobre a filosofia da reencarnação e exercícios de treino de Gurdjieff. Fez tantas perguntas sobre estas obras que o inconsciente em transe de Cayce reagiu como se as conhecesse, e recomendou os livros para outros lerem. A «informação» permitiu a Morton manter contacto amoroso (através dos seus sonhos) com a avó que morrera, com a mãe da esposa na sua morte, e com o pai após a sua morte. Com este último formou uma parceria altamente invulgar de esforço conjunto para construir o Hospital Cayce; um estava morto e o outro vivo, mas ambos comprometidos com o serviço dos necessitados.

Lentamente Morton progrediu na sua atitude em relação às mulheres, que tantas vezes eram apenas objetos sexuais para os homens da sua época e círculos sociais. Um sonho delicioso mostrou-lhe coristas a chutar e a avançar por sua vez para fazerem os seus números individuais, numa atitude criativa que as leituras identificaram como «serviço, serviço, serviço» — a cura última para a sua fascinação demasiado estreita com o feminino. À medida que crescia em textura de personalidade, também o fazia a sua orientação por sonhos para o trabalho. Um sonho colocou-o debaixo de um candeeiro à noite, e a luz transformou-se em iluminação incrível como dom de Deus. Viu numa visão brilhante todas as ações da Bolsa com as suas cotações individuais e as suas tendências a subir ou descer — corretamente.

À medida que Morton ganhava dinheiro, dava mais a Edgar, manifestando uma generosidade que toda a família Cayce me confirmou mais tarde — e que achei crível quando o entrevistei longamente. Lutou também (como ninguém antes dele) para compreender tanto a filosofia como o funcionamento das leituras. A sua jovem esposa encantadora aprendeu através dos sonhos a deslizar por vezes para um estado em que podia falar utilmente no sono — chegando mesmo brevemente a igualar o transe de Edgar (como a leitura dele confirmou). Os esforços sinceros de Morton lançaram as bases para muita investigação que se seguiria à morte de Cayce (o que anos depois me levou a dedicar-lhe um livro que escrevi sobre sonhos).

O Mundo Parecia Justo

Os irmãos avançaram com o projeto do hospital, recorrendo à ajuda de Kahn e de alguns dos competentes amigos empresários de Edgar, oriundos do Ohio e de Chicago. Morton viu-se conduzido pelos seus sonhos psíquicos diretamente até às portas de colaboradores nova-iorquinos dispostos a ajudar. O primeiro passo foi a constituição da *Association for National Investigators* em Maio de 1927, com um lema abrangente que reflectia a escala em que todos eles pensavam: **«Para que possamos tornar manifesto o nosso amor por Deus e pelo Homem.»**

O foco direto da nova organização era a investigação psíquica, mas o objetivo mais amplo consistia em utilizar de forma correta tudo o que pudesse ser aprendido, através de fontes psíquicas responsáveis, em todos os domínios da vida. O dinheiro afluía, e o mundo parecia justo aos olhos dos círculos empresariais. Estes juntaram-se a um esforço ambicioso para conquistar a arena psíquica, refletindo o espírito da época, quando Henry Ford mostrava ao mundo o que a produção em massa e o saber-fazer americano eram capazes de fazer. Na sua visão, seriam eles a aplicar esse saber-fazer a uma área pouco conhecida dos fenómenos psíquicos, começando pelas leituras de Cayce.

Os planos para o instituto previam não apenas um hospital, mas também uma sala de conferências, uma grande Biblioteca das religiões do mundo e dos sistemas ocultistas, bem como uma equipa de bibliotecários e investigadores encarregues de correlacionar as leituras com outros sistemas de pensamento e com a investigação contemporânea. Estava igualmente prevista uma revista, intitulada *The New Tomorrow*, que rapidamente se tornou realidade. Morton reuniu o seu pensamento num pequeno livro de escrita densa, que publicou sob o título *Heaven on Earth*.

A Associação adquiriu terreno para o hospital numa colina, a dois quarteirões do oceano, conforme estipulado pelas leituras. Tratava-se do ponto mais elevado de Virginia Beach, bem afastado das zonas urbanizadas, com uma vista ampla e potencial para um belo terraço em vários níveis e edifícios adicionais. Um arquiteto experiente concebeu o edifício, que era surpreendentemente grande e imponente para a época. Quatro andares albergavam não só numerosas camas, mas também escritórios completos e instalações laboratoriais, bem como um cofre para as leituras e espaços para investigação.

O custo então equivaleria hoje a vários milhões. Cayce estava entusiasmado e gostava de ajudar nos trabalhos de carpintaria, além de supervisionar cada

etapa do desenvolvimento. Uma fotografia de destaque do edifício quase concluído surgiu no jornal de Norfolk no final de Outubro, com a legenda **«Hospital Cayce prestes a ser inaugurado»**, acompanhada do seguinte relato:

Aproxima-se rapidamente da conclusão, na 105th Street, no Atlantic Boulevard. O edifício apresenta exterior em estuque e telha, contendo 30 quartos, biblioteca e sala de conferências, consultórios médicos e salas de estar. Está a ser construído pela United Construction Company of Norfolk para a National Association of Investigators [sic], Inc., a um custo aproximado de 150 000 dólares.

Um artigo mais extenso na mesma edição descrevia os aspetos psíquicos do hospital, enquanto jornais de Nova Iorque publicavam reportagens completas, como esta no *New York American*:

NOVO HOSPITAL PSÍQUICO PARA DESCOBRIR DOENÇAS

Oferece diagnóstico de problemas físicos por método mental, mesmo a pacientes ausentes

Um grupo de homens e mulheres americanos, incluindo três nova-iorquinos, constituiu um fundo superior a 100 000 dólares para um hospital «psíquico», o primeiro do género a ser construído na América. As doenças do corpo serão diagnosticadas no hospital por meio de concentração psíquica. Não será necessário estar presente no hospital para as «leituras». Os pacientes poderão estar a milhares de quilómetros de distância e ainda assim ser diagnosticados.

O hospital, a denominar-se Hospital Cayce para Investigação e Esclarecimento, será formalmente inaugurado a 11 de Novembro, em Virginia Beach, Virgínia. Dois dos três patrocinadores nova-iorquinos são Morton H. Blumenthal, corretor da Broadway nº 50, e David E. Kahn, da indústria do mobiliário.

Nomeado em Homenagem a um Investigador

No seu escritório, na noite passada, o Sr. Blumenthal explicou que o hospital recebeu o nome de Edgar Cayce, conhecido por muitos pelas suas investigações do subconsciente.

O método a ser utilizado foi discutido pelo Sr. Blumenthal, presidente da organização conhecida como *Association of National Investigators*…
«Uma equipa competente de médicos estará associada ao hospital para fornecer tratamentos; se o indivíduo preferir o seu próprio médico, é livre de recorrer a ele para tratamento.» …

«É nossa intenção demonstrar ao indivíduo a relação existente entre o seu próprio ser espiritual interior e o seu ser físico e, assim, proporcionar ao homem intelectual um despertar do carácter cósmico interno. Através da nossa demonstração, o indivíduo poderá alcançar a realização dessa parte interna de si mesmo chamada alma.»

Na mente de Morton, o impulso para esclarecer ultrapassava facilmente o impulso para investigar — um espírito que marcaria os esforços ligados ao legado de Cayce durante os sessenta anos seguintes, apesar dos avisos vigorosos das leituras, que insistiam que «conhecimento não vivido é pecado».

Mesmo quando o hospital estava a ser concluído, Edgar teve uma daquelas experiências raras em que alguém do além-túmulo falou através dele antes de ele despertar do transe. Planeava instalar uma fonte em memória da sua mãe, mas não convidara a ajuda de Annie, chamada "Sister" pela família, nem das outras irmãs. A comovente transcrição que me entregou e que eu copiei parecia uma breve cena do final da peça *Our Town*, de Thornton Wilder:

Mãe! A Mãe está aqui — e ainda não escreveste à Sister, nem lhe disseste — a Sister não iria gostar. Irmão — e ela vai sentir-se magoada! Escreve à Sister, diz-lhe, e à Sarah e à Ola e à Mary — todas elas vão querer participar, e sentir-se-ão como tu — e depois de algum tempo, quando tudo estiver resolvido, será tão bom para todos vós saberem que a Mãe estará mesmo convosco! Porta-te bem. Escreve, Irmão! Fala com a Mãe. Sê bom para o Pai. Ele estará em casa em breve. Mas escreve à Sister — e diz às crianças que a Mãe as ama a todas.

Todas as irmãs contribuíram para o memorial. E, tal como indicado, o patriarca faleceu não muito tempo depois. Embora um pequeno episódio numa vida inteira, este breve momento de saudações amorosas vindas do além representava o tipo de acontecimento invulgar que tornava o mundo de Edgar diferente do dos outros e contribuía para a sua constante necessidade de se manter em equilíbrio.

O reluzente hospital novo foi inaugurado no Dia do Armistício de 1928, com um discurso inspirador do professor de psicologia de Hugh Lynn, da Universidade Washington and Lee, o Dr. William Mosely Brown, que ouvira leituras suficientes para ficar profundamente impressionado. O primeiro médico foi o Dr. House, cuja experiência com as leituras remontava a Bowling Green e cuja esposa e filho tinham ambos sido salvos de doenças graves graças a elas. A sua esposa, Carrie, era a dietista. Encontrar um médico com formação tanto médica como osteopática não fora fácil, e Edgar fora incentivado por um sonho vívido em que se via a si próprio, Gertrude e Gladys a nadar numa banheira muito

grande de água quente — um aviso nada difícil de interpretar. O Dr. House possuía ambos os graus, e Edgar confiava que ele não faria mau uso das leituras, como sentia que Ketchum e outros médicos haviam feito.

Foram contratados enfermeiros e outro pessoal, e admitidos pacientes a partir de uma lista de espera de pessoas desesperadas (que já se tinham candidatado de todo o país), com uma variedade de doenças graves que desafiavam o diagnóstico. Cayce podia finalmente ver por si próprio que todos os tipos de tratamentos recomendados nas suas leituras estavam prontamente disponíveis num só local. A sua alegria era indescritível. Essa alegria ainda se notava na sua voz quando mais tarde me contou a história da primeira mulher aleijada que entrou de muletas e saiu a andar sem apoio.

Uma Universidade para Estudar a Pessoa na Sua Totalidade

Os tratamentos não eram a única atividade. Blumenthal, embora tivesse apenas trinta e três anos, tinha grandes ideias e os meios financeiros para as concretizar. Queria mudar-se para Virginia Beach e trabalhar a tempo inteiro para a Associação, mas uma leitura dissuadiu-o, argumentando que poderia fazer mais bem permanecendo onde estava, continuando a ser simultaneamente um empresário bem-sucedido e uma pessoa espiritualmente responsável em Wall Street. Isso diria algo importante àqueles que perguntavam: «Que bem pode vir da Rua?» Uma leitura apontou Jesus como modelo, porque se tinha imerso na vida comum do seu tempo e não se mantivera afastado com os essénios.

Assim, Morton continuou os seus estudos das leituras por correspondência, recebendo aconselhamento quase diário. Deslocava-se para dar palestras no hospital, em prosa elaborada, aos domingos alternados à tarde. Nos domingos intermédios, Cayce, num estilo simples mas articulado, falava sobre temas que sentia conhecer por experiência: telepatia, vida após a morte, cura, crescimento da alma, o subconsciente e a cocriação com o Espírito Santo. O jornal local publicava o texto integral das suas intervenções. Estava mais feliz do que a sua irmã Annie alguma vez o vira, disse-me ela mais tarde, porque tinha finalmente unido a sua vocação pessoal às suas leituras e porque estas faziam mais bem do que nunca. Além disso, via pela primeira vez um contexto em que outros poderiam eventualmente ser formados para fazer o seu tipo de trabalho.

A formação também estava na mente de Morton, e ele recrutou o psicólogo Dr. Brown para servir como primeiro presidente de um novo campus, a Atlantic University. Brown tinha sido recentemente um candidato republicano derrotado ao governo do estado, no Sul esmagadoramente democrata. Era amplamente

conhecido e respeitado na Virgínia. Conseguiram uma carta de autorização, e Blumenthal disponibilizou o dinheiro necessário para contratar um corpo docente genuinamente impressionante, com salários elevados, recrutado em todo o país. O doutoramento era regra entre eles, e eram comuns diplomas de instituições como Harvard e Yale. Foi concebido um programa completo de artes liberais e publicada uma brochura atraente. Mais de duzentos estudantes inscreveram-se quando a nova universidade abriu em Setembro de 1930, dois anos após o início do hospital. As aulas realizavam-se em hotéis, onde os estudantes também ficavam alojados, enquanto se lançavam as fundações de um conjunto completo de edifícios académicos do outro lado do boulevard, em frente ao hospital.

A nova escola reunia todas as condições para um futuro promissor, com a sua própria e dispendiosa equipa de futebol americano e produções teatrais, bem como uma revista literária, laboratórios de investigação e anuário. Cayce integrava o conselho de administração, o seu trabalho era discutido nas aulas, e o corpo docente estava empenhado na investigação psíquica como parte — e apenas parte — de um plano para estudar a pessoa na sua totalidade, algo que não só era inovador para a época como antecipava muito do que viria a acontecer no ensino superior americano. Este esforço, contudo, pareceu presunçoso a alguns, como ao *Baltimore Sun*, que (no primeiro de vários artigos escritos a partir da sua sucursal de Nova Iorque, ainda antes da abertura da escola) equiparou o psíquico ao espiritismo.

INVESTIGAÇÃO ESPIRITUALISTA É OBJECTIVO DA ATLANTIC UNIVERSITY

Instituição proposta em Virginia Beach inspirada
no trabalho de um curador psíquico,
revela Morton H. Blumenthal, presidente

A proposta Atlantic University, em Virginia Beach, Virgínia, está a ser apoiada por um grupo profundamente interessado na investigação psíquica e no espiritismo e será a única universidade neste ou em qualquer outro país a empreender trabalho psíquico, foi hoje revelado.

A Universidade será dirigida pelo Dr. William Mosely Brown… No seu anúncio dos objetivos e ideais da universidade, feito há um ou dois dias, o Dr. Brown apresentou um curso completo de artes liberais e ciências, relegando a investigação psíquica para uma nota de rodapé. No entanto, Morton H. Blumenthal, cujos escritórios de corretagem se situam na Broadway nº 71, em Nova Iorque, e que é presidente do conselho de administração, afirmou hoje que

a ideia para a criação da Atlantic University tinha realmente surgido do trabalho de Edgar Cayce, um curador psíquico.

O Sr. Cayce dirige o Hospital Cayce para Investigação e Esclarecimento, em Virginia Beach, e diagnostica pacientes que podem estar a centenas de quilómetros de distância e que nunca viu. Segundo o Sr. Blumenthal, o Sr. Cayce fá-lo através da sua «mente subjetiva».

Conselhos de Administração Quase Idênticos

Por detrás do Hospital Cayce para Investigação e Esclarecimento encontra-se um conselho de administração que quase duplica exactamente o que irá dirigir a nova Atlantic University. Assim, o Sr. Blumenthal, o seu irmão Edwin D. Blumenthal, também da Broadway nº 71 e membro da Bolsa de Valores; David E. Kahn, desta cidade, fabricante de mobiliário; Thomas E. Brown, de Dayton, Ohio, engenheiro; e Franklin P. Bradley, de Chicago, fabricante de tintas e vernizes, irão financiar e controlar a Atlantic University tal como actualmente fazem com a *Association of National Investigators* — o nome da organização por detrás do hospital.

Estudar o Trabalho Mediúnico

Morton H. Blumenthal ocupa, contudo, a posição-chave, na medida em que é presidente do conselho de administração da universidade e presidente do grupo de investigadores. Existe ainda outro membro da família ligado aos investigadores — Adeline Levy Blumenthal.

Além disso, está planeado que o hospital onde os pacientes do Sr. Cayce são tratados se torne parte integrante da universidade. Ou seja, os estudantes terão oportunidade de estudar o seu trabalho mediúnico.

Espiritualista em Consideração

De outras fontes soube-se que um inglês — William G. Hibbins, B.S.A., espiritualista — está a ser considerado para o cargo de professor de investigação psíquica. O Sr. Hibbins tentou, sem sucesso, que a Universidade de Sheffield, à qual está ligado, criasse uma cátedra semelhante. Escreveu um prefácio para o livro do Sr. Blumenthal intitulado *Heaven on Earth*, publicado pela *Association of National Investigators*. O livro tem uma capa roxa brilhante.

A taça de Cayce estava cheia e, embora alguns pudessem objetar à natureza das ambições filosóficas de Blumenthal, ele tinha o hospital pelo qual orara e trabalhara durante tanto tempo. Como bónus, tinha diante de si uma nova e séria universidade. A sua paixão de toda a vida — relacionar a sua capacidade

com profissionais competentes, começando com o seu amigo Dr. Blackburn, em Bowling Green, quase trinta anos antes — encontrara finalmente realização.

Depois, a taça começou a inclinar-se. E acabou por transbordar.

Ruptura

Morton estava a pagar todas as contas. A Grande Depressão atingira o país no final de 1929, e os dois irmãos não tinham dado atenção ao aviso aparentemente fantasioso de uma leitura feita pouco antes da Sexta-feira Negra de Outubro, que os aconselhava a sair de todos os seus investimentos. Ainda assim, mantinham investimentos imobiliários e dinheiro no banco. Morton chegou mesmo a viajar para a Europa no auge do pânico, vangloriando-se de ter um milhão de dólares em contas bancárias. Mas o colapso e as suas consequências afetaram duramente outros, de tal modo que Brown não conseguiu angariar os fundos que esperava obter para a universidade, e o conselho do hospital enfrentou o mesmo problema.

Além disso, Morton vinha achando difícil obter leituras com a frequência que desejava, uma vez que Cayce dava prioridade ao aconselhamento diário do hospital. A orientação prática em transe — e ainda mais a instrução sobre os longínquos percursos da alma — significava tudo para ele, e Morton queixava-se. Conseguiu mais leituras, mas muito menos do que o tratamento preferencial que genuinamente achava merecer. Kahn parecia obter leituras prontamente, como amigo mais próximo e de longa data de Cayce, o que o irritava. Por fim, voltou-se para os aparentes talentos mediúnicos da sua secretária ruiva em Nova Iorque, Patricia Devlin, e começou a receber dela aconselhamento regular. Levou-a a demonstrar as suas capacidades às turmas da universidade.

Quase de imediato, foi advertido pela "fonte" dela a afastar-se de Cayce e começou a ver falhas nos esforços de Edgar — reais, imaginadas ou ambas. A certa altura apresentou a Cayce um ultimato «vindo de Jesus», exigindo que Kahn não recebesse mais leituras. A escolha de quem podia receber leituras era um ponto em que Cayce nunca cedia — e nunca cedera. Respondeu que o dia em que Kahn deixasse de poder receber leituras seria o dia em que «Eddie estaria a seis pés debaixo da terra».

Mais de uma década depois, entrevistei os Blumenthal em profundidade e encontrei falhas suficientes para repartir por todos. Kahn contribuiu apenas com mobiliário para o hospital; ainda assim, aos olhos dos Blumenthal, o seu estilo expansivo fazia parecer que reclamava ser um benfeitor crucial. Apesar dos esforços, Brown nunca conseguiu desenvolver um plano de financiamento adequado para a universidade. Cayce tinha contratado familiares para ocupar

cargos em todo o hospital, incluindo não só o Dr. House e a sua esposa, mas também o marido da sua irmã mais nova, Sarah (como guarda-livros), e mais tarde a sua irmã Annie como dietista. Na sua mente, depois de uma vida inteira de desilusões com associados e da necessidade de um clima harmonioso para as leituras, isto parecia-lhe sensato. Para outros, era nepotismo indefensável.

Fora extravagante, com o desprezo pelo dinheiro que se poderia esperar de um sumo sacerdote a quem finalmente fossem confiados tesouros nacionais. Era expansivo, generoso, extremista. Acumulara-se uma enorme fatura na florista; as contas de alimentação pareciam ter sido inflacionadas por alguém; e um amigo ligara-se ao sistema de água do hospital para serviço gratuito — algo que Blumenthal só descobriu quando um visitante tropeçou num cano parcialmente escondido no chão.

É certo que Morton também fora apanhado por esse mesmo espírito durante algum tempo. Ele e Cayce tinham observado um dia a vasta extensão arenosa em frente ao hospital, a partir das amplas varandas, comentando que a área ficaria bonita como relvado. No dia seguinte, Cayce mandou entregar e instalar relva no valor de dez mil dólares, para satisfação de Morton. Cayce não reservava quantias especiais para si próprio, embora o seu filho mais velho tivesse trabalhado brevemente na biblioteca durante umas férias de Verão, e a sua esposa e secretária recebessem pequenos salários por o ajudarem com as leituras, enquanto um primo em segundo grau trabalhava no hospital como técnico. Cayce recebia apenas 3 400 dólares por ano no auge da operação.

Edgar não era um gestor. Era um líder, um visionário, a base de todo o empreendimento. Mas não sabia delegar e envolvia-se em todas as áreas da operação do hospital — sem, contudo, ter sentido para os pormenores. Não sabia estabelecer políticas, conduzir contratações e supervisões ordenadas, manter registos ou avaliar a prestação de serviços. Pior de tudo, não sabia como levar os outros a trabalhar em conjunto. Tudo o que pudesse ter sabido como Uhjltd, quando alegadamente forjara um povo a partir de nómadas beduínos que ameaçaram o império da linhagem de Creso, não conseguia encontrá-lo no presente — talvez porque fora um talento desperdiçado em Tróia, bem como na América colonial — exatamente onde agora vivia.

O conselho assumiu pouca responsabilidade, deslumbrado pelos planos que todos tinham. Tentou-se encontrar um gestor competente, mas nenhum parecia disponível, e Cayce continuou, demasiado disposto, a dirigir toda a operação enquanto mantinha o mais pesado calendário de leituras da sua vida. Estava tão ocupado que os seus tempos devocionais diários sofreram, agravando o problema. Como resultado de todo o stress, chegou o dia em que deu uma

leitura para a tia de Blumenthal, correta em tudo exceto no detalhe crucial de que ela já tinha morrido. Tal como com os poços de petróleo, o seu precioso recurso de transe estava novamente a falhar no tempo — uma armadilha frequente para os psíquicos. Morton ficou furioso, como me contou, e os seus receios agravaram-se com o conselho do novo médico osteopata contratado para substituir o Dr. House, após a morte inesperada deste. O Dr. Lyman Lydic tinha pouca experiência com as leituras e disse a Morton para não confiar demasiado em Cayce.

Em essência, os membros do grupo entraram em ruptura uns com os outros. Os problemas financeiros eram graves, mas não desesperados. O que arruinou o empreendimento foi a suspeita, a competição e o orgulho. Um dos médicos também se envolveu, segundo relatos, em relações com enfermeiras. Nenhuma pessoa, comunidade espiritual ou tradição foi suficientemente forte para manter tudo unido. Os irmãos sustentaram a universidade durante um semestre e depois cessaram os pagamentos; a escola arrastou-se por mais um ano. Depois, os Blumenthal pediram que o hospital fosse colocado em seu nome, para que pudessem utilizá-lo como ativo nos difíceis mercados financeiros que ameaçavam esgotar todos os seus recursos.

Numa decisiva reunião do conselho, em Setembro, em Nova Iorque, Cayce instou a que o hospital lhes fosse entregue e afastou-se, sem nunca mais olhar para trás. Nas disputas que se seguiram, Blumenthal e Cayce ficaram ambos profundamente magoados. Morton processou Edgar por uma porta e algumas janelas. Processos e contra-processos foram instaurados em Nova Iorque, onde Morton chegou a mandar prender Kahn por breve período. Na mesma semana, tanto Morton como Edgar foram noticiados como desejando morrer. Quando um dos processos foi julgado no Tribunal de Princess Anne, nos arredores de Virginia Beach, Cayce poderia ter recuperado o hospital, pois a população local — incluindo o júri — simpatizava com ele. Mas sentiu que os Blumenthal tinham direito a ele e voltou a libertá-lo completamente. Os últimos pacientes foram dispensados e o hospital encerrou a 28 de Fevereiro de 1931, pouco antes do quinquagésimo quarto aniversário de Cayce.

Edgar estava tão abatido que nada conseguia prender-lhe a atenção. Uma leitura feita devido a uma grave infeção da vesícula biliar advertiu que estava muito próximo da morte, e outra foi interrompida por vozes «do outro lado» a pedir-lhe que fosse para lá, onde seria bem-vindo. Morton e Edwin viram as suas fortunas desaparecer, e ambos acabaram processados para divórcio pelas respetivas esposas, sendo a mesma secretária mediúnica indicada como co-ré. Seguiram-se os divórcios, e os dois irmãos abraçaram a fé da mulher e do seu

marido: o catolicismo romano. O filho que deveria trazer a profecia de volta a Israel foi colocado sob a guarda da esposa de Morton e cresceu com doença mental, passando anos numa instituição, privado da base familiar estável que as leituras tinham indicado ser essencial para ele. Os irmãos mudaram-se para Virginia Beach, onde durante algum tempo sobreviveram vendendo sanduíches no passeio marítimo, muito longe da riqueza e do prestígio da Bolsa. Mais tarde entraram numa empresa gráfica com a antiga secretária e o marido dela, onde trabalhavam quando os entrevistei. Embora Cayce tivesse enviado comigo uma mensagem indicando que acolheria uma reconciliação, eles não quiseram ter nada a ver com ele.

O fim do hospital e da universidade foi o período mais sombrio da vida de Cayce desde a primeira e aparentemente irremediável perda da sua voz, muitos anos antes. Tinham passado sete anos dramáticos e extenuantes desde que deixara Selma, determinado a dar liderança ao trabalho realizado através dele e à sua volta. Vira as suas esperanças plenamente realizadas e depois completamente destruídas. Uma leitura indicou que a sua própria má gestão fora parcialmente responsável pelo desfecho, e ele carregou o peso dessa consciência até morrer. Mais tarde escreveu sobre esse período numa publicação sobre a sua vida que enviava a todos os que perguntavam pelos seus serviços:

Sou apenas humano. A humanidade está condenada ao fracasso quando confia no seu próprio eu fraco, e a maioria de nós tem essa falha. Para além de dar duas «leituras» por dia e falar com centenas de pessoas que vinham pedir «leituras» e informações sobre o hospital, tentei, durante algum tempo, tratar de grande parte dos detalhes administrativos da instituição. (…) Olho para trás, para os tumultos e tribulações, as deceções e os períodos de desespero. (…) Em Fevereiro de 1931, a *Association of National Investigators, Incorporated*, através de alguns dos seus directores, sentiu ser necessário encerrar o hospital e descontinuar todo o programa da organização. Tentei fazer um balanço de mim próprio e do trabalho. Mesmo então, perguntava-me: «Estarei completamente errado?»

Mas, mais uma vez, fracassou rumo ao sucesso.

16. Não Há Nada de Novo Aqui

O que se desenvolveu em poucos meses foi um novo tipo de leitura, tal como as leituras de vida tinham surgido subitamente em Dayton, depois de Cayce ter abandonado o esforço dos poços de petróleo. Desta vez, o aconselhamento em transe centrou-se na formação e no cultivo de pequenos

grupos de estudo auto-orientados, ou grupos de treino. Estes deveriam utilizar disciplinas diárias escolhidas pelos próprios grupos, juntamente com oração e meditação regulares, para trabalhar uma sucessão de temas de crescimento espiritual de base bíblica, como os místicos sérios tinham vindo a desenvolver há muito tempo em manuais devocionais. A partir de Setembro de 1931, leituras especiais continuaram durante treze anos e expressaram o cerne do novo pacto de Cayce com o seu Senhor.

O novo aconselhamento surgiu de forma bastante inesperada quando a Sra. Barrett, uma dona de casa de Norfolk, reuniu um grupo de amigos em sua casa para obter leituras de Cayce sobre como desenvolver capacidades psíquicas. O que receberam foi um regime de treino que os exigiu severamente e que prestou muito menos atenção do que esperavam aos talentos psíquicos em si, exceto enquanto orientação e cura, que a «informação» descrevia como normais numa oração profunda e regular.

Foi-lhes atribuída a tarefa de escreverem em conjunto um modesto livro em dois volumes, que deveria (na humildade associada a movimentos espirituais do passado) ser publicado anonimamente. Não deveriam reivindicar qualquer autoridade especial a partir do processo invulgar de Cayce, mas afirmar na simples introdução do livro: **«Não há nada de novo aqui»**, uma vez que os temas centrais de uma fé cocriadora eram bem conhecidos há uma vida — ou várias. Embora pudessem citar ocasionalmente breves passagens de leituras e estruturar o livro em torno de temas que de facto provinham delas, deveriam apelar apenas a um critério pragmático, que encabeçava a introdução: **«Experimente viver os preceitos deste livro.»**

Leitores de outros grupos de estudo que viessem a formar-se deveriam explorar por si próprios esses processos silenciosos de crescimento espiritual, partilhando as suas descobertas em reuniões semanais não muito diferentes das bandas de oração de Wesley, e semelhantes aos pequenos encontros em casas que marcaram os *Friends of God* do vale do Reno no século XIV, ou o melhor do pietismo alemão do século XVII.

Nada do que constava nos livros deveria ser apresentado como genuinamente autônomo, fosse proveniente da Bíblia ou das leituras, embora se adotasse uma perspetiva cristã geral. Para tornar muito claro esse ponto acerca das fontes da verdade, tanto as explicações como as ilustrações deveriam ser redigidas a partir da experiência real dos membros do grupo, e não simplesmente citadas das leituras de Cayce; o texto deveria ser deles, por mais banal ou simples que fosse. Cada volume seria composto por doze capítulos, ou lições. Cada um era precedido por uma oração sugerida nas leituras para uso

regular no estudo do tema. (Edições posteriores, após a morte de Cayce, chamariam a estas pequenas orações «afirmações», para captar o interesse de grupos do *New Thought*; mas o seu espírito modesto e penitente, de linguagem fortemente bíblica, raramente se prestava às proclamações exuberantes desse movimento.) Não havia indicação de que os dois volumes fossem os únicos livros devocionais de estudo, ou manuais, que pudessem ser desenvolvidos a partir de temas das leituras. Na verdade, o foco criativo na tarefa de escrever um livro era tão essencial ao desenho do primeiro grupo guiado pelas leituras que seria de esperar que outros empreendessem regularmente esforços comparáveis — embora não o tenham feito.

O processo que as leituras iniciaram para o manual foi impressionante. Após a introdução de cada novo tema, o grupo reunia-se mensalmente para uma leitura que examinava as suas vidas, uma a uma, a fim de discernir e relatar quão autenticamente estavam a viver a substância do capítulo. Não lhes seria dado novo material até passarem essa inspeção. Como resultado, foram necessários onze anos para concluir os pequenos livros de cor castanha-avermelhada e cuidadosamente encadernados; houve um tema que ocupou um ano inteiro antes que uma leitura lhes fornecesse material adicional. Lentamente, os membros cresceram na capacidade de se avaliarem a si próprios, recorrendo à oração, a diários, a sonhos, a visões e a respostas sinceras uns aos outros, moldadas por motivos bíblicos.

Esses meios eram recomendados como parte de todo o processo de crescimento espiritual, capazes de substituir as avaliações provenientes das leituras. Os anos em que Cayce ensinou a Bíblia, lutando por tornar o seu uso empírico e relevante, espelhavam-se nos temas de treino sugeridos pelas suas leituras, para quaisquer amantes e servos sérios de Deus que escolhessem trabalhar com os pequenos volumes, intitulados *A Search for God*, Livros I e II. O plano, desde o início, era que não fosse cobrada qualquer quota para a pertença a grupos que pudessem usar este material. Como a inspiração necessária para o completar fora um dom para todos, nenhuma taxa era apropriada, para além do custo do livro.

O serviço aos outros percorria, como um fio luminoso, as novas leituras de treino, distinguindo os volumes resultantes de muitos manuais comparáveis que enfatizaram o desenvolvimento pessoal e a perfeição da alma como metas principais do crescimento espiritual. Mas o serviço aqui não era uma atividade atarefada sem direção. Para sublinhar a necessária sintonia, cada volume abria com um capítulo elucidativo, mas não dogmático, sobre a antiga arte da meditação, como complemento da oração e do culto comunitário. O pequeno

grupo original — do qual Edgar, Gertrude, Gladys e Hugh Lynn eram membros — era composto por pessoas profundamente imersas na vida da igreja e que teriam ficado surpreendidas (como indicavam as minhas notas de entrevistas com elas) ao considerar que alguém pudesse usar os seus livrinhos sem se envolver plenamente nessa comunidade, onde a pregação criteriosa, os sacramentos e a atenção aos necessitados ou ameaçados enraizavam a sua busca de profundidade na fé. O esforço paralelizou diretamente a ascensão, cinquenta anos mais tarde, de dezenas de milhares de grupos de estudo dirigidos por leigos na América Latina, como Comunidades Eclesiais de Base, constituindo um dos movimentos religiosos e reformadores mais importantes dos tempos modernos.

Porque foi importante o novo tipo de leitura, centrado no grupo, em Cayce? Visto em contexto, o foco em pequenos grupos de treino espiritual, de busca e partilha, surgiu diretamente após o fracasso do hospital e da universidade. Respondia às dinâmicas devastadoras desse fracasso, revelando uma iniciativa pouco comum em videntes. Todos os principais intervenientes no empreendimento hospital-universidade tinham recebido leituras de vida, frequentemente com relatos ainda mais detalhados de vidas individuais. No entanto, o conhecimento de temas e enredos cármicos não os impediu de entrarem em rutura. Todos tinham sido continuamente aconselhados pelas leituras a fortalecer os laços familiares, apoiando-se no amor e no discernimento daqueles que lhes eram próximos. Ainda assim, as famílias Blumenthal desfizeram-se, com um custo terrível para os irmãos e para os seus cônjuges e filhos, enquanto casos amorosos desviaram alguns membros da equipa médica.

Todos tinham sido instados, de forma contínua, pelas leituras a reivindicar plenamente as suas heranças religiosas: judaísmo para os judeus e cristianismo para os cristãos. As leituras não ignoravam os conflitos entre as duas tradições, que abordavam com cuidado, mas também não se orientavam para o evangelismo nem para o tipo de conversões que durante séculos foram impostas aos judeus. Na perspetiva do aconselhamento em transe, havia tanto na herança comum da fé profética sobre que construir que, se cada participante assumisse seriamente esse desafio na sinagoga ou na igreja, teria as mãos cheias e cresceria em estatura diante de Deus. No entanto, a participação em comunidades espirituais não conseguiu impor a humildade aos participantes no desastre.

Todos tinham também sido membros e dirigentes da organização sem fins lucrativos e idealista *Association of National Investigators*, dedicada ao serviço da humanidade para fins médicos e psicológicos, bem como para a verdade

filosófica e teológica. Ainda assim, essa fraternidade não se revelou suficientemente forte para desviar querelas e suscitar cooperação nascida do amor quando surgiram diferenças de opinião e de estatuto.

Era evidente que, para quem viesse a procurar construir em conjunto no futuro, seria necessário um método muito mais profundo e eficaz de transformação da vida — e estas leituras abordaram precisamente essa necessidade. Eram o equivalente, embora assentando num tipo de pressupostos marcadamente diferente, dos esforços disciplinados que emergiam na América, ao mesmo tempo que a psicanálise, e que viriam a gerar com o tempo o seu próprio legado de processos em pequenos grupos.

Com estas leituras, conhecidas como o «ficheiro 262», complementadas por toda uma série sobre cura através da oração e da meditação que deu origem ao grupo *Glad Helpers* (nome inspirado num grupo da igreja no passado de Cayce), o trabalho de Cayce entrou na corrente principal do misticismo sério. Juntou-se aos esforços de homens e mulheres devotos, ao longo de séculos de fé ocidental, que se reuniram em pequenos grupos e prepararam manuais de crescimento enquanto se impregnavam de oração, estudo e serviço útil.

O novo aconselhamento de Cayce desenvolveu uma sequência sistemática de motivos arquetípicos enraizados na atividade quotidiana. Embora permanecesse essencialmente um vidente no seu método de aconselhamento individual durante o resto da vida, a sua ajuda em transe passou agora a ir além do alívio do sofrimento pessoal ou de crises de vocação e de negócios, para moldar um caminho de crescimento em direção a Deus. Quando morreu, um jornal de Nova Iorque titularia o seu obituário não como "psíquico", mas como "místico". A distinção era exata e importante.

Ainda assim, a mudança não lhe deu, enquanto vidente fora do seu tempo, um lugar firme na sociedade americana. A vida eclesial protestante da época estava absorvida pela Neo-Ortodoxia, anti-mística embora profundamente sentida, de Barth e outros, enquanto o pensamento religioso judaico era um pouco mais recetivo a correntes místicas no pensamento de Heschel e Buber; contudo, na vida sinagogal americana, a herança hassídica era mais frequentemente vista como uma forma de ortodoxia fervorosa do que como uma perspetiva viável de fé para a maioria dos judeus urbanos. As tradições ortodoxas orientais — russa e outras — com fortes correntes místicas, continuavam tão marcadamente étnicas que raramente entravam em diálogo entre comunhões, enquanto a vida católica romana tinha a sua própria herança mística, mas não em formas capazes de acolher a abordagem desviada de Cayce à reencarnação. Como consequência, ele permaneceu um vidente fora de época,

mais conhecido e procurado pela sua habilidade com incógnitas práticas do que pelo seu novo ensino e orientação baseados em grupos — por mais sofisticados e ricos que fossem esses esforços. Ainda assim, uma leitura disse-lhe que estava agora a fazer mais bem, em várias direções, do que fizera como Ra Ta ou Uhjltd.

Associação de Gente Comum

O veículo institucional para as novas leituras de Cayce surgiu alguns meses após o encerramento do hospital, quando cerca de sessenta amigos se reuniram em sua casa, na 35th Street; a data foi 6 de Junho de 1931. Como antes, em momentos de viragem na sua vida, ele lutara consigo próprio e com Deus durante semanas após o fecho do hospital e o regresso a casa dos últimos pacientes. Rezou, fez longas caminhadas, leu a Bíblia, cavou no jardim e, pouco a pouco, recuperou a vontade de viver. Então deu um passo semelhante ao de há muito em Hopkinsville, quando pedira pareceres escritos a juízes e a outras figuras públicas sobre a validade do seu trabalho.

Mas, nessa altura, a necessidade era lidar com a avalanche de cartas suplicantes que se seguira à primeira publicidade jornalística ampla sobre o seu trabalho. Agora, a necessidade era decidir se continuaria, ou não, com as leituras. Desta vez não se voltou para figuras públicas, mas para a sua própria base: aqueles que servira durante tantos anos. Gladys tirou nomes dos arquivos e ele enviou uma carta a dezenas de amigos, perguntando se achavam que ele deveria continuar com as leituras após o desanimador colapso do hospital. De forma uniforme, responderam com encorajamento, muitas vezes com pormenores comoventes sobre como as leituras tinham transformado, ou até salvado, as suas vidas.

Os que viviam na zona de Virginia Beach e Norfolk, chamada Tidewater Virginia pelos residentes locais, reuniram-se com ele nessa tarde de Junho. Com exceção de Dave Kahn, os homens e mulheres nova-iorquinos abastados de quem Cayce dependia tão fortemente estavam, em grande parte, ausentes. O Dr. Brown estava presente com o seu diretor e alguns membros do corpo docente, ainda a tentar manter a universidade a funcionar e pronto para iniciar um promissor trimestre de Verão num local próximo, em Oceana. Estavam também alguns empresários sólidos de Norfolk. Mas o resto eram sobretudo pessoas simples e comuns: professores, enfermeiras, agentes imobiliários, donas de casa, comerciantes, um oficial da Marinha e mais. Não estava presente nenhum médico, e apenas um ministro de fora da cidade, o Dr. Scattergood.

Cayce ainda não desenvolvera em Virginia Beach os tipos de laços profissionais que outrora tivera em Selma.

Edgar falou primeiro, revisitando a sua vida e partilhando respostas às suas leituras que para ele tinham sido significativas. Depois, Dave levantou-se e, com o seu entusiasmo, partilhou a sua perspetiva de dezasseis anos de trabalho íntimo com Cayce. Tinha apenas trinta e um anos, mas fora testado pelo serviço militar e por uma experiência empresarial impressionante. Um após outro, as pessoas foram falando, numa efusão espontânea de apreço e afeto por Cayce que o comoveu até ao fundo da alma. Em breve se formou um consenso: deveria criar-se uma nova organização para acolher membros e ajudá-lo a prosseguir o seu trabalho.

Edgar viu, sentado no patamar da escada, a figura alta de vestes brancas e turbante que lhe aparecera anos antes, em Hopkinsville, para o avisar acerca dos seus associados. Desta vez, a figura acenou em sinal de encorajamento, e Cayce ganhou força com a sua presença, embora mais ninguém o visse. O Dr. Brown sugeriu um nome, aproveitado do antigo hospital e, poucos dias depois, foi constituída a *Association for Research and Enlightenment*, com um conselho composto, em grande parte, por pessoas locais que tinham pouca experiência em conselhos de administração, mas uma forte convicção de que deviam ajudar Cayce.

Nos meses seguintes, vários homens foram considerados como possíveis gestores, e um chegou a ocupar o cargo durante algum tempo, mas pouco se realizou em termos de organização e planeamento significativos até Hugh Lynn se oferecer para a tarefa, tendo concluído os estudos universitários e uma licenciatura em psicologia no ano anterior. Revelou-se exatamente a pessoa certa para o trabalho, com um talento natural para recrutar ajudantes — que os poucos que conheciam a sua leitura de vida (mantida fora do conhecimento público durante toda a sua vida) atribuíam ao discípulo André — e com uma competência prática e determinada que levou alguns a ver nele o Jovem Rei de um longínquo Egipto.

Falava em público com graça natural e ideias bem ponderadas, e escrevia prosa clara e convincente, como a sua leitura de vida indicara quando lhe fora dada na adolescência. Tinha uma habilidade notável para conduzir pequenos grupos, o que depressa o tornou valioso não só para a Associação, mas também para os Escuteiros, a quem serviu durante anos como um inovador e muito querido chefe local de escuteiros. Por mais prosaico que o Escutismo pudesse parecer como laboratório para aprender a liderar outros num trabalho construído sobre o dom invulgar de Cayce, revelou-se útil para o foco em princípios, o crescimento através de conquista disciplinada, a fraternidade e um ethos religioso.

Ele lançou-se ao trabalho com vigor e manteve o cargo até partir para o serviço militar doze anos mais tarde. Nunca teve dinheiro disponível para além das suas necessidades imediatas, porque a pequena Associação mal conseguia sobreviver. Muitas vezes a vida foi dura para toda a família Cayce durante o período da Depressão: emagreceram, viveram com parcimónia e acumularam uma conta de mercearia de trezentos dólares que lhes pesou durante anos.

Mudaram-se duas vezes para casas arrendadas antes de, finalmente, conseguirem comprar uma casa com praticamente nada de entrada; e, em 1940, acrescentaram espaço de escritório, fazendo Edgar grande parte da carpintaria. O pai guardava os fundos, num padrão de empresa familiar, dando a Hugh Lynn dinheiro quando este o pedia, mas nunca um salário. Edgar adorava dar dinheiro às pessoas, quer à família quer a estranhos; mas, como se preocupava tanto com a possibilidade de não ter o suficiente, demorou a adoptar a prática de lhes pagar salários regulares. Contudo, quando eu me juntei a ele, isso já tinha mudado.

Anonimato

No pacto que se formara em torno dos acontecimentos de deixar Selma para financiar e construir um hospital, Edgar pedira a Deus ajudantes para poder oferecer uma liderança à altura. Foram-lhe dados — alguns como bênçãos e outros como provações. Primeiro veio Dave, depois os amigos dos campos petrolíferos e o seu pai. A seguir veio Gladys, seguida pelos Blumenthal e, no hospital, o Dr. House e Carrie, bem como as suas irmãs Annie e Sarah, com o Dr. Brown e o corpo docente talentoso da universidade, como o Dr. Job Taylor, especialista em línguas clássicas. Agora estava ali o seu filho mais velho, o mais promissor de todos para o auxílio de que precisava. Seria de esperar que, com tal assistência, avançasse para recuperar o hospital ou construir outro. Mas a sua melhor orientação interior apontava noutra direção. Era tempo de um novo pacto.

Ele não pediria uma instituição nem um lugar público; esse padrão terminara. Agora deixaria de lado o esforço para construir algo notável e concentrar-se-ia noutro objetivo: formar e capacitar outros para trabalharem com as ideias e os processos de transformação de vida presentes nas suas leituras, especialmente nos pequenos grupos sugeridos pela sua nova forma de aconselhamento. Integraria o próprio filho, partilhando com ele tudo o que pudesse, embora muitas vezes chocassem, pois ambos eram de opinião firme e de temperamento quente. Fortaleceria as pessoas simples da região de Tidewater que respondiam aos seus esforços. E pediria a Deus que lhe enviasse outros — não já para uma causa, por mais digna que tivesse sido a do hospital.

Queria pessoas que fizessem a diferença nas suas próprias vidas e atividades, sobretudo aquelas prontas a trabalhar umas com as outras no seu crescimento e treino. Isto ele já conseguia ver a partir dos erros com os Blumenthal: fora rápido a recorrer à sua ajuda generosa e idealista, mas não suficientemente rápido a formá-los pessoalmente — para além das leituras — nem suficientemente rápido a forjar uma comunidade espiritual plena com eles e para eles. Assumiu inteira responsabilidade pelos seus erros em cartas a amigos e prometeu a si próprio que não voltaria a cometer os mesmos enganos.

No seu novo pacto deixaria de lado as antigas ânsias de fazer algo importante para se validar a si próprio e ao seu dom peculiar, aceitando agora o anonimato. Não haveria hospital nem fundação com o seu nome. A mudança para este novo foco levou tempo, mas, uma vez estabelecida, nunca mais vacilou realmente. E, ao concretizá-la, descobriu que podia pedir, como nunca antes, para ser purificado e restaurado ele próprio. No passado rezara para que Deus o protegesse a ele e à sua família, e também para proteger aqueles que recebiam as leituras que ele não podia ouvir nem controlar.

Agora estava pronto a pedir mais do que um amor protetor. Queria crescimento profundo e duradouro na sua mente, vontade e coração, para poder ser a pessoa que pedia aos outros que fossem. A sua primeira experiência espiritual, em rapaz, trouxera-lhe uma promessa que incluía a instrução: «Sê fiel a ti mesmo.» Mais do que nunca, estava pronto a procurar o seu melhor eu. Esta parte do seu novo e derradeiro pacto acabaria por ser honrada tão plenamente como as outras dimensões — embora não sem sofrimento.

Do ponto de vista do seu karma, podia ser visto como a regressar à fonte onde começara, como Lúcio, o seguidor greco-romano de Jesus pelas estradas da Palestina. Esta encarnação parecera primeiro evidenciar-se no seu ensino bíblico cativante enquanto jovem, na quinta e em Hopkinsville, onde tantos haviam escolhido servir em campos missionários. Reivindicava de novo aquilo que veio a considerar a estatura do bispo experiente, ou presbítero, da igreja de Laodiceia, onde fora, à sua maneira, par de Paulo e Pedro, e colaborador no Evangelho de Lucas e nos Atos, dirigidos a Teófilo há tanto tempo.

Era uma vida ainda desconhecida para ele, mas em breve seria revelada numa leitura, porque ele a estava a viver. Recuperara o potencial de liderança de Uhjltd na Pérsia tanto quanto pôde, apesar do dano causado pela destruição prória em Tróia e pela exploração de Bainbridge nas colónias; o seu recente fracasso público em Virginia Beach (pior do que poços petrolíferos malsucedidos) podara a sua ambição e humilhara-o à vista de todos. Recorrera ao legado de Ra Ta tanto para localizar petróleo como para desdobrar leituras

de vida, bem como para construir duas instituições que espelhavam os dois templos egípcios. Agora estava a regressar ao seu eu central e à sua vocação, desde os tempos aventureiros e cheios do Espírito do Novo Testamento, com o seu filho — um antigo companheiro de Jesus — para o ajudar a ser o seu melhor eu.

O impulso para desdobrar o seu karma seria diferente daquele que antes o desafiara. Em jovem, procurara nutrir um amor íntimo pela família, juntamente com os ganhos e a posição que os sustentariam. Depois, como homem na primeira metade da meia-idade, aos quarenta e três anos, partira para cumprir uma ambição pública meritória, construindo o seu hospital. Agora, como homem maduro de cinquenta e quatro anos, escolheria um enquadramento diferente, em que a palavra-chave seria serviço. Sempre existira uma motivação de serviço no ato de dar leituras, é certo, tal como existira na criação do hospital e da universidade. Mas, neste ponto, procuraria um tipo de serviço mais rico: serviço altruísta, sem reconhecimento público. Em vez de ajudantes a impulsioná-lo, tentaria impulsionar os outros.

A tarefa parecia mais possível porque a companhia de Jesus como Amigo vivo — e não apenas como líder do passado — se tornava cada vez mais real para ele. Encontrava aquele a quem chamava o Mestre em sonhos, em visões enquanto dava leituras, nos tempos de oração, no culto da igreja, no ato de falar com alguém atribulado. As leituras asseguravam-lhe que estes eram contactos reais, não apenas símbolos belos, mas do tipo acessível a toda a alma que se preparasse para eles. Com Jesus no centro da sua devoção, procurava caminhar nas suas pegadas e participar da sua criatividade amorosa e da sua disposição para se sacrificar pelos outros. O sucesso que desejava no seu novo pacto era a relação com esse Cristo, mais do que alguma vez desejara o seu precioso hospital de último recurso para os feridos e quebrantados. De tal companhia poderiam fluir muitos desfechos, onde quer que o seu Senhor os julgasse melhores.

Como passo em direção a essa relação preciosa, contou-me (tal como também escreveu a amigos em cartas) que tinha perdoado completamente os Blumenthal e esperava, um dia, ser por eles perdoado em retorno. Como poderia esperar crescer em graça se guardasse ressentimentos? O enigma do que acontecera às suas elevadas esperanças com o jovem Morton, porém, perseguiu-o até aos últimos dias antes da sua morte. Sabia que as suas leituras de vida o retratavam a ele e a Morton como antagonistas no Egipto, quando Ra Ta atraíra desprezo pelas suas indulgências, e de novo como antagonistas em Tróia, quando a figura imponente de Aquiles partilhara a derrota e a vergonha de

Xenon, o guardião das portas. Mas faltava uma peça, que só lhe chegou no leito de morte. Aí, ergueu-se o suficiente para dizer a Mae Verhoeven, ofegante de esforço e com a voz fraca, que vira numa visão como maltratara a alma que agora era Morton quando fora injusto com ele numa outra tarefa de construção, muito tempo antes. Tratava-se da reconstrução de Jerusalém após o Exílio, numa vida não indicada pelas suas leituras para si, mas indicada para Morton. Então, sentia ele, a sua própria arbitrariedade e falta de bondade tinham lançado as bases para que, séculos mais tarde, se desenvolvesse subitamente a suspeita entre ambos em Virginia Beach — ou assim lhe pareceu, à medida que o sofrimento alterava a sua consciência e parecia levantar o véu da memória de vidas passadas.

Expulso e Preso

As leituras comentavam que aqueles que mais cresceriam eram muitas vezes os que mais sofriam ao princípio. Ele encontrou rapidamente tal sofrimento — não como masoquismo, mas como a agonia de confrontar as suas próprias limitações. Morton ordenou-lhe que saísse da casa que ele pensava ser sua, como oferta. Como Morton nunca se dera ao trabalho de transferir a escritura, Edgar e a sua família tiveram de se mudar com pouca antecedência. A única casa que conseguiram encontrar ficava apenas rua abaixo, em direção ao oceano, a partir do edifício do hospital, onde assistiram, horrorizados, à sua transformação no Princess Pat Hotel e, mais tarde, num clube noturno.

Os alojamentos das enfermeiras, uma espaçosa residência de três andares, tornaram-se uma pensão. Entretanto, a universidade arrastou-se até ao fim, deixando docentes retidos em Virginia Beach em plena época de dificuldades nacionais, em que não havia emprego para a maioria. Acumularam dívidas na mercearia e depois ficaram sem comida, e amigos locais tiveram de organizar coletas para impedir que as suas famílias passassem fome. A memória da dor e da vergonha deles permaneceu com Edgar pelo resto da vida, pois tinham-se juntado a ele para construir um novo mundo em que dons como o seu fossem compreendidos e mais amplamente desenvolvidos, mas abandonaram-no quando ficaram feridos, perplexos e, por vezes, amargurados. Muitas vezes perguntava a si próprio porque não conseguira perceber plenamente o desastre que se aproximava ou impedi-lo com uma liderança inspirada dos seus financiadores em conflito.

De outro modo, a dor foi a sua humilhação em Nova Iorque, quando lá foi numa última missão infrutífera para obter dinheiro para a universidade. Uma polícia disfarçada pressionou-o insistentemente por uma leitura e assinou um pedido; depois, quando o transe terminou, prendeu-o por adivinhação,

prendendo também Gertrude como "intermediária" e Gladys como secretária. Uma leitura posterior sobre o incidente indicou que fora montado pelos seus antigos associados nova-iorquinos, embora não especificasse nomes. Os três ficaram amargamente envergonhados, não só por terem sido encarcerados sem cerimónia até Kahn os libertar sob fiança, mas também por reportagens de tablóide que recortaram Gertrude de fotografias tiradas à entrada da prisão, para sugerir que Cayce e a sua secretária loira de vinte e seis anos eram amantes. Quando o caso foi a julgamento, foi arquivado, com base no facto de que conduziam investigação psíquica para a nova associação sempre que davam uma leitura com consentimento assinado. A notícia do *New York Herald Tribune* abriu assim um artigo longo e simpático sobre a vida e a capacidade de Cayce:

ARGUMENTO DE INVESTIGAÇÃO ANULA ACUSAÇÃO DE ADIVINHAÇÃO
Edgar Cayce, esposa e dactilógrafa libertados em tribunal
Ao abrigo de associação, o poder do dirigente é exercido
Diz-se que aprende o conteúdo de livros enquanto inconsciente

Cayce ficou em choque com o acontecimento, perguntando-se se o seu entendimento — ou pacto — com Deus, que sempre incluíra a proteção enquanto dava leituras, teria de algum modo sido quebrado. Enquanto caminhava sozinho por uma rua de Nova Iorque, tentando acalmar-se, contou-me mais tarde, chegou a uma escavação de obra, onde ficou a olhar por algum tempo para as grandes máquinas e os trabalhadores, e depois retomou o caminho.

A vir pela calçada na sua direção estava a figura de vestes brancas e turbante. Desta vez, os transeuntes viram a cena impressionante e uma multidão começou a juntar-se. O homem de pele escura, vestido de branco, aproximou-se dele e ajoelhou-se diante dele, sem dizer nada. Em poucos momentos, dezenas de pessoas apertavam-se tão firmemente para ver aquela estranha visão que Cayce teve de ser resgatado da pressão por um polícia próximo. Quando olhou para trás, a figura de branco tinha desaparecido — e ele nunca mais a viu.

Um Honrado por Jesus

Edgar encontrou consolo na aparente bênção após a provação da prisão. Mas o impacto total dos golpes recentes abalou-o. Como antes, nos seus tempos de dificuldade, a consequência foi um certo grau de vulnerabilidade ao feminino, no qual poderia reencontrar o pulso da masculinidade tão ameaçada pelos seus fracassos públicos. Gladys tinha encorajado uma jovem próxima da sua família e dois anos mais velha do que ela a mudar-se para Virginia Beach durante o funcionamento do hospital. Ela conseguiu trabalho como secretária e ficou,

acabando por se juntar às aulas bíblicas de Cayce e ao grupo *A Search for God*, além de assumir responsabilidades na Associação que implicavam ouvir muitas leituras. Viva e graciosa, com uma bela voz de canto e uma sensualidade que por vezes parecia soterrada, bem como fortes intuições espirituais, sentia-se frustrada nas suas esperanças de casamento e inclinada a ser dura consigo própria.

A sua primeira leitura de vida, em 1929, deixou-os a todos incrédulos ao afirmar que ela fora Maria, irmã de Marta e de Lázaro, em Betânia, onde "escolhera a melhor parte", ouvindo Jesus não uma só vez, mas muitas. Essa leitura e outras subsequentes insistiam que a Maria de Betânia fora anteriormente conhecida como Maria Madalena, administrando uma casa de má reputação ligada ao comércio romano e detida por adultério por anciãos judeus que planeavam apedrejá-la, tendo depois sido libertada por Jesus.

Ela desenvolvera uma profunda desconfiança dos homens que a assombraria em vidas posteriores, incluindo uma na corte francesa. Mas, na Terra Santa, acabara por servir entre os primeiros seguidores de Jesus com tal fidelidade que Jesus lhe apareceu primeiro após a ressurreição. As suas ligações às encarnações de Cayce, contou-me Gladys, surgiam não só entre os primeiros cristãos, mas também no Egipto, onde ajudou a organizar o regresso do sumo sacerdote, e na Pérsia de Uhjltd.

Lentamente, Cayce, a recomeçar no seu pacto pós-hospital, viu-se atraído por ela, primeiro como alguém que poderia formar. Não fora esta alma honrada por Jesus? Ela, por sua vez, apaixonou-se profundamente por ele, e a sua devoção comovente era evidente para todos os que o rodeavam. Sobre os seus próprios sentimentos, Cayce sonhou, já em 1932 — poucos meses após o episódio da prisão — que caía numa água acima da sua cabeça e não conseguia sair, pelo que gritava por ajuda. Como não o conseguiam salvar, Gladys correu a pedir auxílio enquanto ele puxava pelos pés da outra mulher.

Ela perguntou: «Não consegues subir?» e, quando ele respondeu «Não!», ela replicou: «Então puxa-me para baixo.» Uma leitura classificou o sonho como um aviso e aconselhou prudência, bem como oração e meditação mútuas. A atração aprofundou-se, e as leituras advertiram Cayce para aquilo que era "indecoroso", ao mesmo tempo que apontavam o que ele ainda teria de enfrentar das suas encarnações de Bainbridge. Durante meses, sob esta tensão, o corpo de Cayce movia-se aos solavancos durante as leituras, como se espelhasse as pressões no seu interior.

Em 1935, a mulher dotada partiu para desenvolver o que viria a ser uma vida conjugal produtiva, enquanto os Cayce faziam uma viagem a Washington, D.C. Edgar desligou os seus sentimentos por ela com a capacidade de total desapego que aprendera poder convocar. Ela fora uma presença diante dele durante cinco anos, como que em resposta ao clamor do seu pacto para ser purificado e restaurado. Em 1941, ele estabelecera de forma tão firme os seus verdadeiros sentimentos por Gertrude que sonhou, com apreço, com a sua relação num episódio que considerou revelar a verdade das suas vidas: «Sonhei que estava a olhar para muitos registos e vi o que teria acontecido se Gertrude e eu não nos tivéssemos casado.

Ela teria morrido em 1906 de tuberculose e eu teria morrido em 1914 de problemas de estômago.» Na noite anterior à sua morte, alguns anos depois, ergueu-se do coma em que entrava e saía e perguntou ternamente a Gertrude: «Que sacrifiquei eu alguma vez porque te amo?» Segundo o relato dos presentes, ela tocou-lhe a cabeça com delicadeza e tranquilizou-o, dizendo-lhe que o amor dele significara tudo para ela. Ninguém que os conhecesse bem e compreendesse o profundo amor que crescera entre ambos ao longo de tantos anos — não sem dor — se surpreendeu por ela o seguir na morte apenas três meses após o fim da vida dele.

Edgar nunca mais foi impelido pela antiga ânsia cármica de encontrar o reflexo da sua alma numa mulher. Como se fosse uma bênção aos seus esforços árduos para mudar, em 1938 juntou-se-lhe Mae Verhoeven, que veio como voluntária para o escritório a fim de ajudar a pagar a sua leitura médica e ficou a trabalhar ali até à morte dele — e depois. Era imensamente atraente e cheia de vitalidade, e sabia-o; mas nem ela nem Cayce distorceram a relação para além de uma afetuosa brincadeira, mesmo quando souberam, por leituras de vida, que ela fora a sua esposa patrícia romana ou companheira como Vesta, dando-lhe dois filhos e uma filha, e sua companheira novamente na encarnação ruidosa da taberna em Fort Dearborn, onde ele lhe salvara a vida no rio Ohio ao perder a sua própria.

(Como as leituras indicavam que eu tinha sido seu filho quando Lúcio fora meu pai, partilhámos muitas brincadeiras a propósito das vidas passadas dela e de Cayce, bem como muitas horas sérias de reflexão. Mais tarde, a June e eu demos ao nosso primeiro filho o nome dela.) A leitura dela assinalava a sua capacidade de afetar os homens, observando que conseguia fazê-los lutar uns com os outros por um sorriso e afeto, e que lhe era fácil tê-los "enrolados no dedo". Na Atlântida, fora uma alta sacerdotisa. A associação dela com Cayce em Virginia Beach parecia ser uma renovação dos seus laços com ele na Igreja

primitiva, quando ela vivera até idade avançada e ensinara os jovens, tornando-se diaconisa por orientação de João, o Amado. A sua companhia recompensou ambos nesta vida, e ela ajudou Gertrude e outros a cuidar de Cayce na sua doença final, estando inclusivamente ao seu lado quando ele morreu.

O Verdadeiro Milagre

Mais um abalo, que aos Cayce pareceu derivar do karma de Bainbridge, aguardava-os em Detroit, parte da região por onde o segundo Bainbridge vagueara. Em Novembro de 1935, Edgar foi para lá com Gertrude, Gladys e Hugh Lynn, como convidados de uma família que fora muitas vezes ajudada por leituras. Quando os anfitriões pediram uma leitura médica para uma menina vizinha doente, Edgar respondeu rapidamente — como sempre fazia perante as necessidades das crianças — mas não obteve a autorização do pai, que não estava presente. O progenitor, furioso, foi à polícia e mandou prendê-los por exercício de medicina sem licença — acusação à qual estavam claramente sujeitos. Mais uma vez foram presos, resultado humilhante do seu desejo de servir. O jornal de Detroit publicou este aviso:

POLÍCIA PRENDE QUATRO POR ACUSAÇÃO DE CHARLATANISMO
Quatro pessoas foram detidas no sábado por acusação de exercer medicina sem licença… Foram levadas sob custódia em 3046 Webb Avenue, onde estavam hospedadas há dez dias desde a sua chegada da Virgínia. A polícia disse que Edgar Cayce é presidente da *Association for Research and Enlightenment*. Os membros podem obter um alegado diagnóstico de doença pagando a Cayce 20 dólares, disse a polícia. O diagnóstico é fornecido por correio depois de Cayce entrar em «transe» e pensar sobre os sintomas relatados, segundo a polícia.

Libertados sob fiança após uma noite de encarceramento, procuraram uma leitura que aconselhou adiar o julgamento por vários meses, enquanto reuniam toda a ajuda jurídica que pudessem. Quando o caso chegou a tribunal, os outros foram ilibados de todas as acusações, mas Edgar foi considerado culpado e ficou em liberdade condicional sob a sua própria responsabilidade.

Hugh Lynn descreveu-me mais tarde uma cena notável na prisão do condado, nua e fria, onde foram fechados com bêbados, ladrões e carteiristas, além de alguns grevistas, e deixados a dormir em bancos metálicos duros até à apresentação ao juiz na manhã seguinte. À medida que a noite avançava, Edgar começou a falar, pensativamente, com os que o rodeavam, de pé num canto. Falou com eloquência tranquila sobre o amor de Jesus pelos pobres e pelos marginalizados, e sobre como muitas vezes encontrara nos de pouca reputação os mais prontos a aprender verdades espirituais e a ajudar os outros em tempos

de necessidade. Dadas as circunstâncias, poderia ter estado zangado e amargo, mas não estava. Pelo contrário, a sua situação parecia colocá-lo em contacto com o próprio espírito do Cristo.

A cela ficou silenciosa e, pouco depois, também as celas vizinhas, enquanto Cayce falava com fogo convincente mas contido aos seus companheiros de prisão, contando algumas das suas próprias dificuldades e fracassos. Falou por cerca de trinta minutos e, quando concluiu com uma oração simples mas sentida, o silêncio manteve-se no ar e alguns estavam em lágrimas. Estava a aprender o que as suas leituras insistiam: Deus pede a cada pessoa, incluindo a ele próprio, não tanto perfeição como disponibilidade para tentar — levantando-se de novo após cada queda, pessoal ou pública — para prosseguir um ideal digno. O espírito dessa certeza alcançou rapidamente as pessoas que o conheceram bem, durante todo o resto da sua vida.

Na longa viagem de comboio de regresso a casa, teve um sonho dramático, que o mostrava renascido um século depois, no Nebraska, numa cidade costeira que então existia. Ele assegurava aos cientistas que fora Edgar Cayce e que poderiam encontrar provas da sua vida e do seu trabalho, o que acabaram por fazer, levando-o para locais longínquos numa nave em forma de charuto. O sonho deu-lhe a segurança de que a sua vida não se perderia completamente do registo, apesar da angústia da prisão e de outras calamidades.

Outros sonhos daquele tempo colocavam o seu trabalho numa perspetiva mais ampla do que a fama pública. Numa parábola encantadora, sonhou que ele, Gertrude e Gladys morriam e iam para o plano seguinte, onde descobria que as pessoas à sua volta sabiam pouco da sua própria identidade, trazendo apenas o nome de Jesus na testa (uma imagem retirada do bíblico Livro do Apocalipse). Encontrou o pai de Mae, o Sr. Gimbert, carpinteiro, e pediu-lhe que construísse uma habitação onde se dedicou a dar leituras.

Um a um, tomou pessoas — algumas desconhecidas e outras que conhecera — e recordou-lhes as suas identidades, trabalhos e amores terrenos, não para substituir o nome de Jesus, mas para o enriquecer com a individualidade única de cada um. Ao despertar, viu o sonho como uma parábola do verdadeiro propósito de tudo o que fazia com leituras de vida e no seu ensino bíblico: recordar às pessoas as suas realizações, natureza e destino plenos enquanto amigos individuais de Deus, numa vida ou em muitas, chamados a crescer para a Sua presença.

Um sonho muito diferente, ainda mais visionário, chegara no período anterior à detenção em Detroit, quando ainda lutava com as suas próprias

tensões emocionais. Descreveu a cena e os acontecimentos com os olhos de um fotógrafo habilidoso, mas o clímax foi uma nota de fé que se tornou a marca do seu pacto pelo resto dos seus dias. O sonho, que me tocou profundamente quando o ouvi, foi modelado na história bíblica de Jacob a lutar com o anjo, mas também refletiu a história do «Message to Garcia», sobre entregar uma mensagem através de provações dolorosas, que ouvira em sermões e utilizara no seu ensino.

Viu-se a caminho de um acampamento militar desconhecido, levando uma mensagem ao comandante numa pequena bolsa de couro como as de óculos de espião, a tiracolo. O percurso extenuante passava por uma montanha, de modo que só chegou ao destino pouco antes do amanhecer. À sua frente estava uma multidão de homens vestidos de uniformes totalmente brancos, a preparar o pequeno-almoço em grupos de quatro. Perguntou o caminho para o responsável e dirigiu-se a uma grande tenda branca ao longe. Pelo caminho passou junto de um barranco escuro ao lado, onde o som de alguém a pisar gravetos o fez parar. Subitamente apareceu uma segunda multidão, toda vestida de roupas escuras, com um anjo de luz entre ele e eles. A eles juntou-se um anjo de trevas, que exigiu uma luta entre representantes escolhidos pelos anjos. Cayce foi escolhido para lutar com o chefe das hostes das trevas, e começaram a lutar corpo a corpo.

Enquanto se debatiam, Cayce era assombrado pela sensação de que não entregara a mensagem na bolsa de couro. Teria esperado demasiado? Parecia que o demónio, ou chefe das trevas, o lançaria ao chão, e essa perspetiva era insuportável. Se ao menos se lembrasse, estaria seguro; mas o que era? Lutaram até ao amanhecer. Então, do centro do seu ser, vieram as palavras da promessa de Jesus que ele fora encarregado de levar: **«E eis que Eu estou convosco todos os dias, até ao fim do mundo.»** Os soldados das trevas recuaram e um grande clamor ergueu-se do povo de branco. Mas, ao recuar, o anjo de trevas atingiu Cayce na anca, de modo que ele despertou com uma dor intensa nesse lugar.

Edgar não viu a ação do sonho como se o retratasse enquanto redentor. Pelo contrário, a mensagem de Jesus que lhe fora confiada deixava claro quem era o verdadeiro Salvador. O que ele via era a luta na sua própria alma: escolher o caminho das Forças Criativas e confiar inteiramente no Mestre. Não tinha dúvidas de que as suas escolhas afetariam não só a si — deixando uma dor incapacitante, como no sonho — mas também os outros, pois, na sua visão do mundo, as escolhas de cada pessoa faziam diferença nos desfechos maiores dos acontecimentos. A sua própria pessoa era um campo de batalha, mas também o eram as pessoas dos outros à sua volta no quotidiano.

Achei o sonho pungente quando o ouvi perto do fim da sua vida, porque muitos sinais indicavam que ele não tinha a certeza — até à morte — de que cumprira plenamente a confiança nele depositada. Perguntava-se, inevitavelmente, se os seus próprios tropeços tinham obscurecido a mensagem útil e esperançosa que queria partilhar através do seu dom. Podia ver o bem que fora feito através dele e por causa dele na vida de milhares que receberam leituras. Mas seria isto suficiente? Teria sido suposto fazer mais? Ter-lhe-ia sido destinado construir um hospital, mas perdido por limitações suas? Teria deixado claro que a ajuda que jorrara através dele durante tantos anos não era sua, mas d'Aquele que prometeu estar sempre com os Seus?

Ele sabia bem que não era nenhum santo. Não podia servir de modelo de uma vida espiritual ideal. No melhor dos casos, podia ser visto como um guerreiro que continuava a combater a escuridão em si mesmo enquanto lhe fosse possível. Para muitos que olhavam com atenção para a história da sua vida, ele sabia que isso não seria suficiente. Sabia que fumava demasiado, comia demasiado, perdia a paciência, criticava os outros de forma arbitrária, preocupava-se, deixava-se levar pelas paixões, esquecia-se de pôr as coisas essenciais em primeiro lugar, confiava demasiado nos seus próprios planos, falhava em construir comunidade à medida que avançava. Mas, nas horas da madrugada, quando tantas vezes lia a Bíblia e rezava com todo o coração, em luta interior, lembrava-se de tentar de novo apontar para além de si próprio, confiando que as suas dolorosas falhas seriam apagadas pelo brilho de um Deus amoroso.

O sonho, e a sua promessa de que podia entregar fielmente o que lhe fora confiado, voltou-me à memória muitos anos depois, em San Diego, quando Hugh Lynn e eu dávamos palestras em conjunto e ele falou ao público sobre as lutas pessoais do pai. «O verdadeiro milagre», disse, «não é Edgar Cayce ter dado leituras. O milagre é Edgar Cayce, com todos os problemas e tensões dentro de si, ter dado leituras e continuar a dá-las.»

As Suas Capacidades Visionárias Cresceram

Como gestor da pequena Associação, Hugh Lynn percebeu que tinha cerca de trezentas pessoas, espalhadas pelo país, que queriam mais do que apenas o privilégio de obter leituras. Começou a enviar-lhes um *Boletim* mensal, dactilografado a estêncil, que incluía artigos sobre temas relacionados com o conteúdo ou o funcionamento do aconselhamento do seu pai, além de recensões de livros e relatórios sobre os modestos projetos de investigação que desenvolveu — analisando não só padrões de tratamento nas leituras para várias doenças, mas também *A Study of Clairvoyance* (*Um Estudo da*

Clarividência), como se intitulava um dos folhetos mimeografados. A sua paixão era a investigação psíquica. Via-a como uma porta para uma compreensão renovada das realidades espirituais nos tempos modernos, sobretudo se os fenómenos psíquicos fossem apresentados como expressões da alma e não como meras capacidades mentais. Conseguiu que o pai visitasse Rhine, em Duke, e, depois disso, a estadia do psicólogo Lucien Warner em Virginia Beach, enviado por Rhine. Warner tratou de organizar um estudo das leituras de vida por parte da outra grande figura da investigação psíquica dos anos 30, o respeitado psicólogo de Columbia, Gardner Murphy. Contudo, Murphy desviou-se do projeto e eles nunca receberam os resultados completos do estudo.

Determinado a entrar em círculos profissionais mais amplos, Hugh Lynn organizou leituras do pai para líderes interessados em Nova Iorque e Filadélfia. Numa dessas sessões, em casa de um professor da Universidade da Pensilvânia, distraiu-se de tal modo que não deu ao pai a sugestão adequada a tempo, e Edgar caiu num sono profundo durante quatro horas, terminando a demonstração em embaraço. Mais tarde, Hugh Lynn mudou-se para Nova Iorque por um período, apaixonou-se e conduziu um programa de rádio semanal sobre experiências psíquicas, que recebeu milhares de cartas. Edgar apoiou-o, mas com a reserva nascida dos seus anos a tentar encontrar equilíbrio entre apresentações responsáveis e publicidade estéril.

Mais do seu agrado eram os Congressos anuais dos membros da Associação, que Hugh Lynn começou a organizar no espaço de um ano após a fundação. O filho convidava uma grande variedade de oradores para os encontros de Junho, representando a medicina, a investigação psíquica, a religião e a filosofia, com figuras literárias ocasionalmente acrescentadas. Membros de todo o país — sobretudo da Costa Leste e do Midwest — juntavam-se a amigos antigos de Cayce, do Kentucky, do Alabama e do Ohio, nestas conferências que duravam vários dias ou uma semana, e Edgar recebia grande encorajamento da sua presença e recetividade. Dava sempre pelo menos uma palestra, menos erudita do que as dos especialistas convidados, mas animada e ponderada, construída sobre temas bíblicos. Muitos aguardavam essas palestras como os momentos altos dos Congressos. Estabeleceu-se o hábito de obter duas leituras públicas para essas conferências anuais: uma sobre algum tema de interesse público e outra sobre a natureza e as perspetivas do trabalho de Cayce.

Quando eu, em tempo de guerra, vim ocupar por algum tempo o lugar de Hugh Lynn, a tarefa de preparar e conduzir o Congresso era uma das minhas responsabilidades. Nesse evento em particular, combinei que Cayce demonstraria algo invulgar. Ele aceitou usar um período da manhã para

percorrer a sala, descrevendo e interpretando as auras dos presentes. Os resultados prenderam-nos a todos. Aparentemente, a aura que via em cada pessoa estendia-se em torno de todo o corpo, permitindo-lhe falar de lesões e problemas médicos, bem como emitir avisos de saúde.

Mas, ao falar de vários padrões e faixas de cor com nuances subtis e infusões de cinzento problemático, bem como de feixes e redemoinhos de luz, foi muito além do corpo, passando a falar, para muitos, de vocação, e também de questões de casamento e relações familiares, além de desenvolvimento de carácter e temas de fé. Entrevistei os presentes depois e verifiquei que fora extraordinariamente preciso em pormenores confirmáveis. Outras questões tiveram de esperar anos pelo seu desfecho — como dizer a um osteopata capaz que não se candidatasse a cargo público, sob pena de ser derrotado de forma retumbante (e foi) — e assegurar a uma música que os seus talentos só floresceriam muito mais tarde na vida (e assim aconteceu).

Os mais próximos de Cayce sentiram que as suas capacidades visionárias, tanto desperto como em transe, cresceram nos doze anos que se seguiram à perda do hospital. Muitas vezes relatava sonhos e visões que lhe vinham enquanto estava inconsciente durante as leituras. Mais simples na fala, até coloquial, foi um sonho durante uma sessão, que eu o ouvi relatar quando aconteceu. Refletia a sua sensação de que Pedro iria encarnar para ajudar na renovação espiritual necessária aos tempos presentes:

Fui pescar com João, Tiago, André e o Mestre. Perguntei onde estava Pedro. «Oh, tu sabes que o Pedro não está aqui!», disse Tiago. Tomé disse: «Oh, sim, eu era pescador; não deixem que vos enganem, dizendo-vos para deixarem de pescar. Estamos todos a comer peixe.» Estávamos todos no barquinho mais simpático, num lago.

A pequena experiência vívida elevou-lhe o ânimo durante dias, e passou a comer mais peixe. Lembrou-se de que a sua leitura de vida indicara que Tomé tinha tomado o partido dele quando, como jovem Lúcio, viu os outros discípulos afastarem-se, incomodados pela sua ascendência greco-romana. No entanto, não pescou mais, e nós, os restantes, não fomos suficientemente sensatos para o encorajar a fazer as pausas de que precisava, usando a impressionante coleção de canas e apetrechos que os amigos lhe tinham dado ao longo dos anos.

Um belo relato visionário da Última Ceia fluiu através dele em 1932, quando ainda sofria com a perda do hospital. Não despertou após uma leitura, apesar de três repetições da sugestão. Então, como se estivesse no local, descreveu o que cada pessoa ali vestia e como cada uma se apresentava, bem como o que

comiam e bebiam, e de que tipo de recipientes, com o lava-pés de Pedro e dos outros, e o confronto com Judas. O seu retrato verbal do Mestre, até às unhas e à costura da túnica, era memorável. Descreveu os acontecimentos e a impressão causada quando Jesus partiu o pão e verteu o vinho no seu pacto com eles, e como cantaram um hino — o Salmo 91 — antes de saírem para os desenvolvimentos fatais no jardim. Nos anos seguintes, muitos estimaram este pequeno relato, partilhado como se o seu dom o tivesse tornado subitamente uma testemunha ocular.

Outras experiências foram mais sombrias. Despertou horrorizado após uma leitura durante a guerra e contou que acabara de ver uma companhia inteira de soldados americanos aniquilada no Norte de África. Já vira sofrimento terrível na Manchúria da mesma forma e predissera uma revolução na China. A violência terrível da guerra perturbava-o e surgia regularmente nas orações que fazia nas reuniões devocionais vespertinas do pessoal. Hugh Lynn contou-me mais tarde como o pai o chamou ao gabinete um dia, após o início da guerra global, e lhe disse quais dos rapazes prestes a viajar com ele, numa excursão de Escutismo pelo país, deveriam merecer a sua atenção especial. Eram aqueles que viriam a morrer mais tarde em combate — e assim aconteceu.

Quando interrogadas por pessoas de intenção séria e não de mera curiosidade, as leituras de Edgar abordavam o tema de futuras mudanças na Terra. Partes do Sul da Califórnia deslizariam para o mar no prazo de três meses após erupções no Etna, seguidas de atividade comparável no Pelée, no Hemisfério Ocidental. Terra emergiria do oceano ao largo da costa oriental dos EUA com artefactos da Atlântida perdida. Muito mais tarde, Manhattan sofreria terramotos devastadores e as ilhas japonesas seriam em grande parte destruídas por sismos. Com atividade semelhante no Midwest, os Grandes Lagos escoariam para o Mississippi. Mas, juntamente com estas previsões, as leituras ofereciam constantemente a garantia de que a retidão humana e a oração podiam influenciar até o curso da geologia.

Também as mudanças sociais futuras surgiam descritas nas leituras — não de forma fatalista, mas com provisos semelhantes de liberdade humana. Advertiam para a morte de dois presidentes americanos em funções (aparentemente Roosevelt e Kennedy) e para tumultos generalizados nas ruas (talvez na sequência da morte de Martin Luther King), insistindo que ainda estaria para vir uma depressão devastadora nos EUA, quando a engrenagem social colapsaria de tal modo que os que não tivessem acesso a parcelas para cultivo sofreriam e muitos passariam fome. Todos, repetiam as leituras, deveriam ter como objetivo uma casa com relação direta à terra, mesmo que

isso implicasse reestruturar a forma da sociedade contemporânea. A justiça social para as minorias e o pleno reconhecimento dos direitos laborais teriam de tornar-se assunto sério para os americanos, ou viria «esse nivelamento», que só poderia significar revolução.

A causa da paz recebeu atenção nas leituras, com os americanos advertidos de que, se não assumissem a liderança no fim dos armamentos e da guerra, o curso da civilização voltaria a deslocar-se para oeste, como no início americano, mas desta vez para o Oriente. Numa leitura de Congresso sobre assuntos mundiais, depois de a Segunda Guerra Mundial ter começado na Europa, as sessenta e sete pessoas na sala foram informadas de que Deus não faz aceção de tamanho, mas do coração. Se eles, sozinhos — poucos como eram — rezassem constantemente pela paz e vivessem como rezavam, nenhuma invasão chegaria ao solo americano. A ideia pareceu atraente, mas improvável, aos presentes; de qualquer modo, Pearl Harbor aconteceu.

Vendo os assuntos humanos numa escala ainda mais cósmica, uma leitura que ouvi afirmou, de forma serena, que após o início dos anos 40 nenhuma alma encarnaria na Terra sem ter encontrado, algures na sua longa jornada, a realidade e o espírito do Cristo. Os humanos recebiam uma longa corda, mas Deus também lhes providenciava ajuda. A mudança social seria acelerada e polarizada pelo reaparecimento de muitas, muitas almas — não poucas em papéis de liderança — que tinham participado na engenharia e tecnologia avançadas da Atlântida, usando mal as energias que comandavam de forma a causar a fragmentação do continente.

A vida moderna voltaria a ver génio eletrónico e nuclear, bem como novas fontes de energia, com transmissão de energia elétrica a longas distâncias sem fios e uso generalizado de cristais para modos de energia coerente. Contudo, as mesmas almas que trariam esses dons colocariam a civilização atual perante escolhas críticas de valores: afastar-se do domínio tecnológico cego sobre qualquer parte da Terra que escolhessem pilhar.

Surgiram desafios ao processo de leitura de Cayce. Depois de interromper leituras com mensagens várias vezes, uma fonte que se autodenominava Hallaliel — proclamando nunca ter encarnado, mas poder trazer a Cayce a sabedoria de que tanto precisava — pediu que colocassem o processo de leitura sob a sua orientação. O episódio ocorreu durante leituras de grupo de estudo, e o grupo atravessou muito exame interior e divisão antes de prevalecer a maioria, que entendeu que a única sintonia que Cayce deveria procurar diretamente era com o Cristo. Uma leitura confirmou, discretamente, a sabedoria da decisão, que fora deixada ao critério deles.

O grupo também experimentou uma voz sonora que se identificava como Miguel, Senhor do Caminho — identificado numa referência bíblica como a mesma força angélica que disputara o corpo de Moisés — e um ser sempre pronto a guardar a aproximação ao Senhor contra os de intenção impura. Esse ser, fosse o que fosse em última análise, não tentou tomar o controlo do trabalho de Cayce; limitou-se a exigir que todos fossem mais sérios nos seus esforços.

Cayce voltou a concordar em procurar tesouros enterrados, mas percebeu que os seus próprios sonhos o advertiam contra isso. As leituras realizadas davam pormenores factuais suficientes para atiçar os que procuravam em Kelly's Ford e noutros lugares, mas voltavam a tornar-se vagas em pontos cruciais, tal como nos tempos dos poços de petróleo. Quando eu o conheci, já não se deixava tentar, embora um homem afável tenha aparecido um dia com um plano completo para financiar todos os esforços de investigação da Associação através da recuperação de uma mina de prata perdida, que ele tinha a certeza de ter documentado. Cayce estava muito mais interessado em "minerar" o homem do que o minério.

Mais uma vez, Edgar foi procurado para orientação política — primeiro por um representante do Departamento de Estado que seguia para a China dividida pela guerra, e que recebeu aconselhamento valioso. Não muitos meses depois, fui eu quem atendeu o telefone e ouvi que o gabinete do Vice-Presidente dos Estados Unidos estava a ligar. O homem que solicitava o aconselhamento em transe era Henry Wallace, Vice-Presidente sob Roosevelt, prestes a ir à China, e queria toda uma série de leituras semelhantes. Cayce marcou-lhe consultas para alguns meses mais tarde, incapaz de o encaixar mais cedo. Depois, a própria doença e morte de Cayce impediram-no de voltar a circular pelos meios de liderança nacional que, segundo relatos, conhecera duas vezes com Wilson.

Nunca voltou a Wall Street, embora tenha dado leituras de negócios a Kahn e a alguns dos seus associados. Edgar tinha as suas próprias questões de negócios por resolver, herdadas dos dias dos Blumenthal, em leituras de anos posteriores que insistiam que alguém de Inglaterra tomaria um profundo interesse no seu trabalho e que, com o tempo, ele e Gertrude beneficiariam substancialmente de investimentos em ações feitos em seu nome. Nada disso aconteceu e eles nunca souberam porquê.

Os esforços de investigação interessavam a todos, e Gladys registou as temperaturas diárias durante um ano inteiro para observar possíveis correlações com a qualidade das leituras diárias. Não apareceu nenhuma, mas o espírito de inquérito estabeleceu um padrão que, após a morte de Cayce, seria muitas vezes

soterrado sob o imperativo tipicamente americano de «divulgar a mensagem», mesmo quando nem sempre era claro que mensagem era essa que se pretendia divulgar em resposta ao legado de Cayce. Várias pessoas responsáveis pressionaram Hugh Lynn a descobrir até onde chegavam os dons de Cayce, e as leituras localizaram o Lusitania afundado para mergulhadores (descrevendo com precisão o que encontrariam ao entrar nas suas salas), bem como seguiram os raptores do bebé Lindbergh e localizaram a aviadora abatida, Amelia Earhart (mas não a tempo de a salvar da morte que se seguiu pouco depois, segundo as leituras).

Por vezes surgiam enormes enigmas, como na leitura de vida que ouvi ser dada a um homem com tendências homossexuais, que indicava serem relevantes padrões astrológicos e acrescentava que, no dia específico do seu nascimento, apenas vinte e três bebés nascidos em todo os EUA tinham sido do sexo masculino. A dimensão da investigação necessária para confirmar, junto dos hospitais, essa visão em transe tão abrangente colocou-a fora do meu alcance, e a questão de como tudo isto poderia refletir-se em mapas das estrelas e dos planetas era ainda mais assustadora de abordar.

De vez em quando, uma leitura de vida chamava a atenção de Hugh Lynn pela estatura da alma ali descrita, especialmente quando os destinatários eram crianças cujo desenvolvimento subsequente poderia ser acompanhado e correlacionado com as características descritas na leitura. Os pais de um rapaz foram informados de que ele fora Franz Liszt e que possuía capacidades musicais presentes a cultivar com cuidado. A outro casal disseram que o seu filho poderia exercer liderança espiritual sobre muitos, se fosse mantido numa rotina de vida completamente normal e sempre ligado à igreja, à medida que crescesse. Fora, indicava a leitura, Thomas Campbell, cuja biografia Cayce conhecia bem, como o clérigo presbiteriano escocês que veio para a Pensilvânia com o seu filho Alexander, também ministro.

Ali, numa localidade não longe de Pittsburgh, eles e outros tinham publicado em 1820 a Declaração de Washington, que deu origem ao agrupamento religioso que acompanhou Cayce durante quase toda a vida: a *Christian Church*, ou *Disciples of Christ*. As vidas anteriores atribuídas a Thomas não surpreenderam Cayce, que sabia que as tendências místicas do Campbell mais velho tinham sido mais fortes do que as do filho. Fora, indicava a leitura, o bíblico Eliseu, sucessor de Elias e protagonista de mais acontecimentos extraordinários do que qualquer outra figura bíblica, exceto Jesus. Antes disso, fora Noé. Não surpreendentemente, dado o registo de Noé, o aconselhamento em transe alertava para a tendência para o alcoolismo, que iria atormentar o rapaz à

medida que crescesse. Cayce interessava-se, mas não se fascinava com tais casos, e eles nunca foram publicados nem receberam atenção especial. As escolhas que cada alma teria de fazer eram suas, não devendo ser distorcidas pela publicidade. A mesma atitude prevaleceu no caso que Hugh Lynn mais tarde chamou a Pequena Profetisa, porque a sua leitura de vida indicava que, se ela o escolhesse e se recebesse uma educação disciplinada e devota, poderia manifestar capacidades que excederiam consideravelmente as do próprio Edgar.

Pessoas para Esse Pacto de Treino

O pacto de Cayce com Deus no período pós-hospital, que se revelou durar catorze anos, assentava na convicção de que deveria concentrar-se em formar e equipar outros que procuravam esse auxílio. Eles vieram. Alguns estavam no grupo que desenvolveu os pequenos livros intitulados *A Search for God*. Esther Wynne, professora, tornou-se hábil em ensinar outros a trabalhar em pequenos grupos. Florence Edmonds, enfermeira, cresceu na prática de cura pela imposição de mãos, especialmente em grupos, e ensinou outros a fazê-lo. Da aula bíblica de terça-feira à noite, que Cayce lecionava em sua casa, surgiu Eula Allen, esposa de um oficial da Marinha; ela interessou-se profundamente pelos relatos das leituras sobre a criação no início dos tempos na Terra e, mais tarde, publicou a sua versão desses processos, mas o seu dom especial revelou-se no trabalho com adolescentes que aprendiam a meditar e a crescer espiritualmente.

Hugh Lynn desenvolveu capacidade extrassensorial suficiente, apoiada por estudo sistemático, para se tornar guia do desdobramento seguro de talentos psíquicos para muitos, bem como para compreender os perigos de perseguir fenómenos psíquicos sem disciplina, que mais tarde descreveu com cuidado no seu livro amplamente lido, *Venture Inward*. A família contou-me, com maliciosa alegria, a experiência precoce de Hugh Lynn de "entrar" na sombra do avô falecido, o patriarca, nas escadas da casa de Virginia Beach. Embora poucos soubessem, Hugh Lynn também era surpreendentemente eficaz a remover influências indesejadas de casas assombradas, algo que foi chamado a fazer várias vezes. Contudo, o seu foco principal era guiar pessoas através de um crescimento espiritual duradouro — o que fazia com especial sensibilidade para a meditação, que lhe parecia natural, e com grande aptidão para a dinâmica de grupo, onde a inventividade e a compreensão de processos e obstáculos lhe surgiam com facilidade.

As suas capacidades de gestão para dirigir e desenvolver a Associação cresceram com o passar dos anos, de tal modo que, nas décadas após a morte do pai, ele a fez crescer até milhares de membros e recomprou o antigo edifício

do hospital para o usar como sede. Com o tempo, a organização sob a sua liderança patrocinaria palestras e conferências anuais em mais de setenta e cinco cidades americanas e em muitas no estrangeiro, além de quatro meses de conferências semanais a cada Verão em Virginia Beach, recorrendo a um corpo docente em regime parcial de mais de oitenta oradores e autores — profissionais e leigos. Teria a sua própria editora, um departamento de fisioterapia, programas de viagens ao estrangeiro, campo de Verão, escavações arqueológicas no exterior e uma publicação periódica. Chegaria mesmo a retomar aulas na Atlantic University, cuja carta constitutiva ele tinha mantido.

Outras pessoas além de Hugh Lynn apareceram na vida de Edgar para receber orientação. As leituras começaram a encaminhar doentes, para certos tipos de cuidados médicos na zona de Nova Iorque, para o Dr. Harold J. Reilly, fisioterapeuta com consultórios, equipa e equipamento impressionantes no luxuoso complexo do Radio City, no Rockefeller Center, em Manhattan. Homem robusto e com muita sabedoria sobre o corpo — incluindo nutrição e exercício, além de procedimentos de tratamento com banhos, suores e massagens —, reunira uma clientela que, na década de 1940, incluía figuras importantes do entretenimento e dos negócios, bem como artistas e cientistas.

Ficou surpreendido ao receber clientes com instruções dactilografadas para os seus cuidados, que lhe faziam sentido depois de os examinar, mas cuja origem não lhe fazia sentido: um homem inconsciente e sem instrução na Virgínia. Procurou Cayce e tornaram-se bons amigos e colegas; tratou dezenas de doentes que as leituras lhe enviaram e elaborou para si próprio uma compreensão dos padrões de saúde de Cayce, que publicou após a morte de Cayce, alcançando vasta leitura. O livro intitulava-se *The Edgar Cayce Handbook for Health Through Drugless Therapy*. Nos seus últimos anos, também se dedicou à formação de muitos jovens massagistas, o que acabou por levar a uma Escola de Massoterapia orientada por Cayce, em Virginia Beach.

Em Nova Iorque havia ainda vários médicos que as leituras apontavam como osteopatas de excelência; outro, o Dr. Henry George III, ofereceu a sua ajuda a partir do Delaware; e uma osteopata dotada, que mais tarde ensinou na escola de osteopatia da Filadélfia, juntou-se à lista crescente de dezenas de médicos cooperantes — a maioria interessada em toda a perspetiva dos materiais de Cayce, além do aconselhamento médico. O Dr. Frank Dobbins, de Virginia Beach, osteopata altamente competente (como eu próprio pude comprovar), era frequentemente sugerido nas leituras e encantava os Cayce com aquilo a que chamava o método Dobbins de usar as leituras: fazer exatamente o que elas estipulavam.

Edgar encontrou finalmente em Virginia Beach um ministro que apreciava o seu trabalho e as suas lutas pessoais por crescimento em fé e graça. Era Joseph Clower, o pastor teologicamente sofisticado (mais tarde professor de religião) da Igreja Presbiteriana onde Cayce lecionava a aula de adultos ao domingo de manhã. Nunca se comprometendo com o conceito de reencarnação, mas sempre interessado nos relatos que Hugh Lynn e outros lhe traziam, Clower deu aos Cayce e a Gladys cuidados pastorais e apoio bem-vindos.

Disse-me que gostava de ir a casa deles para longas discussões teológicas, embora não conseguisse convencer Gertrude de que ela podia abandonar com segurança as suas convicções da *Christian Church* em favor da doutrina e prática presbiterianas; ambos apreciavam a contenda amistosa sobre crenças. Em Edgar encontrou um recurso bíblico cuja compreensão de temas das Escrituras — e não apenas de passagens — nunca deixava de o estimular. Não surpreende que tenha sido Clower o escolhido pela família para conduzir os serviços memoriais aquando das mortes de Edgar e de Gertrude.

A pessoa com quem partilharam mais em matéria de perspetivas religiosas e relatos nas leituras, porém, foi o colega de quarto universitário de Hugh Lynn, Thomas Sugrue, que inicialmente veio ouvir leituras em 1927, muito céptico. Era católico romano, natural do Connecticut, e possuía tanto uma mente excecionalmente aguçada como capacidades de escrita lírica. Como editor da revista *The New Tomorrow*, publicada pela primeira Associação no auge das actividades do hospital, já demonstrava as competências de escrita e edição que o levariam ao topo da sua profissão literária e crítica em Nova Iorque, onde escreveu primeiro para o *Herald Tribune* e depois para a *Saturday Review of Literature*. Os seus ensaios e, mais tarde, os seus livros — começando por *Stranger in the Earth* — chamariam ampla atenção; entre eles, *Watch for the Morning*, que escreveu como relato do novo Estado de Israel, para onde viajou numa cadeira de rodas a que ficou confinado, nos últimos anos, devido à artrite.

Sugrue interessava-se centralmente pelos conceitos religiosos das leituras, que considerava refrescantes após a educação católica, mas também confirmativos de aspetos da sua fé, como o Nascimento Virginal e a Ressurreição, bem como de preceitos segundo os quais os votos matrimoniais deveriam ser observados com grande seriedade e o divórcio apenas raramente considerado. A sua intenção declarada, como me disse mais tarde, era garantir ao trabalho e ao pensamento de Cayce suficiente audiência para promover reforma e renovação espiritual na Igreja em geral — não apenas no catolicismo. Considerava a reencarnação credível e útil, apoiada pelos seus próprios sonhos e experiências místicas. Como leigo, procurou uma forma de apresentar os

conceitos de Cayce a cristãos ponderados e optou pelo expediente de atribuir às leituras a visão (não exatamente correta) de que o cristianismo poderia ser entendido como apenas uma das religiões de mistério comuns ao período helenístico. A sua intenção era afrouxar o aperto dogmático da Igreja em que crescera — esperança que deixou clara no seu livro sincero, *A Catholic Speaks His Mind*, em que o pensamento de Cayce não era um tema central. O seu questionamento articulado atraiu católicos de espírito semelhante, que partilhavam o seu desafio ao que consideravam autoridade rígida, mas também partilhavam o seu profundo amor por Cristo e pela Igreja. Tornaram-se alguns dos pioneiros americanos do movimento mais amplo que viria a frutificar no concílio reformador e decisivo do Vaticano II, anos mais tarde.

Em 1939, quando estava no início dos trinta, Sugrue foi vítima de artrite que o deixou acamado. Vivendo na Florida, era casado e estava sem dinheiro. As leituras atribuíram as causas ao karma do Egipto e de outros lugares, mas também detalharam procedimentos de tratamento que, segundo indicavam, aliviariam significativamente ou removeriam a condição. Os tratamentos eram complexos e exigentes, requerendo cuidados diários que incluíam massagens longas. Com a grandeza de espírito que muitos (incluindo eu) vieram a honrar em Hugh Lynn, ele insistiu em levar Sugrue para sua casa, com os pais, e assumir ele próprio esses cuidados exaustivos durante dois longos anos. A presença da mente perspicaz e do espírito aspirante de Sugrue deu muito a todo o círculo familiar, mesmo quando transbordava em raiva perante a sua condição impotente. Cayce encontrou nele o tipo de líder que pedira que lhe fosse enviado no pacto em que entrou após o desastre do hospital.

E Sugrue assumiu, com um compromisso imenso — dadas as limitações físicas que o obrigavam a escrever à mão, deitado de costas — a tarefa de redigir uma biografia de Cayce, não como peça promocional do trabalho de Cayce (o que Cayce não queria), mas como meio de apresentar ideias e práticas que a Sugrue pareciam importantes para a psicologia, a filosofia e a espiritualidade modernas. Concluiu o livro em dois anos, tendo Hugh Lynn sido muitas vezes seu colaborador, e encontrou para ele (não sem a ajuda de leituras) um editor respeitado, a Henry Holt, que publicou a obra em 1942. Nessa altura, Sugrue já retomara uma carreira renovada em Nova Iorque, a andar e bem-disposto. A sua aflição regressaria em anos posteriores, após a morte de Cayce, mas o seu espírito e a sua prosa elegante e penetrante não esmoreceram.

O seu trabalho sobre Cayce, escrito com grande esperança de suscitar um diálogo intelectual mais amplo, praticamente não recebeu atenção pública de teólogos e cientistas. Contudo, trouxe a Cayce uma resposta, em pedidos de

leituras, maior do que ele esperara e colocou Edgar perante os últimos grandes desafios da sua vida — concluídos pela sua exaustão e morte em menos de três anos após a publicação do livro. Foram anos de grande alegria para Edgar, bem como de atividade heróica e de confronto final com aquilo que via como o seu karma complexo. Foram também anos de companhia mais profunda daquele a quem chamava o Mestre, mesmo no seu próprio sofrimento físico, quando descobriu que não conseguia fazer por si aquilo que tantas vezes fizera pelos outros desde que Layne o lançara nas águas desconhecidas do sonambulismo, em Hopkinsville: desafiar a própria morte.

17. Pedir Que a Vida de Cayce Seja Poupada

Na torrente de publicidade e nas exigências incessantes de ajuda que se seguiram à publicação da sua biografia, Cayce teve de tomar decisões sobre o trabalho da pequena Associação sem o apoio dos seus dois filhos. Hugh Lynn, recentemente casado e encantado com o seu filho pequeno, Charles Thomas Taylor Cayce, obtivera primeiro adiamento do serviço militar como diretor de recreação de Virginia Beach, onde organizava equipas de basquetebol de trabalhadores pressionados pela guerra e supervisionava os nadadores-salvadores.

Depois foi dispensado para trabalhar com a U.S.O., que servia as necessidades recreativas dos militares que enchiam a zona de Virginia Beach. Kahn, com ligações que iam até Eleanor Roosevelt, ofereceu-se para tentar garantir-lhe novo adiamento do serviço militar. Mas uma leitura aconselhou Hugh Lynn a ir, como sentia que devia, e não demorou a encontrar-se em Inglaterra, responsável pela recreação militar na sua unidade e, depois, a acompanhar o general Patton através da Europa. Ali, um dia, viu-se numa visão no meio de antigas colunas das Cruzadas — o karma essencial que sentia ter de enfrentar no seu serviço de guerra. Edgar Evans também foi enviado para missões militares, e Cayce voltou-se para mim para o ajudar a lidar com a pressão do seu trabalho.

O esforço de guerra empurrava-nos a todos. As mulheres faziam soldadura e construção de esforço brutal nos estaleiros navais de Norfolk, e a indústria em todo o lado trabalhava num regime de quarenta e oito horas semanais ou mais. Dezasseis milhões de novos trabalhadores foram recrutados entre desempregados, jovens, mulheres e idosos. A produção americana de material e abastecimentos militares era amplamente vista como capaz de inclinar a balança para a vitória dos Aliados. Estrelas douradas pelos mortos apareciam em cada vez mais janelas de Virginia Beach; a June e eu conhecíamos bem as famílias metodistas atingidas por perdas devastadoras. No estrangeiro, Mussolini caíra

do poder e fora depois preso, enquanto meio milhão de tropas britânicas e americanas tinham desembarcado na Sicília e ali ficado atoladas. Era claro que, mais cedo ou mais tarde, o fascismo estridente de Il Duce terminaria. Churchill, Roosevelt e Chiang Kai-shek reuniram-se no Cairo sobre os seus objetivos de guerra, e havia esperança no ar. Via-se no modo como as pessoas caminhavam, na descida das taxas de criminalidade, no aumento do consumo de álcool, nas canções de amor e nas canções de marcha, enquanto todos aceitávamos reduzir o consumo de açúcar, gasolina e sapatos racionados, e andávamos em carros de antes da guerra ou a pé. O heroísmo do quotidiano era exigido a todos nós.

Que Tipo de Associação?

Cayce sentia a urgência, dando mais leituras por sessão do que qualquer um de nós julgara possível e escrevendo cartas com dois dedos na sua máquina portátil até à hora de dormir, todas as noites, depois de um dia inteiro de ditado. Assumiu também, de forma firme, o comando da pequena mas crescente Associação, moldando os seus programas e políticas e recusando comercializar qualquer aspeto do seu trabalho. Percebi quão sérios eram os seus princípios quando fiz um estudo de custos dos folhetos mimeografados sobre vários temas das leituras, que vendíamos por dez e vinte e cinco cêntimos. Levei os números para o seu gabinete e mostrei-lhe que a Associação perdia cerca de um quarto em cada folheto.

A resposta dele foi continuar a vendê-los ao preço baixo na mesma. Recuperaríamos o dinheiro em donativos ou de alguma outra forma — não à custa de pessoas a sofrer, cujos orçamentos em tempo de guerra já estavam esticados. Em coerência com a sua longa experiência eclesial, acreditava genuinamente que Deus providenciaria, desde que oferecêssemos o melhor serviço que soubéssemos. Acabei por falar com Gertrude e ela, por fim, convenceu-o a aumentar um pouco o preço de alguns — e apenas de alguns — dos materiais. Quando desenvolvi um boletim semanal com itens interessantes retirados das leituras de cada semana e o enviei a várias centenas de assinantes, ele insistiu em que custasse aos membros apenas cinco dólares por ano, incluindo portes.

Não me permitiu fazer publicidade nem solicitações por correio aos muitos novos interessados. Recebiam o folheto sobre a sua vida e o seu trabalho, com um convite discreto a examinarem os ideais da Associação e a aderirem, se o desejassem — nada mais. Eu continuava a insistir na necessidade de financiamento para investigação, para poder envolver médicos cooperantes que não estivessem no serviço militar e avançar com a indexação das leituras que a nossa enfermeira voluntária começara. Por fim, quando a minha mãe e outros se

juntaram ao projeto, ele aceitou que eu escrevesse a alguns amigos de longa data, indicando que contribuições seriam bem-vindas para um Patrocínio Vivo de um programa de investigação. Entraram alguns milhares de dólares, mas ele não quis ampliar o esforço.

Algures no íntimo, parecia convencido de que a sua capacidade era um dom de graça para ele e para os outros, não algo a comercializar à maneira típica americana. Podíamos e devíamos preparar arquivos de leituras e seleções sobre vários temas para uso de investigadores que perguntassem por eles, mas não "empurrar" esses materiais quando não fossem procurados. Continuei a pressionar o tema, querendo meios para recrutar investigadores que se juntassem a mim a ordenar o enorme corpo de transcrições ainda não indexadas que ele tinha nos seus arquivos.

Mas ouvi com grande sobriedade quando uma leitura feita sobre o seu trabalho no Congresso de 1944 afirmou, em linguagem forte, que nem sequer devíamos «expor» o seu trabalho de dar leituras a quem não o procurasse por iniciativa própria. Esse espírito de modéstia e reserva era novo para mim, como reformador social habituado a circulares, angariações de fundos, piquetes e comunicados de imprensa para boas causas. Mas levei o aviso a sério e tentei viver de acordo com ele nos anos seguintes.

Ele não se preocupava minimamente com a dimensão da Associação, concordando com as leituras de que os números não são o caminho de Deus. Se fizéssemos a nossa parte de forma conscienciosa e criativa, seriam atraídas as pessoas que disso pudessem beneficiar. Eu vislumbrava um pouco do que ele queria dizer com "atraídas" quando estudava os padrões dos pedidos de leituras. Não era raro que, num dado dia, ele fizesse uma leitura sobre uma doença rara e nós descobríssemos que, precisamente nesse mesmo dia, um ou mais outros doentes com a mesma enfermidade obscura também recebiam as suas leituras — como se houvesse um agendamento por um gabinete central invisível — apesar de os pedidos terem chegado com semanas de diferença, de pontos distintos do país, enquanto Cayce muitas vezes nem tinha consciência da doença específica de cada um.

Que tipo de ESP de largo alcance, ou Providência, poderia estar envolvido em tais agrupamentos era difícil de imaginar, mas o processo tornava mais fácil compreender a sua confiança profunda de que "forçar" o recrutamento de números, enquanto tal, não era a natureza do seu trabalho. Pequenos episódios nos pedidos mostravam-nos uma rede invisível de boa vontade a apoiar os nossos esforços. Um soldado estacionado no estrangeiro escreveu a pedir uma leitura, mas não se lembrava onde lera sobre Cayce num artigo de revista. O

censor militar deixou passar a carta e depois enviou ao soldado uma cópia do artigo em questão — o texto da minha mãe na *Coronet*; a revista publicou um relato do feliz incidente.

Como ao longo de toda a vida — com exceção do único anúncio em Birmingham — Cayce contentava-se em deixar que o seu trabalho fosse divulgado entre amigos e familiares pelo passa-palavra, mesmo que isso significasse dificuldades para a família. Essa opção não era fácil para alguém que se preocupava tanto com dinheiro suficiente. É certo que cooperou na biografia de Sugrue, mas como esforço para partilhar o amor de Deus que sentia ter sido mostrado a ele e aos outros, não como estratégia de marketing para as suas leituras ou para promover publicações jornalísticas sobre elas.

Bastou-me testemunhar algumas ocasiões em que, depois de concluir as leituras agendadas, ele dava leituras espontâneas em transe a pessoas cujos pedidos de emergência ainda nem tinham chegado, mas que vinham no correio mais tarde, para entender a sua convicção profunda de que «os nossos tempos estão nas mãos de Deus». Qualquer força para o bem que saltava através do tempo e do espaço para salvar vidas com o seu aconselhamento inconsciente poderia, razoavelmente, ser esperada também para suprir as nossas necessidades sem termos de forçar o fluxo.

Para mim foi profundamente encorajador ver a sua determinação em não se deixar tornar objeto de um culto, destino tão frequente de figuras pioneiras em círculos religiosos. Bem conhecidos de todos nós eram a exuberância de Aimee Semple McPherson, a evangelista da Costa Oeste, bem como o seguimento quase fanático de anti-semitas de extrema-direita que tinham púlpitos radiofónicos. Evidentemente havia algo no coração humano que ansiava por atalhos, encontrando um caminho para Deus através do apego a um líder espiritual com respostas prontas.

Cayce abordou a questão do culto num sábado, quando desenrolou para mim as plantas dos lotes ao lado, que comprara algum tempo antes. Gostaria, disse-me, de reunir amigos para ali construir uma *Christian Church* e ter-me como ministro. Mas gemeu e guardou os desenhos. As pessoas interpretá-lo-iam mal, como se estivesse a tentar fomentar uma denominação, uma seita ou até um culto de Cayce. As pessoas deveriam investir nas suas próprias igrejas e sinagogas, não num novo agrupamento religioso — e ele deveria dar o exemplo. Outros pressionaram-no para construir um modesto salão de palestras nesses mesmos lotes, e até iniciaram um fundo de construção, mas ele não o promoveu, determinado a não fornecer qualquer apoio às dinâmicas de culto.

Não era difícil imaginar "cayceítas" na atenção admirada daqueles que visitavam, escreviam, vinham aos Congressos e assistiam às suas palestras noutras cidades. O Steinway Hall, em Nova Iorque, esteve à pinha quando ele falou em Manhattan no final de 1943, repetindo a palestra para uma multidão excedente. As suas leituras combinavam elevados padrões éticos e espirituais com novidade e drama suficientes para fazer do seu trabalho um ponto de encontro para muitos — frequentemente pessoas feridas pela vida e sentindo-se de fora ou anómicas, como descrevem os sociólogos aqueles que se encontram invisivelmente alienados nos tempos modernos. Mas as leituras insistiam, repetida e severamente, que o seu trabalho não deveria tornar-se uma «seita, cisma ou ismo», não permitindo que a natureza estranha do seu aconselhamento servisse para o validar à parte da «aplicação»: a verificação silenciosa pela experiência, que cada interessado teria de fazer.

Ainda assim, alguns dos que vinham às suas aulas bíblicas viam as leituras como pronunciamentos de um oráculo moderno, e não como atos de amor intimamente dialogais, como de facto eram, e modelavam as suas trocas em grupo a partir desse pressuposto, fazendo afirmações solenes de "verdades" como expressão da sua espiritualidade. Era natural aspirarem ao estilo dos discursos impressionantes de um vidente entre eles. Além disso, séculos de pregação de púlpito sobre a Bíblia tinham-nos precedido, e não surpreendia que simplesmente transportassem, do seu ambiente eclesial, um padrão de citar textos que podiam transferir diretamente para citar leituras.

Cayce combateu essa tendência, não só recusando citar leituras como se resolvessem todas as controvérsias, mas também pela forma como tratava a Bíblia, que para ele não era uma coleção de verdades piedosas auto-validadas, mas o registo de seres humanos reais a tentar aprofundar a sua relação com Deus em todos os caminhos da vida. Gertrude lutava contra a tendência de culto com perguntas incisivas que desfaziam afirmações pretensiosas, baseadas de forma frouxa em leituras, tanto nas aulas como nas conversas. Ambos pareciam compreender com clareza que a marca de um culto ou ismo, que queriam evitar, era sempre a "verdade privada" e levavam a sério o aviso da «informação» de que os conceitos das leituras deveriam ser apresentados «nunca por autoridade» de um estado especial de transe.

Uma Montanha Prestes a Cair Sobre Nós

No meio da violência global de 1944, todos nós lutávamos, nos nossos pequenos escritórios apinhados no extremo da casa de Cayce, por estar à altura do que nos fora confiado. Havia gente a trabalhar em todos os cantos da biblioteca e dois por sala à sua volta, até mesmo na arrecadação onde

funcionava o mimeógrafo, sempre ocupado. Andávamos uns nos nervos dos outros e ladrávamos entre nós, embora o tempo devocional das duas horas nos recentrasse e unisse por algum tempo.

Os que recebiam leituras escreviam-nos de volta com perguntas intermináveis sobre como as compreender e usar. Outros, à espera até dois anos pela sua vez, suplicavam ajuda para aguentar no intervalo: o que poderíamos sugerir para a dor, ou para onde os poderíamos encaminhar? Chegavam visitantes à porta com grandes chagas no corpo, ou com os olhares incertos que se seguiam a lesões cerebrais em combate, ou com a confissão tímida de que tinham acabado de sair de um hospital psiquiátrico e não queriam voltar. A combinação de necessidade evidente com o tamborilar da guerra por trás de todas as nossas vidas colocava cada um de nós sob pressão.

Cayce estava cansado e, por vezes, era brusco com os que procuravam ajudá-lo, incluindo as esposas de marinheiros, que mal conseguiam perceber o que ele fazia. Os seus comentários críticos e o comportamento impulsivo pouco condiziam com o que ensinava nas suas aulas bíblicas, e nós desvalorizávamos as suas observações sombrias como exaustão ou como a exuberância de expressão que fazia dele um tão bom contador de histórias.

Todos nós estávamos a tentar fornecer apoio, mas, no fundo da mente, havia ansiedade. Estas leituras impossíveis, por mais carregadas de bênçãos que estivessem, pareciam muitas vezes ir muito além da nossa compreensão. Cada dia trazia algum desafio intimidante de resposta rápida ou de conceitos estranhos. E parecíamos estar mesmo à beira da azáfama esmagadora que, antes, fizera o dom do transe vacilar. Estaríamos prestes a provocar de novo tal crise? Cayce escreveu a um amigo o seu medo de que pudéssemos estar a «alisar por cima» o essencial das leituras, algumas já reduzidas a meros cinco minutos, quando o habitual eram quarenta e cinco.

Ele pressentia as minhas preocupações, que não se tornaram mais fáceis quando a jovem, casada com um aviador da Marinha e que partilhava um duplex com a June e comigo, veio a nós a soluçar, dizendo que o marido tinha acabado de ser morto no estrangeiro. As pressões públicas e privadas pareciam fundir-se para todos. Chegou o dia em que a minha necessidade e a de Cayce de controlar os nossos respetivos esforços colidiram, e eu aprendi algo sobre como se dera o colapso do hospital — quando colegas idealistas se desagregaram.

Na rotina mensal, eu entregava-lhe o material para o *Boletim*, porque ele acompanhava isso de perto — como tantas outras coisas no escritório — e pedia-lhe que o entregasse à minha secretária para fazer os estênceis, como era

habitual. Por alguma razão que nunca compreendi totalmente — talvez apenas cansaço e doença a aproximar-se, ou talvez o que ele veria como resíduos de Laodiceia (onde as leituras diziam que eu fora seu filho) —, ele largou-o em cima da minha secretária e ordenou que eu tratasse disso como ele queria: «Você dactilografa! Você escreveu!» Fitei-o, indignado, perante o que me pareceu uma arbitrariedade sem remédio e, em seguida, atirei-me a ele para o derrubar, empurrando-o com violência e exigindo, com o pouco juízo que costuma acompanhar discussões acaloradas: «Quem é que pensa que contratou aqui?» Ele conseguiu suster-se antes de cair no chão e, de imediato, o calor entre nós desapareceu — embora não a mágoa. Voltou para o seu gabinete e chamou a Mae, perguntando: «Porque é que o rapaz fez aquilo?» Eu continuei as minhas tarefas, de lábios cerrados, a bater no estêncil como era exigido.

Nos dias seguintes, ficámos todos rígidos. Levei algum tempo a perceber quanto é que os seus associados, incluindo eu, estavam inclinados a esperar dele. Víamos sempre nele a voz e a presença das leituras, como que mesmo por cima do ombro: infinitamente justo, paciente, prestável, mas capaz de severidade quando necessário. Quando falava asperamente, era como um juízo dos deuses. Quem poderia ter a certeza de que ele não estaria a ver alguma falha devastadora, alguma fraqueza da alma, de perspetivas semelhantes às das suas leituras? Mas ele nunca se ouvira a falar em transe; só recebia a nobreza e a força em transcrições secas.

Assim, quando lhe apetecia queixar-se ou mandar — e a quem não? —, deparava-se com uma suscetibilidade, à sua volta, que lhe devia parecer incompreensível. Nós víamos uma montanha prestes a cair-nos em cima. Ele apenas se tornava um pouco rabugento, tentando agarrar-se ao turbilhão dos acontecimentos. Pela primeira vez, achei que conseguia reconhecer como Ketchum acabara em processos contra ele e como os Blumenthal se tinham afastado tão subitamente. A natureza do chamamento de um vidente ameaçava os próprios laços que ele fazia nascer.

Edgar adoeceu quase de imediato com um vírus ou gripe que trouxe febre e o deixou a tossir, sem voz. Todas as leituras pararam. Senti-me culpado até ao desespero, mas demasiado inseguro de mim para saber o que dizer. Depois de tantos meses de esforço extenuante, seria eu aquele cujos excessos interromperiam todo o processo? Os dias passaram e uma amiga nossa da Igreja Metodista, onde a June e eu cantávamos no coro, soube da doença de Cayce e apareceu à porta de trás com uma tarte. Foi um gesto simples de vizinhança, e eu fiquei estupefacto, sentado na cozinha, ao ver Gertrude a chorar depois de agradecer à mulher o presente e fechar a porta. Porquê? Ela disse-me que, em

todos os anos em Virginia Beach, nenhum vizinho lhes tinha alguma vez levado comida como oferta de preocupação no curso dos problemas da vida. As pessoas não alimentavam um vidente. Respeitavam-no, algumas até o amavam. Mas tartes e bolos eram para gente comum, não para alguém a quem os habitantes chamavam Dr. Cayce, sem saberem bem como tratá-lo. Ao ver o preço do isolamento que ela e Edgar tinham pago pelo seu serviço estranho, o meu coração amoleceu, e decidi pedir perdão a Cayce. Mas, como se me lesse a mente, ele apareceu lá de cima, de roupão, ainda a tossir e quase sem conseguir falar, para anunciar que ia a Nova Iorque para ser tratado pelo Dr. Reilly e que levaria a June e a mim com ele. Este homem orgulhoso estava a baixar-se muito para estender a mão a mim, e eu fiquei profundamente grato.

O Tempo Tem de Ser Usado

Quase assim que entrámos no comboio, encontrámos as nossas camas e fomos ao vagão-restaurante, começou a falar connosco do fundo do coração. A voz estava áspera e rouca, mas ele estava decidido a comunicar, como se o tempo tivesse de ser usado até ao limite. Durante as duas semanas seguintes, ao longo de toda a viagem e de uma série de visitas a amigos em Manhattan, manteve aquele fluxo generoso, sem se recolher para o espaço ausente que tantas vezes desconcertava os que o rodeavam. Eu tinha o meu caderninho e puxava por ele às refeições, nos elevadores, no átrio do hotel, nos táxis, durante lanches noturnos. Mas precisava de pouca incitação. Parecia querer partilhar connosco o contorno da sua vida inteira, recuando até à infância e ao seu profundo apreço pela mãe, passando pelas experiências místicas e avançando por cada etapa da sua jornada tantas vezes incerta. Ele gostava — e a voz foi ficando um pouco mais forte — e nós também. Desta vez, não nos estava a entreter nem a manter-nos à distância, mas a revelar-se sem reservas.

Contou-nos histórias extravagantes e quase inacreditáveis, e depois outras simples e tocantes. Falou de, um dia, numa rua do Oeste, ter abordado um desconhecido, chamando-o pelo nome por brincadeira, assim que o nome lhe ocorreu. O homem acenou e seguiu, mas voltou, intrigado, e perguntou quem era Cayce. Tornaram-se conhecidos e foram almoçar a um restaurante da moda. O homem era banqueiro e, depois de ouvir de Cayce algo sobre as suas capacidades, desafiou-o a escrever num guardanapo a combinação do cofre do banco. Cayce escreveu-a de imediato e tornaram-se amigos para a vida. (Eu tinha visto a correspondência.)

Contou como se afogara e fora dado como morto na juventude, e como os companheiros invisíveis da infância lhe tinham regressado uma vez já em adulto. E falou, com visível emoção profunda, do dia em que estava sozinho no

gabinete, a pensar como poderia financiar a construção de um cofre para guardar os armários das leituras, quando Jesus lhe apareceu, assegurando-lhe que não tivesse medo e dizendo-lhe simplesmente que escrevesse aos que ajudara, expondo a necessidade. Eles tratariam disso, disse, e claro que trataram — sem saber quem os tinha levado a receber aquela carta.

Falou-nos de cães que amara, do papagaio e dos canários, e dos enormes peixes que apanhara em incursões ao mar. Riu-se da forma como gostava de ler catálogos e de encomendar por eles árvores para o jardim, camisas, gravatas, ferramentas, iscos de pesca; os catálogos eram a sua alegria desde a infância. Falou de ver os mortos, de ver pessoas com trajes de vidas passadas, de ver a aura de uma mulher que morreria nesse dia num acidente de automóvel se ele não a avisasse (e avisou — embora fosse uma desconhecida —, e soube depois que a vida dela fora dramaticamente salva do acidente que se seguiu). Quando lhe perguntei porque parecia nunca ler muito, para além do material das *Uniform Lessons* para a aula de escola dominical de cada domingo, explicou que, nos seus últimos anos, o irritava ler um livro porque lhe bastava começar e já sabia o texto inteiro, e assim a diversão da leitura se perdia.

Avisou-nos de que mulheres devotas viriam ao hotel, a insistir para o ver, e pediu-nos que o ajudássemos a protegê-lo — o que, como se veio a ver, foi necessário. Ainda assim, uma dessas mulheres tocou-o de tal modo, com flores e cartões e um livro de Elbert Hubbard dos seus anos de juventude, que ele se forçou a ir ao teatro com ela, apesar da fraqueza corporal que o fazia transpirar.

Com evidente prazer levou-nos a visitar as impressionantes instalações de saúde de Reilly em escritórios de Manhattan e deixou-nos lá a entrevistá-lo sobre casos, enquanto ele recebia tratamentos. Envolveu-nos em longas conversas com Dave Kahn, que eu ouvi com fascínio porque Kahn estivera exatamente no meu lugar quando, jovem da minha idade, procurara ajudar Cayce noutra guerra. Era divertido vê-los tentar "superar-se" um ao outro com histórias de acontecimentos recentes nas suas vidas.

Cayce soubera que a sua biografia estava a ser considerada para tradução para russo por um irmão do marechal Timoshenko, o general que, com tanta bravura, combatia para expulsar os alemães do solo russo; toda a gente conhecia o nome do general na altura. Contou a Kahn a proposta de edição russa e, quando lhe perguntaram quem faria a tradução, respondeu «Timoshenko», sem especificar qual. Kahn ficou, por momentos, sem palavras pela primeira vez em dias, tentando imaginar o general russo em plena frente oriental a encontrar tempo para traduzir o livro. Cayce manteve cara de póquer, mas lançou-nos um olhar. Gostava de efeitos dramáticos, quando eram oportunos.

O meu caderninho encheu-se de apontamentos à medida que os dias passavam. As histórias davam lugar a reflexões mais ponderadas. Com grande paciência, abriu-nos a sua vida e as suas convicções e suposições, respondendo às nossas perguntas sobre como sentia que as vidas passadas poderiam ter influenciado a presente e sobre as promessas que achava ter feito a Deus em diferentes períodos da vida. Partilhou também a sua dor quando um telefonema para casa trouxe a notícia totalmente inesperada de que a sua igreja presbiteriana o afastara da classe de domingo de manhã, após tantos anos de serviço.

A congregação estava sem pastor e os dirigentes leigos, embaraçados com a publicidade que ele recebera desde a publicação da biografia, votaram a sua expulsão, substituindo-o por um advogado com a oratória familiar dessas aulas de adultos. Disse-nos que ensinara Escola Dominical quase continuamente durante cerca de sessenta anos e não conseguia imaginar a vida sem a âncora dessa atividade. Vimos o seu desgosto e isso feriu-nos. Mais uma vez ficava claro que não havia um lugar seguro para este vidente fora do seu tempo na América moderna.

No entanto, ele também não era ignorado. A viagem a Nova Iorque mostrou-o bem acolhido por pessoas de competência e posição nada pequenas, à medida que encontrávamos amigos dos Kahn, de Sugrue e dos médicos que lhe enviavam casos. Fiquei aliviado. Havia executivos, editores, artistas e psicólogos bem informados sobre as suas capacidades e respeitadores da sua estatura espiritual. A maioria via o material de reencarnação de Cayce de forma muito semelhante à minha: uma hipótese surpreendente que valia a pena investigar mais. A distância entre as minhas salas de aula da Universidade de Chicago e o seu gabinete luminoso em Virginia Beach não era o abismo que eu por vezes temia.

Talvez estes amigos, no coração da vida intelectual e literária, pudessem, quando a guerra terminasse, promover a investigação que era tão frustrante iniciar e financiar em tempo de guerra.

Conhecíamos bem o Cayce de gostos simples, capaz de ser feliz a martelar pregos num corrimão para as escadas da cave, de macacão vestido. E, no entanto, ali estava o mesmo Cayce como homem de fácil sofisticação — um citadino que dava ordens aos empregados de mesa como se eles tivessem nascido para aquela oportunidade e chamava táxis com uma prontidão seca. Parecia precisar apenas de alguns momentos para "medir" quem quer que conhecesse. Eu compreendia melhor porque é que um homem assim poderia querer que o pequeno pessoal do escritório funcionasse exatamente como ele

dizia, quando ele dizia. Se não me tivessem dito que havia nele algo como um Ra Ta, talvez eu tivesse de inventar uma dinâmica dessas para o pôr em perspetiva.

Inclinai as Vossas Cabeças

De volta a casa, ele fez a sua primeira leitura em semanas — naturalmente, sobre a própria saúde, porque sem isso não poderia servir ninguém. O trabalho estava acumulado em pilhas. Para recuperar as leituras perdidas, teria de fazer sessões extra aos sábados e até aos domingos. Talvez pressentisse que algo sério poderia estar a chegar, pois pediu a vários de nós que nos juntássemos a ele para o aconselhamento em transe, e apertámo-nos no seu pequeno gabinete ensolarado. A voz, sempre vulnerável há quarenta anos, não era mais do que um rouco sussurro. A leitura começou de forma simples. Ao princípio, disseram-lhe, desenvolvera um desequilíbrio ácido-alcalino, pois venenos tinham sido lançados no sistema linfático «pela ira produzida por atividades do meio em redor do corpo». Eu estremeci, lembrando a nossa discussão.

Havia agora congestão nos tecidos moles da cabeça, face, garganta, brônquios e até na atividade linfática do canal alimentar. Foram especificados tratamentos para rejuvenescer e revivificar o sistema respiratório, incluindo caminhadas regulares ao ar livre, exigindo pausas no trabalho que eu sabia que Cayce teria dificuldade em fazer. Sublinhava-se a consistência no seu comportamento: «Não pregues, não atues numa direção e depois digas ou faças essas coisas noutra direção.» Encolhi-me na cadeira, porque fora precisamente esse tipo de problema que precipitara a nossa zanga.

A leitura não nos julgou, mas prosseguiu serenamente, reforçando mudanças que Cayce já começara com o seu gesto generoso de se aproximar de mim e da June na viagem: «Sê paciente com os fracos. Sê bondoso com aqueles que são até feios.» Senti o rubor quente do embaraço na cara. «Sê gentil naquelas atividades em que há necessidade de viveres de modo consistente, de seres consistente com aquilo que representarias entre os teus semelhantes.»

A voz era tão baixa que tínhamos de nos esforçar para ouvir quando abordou o tema do corpo como templo onde o Deus vivo nos encontraria: «Pois sabe: o Senhor está no seu santo templo. Se tu, como seu filho, profanaste o teu templo em palavra, em ato, em obra, sabe que só tu podes fazer essas correções, e que o teu corpo é o templo do Deus vivo.» O aconselhamento era objetivo e parecia dirigir-se a todos os presentes. Mas, à medida que avançava, tornou-se severo: «Age como se fosse, e não como se fosse um chiqueiro ou um lugar de lixo para as atividades dos outros.» Aí estava uma repreensão ardente pelo modo como despejávamos emoções uns nos outros no pessoal do

escritório. E era também um lembrete de quão difícil era para Cayce chamar seus aos próprios pensamentos e sentimentos quando a sua constante captação psíquica estava em funcionamento. «Mantém, então, o teu corpo e a tua mente inteiramente num serviço ativo ao teu Senhor.»

De súbito, e sem aviso, saiu de Cayce uma voz tremenda, retumbante — a voz dele, e no entanto cheia de autoridade severa. Foi o falar mais alto que alguma vez ouvira, ecoando nas paredes: «Inclinai as vossas cabeças, filhos dos homens!» Nós inclinámo-las. Gladys continuou a escrever por hábito, mas o resto de nós ficou petrificado. «Pois eu, Miguel, Senhor do Caminho, quero falar convosco. Vós, geração de víboras, geração adúltera, sede avisados! Hoje está posto diante de vós o bem e o mal! Escolhei a quem quereis servir! Caminhai no caminho do Senhor!

Ou então virá esse ajuste de contas súbito, como já vistes!» Ninguém duvidou de que a referência era a recente perda da capacidade de Cayce. De novo, a voz exigiu que baixássemos o olhar e rendêssemos o orgulho: «Inclinai as vossas cabeças, vós que sois sem graça, sem arrependimento! Pois a glória do Senhor está próxima! A oportunidade está diante de vós! Aceitai ou rejeitai! Mas não sejais porcos!!» A última palavra foi cuspida com desprezo total, ecoando o aviso para não rebolarmos nas nossas emoções.

Depois, a voz no sofá voltou a baixar para quase um sussurro. Foram dadas instruções para acelerar a recuperação de Cayce, terminando com uma admoestação tranquila: «Mantém o corpo em tal atividade que elimine os venenos. E mantém, então, o corpo-mente, o corpo físico, limpo à vista do teu Deus.» Quando o aconselhamento terminou, todos nós chorávamos. Olhei em volta para rostos pálidos, angustiados. Ninguém falou. Cada um se levantou depressa para sair. Muitos dispersaram-se ao ar livre em direções diferentes. A June e eu fomos até ao oceano, a apenas dois quarteirões, e avançámos pela areia contra o vento de meados de Março.

Para mim não importava exatamente quem fora a voz que se chamara Miguel. Quer fosse uma criação da mente de Cayce, formada biblicamente, um ser desencarnado consternado com o nosso comportamento, um arquétipo de sabedoria e pureza do inconsciente coletivo a que, por instantes, foi dada forma, ou uma presença verdadeiramente angélica, ela entrara no nosso meio não para trazer bênção ou nos honrar, mas para exprimir uma repreensão ardente. Se aquilo fosse mesmo um arcanjo, eu nunca mais queria lidar com outro. Não eram necessárias pretensões especiais para ligar aquela voz tremenda às nossas consciências, ferindo-nos até ao fundo da alma. Estávamos conhecidos. Estávamos vistos. E fomos achados em falta.

As ondas batiam com estrondo ao nosso lado, e ondas de compreensão começaram a rebentar dentro de mim. Vi a minha ambição, e não gostei dela. Tendo sido estudante para sempre, queria fazer alguma coisa no mundo real e pressionara Cayce sempre que ele se metera no meu caminho. Vi a minha rebeldia contra a autoridade a infiltrar-se em parte das minhas causas sociais e soube que vinha da imperiosidade do meu muitas vezes autoritário clã Harmon. Vi os meus excessos emocionais e a minha língua crítica. Vi o meu perfeccionismo como nunca antes. Exigia que Cayce fizesse tudo certo e nunca falhasse, enquanto eu o revestia da idolatria do meu entendimento de Deus. Por fim, vi o meu medo — medo de inadequação. Toda a vida fora um prodígio, saltando anos na escola, ganhando bolsas de mérito. Agora estava metido em negócios sérios de adulto, para os quais estava mal preparado. De nada me serviria compreender leis de visão aberta se permanecesse congelado na imaturidade.

Enquanto fitava os quilómetros de praia deserta, pensei na longa jornada de Cayce e no porquê de tantas falhas. Se cada pessoa que levava as suas leituras a sério, de modo sustentado, esbarrava com a realidade que eu acabara de encontrar, não admira que as coisas tivessem avançado tão lentamente. As forças invisíveis que impulsionavam as leituras pareciam empenhadas em fazer crescer almas, não apenas em demonstrar maravilhas. Mas qual de nós queria realmente um crescimento tão sem concessões?

Já era tarde e pouco se disse sobre a leitura dolorosa até às duas da tarde seguinte, quando todo o pessoal se reuniu à volta da grande mesa da biblioteca. Cayce leu em voz alta a história de David a chorar e a prostrar-se enquanto suplicava a Deus pela vida do seu novo filho, nascido da sua relação adúltera e egoísta com Bate-Seba. Os assistentes pensavam que o rei ficaria fora de si quando a criança finalmente morresse. Mas, depois da morte, David levantou-se, purificou-se e comeu, sabendo que não podia desfazer o desfecho ocorrido.

Cayce fechou a grande Bíblia e falou, em voz baixa, dos pecados e falhas de todos nós. Assumiu sobre si inteira responsabilidade pela aflição por que todos tínhamos passado nas últimas semanas. Ninguém, disse ele, trouxera mais excessos para o trabalho das leituras do que ele próprio. Mas, como David, podia esperar aprender com os seus erros, pois de David dizia-se que pecara, sim, mas não repetira os mesmos pecados.

Como David fizera quando o filho morreu, também nós devíamos erguer-nos, purificar-nos e reanimar-nos, e continuar a ajudar aqueles que procuravam o nosso auxílio. Nenhum de nós podia afirmar estar sem falha e sem pecado. Nenhum era digno das oportunidades que Deus derramava sobre nós. Quem

poderia merecer amor? E era o amor que as leituras procuravam tornar presente. Quem poderia reivindicar direito a conhecimento excecional, ou a destreza de transe, ou a orientação do alto? Todos ficavam aquém, tal como o rei David. Mas não precisávamos de avançar com base no nosso mérito, que muitas vezes seria escasso. Podíamos lançar-nos na misericórdia do Senhor, como David fizera, e esperar encontrar ajuda, como ele encontrara.

Quem era digno?, perguntou ele de novo. Certamente não Cayce, respondeu, falando de si próprio com emoção profunda e de forma objetiva. Cayce e todos nós éramos parte do que se ouvira chamar uma geração perversa e adúltera — uma geração de guerra, inclinada aos seus próprios fins num tempo de conflitos amargos. Mas, se conseguíssemos ajudar-nos mutuamente a manter os melhores propósitos em primeiro plano, cedendo a liderança a Deus, então seríamos encontrados úteis mesmo na nossa fraqueza. Uma voz tremenda ter vindo diante de nós, tal como Natã, o profeta, chamara David a prestar contas por causa de Bate-Seba, não era para exigir perfeição de nós, porque quem poderia suportar tal prova? Era para impedir que nos atravessássemos a nós próprios, uns aos outros e, acima de tudo, àqueles que precisavam do nosso auxílio. Um encontro tão inesperado devia mostrar-nos que não tínhamos de avançar sozinhos, mas que estávamos sempre rodeados por uma nuvem de testemunhas, com forças maiores e mais amorosas do que nós — e algumas dessas formas de amor seriam severas. Concluiu com uma oração pedindo perdão por todos nós e pedindo que a mão do Senhor estivesse sobre nós, por amor daqueles a quem procurávamos ajudar.

Uma Vez Mais, o Enigma do Corpo

Edgar nunca recuperou verdadeiramente da doença, como aconselhamentos em transe posteriores para ele assinalaram, embora tenha ganho força suficiente para dar ainda várias centenas de leituras pela Primavera e até ao Verão de 1944. Planeava fazer uma pausa, indo visitar Sugrue na Florida. Mas, aquecido pelo sol primaveril, voltou a lançar-se no pesado horário, decidido a ajudar os que procuravam o seu auxílio para problemas médicos. A Associação já tinha, então, fundos suficientes para que ele pudesse abrandar; ainda assim, o espírito do esforço de guerra à nossa volta fazia isso parecer irresponsável. Num nível mais profundo (pareceu-me mais tarde, por comentários que fizera), ele colocava uma última pergunta sobre o enigma do corpo, que o ocupara tanto, de tantas formas. Fotografara-o de todos os ângulos para revelar o seu mistério e promessa como morada de Deus na carne humana e como emblema do potencial e da força individuais para aqueles que procuraram os seus retratos durante décadas.

No Egipto, dizia-se, tinha tentado construir um corpo perfeito da raça branca pela cuidadosa união de pais, mas caíra antes nos caminhos da paixão voluntariosa. Concentrara-se em curar a carne em vidas como Ra Ta e Uhjltd e, agora, durante quarenta anos, como Cayce. A sua dignidade secreta, como portadora das energias da criação, puxara por ele em amores extáticos vida após vida. Mas agora havia uma última questão: como poderia alguém depô-la pelos outros? Sabia que jovens, homens e mulheres, estavam a oferecer a sua carne por todo o mundo, em lados opostos do conflito abrasador. Compreendia que o seu Mestre fizera o mesmo, por um propósito mais elevado. Como poderia ele fazer menos? A mesma fome inquieta de vida no seu máximo, que sentia tê-lo atraído para as explorações selvagens de Bainbridge, puxava-o agora para o serviço implacável, dia após dia. As leituras aconselhavam: «Descansa, descansa, descansa», e uma vez fora-lhe dito que poderia viver até aos cento e quatro. Mas não era da sua natureza fazer as coisas a meio.

A família esperava que ele repetisse episódios de rejuvenescimento que, no passado, exibira algumas vezes quando adoecia. Com febre alta e muito doente, cobria-se na cama e depois voltava-se para aquele lugar interior para onde ia ao dar leituras. O suor escorria dele durante duas horas, encharcando a cama. Acordava com a febre desaparecida e o corpo curado, embora fraco. Mas não conseguira fazê-lo quando o seu organismo se desequilibrara por medicamentos fortes e, na pressa de recuperar das infeções atuais, tomara um "milagre" de sulfa. Agora, não conseguia encontrar o caminho para a ligação interior que desejava.

Nenhum de Nós Suspeitava

Pouco depois recebi notícias da minha junta de recrutamento informando-me de que teria de aceitar um cargo pastoral ou regressar aos estudos, e fiz planos para o deixar. A minha esperança era que os seus filhos regressassem em breve. Nenhum de nós suspeitava de quão doente ele realmente estava. Ao ponderar as alternativas, decidi ainda não regressar à Universidade de Chicago, embora estivesse comprometido, a prazo, a escrever ali a minha tese de doutoramento sobre Cayce. A minha cabeça ainda girava com tudo o que tinha vivido, e faltavam-me categorias suficientes e dados comparativos para me afirmar perante professores que já tinham declarado que aquilo que Cayce fazia era impossível. Assim, persuadi a junta de recrutamento a permitir-me ir para Northfield, no Minnesota, onde poderia servir uma igreja metodista como diretor de educação religiosa e, ao mesmo tempo, ser assistente de docência e prosseguir os meus estudos com um ano de pós-graduação em música sacra no St. Olaf College.

Outros poderiam escolher, após um ano de exposição íntima ao trabalho de Cayce, receber formação em ioga com um adepto hindu como Yogananda, ou formação psicológica com Rhine e os seus colegas. Mas, para June e para mim, havia apenas um caminho a seguir: avançar diretamente para essa herança profundamente bíblica da fé, tão crucial para Cayce, na qual o amor e o poder poderiam encontrar-se. Este colégio luterano, com a sua piedade rica mas não estreita, e o seu coro mundialmente famoso, dar-nos-ia formas para sustentar a chama do Espírito que tinha ardido tão intensamente diante de nós. Poderíamos também recorrer à formação em oração de Glenn Clark, no Macalester College, em St. Paul, cujos livros amplamente lidos tinham começado a significar muito para nós.

Enquanto nos preparávamos para deixar Virginia Beach, víamos a guerra começar a abrandar na Europa e confiávamos que Hugh Lynn regressaria em breve da Alemanha. Voluntários concordaram em assumir as várias publicações que estavam a meu cargo, e o pessoal do escritório, agora mais experiente, encarregar-se-ia do resto. June e eu esperávamos regressar, embora nenhum de nós imaginasse que voltaríamos dentro de um ano para passar vários meses a ajudar a pequena Associação a traçar um destino e um financiamento sem Cayce (antes de eu regressar ao campus como bolseiro de docência em Harvard e, depois, à Universidade de Chicago).

Antes de partir de Virginia Beach, precisava de coordenar o Congresso anual realizado em Junho. Para nossa surpresa, tendo em conta as restrições de viagem em tempo de guerra e o racionamento de gasolina, cerca de oitenta e cinco pessoas compareceram durante a maior parte de uma semana de palestras, um jantar festivo com um orador e duas leituras para todo o grupo. Vieram de pontos tão distantes quanto Portland, no Maine, e Spokane, no Estado de Washington. Cayce estava de excelente humor ao abrir a conferência com uma conversa calorosa e divagante dirigida aos que se acotovelavam na sua biblioteca.

A minha mãe falou sobre um tema do Novo Testamento, como antiga assistente de investigação em textos gregos de Goodspeed, de Chicago. Um especialista no Antigo Egipto apresentou material que lançava luz sobre o relato de Ra Ta, enquanto um astrólogo de Nova Iorque comparou a abordagem das leituras com a astrologia mais tradicional, e um médico apresentou o seu entusiasmante estudo-piloto sobre o tratamento da epilepsia com medidas retiradas das leituras. Quando me levantei para falar e para ler o brilhante ensaio poético de Sugrue sobre o destino da alma, que ele enviara da Florida, encontrei rostos atentos e recetivos à minha frente.

As Escolhas das Nações

Perto do final do evento, chegou o momento da leitura anual sobre um tema da vida pública. Um comité decidiu solicitar um discurso sobre o espírito e os problemas das grandes nações. O Dia D tinha acabado de ocorrer na Europa, com tropas aliadas a desembarcarem nas praias da Normandia a um custo enorme. A eventual vitória sobre Hitler parecia provável, e todos nós partilhávamos uma esperança comum, mas também uma sobriedade quanto à guerra e às suas consequências. Cada um de nós tinha perguntas, expressas ou não, sobre que tipo de mundo poderia ser construído sobre milhões de mortes e cidades devastadas, não só da Europa, mas também da Rússia, do Norte de África, do Pacífico Sul e do Extremo Oriente.

A leitura que se seguiu poderia ter vindo diretamente de um profeta bíblico. Na plenitude dos seus anos, Cayce atravessou sem hesitação a linha que separa um vidente ao serviço de indivíduos de um profeta que fala ao seu povo. Abordou o carácter e o destino das nações, começando e terminando pela sua própria, com a mesma acuidade com que as leituras médicas falavam de órgãos infetados e membros deformados. Advertindo contra o egoísmo, a arrogância e o desprezo pelas necessidades dos povos subdesenvolvidos, voltou a apontar para o princípio da responsabilidade para com o próximo, a nascer de novo na Rússia, não adequadamente expresso no comunismo, mas destinado a mudar o mundo se conduzido em amizade com os Estados Unidos.

Implorou por um reavivamento da fé em Deus Pai e por uma dedicação ao serviço dos outros, observando que na China encontraríamos um renascimento do cristianismo aplicado aos nossos tempos. O seu conselho em transe recorreu à caricatura, observando que a nação americana tinha inscrito na sua moeda "In God we trust", mas acrescentando que deveríamos perguntar a nós próprios se essa confiança não seria apenas no próximo dólar. A leitura voltou-se depois para outras nações, descrevendo as fraquezas e desafios históricos de cada uma: o elitismo de classes britânico, a autoindulgência francesa, os esforços da Itália para coagir a fé, o apego da China à tradição, o isolamento da Rússia, a absorção da Índia no desenvolvimento pessoal. Enquanto a voz no divã falava, os canhões disparavam projéteis no campo de artilharia costeira próximo. A voz de Cayce não era tão alta como os instrumentos da violência. Mas, para nós que a ouvimos, as suas afirmações claras e vigorosas, estalando como um estandarte do Eterno na brisa de Verão, pareciam a força maior.

Nenhum Culto de Cayce

No dia seguinte, foi a vez de uma leitura sobre o trabalho de Cayce e a Associação. Tornou-se rapidamente evidente, pelo conteúdo e pelo tom sóbrio, que um ponto de viragem, para melhor ou para pior, estava diretamente à nossa frente nos esforços conjuntos. Cada membro do conselho, da equipa e a Associação como um todo, disseram-nos, deveria ser convidado a oferecer diariamente uma oração sincera para que "o trabalho, o poder, a força, que possam ser essa força orientadora" dirigissem as leituras de modo a trazer aos buscadores "saúde, esperança, uma melhor compreensão do propósito da vida". Seguiu-se então um desafio totalmente inesperado: rezar diariamente pelo próprio Cayce, o que me gelou ao ouvir. "Peçam para que a vida de Edgar Cayce seja poupada para servir, para ser o maior canal, para que o amor de Deus em Cristo Jesus se manifeste na Terra, não para honra ou glória de qualquer indivíduo, mas para a glória e honra de Deus." Foi extraordinário que uma leitura indicasse que a vida de Cayce estava ameaçada.

Depois de sugerir como vários programas poderiam ser conduzidos após a minha partida, a leitura tratou severamente das questões de promoção que me tinham ocupado ao longo de todo o ano anterior. "Como foi indicado, primeiro deve chegar ao indivíduo, depois aos grupos, depois às massas. Nunca tentem convencer, impressionar, nem sequer 'expor' o trabalho àqueles que, por si mesmos, não o procuram." Aqui, o conselho em transe afastava-se firmemente do ethos americano, que prescrevia que tudo o que fosse bom, até mesmo a realização de leituras, deveria ser anunciado e todos os mercados possíveis saturados. Em vez disso, o espírito deste trabalho deveria ser uma "sombra" ou reflexo do espírito paciente e despretensioso do divino.

"Pois Deus é Deus tanto dos que O odeiam como dos que O amam. Ele é paciente. É bondoso. É misericordioso. Assim, deveria haver a mesma atitude, pelo menos na sombra, por parte daqueles que conduzem o trabalho da Associação." Nada poderia estar mais distante das tentações de um culto de Cayce do que esta leitura pública, que acabou por ser a última do seu género. Cada um de nós deveria agir em apreciação daquilo que tinha descoberto, e isso seria suficiente. "Conduz, pois, a tua própria vida de modo a mostrar a tua apreciação daquilo que recebeste. Pois aquele ou aquela que negligencia ser grato constrói em si mesmo aquilo que o condena." O conselho estava no espírito de profunda humildade que tinha marcado o livro do grupo de estudo: "Não há nada de novo aqui."

Como O Farão Segui-lo?

Depois, a leitura perturbou-nos ao voltar-se diretamente para a saúde de Cayce. "Quanto às atividades de Edgar Cayce, lembrem-se de que a força física é limitada. Devem existir períodos definidos de descanso. Ele teve-os! Sois vós maiores do que ele?" Tal comparação estava destinada a tocar num nervo sensível em Cayce. Seguiu-se uma sugestão surpreendente para garantir que o bem-estar de Cayce fosse protegido. "Que o conselho, então, designe alguém fisicamente capaz de julgar, em termos de saúde, quais possam ser os limites, guiado também pelo espírito de Cristo."

Deveriam encontrar um "médico orante", embora a busca não fosse fácil. "Quantos encontrarão? Há tais coisas!" Mas, mesmo enquanto este procedimento cuidadoso era estipulado, a leitura parecia reconhecer a orgulhosa independência do homem que tantas vezes tinham descrito como um sumo sacerdote e rei. Quando Gertrude começou uma pergunta — "Descreva uma rotina diária para Edgar Cayce seguir, de modo que—" — a voz em transe, imitando-a, interrompeu com uma pergunta abrupta: "Como o farão segui-la?"

Como todos sentíamos a gravidade do conselho, não imaginámos que o conselho diretivo, que tinha sido essencialmente uma operação bem-intencionada mas meramente ratificadora, deixaria de nomear tal médico, nem que Cayce escolheria para si próprio alguém que não seguiu o conselho das leituras numa altura em que ele adoeceu gravemente, poucas semanas depois. Para o conselho, como para o resto de nós, Cayce era uma espécie de pastor, um garante para o seu rebanho. Claro que rezaríamos por ele. Mas ele era como um pai para todos nós, e quem pensa realmente num pai como mortal? Além disso, as leituras certamente impediriam que algo de infeliz lhe acontecesse. Era fácil esquecer que, quando ele ficou seriamente doente, nem mesmo as leituras poderiam vir em seu auxílio.

Ele Ficou Só

June e eu partimos no Quatro de Julho. Gertrude chorou, e nós também. Cayce estava sombrio. Pouco depois, recebemos cartas e chamadas telefónicas no Minnesota de Gladys e Gertrude, dizendo-nos que ele estava demasiado doente para dar leituras. Fez uma breve viagem à Florida para descansar e ver Sugrue, onde falou em reformar-se e talvez dar leituras por classes de enfermidades, afinal. Mas o seu coração não estava nesses planos. As pessoas eram a sua paixão, uma a uma, e ele queria ajudá-las enquanto pudesse. Além disso, com uma guerra cruel ainda em curso, quem era ele para deixar de tentar? Tal como antes, quando a Primeira Guerra Mundial o pressionou em Selma a sair

e a construir um hospital, e quando a Depressão se abateu sobre os seus financiadores hospitalares, ele era profundamente afetado pelo seu tempo, com o amor apaixonado pelo mundo de Deus que brotava do coração da sua fé.

Os acontecimentos que se seguiram rapidamente foram tanto sociais como pessoais. A dimensão social foi a falta de uma comunidade de apoio e orientação para este vidente fora de tempo. A sua igreja, que lhe tinha retirado o serviço de ensino, nada lhe deu. A profissão médica, com a qual colaborara durante tanto tempo, não levou a sério a sua necessidade; Cayce era um meio para ajudar os outros, não alguém que necessitasse de ajuda. Os membros da Associação eram compassivos, mas estavam ocupados. Os seus filhos estavam afastados pelas exigências da guerra impostas pela sociedade, tal como June e eu. Ele ficou só, despojado de apoio e direção, exceto pela devoção de Gertrude e Gladys, Mae e da sua irmã Annie.

Quando Annie o visitou pela primeira vez em Julho, poucas semanas depois de termos partido, ele estava demasiado cansado para ir com ela alguns quarteirões até à ampla vista do passadiço junto ao oceano, embora tivesse pedido um gelado, como os que partilhavam na infância. Em meados de Agosto deixou de dar leituras àqueles cujas marcações já se estendiam por mais de dois anos à sua frente. Em Setembro, começou a sentir um tremor tal nas mãos que não conseguia escrever à máquina, o que o perturbava profundamente. Ditava quando podia, rapidamente como sempre (incluindo uma carta para mim, mencionando que estava demasiado doente para dar leituras e lembrando-me de que eu deveria fazer um folheto extenso ou um livro sobre a melhor forma de apreciar o seu tipo de trabalho, ponderando até fazê-lo como tese de doutoramento).

Uma leitura feita sobre a sua saúde disse-lhe que o seu coração estava muito aumentado devido a toxinas e stress, e que precisava de repouso, mas que ainda podia esperar dar mais leituras. Deveria afastar-se, "até que estejas bem ou morto — um!"; o conselho foi assim tão lacónico. Foram delineados tratamentos. Mas algo de antigo sacerdote nele, cansado e orgulhoso, quis escolher o seu próprio médico — e escolheu. Foi para as montanhas de Roanoke, a várias centenas de quilómetros a oeste de Virginia Beach, para ficar com Gertrude num hotel. Tal como Ra Ta tinha criado tumulto que forçou muitos ao exílio, ele parecia agora num exílio próprio, longe de casa e da esperança. O médico substituiu os tratamentos indicados nas leituras por outros sugeridos por um terapeuta inglês, tanto quanto mais tarde conseguimos apurar.

Que fosse tratado com químicos bem-intencionados, mas incapacitantes, constituiu um derradeiro reflexo social de uma época que depositava a sua fé na

tecnologia, e não numa visão aberta. Cayce sofreu um AVC e, depois, outro; o lado esquerdo ficou paralisado e ele só conseguia sussurrar. Por fim, foi levado para casa, em lágrimas, numa ambulância, no Dia de Ação de Graças; Edgar Evans conseguiu obter uma curta licença militar após um longo serviço no estrangeiro e ir ter com ele, encontrando-o em grande sofrimento e Gertrude em pânico. De regresso a casa, nunca mais deu outra leitura. Esteve em coma durante grande parte das duas últimas semanas. Os pulmões encheram-se de líquido e morreu a 3 de Janeiro de 1945, de edema pulmonar — morrendo essencialmente por afogamento, tal como as suas leituras lhe tinham dito muito antes que lhe acontecera frequentemente noutras vidas. Alguns dias antes, indicara com um sorriso débil a Mae, tal como a Gertrude, a Gladys e à sua irmã Annie, que a sua cura tinha sido preparada e ocorreria a 5 de Janeiro, data que veio a ser a do seu funeral. Talvez a sua morte tenha sido, de facto, uma cura, como as suas leituras indicavam que o morrer poderia ser para aqueles que tinham sofrido o suficiente.

A última notícia pública sobre ele foi simples, mas ainda carregada do mistério da obra da sua vida. O *New York Herald Tribune* assinalou o seu falecimento numa peça proveniente de Virginia Beach:

EDGAR CAYCE MORRE; MÍSTICO DIAGNOSTICAVA DOENÇAS
Em transe aconselhava doentes sobre enfermidades; não pretendia curar

Edgar Cayce, místico amplamente divulgado que afirmava ter a capacidade de diagnosticar, a partir de um transe hipnótico, as enfermidades de qualquer pessoa que com ele comunicasse, morreu hoje aqui, na sua casa. …

Um escritor pediria ajuda e o Sr. Cayce, em troca, pediria ao paciente que informasse o místico onde estaria a determinada hora. A distância não fazia diferença. A essa hora, o Sr. Cayce entrava em transe e ditava um diagnóstico das enfermidades do paciente, que a Sra. Cayce tomava por escrito. Em seguida, ela faria perguntas e, no final, o Sr. Cayce sairia do transe.

Não pretendia curar
Não pretendia curar nem prever o futuro. Com base no seu diagnóstico, diria ao paciente, por carta, para procurar um médico, cirurgião ou, por vezes, um osteopata, e para informar o terapeuta sobre a localização do problema.

O Sr. Sugrue disse esta noite que o Sr. Cayce começou a sentir os efeitos do excesso de trabalho em Agosto do ano passado e entrou em transe para diagnosticar o seu próprio caso. O resultado indicou descanso ou morte, e o Sr. Cayce foi para Roanoke, na Virgínia, para descansar. Pouco depois, voltou a diagnosticar-se e ditou um relatório de 3.000 palavras. Antes de os médicos

poderem começar a tratá-lo, porém, sofreu um AVC e perdeu a capacidade de entrar em transe. Um segundo AVC causou a sua morte.

À data da morte do Sr. Cayce, disse o Sr. Sugrue, ele recebia cartas a pedir ajuda à razão de 400 a 500 por dia. Normalmente capaz de duas leituras diárias, tinha aumentado para oito.

A forma do seu fim, aos sessenta e sete anos, espelhou o seu espírito independente. Morrer não era, para ele, essencialmente assustador. Sentia que estivera em contacto com os falecidos desde a juventude e que, sempre que uma leitura começava, atravessava planos de consciência povoados por aqueles que tinham morrido recentemente. Quando o seu corpo se gastasse, poderia caminhar até à porta da morte e atravessá-la. A mesma ousadia, a mesma exuberância e generosidade que lhe permitiram abdicar da consciência numa pequena morte em transe duas vezes por dia, produzindo os seus retratos únicos, permitiram-lhe abraçar a própria morte, quando a luta para servir à sua maneira, ao seu ritmo obstinado, o fez cair por fim. Não havia um Camelot de videntes companheiros a chamá-lo para novas demandas, a disputar consigo próprio e com os outros. Terminou a sua jornada como vivera grande parte dela: admirado por muitos, procurado por muitos em busca de ajuda, mas, no fim, um homem só.

Na imagética do seu sonho frequentemente repetido do pano dourado e do parceiro invisível, tinha escalado uma montanha impossível colocada diante dele pelo seu estranho dom. Abrira degraus na falésia e puxara muitos atrás de si, embora por vezes tivesse escorregado e se tivesse magoado a si e a outros. Estendera o braço sobre aquilo que via como uma vasta paisagem da peregrinação humana ao longo dos séculos. Apontara para a elevada beleza em que o espírito humano poderia encontrar a sua companhia última e lançara fórmulas para ajudar os que sofriam. Depois, colapsara, cansado demais para se erguer. Na noite em que morreu, os que estavam junto ao seu leito notaram as chamas elevadas de cor no pôr-do-sol, enchendo os céus sobre o oceano e à sua volta. Recordá-lo-iam bem quando souberam, em contraste chocante, apenas meses depois, das nuvens em cogumelo a elevar-se sem sentido no céu — o fruto do Projeto Manhattan.

Esperanças Demasiado Profundas para Serem Extintas

Na manhã seguinte à morte de Cayce, apresentei-me diante do Coro de St. Olaf com o telegrama sobre o seu falecimento enfiado no bolso. A minha tarefa (como assistente-aluno do maestro, assumindo sempre que ele se ausentava) era ensaiar o grupo coeso e disciplinado de cinquenta cantores para uma

próxima viagem de atuação à Clínica Mayo, a apenas alguns quilómetros de nós, através das terras agrícolas geladas e cobertas de neve do Minnesota. Aí encontraríamos, disseram-nos, não só o público habitual dos nossos concertos, mas corredores apinhados de cadeiras de rodas e pacientes com ligaduras, a maioria deles militares gravemente feridos e amputados. Para mim, ir à clínica seria um acontecimento de maravilhamento e esperança, pois veria finalmente o tipo de hospital que Cayce tinha imaginado, com especialistas reunidos para todo o tipo de enfermidades desconcertantes, a trabalhar de forma cooperativa.

Pedi ao coro, com a June entre os primeiros contraltos, que retirasse das pastas o hino russo a cappella com o texto solene: «A salvação é criada no meio da terra». Com hesitação, lembrei aos cantores disciplinados, sentados direitos e atentos nas cadeiras, que a salvação não era apenas um estado piedoso após a morte. Era saúde e inteireza e liberdade criativa na santidade, tanto pessoal como social, aqui mesmo entre nós. Deveríamos cantar na clínica sobre um caminho preparado para cada indivíduo, transmutando todas as nossas fraquezas e sofrimentos com uma paciência incrível. Deveríamos cantar sobre um Reino justo, para além da mutilação deliberada e do rasgar da carne ainda em curso, naquela manhã, nos campos de batalha espalhados pelo mundo, enchendo clínicas e hospitais.

O coro percebeu que eu dizia profundamente aquilo em que acreditava, e a sala ficou muito silenciosa. Mas então já não consegui falar mais. Havia demasiado para dizer. Em vez disso, levantei os braços para dirigir a segunda parte do hino, onde toda a obra é retomada com apenas uma palavra de louvor e ação de graças, «Aleluia», repetida vezes sem conta em canto. O clamor antigo numa única palavra transportava mais do que qualquer explicação ou proclamação, falando de esperanças profundas demais para serem extintas e de mistérios de bondade libertados na família humana que não sabíamos nomear. O arrastar rico e grave das vozes masculinas ressoantes começou. As vozes femininas retomaram a mesma figura contida e depois saltaram para uma nota aguda como uma língua de fogo, afirmando, com os timbres vibrantes de todo o coro, que algo de importante ainda acontece na terra e que a glória dos tempos antigos não se afastou do nosso meio. Algo, Alguém, parecia prometer o canto quando os acordes em plena voz desciam para um murmúrio abafado, tem a ver com cada um de nós e não desistirá.